

A GERAÇÃO QUE CRIOU A CUT

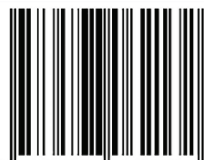
A história contada
por quem a faz

ANA LUCIA DA SILVA ANTÔNIO CARLOS PORTELA DE CASTRO ARMANDO
SOBRAL ROLLEMBERG AVELINO GANZER CYRO GARCIA D. ANGÉLICO SÂNDA-
LO BERNARDINO DELÚBIO SOARES EDSON CAMPOS ENID DIVA MARX BACKES
FRANCISCO URBANO ARAÚJO FILHO GILBERTO CARVALHO GILMAR CARNEIRO
JACY AFONSO JAIR MENEGUELLI JAIRO CARNEIRO JOÃO PAULO LIMA E SILVA
JOÃO PAULO PIRES DE VASCONCELOS JOSÉ PEDRO DA SILVA JÚLIO TURRA LUIZ
AZEVEDO MARIA APARECIDA RODRIGUES DE MIRANDA MARIA EUNICE DIAS
WOLF MIGUEL ROSSETTO OLÍVIO DUTRA OSVALDO BARGAS PAULO PAIM PAULO
SKROMOV PERY FALCON ROSIVER PAVAN SEBASTIÃO LOPES DE OLIVEIRA NETO
(ENTREVISTADOS)

CLAUDIO NASCIMENTO
IRAM JÁCOME RODRIGUES
JOÃO MARCELO PEREIRA DOS SANTOS
MARIA SILVIA PORTELA DE CASTRO
SANDRA OLIVEIRA CORDEIRO DA SILVA
(ORGANIZADORES)

Esse livro é a tentativa de preservar essa memória excepcional da história brasileira. Não se trata de preservar reminiscências de experiências que passaram, mas uma memória pulsante, que insiste em permanecer viva. Uma memória transportadora, que ao mesmo tempo que nos arremessa ao passado nos puxa para o presente. A geração que criou a CUT se conectou com o seu tempo histórico com os olhos fixados no porvir que ainda não chegou. Sabemos que uma das maiores atrocidades contra as classes trabalhadoras é o apagamento de suas pegadas no chão da história. Ao não se reconhecer como a principal força propulsora na direção de uma sociedade mais justa, se lhes amputa a energia vital capaz de realizar as transformações necessárias. Essa é a forma mais sofisticada de dominação de classe. É contra esse apagamento que travamos um intenso diálogo com um extrato representativo de uma extensa e diversificada geração de lideranças sindicais dos anos 70 e 80. O diálogo com esses personagens foi uma tentativa de compreender o significado mais profundo da fundação da CUT e se destina, principalmente, às novas gerações que a sucederam e que são responsáveis por preservar essa herança histórica das classes trabalhadoras no Brasil.

ISBN 978-65-980621-3-2



9 786598 062132

A GERAÇÃO QUE CRIOU A CUT
A HISTÓRIA CONTADA POR QUEM A FAZ

COLEÇÃO TRABALHO E CONTEMPORANEIDADE

Direção: Jacob Carlos Lima, Iram Jácome Rodrigues, José Ricardo Ramalho

A coleção Trabalho e Contemporaneidade tem por objetivo reunir livros que abordem questões do mundo do trabalho nos dias de hoje, reconhecendo a diluição das fronteiras entre o trabalho e outras esferas da vida social e a necessidade de criar novos olhares sobre temas clássicos das Ciências Sociais. Pretende estimular o debate e a pesquisa sobre as novas dimensões do trabalho em termos espaciais, organizacionais, identitários e tecnológicos, articuladas em dinâmicas locais e globais, ampliando as possibilidades de abordagens plurais sobre as vicissitudes do trabalho na sociedade contemporânea.

A GERAÇÃO QUE CRIOU A CUT

A HISTÓRIA CONTADA POR QUEM A FAZ

Claudio Nascimento, Iram Jácome Rodrigues,
João Marcelo Pereira dos Santos, Maria Silvia Portela de Castro,
Sandra Oliveira Cordeiro da Silva

(ORGANIZADORES)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Bruna Heller – CRB 10/2348

G355

A geração que criou a CUT : a história contada por quem a faz / Organizadores: Claudio Nascimento ... [et al.]. – São Paulo: Annablume, 2023.

424 p. 16 x 23 cm

ISBN: 978-65-85936-06-4

1. Sociologia. 2. Trabalho – Aspectos sociais. I. Nascimento, Claudio. II. Rodrigues, Iram Jácome. III. Santos, João Marcelo Pereira dos. IV. Castro, Maria Silvia Portela de. V. Silva, Sandra Oliveira Cordeiro da. VI. Título.

CDU 316.334.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Sociologia do trabalho 316.334.2

A GERAÇÃO QUE CRIOU A CUT
A HISTÓRIA CONTADA POR QUEM A FAZ

Diagramação
Fernandes Augusto Castro

Capa
João Vasconcelos

Projeto, Produção e Capa
Coletivo Gráfico Annablume

Annablume Editora
Área de Sociologia
Conselho Científico
Iram Jácome Rodrigues
Jacob Carlos Lima
José Ricardo Ramalho
Josué Pereira da Silva

1ª edição: dezembro de 2023

© Claudio Nascimento, Iram Jácome Rodrigues, João Marcelo Pereira dos Santos,
Maria Silvia Portela de Castro, Sandra Oliveira Cordeiro da Silva (ORGANIZADORES)

Annablume Editora
www.annablume.com.br

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|-----|
| APRESENTAÇÃO | 7 |
| ENTREVISTAS | 19 |
| ENID DIVA MARQUES BACKES | 21 |
| JOÃO PAULO PIRES DE VASCONCELOS | 35 |
| JAIRO CARNEIRO | 49 |
| GILMAR CARNEIRO | 61 |
| OLÍVIO DUTRA | 77 |
| AVELINO GANZER | 97 |
| EDSON BARBEIRO CAMPOS | 115 |
| LUIZ AZEVEDO | 135 |
| JAIR MENEGUELLI | 153 |
| OSVALDO BARGAS | 171 |
| MIGUEL ROSSETTO | 185 |
| CYRO GARCIA | 201 |

| | |
|--------------------------------------|-----|
| JÚLIO TURRA | 219 |
| PAULO PAIM | 235 |
| ROSIVER PAVAN | 249 |
| ARMANDO SOBRAL ROLLEMBERG | 255 |
| MARIA EUNICE DIAS WOLF | 265 |
| GILBERTO CARVALHO | 281 |
| JOSÉ PEDRO DA SILVA | 291 |
| ANA LÚCIA DA SILVA | 301 |
| PAULO SKROMOV | 307 |
| JACY AFONSO | 323 |
| FRANCISCO URBANO ARAÚJO FILHO | 339 |
| MARIA APARECIDA RODRIGUES DE MIRANDA | 351 |
| DELÚBIO SOARES | 367 |
| JOÃO PAULO LIMA E SILVA | 381 |
| PERY FALCON | 391 |
| DOM ANGÉLICO SÂNDALO BARNARDINO | 403 |
| SEBASTIÃO LOPES DE OLIVEIRA NETO | 411 |
| ANTÔNIO CARLOS PORTELA DE CASTRO | 415 |
| LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS | 419 |

Os anos 1970/1980 no Brasil e, em especial, o período 1978-1988, foram fecundos em termos da participação das classes trabalhadoras tanto em seus locais de trabalho, locais de moradias, organismos de representação, bem como na esfera pública. Depois de muitos anos sufocados pela ditadura militar, o operariado urbano e os trabalhadores de classe média – bancários, funcionários públicos, empregados das empresas estatais – e, aqueles setores oriundos do campo – operários agrícolas, boias-frias, sem-terra, posseiros, meeiros, seringueiros, entre outros –, apareceram subitamente no cenário nacional. Em outras palavras, as classes trabalhadoras voltaram a se manifestar em todo o território nacional exigindo melhores condições de trabalho, direitos e democracia. Além de defender as bandeiras da democracia e dos direitos, esse ressurgimento da classe trabalhadora produziu e foi produzido por uma geração de líderes populares intimamente comprometida com as urgências do país, abnegada, conectada com suas origens e que corporificou os valores da justiça e da solidariedade. Essa geração de lideranças soube decifrar as tarefas históricas do período e gestou diferentes organizações que desembocaram na consolidação da Central Única dos Trabalhadores. Podemos dizer que a CUT é o mais importante legado deixado pelas classes trabalhadoras e essa geração de lideranças que emergiu na luta contra a ditadura em nosso país.

O processo de maturação desse movimento, no entanto, já vinha se desenvolvendo muito antes da eclosão grevista de 1978, mas, a partir daquele momento, as demandas dos trabalhadores passaram

1. Este livro é resultado de projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq.

a ser inscritas na agenda política e, em parte, se consubstanciaram na Constituição de 1988. Paralelamente, a onda de paralisações que ocorreu no país, a partir de maio de 1978, levou ao surgimento do que se convencionou chamar de “novo sindicalismo” – naquele momento, uma grande novidade –, possibilitando a realização da 1ª CONCLAT (Conferência Nacional da Classe Trabalhadora) em 1981 e, posteriormente, ao surgimento da Central Única dos Trabalhadores, fundada em 28 de agosto de 1983, por ocasião do 1º CONCLAT (Congresso Nacional da Classe Trabalhadora). Lá se vão quarenta anos. Nesse constante movimento de fazer-se e refazer-se, a classe trabalhadora foi capaz de produzir uma geração que tomou para si a grande tarefa de reescrever a história do país.

Este livro é a tentativa de preservar essa memória excepcional da história brasileira. Não se trata de preservar reminiscências de experiências que passaram, mas uma memória pulsante, que insiste em permanecer viva. Uma memória transportadora que, ao mesmo tempo que nos arremessa ao passado, nos puxa para o presente. A geração que criou a CUT se conectou com o seu tempo histórico com os olhos fixados no porvir que ainda não chegou. O futuro que essa geração desenhou é permanentemente confiscado pelas classes dominantes, por isso continuam a nos inquietar. Sabemos que uma das maiores atrocidades contra as classes trabalhadoras é o apagamento de suas pegadas no chão da história. Ao não se reconhecer como a principal força propulsora na direção de uma sociedade mais justa, se lhe amputa a energia vital capaz de realizar as transformações necessárias. Essa é a forma mais sofisticada de dominação de classe. É contra esse apagamento que travamos um intenso diálogo com um extrato representativo de uma extensa e diversificada geração de lideranças sindicais dos anos 70 e 80. O diálogo com esses personagens foi uma tentativa de compreender o significado mais profundo da fundação da CUT e se destina, principalmente, às novas gerações que a sucederam e que são responsáveis por preservar essa herança histórica das classes trabalhadoras no Brasil.

A pesquisa que deu base ao nascimento deste livro tem como principal objetivo revisitar esse período de intensas lutas sociais e do trabalho, bem como de lutas políticas a partir da visão de parte dos atores que desempenharam um papel significativo nesse processo que levou à redemocratização do país e que foram fundamentais para o surgimento da CUT. A partir de entrevistas com sindicalistas que, à época, lideraram

grande parte desses movimentos que sacudiram esse período da história do Brasil, o livro **A geração que criou a CUT** faz um resgate histórico tendo como pano de fundo o período que se inicia com a avalanche grevista de 1978 até a promulgação da Constituição de 1988, apenas para citar dois marcos desse processo.

O objetivo deste livro é, principalmente, resgatar alguns aspectos do processo histórico que levou à construção da Central Única dos Trabalhadores e, também, refletir sobre a participação de parcela dos atores que atuaram ativamente para a consecução desse intento a partir da narrativa de lideranças sindicais que se destacaram na construção desse organismo de representação e, ao mesmo tempo, que contribuíram para uma análise sobre as perspectivas do sindicalismo brasileiro passados quarenta anos do surgimento dessa Central sindical. A pesquisa que resultou neste livro é, em alguma medida, expressão de um trabalho coletivo em que a história, a sucessão dos fatos e seus porquês são narrados e analisados pelas mulheres e homens que protagonizaram esse processo. Nesse sentido, é um projeto de resgate da memória, valorização da história do movimento sindical brasileiro e que está embasado em uma época significativa de lutas sociais, sindicais e políticas em nosso país em um contexto em que a emergência da CUT representou um fato extremamente relevante. Nesse sentido, “o empenho de colocar na disputa pela memória a visão dos próprios militantes sobre sua inserção no contexto do período autoritário representa um esforço de ressaltar o valor daqueles que se constituíram em força de resistência e que mantiveram, mesmo com risco para [suas vidas], o compromisso com o processo de combate à ditadura, de abertura política e de transformação social”.²

Na segunda metade dos anos 1970, a indústria manufatureira brasileira e setores de serviços modernos (telecomunicações) tiveram um crescimento muito grande, trazendo novas questões para a enorme massa de trabalhadores que havia sofrido com o arrocho salarial e que passa a demandar sua parte no bolo e na política. Em 1978, ocorrem as greves no Brasil, começando pela indústria metalúrgica, e essas se estendem por um longo período e marcam o ocaso da ditadura militar. A lembrança de um entrevistado é muito viva daquele momento:

2. José Ricardo Ramalho e Neide Esterici (orgs.). **Militância política e assessoria: compromisso com as classes populares e resistência à ditadura**. São Leopoldo: Oikos, 2017, p. 27.

*“A partir de 12 de maio de 78 eclode um tsunami de mobilizações, sobretudo operárias, industriais, basicamente. Começa com uma greve na Scania, em São Bernardo [...]. Mas o fato é que quando a gente viu aquela coisa extraordinária a partir do dia 12 de maio... Foi um negócio fabuloso! Que eu acho que todos que vão falar sobre esse período vão mostrar que aquilo teve um impacto enorme, imenso, que era chamado **“os dias que valem por anos”**. A partir do 12 de maio de 1978 [...], não parou mais, e não precisava [...]. É claro que o fato de os peões da Scania encontrar uma diretoria receptiva aos seus anseios, às suas reivindicações, isso ajudava [a] que o movimento não fosse interrompido, mas a eclosão do movimento não foi provocada pelos sindicatos... Havia um roteiro geográfico – a partir de São Bernardo ela começou a se espalhar... Tinha uma lógica territorial. Começou a vir ao encontro do parque industrial de São Paulo: zona sul, zona leste, e foi se espalhando, vindo pelos roteiros industrializados. Foi um negócio fabuloso! O nosso mimeógrafo a tinta trabalhou celeremente. E bastava um “mosquito”, uma coisinha de nada você dizendo: “É amanhã!” A gente decidia. Mas a gente sabia que estavam esperando por aquilo. [...] Foi assim uma onda [por] meses. E não ficou só nas fábricas. Começou [a] parar tudo. Eu me lembro que passou ali pela região do zoológico, lá uma região próxima também ao ABC, pararam também os funcionários do zoológico, passou por um cemitério, pararam os covéis. Era assim. Não era só fabril. A comunicação, o zumzumzum, a rádio-peão, se fazia por vias diversas, mas chegava a todo mundo. Todo mundo tomava os mesmos ônibus, parava nos mesmos pontos, não é? E era isso... Até 1988 não se pode dizer que [havia] arrefecido. Claro que havia altos e baixos, mas dentro de uma ofensiva... dentro de uma disposição grande de mobilização”. (Paulo Skromov)*

O longo trecho da entrevista, acima, dá uma ideia do que representou, naquele momento, a maré montante das greves de 1978 para os trabalhadores e para o sindicalismo na região da Grande São Paulo. Foi a “faísca” que iniciando em São Bernardo alcançou o país inteiro. E, nesse sentido, representou a pá de cal para um regime que, à época, já agonizava. Um basta contundente à ditadura militar vindo de setores ponderáveis dos trabalhadores da cidade e do campo. Como lembra Eduardo Noronha³, esse período significou “uma explosão grevista sem precedentes” na história das lutas sociais em nosso país. Junto com esse processo e também anterior a essa movimentação grevista já surgiam fatos que seriam decisivos para a criação da Central: o crescimento dos movimentos sociais, o surgimento das oposições sindicais (a Oposição Sindical dos Metalúrgicos de São Paulo é um dos pilares nesse

3. Noronha, Eduardo. “A explosão das greves na década de 80”. In: BOITO JR. Armando (org.). *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

processo) que prosseguem atuando mesmo depois das eleições sindicais e obtêm vitórias importantes, como a eleição no Sindicato dos Bancários de São Paulo; a articulação desse novo movimento com sindicalistas exilados e através desses com o sindicalismo europeu: volta dos exilados – com a anistia em 1979; a modernização e democratização de antigas diretorias sindicais criando o novo sindicalismo que gerou, posteriormente, a CUT. Um passo fundamental nessa trajetória foi a realização, em 1980, do ENTOES (Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical) que além dos protagonistas mencionados teve o apoio decisivo da Igreja Católica e das Pastorais. Foi essa participação que promoveu a unidade de ação entre os trabalhadores do campo e da cidade. Surge no mesmo período em questão, em 1984, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) que será mais um importante impulso às lutas dos trabalhadores rurais e que também desempenhará um papel significativo, naquele momento, nas demandas pela terra em nosso país.

Fruto de todo esse avanço se realiza a CONCLAT (Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras) em 1981, que atrai também sindicalistas mais ligados à cultura sindical burocrática e aos partidos tradicionais de esquerda que tentavam retomar seu papel de liderança. A CONCLAT seria o “freio de arrumação” e um novo canal para negociar com o governo (as confederações não conseguiriam domesticar o novo movimento sindical) e, diferentemente do que muitos pensavam, a CONCLAT surpreendeu por sua magnitude e abriu o caminho para a fundação da CUT em 1983.

Entre 1981 e 1989, o sindicalismo brasileiro conquistou um lugar no espaço público e passou a ser um interlocutor fundamental na relação com o Estado e a sociedade e contribuiu decisivamente para o fim da ditadura e a redemocratização do Brasil, abrindo caminhos no âmbito internacional com diferentes setores sindicais. Apesar de sediar centenas de multinacionais, até então o sindicalismo brasileiro não tinha maior expressão, em termos sindicais, no âmbito internacional. Pela primeira vez na história do Brasil, as classes trabalhadoras em suas mais diferentes expressões (indústria, bancos, rurais e sem-terra, movimentos por saúde, moradias) passa a reivindicar sua participação na política. Nesse sentido, a CUT, ao mesmo tempo que se constrói assentada numa estrutura sindical corporativa e burocrática, consegue romper os limites que tentavam conter a luta dos trabalhadores desde os anos 1940 e adota uma agenda mais ampla com os temas propostos pelas mudanças nacionais e internacionais. Pela

primeira vez na história, o sindicalismo brasileiro afirma seu papel como ator político, criando as bases para o surgimento do PT.

O crescimento social da CUT demanda novos desafios no tocante à questão da estrutura sindical e esse é o tema central no terceiro Congresso Nacional da CUT em 1988 (em Belo Horizonte) que estabelece novos parâmetros para a ação sindical superando, assim, o debate movimentismo x corporativismo e definindo as bases de uma estrutura organizativa que persiste até hoje.

São muitos os acontecimentos no Brasil que, nesse período, essa Central inscreveu em suas bandeiras. Para além das questões mais propriamente sindicais, um traço marcante desse sindicalismo foi sua participação na esfera política diante de dois momentos decisivos na luta pela democracia no país: a campanha das Diretas-já e a Constituinte que levou à promulgação da Constituição de 1988.

Essa história é pouco divulgada. Em geral se pensa que surgiram as greves e daí surgiu a CUT. Não se analisa “como, por que e quem”. Nem se conhece verdadeiras façanhas e inovações que permitiram avançar numa nova prática sindical. Exemplos como a história de Abdias José dos Santos (que infelizmente não está mais conosco), que foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, e liderava os trabalhadores do setor naval, que, para contornar o autoritarismo dos estaleiros que não o deixavam entrar nos canteiros, comprou um caiaque, colocou um aparelho de som e ia falar com os trabalhadores da base balançando em cima do barquinho – *“já que não deixavam entrar por terra, porque não ir pelo mar”*. Exemplos como esse há muitos. Precisam ser contados pelos seus protagonistas às novas gerações.

Esta pesquisa foi realizada no período de março de 2021 a agosto de 2023. As ideias para sua consecução surgiram no final de 2020 quando, em um grupo de debates por WhatsApp, que contava com um número expressivo de antigos sindicalistas, estudiosos do mundo do trabalho e assessores sindicais – no auge da pandemia da covid-19 – foi realizada uma atividade em homenagem a algumas importantes lideranças sindicais – já falecidas – que haviam sido fundamentais na construção da Central Única dos Trabalhadores. Este tributo, em um momento crítico que vivia o país com a crise sanitária aguda; milhares de mortos a cada dia; negacionismo; desgoverno generalizado nos levou a pensar em fazer uma pesquisa em que pudéssemos dar voz a alguns desses protagonistas – porque foram centenas de milhares – que, nas décadas de 1970-1980, se mostraram fundamentais, junto com outros setores da sociedade, na luta por direitos, por democracia, enfim, na luta contra a ditadura. Nesse sentido, entre 12 de março de 2021 e 2 de agosto

de agosto de 2023 – durante quase dois anos e meio – foram realizadas 30 entrevistas, mais de três mil minutos de gravação (55 horas) e 1.295 páginas transcritas. Importante ressaltar que, dadas as condições adversas durante o período em que se deu a maior parte da pesquisa, todas as entrevistas foram realizadas em formato online. Assim, esta publicação é uma parte do material coletado pela investigação. Nesse sentido, as entrevistas percorreram, com pequenas variações⁴, o seguinte itinerário: 1. De onde vem essa geração, formação; militância; origem social; 2. Lutas, demandas, organização: a agenda sindical no período; 3. A CONCLAT; 4. O papel desempenhado pelos rurais nas origens da CUT; 5. Quais eram os projetos dessa geração? 6. Dilemas da participação feminina: forte presença nas lutas – anos 1970 e 1980 – e ausência nas estruturas organizativas da Central; 7. A campanha das Diretas já, a Constituinte e a participação do sindicalismo; 8. O tema da organização e o III CONCURT (1988); 9. Igreja, sindicatos e trabalhadores; 10. A questão internacional e o sindicalismo; 10. Sindicalismo e política: o papel desempenhado por essa geração na luta por direitos no âmbito da sociedade brasileira no período em tela e, 11. Passados quarenta anos da criação da CUT, e mais de quatro décadas da irrupção, sem precedentes, das greves de 1978-1980, quais os desafios atuais à ação sindical? Qual o futuro do sindicalismo?

A pesquisa foi conduzida em forma de diálogo com os entrevistados que, ao percorrerem os vários temas propostos à reflexão de suas práticas, traziam, nas suas narrativas, experiências e análises, questões que teriam sido fundamentais para o protagonismo que desempenharam naquele período. Importante ressaltar que as entrevistas não são retilíneas e há, por vezes, aspectos que são mais salientados em alguns depoimentos e menos em outros. Essa questão se relaciona, principalmente, com o/a entrevistado/a, com sua origem profissional, com as demandas mais sentidas no seu setor de atuação, em uma palavra, depende da sua experiência de vida, de militância sindical e/ou grupo social a que pertencia: se vinha do campo ou de áreas urbanas; se era oriundo de setores fabris e/ou serviços, por exemplo. Além disso, alguns entrevistados começaram a sua militância sindical ainda no início dos anos 1960, no período anterior ao golpe militar de 64.

A amostra é composta por 5 mulheres e 25 homens e as entrevistas estão dispostas por ordem cronológica de realização. A despeito de uma participação

4. Apenas as três últimas entrevistas deste volume não seguiram este diapasão. Neste caso, os entrevistados foram instados a discorrer sobre fatos/momentos/questões específicas em temas considerados relevantes à pesquisa, quais sejam, Igreja e movimento operário; oposições sindicais e reunião das oposições sindicais no exílio.

muito grande das mulheres na base dos sindicatos cutistas, a presença nos organismos de representação era, naquele período, diminuta. No que tange ao **perfil profissional** dos/das entrevistados/as naquela época, anos 1970/80, 10 eram metalúrgicos; 7 bancários; 4 professores; 3 trabalhadores rurais; 2 sociólogos; 1 engenheiro; 1 jornalista; 1 coureiro e 1 bispo (católico). Do ponto de vista **regional**: 14 atuavam na Região Sudeste; 8 na Região Sul; 4 na Região Centro-Oeste; 3 na Região Nordeste e 1 na Região Norte. Com relação à faixa etária: oito estão na faixa de 60 a 69 anos; dezesseis têm entre 70-79 anos; entre 80-89 anos são dois e, acima de 90 anos foram três entrevistados/as. Um aspecto que salta aos olhos, e as entrevistas mostram isso claramente, é a juventude dessa geração quando de sua entrada na cena sindical e política.

Algumas questões que surgem nas entrevistas: o grupo estudado vem, em geral, de famílias numerosas; há vários relatos de discriminação social, racial e de gênero na infância e/ou adolescência; por vezes, famílias muito pobres; o tema da religião: pelo menos 11 entrevistados/as iniciam sua caminhada política a partir da relação com a Igreja Católica em suas várias vertentes (ACO; JOC; Pastoral Operária; CEBs etc.); grande parte do grupo em questão observa que aprendeu com a prática. Vale dizer, foram jogados no “redemoinho” do movimento sem um conhecimento prévio político e/ou sindical, movidos pela necessidade de defesa de seus direitos; de luta pela sua sobrevivência; o papel desempenhado pelas ONGs: naquela conjuntura se mostraram extremamente importantes no apoio aos movimentos de bairro; moradias; movimentos contra a carestia; luta pela terra; reivindicações nos locais de trabalho, entre outros. Uma questão que perpassa grande parte das entrevistas diz respeito ao tema da solidariedade: muitas das entrevistas mostram como se dava o acolhimento dos sindicalistas nos encontros, nas reuniões em diferentes estados da federação, a maneira como eram recebidos por pessoas que nunca tinha visto antes chamava muito a atenção dos/das entrevistados/as; as muitas horas de viagem pelos rios, pelas estradas em ônibus – por vezes, viagens que duravam quatro-cinco dias – e, pelos relatos, é como se esses encontros, reuniões, congressos etc. renovassem suas vontades nas atuações nas comunidades, nas periferias das grandes cidades ou na zona rural, na floresta, nos lugares mais recônditos, como se esse conagraçamento funcionasse como uma teia que solidificasse os laços sociais. Um outro tema que aflora fortemente e que está presente desde as primeiras reuniões, encontros que desembocarão na CONCLAT e na fundação da CUT é a questão da estrutura sindical; se a atuação se daria por dentro ou por fora da estrutura sindical. Essa é uma questão que, em alguma medida, perpassa o sindicalismo que originou a CUT até os dias atuais. A acomodação do sindicalismo também é explicitada

em várias entrevistas. No conjunto das entrevistas há, pelo menos, três questões que são chave para a compreensão daquele momento de emergência da Central Única dos Trabalhadores e, nesse caso, também para o surgimento do Partido dos Trabalhadores que, em parte, já foram mencionadas: o papel desempenhado pelos movimentos da Igreja Católica nessa conjuntura; a atuação dos chamados sindicalistas “autênticos” e, não menos importante, os movimentos de Oposição Sindical. Em muitos deles, como no Movimento de Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo e na Oposição Sindical Bancária estavam presentes tanto setores da esquerda quanto militantes ligados à Igreja. Importante ressaltar que, sem a Igreja, dificilmente a CUT e o PT teriam tido um crescimento tão expressivo em tão curto espaço de tempo⁵.

De outra parte, temas mais propriamente políticos como a campanha das Diretas já e o processo da Constituinte são bastante debatidos e as entrevistas procuram dar conta da riqueza das lutas sociais e políticas que foram propiciadas por estes dois momentos no país. Aqui se sobressai, fortemente, a legitimidade que o sindicalismo, naquele período, adquirira junto a ponderáveis setores sociais e políticos no Brasil. O papel desempenhado pelas instituições do mundo do trabalho na transição política, na luta pela redemocratização também conferiu à ação sindical e seus protagonistas uma ampliação dessa legitimidade na década de 1978-1988. É extremamente pertinente a observação de Leôncio Martins Rodrigues com relação a esse tema, corroborando vários dos relatos das entrevistas aqui expostas: “se, no plano institucional, o avanço da CUT se fez a partir de uma estrutura poderosa montada há muitas décadas, no plano ideológico e político o avanço da CUT se realizou – em parte, pelo menos – levantando uma bandeira radical que se legitimava na luta contra o último governo militar desmoralizado, e, depois, a favor da aceleração e consolidação da transição democrática. Neste último campo, a CUT pôde, de fato, aproximar-se de outras forças políticas dominantes, ajudando a impulsionar e a fornecer base de massa para a campanha das diretas-já”.⁶ Dito de outra forma, naquele momento, o sindicalismo funcionou como um grande estuário que teve a capacidade de, junto com outros movimentos que se somaram nessa luta, construir alternativas na luta pela democracia e, com isso, ganhar legitimidade e um importante espaço no âmbito social e político.

5. Para uma análise da CUT em seus primeiros anos ver, entre outros, Rodrigues, Iram Jácome. **Sindicalismo e Política: a trajetória da CUT**. São Paulo: Scritta/FAPESP, 1997 e 2ª edição, LTr, 2011.

6. Rodrigues, Leôncio Martins. **CUT: os militantes e a ideologia**. São Paulo: Paz e Terra, 1990, p.94.

Vale ressaltar que o grupo de sindicalistas entrevistados representa um espectro, o mais amplo possível, das diferentes tendências que no período de construção da CUT se digladiaram, expuseram claramente suas diferenças e divergências; concepções de mundo; distinções da luta sindical e política; propostas, por vezes, antagônicas sobre o trabalho organizativo no interior das empresas e/ou no meio rural, e essas dicotomias, contradições, no limite, são vistas como salutares à ação por esses protagonistas. E é essa “unidade do diverso” que teria levado à riqueza representada pela ação sindical naquele momento e no qual essa geração desempenhou um papel fundamental. Angela de Castro Gomes, na introdução ao livro **Velhos Militantes: depoimentos**, observa: “estas entrevistas, portanto, divergem e convergem continuamente, e é nesta dinâmica que precisam ser lidas. Divergem justamente porque todo processo de construção de uma identidade coletiva é realizado pelo entrelaço de diversas propostas que competem entre si, mas que também podem se tornar complementares em múltiplas circunstâncias”.⁷ Como o/a leitor/a verá, as entrevistas realizadas para a pesquisa que resultou no livro **A Geração que Criou a CUT** traz muitos elementos de contradições, divergências e convergências que são próprios da construção de um grupo que buscava se afirmar na sociedade, naquele momento e, ao mesmo tempo, nesse processo, obter reconhecimento junto aos trabalhadores e trabalhadoras Brasil afora, bem como no âmbito mais geral da sociedade e do Estado.

E, finalmente, a despeito de refletir sobre as últimas quatro décadas da ação dos trabalhadores e do sindicalismo no Brasil, tendo como fio condutor o surgimento da CUT a partir das entrevistas de um grupo de sindicalistas que estiveram na origem desse processo, **A Geração que criou a CUT** se detém, principalmente, no início desse ciclo histórico (1978-1988). O objetivo aqui foi dar voz aos protagonistas desse processo e, de outra parte, ler as suas análises e reflexões como contribuição ao debate mais geral sobre as dificuldades vividas na atualidade pela ação sindical e as instituições do mundo do trabalho. Algumas questões, no entanto, são cruciais para a compreensão mais geral do processo de participação do sindicalismo no processo político brasileiro: o país em que emergiu o sindicalismo – no período mais recente (1978) –, não é mais o mesmo. Ocorreram transformações no âmbito econômico, social, cultural e político, dentre outros. E, além disso, nos países industrializados essas mudanças já se apresentavam no final dos anos 1960 e início da década seguinte.

7. Castro Gomes, Angela de (coord.). **Velhos Militantes: depoimentos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p.10.

Em resumo, os desafios são imensos à ação sindical. Para muitos estudiosos, o sindicalismo terá que se reinventar para se manter e/ou retomar a influência que detinha em décadas anteriores. Isso seria possível? Como esse processo poderia ocorrer? Essas reflexões são trazidas pelos protagonistas deste livro.

Concomitantemente à edição deste trabalho e utilizando as entrevistas em áudio realizadas por esta pesquisa será lançado um documentário com título homônimo. Diante do volume de material coletado nesta investigação, certamente, outras publicações devem vir a lume.

Nossos agradecimentos à colega Lilian Rose Arruda pela organização das entrevistas que foram a base para a consecução deste trabalho e a Luzia Lima e equipe pela transcrição dos áudios. À CUT, ao Instituto Trabalho e à Fundação Perseu Abramo agradecemos pelo apoio ao documentário que será produzido junto com esta obra.

Gostaríamos de fazer um agradecimento especial aos/às entrevistados/as que nos brindaram com muitas horas de seu tempo e que nos propiciaram, naqueles momentos, uma revisita tanto para os/as entrevistados/as quanto para os/as entrevistadores/as a um período de suas/nossas trajetórias de vida. Eram outros os tempos...

Este livro é um tributo a todos e todas – que já não estão mais entre nós e que, em um período extremamente difícil da vida de brasileiros e brasileiras, ousaram lutar por um mundo melhor: com mais justiça, mais igualdade e democracia e, em especial, àqueles e aquelas que no âmbito do sindicalismo ajudaram a construir a CUT: Abdias José dos Santos; Augusto Campos; Avelino Ganzer; Carlúcio Castanha de Souza; Chico Mendes; Enid Marx Backes; Jacó Bittar; João Antonio Felício; João Paulo Marques; José Domingos Cardoso (Ferreirinha); José Soares Novaes; Julieta Balestro; Kjeld Jakobsen; Lucy Paulino Aguiar; Luiz Gushiken; Maria Ednalva Bezerra de Lima; Rafael Martinelli; Rolando Frati; Vito Giannotti; Waldemar Rossi.

Claudio Nascimento; Iram Jácome Rodrigues;
João Marcelo Pereira dos Santos; Maria Silvia Portela de Castro
e Sandra Oliveira Cordeiro da Silva
(Organizadores)



ENTREVISTAS



ENID DIVA MARX BACKES

Entrevista realizada em 12/03/2021

DURAÇÃO: 131 minutos

Atuou na recriação da Associação dos Sociólogos do Rio Grande do Sul.
Foi Secretária de Política Sindical da CUT-RS. Participou da CONCLAT.
Foi precursora do movimento feminista no Rio Grande do Sul.



Trajatória de vida e militância no movimento sindical

Eu me considero uma pessoa superprivilegiada, porque eu vivi um dos momentos mais férteis – eu acho! – que Porto Alegre já viveu. Foram fertilíssimos! Eu me considero feliz e gratificada porque eu consegui – consegui não! – eu tive o privilégio de viver esses momentos. Como eu entrei no movimento sindical? Não existe um momento específico. A gente vem de uma luta. A história tem o passado, o presente e o futuro e se isso mistura; então, eu já peço perdão também, porque o presente, o passado e o futuro vão se misturar nas minhas memórias.

O movimento sindical eu não conhecia nada, eu fui fazer Ciências Sociais com 41 anos de idade e não conhecia nada das lutas políticas e, uma coisa surpreendente, em pleno governo Médici surgiram duas chapas para disputar o diretório acadêmico da faculdade. Eram as Unidas – Filosofia, Ciências Sociais... E a minha chapa, me botaram em uma chapa – quer dizer, me botaram em uma chapa, que eu nem sei porquê! – Mas acho que é porque eu era uma pessoa, digamos, não comprometida com nenhum grupo político, e a nossa chapa ganhou! Eu comecei a fazer movimento estudantil sem saber o que era PCdoB, que era PCB. Eu fui aprendendo e conhecendo por algumas palavras. Então, no movimento estudantil eu fui aprender a conhecer muitas coisas. E também no movimento estudantil, em 1975, no final, a Lícia Peres me convidou para fazer parte do movimento pela anistia – então já um pouquinho mais fora do ambiente universitário.

A Maria Luiza Jaeger⁸, um ano antes se formou, e ela teve a petulância – eu chamo de “petulância” que nem a gente teve! – de criar uma Associação de Sociólogos. Na verdade, nós descobrimos que a associação já existia, mas ela estava desativada porque os medalhões também não levavam fé nessa história de associação de sociólogos; então nós criamos – não! Recriamos! – ou voltamos a viver – a Associação dos Sociólogos e aí a Luiza foi presidente. A Associação dos Sociólogos foi tão importante que ela assinava tudo que era manifesto nesse momento, que eu chamo de “glorioso”, em relação ao combate à ditadura; e a gente tinha embates dentro da associação, aí eu vou te dizer dois embates muito sérios dentro da associação dos sociólogos naquele momento: pela Constituinte, porque uns achavam que não era; e a questão de fazer ou não mais movimento... Mas, principalmente, a questão era da Constituinte nesse momento - e a questão das liberdades sindicais. E, isso seria o meu início, digamos, no movimento sindical.

“E nesse momento (contexto do ENTOES) duas eram as figuras chave para mim, na minha memória: o Miguel Rossetto, de São Leopoldo – naquele momento, dos Metalúrgicos de São Leopoldo; e o movimento da Igreja, que era um padre – que eu não me lembro do nome, mas em Caxias, ligado ao Roque Grazziotin⁹, que era outro padre lá de Caxias, que liderava o movimento de oposição sindical dentro dos sindicatos rurais, e também não só rurais, Caxias era um movimento muito forte. Caxias tinha vários sindicatos também que já faziam parte dessa intersindical. – Então era: Caxias, Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Canoas. – Então, esse foi, digamos, para mim, o início.”

Eu, por exemplo, que nunca aceitei cargo, ou pelo menos, eu só aceitei um cargo que foi por acaso, completamente por acaso, porque a luta política se esparramou e não tinha nenhum nome, eu virei Secretária de Política Sindical da CUT do Rio Grande do Sul – vejam só! – Mas a gente não pode esquecer um outro movimento muito grande nessa época, que era o maior sindicato, que não era sindicato, era o CPERS – o Centro dos Professores – a luta política dentro do Centro dos Professores foi fantástica, impressionante! E esse centro de professores, que eu sempre digo, ajudou a eleger o Olívio Dutra como governador – os professores.

8. Maria Luiza Jaeger: Ex-secretária Municipal de Saúde de Porto Alegre (1989-1992-prefeito Olívio Dutra); Ex-secretária Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul (1999-2002-Governador Olívio Dutra); Ex-secretária de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde do Ministério da Saúde (2003-2005-Presidente Luiz Inacio Lula da Silva).

9. Roque Grazziotin (Padre): religioso e político brasileiro. Foi deputado estadual do Rio Grande do Sul pelo PT (1988) e presidente da Fundação Universidade Caxias do Sul (FUCS).

Eu era considerada assim “ih, lá vem a Enid com a questão de gênero, a questão da mulher!” – não falavam de “gênero”, era: “ – Ih, lá vem a Enid com a questão da mulher.” que eu não sou organizada! Eu não sou desorganizada, mas organização não é meu forte.

A agenda sindical no período

A Associação dos Sociólogos, vários sindicatos, se eu não me engano eram 110, inclusive federações, fizeram um documento que a gente chama de “110 Entidades” – acho que foi em 1977, mas como eu já disse, a minha memória em números não é boa. Este documento foi importantíssimo e causou um reboiço enorme no governo. O reboiço foi tão grande que, das 110 unidades, mais da metade retirou a sua assinatura e sobraram alguns sindicatos – uns 40, mais ou menos –, a alegação de tirar [as assinaturas foi] porque “foram enganados”. Enfim, esse manifesto tinha como principal bandeira denunciar, principalmente, salário mínimo, a questão do baixo salário mínimo e a rotatividade da mão de obra, entre outras coisas; então vale a pena procurar essa carta das 110 Entidades. Acho que 110. Esses remanescentes foram, aqui em Porto Alegre, no Estado, chamados de Intersindical. A intersindical a gente também fez – eu digo “a gente” porque foram várias pessoas! – a gente fez várias [reuniões] e era dirigida por 4 [sindicalistas]: era o Lauro Hagemann¹⁰, jornalista; os petroleiros; Adão Haggstram¹¹, metalúrgico; e o João Paulo¹², do Vestuário.”

Sobre a discussão da inclusão de sindicato no ENTOES: uma discussão que se fazia dentro do setor mais – que depois veio a ser o PT – a discussão se o Adão Haggstram – que nunca foi petista, nunca se assumiu como petista, nunca queria saber –, se entrava ou não; mas a gente achou [melhor] por fazer uma costura, porque o Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre era muito importante; mas aí tinha o movimento da Igreja dentro do sindicato,

10. Lauro Hagemann: Jornalista, radialista e político brasileiro. Assumiu a cadeira vereador da Câmara Municipal de Porto Alegre (RS) 1964 e deputado estadual do Rio Grande do Sul, em 1966, pelo MDB. Possuía vinculação com o PCB, à época um partido clandestino. Cassado, retornou à vida política em 1982 pelo PMDB. Foi locutor da Campanha da Legalidade liderada pelo então governador Leonel Brizola (1961). Foi membro da direção do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre.

11. Adão Haggstram: Ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre de 1977 a 1985.

12. João Paulo B. Marques: Ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Vestuário de Porto Alegre. Fez parte da 1ª Executiva Nacional da CUT (I CONCURT 1984).

por exemplo, o João Pedro Stédile¹³, que era ali de Cachoeirinha, que é um município ao lado, depois o irmão dele, eles atuavam muito nessa questão sindical, principalmente do sindicato rural, que era outra discussão: se os sindicatos rurais participariam, principalmente a Federação, se participaria ou não, digamos, dessa nossa “articulação”. Porque tu tens que se lembrar da Igreja. Aí era a questão rural. A questão rural sempre foi difícil da gente lidar com ela, porque era muito contraditória. Contraditória no sentido de que era um movimento fortíssimo, era o maior sindicato da federação, a FETAG. Ela reunia os sindicatos, eram muitos, muitos e muitos sindicatos; e tinha o movimento da Igreja que bancava também o ENTOES, principalmente esse padre que eu falo – que eu não lembro do nome, é um nome italiano, que eu acho que atuava em Caxias. Então isso aí que tu estás falando é corretíssimo! Mas tem que lembrar que esse trabalho de base da Igreja estava muito baseado na Teologia da Libertação.

Ideias principais na discussão sobre a criação da CUT: Eram duas principais, aqui no Rio Grande do Sul e acho que no resto do país também: tinha gente a favor e contra a criação da CUT – essa a primeira coisa. Aí, por exemplo, quando eu cito os petroleiros, eles eram contra a criação da CUT porque achavam – e de uma certa maneira eles intuía – que poderia virar um braço muito ligado ao PT; mas naquele momento o PT ainda não era a questão que estava na roda; mas era a questão da unidade sindical, a liberdade sindical. E aí, a compreensão do que era essa liberdade sindical era, por um lado, bem precisa e por outro lado difusa. Para mim, por exemplo, – claro, eu tenho que falar de mim – era uma certa confusão: o que era exatamente liberdade sindical? Eu defendia, de uma certa maneira, que o movimento sindical tinha que mostrar serviço, movimento sindical e principalmente os dirigentes, eles tinham que mostrar serviço e, ao mostrar serviço, o operário, o trabalhador, eles se sindicalizariam; mas não era tão simples assim. [Além disso], a história do “novo” sempre estava presente. A gente sempre discuti que ia fazer um sindicalismo diferente, o que eu vejo como positivo é exatamente isso: essa determinação – e acho que era uma determinação consciente, no sentido que tinha uma meta – de que seria diferente a forma de avançar no movimento junto aos operários, ao movimento dos trabalhadores e aí se ampliou o conceito de trabalhador. E aí, pela primeira vez – e isso é uma questão que eu ressalvo agora –,

13. João Pedro Stédile: Economista e militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). É um dos fundadores da Via Campesina, movimento internacional de trabalhadores camponeses que reúne movimentos sociais e organizações em âmbito mundial.

começou a se botar no meio a luta que as mulheres faziam. Tinham muitos sindicatos... e aí por exemplo, o movimento... a grande discussão, qual era a nossa grande discussão? O que nós iríamos fazer ou como nós íamos lidar com a Confederação dos Trabalhadores da Agricultura, a CONTAG. O grande problema também – eu vou dizer assim que, para mim era um problema maior por aquilo que eu já falei, pela minha ignorância em termos de quem era quem; mas para mim eram três coisas que eu tinha dificuldades de entender exatamente a extensão de sua atuação: que era a Igreja de um lado, era o Partidão que era muito forte em muitos sindicatos, e era também essa questão dessa gente nova que falava principalmente contra o peleguismo – qual eram as nossas palavras chave? – “A luta contra os pelegos.” E aí era: quem era pelego? E essa era a grande [questão] na verdade: quem é que tu consideravas pelego? Aí dependendo de onde tu pegavas a palavra ela tinha uma conotação, um peso diferente. Porque, para o movimento, principalmente para o Partidão, nós dizíamos que o Partidão, de uma certa maneira, sustentava os pelegos; porque o Partidão, na nossa visão, pelo menos na minha, pelo menos era o que eu percebia, é de que atuava como um “cupim”, estava por dentro, mas com isto, estando por dentro para corroer, por isso que na nossa visão acabava sustentando essa pelegada. Mas os pelegos acabaram sendo removidos, aí então a gente vê a luta depois do Paim, dentro do sindicato dele lá em Canoas; o pessoal dos bancários que também foi uma luta anterior ao Olívio, foi com os pelegos; vários sindicatos levaram a luta por dentro; os engenheiros, os arquitetos...”

Discussão da organização da CUT por dentro ou fora da estrutura sindical: é o que eu estou dizendo: a questão da CUT sempre foi a questão de levantar “ah, a lei proíbe as confederações... é permitido, mas a CUT soube das confederações...” – Então, era uma discussão, digamos, burocrática, por um lado; por outro lado era exatamente saber como é que o movimento se organizaria para ter o controle dessa CUT. Então a discussão era complicada no sentido de que não tinha uma força hegemônica. Não tinha o que seria gramsciano [a questão da hegemonia] – falando em termos de Gramsci, né? Então era uma questão muito difusa por um lado, mas muito contundente por outro – ela era diária, ela acontecia. Então eu estava lembrando hoje de manhã para o Nino, eu disse: O Sindicato dos Rodoviários, por exemplo, aqui em Porto Alegre, o Sindicato dos Rodoviários, o Sindicato dos Comerciantes, eram verdadeiros laboratórios de operários, mas, digamos, assim, “menos sindicalizados” no sentido de saber o que é sindicato. Era luta de poder mesmo, que dava espaço onde

tanto os [trabalhadores] da Construção Civil e Rodoviários, eram gente que mexiam mesmo! Eu me lembro que os rodoviários faziam greve e que um dia nós nos deitamos no chão para não deixar os ônibus passarem porque os patrões contratavam motoristas...

Papel dos bancários na fundação da CUT e a presença de outros grupos organizados: Ali era muito interessante porque nos bancários, por exemplo, os bancários foram fundamentais aqui no Rio Grande do Sul e os bancários eram outro centro de luta, de disputas políticas. Tinha um grupo muito forte que aportava dinheiro, digamos, para organizações para fora, para não usar dinheiro do sindicato, era o pessoal do Banco do Brasil e o Banco do Brasil, era um núcleo do Partidão, mas estavam se descolando do Partidão – não todos, mas muitos se descolando do Partidão; e tinha, eu me lembro bem, o menino também já faleceu, ele dizia assim: “Eu não aguento esses caras que ficam com uma outra camiseta embaixo da nossa camiseta.” Então, era essa a história dos que tinham – na opinião dele – uma outra camiseta debaixo da camiseta da CUT ou do PT. Eram movimentos distintos de grupos que vinham se organizando.

Discussões organizativas na CUT Nacional em 1985: Como eu gosto de falar, eram três as discussões. Era discussão sobre qual era o papel do Paim como secretário, porque eu vim representando a secretaria e o secretário era o Paim. A outra discussão era, de novo, qual era o papel do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. E aí toda a história do que significava a luta do movimento sindical, onde a liderança era de São Bernardo. Em São Bernardo também não era uma questão homogênea. Nada era homogêneo! E nem podia ser! Nada era homogêneo. Não podia ser diferente. – E aí, a terceira questão era: gente que eu acho muito importante e que tentava ser um ponto de equilíbrio, que era o João Paulo Pires de Vasconcellos - esse tinha uma visão, não diria “conciliadora”, mas ele tinha uma visão mais agregadora, mas ao mesmo tempo crítica. Então era muito interessante falar com o João Paulo, porque ele não agredia, mas criticava.

Mas aí para lembrar: aqui no Rio Grande do Sul outro grande movimento que também é pouco falado é o do CPERS. O CPERS tinha milhares de associados, era um sindicato enorme – e não era um sindicato! Então a luta dos professores que, no caso, a maioria absoluta eram mulheres, é uma luta básica em termos do que era a questão de trabalhadores. Eu dou muita importância às palavras! – no caso dos professores, quando nós, do PT, passamos a chamar os professores de trabalhadores, em reputação

começamos [a prejudicar] os professores. A Construção Civil foi uma coisa muito, muito doida, mas muito, digamos, orgânica. Foi uma construção da peãozada e nós, do movimento sindical, digamos, que estava querendo fazer um novo sindicalismo, nós nos defrontamos com o famoso “Ricardão”¹⁴. O “Ricardão” era do sindicato da Construção Civil que também entendia que estava fazendo um novo sindicalismo dentro da Construção Civil, que era a velha pelegada; mas, a Construção Civil, “Ricardão” – que não era por acaso que a gente chamava “Ricardão” – era uma figura: era um sujeito metido a bem-falante e tinha um carisma de fascinar as pessoas. – E aí entra um outro folclore: teve um grupo que estava se organizando e que ficou atuando nos sindicatos, que era a Libelu, e a Libelu resolveu atuar no movimento sindical da Construção Civil... E eu me lembro de algumas figuras da Libelu andando com o capacete da Construção Civil. Foi muito engraçado! Mas o famoso “Ricardão” fez escola lá dentro! Fez escola porque ele fez – eu não diria “estrago”, mas ele fez uma movimentação muito forte da área sindical. E eu acho que ele era próximo – eu não tenho certeza! – mas eu acho que ele era próximo, [apoiado] mais pelo pessoal do MR8.

A CONCLAT

Sobre a disputa que se deu na CONCLAT

Eu não sei se tinham clareza do que estava em jogo, mas que era esse o jogo! Eu sentia claramente isso. Os pelegos. Principalmente, estou dizendo, no meu entorno, nas minhas conversas; no meu entorno se ligava muito a questão Partidão e pelego, por um lado; mas não desconhecendo, por outro lado, o papel importante do Partidão na luta sindical. Por exemplo, só para lembrar: que no golpe militar, uma das primeiras perseguições foi aos ferroviários, por vários motivos!, mas, entre os quais, os ferroviários eram dominados pelo Partidão. Então a luta sindical mesmo, ela não começou em São Bernardo, a luta sindical, o movimento liderado pelo Partidão, foi muito, muito, muito, muito tempo [antes]. A CLT já é uma decorrência do movimento político, principalmente liderado pelo Partidão. Então eu acho que duas coisas que a gente não pode esquecer: uma é, de fato, a mudança de protagonismo; e o protagonismo não estava mais sendo do Partidão. A CONCLAT não foi uma reinvidicação do Partidão. – Não! - A CONCLAT surgiu por uma reinvidicação desse

14. Ricardo Baldino e Souza (Ricardão): Ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil de Porto Alegre.

novo sindicalismo – ou desse sindicalismo, digamos, “diferente”, fruto de toda uma luta. Então eu acho que a gente não... São duas coisas que a mim causam uma certa estranheza, às vezes até irritação, quando tu negas a história e o papel que cada movimento, muitas vezes de maneira contraditória, exerceu.

Os trabalhadores rurais nas origens da CUT

O movimento sindical rural foi um movimento que aparecia “à parte”, mas eu acho que ele foi substancial, no sentido que ele deu uma certa organicidade ao conceito do que é o trabalhador. E, no Brasil, até aquele momento nós ainda tínhamos uma preponderância rural – hoje em dia nós somos mais, enquanto população, mais urbanos. Mas, naquele momento era rural. Então eu acho que essa questão rural tem que ser levantada também e tem que ser levantada também do ponto de vista da luta das mulheres.

A participação feminina na construção da CUT

A gente teve movimentos incríveis, e agora, de novo, movimentos incríveis! Quem é que conseguiu reunir trabalhadoras rurais? Foi o Movimento das Margaridas. – E quem é que liderou esse movimento? A partir da Margarida Alves¹⁵ lá da Paraíba, que foi assassinada, então o movimento sindical rural foi muito forte – e continua muito forte e presente – na luta das mulheres trabalhadoras rurais. Aqui no Rio Grande do Sul pouco se fala, mas o maior movimento de trabalhadores foi liderado por mulheres trabalhadoras rurais, em que 20 mil mulheres se reuniram no Gigantinho [ginásio do Internacional] para ter o direito de ter o conceito de trabalhadoras rurais. Nenhum sindicato, nenhuma federação conseguiu esse feito. Então o movimento das mulheres rurais é um movimento que está pouco valorizado.

A tendência é esquecer o papel desempenhado pelas mulheres. Vou dizer o terceiro movimento que as mulheres foram fundamentais: a

15. Margarida Maria Alves: Foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande (PA). Margarida e seu sindicato reivindicavam para os trabalhadores rurais registro em carteira, 13º salário, direito de cultivar a terra, fim do trabalho infantil. A sindicalista foi assassinada em agosto de 1986. A partir do ano 2000, inspiradas na luta de Margarida Alves, milhares de mulheres realizam a Marcha das Margaridas a cada quatro anos.

questão da saúde. Quando o Sérgio Arouca¹⁶ levantou toda a questão sanitária (movimento sanitarista) e a Luiza Jaeger foi uma das grandes críticas ao Arouca, mas ao mesmo tempo fazia parte dessa reforma sanitária, eram as mulheres aqui em Porto Alegre, que a gente discutia as crises, o movimento das mulheres por saúde. O orçamento participativo aqui de Porto Alegre surgiu e se consolidou a partir dessa luta pela saúde. Foram coisas lindíssimas! E eram mulheres! Eram mulheres! Eram mulheres!

Eu me lembro que uma vez eu fui a convite do padre, como era o nome dele? - Lá de Ronda Alta! - Mas, enfim! - Eu fui falar com as mulheres, e as mulheres me disseram o seguinte: “Pois é, acontece o seguinte: quando a gente foi participar da luta da questão da terra, os homens diziam para a gente ir pra frente com as crianças e eles ficavam atrás amarelinhos, amarelinhos.” Assim ela falava.”

Porque outro dia eu vi um debate com um jurista que disse uma coisa que eu nunca tinha me dado conta! Ele disse que: “as palavras são capazes de desumanizar.” Então quando os judeus estavam no campo de concentração, eles não tinham nome, eles tinham número; quando os milicos disseram que nós éramos terroristas, nós não éramos humanos, nós deixamos de ser humanos; então se nós podemos deixar de ser humanos, nós podemos ser torturados. Quando nós, feministas, dizemos que são “as antifeministas que não sabem nada” – que a gente chama de “baixo clero” –, nós também desumanizamos. Então essas pessoas acreditam passivamente em “mamadeira de piroca” e as questões de gênero. Eu acho que, metodologicamente falando, o movimento sindical, o movimento das mulheres, no sentido desse feminismo que eu estou criticando, passaram por esse pecado: o pecado de desumanizar o outro. E outra coisa: para mim muito me espanta positivamente, o surgimento da fala da mulher negra. A fala da mulher negra. Não é o homem negro que está falando. Está falando também! Mas quem está tomando o lugar da fala é a mulher negra – e é muito lindo isso! Muito lindo.

16. Antônio Sérgio da Silva Arouca: Foi médico sanitarista e presidente da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz). Fez parte do movimento que defendia a reforma sanitária e foi um pensador da Saúde Pública brasileira, ideias que contribuíram para a construção do Sistema Único de Saúde. Foi presidente da 8ª Conferência de Saúde e deputado federal por dois mandatos (1991-1998) pelo PCB e PPS.

Movimentos sociais e a CUT

Deixa eu só fazer um parêntese: em São Paulo, surgiu o movimento contra carestia que, aqui em Porto Alegre - eu me lembro que a mulher do Santo Dias, a Ana¹⁷, veio algumas vezes, a gente trabalhava na FRACAB, que era a Federação Riograndense de Associações de Amigos de Bairro, que era o reduto do Partidão, mas o Partidão se abriu e a gente tinha várias alas dentro da FRACAB, dentro da FRACAB a gente organizou o que para nós aqui, jocosamente, era denominado MOCOCA – Movimento Contra Carestia. Esse movimento foi [muito] grande aqui no Rio Grande do Sul. Se tu fores olhar o que tinha nos cartazes no 1º de Maio, tu vês que tinha uma assinatura grande desses muitos movimentos que apoiavam a CUT, por exemplo: o Movimento Contra Carestia, eu me lembro que estava na convocação para o 1º de Maio. Então por exemplo, eu listei, em termos de movimentos que enriqueceram toda essa efervescência, 10 movimentos: era o movimento dos indígenas; o MUMG, era o Movimento Unitário da Mulher Gaúcha; MFA, Movimento Feminino pela Anistia; a MOCOCA – a famosa Contra Carestia; o Movimento em Defesa dos Parques e Jardins, muito Partidão; o Movimento da Constituinte, o pessoal ligado ao Carlos Araújo¹⁸; o Movimento da Reforma Agrária; o Movimento das Creches; o Movimento de Oposição Sindical. Tu vês que dentro disso aí criaram-se, dentro da Igreja, a famosa Romaria da Terra. Em todo carnaval se fazia o retiro, de acordo com a Igreja, e o retiro do carnaval era o movimento da Romaria da Terra, iam todos para aquelas bandas lá de Ronda Alta, lá perto da fazenda Annoni.

Constituinte

Na Associação dos Sociólogos a gente fazia discussão e havia, claramente, uma divisão: eu era a favor (e sempre fui a favor) da Constituinte, mas tinha gente dentro da associação que era contra; e essa discussão era no Brasil inteiro! E eu me lembro que o Lula, no início, era contra a Constituinte.

17. Ana Maria do Carmo Silva Dias: Liderança feminina da zona sul da capital paulista e viúva do operário Santo Dias da Silva, assassinado em 1979 pelas forças repressivas da ditadura militar. Foi, juntamente com Santo Dias, militante das Comunidades Eclesiais de Base e integrou o Movimento Contra a Carestia.

18. Carlos Franklin Paixão Araújo: Advogado trabalhista, foi um dos fundadores do PDT e deputado estadual pelo mesmo partido no Rio Grande do Sul. Foi integrante da organização VAR-Palmares que combateu a ditadura militar na década de 1960. Foi marido da ex-presidente Dilma Rousseff por mais de 20 anos.

Assim como o Lula, no início, foi contra o Movimento Pela Anistia. Muitas vezes a gente teve que fazer esse embate e a questão da Constituinte foi tomando corpo. A discussão foi tão maravilhosa que deu no que deu! A contribuição da Assembleia Nacional Constituinte. Pelo amor de Deus! O que foram essas discussões que apareceram durante a Assembleia Nacional da Constituinte! Mas, havia uma discussão [prévia] à Constituinte, que era – que eu me lembro! inclusive foi a época... em que eu já tinha ido para a OAB, em 1984, foi antes de eu ir para a CUT, em 84, a discussão era: se se fazia uma Constituinte exclusiva ou se transformava o Congresso em Constituinte. Foi uma grande discussão dentro do movimento sindical. – Bom, isso é uma outra parte. – Mas, voltando a Constituinte: a Constituinte era a questão crucial, bem como a amplitude e a forma de como se daria essa Constituinte.

Desafios atuais à ação sindical e perspectivas

Eu vejo que a gente também subestima duas coisas – que eu boto pra mim, como pecado capital para mim, como feminista – eu venho denunciando isso há tempo, para mim mesma, mas hoje em dia cada vez com mais clareza! Nós, feministas, fizemos muitas conversas de espelho. O quê que eu chamo de “conversa de espelho”? Tu vais na frente de um espelho e tu diz aquelas coisas para ti mesma! Então, o teu universo não foi ampliado. Ele ficou uma conversa para quem pensa igual. Então nós fomos incapazes de avançar no sentido de ampliar outros adeptos e criamos antagonismos com essa conversa de espelho. Não é por acaso que o movimento das Igrejas pentecostais foi tão forte. Por quê? E aí eu considero meu pecado também. Na medida que eu sabia do movimento corretamente... Olha, o processo civilizatório, é bom vocês lerem um livrinho que as gurias aqui me mandaram para eu ler – e eu li! – é de uma francesa, ele se chama: “O Feminismo Civilizatório.” Eu acho que a gente praticou o sindicalismo civilizatório. Voltando à questão das mulheres: a gente não ampliou o debate, criou antagonismos – porque a gente sabia o que era o correto. Então o quê que a gente passou falando – eu digo, pelo menos eu! – que é o “baixo clero”? O baixo clero na assembleia – na Assembleia [Legislativa] e na Câmara [dos Deputados]?

Então, eu acho que nessas discussões a gente tem que ir na concretude, tem que saber também o que afinal de conta as mulheres querem; até que ponto nós todos – e aí, homens e mulheres – somos induzidos dentro de um

processo civilizatório. Como nós entramos no consumismo? O consumismo é uma alavanca da economia? – É! – Mas onde nos leva o consumismo? É uma outra discussão que a gente não faz. E aí, por exemplo, para mim, uma pessoa que tem coragem de levantar esse tipo de coisa é o Pepe Mujica¹⁹. O Pepe Mujica está levantando questões fundamentais. Qual é o nosso papel hoje, enquanto membros, que estamos [vivenciando] mudanças significativas em termos civilizatórios? Qual é o nosso compromisso? Qual é o nosso compromisso com o meio ambiente? Quais são as atitudes que nós tomamos pelo meio ambiente? É o discurso? O discurso está ficando vazio, é discurso de espelho. Desculpa, mas eu fico empolgada quando eu vejo essa falta da gente se responsabilizar e só botar desculpa no “assassino” – que é um assassino! Nós estamos sendo governados por assassinos! Mas até que ponto a nossa irresponsabilidade, em termos de aglomeração, ajudou na disseminação desse maldito vírus?

19. José Alberto “Pepe” Mujica Cordano: Ex-presidente do Uruguai (2010-2015) e ex-senador da República (2015-2018). Fez parte do Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros que combateu a ditadura militar uruguaia (1973-1985). Por fazer oposição à ditadura, ficou preso por 14 anos e libertado apenas em 1985.

JOÃO PAULO PIRES DE VASCONCELOS

Entrevista realizada em 17/03/2021

DURAÇÃO: 95 minutos

Foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade-MG. Participou da CONCLAT. Foi deputado federal constituinte (1987-1991) e deputado federal (1991-1995) pelo PT de Minas Gerais.



Trajetória de vida e militância sindical

Comecei a trabalhar aos 16 anos e trabalhava em uma companhia de seguros chamada Mercantil Seguros e, nessa época, o securitário era filiado ao Sindicato dos Bancários. Era presidente do Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte uma grande figura chamada Armando Ziller²⁰ e ele era também um dos expoentes do PCB. E essas assembleias que eu assisti lá no Sindicato dos bancários me mostraram a importância de uma ação efetiva do sindicato. E depois eu fui trabalhar em outros campos, mas aí eu já entendia a necessidade da participação no sindicato.

Como se tornou metalúrgico

“Eu fui, primeiro, eletricitário. Trabalhei na Cemig e fiz levantamento topográfico das áreas de acumulação de represamento de todas essas grandes usinas; e, depois disso, eu fui trabalhar na construção de uma fábrica de cimento na proximidade de Belo Horizonte, em Matozinhos, uma empresa francesa e lá eu tive uma “experiência muito importante” com os franceses pelo autoritarismo deles e pela intenção de explorar o trabalho até sua última gota. E daí eu fui chamado pelo presidente da Samitri – que hoje é

20. Armando Ziller (1908-1992): Liderança sindical dos bancários de Belo Horizonte, participou das lutas bancárias como a jornada de seis horas e a greve nacional de 1946. Ingressou no PCB em 1932, foi eleito deputado estadual de Minas Gerais em 1947, mas seu mandato foi cassado pelo governo de Eurico Gaspar Dutra em 1948. Partiu para o exílio no período da ditadura militar e retornou apenas em 1980. Em 2013, seu mandato foi restituído simbolicamente pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

Samarco –, e o presidente geral falou que eu precisava ir a Monlevade para ser avaliado pela área de engenharia civil lá para saber da minha capacidade como topógrafo. Eu fui a Monlevade e, quando voltei, conversei com Chico Pinto, e o que ele me ofereceu não me interessou. Então eu recusei, lá em Monlevade, quando eles souberam que eu havia recusado, me convidaram para ir a Monlevade trabalhar lá. E assim é o caminho da vida, não é o que a gente planejou... [eu trabalhar] na Belgo Mineira.

Eu fui lá para trabalhar inicialmente em urbanização, porque a empresa estava em grande expansão e precisava construir casas para aumentar o quadro de pessoal e quando eu cheguei no sindicato já estava em 5.500 trabalhadores. Eu fui trabalhar em urbanização, pude trabalhar na construção de dois bairros bem expressivos e, depois, por uma circunstância de férias de um companheiro que trabalhava dentro da usina, a usina em expansão, eles tinham um laminador que se chama de “fio-máquina”, esse fio para construção, que era operado – os operários em várias cadeiras laterais da laminação, construindo uma laminação, eles pegavam ferro com a tenaz vermelha e enfiavam no outro lado, saía lá, e outro trabalhava até chegar na bitola certa –, e eles estavam construindo um novo, esse trem tinha a velocidade de laminação de 35 metros, de 7 metros por segundo; e aí eles começaram a construir um novo laminador, que chamavam “Morgan” com a velocidade de 35 metros por segundo da velocidade do aço laminado. E, devido às férias de um companheiro, eles me chamaram para trabalhar na construção desse laminador. E a partir daí não me deixaram sair mais! Eu fiquei só no interior da usina trabalhando na topografia voltada para equipamentos industriais, construções de altos fornos, montagem de galpões, trilhos de rolagem de pontos rolantes; então eu passei a trabalhar lá na usina esse tempo todo. Logo que cheguei, me filiei ao sindicato. E o sindicato, a princípio, eu cheguei em 1960, era uma fase de muita mobilização dos trabalhadores lá. E o sindicato era um sindicato ótimo, certo, né? E então pude, assim, assistir...

Desde que eu cheguei eu comecei a frequentar o sindicato; me filiei e a gerência local me chamou e falou que pessoas de confiança da empresa não podiam se filiar ao sindicato. – “Como? Como de ‘confiança da empresa’? Eu não assumo responsabilidades por decisão nenhuma da empresa, eu só cumpro as minhas tarefas aqui, minhas tarefas profissionais. – Não! Eu sou filiado e vou continuar filiado.” Como era [cargo] de supervisão, a minha presença no sindicato não foi bem aceita. Eu cheguei lá e não gostaram da minha presença; depois o presidente do sindicato morava na mesma quadra

que eu, daí ele veio e fez contato comigo e aí eu fui participando do sindicato dessa época. – Greves seguidas! – Aí é de 1960 até 1964, né? E quem, assim, fortalecia o sindicato eram os estáveis, porque os não estáveis eram muito vulneráveis e uma empresa com caráter autoritário e [havia] um sistema que submetia todos a ela, ela dava tudo. Quando eu cheguei lá eu tive casa, água potável que chegava, energia elétrica, lactário que fornecia mamadeira para os meus filhos; tinha um armazém que vendia tudo que a gente precisava; tinha farmácia, tinha assistência médica; assistência hospitalar – tudo! Essa era uma forma, inclusive, deles atraírem pessoas pra lá porque, nessa época, pessoas mais qualificadas não iam para lá porque de Belo Horizonte a Monlevade, onde hoje você gasta 1 hora e pouco, [atualmente] se gastava 6 horas de viagem – sendo estrada de verdade ou estrada de ferro. Então é por isso que eles ofereciam todas essas vantagens. Principalmente para engenheiros, pessoas mais qualificadas. Na medida que isso foi evoluindo e eu comecei a participar do trabalho dentro da empresa, foi a oportunidade de eu fazer contato com o pessoal, com todos os operários que trabalhavam lá dentro – trabalhavam em três turnos ininterruptos de revezamento –, e então, nesse entendimento, eu passei a ser mais bem recebido no sindicato. Isso, quando veio o golpe, qual foi a primeira medida da empresa? A trefilaria, que era o setor de mais rendimento da empresa, que preparava fios para toda espécie de necessidade industrial [saiu] de Monlevade e [foi] levada para a cidade industrial. Em 64, logo que veio o golpe, eles destituíram a direção do sindicato e colocaram lá o chefe de segurança da empresa, que era um tenente do exército reformado.

E ele então assumiu o sindicato. E o que a direção da empresa fez? Implantado o golpe de 64, quando eu fui chegando na usina tinha uma fila de operários escoltados pela polícia militar na porta do escritório de recursos humanos da empresa. Ali eles começaram a demissão sumária dos trabalhadores estáveis. E tinha o que era o chefe dessa área, chegava o operário lá e ele falava assim: “e agora? Cadê seu sindicato? Você está despedido! Assina aqui...” - e isso acompanhado de polícia – “e sai... você tem uma semana pra sair da casa da companhia.” – Então, tinha dois dias que o tenente assumira a intervenção do sindicato, a empresa mandou os primeiros operários estáveis, despedidos sumariamente para que o tenente [...] homologasse a rescisão do contrato deles. O tenente era um indivíduo assim... muito benquisto lá e ele era técnico de futebol, ele orientava o time, então ele conhecia todas as pessoas dentro da usina, principalmente e quando chegaram 18 trabalhadores acompanhado do preposto da empresa

para ele fazer a rescisão sumária do contrato de trabalho deles, ele falou assim: “não, uai! Por quê? Não. Não faço não. Eu conheço esses homens, sei quem eles são. Estáveis. Tem que ser obedecida a lei, só no processo próprio e de justa causa. Eu não homologo essas rescisões.” Dois dias depois chegou o presidente da empresa, o luxemburguês telefonou para ele e falou: “tenente, eu vou mandar os homens aí pro senhor homologar a rescisão do contrato deles.” E ele respondeu para o presidente da empresa: “olha, eu sou um homem da ‘revolução’ aqui, e eu obedeço a lei, eu não farei essas rescisões.” Então o presidente falou pra ele assim: “então você vai sair daí”. E dois dias depois ele foi tirado da intervenção e voltou para a usina. Todo esse processo de 64, ele tinha em uma pasta. Aí então ele falou: “olha, essa pasta aqui tem todos os detalhes do golpe de 64”. E pessoas que eu nunca poderia imaginar, colegas lá da empresa, eram informantes desse processo.

Presidência do sindicato

Olha, 1967 foi uma época bem tumultuada. Na trefilaria em Belo Horizonte, foi eleita uma chapa do sindicato e o presidente era uma pessoa muito simples, mas um homem de bem e, assim, com fé, com convicção mesmo no movimento operário; mas assumiu a presidência do sindicato e ele levou pra lá dois advogados que foram corrompidos pela empresa. Ele convocou uma assembleia e a polícia o deteve. Eu fui lá para o sindicato com outros companheiros e ficamos sabendo que ele estava [preso]. Então, nós chamamos um [membro] da diretoria para que ele iniciasse o trabalho da assembleia – que estava cheia de gente –, para decidir o que ia fazer naquele momento. Isso foi em 1967. Nada. Ficou a intervenção no sindicato e depois houve... passou 67, nós chegamos em 69 e houve uma eleição antecipada e nós tentamos fazer uma chapa – e não conseguimos porque estava uma repressão muito grande; mas 69 já estava lá uma diretoria extremamente corrompida e esses advogados é que faziam o jogo todo lá. – Nós, então, começamos a [nos] preparar para eleição seguinte, que seria em 1972. Eu ia participar, mas eu não tinha a intenção de ser presidente do sindicato. Não tinha, assim, muita experiência desse trabalho e acontecia que ali era um lugar, um sindicato muito isolado, que eu acho que propicia muito o movimento sindical na região, que tinha a Acesita, com a indústria siderúrgica; Ipatinga; a trefilaria, que estava na cidade industrial, então eu não tinha esse contato. [Assim], em 1972, acabei saindo como presidente do sindicato. O vice-presidente era um companheiro e era eletricitista,

chamava-se José Alencar Rocha. Então nós assumimos o sindicato e o sindicato [naquele momento] totalmente esvaziado.”

O primeiro trabalho que nós tínhamos que fazer era resgatar a credibilidade do sindicato no meio do pessoal. Era uma diretoria de pessoas bem boas e tinham pessoas de nível intelectual elevado, então tudo que se fazia era em reunião e que participavam titulares e suplentes, e começamos a reunir setores da usina para nós identificarmos pessoas que pudessem nos informar de tudo que se passava dentro da usina, então aí nós começamos a resgatar a credibilidade do sindicato porque, tudo o que acontecia na usina, nós [enviávamos] tudo por escrito para a empresa e começamos a utilizar a Delegacia Regional do Trabalho – que era péssima! – nós começamos a comunicar pra cima, e então nós tivemos um trabalho bem eficiente; mas, o único compromisso que nós tínhamos é que eu não me reelegeria, seria o Zé Alencar que subiria pra presidente. Mas, quando veio a formação de chapas, a empresa conseguiu formar cinco chapas para disputar conosco. E nós tivemos 75% dos votos. Aí estava consolidada, assim, a credibilidade no sindicato. Nós começamos a fazer as assembleias e até as famílias iam para assembleia – presença maciça!

A agenda sindical no período

E quando eu entrei para o sindicato, os companheiros tinham trazido um problema da escala de turnos ininterrupta de revezamento. E essa escala de turno ininterrupto de revezamento foi criada em Volta Redonda – e eram militares que dirigiam Volta Redonda e foram eles que fizeram a escala. Então essa escala de revezamento era absolutamente ilegal. A escala é que nos propiciou parar a empresa na greve em 1978, porque em 73 nós mandamos um documento para delegacia regional, o assessor da Delegacia Regional do Trabalho era pessoa boa, mandou o parecer dele para o Ministro do Trabalho, que era Júlio Barata²¹ – que eu fui lá e ele me tratou muito mal – mas, depois entrou o Arnaldo Pietro e eu estive com ele e ele mandou a carta para a empresa em 1977, determinando a mudança da escala. Em 1977 [a empresa] não quis negociar, em 1978 mudamos a escala em uma greve e mudando a escala de revezamento.

21. Júlio de Carvalho Barata: Foi ministro do Tribunal Superior do Trabalho (1946-1969), presidente do Tribunal Superior do Trabalho (1960-1964), ministro do Trabalho e Previdência Social em 1972, durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici.

E nós começamos a fazer o intercâmbio. Em 73 eu fui a São Paulo começar a fazer contato em vários Estados – que nós começamos a fazer contato e tentamos reuniões entre categorias. Eu fui ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Então eu fui lá, e estive em São Paulo com o Joaquinção²² e então nós convocamos uma reunião em João Monlevade em fevereiro de 1980 [com a participação de] médicos, rurais, todas as categorias que se interessaram foram. E veio gente de vários estados, mas infelizmente do Nordeste, não. Nós tivemos padeiros de São Paulo; de São Paulo veio muita gente e pessoas do Rio também – e foi quando nós começamos a integrar o movimento e de repente na véspera chegou lá em casa o Frei Betto. Eu estava sozinho em casa, recebi e ele falou comigo: “ah, eu queria participar dessas reuniões suas aí.” – Gente como é, eu fiquei sem saber como é que o Frei Betto soube dessa reunião. Eu falei: “olha, Betto, eu não posso te responder agora porque nós vamos ter que te apresentar lá e conversar com os companheiros para ver se você pode participar.” E ele falou: “ah, só para conhecer o Lula.

Veio a greve de 1980, então fui para São Bernardo. O Lula deixou a casa dele e tinha uma pessoa lá – que eu não me lembro o nome, não me lembro bem o nome – que foi lá pra fazer limpeza e tomar conta da casa na nossa ausência e o Betto ficou junto comigo. Então essa experiência foi muito interessante. Isso já foi em 1980. Eu já tinha feito contato com o Lula; o Lula participou dessa reunião lá em Monlevade [1980] – eu não me lembro tudo, mas tem um documento importantíssimo, que eram as diretrizes do movimento sindical daí pra frente e a inter-relação de todas as entidades sindicais de todas as categorias que surgiu lá essa ideia, de ter uma Central Única.

Então, eu pedi ao [deputado federal José Edgar] Amorim²³ pra ir para São Paulo e eu falei para o Amorim, porque estava um processo muito pesado ali – muito pesado! – E tinha essa condição de greve em São Paulo, complicadíssima. Tinha gente de várias tendências e para decidir qualquer coisa, eram 4, 5 horas de reunião para não decidir nada, para escrever um boletimzinho. Então, o Amorim foi lá e a repressão estava muito forte para chegar e sair da Vila Euclides e fomos para a Igreja, a 500 metros da igreja estava tudo cercado.

Estava tudo cercado. Então, para ajudar eu falei: “Amorim, você podia arranjar um peso-pesado lá do Senado Federal, do congresso pra vir para

22. Joaquim dos Santos Andrade – Joaquinção: Foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo (1965-1986) e da Central Geral dos Trabalhadores – CGT (1986-1989).

23. Edgar Amorim: Advogado, foi deputado federal pelo MDB de Minas Gerais (1979-1983).

cá pra dar um apoio para nós?” E ele chamou o Teotônio Vilela²⁴, Teotônio esteve lá, coisa importante a presença dele e dos companheiros que estavam sendo presos, quem tinha ficado fora? O Edson Campagnolo, Devanir [Ribeiro] e o Rubens [Teodoro de Arruda – Rubão]²⁵. Tinham mais alguns e tinham os indivíduos dessa comissão: o Alemão... Tinham uns outros lá, e o Almir Pazzianoto – e eu acho que ele era Deputado Estadual naquela época, e tinha os advogados do sindicato, dois, era o Mauricio [Soares] e o Airton Soares.

O Airton Soares, por ter essa prerrogativa de deputado, é que tinha que sair com o Rubens. E, quando terminou a assembleia, o Rubens veio para sacristia... – Não! O Rubens demorou lá e eu fui procurar o Airton Soares²⁶ e o Airton caiu fora, não apareceu e precisava tirar o Rubens de lá; eu então, encontrei com o secretário do prefeito Tito Costa e falei com ele: “nós precisamos tirar o Rubens daqui de dentro da igreja!”. Ele então chamou um carro da prefeitura, veio um Galaxie e na frente entrou um companheiro – que eu não estou lembrando o nome dele – do sindicato; atrás sentou o Rubens, eu e uma outra pessoa – que também eu não estou lembrando, nós circulamos por trás da igreja de São Bernardo e quando nós entramos em uma avenida – que eu não sei o nome dela, para baixo lá –, vieram uns 7 ou 8 carros, nos fecharam e desceu aquele monte de gente com metralhadora na mão, nós tentamos fechar o vidro, o cara pôs o cano assim na cara da gente: “abre, abre!”. E meteu a mão e arrancou a maçaneta do carro – na violência! Nos empurrou lá de costas com a arma nas costas e saiu levando o Rubens com arma na nuca e foi embora. E a chave do carro eles jogaram lá no meio da rua. E o Rubens falou, contou para mim o seguinte: “Me levaram e chegaram num lugar ermo, numa pedreira e eu falava assim ‘vão me matar’”. E ele perguntou: para onde vocês estão querendo ir? “Nós vamos para o DOPS!”. “Ah, vocês estão completamente errados!” – e ele ensinou o caminho para DOPS (Departamento de Ordem Política e Social).

24. Teotônio Brandão Vilela, político e empresário alagoano, elegeu-se senador pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA) em 1966. Inicialmente apoiou o regime militar, mas na década de 1970 assumiu postura crítica e em 1979 filiou-se ao partido de oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e passou a defender a redemocratização do país.

25. Edson Campagnolo, Devanir Ribeiro e Rubens Arruda foram diretores do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo.

26. Airton Soares: Advogado, trabalhou na defesa de presos políticos da ditadura militar. Foi deputado federal por São Paulo entre 1974 e 1979 pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), e entre 1980 e 1985 pelo PT.

Relação com outros sindicatos

E eu [tive] uma experiência com o Joaquinção bastante boa – muito boa! E lá nesse congresso, principalmente. Eu cheguei e o Jorge Norman²⁷ nos chamou para uma reunião com ele e o Joaquinção. Eu fui.

Jorge Norman foi da federação, ele foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga. Você sabe o que ele fez? Arranjou um espaço da sede do sindicato lá – [e colocou] um escritório da Polícia Federal na sede do sindicato. Então, sentamos lá, o Joaquinção tranquilo ali e o Jorge falou comigo: “Olha, nós não viemos aqui para falar mal do Brasil não. Queria combinar isso para ver como vamos agir.” Eu falei: “Jorge, eu não vim aqui para falar mal do Brasil, não. E eu acho que nem o Joaquinção. Ninguém quer falar mal do Brasil, mas falar mal do governo! Está aqui o documento!” Ele: “você não pode fazer isso, isso é comprometedor!” Eu falei: “Eu não tenho nada com você, Jorge! Nós já cansamos de discutir na Federação. Nós temos desencontros grandes demais.” E o Joaquinção ficou rindo! – Joaquinção ficou rindo! Eu me lembro dele quando, na greve de 41 dias [em 1980, em São Bernardo] precisava imprimir para os companheiros de São Bernardo do Campo aqueles boletins todos que a gente fazia lá, a primeira vez eu fui lá no Joaquim [no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo], e imprimir 100 mil [boletins]. Aí ele olhou e falou: “ah, João Paulo, pelegão tá aqui é pra isso mesmo!”

A CONCLAT

Na CONCLAT fiquei conhecendo companheiros muito bons. Participei na comissão de assuntos sindicais que eu que assumi e tinha uma mesa muito complicada; e tinha a Libelu, um advogado dos Metalúrgicos de São Paulo – que eu não me lembro o nome dele, ele era do Partidão, o [José Carlos] Arouca²⁸.

Olha, é uma situação bem diversificada das pessoas todas em entendimento, inclusive, das pessoas que estavam ali. Eu, inclusive, tive uma discordância muito grande com alguns companheiros porque entendiam que a CLT deveria

27. Jorge Norman Neto: Foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga e região (MG) e presidente da Federação do Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas de Material Elétrico do Estado de Minas Gerais (FETALMINAS).

28. José Carlos Arouca (1931-): advogado trabalhista, foi militante do PCB/PPS, foi juiz do Tribunal Regional do Trabalho (na composição do quinto constitucional reservado aos advogados), membro da Academia Brasileira de Direito do Trabalho, diretor do Sindicato dos Advogados de São Paulo, foi conselheiro e diretor da Associação dos Advogados de São Paulo e diretor-fundador da Associação dos Advogados Trabalhistas de São Paulo.

acabar. Extinguir a CLT. Eu falei: “olha, vamos...” – “Não! E essa contribuição sindical não tem que existir não!”. Eu falei: “escuta aqui, vocês de São Paulo estão em uma realidade diferente. Vocês não podem enxergar só o próprio umbigo. Lá no nosso Estado e em outros Estados que eu tenho frequentado, se não tiver a contribuição sindical, o sindicato não tem condição financeira.” Eu falei para eles: “olha, lá em Monlevade, a empresa ameaça o trabalhador na hora da admissão dele dizendo que ele não pode se filiar ao sindicato...” – e o sindicato já estava com estrutura boa, com situação boa – “e nem contribuir para o sindicato.” E eles fizeram dois mil trabalhadores – e eram 5.500 lá – e fizeram dois mil trabalhadores se desfilarem do sindicato. Nós fizemos denúncia disso para tudo quanto [foi] lado – OIT, ONU, aquela comissão de Direitos Humanos da ONU – e isso paralisou. Mas aí está vendo a necessidade da contribuição sindical, que nós estamos vendo hoje também, não? Estamos vendo hoje também. Então nós tivemos essa divergência. E o Jair Meneguelli falou comigo: “não, CLT tem que estar tudo no contrato de trabalho.” Eu falei: “olha, o seu contrato de trabalho é pior que o meu. O seu contrato de trabalho é pouquinho coisa além da legislação.” E, nessa época, em 1980, o Barelli falou conosco o seguinte: “olha, salários seus, nem aqui em São Paulo”. Nós chegamos lá, em 1980, tivemos uma greve que durou bastante tempo. E nós avançamos bastante. Mas, tem o verso e o reverso, os altos e baixos... Depois nós tivemos uns retrocessos importantes. Aí eu fiquei incumbido de criar a CUT aqui em Minas Gerais. Foi criada e eu fui o primeiro presidente da CUT estadual aqui.

A Constituinte e a participação do sindicalismo

Olha, [o tema da estrutura sindical] foi muito pouco debatido lá. Muito pouco debatido. Porque o PT, ele tinha um comportamento muito rígido na Constituinte, não conversava com os outros parlamentares, nem de outros partidos. Não aceitavam isso. Eu acho que isso limitou muito a atuação do PT na Constituinte. E nós tínhamos, antes da Constituinte, nós tínhamos criado o DIAP e o texto dos direitos sociais que o Jair Meneguelli levou e entregou ao Ulisses Guimarães, foi feito, foi preparado nessa reunião do DIAP, tivemos uma assessoria excelente do Ulisses Riedel²⁹. Essa matéria não entrava muito no gosto de uma parcela majoritária do Congresso Nacional... Nós tínhamos que abrir mais o leque do nosso relacionamento lá dentro, mas, infelizmente, isso não foi possível.

29. Ulisses Riedel de Resende: Advogado trabalhista, diretor técnico e idealizador do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP) fundado em 9 de dezembro de 1983.

Eu comecei em uma comissão, uma subcomissão onde o projeto da anistia teve a primeira apresentação e eu fui até a votação final levando a questão da anistia. E, naquela época, na Constituinte, os militares cassados em 64, iam todos me procurar, iam para Brasília e ficavam hospedados lá no meu apartamento, então encaminhamos esse processo na anistia. E começou as votações maiores na Comissão de Sistematização e depois, na votação final, e lá no congresso tinham três assessores das Forças Armadas permanentemente lá dentro. Opinavam, influíam em tudo. Então, as questões de direitos sociais, na votação final, principalmente, a questão dos turnos em andamento, que era matéria nossa, dos metalúrgicos, e o turno de revezamento de 6 horas – não era o que nós queríamos! Mas a outra escala, que é a escala francesa, não conseguimos passar. Então na votação mais importante, já era no final, eu pedi ao deputado do PFL, Antônio Carlos Konder Reis, de Santa Catarina, para fazer a defesa dessa matéria; e os companheiros lá disseram: “não, mas isso quem tem que defender é o PT!”. Então, falei: “olha, passei todo o material, o deputado se interessou, ele vai fazer a defesa.” E falaram: “não, vamos perder!”. E eu falei: “não vamos, não vamos!”. E passou. A mesma coisa foi a anistia. A anistia, no final, a última votação – não sei se no primeiro ou segundo turno de votação – eu pedi ao Jarbas Passarinho para fazer a defesa – e ele aceitou! Quando eu estava passando para ele tudo o que eu tinha escrito antes para ele examinar, o Zé Lourenço [deputado] chegou no ouvido dele e disse assim: “senador, o senhor vai anistiar 800 da Marinha.” Ele virou e falou assim: “E, assim não pode!”. Eu falei: “Ô, senador! Temos assessores militares, vamos chamá-los.” Então, chamamos e nos entendemos ali e retiramos os militares, senão não passaria nada. E a galeria estava lotada, os companheiros nas estatais todos cassados iam e voltavam para ser reintegrados. Então eu falei assim: “me dá um tempinho, senador, eu vou lá em cima conversar com o nosso pessoal.” E eu fui lá e falei assim: “a situação é ‘essa’. Ou tiramos...” Então, “vamos retirar.” Aí retiramos e o Jarbas Passarinho retomou, defendeu e nós aprovamos essa anistia que, infelizmente, excluiu os militares.

Desafios atuais à ação sindical e perspectivas

É com muita preocupação que eu vejo essa situação [do sindicalismo]. Aqui em Minas, é assim, um marasmo total. O movimento sindical, as entidades sindicais não têm dinheiro nem para pagar os funcionários. O meu sindicato lá em Monlevade tem 8 filiados! Acabou! Eles mataram

o sindicato, do ponto de vista financeiro. Destruíram o sindicato! A contribuição sindical que muitos companheiros nossos eram contra, eram o valor financeiro que os empresários não podiam pôr a mão nele. Não era o caso do nosso, no Vale do Aço, e não só lá em Monlevade as empresas proibiram o indivíduo se filiar ao sindicato e contribuir com o sindicato. Então, a Federação, ultimamente, nos últimos anos – deixa eu ver... a partir de... Deve ter uns 10 para 15 anos –, eu comecei a assessorar a Federação dos Trabalhadores das Indústrias Extrativas de Minas Gerais, e tinha muita... As grandes empresas todas, brasileiras, envolvidas nisso – porque, a extração é representativa dos trabalhadores da categoria vegetal e mineral. E as grandes empresas todas compraram áreas enormes aqui em Minas, praticamente metade do Estado tem Belgo Mineira, Gerdau... – Gerdau tem terra desde Três Marias até o norte de Minas, em Afonso. Tudo reflorestamento. Essas empresas de papel e celulose... Olha, a Nestlé reflorestava; a Mannesmann, a White Martins – essas empresas todas – e nós percorremos, inclusive, pelo Vale do Jequitinhonha. E, o que acontecia nessas empresas? Vou citar o exemplo de uma, tem o Vale do Aço ali, que vocês conhecem, a Cenibra – tem a Aracruz também de celulose. A Cenibra tinha 10 mil empregados no reflorestamento. O total dos empregados no reflorestamento, como o Estado de Minas ia daqui até lá quase entrando em Brasília. Só reflorestamentos, e era assim, eram os “gatos”, os chamados “gatos” que empregavam. Era tudo terceirizado! Não tinha empregado da empresa. E, no caso da Cenibra, eram 10 mil; a Aracruz tinha 6 mil; o Gerdau tinha 4 mil e tantos empregados – era muita gente trabalhando! Então nós começamos a trabalhar isso e apelar para a justiça e [entrar com] processos contra essas empresas. E esses “gatos”, o indivíduo saía de casa às 4h30 da manhã, levado em carroceria de caminhão, muitos acidentes, muitas mortes, e chegavam no reflorestamento e eram deixados lá. Acidente que acontecia, às vezes com motosserra e outros equipamentos desses pesados não tinha socorro, e o indivíduo chegava em casa às 7h30 da noite. Então, era o trabalho amplo nisso, nessas áreas todas, e conseguimos normalizar quase tudo. Quase tudo! Hoje a Federação está assim, totalmente esvaziada porque a manutenção dela era a contribuição sindical. Assim como ela e os sindicatos todos do Vale do Aço. Esse trabalho, eu tive que percorrer essas matas aí, eu tive que conseguir do governo do Estado aqui que ele arranjasse a Polícia Federal para nos acompanhar – porque o risco era enorme. Foi um trabalho muito grande que foi feito.



JAIRO CARNEIRO

Entrevista realizada em 20/03/2021

DURAÇÃO: 114 minutos

Ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Porto Alegre.
Foi um dos fundadores e presidente da CUT-RS. Presidiu a Federação
dos Metalúrgicos do Rio Grande do Sul (FEM-CUT).



Trajetória de vida e militância sindical

Eu trabalhei em uma metalúrgica aqui no Rio Grande do Sul quando eu tinha 16 anos; depois eu tive que escapar do Rio Grande do Sul porque a polícia bateu na escola em que eu estudava – eu fazia contabilidade – e eu me fui a São Paulo – até porque tinham prendido lá toda a equipe da JOC, lembra? A Márcia, o Agostinho Pretto³⁰ – o pessoal! E eu fui lá no sentido de substituir esse povo aí, né? De São Paulo eu fui para Recife e, depois de Recife, fui subindo: Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo – até voltar ao Rio Grande do Sul. Quando eu voltei para o Rio Grande do Sul, nós participamos de uma eleição em 1988, do nosso sindicato junto com o Freitas, que era um candidato do PC do B à presidência do sindicato, e eu voltei a trabalhar em uma empresa metalúrgica aqui do Rio Grande do Sul.

Primeiro eu trabalhei na Pirelli – que não é metalurgia. Pirelli Pneus. Depois da Pirelli eu fui para uma empresa de metalurgia de volta – porque o “meu ninho” eram os metalúrgicos, né? E ali nessa empresa então foi que eu comecei a participar e tivemos uma grande eleição sindical aqui com o Jurandir Damin³¹ como candidato à presidência. Foi uma eleição em 1985. Uma grande eleição, uma disputa ferrenha e, em 1988, fui candidato à presidência do sindicato e ganhamos as eleições e assumimos em fevereiro de 1989.

30. Agostinho Pretto – Padre: Natural de Encantado (RS), Pretto foi umas das principais lideranças da Juventude Operária Católica (JOC) na década de 1960. Na década de 1970 foi preso pela ditadura militar. Em 1974 se mudou para Nova Iguaçu (RJ) para trabalhar com Dom Adriano Hipólito. Foi fundador e coordenador da Pastoral Operária (PO).

31. Jurandir Damin: Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre e Diretor da Escola Técnica Mesquita mantida pelo sindicato.

Antes disso nós tivemos um trabalho interessante, na Pirelli em São Paulo, um grupo de base, um núcleo de base dentro da fábrica, e nós tivemos uma experiência muito... – Quer dizer, na Pirelli Cabos, ali em Santo André. Então nós escrevemos toda uma história do nosso trabalho naquela fábrica da Pirelli, junto com outros meninos lá de Santo André.

Inicialmente eu tinha começado a trabalhar na Ford do Ipiranga, e o povo foi pra São Bernardo, na área de pintura – que era a área em que eu trabalhava. Então eu participei muito tempo com o [Osvaldo] Bargas, com o Edu, com o Elias Stein³² com aquele povo ali. O Elias era da Lorenzetti. O Elias, nós conversávamos muito, porque ele tinha um belo trabalho de base. O Elias Stein tinha um trabalho... Meio-dia eles iam para a calçada conversar e debater socialismo, debater não sei o que lá... Então sempre tiveram um trabalho de base muito interessante, de formação, de capacitação.

Em fevereiro de 89 [me tornei presidente do sindicato]; em 1994 eu fui eleito para a CUT. E, no segundo mandato, em 1997, uma disputa com o PSTU – até hoje eu me lembro do PSTU – que foi com o Júlio Flores. Sabe que desse aí eu ganhei o debate [por causa de] uma pegadinha, né? Ele falou assim: “Articulação é que nem o Luiz XV – ‘O Estado sou eu!’” – e por aí afora... - Aí eu brinquei com ele, disse assim: “Professor Júlio Flores, de história, se enganou aqui, não foi Luiz XV! Foi Luiz XIV quem falou isso, né?”. Aí era a forma que a gente tinha de dar uma pegada no cara, né? Não foi Luiz XV, foi Luiz XIV. Era esse tipo de disputa da retórica dos congressos, que era comum.

A agenda sindical no período

Em 1983 a gente fundou a CUT. E a fundação da CUT era um “pepino”! Porque havia a discussão se deveria ter uma CUT urbana e uma CUT rural ou não – e era um debate ferrenho que a gente fazia. Se deveria ter duas centrais: central urbana, central dos trabalhadores rurais. Porque, naquele tempo, nós tínhamos os departamentos [na CUT]. Departamento rural, departamento dos metalúrgicos etc., então foi uma disputa muito difícil de fazer. Mas acabamos conseguindo concentrar na Central Única dos

32. Elias Stein. Metalúrgico, foi militante da Juventude Operária Católica de 1963 a 1963, ingressou na organização Ala Vermelha em 1967. A partir de 1971 concentrou sua militância na Oposição Sindical Metalúrgica (OSM). Em 1974 foi preso pela ditadura militar. Anos mais tarde formou-se em Ciências Sociais e passou a trabalhar no projeto de memória da OSM.

Trabalhadores, com a garantia de que, sempre que houvesse [alguém] da zona urbana na presidência, o vice-presidente seria rural – sempre foi aqui.

CUT: por dentro ou por fora da estrutura sindical

A defesa que o [grupo] Trabalho fazia é que fosse fora da estrutura sindical e nós defendíamos, – sei lá por que nos convenceram! – nós defendíamos que “era por dentro”; nós tínhamos que assumir a estrutura sindical vigente, né? Então esse foi um debate ferrenho, muito forte. Mas, já quando estava na época da fundação da CUT, era quase assunto superado, então isso foi um debate mais anterior ainda, né? Foi um debate sobre “por dentro da estrutura ou por fora da estrutura”. Eu me lembro quando se debatia muito com o Waldemar Rossi, com esse povo aí, porque essa era a grande questão que tinha no momento. Eu tinha lá bastante dúvida porque, por dentro da estrutura sindical, eu me lembro quando foi feito, quando começou [a discussão da formação] da CUT, foi feito o ENTOES. E ali tinha um pouco essa discussão. Quer dizer, quem participava do ENTOES, era quem tinha já feito oposição sindical, quem podia participar. Então ali a gente fazia discussões muito fortes sobre essa questão: “por dentro ou por fora?”. Eu até hoje – sendo bem franco! – nunca parei pra pensar sobre o assunto, se foi pior ou melhor. Mas, não tinha saída e nós íamos ficar marginalizados. [Se fosse por fora] não teria a CUT...

Panorama do final dos anos 1970 e início dos 1980

Teve grandes dirigentes, importantes dirigentes... o Ferreirinha [José Domingos Cardoso], Waldemar Rossi³³. Eu sempre disse uma para vocês que estudam esses [temas], eu sempre disse o seguinte: como a história é complicada! O sujeito que deveria ser o Lula hoje era o Waldemar Rossi; um cara que [tinha] história de luta em São Paulo e tal, e aí a história não acontece onde “tu quer” – aconteceu em São Bernardo – aquela greve e tal, e aí aparece o Lula; mas quem [seria] o grande personagem hoje que nós teríamos na esquerda operária para cumprir o papel que o Lula cumpre hoje? Era o Waldemar Rossi. Com muita história, com muita

33. Waldemar Rossi: Operário, nascido na cidade de Sertãozinho (SP), iniciou sua militância na Juventude Operária Católica. Mudando-se para São Paulo, passou a atuar na Pastoral Operária e na Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo. Em 1974, foi preso por quatro meses pela ditadura militar.

luta, o “homem do Papa”! É o homem que falou com o Papa – e não sei o que mais e tal... O Waldemar Rossi era naturalmente esse sujeito. Mas a história não acontece onde “tu quer” e nem no momento em que “tu quer”, aí aparece o Lula, né?

Cada vez que o Waldemar fazia uma chapa de oposição de São Paulo, ia pra cadeia, né? Eu mesmo levei comida no presídio do Hipódromo, levei comida para o Waldemar, levei comida para o Elias Stein, porque esse povo que estava preso no Hipódromo, naquele período ali, porque [ousaram] fazer uma chapa de oposição. Depois teve a disputa em São Bernardo, sobre a questão da disputa de São Bernardo com a Oposição Sindical [Metalúrgica] de São Paulo sobre a chapa da oposição de São Paulo.

A Federação dos Metalúrgicos, tanto em São Paulo quanto no Rio Grande do Sul, fundou o departamento da CUT com a federação pelega, com a federação formal. Tanto no Rio Grande do Sul quanto em nível nacional. Então se faz... “Vamos fazer um departamento metalúrgico”, que seria a extensão da CUT na categoria, que nunca funcionou direito porque não tinha poderes reais. Que era o “braço”, não era poder a partir da organização dos sindicatos filiados à CUT. O departamento sempre foi um apêndice, vamos dizer assim, não? Com dificuldades de ser real porque havia, naquele mesmo momento, paralelo a isso, as federações metalúrgicas dos estados, que nem todas eram [ligadas] à CUT. Aliás a maioria nem era da CUT. Não era ligada à CUT.

Para mim, a sequela anterior era a seguinte: a CUT não tem que entrar na estrutura; senão a CUT vai querer agora fazer federação, fazer confederação etc. e etc. – e não tinha que fazer isso! Tinha que fazer a extensão da CUT, a horizontalidade da CUT na categoria – o que acabava não funcionando porque tem uma questão de poder. O poder que tem federação etc., que a CUT não teria sendo um departamento. Então, esse foi um dos grandes “pepinos” nossos.

Os trabalhadores rurais nas origens da CUT

Na questão dos trabalhadores rurais, o pessoal ligado à CUT era o pessoal da agricultura familiar, não era trabalhador [assalariado] do campo; e essa foi uma disputa forte [com] o MST, por exemplo! O MST que sempre disputou essa visão. Eu me lembro de quando eu era presidente da CUT aqui, nós fazíamos lutas conjuntas, mas o MST sempre considerando

a CUT como “o elo frágil”, vamos dizer assim. Então, nós tínhamos dificuldade! Nós marcávamos uma luta e: “vamos ocupar o Ministério da Fazenda!”. E nós marcávamos para às 6h; nós chegávamos às 6h e o MST tinha entrado às 5h! Porque o MST tinha que aparecer primeiro. Então nós tivemos aqui graves disputas com o MST nessa visão de organização do campo. “Eles tiveram dirigentes sindicais aqui, muitos sindicatos importantes da CUT que eram ligados ao MST e depois continuaram com o MPA. Quando o MST e o MPA se separam, eles continuaram no MPA – e era dirigente, o Gilberto, o pessoal do Cachoeira, que era um pessoal que tinha ligação com o sindicato da CUT. Eram filiados à CUT. Sindicatos filiados à CUT. Mas sempre questionado pelo MST, como se fosse um problema a CUT discutir com os pequenos agricultores... A CUT não discutia com os trabalhadores rurais em geral, assalariado rural, a CUT nunca discutiu com esse povo; nunca teve sindicato forte nessa área; sempre foi um sindicato da CUT, na área rural, sempre foi um sindicato ligado à agricultura familiar e a outros temas: o tema das sementes; o tema da aposentadoria... Outros temas, né? O que é diferente do MST, nesse aspecto.

Discussão sobre pacto ou contrato coletivo nacional

Essa discussão passou batida, no sentido de que [havia] muita disputa, muita visão diferente que tinha naquele momento, né? Tinha várias posições dentro da CUT. Tinha várias posições diferenciadas. Tinha desde o pessoal... [Osvaldo] Bargas – o Bargas sempre defendeu uma posição, né? Então havia divergência muito forte nessa questão, sobre “qual é o papel”, na questão do pacto, na questão do acordo. O Acordo Nacional, por exemplo, era um! O sindicato não queria perder o seu poderzinho, né? Imagina fazer um contrato coletivo nacional? Isso sempre foi um “pepino”, sempre foi uma conversa dentro da CNM [Confederação Nacional dos Metalúrgicos], por exemplo, que nunca fluiu. De fato, nunca fluiu porque sindicatos não querem jogar para a Central ou para Confederação esse papel, que é o pequeno papel que executa o dirigente sindical, né? Então, sempre era um debate muito coletivo, muito disputado, que o sindicato de base não queria entregar nenhum tipo de poder para ninguém. E havia, inclusive, uma desconfiança: “esse povo da Articulação vai lá fazer um acordo ruim é o pessoal que aceita pacto, que aceita fazer acordo com o patronato etc. e etc.” Então havia uma desconfiança também do pessoal

da CUT e, sobretudo, da Articulação. Que pudessem fazer acordos que não fossem bons acordos [com] o patronato, porque havia um “pau” “em nós” porque a gente era mais “frouxo”, vamos dizer assim, né? Fazia acordo com mais facilidade etc. etc. Então havia sempre essa disputa e essa diferença no Congresso.

Desafios atuais à ação sindical e perspectivas

A CUT do Rio Grande do Sul tem uma coisa interessante, que é a discussão com o povo dos aplicativos. É interessante observar isso, é uma discussão muito plausível, investe muito nisso, na questão dos aplicativos. Porque é a nova classe trabalhadora. E a gente não tem resposta. Nós temos dificuldades, nós só trabalhamos com aqueles que têm carteirinha assinada porque esses podem ser dirigentes sindicais, né? Nós temos dificuldade de trabalhar com o povo, mais em geral. Por isso que eu sou adepto da discussão, quando falam do Integrar etc., porque é uma porta de entrada que nós temos para responder, elucidar as pessoas. As pessoas que não terminaram os seus cursos, não terminaram o primário, não terminaram o colegial etc., e é uma forma que nós temos de poder entrar. Aqui [em Porto Alegre] o PSOL tem um curso para capacitação para o vestibular, pré-vestibular; mas aí ele atende o anseio de uma classe média que a loucura dela é o curso superior, que o filho faça curso superior, que não sei o quê... E tem essa loucura! E aqui nós tínhamos todo um caminho para fazer com as pessoas que não conseguiam terminar o seu primário. Não conseguiam terminar o seu colegial. Então a CUT, com a experiência que a CUT tem na escola Mesquita – tem uma grande experiência! [Exemplos anteriores] do Integrar, Recomeçar etc. E o Projeto Pedagógico é uma coisa absolutamente interessante e atual. Outro dia estava um debate aqui no Rio Grande do Sul sobre a questão do PT... – do Rio Grande do Sul, não! – O Selvino Heck³⁴ – não sei se vocês conhecem? O Selvino Heck disse que “agora tem um projeto que chama ‘Freireando o PT’” Que é o

34. Selvino Heck: Foi fundador do Partido dos Trabalhadores e deputado estadual constituinte do Rio Grande do Sul (1987-1990). Trabalhou como assessor Especial da Secretaria Geral da Presidência da República (2014-Governo Dilma Rousseff). É membro da Coordenação Nacional do Movimento Fé e Política e da Coordenação do Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe Brasil (CEAAL).

PT voltar à discussão dos 100 Anos do Paulo Freire³⁵. – Freireando o PT. – Então, eu acho que esses projetos do Recomeçar, Integrar tiveram essa capacidade. Eu acompanhei bastante a formação da [Escola Sul da CUT] de Santa Catarina a formação de lideranças muito interessantes a partir daí, que saem do curso com visão crítica, com visão de participação etc., porque aqui o projeto levava para isso. O projeto levava naturalmente pra isso, projeto da formação do Integrar, Recomeçar etc. Eu acho que é uma chance que nós teríamos de fazer, não pode contar com o governo para isso, mas pode contar com os sindicatos, retomar [essa questão].

Eu acho que nós não vamos sobreviver com esse “mundo” de sindicatos metalúrgicos, calçado e “não-sei-o-quê” mais... Ou seja: nós tínhamos que tentar buscar a junção dessas entidades a partir de luta conjunta. Nós temos agora aquela luta pela Vacina Já! Nós temos a luta pela Ajuda Emergencial etc., nós tínhamos que ter um programa que pudesse juntar. Aqui em Gravataí, ainda temos os químicos, que é uma categoria importante. Os metalúrgicos etc., e a gente não consegue juntar esse povo, né? Eu acho que o futuro não tem espaço para esse “mundo” de sindicatos que nós temos hoje – que é uma disputa por poder. O cara que não está na fábrica que não tem trabalho, está sem trabalho, esse cara mora no bairro. Hoje o DIEESE tem uma coisa que se chama “georreferenciamento” que permite, por exemplo, que a gente possa saber quem é quem é da GM – aqui, por exemplo –, que mora no bairro, né? Que mora na minha rua. Quer dizer, a CUT tem que voltar a fazer... Nós cansamos de fazer campanha sindical nos bairros, nas vilas, né? Porque nós não temos... Quando a gente fala do Abdias [José dos Santos]³⁶ é isso: como não podia entrar no sindicato é isso, tu ia pela água, né? Tu ias pelo mar, né? Então isso eu acho que nós tínhamos que começar a colocar na possibilidade nossa aqui. A CUT sempre teve dificuldade de discutir [a questão] de Economia Solidária na cooperativa

35. Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997). Educador, um dos mais importantes pensadores brasileiros, um dos mais citados em âmbito mundial, considerado o Patrono da Educação Brasileira. Foi preso pela ditadura militar e viveu no exílio até 1980. No retorno, foi professor da Universidade de Campinas (UNICAMP) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É autor da obra “A Pedagogia do Oprimido”, e considerava a alfabetização como um processo de conscientização, que proporciona para o oprimido instrumentos de leitura e escrita mas, também, para contribuir para a sua libertação.

36. Abdias José dos Santos: Foi militante da Ação Católica Operária (ACO) entre 1965 e 1966. Perseguido pela ditadura, viveu na clandestinidade na Bahia, seu estado natal, e retornou ao Rio de Janeiro na década de 1980, e colaborou com a fundação da CUT. Nesse período, tornou-se presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói e Itaboraí por três mandatos consecutivos.

por essa visão: os trabalhadores da cooperativa são donos do negócio, não? Então eles não têm a dependência que tem hoje o trabalhador que está na fábrica. A CUT tem dificuldade de trabalhar com quem não está nessa condição, na condição de ser formalizado. Então tinha um menino aqui – inclusive aqui um outro dia a gente estava conversando: “Cara, explica um pouco aí o que que nós estávamos fazendo para a juventude?” – Eu disse: Ah... Aí o cara falou assim “Porque o precariado...” – porque chamar o cara do Uber de “precariado”? Precariado é qualquer trabalhador que trabalha na fábrica! É precário hoje! Então, há todo um linguajar sociológico e tal que não ajuda a compreender e a entender a profundidade das questões. Para mim, para 2030, a CUT tem que buscar outras formas de encontrar os trabalhadores – não só para discutir sindicato, mas para discutir a vida, discutir o poder. “Como é que nós nos empoderamos”. Então, a CUT tinha que pensar em uma forma de dizer: “bom, como é que encontramos os trabalhadores fora da fábrica ou fora do seu local de trabalho?” da fábrica ou do banco, seja onde for! E tem formas de fazer isso. E para discutir, não só o sindicato, o contato coletivo, mas pra discutir a situação da vila, a fome, a miséria etc... Não? Aqui, o Frank, que é um companheiro nosso, está desenvolvendo um projeto que chama: “A Fome Tem Pressa.” Os caras estão fazendo 230 refeições todas as terças-feiras para moradores de rua. Então é um caminho espetacular! Qual é o dinheiro? O dinheiro que as pessoas doam! Eles chamam a pessoa para doar recurso pra comprar o material, comprar comida etc. Então, é um trabalho fantástico para morador de rua. São várias coisas que se pode fazer no bairro. E com os trabalhadores não é só discussão da questão sindical, é discussão de outras questões: do direito à moradia; direito à comida; do direito a poder existir; direito de ter um trabalho.

É necessário que a CUT vá para os bairros e organize os trabalhadores a partir da sua realidade concreta. E a CUT tem potência para isso, tem reconhecimento para isso. Chamar o sindicato para começar a discutir projetos populares, projetos de cooperativismo, projetos de geração de renda, trabalho e renda. Essa pode ser a saída para o movimento sindical. Emprego, não teremos mais. Empregos não vão aumentar. “Emprego”, esse que a gente conhece, formal, carteira assinada etc., porque no Brasil a tendência agora é cada vez fechar mais empresas e, com a pandemia, não tem mais trabalho. Nós não vamos ganhar a eleição se nós não participamos de poder real local. Se não organizar o povo aqui nas vilas, nos bairros etc. não tem como ganhar a eleição! Então, e se ganhar é “pé-

de-barro”, né? Tiraram a Dilma³⁷ e nós ficamos olhando a Dilma cair... Entendeu? Por quê? Porque não tem... Os trabalhadores não se colocam esses problemas porque não estão articulados e organizados para isso. Porque estão articulados e organizados quando é o sindicato para discutir eleições do sindicato ou posição sindical. Então, voltar, fazer um movimento sindical, dar essa guinada de articular os trabalhadores a partir do seu local de moradia, a partir dos seus interesses ali mais imediatos – não tem saída! Se a CUT não fizer isso... Inclusive para crescer depois, como sindicato, tem que fazer isso. Senão, não tem um lugar para surgir lideranças novas, se não for através dessa visão de articular e organizar o povo nos bairros, nas vilas. Nós já fizemos isso quantas vezes já? Nas posições etc., já fizemos isso muitas vezes...

37. Dilma Vana Rousseff (1947-): Ex-presidenta do Brasil (2011-2016). Reeleita para um segundo mandato, sofreu um processo de impeachment em 2016. Durante a ditadura militar, foi militante do Comando de Libertação Popular e da Vanguarda Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) e ficou presa entre 1970 e 1972. Na década de 1980, morando no Rio Grande do Sul, filiou-se ao PDT. Em 2001, filiou-se ao PT e, a partir de 2003, atuou como ministra nos dois mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva. Desde 2023, preside o Novo Banco de Desenvolvimento (Banco do Brics).



GILMAR CARNEIRO

Entrevista realizada em 19/04/2021

DURAÇÃO: 130 minutos

Ex-presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo e Osasco. Foi um dos fundadores da CUT, o 1º diretor de imprensa e secretário-geral da Central. Atuou na organização do Departamento Nacional dos Bancários (DNB) da CUT, que se tornou a Confederação Nacional dos Bancários (CNB) e, posteriormente, Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (CONTRAF-CUT).



Trajétoria de vida e militância sindical

A gente já vem de militância desde a Bahia, começando lá na Bahia. Para você ter uma ideia, por minha família ser muito católica, o pessoal chegou a esconder gente comunista, gente da esquerda lá em casa porque sabia que ninguém ia procurar lá. Mas a gente era contra a ditadura, a família inteira! E a gente veio para São Paulo e depois entrei na FGV e na GV eu já atuava no movimento estudantil. Eu atuava em toda parte.

Quando começou a greve de 1978, Gushiken³⁸, o pessoal, eu atuava no Banerj, que era o Banco do Estado do Rio de Janeiro, e o Gushi era do Banespa, então, tinha os bancos estaduais. Eu me lembro quando ele me chamou para entrar no sindicato, eu falei: “Eu não vou entrar no sindicato, não!”

Ele: “É importante! Para combater os pelegos.” E eu: “Não, que combater pelego, rapaz!”. Eu queria fazer coisa maior e perguntei para ele: “Dá para a gente lutar lá para derrubar a ditadura?”; ele: “Dá! Dá para discutir salário e fazer a luta para derrubar a ditadura”. “Ah, então eu vou! Mas se for pra ficar fazendo só campanha salarial, eu não vou”. “Aí, nós fomos para o sindicato”.

Na greve de 1978, eu fui demitido! Eu fui um dos poucos, nós tivemos um grupo do Banerj que foi preso na agência Centro do Banco do Brasil.

38. Luiz Gushiken: Administrador de empresas e bancário, foi presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo e Osasco (1984-1986), um dos fundadores da CUT, deputado federal pelo PT de São Paulo por três mandatos, de 1987 a 1999. Foi ministro da Secretaria de Comunicação e chefiou o Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010).

E a repressão mandou nos demitir e depois o Brizola³⁹, ainda governador, o Brizola [nos] reintegrou. O Brizola fez a reintegração e aí eu continuei trabalhando; mas tinha uma receptividade muito grande da categoria e da sociedade às nossas lutas. E nós ganhamos o sindicato.

A agenda sindical e estratégias dos bancários: Augusto Campos

A nossa chapa, 1977-78, já era de vanguarda. Defendia o quê? Constituinte, liberdade partidária, fim da carestia, era bem frente ampla mesmo! E a categoria era muito receptiva para isso. E é importante levar [esta questão] em consideração: a receptividade da população e da categoria. A gente fazia muita atividade de rua, muita manifestação. E aí, ganhamos o sindicato, eu sempre falo: temos grandes estrategistas que a gente, muitas vezes, não estuda, não conhece e não sabe. Pouca gente sabe a capacidade do Augusto Campos⁴⁰ [como estrategista]. E ele, falava: “Nós vamos organizar as categorias do Brasil inteiro. Nós vamos discutir sistema financeiro internacional”. Porque tinha o City Bank, tinha os bancos estrangeiros; então, o Augusto era um grande estrategista. Ganhamos o sindicato em 1979, e qual foi a primeira coisa que o Augusto foi fazer? Jornal Diário, um Boletim Diário, montado com *letraset*, artesanal – um negócio bem simples! E a maioria quem distribuía eram os funcionários. Não era nenhum dos dirigentes, porque os dirigentes queriam fazer agitação, não se dava a importância da ação cotidiana. Augusto organizou o Jornal Diário; as subdesdes; um sindicato maior do que o Vaticano! – 33 municípios! E todos têm subdesdes.

39. Leonel de Moura Brizola: Engenheiro civil, Brizola foi governador do Rio Grande do Sul (1959-1963) e duas vezes governador do Rio de Janeiro (1983-1987 e 1991-1994). Ingressou na política na década de 1940 pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) pelo qual se torna governador do Rio Grande do Sul. Como governador, liderou a Campanha da Legalidade que assegurou a posse do vice-presidente João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros. Com o golpe militar, viveu no exílio até 1979, e, no retorno, fundou o Partido Democrático Trabalhista. Em 1989, se candidatou à presidência da República, primeiro pleito depois da ditadura militar.

40. Augusto Campos: Foi presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo e Osasco (1979-1985) e vereador da capital paulista entre 2001 e 2004. Fez parte da oposição bancária de São Paulo cuja chapa saiu vitoriosa na eleição de 1979. Fez parte de uma geração de sindicalistas que construíram a CUT e o PT. Ainda sob o regime militar, liderou a primeira greve bancária após décadas, e foi um dos fundadores da Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito – SP (FETEC-SP).

Mas, a estratégia do Augusto para a primeira campanha salarial, qual foi a grande reivindicação? 50% mais três mil. O que era três mil? Três mil cruzeiros – não me lembro a moeda da época. Mas era uma forma de aumentar o piso. Qual era o piso salarial do bancário quando nós começamos? Era 1,2 salário mínimo, mas quando nós saímos da diretoria, eram quatro salários mínimos o piso do bancário. Então, é só ver hoje lá, a renda do bancário de hoje, enquanto o salário é R\$ 1.045,00, a renda dos bancários com ticket alimentação, ticket refeição, convênio médico e tudo, dá uns R\$ 5.000 mil reais. Então, ainda é cinco vezes o salário mínimo. Não é à toa que os banqueiros, como não conseguiram conter o crescimento do salário na organização dos bancários, eles acabaram com os bancários, terceirizaram tudo.

Não havia estudo e nem reunião com os bancos. Então, o Augusto começou a fazer reunião com banco, mas não era só o banco [público], eram todos os bancos, não é? E aí a gente vai se dando conta porque, por exemplo: o Itaú sempre tinha um policial, com carteirinha de bancário infiltrado no Itaú. Era o banco que era mais difícil de constituir, [organizar], um grupo de bancários [em suas agências]. Demitiam todo mundo! O Bradesco, não! O Bradesco era aquele jeitão simplório do interior, mas não tinha repressão pesada. Nós, por exemplo, paramos a Cidade de Deus e foi a primeira vez, em 13 de junho de 1983, que é dia do padroeiro Santo Antônio. E qual era o argumento que a gente usava? O Bradesco dizia que confiava em Deus, então tem que respeitar o dia do Santo. Então, é um modo diferente de fazer [a atividade sindical], era um modo de fazer pensando sempre na relação de cidadania. O bancário e o trabalhador são atores importantes na comunidade e é com a Igreja e com todo mundo, é troca de ideias com Igreja... E isso fez com que fosse crescendo muito. Uma outra coisa para crescer: como construía a data-base nacional? Que é uma coisa estratégica e que, o fato de os bancos serem nacionais, isso ajudou a gente a criar a data-base nacional, fazer a convenção coletiva nacional. E muita gente que ia fazer isso, não fez! Porque se a empresa não é nacional, para que ela vai ficar montando acordo nacional, se ela não é nacional? E a nossa grande dificuldade para fazer o acordo nacional [foi] a Justiça do Trabalho, porque a Delegacia Regional de Trabalho, a Justiça do Trabalho tinha a data-base diferente e valores diferentes dos salários dos bancários; e cada vez que a proposta de fazer um acordo nacional ia junto havia uma resistência também dos juizes que diziam: “Não! Vocês vão fazer o acordo nacional e nós vamos fazer... Nosso papel vai ser qual?”. “O seu papel vai ser fazer

cumprir o acordo nacional.” Mas os juízes diziam que não. “Não, nós temos autonomia, a lei nos garante.” E eu falei: “A lei não garante nada, quem garante é a correlação de força. Se os bancários vão à luta ou não vão à luta”. Então, essas experiências, conforme quem olha ou cria uma fantasia de que o sindicalista era o “capeta”, conseguia tudo ou então não percebe que tem uma série de fatores que envolvem o sucesso ou o fracasso da luta social. O pessoal não tem ideia do que é a importância do diretor representante. E o que fez Augusto na sua primeira experiência de diretor representante? Ele passou um mês dentro do banco até descobrir onde é que o banco “fazia” lucro – porque a mercadoria do banco é dinheiro, dinheiro é papel. Então: “Como ganha tanto dinheiro?”. E aí, ele foi estudando *overnight* e foi discutindo financiamento da agricultura, da indústria, da exportação; ele foi traduzindo a teoria para a prática e chegava no sindicato, para a reunião de conselho e ia explicando: “Olha, o que é fundamental?”. Então, por exemplo: quando nós paramos a Cidade de Deus com 24 mil pessoas, o que o banco pediu para a gente? “Olha, Seu Augusto...” – aquela conversinha do pessoal de lá – “Deixa a gente entrar com dez telefonistas”. Aí a gente falou: “Por que vocês querem 10 telefonistas?”. “Porque a gente atende o Brasil inteiro, eles ligam para cá e alguém tem que atender o telefone.” E aí: “Mas por que que tem que atender o telefone?”. “Elas operam, a forma de operar é o *overnight*.” Então, o Augusto falou: “Gilmar, então, greve, para ter sucesso, a gente tem que parar as telefonistas.” E lá vai Augusto fazer reuniões para conseguir telefonista, fazer festa para chamar as telefonistas e passar informação sobre o banco, como é que estava a greve, essas coisas todas. Da mesma forma: “Vamos fazer greve! O primeiro lugar que para: a compensação”. Parava à noite! Por que parava à noite? Porque eu, Zé Roberto, Irene, Maurinho! – nós tínhamos um “Exército de Brancaleone” de umas 10 pessoas e cada dia dos cinco dias da semana, iam dois, três ficar na porta da compensação conversando, levando jornal de banco, pegando a denúncia, e aí, parava a primeira compensação, parou na compensação, o banco já não podia abrir no horário, já atrasava a abertura.

E fomos montando subseções do DIEESE em vários Estados e estudando os bancos, os conglomerados, o sistema financeiro. Agora... E isso – outra coisa que foi importante que é: você tinha os bancos estaduais e os bancos federais, os bancos privados e os bancos estrangeiros. Os bancos estaduais e os bancos federais eram porta de entrada para fazer oposição sindical e para fazer as “ordens” da sociedade contra o patrão e contra a ditadura. O que fez a direita? Com o passar do tempo, acabou com os bancos

estaduais, de certa forma diminuiu a presença dos bancos federais e, com isso, diminuiu a capacidade da classe média de se organizar para fazer a resistência para melhorar a qualidade de vida. E isso é o que eu falo: o maior mal do neoliberalismo no Brasil foi descapitalizar e tirar o poder de autonomia dos municípios e dos Estados mais pobres, como o Nordeste. Você pega, na época de 70-80, o Rio Grande do Sul tinha uns 20 bancos; Santa Catarina tinha uns 15 bancos; Paraná tinha uns 10 bancos; São Paulo... São Paulo tinha 136 bancos; Rio de Janeiro, tinha uns 40 bancos; Minas Gerais tinha só bancos públicos – os bancos estatais de Minas Gerais eram 5! Minas Gerais devia ter uns 25 bancos! Pernambuco tinha uns 12 bancos. Todo o estado brasileiro tinha vários bancos, com o passar do tempo, eles foram acabando com tudo. Hoje, nenhum Estado tem banco! Nem banco privado, nem banco público. “Ah, mas você tem o Banco do Brasil e a Caixa.” Depende de São Paulo. Você pega o Banco do Brasil e a Caixa é por volta de 40% de tudo o que movimenta o Banco do Brasil, é em São Paulo. Então, assim, há um processo de concentração de poder financeiro e de poder político da economia neoliberal em São Paulo. É o que eu chamo de “Golpe Branco”. São Paulo foi fundamental para o golpe que derrubou Getúlio; São Paulo foi fundamental para derrubar o Jânio; São Paulo foi fundamental para fazer o AI-5; São Paulo foi fundamental para o neoliberalismo acabar com os bancos no Brasil inteiro e São Paulo virou o centro de tudo!

Bancários, metalúrgicos, rurais e a construção da CUT

O pessoal fica meio chateado quando eu conto essa história, mas é bom contar. Eu estive na direção nacional da CUT e a maioria era contra criar o ramo dos bancários. Se fosse votação, a gente perdia. Então, o que nós fizemos, eu e o Pereirinha, que era da Executiva, que era do Rio de Janeiro, do PDT, nós não pusemos em votação, a gente foi tocando a campanha salarial e criando o DNB (Departamento Nacional dos Bancários) e, quando o pessoal da CUT acordou, nós já tínhamos criado, né? Aí, o pessoal da CUT veio: “Não, você não pode fazer o ramo porque isso é visão corporativa.” E aí, eu perguntava para eles: “E qual é o país que não tem ramo?” “Ah, a Bolívia! A Bolívia tem COB.” Eu falei: “se tivesse uma economia diversificada, teria sindicato diversificado, lá só tem a COB e os mineiros e acabou!”. “Ah, você é sectário!” Eu digo: “Não, eu faço diagnósticos!”. Então, criamos o ramo – metalúrgicos; o ramo dos metalúrgicos e a CUT passou a ser uma

central sindical. Quando eu falo dos rurais, eu fui o primeiro secretário de imprensa da CUT. Então, o boletim nacional da CUT tinha a missão de ajudar a CUT a ser reconhecida pela sociedade e pela classe trabalhadora em primeiro lugar.

Tinha um jornalista chamado Pachalski⁴¹, que era um gênio. Então, eu disse: “Pachalski, no boletim tem que ter, no mínimo, quatro páginas sobre os rurais.” “Mas Gilmar, nós temos 40 sindicatos rurais [naquele momento], como é que vai ter notícia sobre rurais?” “Procure as notícias!” Quem é que tinha notícia dos rurais do Brasil, na época? A Igreja! “Então, procura a Igreja, nós vamos pegar a notícia sobre os rurais.” E aí, começamos, 40 sindicatos rurais e chegamos a ter 1.000 sindicatos filiados à CUT, de 4.000 sindicatos da CONTAG, 1.000 estão filiados à CUT. Só que isso foi um planejamento e um investimento. E eu brinco com o pessoal: “A revolução ainda passa pelo campo, ainda mais em um país continental como o Brasil que a maior riqueza vem do agronegócio”. Mas, quem vai se preocupar com o campo, hoje em dia? Porque não é à toa que teve os congressos da CONTAG e não saiu nada no boletim da CUT. E nem a executiva pautou o Congresso Nacional da Contag e, se analisar o resultado, foi a experiência mais bonita que eu vi depois da pandemia e depois da informática – do *home office*, né? Então, são 2.400 delegados de todos os Estados do Brasil discutindo, analisando e foram quatro meses preparatórios de seminários diários muito bons. E a CUT não discutia! Aí, eu fui tirar satisfação: “Por que não discutia?”. “Não, porque não é filiado a CUT.” “E a consciência de classe? E o planejamento estratégico?” “Não! Não tem mais.”

Vamos pensar assim: o que era o PT? O que foi que compôs o PT, compôs a CUT? O PT era composto pelos exilados que voltaram, pelo pessoal que não era Partidão e nem PCdoB, então era um pessoal não-enrijecido pela lógica “estalinista”, era um pessoal muito mais crítico, era um pessoal de classe média baixa com [alta] escolaridade. Então, nós éramos a “vanguarda dos sonhos e dos desejos”. Então, era uma coisa – é o que eu falo para o pessoal da Libelu até hoje: era uma visão libertária, não é? Agora, embora, do ponto de vista da escrita e do discurso que tem essa visão libertária, entre os sindicalistas não era tão libertária assim. Os bancários, desde 1977 faziam assembleia com delegados proporcionais ao número de pessoas na assembleia. São Bernardo – os metalúrgicos – só fizeram, só aceitaram proporcionalidade em assembleia quando o PCdoB tomou o sindicato

41. Flávio Pachalski foi assessor da direção da CUT entre 1984 e 1994.

dos metalúrgicos da Bahia e aí não deixavam o pessoal do PT e da CUT da Bahia vir para o congresso porque não dava quórum na assembleia. Então, eles flexibilizaram e aceitaram a proporcionalidade, porque em São Bernardo não tinha proporcionalidade – para poder ter proporcionalidade em outras regiões do país, né? Vamos pegar o exemplo da vanguarda. São Bernardo era a vanguarda na relação sindical interna, mas não era a vanguarda teórica. O que deu consistência para São Bernardo foi a aliança, a relação da base sindical metalúrgica com a Igreja.

Então, assim, essas transformações no curso sindical eram o desejo de uma vanguarda, mas não era uma realidade do pessoal do dia a dia do movimento sindical e nem da esquerda. E, por exemplo, na minha época, o sindicato: “Eu não vou devolver imposto sindical, não. Sabe o que eu vou fazer? Enquanto eu estiver aqui, eu vou comprar subsedes; vou comprar impressoras para fazer jornais de oposição; fazer formação sindical, vou bancar gente para fazer luta de classes”. E montamos um complexo gráfico imenso, montamos a rádio dos bancários, montamos subseções e fomos fazendo. “Agora, já estamos estruturados, vamos parar de receber imposto sindical.” A Justiça do Trabalho foi lá e decidiu que nós tínhamos que descontar o imposto sindical, mesmo que a gente não quisesse. Quando o Lula virou presidente [nos dois mandados iniciais], tinha que ter acabado com o imposto sindical. O imposto sindical era uma excrescência! É o filho que quer ser revolucionário com o dinheiro do pai, não?! Aí, não adianta, né?! E aí, o Lula disse: “só acaba o imposto sindical se for por consenso.” Tem coisa que o consenso não existe. Então, é claro que não teve consenso, mas tinha que ter acabado.

Mídia alternativa?

Por que não fez uma mídia alternativa? Por que não fez na televisão? Nós tentamos comprar a Manchete na época de 1980-1990. Acho que era 88-89. Falei: “Vamos comprar a Manchete. Como comprar a Manchete? Como é que a gente faz?” Fiz um estudo com o Serginho [Mendonça]⁴², com o pessoal, e se a gente entrasse com um terço do capital da Manchete,

42. Sergio Eduardo Arbulu Mendonça (1958-): Economista, trabalhou no DIEESE desde a década de 1980, onde foi diretor técnico entre 1990 e 2003. Foi secretário de Recursos Humanos durante o governo Lula e de Relações de Trabalho no governo de Dilma Rousseff. Desde 2023, ocupa o cargo de secretário de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho no Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos.

o governo entrava com um terço e as empresas privadas com um terço, ninguém teria maioria absoluta, teria que compor, sabe? Aí: “Ah, mas o Roberto Marinho vai ser contra”. “Ele vai ter que dizer que é contra.” A ideia foi evoluindo, conversando com os empresários, conversando com o *Estadão*, o *Estadão* gostou da ideia, daí: “Eu vou falar com Roberto Marinho.” E liguei para o Roberto Marinho, aí a secretária: “Quem quer falar com Roberto Marinho?”. “É o secretário geral da CUT.” “E o que o senhor quer falar com ele?”. “Nós estamos querendo comprar a Manchete e estão dizendo que ele é contra e eu quero explicar para ele que dá para comprar a Manchete e não prejudicar a Rede Globo.” “Ah, é? Então, espera um pouquinho!” Aí, daqui a pouco vem o assessor: “Ô, Gilmar, é isso mesmo é? E quem é que vem?”. “Eu vou com o Ferreirinha⁴³.” Então marcamos [a reunião]. No dia em que eu fui informar à executiva da CUT que a gente iria falar com Roberto Marinho, o Meneguelli falou: “Eu queria ir, você acha que dá para eu ir?”. Eu: “Claro que dá, Meneguelli, você é o presidente da CUT, não é? Você vai e você vai dar mais peso para negociar essa conversa com Roberto Marinho.” “Ah, então eu vou!” Aí fomos eu, o Ferreirinha e o Meneguelli, e eles disseram assim: “Nós vamos conversar com vocês 15 minutos, porque ele está [com problemas de saúde]”. Falei: “Não tem problema. Pode ser 10 minutos.” Chega na hora marcada, que era 16:00 horas, 16:30, e nada! E só vejo gente passar para lá e passar para cá e nada de nos chamar. Daqui a pouco, o advogado foi lá, me chamou num canto e falou: “Gilmar, porque você trouxe o Meneguelli?”. “Sabe por quê? Porque o Meneguelli quer conhecer o Roberto Marinho.” “É isso?” Eu falei: “É! Então, vamos entrar”. No encontro com Roberto Marinho com participação de Jair Meneguelli e Ferreirinha ficamos uma hora e meia conversando. Ele perguntou: “e qual é a ideia da Manchete?”. “É um meio de comunicação, de informação comunitária; não vai fazer novela, não vai concorrer com vocês em nada, vai ser formação social.” “Ah, então eu apoio! Pode botar no jornal aí que eu...”. O jornal *O Globo* comunicou que o Roberto Marinho não era nada contra. Quem foi contra? O Governo Federal, Ministério das Comunicações comandado, à época, por Antônio Carlos Magalhães! E não pode deixar porque, na época lá, era o pessoal de direita, “se não o Lula vai ser candidato e estará na televisão para fazer

43. José Domingos Cardoso – Ferreirinha: Nasceu em Santa Catarina, foi para o Rio de Janeiro e foi dirigente da JOC. No período da ditadura militar, esteve exilado na França. Integrou a Oposição Sindical Metalúrgica do Rio e depois foi diretor do Sindicato. Fez parte da direção da CNM e da CUT.

campanha para ele”. O Lula foi candidato, foi o melhor presidente do Brasil e sem TV Manchete... TV Manchete, falida!

O III CONCURTO

Aquele congresso de Minas Gerais [III CONCURTO, em 1988] foi um momento de você ter tudo para a CUT dar errado. O que estava em jogo ali, era isso, né? Era o pessoal que eu chamava de “Movimento Sandinista”. E o pessoal nosso, que eu diria que é o pessoal sindicalista. E o Movimento Sandinista – eu estive na Nicarágua durante a guerra, eu vi o que era tudo aquilo ali! Não tinha papel higiênico! A Nicarágua não produzia papel higiênico. Tudo era importado de El Salvador e dos Estados Unidos. Por isso que eu digo: “Não dá certo, um país que não tem economia, só cana-de-açúcar, não dá certo”. E o pessoal defendendo a visão sandinista aqui e espontaneísta. E eu dizia: “Está errado! Nós temos que ser central sindical.”. No caso do Congresso da CUT, era: “O que é que vai sustentar a CUT? É filiado ou não filiado?”. Quem participa do Congresso é filiado. O que é visão de frente e visão de aliança? O filiado sustenta e dá personalidade à instituição, que é a missão dela como [organismo sindical]. Os convidados, os que ainda não são sindicatos, entram aprendendo a formar sindicato e para ganhar aquele congresso foi um sufoco, porque todo aquele pessoal que vinha com apoio da Igreja ficou dividido! O pessoal rural tem a ver com outro movimento, não é? São Bernardo, bancários, o pessoal mais urbano, que tinha que ser central e sindical, não é? E aí, vêm as forças ocultas, mas tem que conversar com a Igreja, tem que conversar com o pessoal das instituições todas que nos apoiavam para poder garantir caráter de central sindical e saiu de 40 sindicatos filiados e, em um ano, já tinha 1.000 sindicatos filiados! E começou a organizar o sindicato para valer no Brasil inteiro. Deu um salto de qualidade!

A relação CUT/PT

Quer ver um outro momento difícil da CUT, que aparentemente foi calmo, mas determinava a CUT foi exatamente o da substituição da nossa equipe que estava lá (o Meneguelli, Delúbio, eu e todo mundo) por uma equipe nova. Aquela mudança já sinalizou uma CUT mais subordinada ao partido do que uma CUT autônoma do partido. Nós tínhamos tido... o PT, uma vez, resolveu acabar com as tendências internas e vieram tentar impor que

a CUT também tentasse acabar com as tendências internas dela. E nós falamos: “Não! Vocês acabaram porque vocês quiseram. Depois, quando der tudo errado, vão pedir ajuda pra gente.” E a turma da ADS: “Não, você é autoritário! Você tem que acatar a decisão do partido.” Eu digo: “Não. Eu não vou acatar, não. Nós vamos continuar com a Articulação.” Aí, ganhamos o congresso da CUT, o PT fez uma campanha eleitoral pífia, que era “secretário de ‘não-sei-o-quê’”, não podia dar certo, não é? “Socorre e ‘não-sei-o-quê’ mais...” Os cargos importantes todos! Ganhou a eleição e, daí, o pessoal veio pedir para a gente arrumar a Articulação no Brasil inteiro. E aí, arrumamos o partido de novo e o Lula foi Presidente do Brasil.

Eu vou contar a história do secretariado. Quando nós fundamos a CUT, ela ficava lá no Martinelli. E, um dia, veio o secretário geral da CUT Chile, que era um indígena. E conversou comigo, e eu conversando com o chileno lá e ele perguntou: “Lá no Chile a gente faz reunião executiva da CUT toda semana.” Eu falei: “Que legal! E como é que é?” “Porque como a maioria já mora em Santiago, a gente faz reunião toda semana.” “Não, aqui um mora na Amazônia, outro mora no Rio Grande do Sul, outro mora em Goiás. Então, a gente faz reunião de três em três meses, ou então, uma vez por mês.” Mas, para agilizar as coisas, nós inventamos uma coisa chamado secretariado. Foi invenção minha! Pegava o secretário que tivesse lá, a gente reunia para encaminhar as coisas. Não deliberava. Era o quê? Quatro, cinco pessoas ali (eu, a Silvia [Portela], o Edson [Campos], o Delúbio [Soares], o Jair Meneguelli), [Jorge] Lorenzetti⁴⁴, quem estivesse lá, a gente resolvia! Sem votação, sem briga. Tinha problema? Nós não encaminhávamos, deixávamos para depois. Aí, começou a dar certo. Que é o tal do consenso progressivo. Tá vendo? Eu com as minhas manias de tentar ficar facilitando coisas. Mas funcionava! Nós tínhamos, na CUT, 17 tendências, partidos e agrupamentos e quase que não tinha votação, era tudo por acordo; aí, o que acontece? Quando eu voltei agora para a CUT: “Vamos fazer reunião do secretariado!” E aí, parecia um casamento ou uma festa de São João. Quando eu ia ver, tinha 44 pessoas, deve ser para formar quadro, porque para encaminhar, aqui não encaminha nada. E continua com os 44. Agora, o pessoal quer transformar o secretariado em “instâncias deliberativas”.

44. Jorge Lorenzetti: Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é graduado, mestre e doutor em Enfermagem pela mesma universidade. Foi um dos fundadores da CUT e Secretário Nacional de Formação da Central (1986-1994). Foi o primeiro presidente da CUT-SC (1984-1987).

Desafios à ação sindical e perspectivas

Como é que vai ser o movimento sindical daqui para frente? Vai ser muito difícil porque a relação de produção agora, a relação de produção asiática – é a China que está dando as cartas no modo de produção – em comum acordo com a Alemanha, com os Estados Unidos, com a Europa. Não tem indústria latino-americana. Tem agricultura e aí, o padrão do salário, vai ser o padrão da agricultura, não da indústria. Então, você chega no *shopping* hoje, tudo o que você compra é assim: roupa de Bangladesh; é roupa do Vietnã; tinta de impressora da Malásia; algodão do Egito... E aí, o Brasil está ficando cada vez mais fora da pauta. E [onde está] a burguesia nacional do Partidão? Não tem! Não tem burguesia nacional. Os fazendeiros do Brasil? Não tem! O *agrobusiness* está na mão das grandes multinacionais de comercialização de alimentos. E você fala: “Onde estão os empresários brasileiros?”. Não tem! É tudo terceirizado, não é? Então, assim, a CUT, o PT tem que voltar e discutir: “Qual é o projeto que nós temos para o Brasil?”. Tem que discutir isso com as pessoas. “Ah, mas não é papel da CUT?”. É! A esquerda que não discute o projeto de país, não tem país. O país acaba. Então, nós fomos vendo que fomos elegendo vereadores, deputados federais, estaduais, senadores até o presidente da república. E tudo vindo de casca do mesmo pau, e qual é o mesmo pau? Teologia da Libertação, PT e CUT, não? E aí, chegou ao clímax, que foi a posse do Lula. Teria que ter dado um salto qualitativo? Teria! Com uma experiência dele como Presidente da República, mas como teoria de organização de base, o partido e a CUT, não avançaram nada – regrediram! Porque acharam que já não eram imprescindíveis – bastava o Lula resolver. Então, reforça a teoria do espelho: a direita copia a esquerda, no lado negativo, e a esquerda copia a direita. E tem que mudar, não é? O que é mudar? É transformar o sindicato em associação de caridade ou é reorganizar a luta de classe a partir das novas relações de trabalho que existem? Quer dizer, [no setor financeiro] você tinha um milhão de bancários e 500 mil terceirizados, agora você tem 2 milhões de terceirizados e 500 mil bancários. Então, ou os bancários organizam quem trabalha no sistema financeiro ou os bancários vão virar sindicato de médicos, sindicato de psicólogos, sindicato de engenheiros, porque os bancários vão ser somente aqueles que são gerentes de bancos. Os demais não serão [funcionários] de bancos.

Para onde está indo a CUT atual? A CUT atual é rural, funcionário público, servidores da educação, comerciários e sindicato dos funcionários municipais. Quer dizer, não tem uma relação contra o patrão. A indústria

ali, é 15%, banco, 12%. Então, você vai somando o setor de relação de produção de relação de produção histórico e vai dar 30%, no máximo! Então, o que nós temos que fazer de debate na CUT é: qual é a nossa visão da importância do agronegócio? Qual é a nossa visão da importância da agricultura familiar? Qual é a nossa visão das reservas ecológicas da Amazônia, das florestas, do Pantanal com a relação com o mundo? É isso o que a gente tem que fazer. Se você ficar na relação de emprego, a relação de emprego é exatamente isso: você vai ver que os funcionários municipais ganham dois mil reais por mês, três mil reais no máximo. E é esse tipo de economia que a gente quer no Brasil? Não é! Como é que melhora isso? Melhora informatizando o serviço público. “Ah, mas aí vai diminuir o número de empregados.” Não tem saída.... Estas ousadias, você não vê mais, o movimento sindical refletindo sobre isso. Os partidos políticos também não estão discutindo, porque eles têm que se reeleger, essa obsessão, essa necessidade de eleição, é angustiante, você vive em função disso. E a academia, que teria que ser pensante sobre isso? A academia também está tendo que pensar em complementação de renda... Porque um professor com cinco/seis mil reais, é muito pouco – sete mil reais, não?

O Brasil privatizou a educação, privatizou a saúde, privatizou o transporte, privatizou o setor aéreo, o setor naval, o setor hidrográfico. Tudo está sendo privatizado! Não tem Estado mais, na economia. Se acabar a Petrobrás, acabou o resto. A última coisa que a gente tem! E o brasileiro tinha que discutir isso. - “Ah, mas depois a gente reestatiza.” Não é assim, “reestatiza”, não reestatiza”.

Quando o Lula tomou posse [2003], havia 9 mil correspondentes bancários, quando a Dilma saiu do governo [2016], havia mais de 200 mil correspondentes bancários, [dados BACEN, 2022: 226 mil]. O nosso governo não fez nada para diminuir a fragilização dos terceirizados. Fez muito pouco, não? Quando o nosso governo concordou que o Itaú comprasse o Unibanco, ele, automaticamente, tem um banco com 100 mil pessoas, outro com 60 mil pessoas, você junta dois, não dá 160, dá 100. Então, 60 mil [postos de trabalho] foram para o ralo! E desses 60 mil, desses 50 mil foram para a Unibanco, que era um banco mais frágil, não é? Então, volto sempre ao Augusto Campos: “Você tem que conhecer as relações de economia e tem que conhecer as relações sociais.” O doméstico é uma coisa, ambulante é outro, terceirizado é muito próximo de ambulante. Quer ver um debate mais importante que a CUT nunca fez direito? Além dos terceirizados: a questão da mulher e do negro. Por que que tem cota

para mulher e não tem cota para negro? Eu converso com as pessoas, com dirigentes, mas em reunião, eu só vou em reunião que a gente faça uma questão de ordem que é: “Como vai funcionar essa reunião?”. Porque a pessoas já não confiam mais nela; se ela vai ser democrática no trabalho dela ou não vai ser democrática. Quando você perde a motivação para ir na igreja porque não gosta do padre, alguma coisa está errada. Se você não tira o padre, você vai perder a igreja. A CUT está assim, as pessoas estão perdendo a motivação de ir em reunião.



OLÍVIO DUTRA

Entrevista realizada em 10/05/2021 e 13/05/2021

PARTE I: 10/05/2021

PARTE II: 13/05/2021

DURAÇÃO: 174 minutos

Ex-presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre. Participou da CONCLAT e foi um dos fundadores da CUT e do PT. Foi deputado federal constituinte pelo PT do Rio Grande do Sul, prefeito de Porto Alegre, governador do Rio Grande do Sul e ministro das Cidades no governo de Luiz Inácio Lula da Silva.



Trajatória de vida e militância sindical

A greve dos bancários de Porto Alegre em 1962 e a estrutura sindical

O sindicato dos bancários já havia sofrido 13 intervenções quando eu cheguei em Porto Alegre, 13 intervenções! E aquela era uma direção eleita. Era um colega do Banco do Brasil – e, por sinal, muito boa pessoa: Luiz Carlos Mazui Cunha – já falecido. Um bom cara! Eu acho que era da esquerda, da área assim, de influência do Partidão. E eu também vinha de São Luís (RS) sem a ideia do que era uma discussão dentro do sindicato.

Eu perguntei para um companheiro mais antigo: “Vem cá...” – o apelido dele era “Pelegão”! Um apelido carinhoso, porque era um cara que lá na agência dele, na matriz, ele ia nas assembleias, mas antes ele convidava o pessoal e “Olha aqui Pelegada, vocês ficam aqui e não vão para a assembleia, depois querem saber como foram as coisas lá” e depois da assembleia, no outro dia, ele transmitia para as pessoas. “Olha, a assembleia foi assim, foi assado”. E o pessoal gostava dele e o apelido dele era Pelegão. Aí, eu vim a conhecê-lo. Um cara tipo de um bancário: de terno, de gravata – um bancário profissional. E aí, eu disse: “Mas, vem cá, Pelegão, esse troço aí, tu sabes que eu participei de uma greve de 1962, tu te lembras?”. “Claro que lembro, Dutra! Nós fizemos uma assembleia aqui [...] Mas a coisa estava tão ruim com os bancários...” – ele me dizendo. – “... que nós fazíamos as nossas passeatas no final do expediente aqui pelo centro da cidade, ali na Rua da Praia, não tinha esse calçadão aí, era paralelepípedo que tinha nas calçadas, e a gente, com a nossa camisinha branca, a gravata azul, nós pegávamos uma canetinha dessa, BIC (que já havia) e levantava a canetinha e levantava as nossas bandeiras. Bom, finalmente o Brizola mandou alguém nos chamar [para discutir sobre a

greve]. Entramos lá. Nós éramos uns 4-5 e o Brizola... A primeira reação foi: “mas, bah! Que barbaridade! É claro, vocês são bancários, estão aí nessa luta, eu estou sabendo, não é? Como que estão as negociações com os banqueiros?”. Até porque tinha alguém do PTB que era do sindicato dos bancos. E que tinha sido presidente do Banco Agrícola Mercantil que depois se transformou em Sul Brasileiro, na época era, ainda, Agrícola Mercantil, e esse cidadão era do PTB. E aí, o pessoal, logo: “Não está andando, Governador! E por isso, agora há pouco, nós acabamos de decretar uma greve!”. “Sim e daí?” – o Brizola disse para ele. “Bom, e daí, Governador, nós queríamos saber se não tem nenhum impedimento na porta dos bancos amanhã de manhã, da polícia, da brigada?”. “Mas e por que há de ter?”. E disse: “Não, não terá! Se é isso que vocês querem de mim, “tamo” acertado!”.

Era pouca gente para estar nesses locais, mas o certo é que no primeiro dia, o rádio, aquela coisa, ajudou um pouco, mas foi ainda fraca; mas no segundo dia já estava crescendo e a coisa estava se espalhando. No terceiro dia, então, ia ser um “troço” maior, mas foi exatamente no terceiro dia que aconteceu a convenção do PTB que ia escolher o sucessor do Brizola, o candidato a Governador que ia suceder o Brizola e ocorre que aquela convenção indicou para sucessor do Brizola esse cidadão, que era banqueiro, Egídio Michaelson – um banqueiro daqueles antigos que veio a ser... que foi indo por dentro da estrutura do banco, aquela coisa do “sujeito dedicado exclusivamente ao [banco]...” e acabou sendo também uma figura da direção do Sindicato dos Bancos. Ele foi indicado, uma eleição difícil que seria para o PTB, para o Brizola e o Brizola então chamou, nos chamou: “Vamos lá!”. O Governador disse: “Olha, vocês me pediram um negócio e eu atendi vocês, agora sou eu que vou fazer um pleito”. Esse Egídio Michaelson era essa figura. Então, “você não pode colocar essa questão no colo do nosso candidato Egídio Michaelson”. “Mas, Governador, ele era da direção do sindicato, quem sabe, o senhor não diz para o banco conversar conosco? Nós temos uma proposta, podemos negociar.” “Não, não! Não podemos fazer isso! Vocês têm que compreender que isso não vai ser fácil.” E aí, enfim, o pessoal viu que não tinha, não tinha como! Então, suspenderam a greve e no outro dia tinha a polícia na porta dos bancos, evidentemente, a brigada e tal para impedir qualquer piquete... Terminou a greve.

Eu tenho essa carteira de trabalho com aquele carimbo: “participou da greve”. Parece que foi agosto ou setembro de 1962. Aquilo era pra ti... no banco, tu não crescer dentro do banco e essas coisas todas – tudo carimbado. Então, conseguimos na justiça que o banco “apagasse” [aquelas anotações] e isso durou 10 anos.

Mas também eu fui vendo naquela greve de 62, que o sindicato era o sindicato oficial, o sindicato que dependia dos governos. O sindicato de antes de 64, era um sindicato, na verdade, de muitos pelegos, né? Nós começamos na nossa luta sindical contra os pelegos que eram aqueles que tinham eternamente cargos nos sindicatos. Não saíam das direções do sindicato e, às vezes, criavam outros sindicatos, para ter um número “x” de sindicatos na federação para criar uma federação para depois se candidatar a juiz da Justiça do Trabalho. Havia um processo de corrupção enorme no sindicalismo pré-golpe.

A agenda sindical no período e a luta contra a ditadura

Aí, quando estamos – agora em Porto Alegre – chegamos e havia dois bancários presos. Quando cheguei em Porto Alegre, eu não conhecia nenhum deles. Um era secretário da federação dos bancários. Esse era um deles que tinha sido preso porque ele estava ligado a um grupo de luta contra ditadura. E o outro era um querido vereador do PTB, muito ligado com os movimentos sociais, vilas, apoiando o pessoal que estava ocupando áreas, mas tinha que fazer chegar [a notícia das prisões]. Vários colegas em diferentes regiões colocaram [cartas] nos Correios em diferentes bairros da cidade. E três cartinhas envelopadas para cada uma das agências que nós pegamos o endereço na lista telefônica. E, naquele tempo, o golpe já tinha reduzido o número de bancos, tinha acabado com os pequenos bancos regionais. E tinha uma salinha na agência, que era pra tomar um cafezinho e um quadrinho para a gente colocar ali as notícias no muralzinho e eu trazia do sindicato as notas do DIEESE sobre política econômica da ditadura – o Delfim Neto baixando o salário nacional para todo mundo e escamoteando dados e aquela coisa toda! Se descobriu, então, aquela “tungada” no percentual do reajuste do salário mínimo – porque era o salário nacional. Aí, isso tudo nos fez... Então, aquele textozinho acabou chegando lá, e eu era o quê? O funcionário, o escriturário, encarregado da correspondência: de abrir a correspondência, redigir a resposta, ver os outros conteúdos e passar para o gerente analisar e nós temos que estar juntos para ver o texto redigido e encaminhado. Então, tinha essa relação com o gerente e o gerente chegou, pegou aquela correspondência – e nem abri, passei lá! – o gerente pegou todas as correspondências e me passou e, aí: “Seu Olívio, eu tenho aqui essa correspondência, eu sei que senhor vai no sindicato, eu vejo os ‘materialzinhos’, o pessoal comenta aí do DIEESE, essas coisas, então não sei dizer, esse texto aí é meio complicado, meio arriscado.” Fiquei

até meio surpreso. “O senhor faz o que o senhor achar melhor”, e o gerente disse pra mim: “Então eu vou fazer o seguinte: eu vou dependurar ali um no cafezinho e o outro eu vou dar para um colega, dois, ali que eu acho que podem se interessar.” “Não, tá bem! Sabe o que faz, né?”. Então, eu digo: “Bah, mas se aconteceu assim em várias agências, circulou alguma coisa, não?”. Mas é que no meu caminho tinha outras agências... Então, aquela notícia acabou circulando além do que vinha circulando, aí o presidente do sindicato foi lá mais vez para me dizer: “Olha, colega, tem um documento escrito, a pessoa que escreveu, eu acho que também não conhecia bem as coisas e eu não sei! O colega frequenta o sindicato, não é? E eu não sei se sabe ou não sabe – e essa não é a questão! – mas criou um problema porque os órgãos de segurança e a Delegacia Regional do Trabalho queria saber qual era o papel do sindicato em toda essa questão...”. E *bueno* eu disse: “olha, eu também recebi aqui e também achei...”. Mas aí ele me falou que, realmente, o sindicato estava proibido de tocar no tema da prisão daqueles dois bancários; não podia ter nenhum material do sindicato que tratasse disso, mas nem os da direção falar sobre isso! Então, não era por conta que nós colocamos ali que o sindicato estava... O sindicato estava obediente; o sindicato estava a servi-los, o sindicato... Nós adjetivamos! E, na verdade, o sindicato estava garroteado. Essas foram as minhas impressões do sindicato.

Agenda e discussões antes da CUT

É nesse período que eu conheço, então, a luta maior no país e essa luta contra a política econômica do governo e o percentual de reajuste naquele tempo. Nós fizemos campanha em torno disso, uma campanha nacional. Convidamos o Lula – e aí nós já tínhamos a Intersindical, que era uma relação do sindicato entre diferentes categorias e proibida por lei! Foi proibida! Bom, no dia 1º de Maio tinha a semana sindical oficial e tinha uma semana sindical que nós propúnhamos no grupo dos sindicatos. E fazíamos assembleias sim, às vezes convidávamos nossas famílias, filhos, material do pessoal do teatro, do pessoal das artes visuais comunitárias e nós íamos comemorando [de forma] diferente. Convidávamos pessoas para dar palestras, para conversar sobre a história do movimento sindical, história do povo brasileiro, essas coisas todas. E aí, foi um aprendizado muito grande. O teatro de Arena (Porto Alegre) foi muito parceiro, depois a cooperativa dos jornalistas foi uma grande conquista, dos jornalistas, que nos auxiliou muito nessa luta das diferentes categorias, as suas entidades

e seus sindicatos. E é isso que leva a que no final da década de 1970, já tenha essa discussão que o Lula levantou, levou para o Congresso dos metalúrgicos a ideia do Partido dos Trabalhadores.

No final da década de 70, essa discussão foi afunilando para ter primeiro uma Central Única dos Trabalhadores, não? O partido veio depois⁴⁵, porque antes de se pensar no partido, nós articulávamos as relações inter-categorias. Os metalúrgicos – e no caso de São Paulo, evidentemente, era o centro, porque ali se concentrou a indústria metalmeccânica do Brasil e, particularmente, automobilística. Eu fui várias vezes na frente das fábricas lá em São Bernardo e a gente tinha que ficar de cabeça para baixo para panfletar ali, porque lá passavam milhares de trabalhadores. Na minha panfletagem aqui, na frente dos bancos, eram 1.200 trabalhadores no banco; tu ias ver tinha algum, digamos, 60% bancário, outros eram escriturários, outros eram comerciários, outros eram financeiros e, outros, era a divisão da classe trabalhadora. O empregador era o mesmo e, no entanto, dentro da lei do próprio prédio da empresa, tinha quatro ou cinco sindicatos de categorias diferentes e o empregador era o mesmo. Então, nós também apontamos isso e: “Olha, nós defendemos um sindicato único, por ramo de produção e o fim do imposto sindical”. E com a possibilidade do sindicato de base ter uma representação no local de trabalho.

Além, evidentemente, das questões do reajuste digno acompanhando, não só a inflação, acompanhando também os enormes lucros dos bancos, a jornada de trabalho, a questão – naquele tempo nós chamávamos de “mecanização”, na verdade, era a tecnologia que estava chegando à máquina, substituindo muitas tarefas repetitivas e estressantes – e os bancos ganhando muito com isso e a categoria... muito pouco, aliás, até se reduzindo numericamente. Claro, que também precisando se especializar. Então, na época da greve de 1979, já se percebia que a grande base dos bancários não era [constituída] dos bancários profissionais de anos anteriores. Era uma base de juventude, juventude da classe média a baixa, juventude que vinha do interior para cidade para [encontrar] um trabalho que possibilitasse estudar.

A CONCLAT

Então, nós tínhamos uma certa resistência à questão partidária, mas a luta estava levando por um caminho que não podia ser ignorado, porque a organização política e partidária era fundamental, e, aliás, uma forma de

45. Na verdade, o PT foi fundado em 1980 e a CUT em 1983.

enfrentar a ditadura e os seus partidos do “Sim!” e do “Sim, Senhor!”. Era preciso lutar por uma pluralidade partidária. E, portanto, os trabalhadores não ficarem diluídos em partidos que não tinham os interesses da classe trabalhadora como razão da sua formação. Então, aos poucos esse sentimento de resistência à política, à formação partidária, ele foi desaparecendo pela realidade da vida. Pelos embates, por quem realmente estava com uma ideia de “cada macaco no seu galho” – os trabalhadores tinham que obedecer, o trabalhador tinha que trabalhar, o trabalhador tinha que se esforçar para produzir mais e alguém, alguns dos seus representantes desses outros setores, tratavam de legislar, de organizar, de orientar, de tratar da segurança, de tratar de tantas outras coisas. As ideias foram se clareando... E não houve ninguém que de uma hora [para outra] se sentiu “iluminado”. Isso foi um processo que nos levou a entender que não tinha como levar uma luta exclusivamente categorial ou sindical ou econômica. Essas coisas se entrelaçavam. A própria estrutura sindical era uma estrutura política, do tempo ainda da ditadura do Vargas, da herança do fascismo, capítulo 4 lá da organização sindical da CLT, não é? Por que não se cumpriu as coisas da OIT. E, assim, foi se tornando mais consistente a ideia de um Partido dos Trabalhadores. Claro que tinha essa coisa de “Um partido sem patrão!”

Em um desses momentos de grande entusiasmo da criação, tinha uma faixa dependurada assim: “PT – Partido Sem Patrões”. E, evidente que tinham muitos de nós, que pra trabalhar tinha que ter alguém cuidando dos filhos, tinha que ter alguém fazendo os trabalhos domésticos. Então, o que era empregado, o que era patrão? Chegaram a ter discussões assim, dessas questões: o que era classe trabalhadora? Era só o operário de mão calejada? E, evidentemente, um centro operário como São Bernardo, São Paulo e outras regiões, essa categoria de trabalhadores tinha um peso enorme e que hoje já não tem mais. O Partido dos Trabalhadores não é aquele do partido operário. Mas você tem que ter uma visão de crítica ao capitalismo se você não é capitalista. O dinheiro é uma mercadoria e quem é mais esperto, é mais sagaz, tem mais estrutura, dessa ou daquela forma, faz isso crescer a seu favor e não há trabalhadores que vão ter o que lhes cabe quanto operadores, produtores de uma mercadoria ou de um bem ou de um serviço. Então, essas questões todas vinham à tona.

Nessas discussões, apareciam posições as mais variadas, claro, e também começou a aparecer uma coisa mais arrefriada com os companheiros dos PCs, tanto do Partidão, quanto do PCdoB, quanto de outras forças, dentro

do campo da esquerda, apareciam frações. Então, começou isso a aflorar e, no meu entendimento, nós não podíamos estimular isso, mas também não podíamos fazer de conta que não existia. Precisava ter uma pluralidade – que o Lula tinha, o Lula tinha! E eu penso que ele ainda tem. Trabalhar com essa pluralidade, com essa diversidade. Então, eu acho que foi uma escola muito rica de ensinamentos, exatamente pela diversidade, pela pluralidade. Esta questão era uma discussão: o tema da pluralidade ou unicidade sindical. Evidente que nós não éramos do time da ideia... para nós, o sindicato único por... ramo de produção. Por exemplo: o banco lida com dinheiro, funcionários ali não podem ser um economista, o outro bancário, o outro é... secretário, o outro é vendedor de papéis, não sei o que mais. Os trabalhadores podem ter entidades que representem esses setores, mas que unifiquem essa luta. Então, nós tínhamos essa ideia. Havia também a questão de uma discussão de unicidade sindical, sindicato único por ramo de produção – sempre tinha como distinguir. “O que é isso?” E nós sempre nos opusemos. Há grande campo na área oriunda do movimento sindical que tinha uma [concepção] vinda mais das igrejas e, particularmente, da base. Da base transformadora da Igreja Católica, das comunidades de base. Então, esses dois campos tinham mais unidade nessa visão. E um sindicato único por ramo de produção que possa se organizar numa central única e que nós pudéssemos ter todas as categorias e seus sindicatos, suas representações contempladas e tem que ser democrática, portanto, tinha que ter instâncias que fossem construindo de baixo pra cima essa entidade e uma direção que não se burocratizasse, que pudesse estar sempre em uma relação direta com a base e a base também numa cobrança ou num acompanhamento da luta. Então, tivemos bastante discussão, debate sobre isso, trabalho, não é? Estudos e gente que nós trazíamos, gente da Espanha, daquela experiência que eles desenvolveram lá, das *Comisiones Obreras*... Então, naquela época se nós tivéssemos acabado com o imposto sindical, nós íamos sair por cima da coisa com o nosso conceito. É a seriedade do tema. E nós abdicamos disso e quando o movimento sindical se enfraquece depois dos sucessivos golpes, depois do golpe de 2016, vem essa flexibilização das leis trabalhistas e o patronato é o primeiro a querer, não é? A liquidar com os sindicatos via o fim do imposto sindical ou a não cobrança das contribuições em folha definidas em assembleias. Então, para o sindicato recuperar uma coisa que na história dele, ele nunca fez, não? A história do movimento sindical, dos sindicatos, nunca... lá no início quando eram associações de socorro mútuo, os trabalhadores antecipavam, pagavam isso, aquilo para socorrer um ou outro que estava mal, apoiar a

família, mas, depois da institucionalização do sindicato, essa questão da sobrevivência econômica, financeira, autônoma, desapareceu! Por quê? Porque o imposto sindical está ali, ao alcance. Então, agora com o fim do imposto sindical, tem que fazer o que não foi feito por décadas e isso não é fácil. Nós, do sindicato, dos sindicatos combativos, de oposições sindicais, nós já praticávamos uma política de conscientização da contribuição político-financeira para a entidade. Tanto que nós nunca tivemos problema com os impedimentos que as delegacias regionais do trabalho faziam, ficar gastando em panfletagem, em agito, o dinheiro do imposto sindical – porque, na visão deles, não podia. O imposto sindical é para fazer assistencialismo, não? No máximo, é uma biblioteca! O que é bom! Nós gastamos um bom dinheiro organizando bem as nossas bibliotecas. Mas as outras atividades, de agito, de “algo que valha”, nós sustentávamos com a contribuição direta em assembleia. Tínhamos um grau de sindicalização muito grande. Depois disso foi se desmilinguindo e, até posso dizer que, com a criação das centrais, ao invés de aumentar a sindicalização, ela estacionou e começou a diminuir. Eu tenho problemas sérios que nós lá atrás, certamente, não equacionamos bem, não resolvemos bem, contingências e situações de a gente estar aqui e ali, levaram que nós ficássemos engasgados com essa questão. Mas, eu penso que hoje nós estamos com mais de dez centrais sindicais, não? E qual é a força que elas têm? Eu acho que a CUT tem uma maior representação e uma capacidade de mobilização, mas muito aquém do que tinha, teria que ser, [se] nós lá, antes do CONCLAT, pudéssemos ter dado uma organizada mais transformadora e menos [institucional]...

Constituinte

Eu fui eleito para a Constituinte e a própria CUT colocou a importância de eu participar desse tema lá no [Congresso], mas nós éramos poucos, né? Nós éramos 16 – se eu não me engano! – integrantes da bancada do PT e com origem sindical. O Paim, eu, o Lula... E a gente não podia estar em todas [as comissões na Constituinte] mas, a gente percorria sim, influía, debatia. Essa era uma questão que nós debatíamos, mas na estrutura sindical, a gente estava lá. Com mais frequência também a gente lidava com essa questão da organização comunitária, do espaço urbano, da regularização fundiária, do transporte coletivo, enfim, saneamento. Porque na luta sindical, nós sempre estávamos levantando essas questões.

Lembro que no debate do capítulo 4º da CLT, como trabalhar a estrutura sindical, a nossa posição era contra, era contra a extinção do imposto sindical, mas isso até o debate realmente ali... Quando começou a ficar tensionado e tal, o Lula ficou distante desse debate, o Lula não quis mais “enfogueirar” esse debate. E o certo é que se liberou o voto da bancada do PT. Eu votei pela extinção...

E muitos do PT votaram pela manutenção. E no campo geral, os partidos de esquerda fizeram um acordo com a CNI (Confederação Nacional da Indústria). Porque os patrões também tinham interesse, pelo menos até aquele momento, no dinheiro do imposto sindical. Eles têm muitos sindicatos, eles têm uma estrutura poderosa com base no imposto sindical, além das associações e tinha o imposto sindical.

Desafios atuais à ação sindical e perspectivas para o futuro

Eu também me faço essa pergunta, aliás, essa pergunta é antiga: o que fazer? E eu não tenho nenhuma experiência definitiva, nenhuma solução mágica, mas também vejo que o sindicalismo está vivendo uma crise e essa crise também não é recente, ela vem de longe, não? O sindicalismo brasileiro já vem sob o controle do Estado de muito tempo, desde a época do Getúlio⁴⁶. A CLT foi uma legislação avançada para a época, inspirada inclusive no fascismo; era para conter o socialismo, comunismo e [para] os trabalhadores não se encantarem com esse tipo de discurso, e não compartilharem com o “capital”, com o resultado no desenvolvimento. Para a época foi um progresso, evidentemente! Porque antes disso a questão social era uma questão de polícia – continua sendo de polícia, mas mais sofisticadamente. O capítulo quarto da CLT colocou o sindicato como uma espécie de repartição pública, através do imposto sindical, que, aliás, também é apropriado pelos sindicatos patronais. Não tem aí um dado que patrões e empregados usufruem do imposto sindical, que o Estado garante como uma receita para essas entidades, contanto que

46. Getúlio Dornelles Vargas: Presidente do Brasil nos períodos de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954. Nascido em São Borja (RS), chegou à presidência com a Revolução de 1930 que derrubou a República Velha. Em 1937 instaurou o Estado Novo, que limitou as liberdades democráticas. Foi deposto do governo em 1945 e retornou por eleição em 1951, governo interrompido em 1954 por seu suicídio. Seus governos foram marcados por uma política governamental de industrialização mediante a implantação de uma indústria de base no Brasil, no período foram constituídas a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a Companhia Vale do Rio Doce e a Petrobras. No governo Vargas foi realizada, em 1943, a sistematização da legislação trabalhista que culminou na Consolidação da Leis Trabalhistas (CLT).

elas estejam limitadas às coisas que interessam mais para o Estado e não para o movimento social, trabalhista, reivindicativo, transformador e até libertário – como era antes o sindicalismo das associações de socorro mútuo e do sindicalismo anarquista.

Então, havia movimento de trabalhadores que as direções sindicais não tinham controle ou fugiam da capacidade dessas lideranças do sindicalismo oficial. Então, isso lá no golpe de 1964, deu sequência aqui para que aquela estrutura sindical permanecesse. Tanto que eu participei como presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre de uma movimentação intensa, mas nós já vínhamos de uma discussão sobre o sindicato como uma entidade de interesse dos trabalhadores, não uma entidade de interesse do governo ou do Estado.

Lá, no período de ditadura, os trabalhadores se organizaram de forma independente nas bases das diferentes categorias, através de oposições sindicais e de poucos sindicatos que, mesmo nas limitações do Ministério do Trabalho, das delegacias regionais do trabalho, das secretarias do trabalho, dos estados, mesmo com tudo isso, se foi desabrochando uma ideia que evidentemente trouxe aí de volta alguns sonhos, né? Mas entendendo que o sindicato também não podia voltar pra trás, não podia ser uma associação de socorro mútuo... Eu acho que é por aí que surge a CUT. E depois dela ou antes dela ou com ela, as outras centrais. Ela é contra a visão dominante do Estado sob controle dos de cima e, particularmente, o estado ditatorial. Acho, no entanto, que nós continuamos dependendo de recursos, na sua maioria, do imposto sindical. Não se teve tempo ou disposição, naquele período, de garantir uma receita própria, originária, defendida em assembleia, garantindo por lei, inclusive, que o patronato descontasse na folha de pagamento esses recursos. Decididos em assembleia e que isso valesse para o conjunto da categoria, não só para os associados, mas os sindicatos têm que trabalhar também na visão de associar e poder representar, mas essas formalidades, às vezes, não dizem tudo. Precisa que o sindicato seja referência, símbolo da luta da classe trabalhadora e essas coisas todas. Eu acho que nós, na Constituinte, mostramos o movimento sindical de modo geral em suas diferentes correntes, tendências, as [questões] centrais, diferenciadas, uma pujança, e influímos bastante na estrutura, nos direitos sociais, trabalhistas, individuais e coletivos.

O sindicalismo, de um modo geral, está fragilizado. Fragilizado não só por conta disso, mas também porque a legislação, a alteração da legislação, a flexibilização das leis trabalhistas, tudo isso não foi uma coisa assim, que

surgiu de repente. A classe dominante adquiriu tal poder que ela, de cima para baixo, impõe e isso também veio muito pela forma como o movimento foi se adaptando, se adequando nas lutas, não foi ligando a luta econômica com a luta política, cultural, não é? Enfim, informação e descentralização, instigando organizações mais variadas para que surgissem lideranças de base. A composição do Congresso Nacional, foi cada vez mais de centro-direita, já no governo Lula (2003-2010) era uma composição, majoritariamente, não tinha nada que ver com o símbolo do Lula, com o projeto que ele representava simbolicamente para a maioria da população e foi exatamente por falta de uma discussão política mais intensa das entidades sindicais, das entidades do movimento social. O voto foi um voto que não ligou a necessidade de mudanças representadas pelo Lula, como aquela de ampliar e consolidar uma bancada no Congresso, capaz de ter também respaldo [no legislativo]. Não! E, então, o que aconteceu? Evidente que as composições... Aliás, é próprio da democracia, nós não queremos uma democracia que se acomoda às coisas, mas como seria governar com a maioria no Congresso Nacional? E não só indiferente ao projeto que o Lula representava, mas contrário a ele. O Lula tem capacidade de trabalhar essa questão, mas não abdicando também de muitas coisas, recolhendo certas demandas para poder balancear. Então, isso, o movimento sindical foi também entrando no governo “nosso”, do governo do campo democrático popular e também ali foi, digamos, se neutralizando.

Agora, retomar o caminho não é, simplesmente, voltar para trás, mas, evidentemente, não pode ignorar o passado, as experiências antigas, as lições, tirar lições dos erros, dos acertos, dos limites, mas também das potencialidades de um país que tem uma enorme classe trabalhadora. Não pelo sujeito específico, a classe operária! A classe operária é parte da classe trabalhadora. Houve transformações no capitalismo, nas relações de trabalho, na forma que se fabrica em série, em linha, em grupos – enfim! Muitas funções, muitas profissões desapareceram, foram substituídas por outras e a ciência e a tecnologia, quer a aplicação dela, ao invés de melhorar as condições de vida, qualidade de vida ou saborear a vida para a classe trabalhadora, não, pelas mãos da iniciativa privada e de governos que representam essa tecnologia, ela não possibilita uma readequação instantânea ou simultânea do fim de uma profissão, com qualificação do trabalhador ou da trabalhadora, para não ser desempregado e continuar exercendo função criada, inclusive, pela tecnologia em outra área, em outro setor e, às vezes, no próprio ramo!

A grande luta nossa é a redução da jornada de trabalho, sem a redução de salário – a tecnologia tem que ser para isso! Para possibilitar que as pessoas possam viver sem um trabalho estressante, repetitivo e poder produzir, ter maior produtividade e maior integração na sua comunidade, na sua categoria, na entidade, na escola, na cultura, na leitura, na vivência comunitária, nas relações familiares, enfim! O ser humano [deveria] ser o maior beneficiário desses avanços! Mas, a tecnologia na mão dos grupos privados, das grandes empresas, dos seus representantes, aquilo ali ao invés de resolver os problemas, ela cria novos problemas e a desigualdade permanece. A necessidade, portanto, da luta organizada dos trabalhadores é algo constante.

Evidente que as centrais sindicais, os sindicatos, as associações, as entidades, têm muito o que fazer! Quer dizer, longe de ter perdido as suas funções ou as suas finalidades, está mais claro o que é fundamental: é o povo trabalhador se organizar, pensar, se atualizar; [para que] as entidades sindicais não sejam do domínio de uma direção que nunca renova. Lidar com o cidadão, lidar com as políticas públicas de transporte, saúde, saneamento básico, acesso à cultura nas suas mais variadas formas de representações; o sindicato tem que ser um Sindicato Cidadão/Cidadã.

Tem um contingente enorme de trabalhadores assalariados que não têm entidades que os representem e que lute por eles, não têm essa cultura. E o capitalismo, na sua fase neoliberal, instiga o tal do “empreendedorismo”. Cada indivíduo é empresário de si mesmo, então tem trabalhador que compra uma moto a prazo, em prestações, e vai trabalhar com o delivery que são as entregas, ele é patrão de “si mesmo”. Quem paga a previdência dele? Se ele quiser ele que pague, se não ele vai ficar sem nenhum fundo para a hora que precisar desse amparo. E não tem, se ele se acidentar tem que se virar com a família; se a moto tem um desastre – ou qualquer coisa! Um acidente de trânsito *bueno*! Ele perde a moto que está pagando em prestação. É uma situação que “é cada um por si, e o diabo pelo resto!”. Essa é a visão do capitalismo na sua fase neoliberal, mas que o discurso das lideranças, os quadros da intelectualidade de centro-direita querem, de certa forma, naturalizar isso como uma “grande saída”. “Não tem que estar lutando mais por emprego, por trabalho!” Quer dizer: “estou trabalhando, não estou empregado, eu não preciso ter carteira assinada, não preciso estar registrado aqui, ali, eu quero trabalhar!” Esse é o estímulo do capitalismo na fase mais liberal. Agora ninguém está aí atrás de emprego, se assegurando em uma repartição pública ou em uma empresa com estabilidade, não!

Agora cada um pode escolher ficar aqui um pouco, sair dali, vai pra lá, né? E nunca vai poder se aposentar dignamente. A não ser que, evidentemente, ele entre em um terreno da especulação – que também o sistema capitalista neoliberal que cria outras coisas, como é, por exemplo, especular na bolsa, virar um cara que não faz outra coisa senão ver como é que pode pegar um papel de dívida pública e jogar naquilo ali e ir ganhando dinheiro sem produzir emprego. E tem gente que, da noite para o dia, ganha milhões sem produzir um único emprego na roleta dessa mesa de negócios financeiros. Então, isso também é atrativo. A gente vê ali quantos jovens estão trabalhando nessas mesas, as bolsas. Bolsa de Nova York, de São Paulo. É um sistema naturalizado no capitalismo.

É um conluio, uma relação integrada do capitalismo e os trabalhadores estão atomizados! Atomizados, com um empregador poderoso e ele faz questão que os trabalhadores não estejam aglutinados em uma organização forte, poderosa, mobilizadora, representativa. Para eles é importante que tenham diferentes entidades, diferentes sindicatos ou associações, que ele vai negociando por parte.

O sindicato pode representar outros trabalhadores não-sindicalizados ou desorganizados, sem referência. Ele pode ir atrás, ele pode buscar, instigar a organização, pode incluir nas defesas dos seus direitos. Então, não é uma tarefa simples, qualquer, e nem de solução mágica e imediata, mas que é uma tarefa importantíssima que a gente deve se dedicar e que tem muitos companheiros e companheiras se empenhando nisso, se dedicando e sem pensar no resultado imediato, na promoção pessoal. Então, eu acho que há um processo na base da sociedade brasileira, na classe trabalhadora, de inconformismo, digamos, que se transforma ou já tem indignação e isso também deságua num processo de fortalecimento dos movimentos e na estrutura capaz de tornar os movimentos, não apenas um fogo de palha, uma coisa passageira. Eu acredito nisso! Eu tenho essa esperança.

Sindicato e a cidade/sindicato cidadão

De maneira geral tem muito a ver com o cotidiano da vida da classe trabalhadora e a importância da sua organização, das suas entidades, sem dúvida. [A entidade sindical] fazia uma proposta de salário, de condição de trabalho e não discutia as relações da indústria com o desenvolvimento, com os outros setores, como a instalação da própria indústria no espaço urbano, a relação da moradia, relação da mobilidade urbana, as distâncias que têm

que percorrer, não é? De que forma vai e volta do trabalho gastando 4 horas por dia só na mobilidade urbana. E qual o tempo que sobra pra ti, para participar da vida social, comunitária, sindical e até mesmo familiar? Isso é do interesse da classe trabalhadora de pensar a cidade, o planejamento dela; é importante também discutir a lei orgânica do município quando chega essa oportunidade, evidente! Mas aí o nosso povo acha que elegendo um vereador, uma vereadora da classe trabalhadora, já está participando. É uma forma de participar, mas joga na institucionalidade e joga com o companheiro em um espaço dominado pela elite. Então, tem que ter movimento na base, por trás dessas lideranças que vão para esse espaço, mas nós, não raro, nós somos substituídos pelos nossos próprios companheiros que elegemos para cargos legislativos, não é? Por quê? Porque ao invés de eles nos representarem, eles acabam nos substituindo. Por quê? Porque recuamos da pressão de base, do instigamento, da cobrança, do apoio, do respaldo. Eu acho que houve, sim, muito problema dessa natureza. Diferentes governos que assumiram os municípios, os estados, a própria União do país, não é? “Ah, mas agora o governo é nosso, temos o metalúrgico, temos bancário, temos professor, temos gente das nossas categorias, do movimento nesses espaços, portanto, não convêm a gente criar problema para eles, além dos problemas que eles têm com enfrentamento, com estrutura de um Estado, montado para atender os interesses do grandes”. Não, pelo contrário! Tinha que manter pressão! Manter pressão nessa questão de quando assume o governo, mantém a caneta para dizer: “Não, tem estrutura do Estado, jurídica, legal, legislativa, enfim!”. Há que continuar exercendo pressão de baixo para cima, se não, nós elegemos as pessoas e elas têm que se movimentar em um espaço em que a representação da classe trabalhadora é minoritária, na maioria das câmaras de vereadores, na maioria das assembleias e, no congresso nacional nem se fala, não? E tu elege o prefeito, elege o governador, presidente da República, não é? E não elege, com eles, uma força que deveria vir de baixo. Por quê? Porque essa discussão não é só no espaço eleitoral, do ano eleitoral, quer dizer, construindo novas lideranças, uma escola de formação política que não é a formal, mas passa também por ela, quer dizer, a conscientização. E não é alguém professor e os outros são alunos, não! Nós somos, como dizia o Paulo Freire: “nós vivemos situações ao mesmo tempo de educandos e educadores!”.

Eu penso que essa questão do Sindicato Cidadão é isso: é pensar a cidadania que não atua apenas como produtor do que é, digamos, o objetivo da empresa onde tu trabalhas. Tu és o produtor daquele objetivo que a empresa

lucra com ele, então tem que exercer a tua cidadania. Como tu chega na empresa?. Tem que ter, usar o transporte coletivo ou tem condições de ter seu próprio transporte, mas assim mesmo tem que ver qual é o custo da gasolina, qual é o custo do seguro do carro, IPVA – essas coisas todas! Tudo isso tem relações com a condição de trabalhador, de prestadores de serviço, de produtor de algo, então o sindicato tem que relacionar essas coisas. Eu acho que a ideia do orçamento participativo possibilitava – e possibilita! – isso! Mas tem muito ainda a ir adiante. Alguns aqui na minha experiência, na nossa experiência aqui no Rio Grande, no [âmbito] municipal e estadual, os trabalhadores, suas entidades foram grandes, grandes parceiros, evidentemente. Raríssimos eram os que ficavam de longe, ignorando e tal.

Eu vejo as relações com o movimento social, popular, comunitário de bairro, de vila, né? Na pequena comunidade dessa ou daquela religião, enfim, opção de vida, tudo isso faz parte de uma visão da sociedade, não é? E tem todo direito de reivindicar direitos, lutar por eles e não perder direitos. Eu lembro quando eu ia nas portas – eu ia aqui nas portas dos bancos da minha categoria! – e a gente levava material que a gente trabalhava, discutia que ia ali e tal, ia nos bairros, ia nas igrejas, ia no CTGs – que aqui também tem – (Centro de Tradição Gaúcha) de noite, assim, quando era tarde, depois do expediente. O CTG, as igrejas, a casa paroquial, e igreja não só católica, mas protestante, das alemãs, enfim! E, às vezes, não eram muitas pessoas, às vezes era cinco ou seis, na nossa eram 10, eram 15, depois eram 30 e aí as coisas iam indo e, se conhecia pessoas, se conhecia realidades, se via que eles queriam e ajudar também! Quer dizer, conhecer melhor as coisas, né? Eu acho que tudo isso ajudou, tudo isso foi formando a gente, consolidando uma visão de relações múltiplas, plurais, mas com um objetivo, com uma finalidade construída coletivamente. A construção coletiva não pode impedir a individualidade. Agora, a individualidade não pode ser o individualismo, o egoísmo, então tem todas essas questões. Às vezes, tá no “fio da navalha”. O que é a individualidade? O que é o individualismo? Bom, o sistema capitalista e sua fala neoliberal instigam o individualismo, o egoísmo, cada um por si e tal. E o empreendedorismo é uma conversa deles para as pessoas se desgarrarem da relação comunitária, do sindicato, da associação, da construção coletiva de um caminhar.

De repente, a gente não foi melhor do que os dirigentes atuais. A conjuntura política da época, as relações sociais, um pouco da história vindo até ali, o que se apresentava no momento era sempre uma coisa que não nos deixava evidentemente ficar quieto ou paralisado ou omissos ou apenas admirando.

É claro que estamos nesse processo, estávamos no meio do rodoinho. Eu acho que tem outro rodoinho aqui de novo. Então, tu dizes que “aquela geração tá envelhecida”, eu diria que não! Aquela geração – os que estão vivos – tem, certamente, mais experiência, vivência e, também, experiência de erros e de acertos, evidente; de limites e de potencialidades; tem que tirar lições disso e tem que transmitir isso, as suas inquietações. Nenhuma experiência – mesmo aquelas da criação da CUT – são definitivas.

Um novo mundo é preciso, é necessário. E esse novo-mundo não pode ser banalizado pelo mercado, pelo consumismo, pelo capitalismo na sua fase neoliberal. Então, já tem que ir lançando as bases disso e, também, dando exemplos, para não estar falando uma coisa e praticando outra. Então, essas relações não podem ser relações unidirecionais, temos tantas formas de o povo se organizar, e os sindicatos têm que dialogar com as suas diferentes formas de o povo se organizar, se reorganizar. Então, se organizam para coisas, às vezes... O povo se organizar, às vezes, para a cultura deles se romper com a cultura de cima pra baixo e ele poder ouvir a si mesmo.

Agora, para nós, essa democracia é a tática atual da classe dominante no Brasil. Para nós, essa democracia é um retrocesso, nós queremos a radicalidade democrática, não reduzir os espaços do povo para ser sujeito da política, de controlar e formular proposta, acompanhar execução de projetos, né? Nós queremos ampliar o espaço de participação de controle público, o estado, para funcionar bem, o estado democrático de direito, tem que estar sob controle público e não sob controle privado ou pessoal de quem quer que seja! Então, nós temos, as nossas entidades, de trabalhar nessa direção, sabe? Que cada ser humano possa se assumir como cidadão, como sujeito, como objeto das políticas. E a política não pode ser criminalizada! É claro que a política do “toma-lá-dá-cá”, do “é dando que se recebe”, essa é a política que nós sofremos há décadas – até há séculos. A política como uma construção de um bem comum, com o protagonismo das pessoas. Isso é baliza para nós. Foi uma busca da democracia com a radicalidade da participação consciente. Então, aí têm várias experiências e situações de avanços, recuos, limitações, enfim... Evidente que não me iludo e nem quero iludir as pessoas, mas na “caixinha de Pandora”, quando foi aberta, saíram todas as maldades dali, e a última coisa que ficou lá no fundo foi a esperança. Há esperança.

Eu fui várias vezes com o Lula, com meus companheiros lá em São Bernardo, na porta da Mercedes, na porta da Volkswagen, aí não eram 1.300, eram 3

mil, 4 mil trabalhadores chegando. E tu tocando, ficava de cabeça baixa tocando o material para o pessoal pegar. As empresas começaram a trazer os operários de ônibus e entrar no portão grande e largar os operários lá dentro para eles não pegarem o material! É assim! Isso é luta, né? É luta! Para ver como tu pode informar e se informar, como tá a capacidade da pessoa de pegar o material. Tem muitos que não pegam e aí tu já vê e “não, esse deve ser chefe” ou “esse não é” – enfim! Então, tinha isso, quatro, cinco mil trabalhadores. Hoje tu vais na mesma porta – o próprio Lula diz – tem 500, 600. E naquele tempo tinham os engenheiros, né? Engenheiro era metalúrgico, mas era engenheiro, porque eles precisam de engenheiros, mas era metalúrgico. O pior que hoje está cheio de engenheiros, os operários, muito daqueles operários fizeram um curso técnico e viraram engenheiros. E são metalúrgicos, mas as funções que eles antes exerciam desapareceram e poucos ficaram para exercer a função mais qualificada. Então, houve uma redução muito grande na categoria dos trabalhadores metalmecânicos. Não só nas grandes empresas, nas outras também. Os jornalistas são outra categoria que também sofreu muito com a informatização. Bancários, jornalistas, metalúrgicos foram categorias, assim, que a informatização trouxe um impacto enorme nas relações de trabalho, das soluções e também no desemprego e não na redução de jornada. Houve aumento de jornada e redução de salário, então uma coisa invertida! Como é que pode? O progresso da humanidade é ao contrário! A grande luta é: redução de jornada, sem redução de salário.



AVELINO GANZER

Entrevista realizada em 17/05/2021 e 24/05/2021

DATA 1: 17/05/2021

DATA 2: 24/05/2021

DURAÇÃO: 188 minutos

Iniciou sua militância na Corrente Sindical Lavradores Unidos e assumiu a direção do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Santarém em 1980. Participou da CONCLAT, foi um dos fundadores da CUT e o primeiro vice-presidente da Central. Integrou a direção da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG).



Trajétória de vida e militância no movimento sindical

Bem, eu sou natural de uma cidade pequena no norte do Rio Grande do Sul, Iraí, eu estudei até o ensino médio, fiz técnico em contabilidade; muita dificuldade; onze irmãos, eu fui o único que botou a cara na linha de frente para estudar e era longe, tinha que ir a pé 7 km, mais ou menos, de distância, não era fácil. Bom, quando chegou na década de 1970, já a crise do ponto de vista econômico e a política a partir do Golpe Militar de 1964, a gente não tinha ideia, não tinha conhecimento o suficiente, mas era aquela coisa de concentrar a terra e tirar a maior parte da população do campo para a cidade e numa linha de criar as empresas rurais – aquele processo todo de concentração de terra na mão de pouca gente. E ao mesmo tempo começaram as grandes lutas, né? Eu me lembro de alguma referência que vinha do Golpe de 64 porque o meu pai, mesmo analfabeto, ele terminou tendo uma linha de atuação junto de Leonel Brizola. E o Leonel Brizola, quando governador, veio várias vezes na casa do meu pai. Eu me lembro disso porque ele ajudava minimamente a mobilizar para fazer aquela discussão toda na resistência do Golpe Militar de 64. Mas a gente não tinha nenhuma consciência, nada, sobre isso, né? Mas ficou essa semente da aproximação do meu pai com o Brizola, e eu me lembro de uma vez em que o Brizola me botou sentado no colo e disse: “O que tu quer, Guri? Eu sou amigo do teu pai.” Eu estava passando, assim, no terreiro da casa. E, bom, esse processo, depois, quando foi se estabelecendo com a retomada de Jango, depois veio Golpe Militar, depois aumentou muito no Brasil a política de retirada do homem do campo para a cidade, foi muito violenta e começou a ter resistência a partir da luta pela reforma agrária.

Nós chegamos no Pará em 28 de setembro de 1972, mas por que nós migramos? Na época, foi atrás de um pedaço de terra para trabalhar. Quem não tem consciência, corre a partir do que os outros falam, mas na verdade, o meu pai tinha um pouco também, tinha algum tipo de conhecimento porque vivia na comunidade, Santo Antônio, lá em Iraí.

Naquele tempo nem se chamava de “comunidade”, chamava de “Igreja” – a Igreja de Santo Antônio, lá na chamada Sanga Lira, Iraí. Então, quando nós... aí teve o Golpe Militar de 64, teve a resistência, mas depois, passado algum tempo, quando chegou em 64, teve o golpe e toda a política do governo foi de entregar as terras, na verdade, o quanto mais possível para os poucos, aqueles que eram os “amigos da ditadura”. Então, tudo quanto era dificuldade para os pequenos... por isso que as pesquisas mostraram que em pouco tempo foram expulsas mais gente do campo do Brasil, do que a população da Argentina na época. E foi neste processo que a gente, meu pai, se inscreveu para ir atrás de buscar um pedaço de terra naquela grande campanha do Governo Federal, dizendo que iriam “levar os homens sem-terra para a terra que não tinha homens”.

[Era o programa] “Integrar para não Entregar”. Na verdade, era o processo que eles chamavam de “maior reforma agrária do mundo” – e não era! Era um processo de colonização, levar a mão de obra barata para a região Amazônica. E a gente está vendo, depois de todos esses anos, na década de 70 – na verdade, começou em 70, né? Bom, chegando na Transamazônica, já neste processo, nós aqui, passado algum tempo, botaram a gente na beira da Transamazônica, na BR-230, mas a 170km da cidade mais perto, dentro da floresta, a gente só saía quando passava algum caminhão do INCRA, alguma coisa – muito difícil. Muita malária, muita hepatite, muita gente, muitos amigos nossos, famílias, gaúchas, inclusive, morreram com hepatite no começo. Muita, muita, muita força! É muito forte a hepatite. E a gente se alimentava: tinha muita caça, qualquer riozinho, igarapé, que a gente entrava tinha peixe em abundância, muito peixe! Então, era fácil pescar, depois que a gente aprendeu.

A agenda sindical no período

A FASE também, com o Antônio Vieira⁴⁷, nunca deixou a gente isolado. Na nossa experiência, sempre estava articulado com o Estado do Pará, depois

47. Antônio Vieira: Foi militante da AP e do Movimento de Educação de Base (MEB). A partir da década de 1970 passou a trabalhar na FASE em Santarém (PA) onde permaneceu por duas décadas. Foi referência em educação popular e desenvolveu um método de trabalho de base que ficou registrado no documentário “Lamparina”.

veio a CPT, a criação da CPT, começou na Pastoral da Terra – que foi um momento muito forte no Brasil –, mas nós, a Corrente Sindical Lavradores Unidos, tinha uma relação muito forte com a Oposição Metalúrgica de São Paulo, com o Vito Gianotti⁴⁸, com todo esse pessoal da oposição; foi um momento muito forte e tivemos uma presença grande da oposição sindical, os Irmãos Metralha de São Paulo vinham para ajudar a fazer essa análise de conjuntura; o Nilmário [Miranda]⁴⁹ lá de Minas Gerais, o Tilden Santiago⁵⁰; depois veio o João Paulo [Lima e Silva] que era metalúrgico. E São Bernardo era sempre a nossa referência política desde 77/78 – e muito forte. E eu acho que é aí que vem todas as ações! Quando teve a ANAMPOS e depois foi criado a ANAMPOS (Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais) antes da Pró-CUT, mas todas essas ações que vieram do ENTOES, das oposições, da luta contra a estrutura sindical, todo esse processo era o momento de a gente quebrar o isolamento das experiências que estavam localizadas pelo Brasil, daqui a pouco a gente se encontrava, nacionalmente, se encontrava presencialmente e aí é que a gente trocava as experiências claras de como cada um fazia o trabalho no seu local, mas o que era importante é que o trabalho de base era muito firme no país inteiro, um trabalho pelas ONGs. Depois, quando veio a Articulação, a gente teve a eleição em 22 de maio de 1980 em Santarém, nós ganhamos; Geraldo Pastana foi o nosso primeiro presidente; eu fiquei como delegado representante junto à Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado; na posse dessa diretoria, o Lula veio – foi um grande momento histórico vivido por nós! Nós temos esse discurso do Lula!

Bom, aí quando a gente discutia o sindicato, esse processo da articulação com as outras organizações nos dava a ideia de que nenhuma organização

48. Vito Gianotti: Metalúrgico, jornalista, escritor e educador. Foi participante ativo das lutas da Oposição Sindical Metalúrgica. Entusiasta da imprensa operária, foi responsável pela produção e publicação de jornais como o “Luta operária”. Foi diretor da CUT em São Paulo e fundador e coordenador do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC).

49. Nilmário Miranda: Jornalista, iniciou a militância política no movimento estudantil e instituições católicas. Foi deputado estadual pelo PT de Minas Gerais (1987-1991) e deputado federal por cinco mandatos não consecutivos de 1991 a 2019 pelo mesmo partido. Foi secretário de Direitos Humanos do Estado de Minas Gerais. Desde 2023 ocupa o cargo de assessor especial de Defesa da Democracia, Memória e Verdade do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC).

50. Tilden Santiago: Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, participou da Comissão Nacional Pró-CUT e foi um dos membros fundadores da Central. Foi deputado federal pelo PT de Minas Gerais por três mandatos (1991-2003). Foi embaixador em Cuba (2003-2006) durante o primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

local, por mais força que tivesse, podia ser vitoriosa sozinha, ela tinha que ter esse processo. Então, veio a ideia local e nacional que era aquilo que, a princípio, que nós assumimos muito no sindicato, que sem unir os pensamentos, não adianta fazer força. Mas para unir o pensamento, tem que ter proposta clara, tem que ter muita gente convencida em torno daquele processo e reconstruir uma coisa que a ditadura tinha ferido de morte, que era a confiança entre as pessoas, a solidariedade. O elemento de confiança é muito sério! Porque se tiver qualquer elemento que tira, que não tenha essa confiança, acontece alguma coisa grave com uma pessoa lá, lá no Rio Grande do Norte e é do PT ou é da CUT, mas alguém diz: “Não, esse é um sem-vergonha da CUT que...” – e eu não saio, não levanto para fazer a defesa intransigente daquela pessoa. Na verdade, começou aí a quebra da nossa força.

Então, essa é a ideia da articulação das várias experiências no Brasil etc. [À época] já havia acontecido a greve de 1979 dos metalúrgicos; teve um encontro em São Paulo em 1979, foi a primeira vez que eu saí daqui, pegava ônibus, ficava em São Paulo e foi antes daquela greve e ninguém se conhecia, ninguém tinha esquema de segurança para quando descia do ônibus, nós nos encontramos com o Waldemar Rossi – era uma das figuras que se reuniu conosco, era muito também puxado pela Igreja, Dom Evaristo Arns, em São Paulo. Veio gente do Brasil inteiro! E quando o cara falava, se apresentava, era um susto porque ninguém conhecia fisicamente, mas mostrava, assim, essa força que brotava. E aí, vinha. Eu acho que a origem da CUT, para mim, a semente, na verdade, foi essa – claro que alimentada por experiências internacionais muito fortes, que foi tomando conhecimento e consciência ao participar, mas o que foi importante é que a nossa experiência aqui de Santarém, com a outra bem ali de Cametá, com a outro de “não-sei-onde”, pegava Rio Grande do Sul, tinha gente de um monte de Estados fazendo oposição sindical. As oposições sindicais no Nordeste... e quando a gente se encontra, parecia que era a solda que batia e não soltava mais, aquela força que nascia.

Eleição do sindicato em 22 de maio de 1983

Na campanha eleitoral muito forte, a direita se levantou e, pela primeira, vez colocou o debate em torno de que “o comunismo estava tomando conta dos sindicatos de Santarém, que a gente não era brasileiro, que era estrangeiro” – tentando fazer um debate de colocar a gente contra o

povo, mas a gente estava muito integrado, já, com a comunidade local. Muito! Muito integrado. A gente tinha feito uma grande mudança da nossa visão e fomos para a eleição com – eu acho que foram 64 ou 68 locais de votação – não sei! O município naquele tempo era muito grande, 32.000km² – que era Santarém, né? E fomos para a eleição e nós tivemos 4.317 votos e o pelego teve 236.

E eles diziam o seguinte: que se ganhasse, não iria tomar posse. E, na verdade, quando preparou para a posse, veio a intervenção, Jarbas Passarinho que era o Ministro do Trabalho, teve a intervenção do sindicato, foi uma parada imensa! Nós não entregamos o sindicato e ficou assim: “Se quer tomar posse, toma posse, mas ninguém garante a vida de nenhuma diretoria que tomar posse.” Foi uma batalha muito grande, até que conseguiu fazer a reversão depois de semanas. E aí, nós tomamos posse.

A CONCLAT

Bom, quando chegou, então todos os processos de reconstrução e tal, veio o debate de construção da CUT em 1981, e aí, veio a construção da primeira conferência nacional da classe trabalhadora. Devanir Ribeiro vem para Santarém, passa um dia, reúne, discute e depois daí ele foi para outros estados amarrando e discutindo esse processo de construção da conferência nacional da classe trabalhadora. Então, foi a primeira grande visita para discutir o chamado novo sindicalismo. Esse sindicalismo combativo, sindicalismo que tinha que combater, derrubar os pelegos, construir um processo claro, com os limites que é o sindicalismo! O sindicalismo não é para ser oposição a nenhum governo, é para ser oposição às políticas que destroem, que perseguem a classe trabalhadora; às vezes, é o próprio governo, mas quem faz oposição aos governos são os partidos políticos que constroem o poder político. Esse debate para as novas gerações não está muito claro. Nesse tempo, eu acho que se fez um grande debate sobre isso, se realizou a conferência nacional na Praia Grande e o resultado daquele embate muito grande, o PT tinha sido construído em 1980, o resultado daquele embate, principalmente com o PCdoB, com o PCB etc., foi a criação da Pró-CUT – a eleição da comissão Pró-CUT. “Eita” parada imensa aquele congresso! E eu fui eleito para ficar na comissão Pró-CUT, morando aqui e nós já em plena campanha eleitoral. Depois nós tivemos a eleição em 1982.

Fundação da CUT, 28 de agosto de 1983. Você imagina, precisando fazer essa experiência toda de consolidar, veio o congresso de fundação. Nós

nunca tínhamos discutido a possibilidade de ficar em uma futura chapa da CUT – não era a nossa visão! E aí, fomos para o Congresso do baixo Amazonas do Pará, acho que eram quase 10 ônibus naquele tempo, toda a região, e fomos para o congresso; daquele que ia ser coordenação ou ia ser diretoria, daquela parada imensa. Eu sei que eu não sei qual foi a articulação que teve dentro do congresso porque Lula, Olívio Dutra, Jacó Bittar – toda essa nossa turma aí! – estava formando chapa. Então, daqui a pouco, pega a “camponesada” que estava dentro do congresso, que era maioria, formou um bloco dentro do congresso e me jogaram em cima do palco da “coisa” e: “Você vai ter que assumir a diretoria dessa CUT aí, senão você não sai vivo daqui. (risos)”.

E assim, para mim, nesse tempo, a Igreja, a Teologia da Libertação tinha uma atuação muito grande, né? O Brasil ajudava a gente, né? Então, foi aí a posse da tomada de consciência e de virar o vice-presidente da CUT nacional com a batata quente na região e o local pegando fogo. E como é que faz? Sai daqui de Santarém três dias, quatro dias de ônibus para ir em uma reunião executiva da CUT em São Paulo? Chega lá, onde é que fica? Não tem lugar, não tem dinheiro para ficar em hotel... O pessoal da região, o pessoal dos sindicatos mais ricos, se viravam, era do jeito que era, né? Pergunte ao Meneguelli, era botar o colchonete debaixo do braço e quando terminar a reunião, botar debaixo da mesa e fazia debaixo da mesa da reunião executiva um hotel para dormir. Então, por esse processo, eu não quero que ninguém passe. Eu acho também que não foi porque era um momento histórico vivido, as pessoas se davam, né? E não eram obrigados, mas era uma decisão política de construção importante.

Quantas vitórias nós tivemos a partir dessa força que nascia. Então, valia a pena mesmo com o sacrifício de não poder focar direito a questão local, mas essa articulação resolvia muito a questão da pauta da gente, né? E depois nós fomos trabalhando além de compreender, trazer a compreensão da pauta, da reivindicação das categorias mais bem abastadas – como petroleiros, bancários... toda essas categorias também.

Os trabalhadores rurais nas origens da CUT

O Antônio Vieira é um dos grandes – foi um dos grandes – elaboradores; por isso a ditadura o prendeu, o torturou. Esse cara sofreu tudo o que qualquer cidadão poderia ter sofrido com a questão da ditadura. Ele nunca abriu mão desse processo e se manteve firme e ajudou, ele que, de fato,

já utilizando o método Paulo Freire, mas ele era um grande estudioso de Mao Tse Tung, da experiência chinesa. O pessoal foi descobrir lá na frente. Então, toda a questão metodológica de como desenvolver um trabalho de base com esse princípio que até a Igreja já tinha trabalhado, que o Freire tinha dito: “Olha, tem que entrar... para você ter um processo de entrar pela porta que o povo oferece e tem que ter paciência para fazer o trabalho de base.” Então, o Vieira veio, conseguiu construir um pequeno núcleo, foi ajudar a estudar, de fato, a situação econômica do município, a situação política, a situação das religiões; foi montando uma análise de conjuntura toda, toda local. Viu também dentro das religiões a situação que tinha e então se montou a oposição, que depois de algum tempo [passou a se chamar] Corrente Sindical Lavradores Unidos. E o símbolo da oposição Lavradores Unidos foi a Lamparina. Lamparina, para a Amazônia, para nós era, de fato, a principal ferramenta até o Governo Lula iluminar as [nossas] casas, até o Governo Lula, até o programa Luz para Todos era a... então, esse símbolo, o Lamparina. E foi conseguindo construir dentro da oposição, um processo, a criar uma equipe... um processo de formação de formadores para criar uma equipe de educação sindical, a presença da juventude, trazer a juventude – toda uma dinâmica difícil; a questão da participação das mulheres, criar a chamada Ala Feminina do Movimento Sindical.

Na área rural, toda essa base na área rural que vinha na base das federações da CONTAG, tinha uma coisa já de muitos anos, ideologicamente conduzidos pelo Partido Comunista via direção da CONTAG, que era o Zé Francisco⁵¹, uma concepção de que você não pode, em hipótese alguma, fazer confronto com o Estado; tem sempre que fazer confronto, mas negociar e, aí veio um conflito. Mas era uma parte minoritária. Mas tinha uma outra parte que queria fazer do sindicalismo, de fazer um sindicato, uma central sindical, queria fazer dali tipo uma central de movimentos populares na perspectiva de ter um movimento que a gente não sabia bem se era, tipo, meio que um anarcossindicalismo mas, na verdade, uma visão de que o sindicalismo também não é uma questão estratégica central, você tem que fazer... aproveitar para fazer o movimento de massas rumo à transformação da sociedade. Para aparecer essas visões, ainda não muito claras, e que, na hora de confrontar para a eleição da direção da CUT, deu muito problema e tal, mas ainda manteve uma “maioria”, vamos chamar assim. A referência

51. José Francisco da Silva: Foi presidente da CONTAG (1968-1989) e da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco – FETAPE (1966-1968).

na área rural, era eu, mas também na área urbana me tornei uma referência, de certa forma, que ultrapassava; não era só uma questão rural.

Mas esse acúmulo, então, que culminou no congresso, a definição de organizar por ramo, a criação de federações e confederações e tal, foi aí que definiu mais a CUT! E não necessariamente tinha que fazer uma disputa por dentro, simplesmente, mas isso, para a área rural, foi um prato-cheio pra gente ter que centrar na história da estrutura da CONTAG que até hoje nós não temos força para... porque a metade das federações que se filiaram à CUT também não deixavam de sair da estrutura da CONTAG. Esse é um debate, assim... depois eu compreendi isso, trabalhei muito no departamento rural da CUT para a nossa disputa por dentro da CONTAG e está colocado até hoje, eu acho que teve acertos, muitos desafios.

Uma coisa é clara: a estrutura sindical do campo, nós temos em cada município, basicamente, nós temos um sindicato, está passando por apertos, está passando por apertos. Tem muitos problemas. É um setor que se posicionou muito firme em torno da questão da luta pela... começa a ter uma luta pela educação básica, começa a ter uma luta pela saúde, essa questão da previdência social; foi um, assim, unificou muita gente nessa batalha dentro do congresso para não ter retrocesso, né? Então, você tem um setor que está pronto aí. O que eu acho é que não é o problema de grana, é um problema de política.

A participação feminina na construção da CUT

A ala jovem enfrentava um grande obstáculo dentro de toda a família, seja ela a família local, santarena, paraense ou a migrante, esse processo... porque não é fácil você colocar a família em movimento, né? E principalmente quando se trata da participação da mulher e da juventude. No sindicato a mulher não tinha direito à sindicalização; era só o homem que sindicalizava, a mulher era “dependente do homem”. Olha só, era dependente! Portanto, também porque na área rural no Brasil inteiro, ninguém tinha direito à aposentadoria, depois de alguns anos de ditadura, foi criado o Funrural e o Funrural dava uma assistência de meio salário mínimo ao homem, pela assistência social quando chegasse num processo de fim da vida dele, que não conseguia mais trabalhar etc. E as mulheres não tinham direito, era só o homem. Então todo esse debate, eu acho que veio aparecer dentro do sindicato e nós fomos pegando uma força muito grande, foi um momento importante.

Diretas Já, Constituinte e participação do sindicalismo

Esse processo todo tinha perpassado o debate de 1987 na Constituinte, mas, principalmente, na Articulação. Você vê: nós, os rurais – vamos chamar assim – nós estávamos, acho que só nós, nós estávamos em umas 30 mil pessoas em Brasília por mais de uma semana nas grandes negociações nacionais, a gente só fazia uma refeição por dia com apoio da Igreja Católica [no apoio] na maioria das questões dos transportes.

Quantos momentos extraordinários! Então, quando eu vejo, assim, quando nós já tínhamos começado, lá em 1986, a organizar o próximo congresso da CUT, nós já tínhamos acumulados. Não deixar para a [última] hora, né? O acúmulo serviu também como elemento central para a nossa articulação na Constituinte e a nossa unidade nacional que era uma unidade nacional na política, nas propostas, na clareza das coisas. E aí, entrou essa articulação, o Dom [Paulo] Evaristo em São Paulo, entrou a CNBB, a Pastoral da Terra. Então, uma grande aliança que culminou naquele processo ali. Eu me lembro que quando entrou o debate da seguridade social, você imagina! O trabalhador rural no Brasil não tinha direito à aposentadoria, nós tínhamos Funrural para o homem que completasse 65 anos – e a maioria morria antes de chegar aos 65 –, com meio salário mínimo e só o homem, mulher não tinha direito nenhum até a Constituição de 1988. Quando entrou esse debate, foi uma força de unidade tão grande que fez ferver aquela Constituinte. E aí, a nossa turma segurando na hora da votação, mas as negociações, o Meneguelli era a ponta-chave e eu do outro lado segurando a ponta, né? Que a gente trabalhava junto. Eu falo porque tinha a presença de toda a direção da CUT, mas era um momento assim...

O III CONCURTO

E na CUT, o Meneguelli já se consolidava como uma liderança muito importante, várias outras lideranças – eu imagino o Olívio Dutra, Jacó Bittar –, e aquela confusão que tinha dado no começo, era se ia ter uma central ou era uma articulação para criar a CUT; e aí, esse processo criou uma crise muito grande, quase que racha tudo no congresso, né? Mas teve uma maioria que conduziu o processo já apontando para... a gente tinha que, não só organizar a parte horizontal, a central, mas também voltar a ter um debate para organizar a parte vertical. E a parte vertical iria ser departamentos ou iria ser federações, confederações. Um debate também bastante importante, mas era um debate político. Existe uma turma que

ainda, principalmente, que tinham uma concepção, que eu achou uma concepção mais do Partido Comunista, do Partido Comunista do Brasil, uma concepção de ver a velha estrutura e esse sonho de ter uma aliança da velha estrutura e a gente entrar por dentro dela e manter aquela velha estrutura e tentando algum espaço dentro daquela velha estrutura e a CUT ser aquela bonequinha lá em cima das confederações. Esse é um debate crucial, estratégico e importante, né? Mas ele manteve uma unidade de grande maioria, de que nós tínhamos que construir esse processo de departamento da CUT, mas ficou em aberto.

Porque nós não tínhamos um núcleo de coordenação, mas terminou o congresso, ainda na hora de quando o pessoal ia embora, o Meneguelli disse: “Não, vamos fazer uma reunião aqui no Rio de Janeiro, amanhã. Ao invés de vocês irem no ônibus com a turma, vão ficar aqui.” E quando foi no retorno, quando chegou em Conselheiro Lafaiete, o ônibus cai do viaduto, matou onze pessoas, quase ceifou toda a diretoria do nosso sindicato; as pessoas, as lideranças, muitos ficaram completamente machucados.

Na reunião que nós tivemos no Rio de Janeiro⁵², foi uma decisão de que não dava... ou se construía um núcleo de direção política e com responsabilidade na CUT ou nós íamos perder essa batalha, estava uma força muito grande, mas não tinha organização, não tinha essa coisa de parar para elaborar e etc. Bom, terminou a reunião, fui embora, passado, acho que, uns 8 ou 10 dias, 15 dias – não me lembro! – teve uma reunião em São Paulo, dessa reunião nós tínhamos conversado – eu e Osvaldo Bargas fomos designados por esse grupo, que estava Olívio Dutra, Jacó Bittar, estava Jair Meneguelli, o Paim, estava toda essa turma, conversar com o Mercadante⁵³. Porque nós tínhamos muita gente, mas na hora de escrever, botar no papel todas as nossas ideias, nós tínhamos dificuldades. Aí, eu e o Osvaldo Bargas fomos para lá e conversamos com o Mercadante. Então, o Aloizio veio, a gente faz as primeiras reuniões, fizemos um acordo entre nós, fechamos mais um núcleo de direção: não tomar decisões isoladas, consultar para tomar as decisões chave, centrais.

52. Referência ao II CONCUR, realizado no Rio de Janeiro em 1986.

53. Aloizio Mercadante: Economista e professor universitário, participou da fundação do PT e da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Na CUT fundou e foi o primeiro diretor do Departamento de Estudos Sociais Econômicos e Políticos (DESEP). Foi deputado federal pelo PT de São Paulo por dois mandatos entre 1991 e 2003, senador da República entre 2003 e 2011. Foi Ministro de Ciência, Tecnologia e Inovação (2011-2012); Ministro da Educação (2012-2014); Ministro-Chefe da Casa Civil da Presidência da República (2014-2015) e Ministro da Educação (2015- 2016) da Presidenta Dilma Rousseff (PT). Desde 2023 é presidente do BNDES.

Já logo depois do segundo congresso, começar a preparar o terceiro congresso, quando nós levamos, acho, que dois anos fazendo um debate – aí sim! – um debate importante pelo país inteiro, ouvindo gente, trazendo gente que não era só sindicalista, trazendo outras pessoas – e aí, a contribuição foi importante, de todo mundo, e esse processo de caráter nacional no processo de elaboração, né? Então, no caso para debater os pontos centrais, as propostas chave, as propostas centrais da CUT, então, lá na Transamazônica, fazer encontro com gente (professores, seja quem for, rurais e tal). E a gente discutia e tirava as propostas, trazia para o Estado, mas olha, isso aí, ao mesmo tempo, na Amazônia – é uma pena que não se registrou porque na beira desse rio, dos rios da Amazônia, onde tinha um barranco, uma pedra, uma coisa, nós saíamos pintando a CUT em tudo quanto era lugar. Por meses os militantes trabalhavam nesse processo, para botar a CUT; qualquer barco que passasse por dentro do rio Amazonas, na margem direita, margem esquerda, em todo lugar botava lá “Central Única dos Trabalhadores – CUT” e tal. Mas ali já tinha a participação muito grande da base: setor de Igreja, padres, era uma mexida muito grande para a construção da Tese 10. Então, essa tese, eu acho que ela foi um trabalho muito importante em nível nacional; recolocou a questão da concepção, trabalhou novamente a questão dos princípios que tinham sido trabalhados desde o começo, princípios do nosso sindicalismo, sabe? Usando o que é um sindicalismo de base, então, não só o princípio, mas o detalhamento de cada processo e, ao mesmo tempo, formulou uma linha do ponto de vista do desenvolvimento do Brasil na área econômica, na área social e foi a grande preparação para nós da questão... depois veio a Constituinte, eu acho que esse processo que culminou em 1988.

Igreja, sindicatos e trabalhadores

Nós tivemos a visita na beira da estrada lá, uma poeira danada, um Fusquinha, era um Frei, da Diocese – naquele tempo era Prelazia de Santarém. Estavam fazendo a BR-163, não estava aberta, né? E para ir de Santarém, tinha que subir o Rio Tapajós até chegar a à cidade de Itaituba e de Itaituba pegar o barco e vir... ou pegar o carro, né? No caso deles, a Igreja trouxe um Fusca, era um Fusca – imagina! Nos anos 70, era um grande carro! Aí, ele passou lá, nós estávamos trabalhando no Tapiri⁵⁴ lá do meu pai e perguntou se eu queria que celebrasse uma missa lá. Ah, todo mundo ficou contente pra caramba. Marcou horário e tal, no dia seguinte.

54. Casa rústica na Amazônia.

Bom, e chegou no final [da missa] e ele [o padre] disse: “Olha, nós vamos fazer um curso, fica lá em Itaituba, subindo o rio, na margem esquerda do Tapajós.” E deu o nome do lugar. - “preciso tirar duas pessoas daqui.” Como ele tinha me pedido... na hora da missa, ele disse: “Quem é que sabe ler?”. E aí, ele perguntou quem sabia ler, eu disse: “Eu sei!”. Eu terminei lendo a bíblia, o evangelho. E aí, na hora de escolher as duas pessoas que iam para o curso, o Padre disse: “Então, vai você, jovem!”. Como é? “Avelino! E vai uma mulher também!”. E aí, elegeram a Dona Erica Scalabrini, e nós fomos tirados para ir para Itaituba fazer o primeiro curso da Igreja para ajudar a criar as comunidades.

E esse curso, eu me lembro que, passados alguns dias, que nós fomos para lá, chegamos lá, atravessamos o Rio Tapajós, pegava o barco que a Igreja botou lá para a gente subir e chegamos num local, aí o Pedro me chamou e: “Olha, prepara uma fogueirinha aqui, porque eu tenho um motor aqui de luz, comporta dois bicos de luz, mas na hora da celebração você vai apagar os bicos de luz e eu preciso... a gente vai fazer um processo de treinamento com vocês, então tem que fazer uma fogueirinha.” Eu preparei a fogueira e na hora da celebração, ele apagou a luz, deu para acender a fogueira e quando a fogueira foi subindo, ele: “Olha, vocês têm que tomar... têm duas coisas importantes na vida: uma, é o conhecimento; vocês precisam ler mais, nós vamos achar um jeito de vocês, quem não sabe, ser alfabetizado, lutar, tem que ter conhecimento, tem que ter leitura, estudar, ler, e é muito importante ler! Também ler a Bíblia, mas ler outros livros; e ler, saber escutar rádio.” - E aí, foi falando uma série de coisas. - “Mas o outro ponto é a consciência. Quem não tem consciência sofre demais também e não sabe, não vai responder, não adianta ter só conhecimento; vocês têm que ter consciência, de fato, de quem são vocês, quem é o governo, o que são as coisas, o que são as leis.”

Olha como era a Igreja! E depois é que a gente foi saber o que era! Era a chamada Teologia da Libertação. Era um grupo de americanos, um bispo Dom Tiago, tinha um grupo de 8-10 freis, todos americanos com posicionamento dessa... Tinham feito a autocrítica, porque eles tinham apoiado o golpe militar de 1964 e que agora tinham que se rebelar e ajudar a organizar a comunidade e ajudar a organizar o processo. Então, a partir daí, isso levou a gente à uma necessidade muito grande de conhecer o que era o sindicato, de conhecer o que era uma associação. Eu tinha uma experiência vivida do meu pai, que o meu pai tinha sido sócio de uma cooperativa de produtores rurais, de agricultor familiar, e o meu pai nunca quis saber das notícias das cooperativas por outros, sempre quis estar presente na assembleia para participar da assembleia. Então, isso aí, eu tinha na minha vida um pouco essa referência do meu pai, né? Então, esse processo

foi muito importante, logo depois veio, quando começaram os problemas, fomos procurar o sindicato no município, o sindicato era todo controlado pelos militares, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, mas lá na frente fomos ver que, de fato, era o pessoal “pelego”, que foram chamados de pelegos, mas na verdade foi todo um trabalho que o golpe tinha construído e penetrado no sindicato. Porque tinham ganhado, muitos dirigentes se venderam a troco de qualidade de vida; com dinheiro eles compram os diretores do sindicato se for preciso, né? Dividem a comunidade, mas só depois que a gente foi compreender. E aí, começou então todo um processo e a Igreja... Só que isso foi passando tempo e teve várias eleições até que, mais na frente, nós tivemos a presença da FASE. Nesse tempo, eu acho que a Maria Emília⁵⁵ era a presidenta da FASE e tinha o João Pedro⁵⁶ que tinha vindo e botou em Santarém uma representação da FASE. Passado algum tempo nós tivemos um fenômeno importante que o Ranulfo Peloso⁵⁷ e Geraldo Pastana⁵⁸ – os dois eram franciscanos e estudaram em Olinda para ser padre, na hora se recusaram a ser nomeados como padres, voltaram, foram para a Colônia do Prata em Santarém, voltaram para a roça, mas já tinham uma consciência grande e começaram um trabalho de organização da oposição sindical de Santarém. E aí, eles conseguiram trazer a assessoria da FASE o grande cara, que é o pensador, atuador, que foi o Antônio Vieira.

Desafios atuais à ação sindical e perspectivas

Eu estou vendo o governo do Estado do Pará, que vai ser nosso aliado para reeleger, mas segue clara a política nacional do Bolsonaro, na verdade, a política dessa assistência social em nível nacional acabou – a política de assistência social – mesmo o PSDB, outros que passam por dentro das secretarias

55. Maria Emília Pacheco: Antropóloga, assessora da FASE RJ, primeira mulher a presidir o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) de 2012 a 2016, integrante do Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar (FBSSAN).

56. Jean Pierre Leroy: Francês naturalizado brasileiro, Leroy era filósofo, pesquisador, ambientalista e educador popular, trabalhou na FASE por mais de 40 anos onde foi coordenador geral entre 1978 e 1983. Ex-padre, atuou na Ação Operária Católica (ACO) e na Juventude Operária Católica. Envolveu-se no Movimento de Oposições Sindicais e na organização da CUT. Em sua trajetória, apoiou a luta dos trabalhadores, dos direitos indígenas e povos tradicionais e pela justiça ambiental.

57. Ranulfo Peloso da Silva: Educador popular com atuação no Centro de Educação Popular do Sedes Sapientiae (CEPIS), foi assessor da CUT e do Instituto Cajamar. Organizador do livro “Trabalho de Base”.

58. Geraldo Pastana: Foi presidente do Sindicato dos trabalhadores rurais de Santarém-PA na década de 1980.

municipais, todo esse processo. Cadastro Único e tudo, esse acabou para fazer assistencialismo. Então, acaba a política social, toda a política social, você vê que as secretarias estão jogadas às traças nos 144 municípios.

Eu acho que a nossa experiência não está bem debatida, não está suficientemente clara porque os princípios da CUT, porque a gente trabalhava sempre, a CUT com os seus princípios – sindicalismo de base, autônomo, independente do Estado, independente dos partidos políticos, o sindicalismo plural e tal –, mas, na prática, quando a gente assumiu o governo, nós fomos ser governistas. Também pode ser por falta de experiências, mas pode ser até por uma cultura anterior. E nós não conseguimos fazer essa definição clara e veio aí, depois, o imposto sindical para mim, que foi o momento, assim, muito claro de regressão dos princípios da CUT a partir do sindicato, criou uma superoferta de dinheiro para as centrais, para os grandes sindicatos e tal, mas, ao mesmo tempo, trouxe para dentro a perda do princípio da chamada liberdade e autonomia sindical, que até agora não está suficientemente resolvido. Eu acho que a CUT, o sindicato vai ter que enfrentar essa polêmica aí dentro, essa relação com o Estado não é fácil – a relação com os partidos políticos. Que a gente tinha uma coisa, a gente tinha clareza, muitos anos na CUT: “Olha, nós... a CUT nunca vai ser governo, nunca vai ser... nós devemos ser oposição à política de qualquer governo que venha prejudicar os trabalhadores.” Oposição à política, né? E nós temos que apoiar ações do governo independente de qual é o governo que está, vamos apoiar quando vêm em benefício da classe trabalhadora. E eu acho que esse processo meio que criou uma série de fissuras de entendimento e atingiu essa nova direção e, a nova geração está sem saber o que está chegando, está com muita dificuldade.

Perspectivas na área rural

Eu acho que na área rural, tem que retomar, por mais que seja minoritário, mas nós temos ainda uma grande quantidade desse setor, de assalariados rurais, cada vez maior e eu acho que tem que acertar a forma de fazer sindicalismo, a população está aí, está lascada e tem muita gente na crise saindo da periferia da cidade e voltando para a roça; tem que ter essa política de aliança com o MST. Então, tem que ter um núcleo da CUT e ir buscar e, junto disso, chama a assessoria da CUT, fazer um núcleo que vai olhar para essa nova economia que está se mexendo e como é que é em nível nacional! Em nível internacional. O que eu acho que, se a gente ganhar a presidência da República, articular com a maioria de governadores nesse

campo e colocar o Estado para agilizar a economia no país, tem que estar de olho nesse processo, se ganhar vai revitalizar novas empresas, vai recolocar novas formas, vai trazer uma nova dinâmica e a CUT tem que estar de um lado fazendo esse debate e agora com antecedência sobre isso, fazendo esse debate, mas ao mesmo tempo estar atento à essa nova forma de organização.

Se a CUT tivesse um núcleo com alguns dirigentes, com algum núcleo de assessoria que estudasse esse processo e ajudasse a levantar uma pauta unificada desses cinco mil e tantos sindicatos, as 27 federações que têm no campo e, aguentasse a estrutura que tem dentro desse processo, faria um grande movimento organizado muito rápido, nacionalmente. Muito rápido. Esse setor está sendo atingido violentamente agora pela questão agrária, novamente, vão tomar a terra desse povo, qualquer dívida no banco – qualquer coisa! – vão... não tem negociação, é tomar a terra, expulsar esse povo, né? - Na Amazônia, nós temos... eu vejo lá os Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém, os sindicatos tem uma reserva extrativista, uma organização... por exemplo: a reserva extrativista do Lago Grande, são 144 comunidades dentro dela, os madeireiros entram, botam um cara dentro da comunidade, entra lá, passa um ano, dois, três, cinco, mas vai terminar [por participar do] culto no primeiro banco da igreja, vai ser padrinho de batizado de um monte de criança – esse cara lá – e quando pensa que não, é o representante da empresa que está morando há cinco anos dentro da comunidade e na hora que... agora, para vender a madeira, divide, ele arrasta uma parte da comunidade contra... e pior: esse cara é sócio do sindicato, sócio disso, sócio daquilo, sócio da cooperativa. Para você ver como os caras têm uma inteligência, além da brutalidade e da violência, eles aprenderam com a gente, de infiltrar gente no meio do nosso povo, o que divide o nosso povo. Parece que nós estamos desaprendendo tudo. Mas os nossos sindicatos estão resistindo, tem uma ação pesada, eles estão ganhando setores cada vez maiores da Igreja. Para você ver, Santarém tem a rádio rural de Santarém. Sempre esteve do nosso lado, agora está do lado do agronegócio, porque mudou o bispo, entrou um cara que veio do Paraná, não sei de onde, do “Diabo que o parta” lá, né? E fez negócio com agronegócio e o agronegócio botou dinheiro, está modernizando a emissora... E está fazendo uma campanha de agronegócio. Então, mas não tira o mérito. Eu acho que a gente tem uma estrutura... - Mesma coisa que os assalariados rurais!



EDSON BARBEIRO CAMPOS

Entrevista realizada em 31/05/2021 e 04/06/2021

DATA 1: 31/05/2021

DATA 2: 04/06/2021

DURAÇÃO: 219 minutos

Fez parte da oposição sindical dos bancários de São Paulo, foi diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo e Osasco. Participou da comissão de organização da CONCLAT. Foi um dos fundadores da CUT..



Trajétoria de vida e militância sindical

[...] A gente começou isso na época em que era oposição, não tinha dinheiro pra fazer cartaz, aí a gente ia na rua 25 de Março, pegava as madeiras – porque a 25 de Março era uma rua que vendia pano, aí tinha aquelas armações de madeira que os caras enrolavam os panos, e a gente pegava aquelas armações de madeira, transformávamos aquilo em um... – como é que se diz? Em um negócio parecido com um *flipchart*.

Foi tudo muito por acaso. Assim, nunca foi uma coisa planejada, entrar no sindicato, me sindicalizar, nem nada. Eu venho de uma família muito religiosa, meus pais eram Testemunhas de Jeová. Meu pai, inclusive, o ano em que ele se converteu a testemunha de Jeová foi o ano em que eu nasci, então era um marco importante na família por conta disso, e eu fiquei na religião até os 18 anos de idade. E aí eu saí, eu estava ali sempre em um lugar coletivo. Então você fazia tudo no coletivo e de repente você fica solto no mundo, muito poucos amigos fora da religião, muita pouca coisa, e meu irmão tinha sido bancário. Meu irmão tinha sido bancário e ele morreu em julho de 76 eu tinha recém completado 18 anos, seis meses depois que ele morreu, eu saí da religião e meu irmão tinha sido bancário e ele falava muito do sindicato. Mas ele ia no sindicato, porque no sindicato ele jogava xadrez, tinha o almoço.

Eu sei que quando começaram as manifestações [do movimento estudantil em 77], eu resolvi participar – por conta e risco, sozinho.

Logo depois que meu irmão morreu eu comecei a trabalhar no banco, que era o Banco de Crédito Nacional, o BCN. E no banco eu comecei a frequentar

o sindicato, por conta do almoço que era mais barato que a média, e outra é porque tinha uma galera que jogava xadrez e eu ia lá aprender a jogar xadrez com os caras que eram mais velhos. E a galera que jogava xadrez lá, na verdade, era uma galera que todo mundo era ligado ao Partidão. Em 1978 – começaram as greves no ABC. E eu, nesse meio tempo, continuei indo lá no sindicato jogar xadrez. E aí eu via um pessoal que ficava mais separadinho ali, no canto, que eu não conseguia jogar xadrez com eles. Depois que eu descobri que era o pessoal da oposição que ficava mais no cantinho, não se misturava muito. Aí a gente ficou ali – e o Augustão estava sempre lá, o Rui Sá... Essa era uma coisa acho que o nosso povo, na oposição, fez de forma brilhante – que era de ocupar o sindicato. A gente não fazia reunião fora do sindicato, só fazia no sindicato, mas eu não tive contato com a oposição nessa época. Aí um belo dia em 78, eu estava no banco, depois do expediente, eu acho que a gente estava esperando dar a hora pra ir assistir um jogo do Corinthians, – qualquer coisa assim! – meus chefes eram todos corintianos, o gerente, o chefe direto, o outro e tal, e a gente conversando e eu vi um jornal em cima da mesa dele, que era o jornal *O Trabalho*. E a foto da capa do jornal era a assembleia de Campanha Salarial dos bancários de São Paulo. E aí eu peguei o jornal, comecei a olhar e perguntei pra ele: “esse jornal é seu?” Ele falou assim: “Ah, eu comprei de uns caras aí, tal e ‘não-sei-o-quê’ fica pra você, eu não vou ler isso aí não.” - Aí eu peguei o jornal e levei para casa e o jornal tinha uma matéria, tinha uma entrevista com Gushiken, tinha uma foto do Gushiken linda na assembleia.

Então, aí eu marquei a data lá no calendário, e aí coincidentemente no dia seguinte ou dois dias depois, não lembro, tinha um povo distribuindo uma convocatória para uma assembleia em um papel mimeografado que era um panfletinho da TESICLA, que era: Tendência Sindical Classista Era a turma da Libelu. Que era a tendência sindical da Libelu, na época. Chamava TESICLA, eles estavam distribuindo e convocando para a assembleia. E aí eu fui para a assembleia, assim, sem mais nem menos. Fui pra assembleia, a assembleia muito acirrada, foi na Casa de Portugal, a Casa de Portugal estava lotada, tinha umas quatro, cinco mil pessoas.

E o Augusto vai pra mesa, e aí pelas coisas que eu fui vendo onde estava o pessoal da oposição e fui chegando perto lá do pessoal da oposição. E, naquele mesmo dia, eu resolvi falar na assembleia também. E eu, assim, algumas coisas, fui dar umas opiniões que eu achava que tinha que... na verdade, eu achava que a greve estava [...] fazer greve dentro de um banco

não era muito seguro, né? Eu dei minhas opiniões a respeito disso. – O pessoal estava defendendo greve, porque a gente tem essa mania de copiar tudo. Então, como era “braços cruzados, máquinas paradas”, todo mundo achou que no banco iria ser a mesma coisa.

Mas você percebia que as pessoas ficavam assim – “De onde surgiu essa figura?” E eu não conseguia também entender por que as pessoas ficavam tão inseguras em conversar com alguém que estava ali querendo ajudar. Mas aí eu comecei... foi aí que eu comecei a participar: assembleia daqui, assembleia dali... Aí decretou a greve em 78. A gente conseguiu, quer dizer, teve um grau de paralisação, mas foi muito pequeno, nos bancários. Porque, como eu previa, eu não achava que dava certo.

Assim, teve uma assembleia que decretou greve, aí teve reunião por banco, aí tinha lá umas 30, 40 pessoas do BCN que estava na assembleia, e eu acabei ficando... fui eleito para a comissão de greve, comando de greve, comando de greve! Que reunia o pessoal dos bancos.

Pra vocês verem como é que as coisas aconteceram assim, meio que sem querer, né? Eu nem sabia que estava tendo formação de chapa, nem nada. E aí o Vitor Bender, que era do Banco do Brasil, era o dirigente da Convergência, era dos bancários e aí ele me chamou pra uma reunião da Convergência, e aí eu fui pra reunião da Convergência. E foi aí que eu acabei ficando sabendo que iria ter eleição do sindicato. Eu comecei a participar da discussão sobre a eleição do sindicato. Mas não passava pela minha cabeça que eu iria entrar na chapa do sindicato. E aí a coisa mais engraçada do mundo é que, entre os nomes que a Convergência Socialista indicou para a chapa, eu não estava, eu não era um nome. Quem propôs o meu nome para a chapa foi a Tita⁵⁹, que era da turma da Libelu. Que ela propôs o meu nome e o nome do Gilmar Carneiro. E nenhum dos dois era do agrupamento deles. E aí eu entrei na direção do sindicato, continuei na Convergência, foi engraçado porque eu acabei continuando na Convergência. Fizemos a campanha eleitoral e ganhamos. Por incrível que pareça, muita gente achava que a gente não ia ganhar, porque era muito difícil – e realmente era.

Esse ano de 78/79 – quer dizer, em 79, quando a gente tomou posse se eu não me engano, no dia em que a gente tomou posse foi decretado outra greve

59. Maria Cristina “Tita” Dias. Iniciou sua militância em 1977 no Sindicato dos Bancários de São Paulo, fez parte da oposição bancária e foi diretora do sindicato por nove anos. Participou da fundação da CUT e do PT. Foi vereadora pelo PT de São Paulo por dois mandatos: 1989-1993 e 2001-2004.

lá no ABC. Que eu lembro que a gente começou a articular uma campanha de solidariedade aos metalúrgicos do ABC naquela época, em 79. E foi o motivo da minha saída da Convergência Socialista logo depois que a gente tinha tomado posse. Quando estourou a greve, a direção pegou e resolveu cancelar as reuniões das tendências internas todas, porque falou que todo mundo tinha que ajudar na greve e tal, “não-sei-o-quê”. Na verdade, eles queriam acabar com a oposição que tinha dentro que iria ganhar o congresso [do agrupamento político]! E eu fui me aproximando mais daquele pessoal, que eram os independentes. Era o Augustão, o Rui e a gente foi discutindo... E, nesse processo, começaram as reuniões da Intersindical e foi um trabalho muito difícil de fazer. Por quê? Porque a gente não era bem-visto pelos chamados “autênticos” do movimento sindical. Lula, Olívio Dutra etc., os mais tradicionais, eles tinham um pezinho atrás em relação à gente. Porque a gente era molecada, né? Mas a gente, ao mesmo tempo, transformou o sindicato em um centro de irradiação de políticas com as oposições sindicais que eu acho que isso foi fundamental pra poder ampliar o apoio que a gente tinha. Então tinha lá oposição de tudo quanto era jeito que aparecia por lá, do Brasil inteiro!

A agenda sindical no período

Então a gente [do sindicato dos bancários] estabeleceu, por exemplo, 1979: nós precisamos ganhar tais e tais sindicatos bancários no Brasil inteiro; nós precisamos ganhar tais e tais sindicatos fora da categoria bancária, então a gente tinha químico, tinha “não-sei-o-quê”, que a gente foi mapeando e tal; e foi também nesse planejamento que surgiu, que a gente escreveu um documento que falava sobre que “nós precisamos criar uma Central Única dos Trabalhadores”, com esse nome: “Central Única de Trabalhadores.” Porque a gente achava que os outros nomes, – CGT, “não-sei-o-quê” – eram coisas que estavam muito estigmatizadas. E tinha também a coisa da experiência chilena de Central Única...

E aí, no sindicato, a gente acabou também tirando uma política de designar alguém para cuidar exatamente dessa parte. Quem é que vai cuidar das – que a gente chamava – das “relações exteriores” do sindicato? - Quem que vai cuidar das relações exteriores do sindicato. E eu acabei ficando responsável por isso. Eu e a Tita ficamos responsáveis por isso. E aí começamos a fazer o trabalho de aproximação com todo mundo, né? Conversa daqui, conversa dali e tal... A primeira conversa que eu fui fazer em São Bernardo com o

Lula, foi muito difícil. Porque assim, se apresentar, falar e tal. Depois ele ainda ligou para o Augustão pra saber se era verdade mesmo que eu tinha ido lá fazer, conversar e tudo o mais.

A gente tinha tomado uma paulada muito grande em 79, na campanha salarial de 79, né? A campanha do “50 + 3.000” - que era 50 por cento mais 3.000, que foi uma campanha que mobilizou; fizemos aquela greve, que foi uma greve que parou São Paulo literalmente a repressão foi muito grande; quebrou São Paulo inteiro, ali naquele centro de São Paulo, mas do ponto de vista da greve, das conquistas, nós não avançamos, praticamente, nada! Foi um período muito difícil. A diretoria estava rachada – também teve esse problema. Uma parte da diretoria defendia a greve outra parte era contra. Eu era um dos que defendia contra a greve, na época. Só quem defendeu a greve na época foi o pessoal do Trabalho, era a Tita, o Gushiken, Ademar e o Washington que defenderam a greve da direção.

Aí começou a campanha salarial dos metalúrgicos de São Bernardo, eu estava com o Augustão um dia e falando sobre a nossa greve, falando sobre a campanha e o Augustão, meio assim: “Olha, estou pensando em um negócio aqui, não sei o que você acha. A campanha lá está começando agora, né? Porque é que você não vai pra lá e fala assim ‘olha, eu vim aqui pra aprender a fazer greve, nós não sabemos fazer greve nós precisamos aprender porque não temos *know-how*. E quem tem *know-how* são vocês... e tal”. Aí eu falei: “Boa ideia, né?” - Aí ele falou: “É porque, senão depois a gente chega lá só pra ir na coisa da solidariedade, de não sei o que... então é melhor você ir.” Aí eu fui...

Jovens que assumiram a diretoria do Sindicato dos Bancários de São Paulo

Essa coisa, assim, do aprendizado que a gente teve, era no dia a dia. A gente não tinha escola de formação, a gente não tinha grupo de estudo, a gente não tinha... “malemá” a gente tinha, vamos dizer assim, a indicação de um livro aqui, um livro ali, entendeu? Ou de participação nos grupos de estudo das organizações que a gente participava que eram os grupos clandestinos e tal, “não-sei-o-quê”, como eu participei da Convergência; e tinha um tal do GER – Grupo de Estudo Revolucionário. Então o resto era no dia a dia e era discussão do dia a dia. Então a gente, por exemplo, no sindicato, toda a segunda-feira tinha reunião da direção do sindicato, os 24 diretores, a gente começava a reunião às 9:00 da manhã e terminava meia-noite; terminava

23h; terminava 22h. E, depois continuava em um boteco conversando e conversando – e é aí que a gente aprendia! É aí que a gente discutia, né? E era ali que a gente sabia o quê e tal... E ali o cara citava não sei quem, uns teóricos lá – “porque Lênin... porque Marx... porque ‘não-sei-o-quê’, porque ‘não sei quem’...” Aí: dá-lhe correr atrás sozinho, entendeu? Assim, eu acho que também tem umas características pessoais que ajudam, então, assim eu era um cara muito curioso; então eu gostava de conversar com todo mundo: eu conversava com o cara do MR-8, conversava com cara do Partidão, conversava com cara de ‘não-sei-o-quê’ e tal... Eu gostava de ouvir histórias, então não tinha coisa melhor do que pegar os caras do Partidão pra contar histórias, entendeu?

A CONCLAT

No 1º de Maio de 1980, o Lula estava sendo processado pela Lei de Segurança Nacional e o 1º de Maio se transformou em um ato de solidariedade ao Lula, por conta da Lei de Segurança Nacional e 1º de Maio foi lá no Paço Municipal de São Bernardo. Então, nós transformamos essa reunião em um ato e ao mesmo tempo marcamos também de fazer uma reunião nacional, porque a gente chamou os dirigentes de outros estados, muitos dirigentes de outros estados – tinha umas 60, 70 pessoas, mais ou menos, de outros estados – pra vir pra prestar solidariedade, mas pra discutir o que fazer. Porque a gente já tinha começado a fazer uma discussão, a possibilidade de fazer uma CONCLAT que era um contraponto à CONCLAP, que tinha acontecido em 1977, que era a Conferência Nacional das Classes Produtoras, que foi a reunião dos empresários.

Aí a gente conseguiu alguns dirigentes das confederações e tal e [estes] conseguiram uma audiência com o Figueiredo. E entregaram um documento pra ele falando que, já que teve a CONCLAP, porque não ter a CONCLAT? A Conferência das Classes Trabalhadoras e estava um negócio, assim, meio que num limbo essa coisa. E discutimos essa ideia de retomar a discussão da CONCLAT e uma grande parte do pessoal absorveu a ideia de discutir isso. Fizemos uma reunião e, nessa reunião, nós marcamos uma reunião nacional que... Eu não lembro agora se foi em junho ou foi em julho, uma reunião no Sindicato dos Químicos, mais ampla para poder eleger uma coordenação que fosse organizar a primeira CONCLAT. E nessa reunião que foi no Sindicato dos químicos de São Paulo, tinham umas cento e oitenta e... Se eu não me engano, tinha 183 entidades do Brasil

inteiro. Claro que com uma predominância muito grande de São Paulo e Rio de Janeiro, mas foi bastante representativa a reunião. E tirou uma comissão para eleger, para organizar a CONCLAT e eu acabei sendo eleito para estar na comissão por São Paulo que eram sete: eu, o Lula, o Arnaldo Gonçalves⁶⁰, o Raimundo⁶¹, o Hugo Perez, o Raimundo, dos padeiros; foi o Crispim, de Cravinhos - que era do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cravinhos. Um cara que balançava, assim, entre a gente o Partidão o tempo inteiro [e o Joaquinzão].

E tirou que iria [ser realizada] na Praia Grande, porque iria fazer onde tinham as colônias de férias [dos sindicatos], era mais barato. E essas foram as coisas básicas que saíram dali. E aí ficou um acordo que foi feito depois que, dos sete formaram-se três secretarias. E como era uma época de estrita vigilância um sobre o outro, então tinha sempre dois responsáveis para cada pedaço. Então, a Secretaria Geral era eu e o Hugo Perez⁶² - pra um vigiar o outro; as Finanças era o Lula e esse menino de Cravinhos, o Crispim⁶³...

O sétimo era o Joaquinzão. E eu vou dizer pra vocês: o Joaquinzão, no período de preparação da primeira CONCLAT, ele não atrapalhou em nada! Pelo contrário! Ele ajudou pra caramba! As reuniões eram todas quase no Sindicato dos Metalúrgicos ou então na sede da Federação lá, das indústrias urbanas. A maioria das reuniões eram lá no sindicato porque tinha mais infraestrutura ou não sei o que... E ele ajudou no que ele pode. Eu avalio, né?! Ele não causou nenhum tipo de problema. Teve alguns problemas depois, quando a gente começou a discutir os critérios de participação e tudo o mais - mas não era só por causa dele! Era porque tinha também as preocupações do Partidão de perder a hegemonia no movimento sindical em relação as oposições sindicais e tudo mais. E aí a gente começou um trabalho que foi um trabalho do zero. Quer dizer, na secretaria geral, o Hugo Perez também não fazia nada, ele não bateu um prego, mas também não atrapalhou nossa vida.

60. Arnaldo Gonçalves. Membro da comissão nacional da CONCLAT, à época era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Baixada Santista.

61. Raimundo Rosa Lima (Raimundão). Presidente do Sindicato dos Padeiros de São Paulo de 1972 a 1984, era militante do PCB. Liderou, no início da década de 1970, nos anos de chumbo da ditadura, manifestações dos padeiros que reivindicavam o fechamento das padarias aos domingos.

62. Hugo Perez. Foi membro da comissão nacional da CONCLAT, à época era presidente da Federação das Indústrias Urbanas do Estado de São Paulo.

63. Antônio Crispim. Foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cravinhos-SP.

Nós montamos uma secretaria geral lá na federação, porque era um lugar que tinha... A gente podia trabalhar tranquilo e não tinha muvuca, não tinha gente, porque era uma federação; e também parecia um grande escritório. E era bem confortável, diga-se de passagem. Aí a gente montou essa secretaria ali e começamos a fazer um trabalho que foi um trabalho braçal enorme, de levantar os sindicatos que tinham no Brasil! Não existia uma lista de sindicatos no Ministério do Trabalho. Cada Delegacia Regional do Trabalho, era quem tinha a lista dos seus sindicatos nos seus respectivos estados não existia uma lista nacional; e, se existia, também o Ministério do Trabalho não iria fornecer. Então, como cada pelego tinha no seu estado os seus contatos com a DRT, para arrumar a lista, eles arrumavam a lista pra gente clandestinamente e mandava pelo correio. E a gente tinha que datilografar, montar, fazer etiquetas – e o escambau a quatro! – E não tinha computador também, né?

Era muita correspondência, porque tinha que enviar para os sindicatos quais eram os critérios, cobrar de todo mundo, fazer... E muita gente começava a ligar, começava a ter informação e correr atrás das informações, né? E a gente... nós fomos, vamos dizer assim, “os pioneiros” nessa coisa de criar um primeiro cadastro de sindicatos no Brasil. Independentemente do que os outros tinham feito.

Tinha as etiquetas e a gente mandava para o sindicato e fazia a coisa. E aí começou também o processo de correr atrás: quem estava fazendo a assembleia; como é que iriam ser as assembleias; eleger delegado; quais eram os critérios para eleger delegados. E os critérios, na época, eram os critérios baseados no tamanho da base. Então era uma mentirada do tamanho do mundo! O cara aumentava tamanho base... Mas, digamos assim: a gente conseguia ter uma média, e conseguiu fazer com que as entidades tivessem, enxergassem a informação em todos os estado. E o pior de tudo, é que pouca gente acreditava, de verdade, que a gente iria ter uma CONCLAT com 5 mil pessoas.

E pela primeira vez também se teve a ideia de construir um documento com propostas políticas do movimento sindical e a proposta de construção de uma central única dos trabalhadores, porque foi nesse documento. A gente construiu esse documento, foi um trabalho enorme pra poder construir um documento base de discussão para fazer acordos e para poder chegar em um documento razoável; e construir também um acordo de como iriam ser debatidas as divergências, porque não era um período tão simples para

discutir a divergência. Estava um acirramento muito grande entre o nosso pessoal, que era o PT – que tinha nascido há pouco tempo – e o pessoal que era ligado ao Partidão e ao MR8. Em 79 quando teve a eleição dos metalúrgicos, morreu gente, então estava uma confusão danada! E por conta desse episódio dos metalúrgicos e das coisas que estavam acontecendo, tem um bastidor que foi fundamental, eu acho, que para esse processo eu procurei o Lula e eu conversei com ele e a minha avaliação era a seguinte, eu falei assim: “Olha, nós não podemos deixar acontecer...” O meu medo não era a repressão externa. A minha maior preocupação era que, pelo nível de divergências que existia no movimento sindical, era o conflito virar briga na CONCLAT e aí a gente se desmoralizava perante a sociedade e a ditadura e tudo mais. E falarem: “Olha, está vendo? Esses caras não conseguem nem se juntar mesmo.” E aí eu fiz uma proposta para o Lula, para o Luiz Inácio e eu falei: “Olha, eu acho que a gente deveria chamar uma reunião com as organizações porque quem briga não é a base, né? Quem briga é militante organizado. Então se a gente conseguir fazer um acordo com esses militantes, com essas organizações para que não tenha briga, a gente vai fazer um congresso que vai ser bem feito; vai fazer uma conferência que vai ser bem feita. Se não tiver acordo o risco vai ser muito grande.”

Mas terminou que a gente fez um acordo, assim: nós dividimos a secretaria da CONCLAT, meio a meio! As pessoas que iriam trabalhar na secretaria da CONCLAT, que era para ninguém acusar ninguém de fraude; a Silvia Portela era, junto com um cara que era do comitê central estadual do Partidão, do sindicato dos médicos; então só saía crachá se estivesse assinado pela Silvia e pelo [representante] dos sindicatos dos médicos. Se não tivesse o consenso entre os dois, só se tivesse a assinatura minha e do Arnaldo Gonçalves, juntos. Se não tivesse, não saía, entendeu? Então quando dava conflito, se os dois resolvessem, não tinha problema; se não resolvessem com os dois, aí tinha que achar eu e o Arnaldo para poder resolver, e aí quando... se resolvia, saía! Nós conseguimos resolver, eu acho, quase todos os problemas! Não ficou praticamente ninguém sem credencial. Teve alguns que acabaram ficando como observador e tal, mas a gente conseguiu resolver, assim, 95% dos problemas todos na conversa. E aconteceu aquilo que a gente previa: havia mais de 5 mil delegados.

As teses que a gente defendeu da liberdade e autonomia sindical, a convenção 87 da OIT: salário mínimo unificado, nacional... - Outro dia eu estava até revendo as pautas todas que a gente aprovou na CONCLAT... Nós praticamente aprovamos todas ao longo dos anos. A Assembleia

Nacional Constituinte, mais uma série de outras coisas, fim da Justiça do Trabalho; tudo isso a gente conseguiu ganhar no debate. Só não ganhamos a discussão da unicidade sindical e o fim do imposto sindical. E até hoje eu tenho convicção de que, não ganhamos porque grande parte do nosso pessoal continuava defendendo o imposto sindical – como continua até hoje. Só que vota no congresso contra, mas, no dia a dia quer o imposto sindical e quer a unicidade sindical.

O Partidão, na verdade, ele tinha uma outra coisa de criação da CUT. Na verdade, eles queriam reeditar a forma de como a CGT tinha sido criada, que era só uma reunião de direções de sindicatos que elegiam um comando geral de entidades – e ponto final. E que saiu do controle deles. Que essa parte, essa outra parte, saiu do controle quando a gente propôs que tinha que realizar os ENCLATs nos estados para poder realizar a CONCLAT, [que seria] precedida de encontros estaduais. Eles não conseguiram derrubar a participação das oposições, então ficou um clima bastante tenso. Aí a [questão] da composição da direção, foi um caminho que a gente tentou, tentou, tentou e não conseguiu. Da composição e da forma de eleger; então o Partidão percebendo que eles poderiam perder ali, eles propunham que não elessem comissão nacional Pró-CUT ali. O que eles propunham era realizar os ENCLATs estaduais e, nos ENCLATs estaduais, eleger as pessoas para participar da direção nacional, da Pró-CUT. E a gente dizia o contrário: “não, nós temos que sair daqui com uma direção, que é para essa direção [possa] encaminhar não só o próximo congresso de fundação da CUT, mas também as lutas da classe trabalhadora para o ano de 82 e pra frente.” Então esse era o embate, que consumiu horas, horas e horas de reunião da comissão que organizou a primeira CONCLAT pra tentar construir – e aí não conseguiu chegar em um acordo, né?

E fomos para o plenário sem proposta, mas conseguimos aprovar no plenário que a Pró-CUT tinha que ser eleita naquele plenário, nessa parte, o Partidão perdeu, né? – Até eu acho que tem uma parte da galera deles mesmo que votou a favor da gente de eleger ali a comissão Pró-CUT. E aí não tinha chapa, entendeu? E aí toca de novo, fazer chapa, fazer chapa, fazer chapa... Não tinha chapa e aí acabou tendo as duas chapas, aí foi pra fazer a votação, e aí o Jacó Bittar decretou que deu empate: não dava pra saber quem é que tinha ganhado, né?

E aí teve o processo de composição da chapa, que é a famosa “Chapa do Banheiro” que, na verdade, não era um banheiro, era um vestiário! E aí decidi que a Pró-CUT tinha que ter 48 pessoas, sendo que 27... das 48, 27 eram urbanos e 21 eram rurais – se eu não me engano, 1/3, um negócio assim! Mas tinha uma quantidade de rural lá que a gente tinha que fazer a composição. Não, não eram 48! Na verdade, eram menos! Eram 27 e, desses 27, 9 tinham que ser rurais. E depois acabou acho que virando 48! É uma coisa mais ou menos...

Mas essa aumentou mais, porque o... Aí eu vou explicar o porquê! – Porque quando a gente se sentou pra fazer a chapa, fez uma metodologia assim: cada lado falava um nome. Então um propunha um nome, outro propunha outro; outro propunha um nome, outro propunha outro. E começou pelo Arnaldo propôs o nome do Joaquinzão; aí a gente vetou, e os dois lados tinha direito de veto. Aliás, começou com a gente cantando o primeiro nome, que nós colocamos o nome do Valdemar Rossi. Aí eles vetaram o nome do Valdemar Rossi, aí eles propuseram o nome do Joaquinzão, a gente vetou o nome do Joaquinzão. É uma coisa meio *nonsense*. Por que hoje eu penso assim? Você não poderia ter deixado o maior sindicato de trabalhadores da América Latina, que eram os Metalúrgicos [de São Paulo], de fora. E a gente acabou ficando em uma situação minoritária nessa primeira Pró-CUT. Mas eu acho que foi a saída que deu pra fazer naquele impasse que a gente estava, não tinha outra saída,

E aí eu acho que o Lula teve um papel muito importante nesse processo, porque ele foi um cara decisivo quando ele tomou a posição – porque ele ficou um tempo em cima do muro, mas aí ele tomou a posição contra! – e falou assim: “Não, não podemos fazer isso, porque senão vamos rachar de vez e não vai construir nada.” E depois, em 83, essa coisa começou a voltar, mas a gente conseguiu afastar logo no começo, a coisa não andou. Mas esse foi um debate muito complicado que teve logo no início, sobre qual era o caráter da CUT que nós queríamos construir. E aí, a questão da CUT sindical, ela ganhou aí nesse processo.

Em 1982 foi eleita a nova [chapa] Pró-CUT e depois começou um outro processo, que aí entra o Gilmar Carneiro. E aí, foi um processo importante para consolidar a CUT, esse grupo que vai rachar e criar a CUT em 1983. O racha foi porque chegou em 83 e o pessoal do partidão também não queria mais fazer em 83, eles queriam fazer outra coisa e aí não tinha mais jeito de manter a unidade. Então, eu acho que isso foi um processo que foi importante.

Os trabalhadores rurais nas origens da CUT

Eu não tenho a menor vergonha de dizer, por exemplo, que eu acho que hoje eu teria outras avaliações ou outros julgamentos. Em relação, por exemplo, à questão do Zé Francisco, CONTAG e tudo mais. Eu acho que nós, na época, não tivemos sabedoria para lidar com o CONTAG, com o Zé Francisco, com o pessoal. A gente teve uma postura muito sectária e que levou a uma disputa... uma disputa besta de liderança, entendeu? entre Lula e Zé Francisco, que não tinha necessidade. A gente sempre tratou o Zé Francisco e a CONTAG como sendo uma “pelegada. E que, na verdade, não era tanto, aliás tem uma grande injustiça nessa coisa da retomada do processo democrático no Brasil que as greves da crise de 1970 vão começar em São Bernardo. A maior greve da década de 70 foi feita pelos assalariados rurais do Nordeste em 1977 que reuniu 500 mil trabalhadores de toda aquela região ali de Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, dos plantadores de cana, ali, dos assalariados rurais - foi uma greve fenomenal aquilo! Foi um negócio estrondoso. Que não deu mídia porque era greve de trabalhador rural.

Diretas Já, Constituinte e participação do sindicalismo

A Constituinte foi um período que eu estava mais afastado da CUT, em 88, né? Porque eu tinha sido demitido do banco, aí tinha trabalhado como assessor do movimento sindical até 85, fui assessor do Paulo Skromov, fiz algumas coisas e, depois, fiquei um tempo na iniciativa privada (86, 87) e em 88 eu estava voltando para o movimento sindical, estava nos químicos, lá ABC, então eu não participei [de forma] direta do processo da Constituinte. Quer dizer, eu acompanhei muito mais fora do que dentro do processo. Mas, o que eu consigo lembrar e consigo pegar desse período, são duas participações que eu acho que foram fundamentais: a CUT, com o processo de mobilização que ela fez e a CONTAG, no processo de mobilização dos trabalhadores rurais em relação ao tema Terra; ao tema Previdência.

O III CONCUT (1988)

O outro é a questão do debate que teve em 1988 sobre a CUT movimento, CUT instituição. Eu acho que esse debate foi um debate decisivo para CUT se consolidar enquanto uma central sindical.

As CUTs estaduais são de uma fragilidade muito grande; ninguém pegava o processo mesmo de institucionalizar a CUT, enquanto uma entidade que tivesse capacidade de representar os trabalhadores – fazer negociação, fazer discussão. E o debate da “CUT Movimento”, que era aquela CUT que só ia fazendo movimentos gerais, a típica correia de transmissão do partido revolucionário. “Estamos rumo à revolução.” E a hora em que a gente institucionaliza, em que a gente estabelece que a questão de “ah, a CUT é uma central sindical de entidades sindicais” e que “o critério para eleger os seus delegados é a partir dos filiados que tem em cada entidade”, ou seja, não é um critério etéreo de categoria como um todo, mas é um “a partir do trabalho que a entidade tem”. Ela tem tanta representação a partir da representatividade que ela conquistou junto aos seus associados; a partir do trabalho que ela tem de base real, que ela reflete aquele trabalho de base real. E a partir de 88 é que a CUT vai para os estados para consolidar as CUTs estaduais, para fazer um trabalho de consolidação, e aí começa a fazer o trabalho de acompanhamento das campanhas salariais, a fazer os trabalhos de acompanhamento dos processos que acontecem nos estados e, ao mesmo, tempo da força para a CUT entrar no processo eleitoral de 1989, que eu acho que também foi a participação da CUT no processo eleitoral de 89, na campanha do Lula, que foi fundamental para CUT se espriar, e se consolidar, de vez como interlocutora e ganhar respeito como interlocutora.

E a decisão também de criar os ramos, de criar os departamentos, dizer: “olha, nós precisamos estruturar, fazer uma estrutura horizontal; nós vamos construir uma estrutura horizontal...” Se a gente não tivesse tomado essa decisão lá em 88 de construir a estrutura horizontal, não tínhamos conseguido hoje ter essa representação que a CUT tem hoje, tem um monte de problemas, tem um monte de percalços que nós não conseguimos avançar. E foi uma construção de cima para baixo. Foi uma elaboração que nós fizemos a partir de uma série de debates internos; envolvemos os estados, envolvemos a base nesse debate, mas as propostas e a forma que nós fizemos esse debate com a base e teve o respaldo mas, a construção foi de cima para baixo. E nós fomos construir as CUTs estaduais muitas vezes contra a vontade de muita gente nos estados!

Desafios à ação sindical e perspectivas

Na verdade, nós estamos falando de um mesmo problema: nós estamos falando de precarização do trabalho. Que se deu com a terceirização; que

se deu com *just-in-time*; que se deu com um monte de outras formas de organização e que agora ele só está em um outro processo diferenciado: agora é Uber, agora é de um outro jeito, mas ele continua sendo um terceirizado. Então, quando é que nós vamos avançar nisso? O problema é que nós não conseguimos, em um determinado tempo, a formulação que a gente tinha dos ramos, ela foi abandonada. Nós não temos uma elaboração sobre os ramos que desse conta no dia de hoje da organização dos ramos. Nós não temos ramo, não existe “ramo metalúrgico”, entendeu? Ramo metalúrgico não existe! Nós nos contentamos em ser ramo metalúrgico, ao invés de a gente ir pra cima pra construir o ramo da indústria. Quer dizer, não existe ramo de vestuário. O ramo de vestuário ele não existe! Ele está na indústria. Não existe ramo de educação. Existe ramo de servidor público, existe ramo de serviços. Mas aí, por vias tortas... Mas eu acho que essas vias tortas, ela são, vamos dizer assim, fruto das dificuldades que nós sempre devemos superar na organização sindical tradicional da unicidade, do imposto sindical, do movimento sindical regido por toda uma legislação do Estado, dessa falta de liberdade, da autonomia sindical que a gente tem no Brasil. Não é uma coisa só, assim – “ah, não...” Porque, assim, é muito simplista dizer que as pessoas se acomodaram e é muito simplista dizer que nós conseguimos fazer tudo. Eu acho que nós não conseguimos fazer tudo, eu acho que uma parte é por conta da estrutura sindical também e uma outra parte é também uma parte que acomodou mesmo. Acomodamos! Não dá pra negar que também teve uma certa acomodação. Determinadas categorias poderiam ter puxado e falar assim: “olha, não estamos contentes de ser ramo metalúrgico, vamos ser ramos de indústria.” Hoje os metalúrgicos estão falando em ser ramo de indústria, mas porque eles estão desaparecendo; hoje o setor financeiro está falando que vai ser ramo de serviço porque está desaparecendo. E é só por isso, por uma questão de sobrevivência! Mas nós não conseguimos avançar nesse processo da estrutura horizontal e nós também tivemos problemas entre as estruturas; quer dizer, o ramo do setor público é um setor difícil para unificar, muito difícil. Não se consegue unificar servidores federais da saúde com servidores federais como um todo.

O futuro do sindicalismo

O futuro do sindicalismo está difícil, viu? Olha, outro dia fizeram essa pergunta para uma dirigente nossa. O debate era: “É preciso um novo sindicalismo no Brasil?” Aí, eu fico me perguntando assim: “O que é

Novo Sindicalismo?”. Porque eu acho assim: os fundamentos principais, os fundamentos básicos do sindicalismo, eles continuam. O que mudou? Não mudou a exploração, não mudou a precarização, não mudou o debate sobre direitos, não mudou o debate sobre formalização... Mas, a questão de fundo, a questão principal, que está por trás de toda a existência do sindicato continua sendo a mesma coisa: a luta de classes e a luta por direitos. O problema é como nós vamos fazer essa luta por direitos agora; e como nós vamos abordar e discutir com esse trabalhador em determinados segmentos. Porque todo mundo fala de trabalhador qualificado, indústria 4.0, mas isso é uma minoria da minoria da minoria da classe trabalhadora; não é a grande maioria da classe trabalhadora que vai ser ou que está sendo abarcada e está sendo... E você tem uma outra parte da classe trabalhadora que vai continuar e que continua sendo mão de obra não-especializada; e agora o grande desafio, que eu acho que esse é o desafio maior é que esse trabalhador, até por não ser tão especializado. Porque não necessariamente o trabalhador especializado vai perder o seu local de trabalho. Mas o trabalhador não especializado corre também os mesmos riscos de perder o seu local de trabalho, ele não precisa mais ter local de trabalho.

Temas transversais

Quer dizer, uma avaliação muito pessoal minha, mas de uma forma muito desorganizada, atabalhoada e que está gerando confusões assim, muito... – que são as discussões dos temas transversais. A questão do racismo, a questão das mulheres, a questão da juventude. E acho que nós ainda não encontramos [ainda] uma forma, uma medida certa de tratar e de saber tratar esses temas de forma conjunta. Então, por exemplo, eu vou citar um exemplo aqui: um enfrentamento, por exemplo, ao episódio de Porto Alegre, o rapaz que foi assassinado no Carrefour. Que acabou virando uma discussão dentro da CUT porque alguns dirigentes, por exemplo, queriam que a CUT embarcasse em uma campanha de boicote ao Carrefour. E estava se iniciando uma coisa protagonizada pelos movimentos negros por conta de boicote ao Carrefour. E aí, a gente perguntava para eles: “E tá bom, e qual é a... e aí? Fechou a loja do Carrefour e o que a gente faz com os desempregados?”

O sindicato dos comerciários, filiado à CUT, a federação dos comerciários, filiada à CUT vão dizer o que para esses funcionários do Carrefour? E quando a gente foi apresentar uma pauta sindical para o Carrefour, que

a gente fez uma pauta sindical e a gente conseguiu escrever uma pauta sindical para o Carrefour, que colocasse as questões de raça, de gênero e tal, não sei o que, e “pá-pá-pá”, deu atrito, porque acharam que a gente não tinha que negociar com Carrefour. “Como é que você vai negociar com uma política fascista”. É uma coisa que precisa ser calibrada, e a gente não conseguiu calibrar, a gente não está conseguindo calibrar.

Reconfiguração das categorias

A outra coisa é que vai ter – e está tendo cada vez mais – uma reconfiguração das categorias que precisam ser trabalhadas. Principalmente na área de serviços. Porque na área da produção industrial, tem um monte de coisas que, por mais que se fale da indústria 4.0, pode diminuir, mas você não vai acabar a necessidade de ter o trabalhador ali no local de trabalho, fábrica, tal e não sei o que. Eu acho que está um pouco longe aquela coisa de que: “Eu compro o carro e monto na minha casa com uma impressora 3D.” Eu acho que faz parte da ficção. E agora, na pandemia, quer dizer, depois da pandemia, muita gente não vai voltar mais, né? Muita gente não vai voltar mais. E tem muita gente que não quer voltar. Já tem muita gente que não quer voltar. Os trabalhadores de TI, por exemplo, os trabalhadores de T.I do Itaú, eles não querem nem jornada, eles não querem discutir jornada.

A outra coisa é: como que esses trabalhadores que estão indo para a pejetização, que está sendo uma tendência muito forte (inclusive, na CUT, todo mundo virou PJ na CUT hoje!) - a pejetização atingiu a gente de uma forma a CUT, inclusive, eu acho, que nós estamos criando um passivo trabalhista enorme. Porque apesar da lei permitir hoje a pejetização. Mas, a pejetização da lei não é a pejetização que as empresas aplicam e nem a CUT aplica. Porque é uma pejetização com cadeia de comando, horário de trabalho. Mas, como esse trabalhador vai ser incorporado à economia? Como que esse mercado informal, como que essa informalidade toda vai ser incorporada à economia? Eu estava vendo esses dias a discussão sobre o resultado do PIB. O PIB cresceu, mas do ponto de vista de incorporação de mão de obra, foi praticamente zero. Quer dizer, você tem, na verdade, uma diminuição de mão de obra. Então, que crescimento é esse? Então, na verdade, você tem uma outra economia que é paralela a essa, que é quase do tamanho da economia formal, do PIB formal que vira dinheiro circulante. E o Estado não arrecada ou arrecada só por vias indiretas.

Eu acho que a gente, nós, de certa forma, abandonamos a universidade como um celeiro de formação de pessoas para trazer para o movimento sindical, não para virar bancário, entendeu? Não para trazer o cara para virar bancário, mas assessor nosso! Aí, esses advogados criaram seus escritórios, esses escritórios foram contratados pelo sindicato. E a gente não está fazendo esse processo de reciclagem, que eu acho que é importante.

Comunicação

Eu acho que a comunicação, é chave nesse processo. Eu acho que nós perdemos grandes oportunidades de ter mecanismos de comunicação eficientes. A minha formação é na área de comunicação, eu me formei em publicidade e comunicação social. E quando eu fiz publicidade, eu fiz de propósito. Porque eu falei assim: “Nós precisamos melhorar a nossa forma de comunicar, de chegar, não é só a questão do jornalismo, nós precisamos saber ‘vender o nosso produto’ para uma parcela maior que não é só aquele cara que lê, que não sei o que e ‘tá-ra-ra.” Mas, infelizmente, eu nunca consegui muito sucesso, comunicação sempre foi considerada uma despesa. Essa é uma coisa! Segundo: a disputa política, que dizer, nós não conseguimos fazer as coisas da forma que gostaríamos por conta da disputa, né? Eu lembro que quando a TV Manchete faliu, nós estivemos a um passo de comprar a TV Manchete em 1993 e nós não compramos porque houve um problema de política.

Agora, o Governo Lula, no Governo Lula e em um dos governos Dilma, foi quando teve as maiores ofensivas contra a rádio comunitária Por isso a federal fechou rádio comunitária a rodo, entendeu? Nos governos do PT, entendeu? E se tem uma coisa que funciona nesse Brasil e que não vai acabar nunca é uma coisa chamada rádio. E nós nunca demos bola para rádio, nós sempre achamos que nós queremos comprar o espaço na Globo, nós queremos comprar espaço em não sei o quê. Então, tem duas coisas que funcionam muito no Brasil, e que a esquerda não valoriza, é a rádio comunitária, as rádios locais – que não são só os programas locais – e os jornais locais.

Se você monta uma rede de pessoas, porque assim, o jornal local não tem jornalista, não tem nada, ele é o cara ali, dois/três caras que fazem um jornalzinho, se você começa a mandar matéria para eles, ele tem lá um cara... ele vira e fala assim: “Olha, agora temos um correspondente em Brasília.” Eu experimentei isso na CONTAG, eu falei: “Agora eu tenho um correspondente em Brasília.” Aí, o cara me fazia um jornalzinho falando

assim: “Direto de Brasília!”, entendeu? E saía o jornal, ele colocava lá: “Direto de Brasília!” – material da CONTAG. A mesma coisa com a rádio, nós chegamos a ter 400 programas de rádio na CONTAG, a gente gravava o programa, gravava o CD, fazia o programa em Brasília, gravava o CD, depois a gente dividia... tinha uma parte cultural, que eram músicas e etc., e ao mesmo tempo, a gente tinha as matérias, aí você tinha uma matéria num bloco, e tinha as matérias separadas.

A outra forma de comunicação, que eu acho que isso nós temos que aperfeiçoar e acho que nós vamos chegar na juventude, é o bendito do Youtube. Porque o Youtube é uma coisa que tem uma versatilidade muito grande porque você pode fazer ao vivo, você pode fazer gravado, você pode fazer com cenário, você pode fazer sem cenário. Você pode fazer com intervenção cultural, você tem um monte de possibilidades que você pode produzir no Youtube que eles transformam em uma coisa da televisão.

Agora, nós não temos um programa no Youtube, a CUT não tem um programa no Youtube, poderia ter. As redes sociais, elas têm um papel muito grande, ela é uma coisa muito rápida. Ela não tem capacidade de formar, ela tem capacidade de mobilizar, de fazer, tal, e não sei o quê, mas são muitos portais. Ela não tem capacidade de formação.

LUIZ AZEVEDO

Entrevista realizada em 07/06/2021

DURAÇÃO: 118 minutos

Foi diretor do Sindicato dos Bancários São Paulo e Osasco e deputado estadual pelo PT de São Paulo. Atuou como secretário executivo do Ministério das Comunicações, da Secretaria de Relações Institucionais e da Secretaria de Governo da Presidência no governo Dilma Rousseff.



Trajétoria de vida e militância sindical

Eu saí de Bebedouro em 1974, de carona pra vir prestar vestibular na USP e já com uma perspectiva de fazer Física, porque eu era um aluno excepcional em física, adorava física e eu queria fazer Física na USP. E eu como não tinha dinheiro para comprar a passagem de ônibus, eu resolvi ir de carona. E peguei uma carona e o caminhoneiro tinha sobre o balcãozinho ali do caminhão, ele tinha o [livro] *Geografia da Fome* do Josué de Castro e eu resolvi vir lendo enquanto o cara vinha dirigindo. E desci do caminhão embaixo do Viaduto Minhocão – ali perto da Alameda Glete onde eu acabei indo morar – e convencido que ao invés de fazer Física, eu tinha que fazer Geografia.

E prestei vestibular para Geografia. E eu tinha acabado de fazer concurso para o Banco do Brasil e para o IBGE, eu passei nos três, passei no IBGE, passei no Banco do Brasil e passei na USP pra Geografia. Fui fazer Geografia, quem me chamou primeiro foi o IBGE e aí comecei a trabalhar no IBGE.

Em agosto eu sou chamado pra trabalhar no Banco do Brasil e lotado na agência de Osasco, na Antônio Agú. Cheguei na agência Antônio em Osasco, de cara, José Carlos Correia⁶⁴ – lembra do “Zé Bomba”? – o Zé Carlos Correia trabalhava lá, veio me sindicalizar e eu me sindicalizei e ele já me chamou para ir em uma reunião do sindicato. E eu fui na reunião

64. José Carlos Correia. Funcionário do Banco do Brasil e membro da diretoria do Sindicato dos Bancários de São Paulo e Osasco na década de 1980. Participou da oposição sindical bancária.

do sindicato no primeiro dia de trabalho; e aí em contato com o Moretti⁶⁵ e com o Laranjeira⁶⁶, eu entrei na TESICLA, que era Tendência Sindical Classista na época e entrei pra fazer o movimento...

Começamos a visitar o sindicato e eu comecei a levar os panfletos. E aí eu começo a participar em 1976 no Sindicato dos Bancários em São Paulo e, em 77, teve aquelas assembleias – já que teve mobilização – 78 teve a greve, criamos a oposição e aí a gente entrou na oposição e ganhamos a eleição do Sindicato. Resumidamente: a trajetória como eu entro nesse processo, se dá por um caminho de inquietude. Porque depois eu larguei o curso de Geografia, larguei a USP e fiquei só no movimento sindical.

A agenda sindical no período

Então, essa história é a história de quem entra no movimento sindical pelas mãos da oposição sindical. As oposições sindicais, nos bancários, a história já começa lá em 1966-67 com a participação ativa, mas em 75 eles disputam o sindicato e teve uma disputa bastante acirrada. Aí, essa galera que ficou, que era dos bancos públicos, porque é o período que os bancos públicos já desde a década de 1950, pós 1940, os bancos públicos ganham relevância e a maioria dos dirigentes sindicais bancários do país, são do Banco do Brasil ou do Banco do Estado.

A história do sindicalismo bancário, até 88 ela é forte e marcada pela presença dos bancos públicos. Então tem toda essa história, o movimento de oposição era uma força que estava em crescimento e por acaso (ou não), com a mudança no índice feita pelo Delfim Neto da inflação – aquela fraude – gerou uma diferença salarial e a campanha salarial de 77 dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, foi uma das mais criativas, todinha desenhada pelo Laerte e Henfil, os dois estavam juntos, né? Desenharam todo aquele negócio e tal, aquilo foi um baita de um impacto – João Ferrador – aquela coisa toda.

Estourou a greve por dentro das empresas em 78. Esse processo, portanto, eu costumo colocar o movimento sindical, de maio de 78 a outubro de 78,

65. Luiz Antônio Moretti. Funcionário do antigo Banespa, membro da TESICLA, vinculada à OSI, um dos principais líderes da oposição sindical bancária.

66. Oswaldo Laranjeira. Funcionário do Banespa e membro da TESICLA. Ambos não compuseram a chapa de oposição, lugar ocupado por Luis Gushiken. Oswaldo Laranjeira, posteriormente, presidiu o Sindicato dos Bancários da Bahia.

como um período que as mobilizações explodem basicamente de dentro para fora – mesmo que algumas sejam convocadas pelo sindicato, a força, a disposição de luta ela vem de dentro do local de trabalho para fora, ela dá uma virada depois da greve de Itu, dos ceramistas de Itu em maio de 1978. Essa greve dos ceramistas de Itu, é que de uma certa forma dá a guinada, que você começa então os sindicatos ou oposição sindical, a convocar as greves, a fazer a mobilização, convocava e realizava greve. E a greve foi se espalhando pelo Brasil inteiro. Junto com isso, uma legião de pessoas disponíveis para a luta política e sindical foi nascendo.

Nasceu o PT – eu não vou ficar contando a história do PT para vocês – o que eu quero realçar, é que a politização – e esse elemento eu acho fundamental para gente pensar na formação de quadros – é que, a formação dos quadros se dá no embate, no enfrentamento e ela, de uma certa forma, determina a posição política e o posicionamento que os sindicatos vão ter logo na sequência, quando vem o processo da CONCLAT que foi antecedido pelos ENCLATs. Primeiro teve o ENOS...

Isso é uma questão central, porque muitas pessoas estão naquela onda que “não, foi elaboração teórica da esquerda”. A participação teórica da esquerda, teve uma participação, mas eu diria que, do tamanho que ela tem hoje! Pequena! O principal foi experiência prática, concreta, tá certo? Que foi norteando as pessoas. Quando o Lula fala assim: “não dá mais!”, é porque ele não aguentava mais, o cara estava: repressão... A greve de 79, então foi o ponto máximo, tá certo?

Nasce uma reação muito forte de parte da CUT que era assim, inicialmente, o pessoal falava: “a CUT é contra a CLT?!” A CUT e nós bancários, não é que “éramos contra a CLT” ou “contra direito individual”, nós éramos contra que a contratação que predominava sobre a vida do trabalhador, fosse individual e não coletiva, que é o que é a CLT! A CLT é basicamente direito individual. Então a gente defendia que o direito tinha que ser coletivo! Por causa de uma frase que o Augusto sempre dizia e que, na minha opinião, define a personalidade do Augusto Campos, ele dizia o seguinte: “o processo de conscientização é produto do processo de negociação, porque a negociação coletiva, ela explicita o conflito e revela a correlação de forças.” Essa frase eu nunca esqueci, né?! Porque a negociação quando você vai mostrando, o patrão não atende – e naquela época divulgava o que o patrão falava na mesa, explicita qual é o conflito, tá certo? – E mostra o seguinte: “ou nós temos força ou nós não vamos ter nada!”

Nos bancários foi criado uma Associação dos Bancários de São Paulo, que depois virou a oposição que conquistou o sindicato em 1950. Em vários outros sindicatos, eles fizeram isso e fizeram uma coisa fantástica, que era orientar a criar comissão [nos bancos] (Organização no Local de Trabalho). Esse período quem contou muito bem, foi aquele Ricardo Maranhão⁶⁷, mas esse período de 46, 47 até 53, você teve muito desse movimento.

Aí teve a grande greve de 1953 e lá as mesmas questões que nós enfrentamos em 79 com períodos históricos diferentes, se colocaram, porque naquele período, o que nós vivemos? Um monte de oposição sindical disputando os sindicatos que eram considerados pelegos, né? E quem fazia isso era fundamentalmente o partido comunista e parte da base sindical dos trabalhistas, que disputavam com o pessoal mais à direita – porque o sindicato estava sobre intervenção ainda.

Quando nós nos elegemos ao sindicato, nós fizemos uma reunião de discussão estratégica com o Augusto, ele falou: “a gente só tem condições de ser um sindicato combativo, se a gente tiver um papel fundamental na luta para derrubar pelego no Brasil inteiro, porque nós não vamos mudar nada sozinhos.” E nesse sentido, vem toda a estratégia nesse caminho, né? O Edson acompanhava a questão da CUT, mas ele participava muito com o Lula e dava aquela força, e tinha uma coisa que tinha muito a ver com o Augusto e que tem a ver com a formação também, que é muito importante e que as pessoas hoje não dão atenção: Augusto tinha uma coisa que era... olha, eu tinha 24 anos de idade! Eu não era liberado do banco, eu trabalhava no banco, eu era suplente da diretoria; quando aparecia negociação do Banco do Brasil, ele falava: “pode comprar a passagem que você vai comigo.” Aí eu falava: “bom, a gente se encontra onde?” “No aeroporto.” Aí estou eu lá no aeroporto aguardando o Augusto, cadê o Augusto? O Augusto ia? Eu pegava o avião e ia, chegava lá, eu ligava pra ele e ele falava: “não rapaz, vai lá que você tira de letra.” Ele falava que isso era para formar quadro, “enquanto tiver um paizão do lado, o cara não cresce” - e eu sou testemunha real disso! - Eu aprendi muito assim...

A Sílvia [Portela] trabalhava no décimo sétimo andar, toda vez que a gente ia sair pra rua pra fazer panfletagem, a galera descia do décimo sétimo, geralmente ou ela ou o Gushiken, Gilmar, pegava um... Flip Chart!

67. Referência ao livro *Sindicatos e Democratização*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Meia hora de discussão e todo mundo saía com as peruas e ia visitar a base, hoje ninguém faz isso, o pessoal não prepara as pessoas. É o que eu acabei escrevendo, eu acabei escrevendo na época – tinha uma revista de formação na CUT – eu escrevi um artigo que chamava assim: “Formação na Conjuntura.” Quer dizer, era no embate da conjuntura que você formava o quadro. Porque eu dava curso pra caramba e não via as pessoas se transformarem com curso, como se transformavam com experimentação na linha de frente, permeada por uma discussão prévia e por um balanço posterior.

O que tem de importante que eu quero realçar, é que você tem uma legião de militantes, de gente que vai nascendo e que tem um confronto real, então era natural que a dificuldade de você tratar, por exemplo, com o pessoal do PCB e do PCdoB, não derivava do sectarismo; derivava de um problema que acabou se transformando nisso, mas derivava de um problema concreto porque eles saíam todas as vezes defendendo a “pelegada”.

Eu quero realçar uma coisa muito importante: a importância que teve o ENTOES. O ENTOES, esse encontro foi um dos encontros mais fantásticos que eu participei! Aquela legião de gente do campo, da cidade, a maioria era oposição, porque do sindicato mesmo, a gente só tinha meia dúzia, né? Muito pouco! E ali que a luta contra a estrutura sindical ganhou musculatura, ganhou força. Porque a gente tinha que romper com aquela estrutura sindical e sempre atrelado com a questão da contratação coletiva. Nunca se defendeu separadamente. Tem que romper com a estrutura sindical e a negociação coletiva fica a mesma. Por quê? Porque a estrutura sindical está na CLT, que é onde estão os direitos individuais e onde está previsto o processo de negociação coletiva. Então você tinha que fazer uma ruptura e batia de frente com a CLT. Daí a interpretação, e inclusive companheiros que participaram, que não leram direito, e muita coisa daquela época eu escrevi, tá certo? Entendeu que a gente era contra a CLT, nós não éramos contra ter direito individual, nós queríamos na época, por incrível que pareça, a prevalência da negociação coletiva sobre a individual. Mas por quê? A prevalência, porque na época, a negociação coletiva valia mais do que a individual e não é a prevalência para reduzir os direitos como ficou hoje.

De uma certa forma, o que acabou norteando e tem norteado muito a discussão da história dos bancários é, basicamente, o seguinte: a gente quer romper com a estrutura sindical, mas se possível, por dentro da estrutura,

formando oposição e mudando o sindicato e, se não for possível... a gente não formulava a criação de sindicato paralelo, nunca criamos isso, né? Criamos duas oposições dos comerciários de São Paulo, não tivemos sucesso – porque o sindicato é complicado, tem 30 mil filiados, 450 mil trabalhadores, ele controla todo mundo, colônia de férias e o caramba!-, mas a gente *não* ganhou.

Então veja só, a gente tem a CONCLAT, que foi um fenômeno incrível, de muito trabalho, muita briga de banheiro, mas conseguimos construir; e eu quero realçar uma coisa que faz falta hoje faz falta hoje: a CONCLAT organizou grupos por temas. – Por quê? Porque eram os problemas das classes trabalhadoras, os problemas tais e quais sentidos por ela. Os problemas dela: previdência, aposentadoria, salário, piso – cada um desses era um grupo! E os caras discutiam os problemas da classe trabalhadora no congresso. Os congressos nossos hoje, não discutem os problemas da classe trabalhadora, discutem os problemas que a esquerda e nós, dirigentes, achamos que são os problemas da classe trabalhadora e isso promove um distanciamento imenso. Aquele congresso foi o congresso mais “chão”, mais próximo da realidade que deve ser um congresso, foi fantástico! Foi um negócio assim, inesquecível, né?! *Aí você tem a CONCLAT e você tem a divergência. A divergência vai se dar em torno do quê?* Dos problemas que eu citei anteriormente. Quais eram os grandes problemas? Bom, como a gente faz no sindicato (que é pelego), que não convoca assembleia? A oposição convoca assembleia e elege delegados? Nós entendíamos e entendemos até hoje que sim, o pessoal da Unidade Sindical dizia: “não, quem decide é a direção do sindicato.” Segundo: delegados do congresso, quem são? É a direção do sindicato que faz a assembleia e elege o delegado. A direção do sindicato está garantida. De uma certa forma, a CUT embutiu isso agora no estatuto dela, mais ou menos, em relação a direções das instâncias secundária e terciária – federação e confederação. Para nós ruptura da estrutura, era romper com sistema de eleição e delegação, romper com estrutura de eleição de delegados. Por quê? Porque as federações... a Federação dos Bancários de São Paulo reunia 200 mil Bancários, 300 mil Bancários, 150 mil era de São Paulo, nós tínhamos um voto. Então essa questão de um sindicato ter uma participação proporcional ao número de trabalhador que ele representa, é uma coisa imperiosa. Hoje a gente não consegue fazer isso. Tanto é que você acaba tendo um sistema, onde uma CUT do Acre, que é muito pequena, acaba tendo uma representação – nesse sistema que está no estatuto – muito parecida com a CUT de São Paulo. Há

uma graduação, mas muito pequena! Não é uma representação mais real disso. O Olívio Dutra fez uma revolução no Sindicato dos Bancários de Porto Alegre: ele instalou o processo do trabalho pela base, como a coisa mais importante. Eu fui a Porto Alegre com o Olívio e ele falou: “Luizinho, me desculpa, eu não vou poder ficar contigo porque eu tenho que fazer minha base.” Eu saí com ele e fomos fazer a base juntos. Ele ia bancário por bancário, conversando com um por um.

É por uma preocupação que é aquela questão que norteou o discurso que o Gushiken fez no Rio de Janeiro, onde ele fez o Encontro Nacional dos Bancários, que preparou a greve, que ele falou assim, pra nós – do campo da CUT, que era o pessoal da CUT, que era do Departamento Nacional dos Bancários da CUT – ele falou assim: *“três coisas definem a legitimidade, a possibilidade de construção de uma greve. Primeiro: a reivindicação tem que representar um desejo real da base e, ao mesmo tempo, a reivindicação você tem que formular de tal forma, que as pessoas percebam, primeiro, que ela é justa; e segundo: que ela é possível de ser atendida pela classe patronal, porque eles tiveram lucro e condições de pagar. Essa relação se ela não tiver clara, o trabalhador não vai a greve; e a terceira: que haja unidade e unidade não se faz por discurso, ‘dizendo que tem unidade’; você tem que demonstrar que há um processo de unidade.”* Foi aí que nasceu – eu lembro até hoje! – se colocar na Folha Bancária uma cordinha de bomba, ia queimando e em um lugar ela explodia. Ela explodia onde? No dia 11 de setembro. A data-base era dia primeiro. Por que a greve estava marcada para o dia 11? Porque o Gushiken dizia e nós falávamos: “a greve tem que revelar que ela é o último recurso, que esgotou todas as possibilidades de conseguir sem greve; porque para o trabalhador fazer greve, é difícil, ele tem o emprego ameaçado, ele pode ter salário descontado, então ele tem que estar convencido que tudo que podia fazer antes da greve, foi feito.” Aí a gente marcava assembleia, passeata, manifestação, enchia de cartaz, fazia tudo que era possível, aí chegava para o bancário e dizia: “olha ou a gente vai à greve ou não vai atender.” Aí a gente lançou aquele cartaz: “É bom você sacar, porque nós vamos parar” – e fizemos aquela greve fantástica e unitária. O que nós engolimos de sapo com pelego pra fazer a greve unitária, é incrível! - Por quê? Porque teve um jeito de construir e nós não abrimos mão de nada. E ao final da greve, nós tínhamos as maiores oposições no sindicato dos pelegos que tiveram aliados com a gente, do que antes, porque as oposições nasceram naturalmente porque a gente tinha um comando e aí o pelego não fazia, a oposição fazia e criava oposição de massa. Então esse processo de disputa, era a grande lição de

Augusto Campos e de Gushiken para as oposições. Nós rodamos fazendo isso pelo país, né?! Então esse processo teve um período ali, até quando eu fiquei na CUT, eu fui o primeiro presidente da CUT na grande São Paulo e depois fui Secretário de Políticas Sindicais, exatamente que cuidava das oposições na CUT estadual, junto com o Jorge Coelho, Osvaldo Bargas, Luizão e tudo mais, né? Então foi um processo muito unido e foi explodindo no Brasil inteiro. Então aquela coisa que o Lula falou antes de ser preso, que “ele era uma ideia”, tem que sacar que o ENTOES e CONCLAT, ele forja junto com as greves principais – as que tiveram na época que foi em São Bernardo do Campo – eles criaram uma coisa que foi essa ideia que o Lula fala: que nós temos que mudar essa estrutura sindical; que nós temos que garantir negociação coletiva; que nós temos que ter organização, tem que ter mobilização – e isso que incendiou o país. Essa é uma trajetória. Isso se acumula e se junta com os conflitos todos que vocês já conhecem que vão dar origem ao PT. Se juntou com as lutas contra o custo de vida – que já tinha na época, que era anterior – mas tinha um processo...

Ainda no período pós-80, eu quero realçar a conquista de governos estaduais, pelo menos por alguns caras de centro para a esquerda: Montoro em São Paulo, Brizola no Rio, Arraes em Pernambuco, lá no Espírito Santo eu acho que teve um cara também que era [Gerson Camata], não lembro agora. Vamos pegar esses três! Esses três foram muito importantes porque em São Paulo, por exemplo, a gente entrou no Banespa, por dentro do Banespa e elegeu o Augusto como Diretor Representante. No Rio de Janeiro a gente não chegou a fazer tudo isso, mas também tivemos uma participação importante dentro do Banerj na eleição de representante e, de uma certa forma, não esqueçam que na mobilização pelas Diretas, o metrô ficou liberado. Então não vamos esquecer da importância que teve esses processos na época. Porque assim, o Montoro depois junta e cria o PSDB, isso é uma outra história, mas querer desconsiderar o que representou o Montoro e o PSDB naquela época que estava criando o PSDB, era um partido que estava aliado conosco. Eu fui deputado em 90 e o meu maior aliado era o PSDB, em 90.

Eu lembro disso, eu fui muitas vezes no congresso fazer pressão, eu me reunia fundamentalmente com Freitas Nobre⁶⁸ e, às vezes – às vezes! – me reunia também com o Ulysses Guimarães – que foi o cara que resolveu a greve de 1987. Eu nunca contei isso que vou contar pra vocês! Em 87 nós fizemos uma greve no Banco do Brasil, fora de época – foi em março, a data base é

68. José Freitas Nobre. Advogado, jornalista e professor, foi presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, deputado federal por quatro mandatos consecutivos entre 1971 e 1987 pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

setembro – fizemos uma greve, 9 dias de greve e a coisa estava difícil, a greve estava forte, mas estava muito difícil. Eu fui a Brasília, falei com o Freitas Nobre, o Freitas Nobre me colocou [em contato] com o Ulysses Guimarães. E o Ulysses Guimarães muito atenciosamente falou assim: “olha, só tem uma solução pra isso, qual a possibilidade de acordo que vocês topam?”. Eu falei: “olha, 30% de aumento real tá bom.” A inflação naquela época era tão maluca, que 30% não era tudo isso que vocês estão pensando, não! Mas era real. Bom, ele foi lá e falou assim: “eu sei quem vai dar esse aumento pra vocês.” Entrou em contato com os militares, naquela época os militares seguiam a correção do Banco do Brasil e falou: “olha, se vocês ajudarem a sair esse aumento do Banco do Brasil, vai sair pra vocês”. No dia seguinte eu recebi a resposta positiva de atendimento da reivindicação! Só que eu nunca contei isso, imagina naquela época eu contar que eu falei... não dava pra contar esse trem! - Mas essas coisas a gente fazia muito, tinha que fazer.

A CONCLAT

Então esse embate, ele foi um embate que permeou as discussões pré-CONCLAT. A CONCLAT acabou acontecendo, como o Edson deve ter dito, numa reunião que foi da prisão do Lula lá em São Bernardo, então aquela conversa toda e nasceu a concretização da CONCLAT; teve os ENCLATs, eu lembro que eu rodei o Brasil participando de ENCLAT. Eu viajei com o Olívio Dutra de Porto Alegre a Ijuí, eu fui no ENCLAT junto com o Paim em Canoas. *Nós rodamos fazendo os ENCLATs*, preparando os ENCLATs, foi lá em Ijuí que eu nunca tinha visto um chimarrão, que o cara me passou a cuinha de chimarrão, eu peguei, mexi – achando que tinha que mexer a parte que não estava molhada! (Risos) Bom, então esse processo vai ter interferência na consciência dos nossos militantes no futuro na hora de discutir a questão de unicidade e pluralidade, né? E vai ter muita confusão! Eu lembro a época que São Bernardo do Campo defendia – nas palavras do Bargas – a pluralidade. Nós, bancários, defendíamos unidade na liberdade, marcava uma diferença...

Diretas Já, Constituinte e participação do sindicalismo

Veio 1984, a mobilização pelas diretas. Na mobilização pelas diretas, o movimento sindical estava meio com o pé atrás nisso, por quê? Porque estava lá o Tancredo Neves, então estava um pouco com o pé atrás, então quem puxa esse negócio, é o PT quando ele pega e puxa com aquela manifestação

que teve em frente ao Pacaembu, que nós organizamos, a organização do PT, e foi ali que o Lula, de uma certa forma, falou: “gente, nós temos que estar com tudo nessa! Aí a galera entra.” E aí a gente foi com tudo, foi fantástica aquela mobilização. E aquela mobilização só não foi melhor, porque nós fomos derrotados, né?! Ao ser derrotado, e fomos derrotados duplamente, primeiro fomos derrotados porque teve colégio eleitoral; segundo que no colégio eleitoral, deu... Bom, teve o colégio eleitoral e elegeram o Tancredo e, segundo que o Tancredo não toma posse! Então a posse do Sarney vira um desastre, foi uma derrota dupla. Aí um movimento que o Sarney chamou, que nós poderíamos ter feito, de ter tido uma participação importante para empurrar o governo para um outro posicionamento, que foi o fiscal do Sarney, nós fomos contra e fomos contra, não era por causa das análises do Aloizio Mercadante, de que o Plano Cruzado tinha problemas; é porque nós criamos uma ojeriza do governo porque era a Arena tomando o poder de novo, eram os militares de novo.

Nesse processo que vai de 83, 84, 85, 86, 87, 88 – que é a Constituinte, tem um processo muito rico. Ah, você vê que o Gushiken que é uma liderança expressiva, era o presidente do sindicato [dos bancários]. Era o presidente, não! Era um dos principais, virou o presidente do sindicato em 85, ele sai para deputado e passa a se dedicar fundamentalmente ao partido. E joga peso na organização partidária. Não era porque ele queria instrumentalizar, era porque estava claríssimo que pra gente consolidar aquilo que nós vínhamos acumulando de 78, 79 adiante, a Constituinte era chave para nós, não eram *só as questões outras que também eram importantes, mas consolidar aquele artigo sétimo, que acabou ficando, era uma questão fundamental. E nós conseguimos mobilizar e se alinhar com Igreja, movimento popular. Foi juntando todo mundo. Essa mobilização foi de uma riqueza, foi de uma riqueza impressionante. A gente construiu uma unidade, que era uma unidade que não eram essas unidades de gabinete, era unidade que ela começava lá em baixo e ia até lá em cima, ela era tipo um tufão que vai lá em baixo, mas puxa pra cima. Ele vai lá em baixo e puxa pra cima. E puxava o quê? Ideias, propostas.*

O III CONCURTO

Essas lições, eu acho que tudo isso, com a experiência da Constituinte, explode no III Congresso de 1988 e, praticamente, na Tese 10. A Tese 10 consegue capturar. Então às vezes as pessoas falam assim: “Luizinho,

o que é Articulação pra você?”. *Nós não montamos, quando a gente criou a Articulação Sindical que começa lá nos 113 e tal, mas não foi assim, “vamos criar uma corrente!”; a questão é: pra gente poder assegurar que haja sindicalismo de massa e que haja partido de massa, a gente tem que se articular, porque senão as correntes levam tudo para o gueto das disputas delas. Foi esse o motivo pelo qual nasceu a Articulação. Então quando chega ali, todo aquele aprendizado da Constituinte, Diretas, do período grevista e do período pré-CONCLAT na década de 1980, ele se consolida na tese 10 e se consolida em uma concepção que tem problemas, mas, grosso modo, ela está, ainda, correta. Ela tem problemas que precisam ser corrigidos. Por que o que eu digo da concepção? Olha, nós vamos criar uma estrutura horizontal importante, E na época era estrutura horizontal versus CUT Regional, na época era esse o embate.*

Mas o importante é que naquela época virou um embate de um contra o outro, por isso que acabou assim; mas o ramo não é a oposição à estrutura vertical nenhuma. Estrutura vertical versus estrutura horizontal, como falsamente aparece nos debates hoje, a verdade eram as negociações coletivas, elas já na época – não vou citar bancária, eu vou citar o resto – quando você tem um acordo rebaixado numa categoria metalúrgica, químico – ou qualquer uma categoria numa região –, a classe patronal do Brasil inteiro, pega a negociação mais rebaixada e usa como base para forçar as negociações nas demais. Então, *aí começou: “nós temos que articular a negociação coletiva em cada categoria; tem que unificar a data base das categorias.” Nós conseguimos nos bancários, mas conseguimos porque bancário é banco nacional, não tem banco regional, ainda tinha um ou outro na época, mas acabou, é tudo nacional, então, conseguiu por isso.*

Mas na época, em 1978, a convenção coletiva dos bancários eram sete cláusulas, era basicamente: reajuste de salário, piso, gratificação de caixa, gratificação de função, anuênio e morte e invalidez – aquele negócio lá de acidente e tal, e a gratificação assistencial, a cota assistencial. Claro que tinha uma ou outra coisa, mas o “grosso” era isso. Em 83, 84, nós já tínhamos uma convenção coletiva com um monte de coisa que a gente conseguiu aderir com a convenção. E aí a gente começou a perceber que a negociação era regional, a gente tinha uma negociação em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina, tinha Rio Grande do Sul, por federações. As federações eram montadas por onde? Era um espelho dos Tribunais Regionais do Trabalho. Onde tinha Tribunal Regional do Trabalho, tinha uma federação, essa é a estrutura sindical varguista

verdadeira. Tinha que romper com isso! Romper com isso, tinha que quebrar essas estruturas e nós quebramos por dentro. Nós saímos ganhando sindicato, criamos estruturas paralelas, as FETEC. E a gente criou paralela mesmo, você tinha a Federação dos bancários em São Paulo e tinha a Federação dos Trabalhadores em empresa de crédito e “sei lá o que”, que era a FETEC de São Paulo. Eram paralelas, era pluralismo mesmo, só que era na marra, não tinha uma pré-autorização para isso. Então isso vai se estendendo, vai se montando.

Desafios à ação sindical e perspectivas

Eu era o secretário geral do Sindicato em 1985, eu cuidava do comando, o comando de greve tinha 375 pessoas de base, o comando de greve de base, eu não estou contando a direção! De base! Quer dizer, essa estrutura nós fomos perdendo o contato com ela. E não é porque os dirigentes de hoje são piores do que daquela época, *não!* *Eu não quero entrar nesse julgamento, é porque hoje a situação mudou, é muito diferente!* Como que você representa o cara que está trabalhando em home-office? Mas têm formas, mas não é essa prioridade. Formas existem! Bancários de São Paulo provam que eles estão fazendo coisas fantásticas nesse aspecto, e não só eles, eu cito porque eu conheço mais! Outros estão fazendo também, mas eu conheço muito o trabalho deles. O pessoal tá fazendo, tá arrumando um jeito de se reunir, de conversar, de dialogar, de fazer a coisa acontecer.

Hoje nós temos aí essa quantidade de estruturas montadas, agora a gente não pode pensar assim: “não, use a federação... toda federação tem que ser do ramo.” – que a gente chama hoje, “ramo”. Não senhor! Nós temos que aprender um pouco com os anarquistas e aprender um pouco com a história. Os anarquistas criavam federação dos trabalhadores de São Paulo, dos operários de São Paulo; mas você tinha a federação dos operários de uma região menor, você tinha até sindicatos dos trabalhadores italianos, liga dos trabalhadores italianos; você tinha estruturas! Então federação não pode ser uma coisa que tem que ser estadual, interestadual ou nacional, você pode ter federação regionalizada. Eu inclusive digo, e que fique registrado! Se a gente sair unificando sindicato a torto e a direita, nós vamos dar com os burros n’água porque, *se vier a pluralidade, vai ser mais fácil os caras criarem o sindicato no município de onde nós saímos, porque o cara sempre vai falar: “eu quero o sindicato da minha cidade”, por suposto!* Então é melhor manter o sindicatinho lá. *Enxuga, cria uma federação, uma direção pequena do*

sindicato, seria uma espécie de uma subsede da confederação, você mantém as duas estruturas e dentro da lei – a federação basta ter cinco – dentro da lei, com estrutura enxuta e você tem força e articulação dentro da região pra discutir projetos, desenvolvimento na região e tudo mais. Então não tem uma discussão pra valer sobre organização sindical até agora.

Olha, unificação dos sindicatos, eu acho que tem que tomar muito cuidado. Não é que eu sou contra se for fazer tem que pensar alternativa para isso e sindicato nacional é outra questão. Qual é o problema? O pessoal fica olhando para a Alemanha, mas nós não somos Alemanha! Aqui no Brasil cabe umas 6, 7, 8 Alemanha – é a primeira coisa. Segundo: eles têm uma cultura quase que unificada, aqui nós temos uma diversidade cultural, nós temos uma diversidade de realidades! E nós temos uma questão que a Alemanha não tem: nós não temos direitos sindicais efetivos, a Alemanha tem direito sindical, tem direito a informação, tem direito a representação no local de trabalho, direito a acesso, nós não temos isso! Se você criar um Sindicato Nacional, você pode criar se você puder ter delegacia ou representação em cada região, em cada empresa, dentro das empresas, eles têm uma estrutura que passa por dentro da empresa. Não dá para trazer pra cá esse modelo, o nosso modelo é outro.

Eu acho, veja bem no Chile, muita gente achou que criando a liberdade sindical, eles falam: “não, a liberdade sindical pode possibilitar a gente criar sindicatos mais fortes.” Criou o quê? Sindicato por empresa, 450 sindicatos de comerciários, só na capital chilena, só na capital. Vai na França ver como que está ficando os processos agora estourando negociações por empresa, onde quem tem mais de 20 trabalhadores, pode firmar um convênio coletivo, está uma guerra! Então o que nós temos que prestar atenção é na estrutura sindical, tem que estar vinculada a processo de negociação, organização sindical é indissociável disso, indissociável. Então se nós temos muitos sindicatos pelo país, vamos manter os sindicatos, enxuga a estrutura deles ao máximo. Manter um grupo de aposentados lá, nem que sejam todos trabalhando no local de trabalho e monta uma federação a cada cinco. É a federação regional.

Eu tenho dito, mais importante do que fazer a reforma em termos de aprovar uma mudança na Constituição, é a gente assegurar uma legislação de direitos sindicais efetivos, melhorar o direito de greve, acabar com esse processo antissindical que é esse interdito proibitório. Então, isso aí é mais importante, isso se faz por legislação normal, que é maioria simples. Eu

estou batalhando pra construir isso, eu estou pessoalmente trabalhando naquele anteprojeto que foi feito em 2003, 2004 no período do Berzoini no Ministério do Trabalho, que eles fizeram a mudança na Constituição e fizeram um anteprojeto de legislação complementar, ou seja, legislação ordinária. Esse anteprojeto é fantástico. O PL 5552, que é um PL que tem uma proposta de reforma sindical sem mudar a Constituição, 70% do que está lá é aproveitável, mas tem 30% que é desastroso, ele coloca as confederações acima das centrais, ele tira as representações das centrais de qualquer fórum nacional; quem representa são as confederações. Nossa, não é possível você ter um dirigente na CUT Nacional, que não tem base!

A hora que – vamos pegar uma dirigente – a Juvandia [Moreira], em um assunto estratégico central, a hora que ela for falar, ela tem que conversar com a direção da CONTRAF ou reunir as principais lideranças dos bancários, falar: “gente, vamos ter um assunto que é esse, estou nessa posição, é isso mesmo?” “É isso mesmo!”. *Aí ela fala como porta-voz. Hoje ninguém é porta-voz de nada.* O cara é porta-voz de uma corrente e depois ele não aprova a opinião dele nem na assembleia da base dele! Tem muitos casos assim. Então nós temos distorções que foram acontecendo no percurso.

O que interessa aí é o seguinte: você tem um mergulho e aí que nasceu a discussão de disputar os conselheiros, preparar os conselheiros, fazer os cursos que articulava a disputa, articulava a negociação coletiva, organização, manifestação e preparava o processo de formação para disputar o estado e era pra disputar também a hegemonia. Muita gente ainda faz confusão sobre conselho de hegemonia até hoje, mas não importa, pelo menos entrou essa ideia de hegemonia na cabeça, de disputar a hegemonia, isso entrou. Tanto é que o curso de formação de dirigentes que nós montamos na Escola Sul – eu e esse carequinha aí, esse aí maravilhoso, Claudio Nascimento, estávamos juntos! – ele tinha uma disciplina sobre Cultura. A gente fazia trabalhos de resgate histórico a partir da realidade de cada indivíduo e a partir da territorialidade, do território, de cada localidade.

E a gente sempre insistiu nessa formação completa do indivíduo com capacidade de intervir em todos os aspectos da luta que envolva trabalhador, que não é só sindical. *É*, entender a disputa de hegemonia é uma coisa que não é fazer atividade cultural que é cultura só, é muito mais do que isso, né? E aí resgatar a territorialidade, a historicidade de cada localidade, é estratégico! Daí o porquê eu insisto que o Brasil é um país que precisa ter mais federações regionais do que federações nacionais. Precisa ter

mais organização regional, que conheça a realidade, porque a realidade local – cara, é impressionante! A territorialidade é um elemento central no Brasil, tanto é que o governo demorou um tempo para perceber isso e adotar a questão da territorialidade na discussão da fome, da miséria, quando a adotou, adotou corretamente, mudou qualitativamente. Aí se tem territorialidade para combater a fome, por que não territorialidade para organizar os sindicatos na batalha? A divisão também não precisa ser por Estado. Por que você vai me dizer que o Oeste do Paraná não tem mais a ver com o Oeste de Santa Catarina e o Oeste do Rio Grande do Sul, do que com a parte litorânea? Então a gente fica preso às capitâneas hereditárias e não olha as organizações em função das especificidades regionais, locais, que possibilitam você ter uma organização mais forte, né?

Eu acho que hoje as pessoas não estão dando peso para a representatividade. A questão, hoje, é que eles não estão discutindo representação sindical. O que está predominando é o enquadramento sindical: como que eu enquadrar o sindicato existente? É aquele papel do Ministério do Trabalho. *É enquadramento sindical. “Ah, o sindicato tal tem que ser enquadrado no meu.” Foi muito interessante a questão dos entregadores, porque os comerciários: “não, quem representa os entregadores somos nós”; aí o pessoal do transporte falou: “não, quem representa somos nós” – e começaram a brigar... Os entregadores falaram: “nós não queremos sindicato nenhum! Nós queremos montar um negócio nosso.” Então, assim, esqueceram de perguntar para o outro. Então tem que pensar que depende de cada condição. Imagina a seguinte situação: comerciários de São Paulo. A gente faz um pacto com as outras centrais que “não criaremos nenhum sindicato na base do sindicato comerciário de São Paulo com as centrais, porque a gente não vai criar sindicato onde já tem” – eu estou falando com as centrais. Meu Deus! Um sindicato tem 400 mil trabalhadores, 30 mil filiados, que não filia ninguém, não trava batalha nenhuma. E aí você tem uma galera que é de supermercado, tem não sei de onde, de onde que quer criar um sindicato, a CUT vai se colocar contra esses trabalhadores porque ela fez um acordo com o Patah⁶⁹? – Então, é claro que nós temos que tomar cuidado, construir com calma para eles não acharem que nós estamos querendo sair por aí tomando o sindicato deles, mas nós não podemos abrir mão que os trabalhadores têm que ter liberdade de organização. Liberdade é liberdade! - Nós temos que ter a capacidade de conquistá-los.*

69. Ricardo Patah, presidente do Sindicato dos Comerciários de São Paulo e da UGT.



JAIR MENEGUELLI

Entrevista realizada em 15/06/2021

DURAÇÃO: 133 minutos

Ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Participou da CONCLAT. Foi o 1º presidente da CUT. Foi deputado federal por dois mandatos e presidente do Conselho Nacional do SESI.



Trajétoria de vida e militância sindical

Eu comecei na Willys-Overland do Brasil, depois, em 1971, a Ford comprou a Willys. Como que eu cheguei no sindicato? Eu tinha um curso de madureza ginásial, que era gratuito, e eu fiquei sócio do sindicato para fazer o curso de madureza, porque só sócio podia fazer esse curso; foi assim que eu cheguei no sindicato. E aí, de repente, um dia, lá naquela velha discussão quando o Barelli era diretor do DIEESE, e aí descobriu aquele roubo da inflação que foi feita pelo Delfim Neto, então o sindicato começou a chamar as assembleias, e aí o sindicato [convocou] uma assembleia lá para o sindicato e o salão estava vazio e a imprensa toda chegando, então os diretores do sindicato desceram para o segundo andar, onde eram as salas de aulas, convidaram a gente pra ir lá pro terceiro andar, para o plenário para dar número lá na assembleia, porque a imprensa ia verificar; aí eu vi o primeiro discurso lá do Lula, e me apaixonei. E me apaixonei porque ele falou exatamente o que eu sentia, o que nós sentíamos, o que nós discutíamos lá dentro da fábrica, os peões. Falei “caramba, é aqui!”. E aí comecei a frequentar o sindicato. Mas timidamente, né? Timidamente. Comecei a frequentar o sindicato, eu descia pro primeiro andar aí de vez em quando pra conversar com um diretor ou outro, qualquer coisa! Para conhecer o ambiente sindicato. E fui me acostumando, até que veio a greve em 1979 e eles formaram uma comissão de negociação, era composta por 400 companheiros, das mais diversas fábricas de São Bernardo do Campo e Diadema, eu fui um dos chamados pra essa comissão, até hoje não entendo muito bem o porquê, mas fui chamado, comecei a participar...

E aí depois, nunca usei um microfone pra falar, aí não sei porque cargas d'água, depois teve a cassação dos dirigentes, o grupo se reunia e, dentro do grupo dos 400, se reuniam, aproximadamente, uns 20 companheiros, eu, Osmarzinho, Alemão, o Batista, o Bargas, bom, tinham vários companheiros! e porque nós nos prevíamos a necessidade de tocar o movimento por conta de que nós entendíamos já que os diretores, possivelmente, iam ser presos – como foram! – e nós ficamos ali à frente. E eu fui responsável, na verdade, pelo Fundo de Greve.

Acabou a greve e tal, cassados, começaram a montar uma diretoria, tinha que montar uma diretoria de 24 companheiros, porque eles não podiam mais ser eleitos por conta de terem sido cassados e aí começaram a juntar, e quando juntaram os 24, nós fomos numa reunião no porão de uma igreja em São Bernardo, era tudo escondido porque se a empresa, qualquer empresa soubesse que um de nós estávamos conversando para fazer parte da diretoria, seria demitido, então, nos reuníamos no porão da igreja e falávamos aos companheiros: “olha, eles falaram pra gente formar a diretoria – presidente, tesoureiro, secretário geral” e tal; e nós falamos: “olha, nós não sabemos!”. Cada um de uma fábrica, se conhecia mais ou menos ali – “mas vocês se conhecem, então vocês que montem essa diretoria aí e falem pra nós o que cada um vai ser.” Aí foram pra casa do Lula reunir enquanto nós estávamos no porão do sindicato, aí veio o Gilson Menezes pra dar a resposta e ver quem eles tinham elencado pra ser executiva e assim por diante. Aí o Gilson⁷⁰ falou: “olha, nós discutimos bastante, mas não foi possível a gente definir quem vai ser quem; só definimos, conseguimos dois nomes só, e o resto vocês vão ter que se entender: é o Paulo Okamoto⁷¹, o tesoureiro, e o Jair Meneguelli pra Presidente.”

Eu nunca peguei em um microfone, nunca falei nada! Eu só trabalhava, eu estava disposto, tinha coragem, ia pra porta de fábrica, mas nunca tinha sido, eu nunca tinha participado de movimento nenhum no passado como outros participaram de alguns partidos, da JOC, lá da Igreja Católica – eu nunca tinha participado de nada! Aí, meu Deus do céu, eu fiquei três dias sem dormir, e daí eu depois peguei meu carro, fui pra casa do Lula e falei:

70. Gilson Menezes. Foi metalúrgico da Scania, um dos líderes da greve de 1979. Foi fundador do PT e o primeiro prefeito que se elegeu pela sigla, em Diadema (SP) no ano de 1982, sendo reeleito em 1996. Foi deputado estadual em São Paulo por dois mandatos (1991-1999).

71. Paulo Okamoto. Ex-metalúrgico da Volkswagen, em 1981 ingressou na diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Militante do PT, foi presidente do Instituto Lula e desde 2023 preside a Fundação Perseu Abramo ligada ao Partido dos Trabalhadores.

“Lula, me desculpa! Lula, mas eu não tenho condições de ser presidente do sindicato! Por que vocês me escolheram?” “É você que nós escolhemos e tal, e você vai ter que pegar isso.” Eu falei: “tá bom, eu vou assumir. Agora, qualquer dificuldade, eu pego meu carro e eu venho aqui na sua casa pra conversar com você o que eu tenho que fazer, bicho!”. Porque sabe, normalmente, os dirigentes sindicais vão entrando na diretoria da base e vão pegando uma cancha e vão... tal e tal... até chegar a se destacar e ser presidente do sindicato, e eu saí da fábrica, sem nunca ter sido dirigente sindical e vou ser presidente do sindicato, depois do Lula no sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo? Ah, meu Deus do céu, eu só não morri porque Deus me ajudou. Essa foi a história da minha chegada no sindicato.

Formação: Eu fui formado na luta. Fui formado na luta. Eu não tive essa oportunidade, sabe? Eu me lembro que depois de eleito, nós tínhamos, acho que uma vez por semana, nós tínhamos na CUT uma espécie de uma aula, depois do expediente, uma espécie de uma aula, semanal, que era dada pelo Frei Betto, que vinha nos dizer da história política do mundo, falando dos partidos políticos, do PCB, do PCdoB – falando de política.

Durante o movimento do fundo de greve, eu me lembro que o companheiro Wagner Lino, que era de uma... Acho que era ligado ao PC, o Wagner Lino. Eu comecei a me destacar um pouco ali no fundo de greve porque fui designado tesoureiro, e aí comecei a me destacar um pouco ali e tal, e ele, o Wagner, também fazia parte e veio me procurar e falou: “olha, Jair, vou te dar um livro pra você ler e tal que é muito bom” e tal e “não-sei-o-quê” lá, e me deu, me trouxe um livro pra ler que era “Os 10 dias que Abalaram o Mundo” – é isso? – Que era da União Soviética, que falava do partido vermelho e “não-sei-o-quê” lá... Eu não entendi nada! Eu li aquilo... Eu lia muito Tio Patinhas, Gazeta Esportiva... Nunca li nada e me dá o primeiro livro da minha vida pra eu ler, “Os 10 dias que Abalaram o Mundo”, grosso “desse tamanho.” Eu não entendi nada! Eu falei pra ele: “nossa, Wagner, que coisa complicada aquela lá, né? Cheia de partido, aqui só tem dois partidos, o Arena e o MDB...”. Eu não entendia! Eu confesso! Eu não tenho vergonha de dizer! Eu não sabia, não entendia! Eu gostava de futebol! E quando nós estávamos na fábrica, antes dos movimentos, eu me lembro que a gente bateu palmas quando pegaram o Marighella, quando mataram o Marighella, que nós tivemos essa notícia na fábrica, através dos radinhos lá. Então, a gente, eu não entendia absolutamente nada-vírgula- nada de política.

Quando eu deixei a CUT, aí terminou o congresso no domingo; quando chegou na segunda feira, foi eleito o Vicentinho⁷²; quando chegou na segunda-feira de manhã eu acordei, levantei, olhei pra tudo quanto é lado em casa aqui e falei: “ué, pra onde eu vou agora? O que eu vou fazer agora?” Porque a campanha pra deputado não tinha começado, né? “O que eu vou fazer agora?” E o telefone não tocava. Nada de telefone. Chegou na terça feira, o telefone não tocava. Na quarta-feira, o telefone não tocava. Na quinta-feira de manhã eu liguei pra CUT e a secretária – era a Lúcia, que tinha sido a minha secretária, e que continuou –, e eu falei: “Lúcia, pelo amor de Deus! Liga pra falar ‘oi’, pra eu escutar o telefone tocar porque eu estou ficando louco! Eu não ouço o telefone tocar!” Porque, imagina, era 24 horas por dia o telefone tocando, então só para ilustrar a conversa aqui.

A agenda sindical no período

Eu ia negociar com quase todas... Diversas categorias, até para os jornalistas eu fui lá na *Folha* em uma reunião, fui lá na *Folha* junto com o Sindicato pra negociar, porque eles estavam em greve, né? Eu estive lá! Quer dizer, tinha uma greve dos eletricitários do Paraná e tal, estavam fazendo greve de fome - lá vai o Jair pra tentar negociar com a empresa essa greve; tinha lá um problema, um tiroteio, dando tiro na casa dos trabalhadores rurais lá na Paraíba – e vai Jair Meneguelli... Caramba, eu passava e falava com o delegado da cidade e que eu estava indo lá, uma greve dos bancários, tomaram o sindicato, em uma eleição, tomaram o sindicato lá numa greve lá, também em João Pessoa e a outra tendência queria tirar o nosso pessoal do sindicato, aí o pessoal se armou – aí eu fui! Me chamaram, mas eu primeiro passei em Brasília, pedi uma audiência com Jarbas Passarinho, que era Ministro da Justiça, eu falei: “olha, Ministro, eu estou indo lá no sindicato em João Pessoa, vou entrar no sindicato, nós estamos armados e nós vamos resistir à bala até que morra todo mundo lá dentro, até que matem todo mundo lá dentro.” “E eu só vim avisar isso, Ministro! Não vim discutir, só vim avisar isso.” – Entendeu? E pá! Fui embora. Quando eu estava lá e a imprensa da televisão queria fazer uma entrevista comigo, e tinha que ser no estúdio, eu saí do sindicato e fui pra lá, quando

72. Vicente Paulo da Silva – Vicentinho. Foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (1987-1994), presidente da CUT em 1997, é deputado federal pelo PT de São Paulo desde 2003.

eu estou terminando a entrevista, chega um carro lá do dirigente do sindical e diz: “Jair, pelo amor de Deus, vamos! A Polícia Federal está dentro do sindicato! A Polícia Federal está dentro do sindicato!!!”. E aí corremos pra lá, chegamos lá tinham quatro policiais da Polícia Federal, os trabalhadores já tinham cercado e tal, aí e quando eu fui lá pra falar com eles, eles falaram: “não, não vamos fazer nada aqui não, nós queremos falar com vocês de como a gente faz pra se filiar à CUT, filiar o sindicato da Policia Federal à CUT.” Eu falei: “ai meu pai do céu...” - Então era rodar pra tudo quanto é lugar!

Quando fomos negociar a greve dos jornalistas, eu fui, né? Me chamaram e eu fui lá pra ajudar. E estávamos lá, reunidos, mas entrou todo mundo e o Damasceno... Ele era motorista, mas era meu amigo! Era meu colega! Entrou junto com a gente e sentou lá na mesa também, e ficou lá sentado, quieto e tal; e aí começamos a discutir e tal e daí a pouco o Otávio Frias... Ele que estava representando lá e foi, e começamos a escutar e de repente ele falou: “mas espera um pouquinho, algumas pessoas que estão aqui na mesa eu conheço, outras pessoas eu não conheço e tal, vamos nos apresentar.” E foram se apresentando e o Damasceno ficou quieto e ele falou: “e você, é dirigente?” Ele falou: “sou, eu dirijo o carro pro Meneguelli.” - Daí eu, meu Deus, a gente morreu de dar risada, a gente não sabia onde a gente se “estuchava”, embaixo da mesa... Ele era dirigente! Ele dirigia o carro, né? (risos) Gente, olha, você sabe que eu fui pra cima de um caminhão! Para cima de um caminhão, caminhãozinho de som, aqueles carros de som, dirigir uma passeata em Brasília que saiu do Sindicato que era encostado à sede da CUT, o sindicato da Polícia Civil, me puseram um colete da Polícia Civil pra proteção, e eu fui em cima do carro de som fazendo uma passeata lá pelo Planalto e tal, dirigindo a greve da Polícia Civil de Brasília. Depois, “mas isso é loucura gente, o que eu estou fazendo aqui?” Mas fui! Fui chamado e fui!

Tentativa do pacto no governo Sarney

Nós fomos na Granja do Torto – na Granja do Torto! Uma baita de uma feijoada gostosa que Deus me livre! E eu doido – doido! – pra tomar uma caipirinha! Porque estava tomando, o Sarney tomou e tal, e aí um jornalista, antes de começar, falou: “Jair, não pega caipirinha e nem cerveja porque os fotógrafos estão esperando essa cena você tomando uma caipirinha do lado do Sarney.” Rapaz, você sabe o que é comer uma feijoada gostosa à base de

água? Foi assim que eu passei a feijoada: à base de água. Mas, na verdade, eles queriam fazer um pacto. Não, me desculpa, que pacto? Me diga, me põe no papel qual é o pacto? O que eu tenho que dar pra vocês darem o quê? Hoje eu não tenho mais nada pra dar, os trabalhadores não têm mais nada pra dar, como é que nós vamos fazer o pacto? Nós temos as nossas reivindicações e queremos vê-las atendidas – e isso nunca foi possível ser realizado, esse tal de “pacto”, né? Primeiro porque não existiria pacto sem a CUT, a CUT era a principal central. Então, essa questão foi pro beleléu.”

Contrato coletivo de trabalho

É, nós estávamos quase conseguindo, gente! Quase conseguindo! Nós estávamos discutindo o contrato coletivo de trabalho, como estava difícil discutir isso dentro da CNI, nós estávamos conseguindo junto à ANFAVEA, que era das montadoras, nós estávamos conseguindo construir um contrato coletivo de trabalho, porque se a gente conseguisse um contrato coletivo de trabalho junto às montadoras – porque tinha montadora de São Caetano, de São Bernardo, lá de Minas Gerais... – se a gente conseguisse esse contrato coletivo de trabalho, obviamente que depois seria mais fácil estender para as demais categorias; mas aí nós fomos obrigados a fazer uma greve, independentemente, da discussão desse contrato coletivo de trabalho, fizemos uma greve por necessidade da categoria, e aí a ANFAVEA saiu, retirou as negociações e não teve mais a discussão do contrato coletivo.”

Encontro com Collor

Primeiro houve uma discussão muito grande da CUT se ia ou não ia falar com o Collor. Eu defendia que fôssemos! Porque nós iríamos apresentar as nossas reivindicações, nós não íamos fazer nada! Nós queríamos o atendimento das nossas reivindicações, era esse o nosso objetivo. E fomos! Ficamos no palácio e tal, sentamos lá, tínhamos um cercadinho, tinha uma corda que separava a gente da imprensa que estava toda lá, e da imprensa internacional, esperando esse encontro da CUT com o Collor. Depois, na sala central o Collor entra; os olhos dele estavam – eu não tenho aqui nada para mostrar! – mas estava mais vermelho que a bandeira do PT! Esbugalhado, para fora, vermelho e ali a conversa não teve como fluir, entende? Deixamos lá as reivindicações e saímos dizendo pra imprensa: “olha, daqui não sai peixe. Desse mato não sai coelho”.

A CONCLAT

Fui participar da CONCLAT já, mas também sempre naquela toada: só assistindo. Falando? Imagina, quem falava lá na CONCLAT era o Lula, Zé Francisco, Joaquinção, Ivan Pinheiro⁷³, Jacó Bittar⁷⁴, Olívio Dutra.

Eu acompanhei de longe [as discussões da CONCLAT]. A comissão foi formada e o Lula foi o nosso representante na comissão pró-CUT. O Lula que foi o representante do Sindicato de São Bernardo. Depois, no ano seguinte, o Lula declinou dessa posição e me puseram no lugar do Lula pra fazer parte da comissão de mobilização da comissão pró-CUT. Foi assim que aconteceu.

Então, o congresso [da CUT] foi definido que seria feito no ano seguinte, e que a comissão pró-CUT teria como incumbência organizar esse congresso. Mas aí, claro que começou a discussão: “faz ou não faz?”; “faz ou não faz?”; “é hora ou não é hora?” e tal; e aí chegou no “não vamos fazer” e tal; depois em 82 a mesmíssima discussão: “faz ou não faz?” - porque havia uma discussão, não era simplesmente “faz ou não faz”, tinha por trás disso tudo... porque não havia cargo de três, quatro ou cinco presidentes ao mesmo tempo na CUT ou coisa parecida, então foi dificultando e tal até que chegou 1983 e nós estávamos em uma reunião no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, e o Ivan Pinheiro, na reunião, falou: “olha, não é prudente que a gente faça, a gente vai pôr em risco essa discussão com o governo, não vamos enfrentar agora o governo” e ali eu fiquei meio louco e falei “não, chega!” Embora estivesse tudo na mão do Ivan Pinheiro, todas as correspondências – tudo! Ele era o secretário da Comissão Nacional pró-CUT, estava tudo na mão dele, sabe? Os contatos internacionais, absolutamente, tudo na mão dele! Eu falei “não, não, não! Chega! Chega! Nós vamos fazer esse congresso!” O Magri veio pra cima de mim me ameaçando e eu falei: “olha, não me ameaça não porque eu não tenho medo de você por causa do seu tamanho não, tá?! E nós vamos fazer esse congresso! Nós queremos toda a papelada da secretaria, nos dê porque nós vamos fazer com vocês ou sem vocês!” Aí pegamos tudo que o Ivan Pinheiro tinha na mão, depois ele nos remeteu mais do que estava com ele no Sindicato dele lá no Rio e vamos organizar o congresso queira ou não! E fomos atrás dos contatos correndo, fomos buscar local para a realização do congresso em São Bernardo junto à prefeitura, e

73. Ivan Martins Pinheiro. É advogado e foi presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro e membro da Comissão Pró-CUT, eleita em 1981, por ocasião da 1ª CONCLAT.

74. Jacó Bittar. Petroleiro, foi um dos fundadores e presidente do Sindicato dos Petroleiros de Paulínia e Campinas. Foi fundador da CUT e do PT. Em 1988, elegeu-se prefeito de Campinas pelo PT.

vamos, vamos, vamos... Espalhamos para o Brasil todo, saímos discutindo com todo mundo e “vamos organizar esse congresso”. E aí, chegamos no dia da realização do congresso no ginásio da Vera Cruz e tal, aí começou a chegar gente, chegar ônibus – ônibus que vinha do Nordeste, do Norte e tal porque, não era avião não! Era ônibus viajando 3-4 dias!

Mas, foi chegando ônibus e foi chegando ônibus e chegou uma hora que eu falei para o pessoal: “Deus nos ajude, por favor! – Para de chegar ônibus! Não vai dar, não vai caber, não vamos ter lugar!” Um congresso com 5 mil pessoas, nós não tínhamos estrutura pra isso! Não tínhamos hotel, não íamos pra hotel! Era colchonete, umas espuminhas de cinco centímetros, com frio de cinco graus, espalhado pelo chão do ginásio e tá; alguns iam pra casa de alguns; eu mesmo trouxe três companheiras aqui pra minha casa, cedi o quarto das minhas filhas; foi assim que a gente realizou esse congresso. E graças a Deus, a CUT é o que é porque nós tivemos coragem. Embora nós ainda tivemos uma abertura. “Não vamos formar, não vamos eleger uma diretoria, um presidente, secretário geral, tesoureiro; vamos eleger uma coordenação para ver se ainda a gente consegue convencer todo esse outro pessoal que não veio pra que, a partir do ano que vem, venham todos; porque a intenção, desde o início, era Central Única dos Trabalhadores.” Mas nunca foi possível, nunca mais foi possível.

O contexto da organização da CUT

Ivan Pinheiro e Arnaldo Gonçalves falando depois que: “não, porque o Lula tem um partido, é do PT...” – quer dizer, como se eles não tivessem um partido! - Um era do PCB, o outro era do PCdoB, o outro era do... Sei lá! Eram todas as picuinhas! O que se tinha por trás mesmo, além das picuinhas, a gente não conseguia enxergar, entende? Porque, outra coisa que era difícil – imagina! – “Vamos lá reunir pra ser presidente do sindicato, pra ser presidente da CUT.” Lula, Jacó Bittar, Olívio Dutra, Zé Francisco, Joaquinção, Ivan Pinheiro, Arnaldo Gonçalves e tal; imagina pondo todo mundo desse pessoal em uma sala e falar: “oh, sai daí com o nome do presidente.” Ia morrer todo mundo e não ia sair o nome do presidente! Então tinha todas essas dificuldades.

Inicialmente, o começo era a formação da CUT. Quer dizer, a formação não se dá apenas na realização de um congresso; você começa a discutir então, depois, a verdadeira formação da central. Nós fomos – eu, uma secretária que nós contratamos de nome Virginia, e um assessor, o Valdo⁷⁵ – para uma casinha

75. Valderi Antônio Ruviaro (Valdo).

que era, tinha sido dos aposentados dos químicos de Santo André, que estava desocupada e que nos cederam, e ali era uma casinha com três cômodos e um banheiro, um computador e um telefone, e ali foi a sede da Direção Nacional da CUT. E foi a partir daí que começamos. A sorte é que eu era presidente do sindicato também, então, a partir do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo a gente garantia as finanças pra fazer as atividades que tinham que ser feitas no começo – pra viajar pros outros Estados, pra se reunir e tal; e foi, também foi um trabalho árduo, foi um trabalho difícil. Até porque nós não tínhamos imposto sindical. Eram sindicatos, podiam contribuir, podiam querer contribuir ou não. Não era com força de lei. Então era todo, foi todo um processo difícil de montar tudo isso em três pessoas. Começando, fomos para a [Rua]Ouvidor Peleja [na Vila Mariana, em São Paulo], uma outra casinha, já contratamos mais algumas pessoas e aí começamos. Depois começaram as discussões políticas, aí logo veio, lembra, os tais dos planos – Plano Real, plano “não-sei-o-que” lá, Plano Verão e tal; e aí foi a partir daí que a gente, realmente, começou, a construir a CUT, a ter força, a organizar; e aí que a CUT cresceu. Apareceu e cresceu a partir dessas lutas. Difícil! A gente convocava uma greve geral, o Medeiros desconvocava. A gente ia pra rua convocar e ele ia pra rua desconvocar! Tinham todos esses problemas, mas a gente não esmorecia.

E aí começa a construção. Aí peguei a malinha, enchi de roupa, quis sair por esse Brasil, sindicato por sindicato... [Eu era] presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Presidente da CUT, os dois. É porque eu disse: “olha, é impossível eu continuar nas portas de fábrica de São Bernardo tendo uma central pra organizar, uma central nacional.” Esses 27 Estados, eu tenho que ir Estado por Estado conversando com sindicatos, conversando com dirigentes sindicais, convencendo o que era necessário. E eu falava sempre pra todo mundo, eu falava: “olha, nós precisamos nos unir, nós precisamos unir as nossas forças, é esse o sentido central! Precisamos unir as nossas forças.” Em quantos congressos que eu fui participar de categorias que eu dizia: “olha, é preciso nos unirmos” – e tal; “venham pra CUT, mas se não quiserem ir pra CUT, então se filiem à CGT, mas é preciso a união dos trabalhadores cada vez mais! Quanto mais unidos nós estivermos, mais forças nós teremos para combater os patrões, para conquistar as nossas reivindicações. Então se vocês não quiserem se filiar à CUT, nem à CGT, se filiem à “UDR”, mas se filiem a alguma central, pelo amor de Deus!” – e tal! - E aí há um pouco de ironia, pra chamar a atenção das pessoas, falando da UDR - que era dos ruralistas, mas era este o apelo.

Realmente, essa CUT foi formada... Olha, eu não tenho dúvida nenhuma! Foi formada por guerreiros. De norte a sul, rural e cidade, foi formada por verdadeiros guerreiros. O que nós enfrentamos, o que eu... Eu ia para os Estados e o pessoal se armava pra me proteger; ou seja, era uma situação, era... Era lutando, inicialmente, contra a ditadura militar, era uma coisa que tinha que ter coragem. E nós tivemos coragem.

Nós conversávamos com todo mundo. Quem nos ajudou muitíssimo, por exemplo, na realização do congresso em São Bernardo foi o Tito Costa⁷⁶, que era prefeito e era do antigo MDB. E nós tínhamos ali apoio durante os nossos movimentos, as nossas greves, inclusive, depois nós tivemos sempre esse pessoal, nós tivemos lá Ulisses Guimarães; tivemos lá o Fernando Henrique Cardoso; nós tivemos lá Montoro; nós tivemos lá aquele companheiraço que era o Teotônio Vilela, senador de Alagoas. Passeata todo mundo junto na frente de braços dados e as ruas, nas calçadas cheias de policiais e a gente cantando “Soldado, amigo: vem pra luta!” e não sei o que lá – a gente chamava os soldados! E com todo esse pessoal! Era importante contar com esse pessoal! Porque, veja, uma nação, uma democracia, não se constrói apenas com o movimento, com movimento dos trabalhadores; nós iríamos precisar do parlamento, independentemente da força que nós adquiríssemos, nós iríamos precisar do parlamento. As leis se mudam no parlamento, não se mudam na porta de fábrica. Pode forçar que se mude as leis na porta de fábrica, mas quem ia mudar? Então nós precisávamos ter aliados dentro do mundo político. A ideia de criar um partido político é porque nós sabíamos também que era necessário ter representantes, legítimos representantes dentro do parlamento para levar nossas propostas para o parlamento, movimento se constrói assim! Não é uma coisa isolada do mundo.

A participação feminina na construção da CUT

A questão das cotas

A Articulação Sindical, a nossa articulação tirou que era contra as cotas! E as tendências eram a favor das cotas. E eu falei na reunião da Articulação Sindical: “eu discordo! Eu sou a favor das cotas!”. Eu falei na reunião: “Sou a favor das cotas porque, não venham com essa história não! Porque

76. Antônio Tito Costa (1923-2023). Foi prefeito de São Bernardo do Campo pelo MDB durante as grandes greves dos trabalhadores metalúrgicos no final da década de 1970. Na ocasião, conheceu e conviveu com Luiz Inácio Lula da Silva. Opositor da ditadura, Tito Costa foi também deputado federal constituinte na elaboração da Carta de 1988.

se não tiver uma mão dos homens eu duvido que elas consigam vencer a essa luta da desigualdade, tá? Porque ela vai lá trabalha na fábrica, ela vem pra casa, ela tem um filho pra cuidar, ela tem a casa pra arrumar, ela tem a cozinha, a comida pra fazer. E não vem falar que tem igualdade não! Ficaram vários companheiros dentro da Articulação, ficaram mais de um mês sem conversar comigo porque eu fui pro congresso defender as cotas e nós ganhamos! E eu fui defender contra todo mundo da Articulação, foi só nesse caso que nós divergimos, né? Aí eu não aguentei! Aí não dava pra ter essa espera. Podia ter Articulação, podia ter tendências, mas eu não me furtava a defender o que eu entendia que era absolutamente justo.

Diretas Já, Constituinte e a participação do sindicalismo

As diretas, eu vou dizer uma coisa aqui sem medo: nas diretas, todos ou quase, ou 98% dos palanques para os começos das diretas, por esse Brasil afora, foi montado pela Central Única dos Trabalhadores. Embora, obviamente, os estudantes tenham feito movimento extraordinariamente importante, mas a verdade é que a batalha para todo mundo falar em cima de um palanque foi montada pela Central Única dos Trabalhadores.

Na Constituinte era interessante. Na Constituinte tinha uma comissão, uma comissão menor fazendo os debates iniciais, e nós tínhamos, inclusive nós fizemos uma reivindicação grande, fizemos um documento da Central e eu entrava em todas as reuniões lá no plenário, nas reuniões eu entrava, metia um paletó e uma gravata e entrava nas reuniões e ninguém me barrava. Eu não sei se os seguranças não me barravam porque não sabiam se eu era deputado ou não, ou se estavam sendo camaradas e tal, então eu sentava o tempo todo conversando com os deputados.

Então eu sentava com todos eles e eu ia falando sobre as nossas reivindicações pra constituinte, principalmente a defesa da redução da jornada de trabalho porque nós entendíamos e entendo até hoje! Entendo até hoje, lamentavelmente – lamentavelmente! – é engraçado, sabe? Nós conseguimos, inclusive, além da redução da jornada de trabalho, de 48 para 44, foi um passo enorme! Porque, normalmente, nos outros países se davam 1 hora por ano, essas reduções e nós conseguimos 4 horas de uma só vez na Constituinte e, depois, até hoje está em 44 horas! Até hoje está em 44 e não conseguimos mais 1 hora de redução da jornada do trabalho! A gente tinha dado os elementos que essa redução significava acréscimo de trabalhadores que as empresas teriam que contratar muito grande, então...

E até que um dia o Ulisses Guimaraes me viu lá conversando e falou: “senhor Meneguelli, o senhor tem que se retirar! O senhor não pode ficar aqui, aqui é só deputados constituintes.” E aí eu tive que me retirar e nunca mais me deixaram entrar. Aí os seguranças não me deixaram mais entrar no plenário. Então, é um pouco isso: nós participamos da Constituinte; participamos das Diretas com toda a CUT; eu estive em quase todos os estados.

O III CONCURTO

Nós éramos dirigentes, como disse, a maioria formado na luta, nós não tínhamos uma, como se diz? Nós não tínhamos conhecimento de organizações. Nós éramos o sindicato, cada um lá no seu sindicato e tal; e aí nós começamos a entender que tinha muita gente organizada, muito companheiro organizado, sem problema nenhum! Não era defeito nenhum, sabe? Porque mesmo dentro das suas organizações, ali era todo mundo de esquerda; mas, nas discussões, eles vinham mais preparados para as reuniões, eles vinham mais preparados com falas mais articuladas do que a gente e tal e aí a gente: “bom, vamos começar a nos organizar; vamos falar a mesma língua todos nós porque, senão, sei lá de quem vai ser, como vai ser e de quem vai ser a direção.” Eu não queria que fosse de ninguém a direção. Eu quero que até hoje que qualquer companheiro de qualquer tendência, de qualquer tendência, diga que eu fechei as portas, que eu fechei a porta da minha sala pra alguém! Nunca! Nunca! –

Discussão sobre a estrutura vertical

Era uma discussão que não nos levava a lugar nenhum porque você tem que ter... É como eu disse: uma central, seja única ou não, ela tem que ter uma direção nacional. É como hoje você discutir a pandemia sem uma orientação nacional do Ministério da Saúde. Se não tiver uma organização nacional... - Por quê? Porque os empresários sempre tiveram essa organização nacional. O que um falava aqui em uma fabriqueta de São Bernardo, eu ouvia outro falar lá numa fabriqueta de Fortaleza, então era preciso essa organização.

Então veja, eu não entendia como que podíamos nos organizar. Imagina a CUT junto com ONG, junto com Oposição, junto com o movimento de Igreja... Quer dizer, nós podíamos ser parceiros sempre, mas não estávamos porque uma ONG... Vamos supor uma ONG. Ela luta com quem? O sindicato luta diretamente, a primeira luta dele, é com as

empresas. Então, uma ONG não pode lutar com as empresas. Então, parceiros nós podemos ser, podemos fazer várias coisas juntos mas, obviamente que cada um tem um papel.

A questão internacional e o sindicalismo

Essa foi uma outra discussão... Uma outra discussão. Porque nós tivemos a participação no congresso de vários dirigentes sindicais de centrais de outros países e eu me lembro muito bem que da Itália nós tivemos uns dois representantes, um da CISL e um da CGIL, quer dizer, duas centrais distintas mundialmente falando; e porque a CGIL era ligada a FSM, CISL era ligada à CIOSL; mas nós tivemos outros dirigentes, eu me lembro bem desses que ficaram muito marcados, mas tivemos outros dirigentes mais, da França, da CFDT e, bom! Tivemos outros. E aí depois logo a seguir era esse... esse embate permaneceu dentro da CUT. O embate central sindical mundial permaneceu dentro da CUT mesmo com os companheiros – Ivan Pinheiro, Arnaldo Gonçalves – permaneceu, porque nós começamos a discutir uma filiação internacional – porque era outra coisa que nós entendíamos. As empresas, as grandes montadoras, as grandes empresas brasileiras eram empresas mundiais. E a gente sabia que a decisão de uma Ford, de uma Volkswagen não se dava somente aqui nas dependências de São Bernardo. E aí começou essa discussão e dentro da CUT mesmo tinham opiniões que “não, que tinha que se filiar a FSM e tal e não à CIOSL” – e foi essa a discussão, e foi até que nós entendemos que teria que ser à CIOSL mesmo. E houve uma concordância. Não houve nem uma votação, houve uma concordância e nos filiamos a uma central sindical mundial que era a CIOSL.

Desafios à ação sindical e perspectivas

Se você pegar os anais de todos os sindicatos – ou da grande maioria dos sindicatos brasileiros! Você vai ver lá um item que foi aprovado: “fim do imposto sindical.” Está escrito em vários anais de vários sindicatos, mas é porque ninguém imaginava que um dia ele fosse terminar, então ninguém se preparava, só falava. “Fim do imposto sindical. Fim do imposto sindical...” mas não se preparava para o sindicato sobreviver! Porque o número de sócios dos sindicatos diminuiu! Já não era muito grande, mas diminuiu muito.

Hoje, o sindicato de São Bernardo perdeu também muita gente da categoria. A categoria diminuiu, mas o número de sócios da categoria do sindicato de São Bernardo, proporcionalmente, hoje em relação ao nosso tempo, é muito menor. Ou seja: não houve uma preparação! Fizeram sindicatos grandes, grandes elefantes-brancos, sabe? Eu me lembro que o melhor momento, pra mim, o melhor momento pra mim no movimento sindical, se não “o melhor”, um dos melhores, foi quando eu fui cassado! Quando eu fui cassado. Nós demos a sorte de que tinha uma oficina que foi fechada, e era um galpãozinho, sabe, que não tinha... debaixo de um sobrado, o primeiro andar do sobrado, em frente ao sindicato, na esquina em frente, e que nem banheiro tinha! E nós fomos cassados e fomos para aquele local. Fomos, a diretoria, fomos pra ali e estendemos uma faixa e, de vez em quando, o interventor lá da sala onde era a sala da presidência, o interventor abria a persiana assim, olhava e a gente fazia um gesto com o dedo lá, que ele não gostava e fechava rápido, sabe? Mas nós pusemos uma faixa assim naquele galpãozinho ali que dava de frente pro sindicato, que dava de frente pra sala da presidência, nós colocamos uma faixa: “olha nós aqui outra vez!”. Ali nós fazíamos política! Quando eu precisava fazer as minhas necessidades eu atravessava a rua e ia no banheiro do sindicato, e voltava a fazer política lá naquele galpãozinho e a gente não tinha ali o imposto sindical, a gente não tinha ali sócio do sindicato, todo pagamento era quinzenal. A gente ia pra porta de fábrica com sacos de papel arrecadar ajuda dos trabalhadores pra gente manter a direção do sindicato pra fazer política, pra ir pra porta de fábrica pra fazer a defesa dos trabalhadores. E ali, assim é que nós sobrevivíamos. Todo trabalhador... Não tinha um trabalhador, eu me lembro – só se passava longe! – que passava por perto da gente, e que não dava uma contribuição todo dia de pagamento para que a gente mantivesse a nossa luta.

Aí veio aquela morte do George Floyd e tal, e aí aquela inscrição que fizeram na Paulista “Vidas Negras Importam”; imediatamente eu tentei ligar pro presidente da CUT e não consegui, liguei pro presidente do sindicato e falei: “companheiro, fala com a CUT urgente! Fala com a CUT urgente!” – sabe? – “Ponha em todos os sindicatos filiados à CUT, no Brasil, uma faixa na frente do sindicato, grande: ‘Vidas Negras Importam’ porque nas nossas categorias tem muito, muito e em muitos lugares a maioria de trabalhadores negros! Isso vai dar notícia, isso nenhum jornal vai poder esconder essa coisa na frente de todos os sindicatos brasileiros; e, se puder, convença as outras centrais a também fazerem a mesma coisa.” Ele falou: “Ah, Jair, calma!

Pode deixar que nós já estamos discutindo o que fazer.” Estou esperando até hoje o que fazer nessa questão. Hoje, o que nós temos? Nós temos milhões, milhares, milhões de trabalhadores e famílias, de famílias trabalhadoras passando fome. Vamos ajudar? Vamos encontrar uma maneira de ajudar? Sabe por quê? A minha filha trabalha na Volkswagen! A minha filha mais velha trabalha na Volkswagen, e o que eles fizeram no setor dela? - Um setor pequeno, um setor administrativo lá, é um setor pequeno, e sabe o que eles fazem? Eles arrecadam, eles compram – a minha filha, inclusive, é quem compra as cestas básicas, pela internet e as cestas básicas chegam aqui na minha casa, enchem aqui a minha sala de cesta básica e depois eles vêm buscar, o pessoal da Volks, lá do setor dela vem buscar, que eles doam pra organizações aí, pra ONGs, organizações que ajudam esses trabalhadores, esses desempregados e essas pessoas que estão passando fome. É possível fazer alguma coisa? É possível! Pelo menos eu vejo a minha filha fazendo. Então o sindicato poderia fazer muito mais, sabe? Porque são trabalhadores que estão desempregados, que estão passando fome. Eu não saio de casa, mas eu assisto o dia inteiro jornal. Todos os jornais, de manhã, de tarde, à noite, porque não tem outra coisa pra fazer, né? Não posso sair de casa por causa da pandemia. E a gente vê a necessidade desse povo e quanta gente que tem 10 reais e está contribuindo com 5 para ajudar a gente não deixar esse povo morrer de fome. Então o sindicato precisa se adequar, o sindicato precisa se mostrar, o sindicato precisa estar na luta! E ao mesmo tempo, tem que colocar em cada marmitex, em cada cesta básica, em casa coisa, colocar um panfleto político dizendo desta situação, do porquê estamos nessa situação, quem é o culpado de estarmos nessa situação! Ou seja, se adequa! Se adequa! Senão dá pra fazer uma coisa, faça outra, mas faça alguma coisa!

Uma vez, lá no governo Lula, teve uma discussão do imposto sindical, do fim do imposto sindical, lá no governo Lula, e... bom, mas aí o movimento “fez que” discutiu e se mancou, né? Aí eu fui falar com o Lula e falei: “Lula, nós perdemos a maior oportunidade do mundo de terminar com o imposto sindical de uma forma gradativa que possibilitasse aos sindicatos ir se recompondo de outra maneira. Nós perdemos uma grande chance no seu governo, Lula.” Ele falou: “Jair, eu concordo, mas o imposto sindical o presidente não pode acabar com a caneta dele, o movimento não quis. Nós não acabamos porque o movimento não quis.” Ou seja: sabe, eu acho que não foi o governo Lula que tentou cooptar os trabalhadores; foram os trabalhadores que entenderam que não podiam fazer nada no

governo Lula. Era um governo. E reivindicação do movimento dos trabalhadores independe de quem seja, de esquerda, de direita, de centro, de extrema-direita. A reivindicação dos trabalhadores é reivindicação dos trabalhadores, não importa quem esteja no partido, no governo!E o movimento fraquejou nisso. A CUT fraquejou nisso. E isso eu assisti. Isso não tinha pandemia, isso eu assisti. A CUT fraquejou nisso.

OSVALDO BARGAS

Entrevista realizada em 25/06/2021 e 29/06/2021

PARTE I: 25/06/2021

PARTE II: 29/06/2021

DURAÇÃO: 223 minutos

Ex-diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Coordenou o Fórum Nacional do Trabalho durante o governo Luiz Inácio Lula da Silva.



Trajétoria de vida e militância sindical

Comecei a minha militância, eu creio que tinha uns 13 anos. Porque nessa época eu morava em Santa Teresinha, em Santo André – um bairro de Santo André – onde tinha uma igreja bastante progressista, era uma igreja de padres franceses, eram padres que trabalhavam na fábrica como operários. Eles tinham uma ordem que todos os padres que pertencessem a ordem, tinham quem ser padres operários.

Isso foi... nos anos 1960! Aí, esses padres perceberam – assim, aqueles que tinham uma vida proletarizada. Porque tinha, meio que, os mais classe-média. E aí, esses padres me levaram para JOC e na JOC, acompanhado por esses padres, eu fui tendo, cada vez mais, uma visão crítica da sociedade, das minhas condições de operário. Meu pai era caminhoneiro e o meu irmão trabalhava – o meu irmão mais velho – na Ford e ali, ele também já com essa consciência, ele foi para a AP e eu fiquei na JOC ainda um bom período. Depois, Pastoral Operária, eu tinha todo um trabalho de bairro. O meu trabalho não tinha nada a ver com o sindicato.

Fui trabalhar na General Motors – no sindicato de São Caetano, mas era aquela pelegada, não tinha espaço para nada; depois, eu fui trabalhar na Ford Ipiranga, também no sindicato São Paulo era complicado, não havia espaço e segui a minha militância no bairro, nos movimentos de bairro. Em 1978 fui trabalhar na Volkswagen, foi quando conheci o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, em 1978 – eu entrei em fevereiro [e em maio] quando estourou aquelas greves na Scania, depois na Volkswagen e nas outras fábricas, aí embarquei nessa vida sindical. Quando o Lula foi cassado, participei das grandes greves. Quando o

Lula foi cassado em 1981, participei da primeira diretoria junto com Jair Meneguelli, depois da cassação do Lula e da diretoria dele.

E aí, logo em 1978, teve um congresso, o sindicato fez um congresso, o segundo congresso, que foi feito no Guarujá. E eu fui para esse congresso. E aí, esse pessoal da oposição já estava mais ou menos lá se articulando e nós fomos para esse congresso. E eu tinha um livro que a ACO [Ação Católica Operária] tinha produzido. Uns livros sobre a história da classe operária. Aí, eu falei: “Pô, isso aí eu vou levar para o congresso para vender lá.”

Então, eu levei esses livros, [e] eu fui na diretoria perguntar se eu poderia vender esses livros, porque no sindicato tinha aquele clima de quem era de corrente política, quem não era diretoria ali, era “grupelho”, era coisa ruim, né? E eu, não estava nessa, estava querendo ser militante, eu não tinha uma articulação. Aí, eu perguntei lá para um diretor, o diretor: “Ah, leva para o Severino⁷⁷” – que era o secretário geral. – “Eu vou levar para a diretoria dar uma olhada.”

Aí, ele voltou: “Olha, o Lula está te chamando.” -Aí, eu entrei na reunião. Eu fiquei nervoso, estava toda a diretoria, o Lula estava ali e estava o Barelli. Aí, o Lula falou assim: “Olha, você não só pode levar para vender lá, mas eu quero que você venda um jogo desses livros...” – porque tinha um, dois, três lá – “... para cada um dos diretores.” Aí no congresso, o Lula querendo saber de mim, querendo conversar comigo e tal. Se interessou pela minha participação e meu trabalho. Depois disso aí, no congresso, depois das eleições – que teve as eleições – o Lula resolveu expulsar quatro diretores do sindicato porque na greve de 1978, tinham se vendido lá com a Volkswagen, [e começaram] a denunciar “o sindicato que estava fazendo política”, e o Lula fez uma assembleia e expulsou os quatro. E o Lula procura a Volkswagen para negociar e substituir os quatro. Ele indica quatro pessoas para a Volkswagen reconhecer como diretor do sindicato. Aí, me convidou. Menos de uma semana depois, eu fui mandado embora acompanhado pelos seguranças da empresa, entendeu? Me botaram na rua! Aí, fiquei desempregado, aí, o Lula brigou com a Volkswagen, mas eu já estava na rua.

Eu fiquei um ano e pouco desempregado, o Lula falava: “Você tem que arrumar emprego em São Bernardo! Você vai fazer parte da próxima diretoria de São Bernardo.” E eu não conseguia por causa da “lista suja”.

77. Severino Alves da Silva. Foi diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC quando Luiz Inácio Lula da Silva era presidente (1978-1981). Foi preso, juntamente com Lula e outros membros da diretoria, quando o sindicato sofreu intervenção do Ministério do Trabalho, em 1980.

Aí: “Não, não. Vai pedir emprego para o Lula. Vai pedir emprego para o sindicato...” Era assim. Então, eu só consegui arrumar emprego depois em uma fábrica pequena em Diadema. Eu era ferramenteiro.

Bom, quando eu fui trabalhar no sindicato, eu estava na Volkswagen no período da noite, aliás, 15 dias de dia, 15 de noite. De noite e de manhã. E aí, eu fui para o sindicato a primeira vez, no dia 12 de maio – a greve aconteceu no dia 12 de maio, na Scania. Tive um ano e meio de mandato e depois fui cassado em 1983. Quando teve aquela greve em solidariedade aos petroleiros, contra a política econômica do governo, fomos todos cassados.

A agenda sindical no período

Em 1979 o sindicato fez um o congresso [que] seria em dois finais de semana. Era um final de semana, depois voltava no outro final de semana. E a diretoria não apresentou, assim, nenhum texto, nenhuma proposta, nenhum documento, só um guia de discussão. E aí, a oposição [sindical metalúrgica] de São Paulo, assim como outros diretores de outros sindicatos foram convidados. Olívio Dutra participou; o João Paulo lá de Monlevade, participou; o Jacó Bittar participou; e convidaram o pessoal da oposição dos metalúrgicos de São Paulo. Aí, a oposição apresentou assim, uma tese sobre comissão de fábrica. O Lula, nessa época, tinha a posição contrária às comissões de fábrica. Ele defendia a ideia de delegado sindical e a oposição defendia a comissão de fábrica, e que essa comissão de fábrica tinha que ser autônoma ao sindicato. Eu acho que essas duas ideias, ela vai passar pela história da CUT, essa polêmica, entendeu? E eu, realmente, tenho uma posição sobre isso, construí também uma posição sobre isso ao longo desse tempo. Então, também, o chamado Grupão, esse grupo chamado de oposição, que se dizia oposição, que não falava claramente que era oposição, até porque tinha visões [diferentes] dentro dele; a minha visão era da maioria desse grupo, que dizia que nós tínhamos que trabalhar com a diretoria, para fortalecer a diretoria, que essa diretoria não era pelega, etc. e etc. E o pessoal mais trotskista dizia que “não”, que tinha que construir uma alternativa para a diretoria. E essa visão de ser uma alternativa à diretoria era também apoiada pela oposição de São Paulo.

Eu tenho uma visão, assim, eu acho que nós vivemos em um momento de muita confusão. E a confusão se colocava em razão de que nós vivemos numa realidade de um processo de mudança muito grande. Que a indústria, o proletariado tinha uma força, assim, de massa, muito grande. Quer

dizer, os sindicatos não davam conta de responder às demandas desses trabalhadores, nós tínhamos um sindicato que não tinha experiência nenhuma do que era ser sindicato. Quer dizer, se você pegar a geração antes de 1964 e as gerações [sindicais] do final dos anos 70-80, não tinha relação histórica! Tem um buraco no meio aí! Tem um buraco no meio! Certo? E esse buraco no meio, quem estava na estrutura sindical, foi educado para administrar assistência médica e diziam que aquilo era “assistencialismo”; e quem não estava, começou a ter uma formação política (tanto eu, como tantos outros), teve uma formação, assim, mais doutrinária, mais ideológica, mais de esquerda, e o sindicato como um instrumento mais político, mais ideológico. E quem veio do sindicato (como eu, Lula e muitos outros) nós não viemos de um “debate ideológico”, nós viemos da contradição de classe ali. Então, nós tínhamos um olhar muito mais pragmático para as relações de trabalho do que ideológico, entendeu? E foi assim durante a CUT. CUT movimento, CUT Central Sindical, era outro debate, entendeu?

OLT (Organização no local de trabalho)

Naquela época, só o discurso e planejamento estratégico da CUT sobre o OLT banharam duas paredes de tarjetas para definir o que era OLT. Eu olhei aquilo e falei assim: “Isso daqui não vai dar certo.” Então, quando eu saí da CUT, o que eu fiz? Eu fui para o sindicato [como assessor] e a diretoria estava em crise porque tinha que mandar embora um monte de dirigente porque tinha tudo ficado em casa, não ia para a fábrica, diziam que estavam no sindicato; no sindicato diziam que estavam na fábrica, entendeu? As comissões vendendo mandato. Era um inferno! Aí, tinha que diminuir. “Vocês estão malucos, vamos mudar isso tudo!” E aí, fui construir toda uma proposta, do começo ao fim sobre Comitê Sindical de Empresa. Está até hoje lá! Então, é representação.

Eu fiz a proposta que era: mudar a estrutura do sindicato e pedir para eles carta branca para fazer um estatuto, que eu criei os comitês sindicais de empresa para acabar e mudar a eleição das comissões de fábricas, não mais para eleições locais, mas para chapa, porque assim tinha compromisso. Então, nesse processo, eu via assim como a estrutura sindical, os sindicatos, têm uma facilidade de “apelegar”, entendeu? Ou nós fazemos uma mudança nisso ou tá ferrado! E quando nós [criamos] o comitê sindical, a diretoria, que era de 120 (na época), ela passou a 110 ou 108 – e hoje é muito mais! Mas são todos de dentro da fábrica.

Lá, naquela época, o cara arrumava uma encrenca dentro da fábrica, a fábrica mandava ele embora, o departamento jurídico entrava com um processo de reintegração; enquanto estava tendo um processo de reintegração, o cara estava recebendo salário do sindicato; e ele ficava pedindo carro... O sindicato tinha mais de 20 carros para atender essa diretoria que estava toda afastada, e muitos já não tinham mais emprego! Com a minha proposta de [criar] os comitês sindicais de empresas, a diretoria do sindicato voltou a ter 7 carros; um monte desses dirigentes ou fazia acordo com a fábrica para ser reintegrado novamente e disputar o comitê sindical ou estava fora. Então a maioria perdeu o mandato, não pode se recandidatar mais porque não podia se eleger na fábrica porque não tinha mais base, ou então, ia embora! Uma limpa do sindicato e o sindicato passou a ser mais representativo. Foi através dos comitês sindicais. Eleições em dois turnos: primeiro, você se elege na sua fábrica. – Então, as oposições, neste esquema, estão fora. Qual foi o sindicato que reproduziu isso aí? – Quando via que era sindicato dentro da fábrica e “não-sei-o-quê” – ninguém [quis] reproduzir isso! Isso não interessa para os diretores dos sindicatos, porque eu tenho que estar na fábrica! Para eu ser presidente, para que eu possa ser presidente, eu tenho que ser eleito dentro da fábrica

Greve metalúrgica de 1979

Estamos em greve. Aquela grande greve. O Santo Dias divergiu desse pessoal e falou: “não, a greve está acontecendo lá, nós vamos para greve!” – Santo Dias divergiu e saiu dessa reunião dizendo que tinha que apoiar os metalúrgicos em greve, certo? Então, eu lembro disso aí. Quer dizer, eu não participei, mas essa história que... Mas essa que foi antes, teve um racha com o Santo Dias. Eu me lembro que depois o pessoal organizou uma reunião lá no Taboão, eu fui lá! Eu era metalúrgico, eu era peão de fábrica, né? Eu fui lá e tinha vínculo com a Igreja e fui lá. E aí eu falei: meu, vocês estão malucos! A greve está acontecendo! Tem que estar lá na greve, tem que estar apoiando essa greve e tal. – Aí eu me lembro que foi o Vito Giannotti falou que nós não íamos conseguir segurar a greve. Nós estamos em greve! Que “nós não iríamos conseguir segurar a greve porque a greve não tinha as comissões de fábrica, não tinha organização dentro da fábrica.” Porque estávamos fazendo a greve... Eu falei: “nós estamos fazendo a greve fora da fábrica, não tem nada dentro da fábrica. Estamos fazendo a greve fora! Como que[...] os trabalhadores das fábricas não estão

se reunindo! Estão se reunindo nos sindicatos.” Então assim, a oposição sindical não tinha muito a dimensão de movimento de massa, aquilo que estava acontecendo. A oposição não sabia o que estava acontecendo ali no ABC. Eles tinham saído vitoriosos na greve de 1978, que foram aquelas greves que conseguiam o que era reivindicação básica. Porque era um trabalhador de fábrica e eles falavam: “nós queremos o reconhecimento de uma comissão para negociar!”. Mas quando acabou aquilo lá todo mundo foi demitido! Não tinha segurança nenhuma porque não tinha acordo coletivo que [segurasse] aquilo. Então eles partiam de uma experiência que estava [dando] os frutos por conta do que aconteceu em 78, mas que se esvaziou porque acho que eles não tinham uma visão sindicalista, eles tinham uma visão meio anarquista dessa coisa sindical, entendeu?

O III CONCURTO

Eu trabalhei no Estatuto da CUT. E sempre defendi que a executiva não pode ser proporcional. A direção, sim! Mas a executiva nunca poderia ser proporcional às chapas concorrentes. Por quê? Porque você cria aí uma diferença, uma divergência muito grande de estratégias. Então, assim como é na Europa, se elege duas pessoas, o presidente e o tesoureiro. E o presidente que... na verdade, é o secretário geral. O secretário geral é que monta a sua equipe de executivos a partir do que foi aprovado no congresso, nas diretrizes aprovadas, a política aprovada no congresso. E ela se movimenta em função das políticas definidas pela direção. Para a Executiva, então, você tem secretário de formação – podem ser todos profissionais! – Imagine eu, colocar tudo na secretaria de formação? Ia ser um desastre! Eu sou bom para fazer críticas, mas para dirigir, eu não vou ter capacidade para isso! Não é a minha área. Então, você tem que contratar pessoas que vão fazer isso dentro da política pré-definida. E não colocar um sindicalista. Aí, você bota lá: FAT! E os organismos de governo, coloca a mesma coisa, coloca “FAT” lá no conselho nacional, no SESI, bota lá dirigente... O cara que não abre a boca! Tem que colocar técnicos, tem que colocar pessoas que têm capacidade que, terminou a reunião, faz um relatório e manda para todo mundo, e que garante qualidade na execução. Não é porque o cara foi colocado lá, pela correlação de forças e recebeu um cargo, que ele vai ter obrigação de dar resposta. Não! Porque ele está preparado para isso. Então, esse aí é um erro que a CUT comete também e não sei se o PT também...

Tese 10

Acho que uma coisa que é importante na CUT, eu sei e eu penso. Acho que foi o congresso da Tese 10. Aquilo foi um marco porque aquilo foi um pouco uma definição, não todos os problemas resolvidos, mas acho que deu um norte para a CUT. Que foi onde se estabeleceu essa discussão internacional, a organização vertical da CUT. Porque a CUT passou de ser uma central sindical em construção. Continua sendo em construção, mas ela passou a trabalhar muito mais com a disputa pela representação; de ser apenas um órgão com intenção de representar para ser um órgão de representação. Então não era mais um projeto de ser central sindical, mas passou a ser uma central sindical que buscava alcançar uma maior representatividade. E isso acho que ajudou a CUT na intervenção, no debate sobre as questões nacionais, Constituinte etc. Porque a CUT deixou de ser aquela referência do movimento sindical combativo para ser um órgão de representação. Então quando ela deixou de constituir o seu congresso a partir do número de filiados de cada sindicato, valorizar a sindicalização etc., ela passou a disputar efetivamente a hegemonia – e não mais uma ideia, né? Se era uma, se era CUT, se era CGT – não! Central sindical é essa; a outra é essa e vamos disputar a hegemonia da representação. E isso acho que foi um marco na Tese 10, porque a Tese 10 também superava um pouco aquela discussão se seguia Central Sindical ou Partido. Porque esse debate nasceu com a própria CUT, dentro da CUT, na fundação da CUT; a hegemonia, quer dizer, defendia a ideia de central sindical-sindical; e a outra ideia decidia entre ser central sindical-movimento. Então negava a importância da verticalização da organização [sindical], porque achava que todo mundo é classe trabalhadora, então tem que ser classe trabalhadora porque tem que atuar. Eu acho que aí fazia uma confusão entre partido e central, em que colocava as oposições no mesmo pé de uma diretoria eleita de um sindicato.

Igreja, sindicatos e trabalhadores

A JOC, ela foi perseguida, mas ela ficou muito na clandestinidade. Por exemplo: ia fazia todo um trabalho de JOC, trazia os jovens, e a gente nunca falava que era JOC, falava que era “Grupo dos Jovens”. Então, poucos sabiam que era a JOC e que participava de um organismo internacional. E a repressão a mim e a minha família foi mais em função da militância do Nelson, o meu irmão. O Nelson era da AP, acabou sendo preso; minha casa

foi invadida pela Operação Bandeirantes algumas vezes; algumas vezes eles ficavam mais de uma semana acampados dentro da minha casa. Quer dizer, eles saíam a noite e voltavam de manhã, cercavam a rua. E era complicado porque eu morava quase que em um cortiço, três cômodos para cinco filhos, meu pai, minha mãe – e três filhos. Era coisa complicada. E aí, até que eles conseguiram pegar o meu irmão chegando em casa. Meu irmão pegou dois anos e pouco de cadeia; meu pai foi levado duas ou três vezes com ameaça de morte para entregar o meu irmão, foi uma vida assim. A nossa ficha lá no arquivo do DOPS é grande. Tudo isso aí antes de conhecer sindicato, de conhecer Lula, conhecer esse povo todo. Então, ali, os padres também eram vigiados, eles eram extremamente vigiados. E nessa Igreja nasceram muitas lideranças. Muitas lideranças surgiram em Santa Teresinha – e que foram para grupos de esquerda, enfim. Foi uma experiência fantástica.

Tem coisas que eu aprendi na JOC que eu uso até hoje: o método “ver-julgar-agir”, avaliação de vida, tudo isso aí sempre esteve embutido na minha militância, na forma de analisar, tomar decisões, foram coisas que eu aprendi. Ali foi um grande ensinamento também.

A questão internacional e o sindicalismo

E aí, comecei a ter amizade com essas pessoas e também, os metalúrgicos, independentemente da CUT, os metalúrgicos sempre tiveram uma relação internacional, sempre eram chamados para atividades internacionais e eu já tinha ido para a Europa. Eu fui em 1982. – 82! - Nós não tínhamos a CUT ainda, né? E eu fui pelo sindicato participar de um evento para falar a experiência do ABC e era [para] confrontar a nossa experiência do ABC com o Solidariedade – *Solidarnosc* lá da Polônia, na Alemanha. E aí, eu participei desse evento, conheci as comissões de fábrica na Alemanha, conversei muito com os sindicalistas da Alemanha e da Polônia. E depois disso, eu estava com o filme *Linha de Montagem* debaixo do braço para vender para o Fundo de Greve. E os italianos estavam interessados. Então, de lá fui para a França, eu tinha um amigo lá, aqueles padres franceses já haviam voltado para a França; conheci a CFDT e fui na CGT – aquilo tudo abriu a minha cabeça!

Eu trabalhava no CEDI, eu tinha um projeto de memória sindical lá no CEDI, com o Mercadante. Eu falei: “Aloizio, vamos fazer um negócio?”. Aí, propus para ele: “Vamos fazer uma viagem para estudar. Para conhecer e estudar. Não é viajar para... não é para falar com dirigente, é para falar com o pessoal

que leva o sindicato, o pessoal da formação, o pessoal da estratégia, o pessoal da estrutura sindical.” - Aí, ele topou, ele conseguiu [apoio] pelo CEDI e eu fui com o Mercadante para lá, nós ficamos um mês e pouco.

Nós fomos para a Alemanha, Holanda, Itália, França, Portugal, Espanha. E a gente só ficava tomando nota... nós sabíamos o quê? Como era a formação, como era a estrutura sindical, como eram as negociações, como eram os direitos sindicais e comparando de país para país. Foi graças a essa viagem que eu tive condições de construir o comitê sindical de empresas lá do sindicato, fazer o estatuto do sindicato.

Nós começamos essa conversa sobre questões internacionais, mas foi mais assim. Falando, dando um pitaco em cada coisa. Mas eu acho que seria interessante lembrar um pouquinho como é que tudo começou. Nós vivíamos uma situação que eles ainda estavam vivendo: a Guerra Fria. Ali nos EUA, União Soviética, aquela coisa toda! E a América Latina estava nesse momento saindo dos países que estavam em ditadura e estavam em um processo de redemocratização e países como Brasil, Argentina, Chile, o movimento sindical no Uruguai, tinham sido destruídos. Quando nós fomos ao Uruguai, nós vimos! As sedes dos sindicatos viraram delegacia de polícia da repressão. E nesse processo de América Latina ressurgindo e países importantes, como Brasil, Chile e Argentina, era natural que o movimento sindical internacional ficasse de olho aqui, principalmente nesses países onde o movimento sindical estava [desempenhando] um papel importante no processo de redemocratização, não é verdade? Então é lógico que a Guerra Fria que tinha, assim, como um braço, para alguns, dessa Guerra Fria, também atuava no sentido de tentar influenciar o movimento sindical, não é verdade? Eu acho que além da disputa que existia entre FSM, CMT e CIOSL, existia também, dentro da CIOSL uma disputa pela hegemonia dentro da CIOSL que, de um lado, você tinha os países europeus, que ali eram imunizados pela CISL, na Itália, pelos italianos, pela CFDT, pelos alemães, que atuam dentro no sentido de se constituir algum bloco dentro da CIOSL. E, do lado de cá das Américas, [havia] a AFL-CIO com o seu grande instrumento, a ORIT, que atuava como um instituto americano. Então, era natural que a CUT fosse, assim, cobiçada por essa disputa. Então, quando surgiu a CUT, no congresso de fundação da CUT, teve uma participação fantástica de representantes de diferentes países. Principalmente, duas importantes organizações que tiveram papel nessa época, foi a CISL e a CFDT. Os ingleses, acho que como eles têm uma aliança muito grande com os americanos, sempre ficavam um pouco distantes.

Os mais ligados à FSM ou independentes: a CGIL, por exemplo, foi embora; a CGT da França também; e dos países ainda sob influência da União Soviética. Então, era esse o quadro.

Então, quando eu comecei essa história de filiação internacional, eu escrevi um artigo numa publicação do CEDI defendendo isso, eu quase apanhei dentro da Articulação! Então, no processo de construção da filiação da CUT, nós tínhamos diferenças, inclusive, dentro da Articulação.

O que quero dizer, na verdade, é que, nesse processo todo e até durante o meu mandato, que eu estive na secretaria internacional, nós defendíamos uma política de independência, mas com a filiação internacional, quer dizer, nós tínhamos a nossa autonomia. Nós queríamos ser filiados, mas manter a nossa autonomia de relação internacional; então, a política que nós definimos era uma política de relações com todo mundo – e com afiliação! E privilegiamos as relações bilaterais. [Entramos na] CIOSL para defender a política da CUT e defendíamos uma política de relações bilaterais. Com essas relações bilaterais fizemos grandes eventos! Uma relação com os sul-coreanos [...] que quando aconteceram os eventos, eu não estava mais na CUT, mas[...] com a África do Sul, Moçambique, com diversos [países]. E aqui, na América Latina, fortalecendo o Cone Sul, o Chile, Uruguai e tínhamos uma política, inclusive, com os cubanos. Então, nós defendíamos uma relação dentro da CIOSL e também uma relação bilateral entre as centrais sindicais.

Então, nós tínhamos ali, em Portugal, a CGTP; e na Itália nós tínhamos, no começo, com a CISL e depois muito com a CGIL. E um não tinha ciúmes do outro, então era bom, assim, trabalhar ali. Só não tínhamos muita relação com a UIL. A UIL era muito complicada para a nossa cabeça. Mas, com as duas centrais sindicais a gente tinha. E depois, na França, mais com a CFDT, mas também com o passar do tempo com a CGT, sem problema [algum].

Na Espanha era a UGT e nós tínhamos relações com as duas centrais, sem problema, sempre foi muito interessante. Nós organizamos um seminário uma vez, junto com as *Comisiones Obreras* lá em Madri; depois tivemos muitas relações com a UGT, eram grandes quadros, eu aprendi muito com as duas também; então nós não tínhamos problemas com isso, com essa pluralidade, nem na Itália, nem em Portugal e nem na Espanha, Era muito tranquilo.

Levou mais tempo a aproximação com a CGT francesa! E aí eles tinham um certo pé atrás com a nossa relação com a CFDT e um dos argumentos

que eu colocava para eles: primeiro, a CFDT tinha tudo aquilo que a CUT tinha – grandes empresas, assim como a CGT, mas que nós tínhamos um compromisso com a CFDT, não só por acolher os nossos exilados, como o Ferreirinha e tantos outros, mas também durante o processo de fundação da CUT e toda a criação da CUT.

Mas o que eu percebo: foi uma mudança de direção na política de relações internacionais da CUT; quer dizer, nós tínhamos uma relação dentro da CIOSL, dentro da ORIT, mas fortalecendo, inclusive, os mecanismos bilaterais, tipo aqui com Cone Sul, aquela comissão que nós criamos no Cone Sul, a Coordenadora das Centrais Sindicais do Cone Sul.

E fizemos uma aliança com os italianos, com os franceses para ter relações sul-sul. Então era assim: íamos ter uma relação sul-sul para nós interferirmos e, assim, sem essa ideia de disputar cargo. Isso para nós pouco importava! O que importava para nós era passarmos a ser uma referência dentro do sul-sul. Então, a diferença foi isso.

Desafios à ação sindical e perspectivas

Contrato Nacional Articulado

E sabe o que vai deixar de existir aqui, uma coisa que é muito importante e está acabando – vai acabar! – e eu falava isso quando estava lá no Ministério do Trabalho! Eu falei: “Ou nós mudamos isso, ou o sindicato vai acabar.” São as convenções coletivas. As convenções coletivas vão acabar, não vai ter mais. Não tem mais, entendeu? Ou nós entendemos as transformações das relações de trabalho que estão ocorrendo ou então nós estamos ferrados! Nós temos que entender para podermos ter a capacidade de interferir nesse processo de transformação.

Porque nós temos uma ideia do sindicato, do chamado “sindicalismo combativo”, a ideia de sindicalizar fora da fábrica, no portão da fábrica; mas a nossa visão de sindicato é sempre fora da fábrica. É igual na prefeitura: “eu vou passar lá na prefeitura para resolver esse problema aqui; aí eu vou passar lá no sindicato para resolver.” O sindicato é uma coisa fora. “Eu vou até o sindicato; vou passar lá no sindicato.” Não é uma coisa que está dentro da empresa. Não está dentro do nosso local de trabalho. Eu estou dando isso como exemplo porque [há] a nossa dificuldade de pensar esses novos desafios com outra ótica, com outro pensamento. Então, se a CUT quer fazer isso, ela tem que ser repensada porque hoje, as relações de trabalho, não são mais como era antes! A CUT não pode

ser o que foi, os sindicatos não são mais o que foram. O meu sindicato (o meu sindicato lá do ABC), logo-logo estará alugando sala lá no prédio! Não tem como sobreviver. Não tem mais isso! Não tem mais gente lá dentro... Então, as relações de trabalho, as coisas mudaram muito. Você vai [nas] empresas, as empresas hoje... A Fiat, por exemplo, não tem mais funcionário dela dentro da fábrica, porque é tudo terceirizado.

Para você [trabalhar] lá, não precisa ter ginásio ou colégio, basta saber mexer no celular, nos aplicativos de celular, e você já passa no teste. Porque é tudo robotizado, não tem mais funcionários dentro dessas montadoras, entendeu? Aqui ainda tem algumas fábricas, mas é por isso que está sendo sucateado. Agora tudo é mais fácil. Então o nosso processo, a nossa indústria, o modelo, linha de montagem – tudo isso é outra coisa! As relações de trabalho mudaram! – Ou nós pensamos um modelo de organização sindical, de organização dos trabalhadores que vai além [dessa] relação, capital e trabalho, ou então estamos ferrados! A forma? Eu não sei! Precisa mudar um pouquinho a nossa cabeça e começar a pensar em alguma diferença porque, se nós pensamos com base no mesmo modelo do passado, a gente não consegue pensar coisa nova. Tem que pensar coisa diferente.

Acordo coletivo e, principalmente, convenções coletivas, está/estão [no] fim! – Ninguém mais vai fazer isso! É muito difícil, entendeu? Ou nós vamos nos adaptando ao novo modelo – que eu não sei qual é o melhor, mas acho que tem que pensar como classe; mas tem que ter organizações verticais. – O quê que eu quero dizer com isso? – É o seguinte: o sindicato funciona quando reúne interesses, não é verdade? A história do sindicalismo é que, quando você une 10 pessoas que têm o mesmo interesse, que sofrem os mesmos problemas, aí se unem! Não é assim? Toda associação é assim! Então o sindicato tem que ter uma organização que parte dos interesses em comum daquele setor produtivo, e de outros serviços para uma atuação política. E uma não substitui a outra. A organização que é mais corporativa, ela também atua politicamente, ela atua como um instrumento de formação política, mas se ela [se] distanciar dos interesses coletivos [naquele local] ela perde representatividade! Porque, se você vai em um clube, é porque o clube tem piscina, tem esporte... Senão, você não vai no clube! – Não é verdade? – Então o sindicato tem que ter atração, tem que atrair essas pessoas com uma política e atuando politicamente através das centrais sindicais, através da força que tem – é um outro papel. O desafio é muito grande! Então, a CUT está certa em repensar e pensar, mas tem que pensar com outra cabeça.

MIGUEL ROSSETTO

Entrevista realizada em 28/06/2021 e 05/07/2021

PARTE I: 28/06/2021

PARTE II: 05/07/2021

DURAÇÃO: 109 minutos

Ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Polo Petroquímico de Porto Alegre e Triunfo-RS (SINDIPOLO). Fez parte da executiva da CUT Nacional. Foi deputado federal e vice-governador pelo PT do Rio Grande do Sul. Foi ministro do Desenvolvimento Agrário no governo Luiz Inácio Lula da Silva, ministro do Trabalho e Previdência Social, ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência e do Desenvolvimento Agrário no governo Dilma Rousseff. É deputado estadual pelo PT do Rio Grande do Sul no mandato 2023-2027.



Trajatória de vida e militância sindical

Eu me formei em uma escola técnica estadual de mecânica industrial na cidade de Novo Hamburgo, que é a região metropolitana. Morava em São Leopoldo, que é a região metropolitana de Porto Alegre [e] fui fazer o estágio. Isso é importante por conta da idade. Eu vou falar aqui também porque eu acho que é interessante a gente pensar isso também, do ponto de vista de geração.

Eu comecei com 18 anos lá, então é o meu batismo. Por que eu considero o meu batismo? Porque eu entrei nessa fábrica, uma metalúrgica chamada Gedore que faz ferramentas, várias, enfim, no mercado. Em 1978 eu tinha 18 anos e, por conta dessas coisas que a vida nos oferece, – cada um [formula] a sua teologia, ou mitologia, ou análise científica – fui trabalhar ao lado do único militante de esquerda que existia na região: o Chico da Pastoral Operária. Trabalhava na manutenção elétrica, e eu fui trabalhar ao lado dele na bancada. E o Chico era o único militante da oposição, quer dizer, da esquerda, militante da Pastoral Operária. Era do mesmo grupo do Jairo Carneiro, da turma aqui da Pastoral Operária. Eu diria assim, [na] Pastoral Operária. [a] grande referência era Agostinho Pretto do Rio de Janeiro, que foi para o Rio de Janeiro depois. Eu tive a grata oportunidade de agora, antes dele morrer, de reencontrá-lo. Mas enfim, ali eu comecei organicamente a militar. Ali eu fui convidado para uma organização política que era a Pastoral Operária. Grandes militantes, eram poucos militantes, mas alguns militantes e, ao mesmo tempo, militantes que dialogavam com a FASE, que era uma organização não-governamental

que tinha vários quadros políticos da região. Nelson Sá⁷⁸, que militava na área dos sapateiros, enfim, eram militantes dessa região metropolitana, portanto, [foi] o meu batismo. Só uma referência rápida – obviamente com algumas noções, digamos assim, da política. Minha família é muito católica, mas católica contra a ditadura. Então, era uma formação católica-cristã aberta. Meu pai e minha mãe eram contrários à ditadura, quer dizer, tinha esta conversa e tinha uma relação política com a Igreja católica, padres que tinham referências de democracia e professores.

Eu tinha professores do ginásio que eram professores, bons, democratas, de esquerda, quer dizer, esse ambiente de enfrentamento à ditadura eu vivi com 14-15 anos de idade. Eu fui para a escola técnica e depois entro nessa fábrica – por isso eu digo que ali é o meu batismo. Eu comecei a militar organicamente, comecei a ter formação política, cursos, participar, e foi um processo muito rápido. Muito, muito rápido. Era um momento de muito contato da Pastoral com organização do MOSMSP em São Paulo, muita referência; era do Ferreirinha lá do Rio, que voltava... – os nomes vocês conhecem. Mas eram do Ferreirinha que voltava [do exílio], nós tínhamos muita relação. Esse ambiente da Pastoral com a equipe do MOSMSP de São Paulo, da oposição sindical metalúrgica, e esta referência, portanto, de oposição sindical é uma referência política que me formou, para ser claro. Eu tinha uma visão, mas enfim... A minha visão era meio neo-basista, basista, as minhas referências de discussão eram muito, talvez, por conta da Igreja, eram muito o que a gente chamaria hoje de neo-basista, mas desse modo, era uma organização popular, de base – ontem mesmo eu discuti aqui, é impressionante, o Getúlio [era] o nosso inimigo maior. Nós não fazíamos muita diferença entre – verdadeiramente – o Getúlio e a ditadura militar de 64. Nossa visão era classe e democracia. Isso aqui não tinha Nação, República, esse povo, [esses] eram conceitos que não existiam na nossa cabeça. Curioso isso, e vindo da Igreja. Então, era uma formação muito classista, eu diria assim. Uma oposição sindical metalúrgica, classe. E era o início da formação desse movimento aqui no Rio Grande do Sul. Nós começamos a organizar, o primeiro sindicato conquistado pelo movimento de oposição sindical no Rio Grande do Sul que foi o sindicato dos metalúrgicos de Novo Hamburgo - João Machado – e que

78. Nelson Edi Gautério de Sá. Foi militante da Juventude Operária Católica, compôs chapa de oposição no Sindicato dos Sapateiros e Sapateiras de Novo Hamburgo em 1968, foi perseguido pela ditadura. Foi um dos fundadores do PT no município de Novo Hamburgo e no final da década de 1980 tornou-se dirigente do Sindicato dos Sapateiros e Sapateiras de Novo Hamburgo.

nós participamos. O primeiro sindicato. Eu concorri, era uma loucura, eu tinha 20 anos, gente! 20 anos de idade e eu concorri em São Leopoldo, nós montamos uma chapa de oposição.

Então, eu entro em uma empresa, que é chamada Gedore, metalúrgica, é minha formação. Era uma época de muita industrialização também. Eu acho que era muita indústria, [havia] emprego. Eu saio dessa Gedore, eu fui demitido da Gedore por motivação política, né? Eu fui, na época, imaginem, convidado... a nossa estratégia, a de todo mundo, era entrar na CIPA para ter estabilidade sindical, não é? Essa era a nossa estratégia. Entra na CIPA, tem estabilidade sindical, e a partir daí tu faz um trabalho político de oposição. Na época, quando a gente organizou a oposição metalúrgica, os panfletos eram distribuídos na madrugada, de carro. E eram atirados na frente dos portões, e eram mimeógrafos a álcool, você imagine o que era. Foi uma referência. Era isso. Ninguém panfletava, a gente atirava às quatro, cinco da manhã, passava um carro correndo e atirava papel. E é uma época em que eu fui chamado pela minha chefia, nós organizamos uma chapa para a CIPA da Gedore, e a minha chefia diz: “olha, ou tu sai e nós te promovemos...” – era um ato de uma tentativa de cooptação. Vocês imaginem, eu seria promovido a contramestre, mestre, enfim, eu um guri bom de trabalho, não vou aqui dizer... eu era um... e eu gostava muito. E para mim, foi uma coisa muito marcante, porque eu paro e digo: “não, isso não é uma discussão minha, é com os meus companheiros.” Volto para a sessão, reúno a turma ao meio-dia e disse que eu não aceitava isso. E no final da tarde, o meu cartão não estava na chapeira, era assim que existia, viu? O cartão não estava na chapeira, “crau”, está demitido. E daí, eu fui demitido da Gedore por conta disso e fui trabalhar em uma empresa americana chamada Rexnord que fazia correntes para motos, essas correntes industriais. Aqui em São Leopoldo, na área de manutenção, e nesta empresa (Rexnord) é que eu fui candidato a presidente da chapa de oposição aqui, em 1980, em São Leopoldo. Nós perdemos a eleição, eu sou demitido, aquela confusão. Se chamava “lista negra” – com todo o preconceito que tem – mas era assim que chamava. A lista negra, tu não entravas mais. Aí, eu fui entrar em Canoas que era outra base sindical patronal, eu entrei em uma empresa chamada Coemsa em Canoas. Na frente da refinaria, uma empresa italiana, uma grande empresa, mecânica pesada, construções eletromecânicas, transformadores, e também vou trabalhar na manutenção lá na Coemsa. E aí sim, foi a minha segunda grande escola, porque aí estava toda a galera de Canoas lá, toda! Toda! No núcleo de direção, o Freitas, que representava

o sindicato dos metalúrgicos; Marcos que foi vice-presidente, o Padre Meister, enfim, aí tem uma galerona. O Paim era da Forjasul. O Paim, nós o elegemos, ele trabalhava em uma empresa chamada Forjasul, Massey Ferguson, tinha uma galera grande em Canoas – que foi também o meu segundo grande aprendizado, foi Canoas, na área metalúrgica também, trabalhava em manutenção mecânica.

Mas tinha muita gente da Coemsa, de Canoas – eu morava, ainda, em São Leopoldo. Quando a Coemsa em 82 tem uma primeira crise econômica pesada, e a Coemsa praticamente fecha. Ela fazia as grandes turbinas. Mecânica pesada para Itaipú, para as – “aranhas” – que chamavam. Imagina aquelas estruturas de rotação das turbinas hidráulicas. Enfim, era uma caldeiraria pesada, era gente muito qualificada. E ganhava bem! Lembra esse papo? Então, nós ganhávamos muito bem lá. A empresa que melhor pagava na região. E era impressionante, eu estou falando aqui, eu morava sozinho nessa época, mas era impressionante, ganhava bem mesmo, dava dinheiro, enfim. É curioso essa referência de salário.

Todo mundo tinha carro, era um negócio... não era rico, mas enfim. Aí, em 1982 fecha. Nós fizemos uma grande greve para garantir emprego, uma greve grande. O resultado foi que nos deram uma indenização lá de 3-4 salários. Praticamente, fechou a empresa. Todas as encomendas foram suspensas, eu lembro que foi uma crise grave. E muita gente, 90% foi embora. 3-4 salários de indenização – só um comentário para ver o que é um peão se meter “a besta”. Na época, talvez vocês se lembrem, todos nós colocamos dinheiro num negócio chamado Coroa Brastel. Coroa Brastel era uma financeira que dava, tipo, 20% ao mês, era um negócio assim. E eu me lembro que eu peguei 5 salários meus, a indenização, fundo de garantia, salário, férias, e peguei grande... – eu e o Beira Rio. Toda a galera aqui – e aplicamos nesse fundo, que era um negócio chamado Coroa Brastel. Era uma corretora chamada Delfin. Um negócio desse tipo. E dois meses depois quebrou! Mas assim, não durou três meses a aplicação dos espertos. Até hoje!

Esses dias eu vi em uma Veja, em uma revista dessas, o Delfin falando, a primeira crise, 1983 foi isso. Me lembro dessa história porque eu perdi todo o dinheiro. Eu e todo mundo. Naquela época, e aí mostra um pouco o período que estávamos vivendo – estou falando de 83-84 – o polo petroquímico do Rio Grande do Sul está sendo construído. A Petrobrás [tinha] investido muito dinheiro no terceiro polo petroquímico, fazendo a Copesul, a Copesul já tinha [começado], operada pela central de matérias-

primas e ela estava fazendo uma outra empresa chamada de Petroflex. Na verdade, tinham quatro empresas em construção: a central de matérias-primas estava iniciando operações, e as empresas de segunda geração estavam sendo implementadas. Eu entrei na Petroflex, eu fiz concurso na Petrobrás em 83 (eu e parte da galera que saiu da Coemsa, que foram demitidos) muita gente foi para lá, a gurizada, técnicos, muita gente jovem. – 22, 23 anos. Só para balizar os sonhos e as esperanças. E eu faço concurso na Petrobrás, passo, e tinha 3 opções, vai para reforma, refinaria, vai para a Copesul ou para a Petroflex, que era uma unidade produtora de borracha, enfim, 100% Petroquisa, que estava sendo implementada. E eu fui para lá por uma razão simples, que eu gostava, imagine, de construção eletromecânica, eu queria acompanhar a montagem. Fui para lá com muita gente nessa empresa chamada Petroflex. Era Petroquisa 100% estatal, Petrobrás. Ali começa o meu vínculo com a Petrobrás. Nós éramos Petrobrás 100%. Segunda geração: Copesul, Petroflex. Era o mesmo plano de carreira, era a mesma condição de trabalho, era a Petrobras. E nós, inclusive, flutuávamos do ponto de vista profissional. Vai para a refinaria, volta para o polo, enfim. Eu assinei a carteira em 4 de janeiro de 1984, me lembro até hoje. Tinha tanta fé no futuro e na empresa que até casei, me separei, mas continuei na Petrobras fazendo planos. Eu era operador de processo petroquímico.

Me lembro que foi a primeira vez que eu peguei um ônibus e fui para São Paulo e sentei do lado do Vito Giannotti, que conhecia esses caras. Eu tinha 20 anos, eu digo isso para a gente ter uma ideia do vigor e da audácia daquela geração, era eu e muita gente ali. Então, era o ENTOES.

Ali é uma outra experiência importante porque ali eu começo a ter [...] eu venho de uma experiência metalúrgica, setor privado, enfim, depois passo a ter uma experiência nova como militante que é conviver em uma estatal, que é a Petrobras, fortíssima, barra muito pesada e condições de trabalho super especiais. Era uma... quer dizer, a condição de operador petroquímico ou petroleiro era uma condição privilegiada, as condições de trabalho eram rigorosas, trabalho em turno, com produtos químicos, periculosidade, mas na época a gente valorizava menos isso e valorizava mais o salário. Ganhava 88,5 sobre o salário, ganhava bem, plano de saúde, essas coisas que eram uma conquista dessa condição estatal, que era uma condição muito privilegiada. Para você ter uma ideia, aqui vocês imaginam, eu estou viajando aqui, mas é mais para me dar um tempo de puxar a memória. Eu saio e faço estágio com 23 anos, vou para Bahia fazer um estágio na EDN do Nordeste, fico 6 meses numa praia de Itapuã. Vocês imaginem um guri,

um gaúcho de 23 anos, que nunca tinha saído daqui e vai para a praia de Itapuã em Salvador. Apavorado com aqueles caras pulando carnaval meio-dia. Tipo: “bah, o que é isso aqui!” mas enfim, curiosidades da vida. Ali eu conheci o Jaques Wagner, eu vou fazer um estágio na Bahia, já tinha uma organização política, já participava de um movimento político, e ali, quando eu trabalho na Bahia, eu conheço o Jaques Wagner⁷⁹, o Rui⁸⁰, toda essa turma que está aí. Eu conheci parte dela lá quando fiz estágio na Estireno do Nordeste, imaginem. 1984, eu estou falando. Eu volto, começamos a organizar a oposição sindical no polo petroquímico.

Diretas Já, Constituinte e participação do sindicalismo

Para mim, assim, o que é uma referência política importante – acho que todo mundo falou – foi a Constituição de 1988. Na verdade, também por razão de uma referência política da minha geração, da nossa aqui. A primeira grande – mas isso é depois, só para não esquecer. A nossa primeira grande derrota política foi as Diretas, né? A gente fala pouco sobre isso. Pouco! Eu acho que é curioso. A gente fala pouco sobre as derrotas anteriores à vitória do Lula, vamos chamar assim. O ciclo, a capacidade de controle.

Por conta da energia que significa esse povo. Eu falo o seguinte: vamos lá, o primeiro movimento das Diretas, que foi o primeiro movimento que eu participei, em 1984 – (na minha memória) é claro que teve a fundação da CUT, teve movimento de massa, governo político de massa, aberto, que eu participei, nossa geração, foi a luta pelas diretas, né? Até hoje se fala: “O maior comício de Porto Alegre, ‘pá-pá-pá.” E nós perdemos aquilo. Eu estou falando isso porque é uma referência política, essas elites... não é pouca coisa, né? Vai para o Colégio Eleitoral, teve todo aquele debate, sai Sarney, né? Depois da gente disputar uma Constituinte exclusiva, lembra? Perdemos a Constituinte exclusiva também – não é pouca coisa. Porque eu

79. Jaques Wagner (1931-). Iniciou sua carreira no movimento sindical como diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Petroquímica da Bahia. Foi deputado federal, governador da Bahia de 2007 a 2014, ministro do Trabalho e Emprego e da Secretaria de Relações Institucionais do governo Luiz Inácio Lula da Silva, ministro da Defesa e ministro-chefe da Casa Civil do governo de Dilma Rousseff. É senador da República no mandato 2019-2027.

80. Rui Costa. Economista, iniciou sua trajetória política no movimento sindical no Polo Petroquímico de Camaçari-BA. Foi chefe da Casa Civil na gestão do governador Jaques Wagner (2007-2014) e governador do estado da Bahia por dois mandatos (2015-2023). Desde 2023, é ministro-chefe da Casa Civil do terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

só digo isso assim? Porque são as referências na Constituinte de 88, isso eu acho que é uma referência importante. Como a gente foi capaz de ocupar aquilo. Eu me lembro quando a gente perdeu a Constituinte exclusiva... Fomos roubados, mas é impressionante essa combinação. Num processo de industrialização do país. Bom, nós vimos com a CUT já organizada. Aí, é uma palavra que eu quero gravar, que é na minha memória. Não tem nada de... acho que é mais psicanalítico do que sociológico. É o vigor (na minha memória). É impressionante o vigor. É a palavra que me vem. Tinha uma ousadia, um vigor democrático, de emprego, de indústria, de trabalho, de força. E é muito curioso porque a Europa já estava lá com o neoliberalismo, mas nós [estávamos aqui], era um vigor político (para mim) extraordinário; manifestações... e como a gente ocupou e abriu espaços democráticos na Constituinte de 88... Só para dizer isso. Porque o meu tema central era o turno de 6h. A minha categoria, agenda principal – eram duas agendas – era o turno de 6h constitucionalizado e, diga-se de passagem, que sabedoria botar tudo na Constituição, na época tinha uma discussão sobre isso, lembram? “Vamos constitucionalizar!”. A gente ocupou aquela brecha e, na época, óbvio, tema central, [o] turno de 6h para a categoria de turno e revezamento, não estava constitucionalizado. Estava em lei e acordo coletivo com a Petrobras. Então, nós brigamos muito para constitucionalizar um turno de 6h – para nós, a coisa mais importante – a redução da jornada de 44 e aquele capítulo dos direitos, e um pouco – estou sendo muito, assim, honesto – um pouco de seguridade, saúde, SUS, mas isso não era, curioso assim, não era referência do movimento sindical – a impressão que eu tenho.

Só um registro político da minha parte, e aí, eu quero verdadeiramente dizer, talvez por uma arrogância desmedida, porque a gente acha que tem que... mas esses dois momentos da história política do Brasil... eu vivi na época do Tancredo, pô! O grau de amplitude que foi a luta das Diretas, era um negócio... lembram? O Lula iniciando, e o Tancredo, e o Teotônio Vilela, sei lá... e nós perdemos! Do mesmo jeito que essa dimensão social... nós perdemos. O que eu quero dizer é que nós, por alguma razão de euforia, de não sei o que se chama isso, nós nos esquecemos ou perdemos uma dimensão do que é a excelência brasileira. O que é a excelência brasileira! A capacidade que esses caras têm. E a gente achava que ia ficar *ad aeternum* governando, ocupando espaço, não é? E os caras olhando a banda passar.

Porque tem uma direção política – que eu me incluo – que não percebeu um esgotamento histórico (chame como quiser), um conflito histórico, e

o desdobramento que eles dariam. E a gente achava que só no Paraguai. Então, era uma ingenuidade de apostar em uma elite, no compromisso democrático desses caras. Eles nos disseram isso, não? O Robson da CNI me disse isso. “Nós não aguentamos mais, Rossetto.” Eu não entendi o que ele me dizia. E ele dizia para mim: “Nós não aguentamos mais.”, entende? Enfim, mas é só nesse sentido.

Mas a experiência de uma mobilização popular, de descoberta, de troca, de conhecimento, de se encontrar em Brasília, no ônibus, em acampamentos, essa identidade de luta foi muito forte, a CUT e vamos imaginar, foi um período de altíssimo vigor e conquistas reais, importantes para nós. Tão grande as conquistas que nós nos recusamos a votar a favor, o PT, não? Por quê? Porque assinamos a Constituição, mas recusamos aceitar os limites impostos, o que era uma expressão do nosso vigor. Daquilo que a gente queria mais, que a gente queria apostar mais, apostava mais. Então, eu acho que foi um aprendizado, isso sim, um aprendizado nosso, extraordinário. Tanto que até hoje ainda contam, a história é isso, depois a gente compreende que era um bastião...

O III CONCURTO

Pegando aquele raciocínio que é ainda o fundador da CUT, com meu entusiasmo com a Central Única dos Trabalhadores, que é um tema não resolvido até hoje, verdadeiramente, de fato, e legalmente. Politicamente a ideia forte de uma unidade de classe – muito forte! – a ideia da autossustentação financeira, da identidade de classe, de uma expressão, da organização como expressão de consciência de classe e como o autofinanciamento como expressão de consciência de classe. Esses eram dois temas muito fortes para mim! Ainda me lembro do Ferreirinha falando isso: a pastoral era muito forte! Me lembro do Chico aqui: a gente tem que ter autofinanciamento; o autofinanciamento é uma expressão da consciência de classe, etc. etc. O fato é que no nosso processo político, nosso processo político, a CUT, a ideia da Central Única dos Trabalhadores era um apelo muito forte, muito forte! Por isso que não é “unitário” como no Chile, na Colômbia – única – era uma ideia de ser um espaço comum eu diria assim, por fora da estrutura sindical oficial, que oferecesse um espaço sindical de unidade para a classe trabalhadora. Por que eu digo isso? Porque, nos vários congressos que nós participamos, que eu participei, este tema nunca foi verdadeiramente – na minha opinião – assumido integralmente. Nós

chegamos a flertar – e vocês todos me ajudem, porque a memória falha! – mas a ideia de várias tentativas, de sair de um modelo, mais verticalizado de organização sindical, com base nas categorias. A gente nunca conseguiu verdadeiramente operar, quais as duas discussões? Uma é a ideia das CUT que são regionais, que volta aqui com força – eu acho que aqui em Porto Alegre tem uma experiência bem interessante, talvez em outros lugares, aqui o pessoal... Lembra da ideia da CUT regional? Vamos chamar assim. A CUT como espaço horizontal da classe. Onde nós pudéssemos encontrar toda as categorias e colocar estrutura a serviço da classe. Então era aquela ideia das CUT regionais com força; e, um segundo debate, é que [era] essa organização para o ramo de atividade.

Sindicalismo e luta por direitos

Eu não quero contrapor, mas eu acho que o saldo, não há uma compreensão efetiva do que foi a política do salário mínimo como elemento central para quem trabalha como indicador, para os formais e informais, e para os aposentados. Esses 35 milhões de brasileiros e brasileiras que todo mês recebem benefício previdenciário ou BPC, mais os 8 milhões que recebem seguro desemprego, mais os 48 milhões do mercado de trabalho, que têm como referência o salário mínimo, então, essa gigantesca massa vinculada ao mercado de trabalho direta ou indiretamente, de alguma forma, simbolicamente, ela foi desvalorizada; a ideia que “o trabalho constrói o Brasil” como elemento central, na minha opinião, a gente perdeu por várias razões, mas a esquerda, e eu estou falando do ponto de vista, de uma leitura histórica da esquerda brasileira e jogou isso para uma política correta de inclusão social para uma política de benefícios sociais – é fundamental [a] inclusão! – e que eu acho que a gente se atrapalha um pouco. Inclusive, no debate de renda básica vs. mercado de trabalho. Como que abandona uma ideia de projeto, de futuro, abandona o mercado de trabalho e concentra [em] uma estratégia das políticas compensatórias de exclusão. É impossível isso acontecer num país como o Brasil. Isso é um debate para mim.

Porque os fatos e dados – o DIEESE tem isso –, quer dizer, nesse período de crescimento econômico, de alteração da relação do mercado de trabalho, era um mercado demandante. Porque tinha formalização de trabalho, tinha crescimento econômico, tinha políticas públicas que permitiam que parte da juventude do povo não precisasse trabalhar porque a renda era maior na sua família e tinha mais espaço e educação, mas esse núcleo central

era: crescimento econômico com inclusão social, um mercado de trabalho formalizado mais pressão sindical. Então, todos os acordos coletivos, praticamente, eram reajustes acima da inflação. Esse desequilíbrio positivo no mercado de trabalho que permitiu um aumento de pressão e um ganho sobre o capital. Aliás, foi ele que determinou o golpe, na minha opinião. É uma redução, uma apropriação de parcela da mais-valia – vamos lá! – não paga. Então, é essa redução, foi isso o golpe, o golpe foi por isso!

Há uma perda de percepção da importância do trabalho como espaço de repartição da renda para uma ideia de Bolsa Família. Nós retiramos do centro do debate, para mim, da inclusão social [o] espaço do trabalho. E transferimos para uma política social compensatória. Eu estou simplificando aqui, mas eu acho que é um tema que é importantíssimo de ser recuperado. Os debates em que eu tenho participado, isso é impressionante: eu tenho 20 milhões de empregos, eu tenho um milhão, quer dizer, de empregos formais, eu tenho valorização de salário mínimo, espaço previdenciário como extensão do trabalho e toda essa gigantesca operação de formalização, de distribuição de renda vinculada ao mundo do trabalho, na minha opinião, ela se perdeu – eu estou exagerando aqui, – ela se perde frente a um valor político e simbólico real, mas menor, de uma política de inclusão social com Bolsa Família. Eu não estou contrapondo, mas estou dizendo que, do ponto de vista das opções de inclusão [pelo] mercado que a vida nos mostrou, que as pesquisas nos mostram, o que mudou a vida em 60-70%, o que reduziu a concentração de renda, o que diminuiu a pobreza foi a inclusão pelo trabalho e pela aposentadoria como extensão do mundo do trabalho. Então, este assunto eu acho que é um assunto que tem que ser, ainda, melhor equilibrado, do ponto de vista das estratégias futuras que nós [tenhamos...].

Lembram da estabilidade dos dirigentes sindicais! Quer dizer, a estrutura, o que ela oferecia? Poder! Quais eram os poderes? Primeiro: poder de negociação, de representação, isso não é pouca coisa. E a gente olhava para os lados e pra quem conhecia as outras experiências sindicais, a dureza da experiência americana [e] de outros... Era duríssima a negociação, ter 50% das fábricas etc... Então o estado te dava o poder de representação e negociação de toda uma categoria; ele te dava financiamento da tua operação do sindicato, garantia uma unidade importante [para] essa categoria e dava uma estabilidade aos dirigentes. Isso não é pouca coisa! Um ambiente até de conflito, de participação! Nossa estratégia, a vida resolve coisas, não? A vida resolveu a estratégia, por quê? Porque nós conquistamos a democracia limitada ou não, ela permitiu que uma opinião de um sindicato combativo, ela

entrasse nas estruturas, em tudo nesse país [e] acho que a gente subestimou o poder de formação e cooptação cultural e política do Estado brasileiro. A estratégia vitoriosa de conquistar sindicatos, ela se deu por isso. E essa representação encontrava de outro lado, uma Justiça do Trabalho. Eu acho que foi a última mudança estrutural pesada foi o fim dos vogais da Justiça do Trabalho, que foi uma mudança importante, que retirou determinado tipo de poder, mas, enfim, ela foi construída, que foi o fim dos vogais, lembram? Mas a Justiça do Trabalho oferecia, na época, um espaço importante de negociação nesse ambiente democrático que nós vivíamos e de tensão para dentro do aparelho do Estado. Tudo isso chegava [no interior] do aparelho de Estado e chegou na Constituinte em 1988. Onde nós ganhamos, verdadeiramente. Ganhamos! Preservamos a unicidade, preservamos o imposto, preservamos uma estrutura que, de fato, historicamente ela trouxe poder e direitos ao povo trabalhador. Em 1988 na Constituinte, eu fazia referência porque eu estava atento ao turno de 6 horas, que era a minha categoria – mas nós conquistamos seguridade social, conquistamos seguro-desemprego constitucionalizado com financiamento, lembra do PIS e PASEP? Indo para o FAT eu diria assim, como fonte de financiamento do FAT e o seguro-desemprego constitucionalizado – não é pouca coisa!

Desafios à ação sindical e perspectivas

O mundo do trabalho segue sendo uma identidade transformadora, do ponto de vista estratégico, capaz de constituir uma ideia universal de mudanças de protagonismos, de mudança de superação da ordem capitalista. Eu acho que essa é uma referência que nós temos que pensar. Eu debato isso, quer dizer, infelizmente, as conquistas importantes que nós construímos nessas décadas, foram desapropriadas politicamente e simbolicamente. A ponto de que esta equação não resolvida, na minha opinião, esta tensão entre condenar a CLT, não condenar a CLT; esta tensão entre fim da unicidade, sim à unicidade, essa dubiedade estratégica da esquerda e da CUT levam a ter uma posição passiva, quando o neoliberalismo diz: “Pois muito bem, eu vou resolver para vocês, já que vocês não conseguiram resolver isso, eu resolvo! Eu acabo com a CLT, acabo com o Ministério do Trabalho e acabo com o imposto sindical.” – Ponto final. Ou seja, esses impasses históricos, alguém resolve, como eu disse no início: como nós não resolvemos positivamente. Nós não resolvemos e convivemos com essa dubiedade estratégica por décadas – e em uma melhor década nossa! Na melhor década! E isso aqui

não é uma crítica moral: mas não conseguimos equacionar. Esta dubiedade “somos contra e a favor da CLT?”; essa dubiedade “somos contra e a favor da Justiça do Trabalho”, “somos contra e a favor do Ministério do Trabalho”, “somos contra e a favor do imposto sindical”, o neoliberalismo foi lá e: “Está bem! Está resolvido.” E resolve dizendo: “Acabo com o Ministério do Trabalho, acabo com a CLT, acabo com a Justiça do Trabalho, porque quando eu digo: ‘Se tu perder, tu paga.’” Acho que vocês imaginam a loucura disso! “Se tu entrar na Justiça do Trabalho, e tu perder, tu pagas as custas.” Vocês imaginem o que é isso! “Tiro o trabalhador da rescisão do sindicato. Está resolvido o problema de vocês. E acabo com o imposto sindical.” Ponto. “Era isso o que vocês queriam? Está resolvido o problema.” Esse é um acerto de contas estratégico e histórico que, na minha opinião, nós temos que falar.

Eu fui o último Ministro do Trabalho dos governos do PT. Fui na Comissão Especial – lembram da Comissão Especial que revisou a CLT na Câmara? Eu fui na última sessão, entendeu? Eu estava do lado dos “contras” [à revisão]. Passa uma semana, Rogério Marinho, relator da revisão, apresenta o relatório dele. Entre o relatório da Comissão Especial do Trabalho e o plenário da Câmara Federal, foram 15 dias. Os caras destruíram a CLT, destruíram! Mexeram em 100 artigos daquilo em 15 dias! Ele apresenta o relatório – que ninguém nem leu, por óbvio! – ele apresenta, vota na comissão do relatório em regime de urgência, vai para o plenário e vota no plenário da Câmara. Em 15 dias! Estas coisas, eu acho que a gente em algum momento vai ter que refletir, entram no processo do golpe, já é o golpe. E o fim (melancólico) do Ministério do Trabalho. Ninguém foi capaz de dizer nem A, nem B. Na verdade, acabaram com o Ministério do Trabalho e o Ministério da Indústria.

Quando o Getúlio foi para o Rio construir o Estado Moderno Autoritário, o Estado brasileiro moderno autoritário, um negócio muito bacana e curioso: o Lindolfo Collor⁸¹, que foi o primeiro Ministro do Trabalho faz um discurso, nos primeiros atos, faz o discurso e diz o seguinte: “O nome da nossa revolução é Ministério do Trabalho e da Indústria.” Ele diz isso, obviamente, porque essa turma tinha uma visão estratégica de urbanização e de industrialização. Todo mundo sabe disso. Mas o que eu quero dizer, é que eu não conhecia esse discurso dele até que eu acessei, há uns dois anos.

81. Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor. Jornalista, nascido em Bagé-RS, apoiou a Revolução de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder. Foi nomeado por Vargas ministro para a recém-fundada pasta do Trabalho, Indústria e Comércio.

Imagina, o cara diz isso em 1930: “O nome da nossa revolução se chama Ministério do Trabalho e da Indústria.” A gente poderia dizer, “o nome da contrarrevolução é o fim do Ministério do Trabalho e da Indústria.” Não é do trabalho, é da indústria.

Só quem não compreende o que são as relações do assalariamento capitalista em alguns setores, vai achar que dirigir um carro de Uber é pior. Não vai achar! O problema é esse! É o que o neoliberalismo [que] usa [a] nova relação de trabalho inovou, mudou as relações de trabalho para melhor em vários setores. Eu vou dar um exemplo do que eu estou falando aqui: O setor de sapatos aqui de Novo Hamburgo, aqui é a nossa turma da indústria, para tu fazer xixi num banheiro, tu tens hora e tem que pedir autorização. Eu estou exagerando, mas é disso que eu falo!

Nós, recentemente, tivemos um caso aqui com uma guria que fez xixi nas calças porque não teve autorização para ir ao banheiro. Esse cara pega o carro dele, vai ser Uber, para ele é um espaço de liberdade. E é verdade! Até ele se dar conta de uma outra relação de trabalho de exploração. E, talvez, por isso eu acho que esse é um desafio estratégico, nosso, de repensar as relações de subordinação nas relações de trabalho – eu me pergunto porque nunca conseguimos, porque a agenda da economia solidária, da autogestão, do cooperativismo urbano, da organização dos trabalhadores, nós nunca conseguimos, e isso tem a ver com a estrutura sindical, porque essa agenda nunca foi acolhida pela estrutura sindical, com a força necessária.

É curioso que o mundo do trabalho, por uma relação que, eu não sei se outro país é assim, ela foi delegada ao mundo sindical, e os partidos da esquerda se afastaram desse debate e delegaram, eu diria assim, como se fosse um patrimônio político. Uma exclusividade política. E muitas vezes, a gente não fez um debate no PT e nos outros partidos de esquerda sobre uma agenda do trabalho. Se eu enfrento uma relação estratégica de assalariamento com o capitalista, pelas condições que ele cria, discuto melhorias lá dentro, mas estrategicamente não é a minha referência – qual é a minha referência do trabalho? O neoliberalismo ofereceu outras relações de trabalho, está oferecendo pelas plataformas digitais. Eu não consigo oferecer, e eu vou ter que organizar o que eu estou fazendo, eu estou aprendendo, eu vou ter várias experiências importantes, conversar com essa base, mas tudo é muito rápido aqui. Vamos ser claros! Nós estamos falando de 4-5 anos, de um processo veloz e violento de inclusão.

O Lula fez uma promessa, por fora do mundo do trabalho, genial! Disse: “eu vou te dar três refeições por dia! Eu vou te dar café da manhã, almoço e janta.” Esse foi o imaginário gigantesco, de um país como o nosso, que o Lula fez. O Lula nunca falou: “Eu vou dar um emprego para todo mundo, condições de trabalho.” Não era isso a referência estratégica que a social-democracia garantiu. Eu acho que a gente está no limite estratégico. Mas nós, verdadeiramente, nunca conseguimos pautar uma agenda do que é este mundo do trabalho não formal. Chegamos a ter a ideia do informal-ilegal, sem carteira assinada, ou seja, relações assalariadas, vínculos empregatícios ilegais, até aí nós chegamos, tanto que a bandeira do salário mínimo, vocês estão lembrados – nunca foi algo excitante na CUT e uma das coisas que eu me lembro, que o Gustavo Codas⁸² me cobrava muito – nosso amigo! – “Vocês estão malucos, os sindicatos nunca defenderam o SUS, a pauta de reivindicação do sindicato era plano de saúde privado para a categoria.” Eu lembro da minha categoria quando eu falo do Gustavo, o nosso grande amigo.

82. Gustavo Codas Friedmann. Economista, professor e jornalista, foi militante do Partido dos Trabalhadores, colaborador da Fundação Perseu Abramo e assessor da CUT. De nacionalidade paraguaia, foi perseguido pela ditadura de Alfredo Stroessner e exilou-se no Brasil na década de 1980. Colaborou com o governo paraguaio de Fernando Lugo (2008-2012).

CYRO GARCIA

Entrevista realizada em 16/08/2021

DURAÇÃO: 136 minutos

Ex-presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro. Participou da CONCLAT. Foi deputado federal pelo PT do Rio de Janeiro. Foi fundador do PT, da CUT, do PSTU e da CSP Conlutas.



Trajetória de vida e militância sindical

Eu nasci em Manhumirim, Minas Gerais, em 26/10/1954, portanto, estou com 66 anos! Vim para o Rio de Janeiro com 6 anos de idade e me radiquei aqui. Eu cresci em plena ditadura, em uma família que não tinha participação política. Eu ignorava que nós vivíamos em uma ditadura – essa que é a verdade! Eu não tinha a mínima noção de que o país vivia sob uma ditadura; talvez, a primeira pessoa que tenha tentado me dar uma pista sobre isso foi uma professora do ginásio, que passou um trabalho, e eu me lembro bem disso, para a gente visitar a embaixada do Chile – e hoje, fazendo a ligação, eu sei que naquele momento o Chile vivia a experiência da Unidade Popular, com Salvador Allende, que era um contraponto ao que estava acontecendo [em] nosso país –, mas ela, muito cuidadosa, ela não explicitou isso para a gente. Ela nos deu essa ponta e que eu só fui perceber muito tempo depois o porquê eu fui parar na embaixada do Chile!

Eu achei legal, gostei da embaixada do Chile, mas não entendi. Só depois que eu fui [perceber]. Para dizer a verdade, eu só tive noção que a gente vivia em uma ditadura, para ser bem categórico, no terceiro ano do segundo grau, quando eu fui fazer aquele pré-vestibular... Eu estudei toda a minha vida em escola pública, mas o terceiro ano era aquele pré-vestibular. Você precisa se preparar para o vestibular, então a gente fazia o primeiro e segundo [ano] na escola pública, e o terceiro a gente ia pra um cursinho, terceiro ano era em um cursinho; e foi nesse cursinho, que era o Miguel Couto Bahiense, que eu tive dois professores de história que foram, assim, fundamentais na minha vida, foi a Aquino, o Rubim Aquino e o Luiz Sérgio

– ambos falecidos – e eles foram os que me deram a real noção do país em que nós vivíamos, e o que estava acontecendo.

Então, quando eu entro na faculdade de Direito em 1974, eu já entro com uma outra cabeça: “opa, eu já sei que a gente vive em uma ditadura.” – Entendeu? Passo para fazer direito na UFRJ e começo a participar dos movimentos que tem na Universidade pela reabertura do Centro Acadêmico Candido de Oliveira (CACO) da Faculdade de Direito da UFRJ, que estava fechado desde o AI5, em 1968. E aquela história de “abertura lenta, gradual e segura” começou a abrir um espaço e começamos a lutar pela reabertura do CACO; eu participei ativamente dessa luta e nós criamos um jornalzinho, que quem deu o nome fui eu: “Brecha”. Que era uma ironia com a [chamada] abertura “lenta, gradual e segura” e eu falei: “pô, isso não é abertura, é uma brecha, a gente tem que aproveitar! E o nome do jornal ficou “Brecha”.

Tínhamos um grupo de teatro amador, que era o “Grupo Quebra-Cabeça” e eu levei essa experiência junto com outros companheiros que também tinham experiência com arte dramática, que faziam teatro e nós criamos o “TRAUD” (Teatro de Resistência dos Alunos de Direito) e o CACO foi reaberto com essa nossa luta, a primeira...

Mas, em 1974 foi a primeira vez que eu tive uma atitude política, consciente, foi em uma reunião na casa do Hélio Fernandes Filho para discutir o apoio à candidatura do Lysâneas Maciel⁸³. Combinado com isso, essas coisas que eu falei da luta pela reabertura do CACO; a luta, a minha participação no grupo de teatro da faculdade, a resistência no Direito e tal – e a gente fez de tudo um pouco! Mas, o que muda, de fato, a minha vida e que me dá o Norte, que é o que me traz até hoje, é quando eu faço concurso para o Banco do Brasil.

De 73 até 75 eu fui bancário da rede privada, mas eu faço concurso pro Banco do Brasil, passo, e tomo posse no dia 7 de janeiro de 76. Bom, o Banco do Brasil mudou a minha vida totalmente porque, no Banco do Brasil, eu começo a conhecer a galera que participava de uma oposição bancária clandestina – nós estávamos em plena ditadura – à junta interventora. O sindicato estava

83. Lysâneas Maciel. Foi deputado federal pelo MDB pelo antigo estado da Guanabara (anexado ao Rio de Janeiro). Era atuante na oposição ao regime militar e, nesse sentido, teve seu mandato cassado em 1976. Retornou como deputado federal constituinte em 1987 pelo PDT do Rio de Janeiro. Foi reeleito deputado federal e a partir de 1997 atuou como vereador do município do Rio de Janeiro.

sob intervenção, então tinha uma galera que se organizava na FOSB (Frente de Oposição Sindical Bancária). Conclusão: entrei para a FOSB.

Eu fui presidente de sindicato [dos Bancários Rio de Janeiro] de 1988 a 1991. Em 91 fizeram uma frente cutista contra nós, todas as correntes contra nós, nós perdemos a eleição. Passamos duas gestões fazendo oposição e aí em 1997 com os ataques do Fernando Henrique e tal, a galera da Articulação, o pessoal do PT nos procurou: “olha, nós estamos apanhando que nem boi-ladrão”, entendeu?

Em [meio] àquela conjuntura muito complicada para a classe trabalhadora, na década de 90, com todos os ataques que nós estávamos sofrendo, nós achamos, por bem, que já era hora de voltar à gestão do sindicato, ainda que em uma situação minoritária, mesmo sabendo que naquele momento, nós ainda éramos, talvez, a principal corrente individual da categoria; mas quando muito, podíamos estar ali pau a pau com a Articulação que depois se tornou a nossa oponente. – Nós tínhamos muito peso no setor bancário! – E aí o que acontece? A gente volta para o sindicato, fizemos uma primeira gestão tranquila de 97 a 2000, mas em 2000 com o advento do governo Lula. E aí... Em 2002 né? Aí, pronto! Aí as coisas desandaram totalmente! Porque, lamentavelmente, a leitura que nós fazemos é que a CUT se transformou em uma corrente de transmissão de interesses do governo do PT, do movimento sindical e passou a ser muito mais um obstáculo do que uma alavanca para a luta dos trabalhadores – dependendo do local. Não tanto na iniciativa privada porque, na iniciativa privada, a luta é direta entre o capital e o trabalho. Nós estávamos lá lutando por um outro perfil, por um outro projeto de CUT, mas quando o Lula ganha as eleições, aí muda tudo! Aí ficou muito complicado a CUT. E aí nós resolvemos romper com a CUT e formar uma nova central que foi, em um primeiro momento, a CONLUTAS, e depois no processo de junção com outras correntes do movimento, veio a dar o que é hoje a Central Sindical Popular CONLUTAS, a CSP CONLUTAS – central a qual eu faço parte e que não estou em nenhum cargo. Estou na base hoje, até porque eu estou aposentado! Então, aposentado fica na base. Não tem que dirigir nada e a gente está lá no apoio, porque faz parte, sou diretor honorário... Ah, tem essa! A gente voltou agora, depois de não sei quanto tempo, voltamos para diretoria do Sindicato dos bancários! Por conta dessa conjuntura ultracomplexada de Bolsonaro, os ataques às empresas estatais, nós fomos procurados pelos companheiros do PT – que são a corrente hegemônica do sindicato – e, de novo, uma conversa semelhante a aquela de 97: “pô, vocês fora do sindicato... pô, não

tem muito espaço para intervir e acaba enfraquecendo a luta da categoria; vocês têm um peso, vocês são importantes” (...) “vamos fazer uma chapa unitária” e tal – voltamos! E aí me colocaram como diretor honorário!

Então, de novo nós estamos em uma gestão unitária no Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, somos uma corrente minoritária, mas o sindicato continua filiado à CUT, mas nós temos autonomia pra atuar com a CSP CONLUTAS, somos uma parcela dentro, minoritária, dentro do sindicato, mas com um peso ainda dentro da categoria, principalmente do Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal.

A agenda sindical no período

A oposição bancária era dividida, como eu falei; tinha a oposição tradicional, que era o pessoal do PCB, e o PCdoB meio que gravitava por ali, e tínhamos nós da Liga Operário e do MEP – que era o pessoal da FOSB.

Nós sabíamos que era uma disputa entre nós dentro da oposição, a junta estava muito desgastada; o pessoal ligado à federação que era o Laércio...O Pessoal da CONTEC - muito desgastados! Então era uma disputa dentro da esquerda e nós resolvemos lançar uma chapa porque nós tínhamos – e já começavam aí nossas diferenças com o PCB: a leitura da conjuntura. Eles, com uma leitura muito “recuada”, muito institucional da realidade; e a gente querendo quebrar algumas barreiras e avançar... E isso se expressava e, então, começou a ter essa questão. - Eles ganharam a eleição, o sindicato é reassumido pela categoria, só que a direção do PCB, Ivan Pinheiro na presidência e aí tem a greve de 79; tem um racha, o PCB boicota a greve – essa que é a verdade, sabota a greve! , então essa greve é dirigida pela oposição; então, eu e a Fernanda Carísio⁸⁴ fomos enquadrados na Lei de Segurança Nacional.

O sindicato entrou em intervenção novamente, aconteceu aquele monte de coisas. E eu, por exemplo, eu me miro muito, porque nesse momento teve a greve de Porto Alegre, a greve que surgiu o Olívio Dutra como uma das principais lideranças bancárias, e a greve de Porto Alegre, foram 14 dias de greve! E eu acho que nós tínhamos pique no Rio de Janeiro pra ir muito além

84. Fernanda Carísio. Ex-presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro e da extinta Confederação Nacional dos Bancários (CNB-CUT), atualmente CONTRAF-CUT. Durante a ditadura militar, Carísio era militante do Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP) e foi presa pelos órgãos de repressão do regime.

dos 2 dias, quando nós fizemos, se não fosse a postura de traição da direção do movimento, que era o PCB na época. Isso acabou acontecendo e isso vai fazendo, mostrando caminhos distintos para nós dentro da categoria. Daí nós participamos do ENTOES, (Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição a Estrutura Sindical), participamos do ENOS, que era o Encontro Nacional das Oposições Sindicais – que já era uma vertente, porque tinha uma galera que defendia o Sindicato Livre!, então tinha toda uma polêmica porque tinha alguns setores que estão na CUT até hoje, ligados, por exemplo, à antiga – a antiga, não! porque acho que ainda continua, não? Libelu, que em um primeiro momento eram contra os sindicalistas autênticos porque diziam que os sindicatos eram atrelados a estrutura e “pá-pá-pá”, e defendiam um sindicato livre que pra gente aquilo era um delírio, entendeu? E nós tínhamos que atuar dentro dos sindicatos porque era ali por onde estavam passando as lutas e tentar transformar por dentro. E por isso, o ENTOES [foi] isso: Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical. - A nossa luta passaria por dentro do sindicato para mudar a estrutura sindical. Já tinha uma galera que era mais ligada à oposição lá de Guarulhos e que [tinha] uma visão mais à esquerda que negava, de uma certa forma, o movimento que era riquíssimo! Que é o movimento que veio dar surgimento ao PT e a CUT.

Foi isso: a gente assume; dá uma virada na página no movimento bancário aqui do Rio de Janeiro; tem um peso, por conta do peso do sindicato, por conta da categoria bancária. Na verdade, a CUT tinha dois grandes polos, que eram metalúrgicos do ABC e os bancários, os bancários de São Paulo; mas a gente dirigia o segundo maior Sindicato dos bancários do país, então a gente polarizava nas greves, nas táticas, nos encontros...

A CONCLAT

Esse processo vai se dando e aí começa a discussão da necessidade de formar uma Central Única dos Trabalhadores e acontece a primeira Conferência Nacional da Classe Trabalhadora: CONCLAT. E é bem interessante que quase eu não participo da CONCLAT! Porque o sindicato era muito burocratizado, a direção do PCB era muito burocrata, e abriu uma vaga para base, para levar pra lá. E tinham duas correntes dentro da oposição, na base: que éramos nós e alguns outros grupos menores que gravitavam em torno de nós; e tinha toda uma série de organizações ali – a Ala Vermelha, MEP... que se juntavam em outro bloco que era adversário ao nosso dentro

desse espectro. Como sempre... E aí eu disputei com a Imaculada – que alguns de vocês talvez tenham conhecido, a Maria Imaculada Vasques, que era uma companheira importante do Banco do Brasil.

E teve uma disputa entre mim e a Imaculada para ver quem era o delegado de base – olha só que absurdo! Uma conferência daquele tamanho e ter 1 delegado de base! A diretoria toda e alguém da base! Para ter uma ideia de como são as coisas!!! E eu, disputando com a Imaculada, a primeira eleição deu 20x20. Aí depois na segunda, tem 20x20! Aí na terceira, deu 21x19! Porque alguém deixou de votar nela e votou em mim. Por um voto eu fui pra CONCLAT.

Então em cada comissão tinha uma disputa: quem era o presidente; quem ia ser o relator; quem ia ser o secretário – era um negócio impressionante! Tudo muito disputado. Mas aí, a galera começou: o presidente da comissão foi eleito o Expedito, lá do ABC – ganhamos a primeira. – “Ah, Expedito... o Expedito...” -e, pá! – Ganhou! Foi lá o Expedito. Aí eu não me lembro qual foi a outra coisa, mas sei que, relator – que era importante pra caramba! Aí, a proposta, começaram com: “Rossi! Rossi! Rossi! Rossi! Rossi!” (Waldemar Rossi). E aí o Rossi pega o microfone e fala: “não, eu estou abrindo mão, mas eu quero indicar no meu lugar o companheiro Cyro!”. E aí começa todo mundo: “Cyro! Cyro! Cyro!”. Foi por causa do Valdemar Rossi, ele transferiu a torcida dele pra mim!” – entendeu? ((risos)) - E eu acabei sendo eleito. Eu acabei sendo relator, mas por fruto disso: fruto, muito mais do prestígio da Oposição Metalúrgica [de São Paulo], do Rossi que hipotecou apoio a mim, assim, ali no calor da disputa e eu acabei sendo eleito.

[Houve] toda essa questão do racha da CONCLAT e que culminou com a fundação da CUT só por uma parcela daqueles que participaram da CONCLAT e eu participei do processo de fundação da CUT; em um primeiro momento eu fiquei na direção daqui no Rio de Janeiro. Mas tinha aquela coisa, tinha aquela direção grande, aquela direção nacional grandona e você tinha a executiva dentro... A direção era mais um grande conselho que se reunia com periodicidade bem mais elástica. Mas, eu, sinceramente – e aí eu vou ficar devendo! Vocês teriam que ver nos anais: eu não sei se eu entrei nessa direção nacional. Eu acho que eu entrei, mas eu não tenho certeza! O que eu tenho certeza é que: nós fundamos a CUT estadual e aí sim, eu era da direção da CUT estadual, da executiva, junto com Geraldo Cândido do Sindicato dos Metroviários, com os companheiros do Sindicato dos Radialistas; tinha também um companheiro que era da oposição

do Sindicato dos Médicos, mas não tinha nenhum grande sindicato. Os grandes sindicatos estavam todos na mão da unidade sindical: que era PCB, MR8 etc. Foi a partir da nossa vitória nos bancários que nós fizemos um “dominó” e aí passamos a ganhar todos os sindicatos para a CUT [no Rio de Janeiro]. Mas, o primeiro sindicato de peso, importante – óbvio, já tinha Metroviários! Geraldo Cândido foi um dos fundadores, ele era da direção nacional e era daqui do Sindicato dos Metroviários, um sindicato de peso.

O III CONCURTO

Eu sempre falo da importância da Convergência [Socialista] na fundação do PT, mas acabo passando por isso que ele acabou de resgatar aí. Na verdade, teve o congresso de Lins e a tese dos metalúrgicos de Santo André propunha a formação de um partido dos trabalhadores sem patrões. E essa tese foi defendida lá, foi levada por nós através do Zé Maria, foi uma proposta nossa que foi aprovada pelo congresso. Então no primeiro momento, o Lula até não deu muita bola, essa que é a verdade, mas depois a coisa acabou ganhando um outro peso, mas isso aí é um resgate histórico importante que ele fez. E nós, o que acontece? A gente tem uma localização importante na [questão da fundação do PT e] na questão da fundação da CUT também, porque nós tínhamos uma presença importante no Rio de Janeiro, através dos bancários do Rio; em Belo Horizonte que a gente ganha o Sindicato dos Metalúrgicos de Contagem - o Zé Maria, inclusive, depois vai pra lá, participa da direção da greve na Mannesmann e da Belgo Mineira; a importância, já também, em São José dos Campos – que até hoje é dirigido por nós o sindicato, da onde vem o Gradella, que teve dois mandatos de deputado federal pelo PT. Então, a gente sempre teve um peso grande lá em São José e em outros lugares mais espalhados. Então, a gente acabava tendo, de fato, um peso importante, era uma corrente minoritária, mas era uma corrente minoritária com uma capilaridade, uma densidade muito grande dentro da central. E com a vitória do Rio de Janeiro, dos bancários, óbvio que isso dá um salto.

Lembro do congresso de 1986 [II CONCURTO] e a gente entra na executiva e eu entro na executiva da CUT, nossa primeira gestão, depois eu vou ficar três gestões, duas com o Meneguelli e uma com o Vicentinho. Em 88 eu era deputado federal e da executiva da CUT, eu estava na direção da CUT, eu era presidente do Sindicato dos Bancários e era da direção da Executiva Nacional.

[Nesse momento], ali começa o seguinte: começa a se dar um processo, do nosso ponto de vista, de burocratização da CUT. Começa ali, nesse congresso. Porque quando a CUT é fundada lá em 83, uma das coisas que nós defendíamos, por exemplo, era a questão do fim da estrutura sindical; a questão do fim do imposto sindical; nós defendíamos a questão dos departamentos por categoria, então tinha departamento bancário etc.; ou seja, a gente queria uma estrutura que passasse por fora dessa estrutura sindical oficial; e ali já se começa a fazer uma discussão de adequação, de adaptação a essa realidade além, também, de um processo de inibição de participação da base. Começa-se a discutir critérios de participação dos congressos futuros e que vai diminuindo o peso da base também em detrimento da estrutura sindical oficial. Então, por exemplo, para nós, a questão de reconhecimento de oposição, era uma coisa muito mais aberta, muito menos burocrática!

E uma das principais discussões que nós começamos a ter ali e que começa no congresso de 88 da CUT e tem um salto no congresso de 91 do PT (mas que tem uma ligação), é a própria discussão que o lema da CUT durante a década de 80 era “Sindicato é para Lutar” – era esse o nosso lema! Sindicato é para lutar! Sindicato era... é a questão do classismo, a questão da luta de classes estava colocada. Aí começa a discutir a questão do sindicato cidadão, o conceito de cidadania se contrapondo ao conceito de classe social – porque cidadão é todo mundo! Cidadão sou eu que sou bancário e o dono do Itaú! Então, é essa discussão do Sindicato Cidadão; aí depois vem a discussão das câmaras setoriais – toda uma série de discussões que vão mudando o perfil da central sindical. A central sindical vai mudando. Na verdade, você tinha uma central sindical neoliberal que foi fundada, inclusive, com dinheiro do empresariado e tal – que era a força sindical, que já nasce com esse perfil de privilegiar negociação. E tudo isso que foi o Paulinho, Medeiros e etc., mas, a CUT com muito mais formação política, com toda uma trajetória de uma década de lutas que foi o que fez ela surgir enquanto instrumento de luta dos trabalhadores vai perdendo essas características, vai mudando o perfil. Combina, óbvio, com a desgraça que foi a década de 1990 para nós, principalmente depois da greve dos petroleiros de 95. Porque é óbvio que você tem que fazer uma série de contextos, porque você tem a greve... Antes mesmo da greve dos petroleiros, você teve a derrota do Leste europeu, queda do muro de Berlim. Houve, então, um rebaixamento programático; houve um processo de burocratização; e eu digo que em 1988 ele começa já a sinalizar essas coisas. E é interessante porque em 88,

no ano da Constituinte, nós estamos no auge de uma década de muitas lutas, muitos enfrentamentos, se a gente consegue ter algumas coisas nessa Constituinte é fruto de todas essas [lutas]. Essa “década perdida”, essa discussão de “ah, anos 80 foi a década perdida” - mas perdida pra quem? – Porque, do nosso ponto de vista da luta de classes, dos trabalhadores, o que nós conseguimos foi retardar a implementação do neoliberalismo – que já estava nadando de braçada na América Latina inteira! Na Argentina então, nem se fala! Então nós conseguimos fazer esse retardamento, então não foi uma década perdida pra gente, foi perdida pro capital- do meu ponto de vista! E, lamentavelmente, mesmo assim, logo no ano seguinte 1989, aquela campanha do Lula linda e maravilhosa, do “Lula-Lá” que – pô, todos nós aqui, acho que todos nós aqui chegamos, em algum momento, a ter a ilusão de que o Lula iria ganhar aquela eleição, não só torcemos, mas achamos que poderia de fato, entendeu? Porque foi uma campanha maravilhosa e era! Era um coroamento de uma década de lutas! E, mais! Contraditoriamente fruto dessas questões que estavam acontecendo no cenário internacional!

Sindicalismo e luta por direitos no período

Eu me lembro das polêmicas importantes que nós tivemos, como por exemplo, na vitória do Collor quando o Meneguelli vai ao entendimento nacional, aquilo foi... Nós fizemos uma polêmica enorme com aquilo! - Pô, a ida dele, apertar a mão do Fernando Collor, do nosso ponto de vista foi um erro absurdo!

Quando a gente volta pra base, é o governo Collor, a gente está no governo Collor; e o governo do Collor cismou que ia me demitir. E então eles abrem um processo contra mim e a gente faz uma campanha pela CUT, de defesa, e aí entra uma moção da OIT. Aconteceu o processo, foi se arrastando e, antes do processo chegar ao final, a gente demitiu ele (*sic*); então, o Collor foi demitido. Aconteceram duas coisas interessantes ali, ao mesmo tempo em que o Collor é impedido, eu me torno deputado Federal. Por quê? Eu era o primeiro suplente da Frente Brasil Popular e, quando o Itamar Franco assume, o Jamil Haddad, que era do PSB, era deputado federal do PSB, é nomeado Ministro da Saúde (no governo Itamar Franco) e quem assume a vaga no lugar do Jamil Haddad sou eu. Então aí, pronto! Eu, como Deputado Federal, fui lá no banco, sacramentou, o projeto foi arquivado e aquelas coisas todas! Então antes dele me demitir, a gente o demitiu.

Desafios à ação sindical e perspectivas

Diferentemente da maioria da esquerda, nós não avaliamos que a eleição do Bolsonaro tenha implicado em uma derrota para a classe trabalhadora; foi uma derrota eleitoral da classe, não? Mas vendo que, lamentavelmente, a classe, inclusive, votou [nele]. Mas nós achamos que a conjuntura que se abriu no país desde 2013 para cá - desde 2013! Eu vou mostrar pra você: a greve geral de 2017; a greve dos caminhoneiros, lutas importantíssimas, como as dos garis aqui no Rio de Janeiro em 2014... Uma série de greves que mostram que a classe trabalhadora tem muita disposição de luta! E isso continuou mesmo depois do governo Bolsonaro. Para ver que... Tudo bem que agora, nesse [período] mais recente, entrou um elemento na conjuntura que deu, digamos assim, uma respirada que foram os atos contra Bolsonaro, os três atos, que foram atos grandes, ou seja, toda a esquerda, a oposição unificada, movimento sindical com os partidos de esquerda etc. e fizemos grandes atos no país inteiro! Então é óbvio que isso gera um ânimo! Fala: “tem uma luz no fim do túnel, a coisa não está tão assim...” Mas do ponto de vista da classe e dos enfrentamentos da classe, nós não paramos de lutar em nenhum momento, mesmo durante o primeiro momento de 2019, tiveram várias e várias [lutas]!

E, já na década de 1990, depois da greve dos Petroleiros, a minha avaliação [é que] não voltou, não lutou mais! O único setor que lutou na década de 1990 foi o MST. O MST durante a década de 90 lutou muito mais do que durante esses 4 governos do PT, entendeu? Porque para mim, depois desse, foi uma das grandes tragédias da luta pela reforma agrária aqui é a cooptação da direção do MST pelo governo petista. Por quê? Porque durante o período de governo FHC, que eles lutaram, nós fizemos aqui uma reforma agrária – tem dados! De uma área do tamanho de Portugal! Era o único setor que lutava! O movimento sindical foi pra baixo da mesa!

O projeto neoliberal começou a entrar de verdade aqui no nosso país com Fernando Henrique. E às custas de muitos ataques às empresas estatais e aos serviços públicos de uma maneira geral – e sem falar na privatização de setores estratégicos importantes! Agora, é claro, que não dá pra fazer uma comparação com esse ensandecido que está na presidência hoje! Porque além de tudo, você além de ter os ataques, do ponto de vista da economia, digamos assim, do “modelo econômico”, que são as privatizações etc., você tem uma série de outros ataques! Você tem ataques nas questões de opressão; é o problema do meio ambiente – o absurdo, não? A questão

dos indígenas; os direitos trabalhistas sendo tirados um a um; a questão dos direitos sociais. Sem falar nos ataques à liberdade democrática e as próprias instituições – é uma festa! Eu, por exemplo, que estou com 66 anos, não merecia passar por isso de novo! Eu já tive que derrotar uma ditadura, então isso era uma coisa que eu não gostaria de ter que passar. Mas estamos, infelizmente, tendo que passar e vamos superar!

Acho que hoje o movimento sindical está em um momento que é difícil, por conta do governo, é um governo com traços fascizantes, que a todo tempo está namorando o fascismo, as ameaças de golpe, todas essas coisas – ainda que a gente não considere um governo fascista, para deixar bem claro; outra coisa é que tem elementos fascizantes e tem uma base social pequena...

E agora, por exemplo, a pergunta que me foi feita: nós entendemos que hoje o que o movimento sindical tinha que estar discutindo era uma greve geral sanitária aqui no nosso país. Bolas! Se a gente pode aglomerar nos transportes públicos, se os setores industriais nunca pararam, o que parou foi serviços, o que parou foi comércio, o que parou foram escolas, o que parou foi o turismo, mas, por exemplo: as fábricas nunca deixaram de funcionar; o contágio nunca deixou de ser transmitido nos transportes públicos; diminuíram as opções de transporte público e sempre lotados – aqui no Rio, aí em São Paulo, em tudo quanto é capital do país! Nós tínhamos que estar discutindo uma greve geral! – Hoje, inclusive, a partir do momento que essa conjuntura dá uma lufada de ânimo com os atos, grandes atos de “Fora Bolsonaro” – que eu acabei de falar! – o movimento sindical tinha que estar discutindo como que a gente se apoia nessa conjuntura para dar um passo adiante – e não apenas vislumbrar desgastar esse governo pra ganhar eleição de 2022. Cada dia desse governo é uma tragédia para o país, para os trabalhadores, então nós temos que derrubar esse governo. Então, hoje, nós da CSP CONLUTAS, estamos chamando as centrais [para] fazer um debate sobre a questão da greve geral nesse país pelo “Fora Bolsonaro”; uma greve geral sanitária, pode ser. Por que a epidemia está aí? Variante delta? - Eu não sei, até quando nós vamos com essa gestão de pandemia, com esse irresponsável, genocida, no Palácio do Planalto e um monte de governadores e prefeitos também subservientes ao capital.

Então nós achamos, por exemplo, que a questão de uma greve geral está mais do que colocada na ordem do dia, mas nós não vamos fazer uma greve geral se a CUT não entrar, não estiver disposta a fazer esse debate, se as outras

centrais não estiverem dispostas a fazer esse debate; e, lamentavelmente, o que nós vemos, principalmente, que a gente está lá participa da campanha, nós somos da campanha pelo “Fora Bolsonaro” é o que? É aquela coisa: você fazer manifestações; usar a CPI da Covid pra desgastar o governo; mas, fazer um acerto de contas em 2022. E até lá construir a Frente Ampla pela Democracia, Frente Ampla Contra o Fascismo e tal. Porque isso significa contemporizar com o Bolsonaro e seus arroubos, e suas ameaças, e seus golpismos – e tudo isso que ele é! - até 2022! E nós achamos que nós temos que – “vamos derrubar?” – Não sei! Pode ser até que “não”; mas por exemplo, os 200 e tantos pedidos de impeachment que tem lá na Câmara. O Lira só vai sair de cima deles se tiver movimento social impondo isso; não vai ser por uma correlação de força dentro daquele congresso... A burguesia mesmo soltou agora um manifesto peso pesado – com assinaturas de peso! Mas defendendo o que? A legitimidade no processo eleitoral e que haja eleições em 2022 - não é o impeachment! Não é que esse cara tem que acabar agora, você está entendendo? E, lamentavelmente, eu acho que a maioria da esquerda está indo nessa mesma *vibe*!

Hoje os sindicatos estão organizando uma minoria; mas essa minoria se relaciona com os precarizados que você está falando aí! Porque em todo setor tem os primeirizados e tem os terceirizados - que em geral são maioria em relação aos primeirizados! Vamos pegar o exemplo da Petrobras que é uma coisa, assim, mais “emblemática”, ou posso pegar bancários mesmo que é a minha categoria. Mas vamos pegar Petrobras que é uma empresa que está sempre em evidência pela importância estratégica que tem e tudo que ela representa para nós, você tem – sei lá! – 80 mil funcionários da Petrobras que são crachá verde e você tem 200 mil crachás marrons – mas todos eles fazem a Petrobras funcionar, todos eles são responsáveis pelo lucro da Petrobras e, mais que isso: pelo funcionamento dela! Então eu acho que uma tarefa que está colocada para o movimento sindical hoje é como organizar esse pessoal: os terceirizados, os setores mais precarizados. E nós temos que ir além! Nós temos que, por exemplo, dentro das entidades sindicais, abrir nossos estatutos, abrir os estatutos das entidades para incorporar esses setores, mas mais que isso, nós temos que, por exemplo, através das centrais sindicais, por exemplo, na central CSP, por quê que é “Central Sindical e Popular CONLUTAS?”. Porque nós travamos esse debate! Quando a gente colocou a questão de se manter a Central Sindical e Popular é porque nós entendemos que temos que criar mecanismos para organizar exatamente essa galera! – É a galera dos aplicativos, dos motoboys

de aplicativos; é a galera dos “empreendedores” – que na verdade é tudo um monte de ferrado tentando dar um jeito na sua sobrevivência! Os setores terceirizados, os setores precarizados, nós temos que ver como a gente consegue organizar a parcela mais precarizada da nossa classe, entendeu? Eu acho que esse é um dos grandes desafios que estão colocados hoje para o movimento sindical.

Alguns até têm “sindicatos de fachada”, sindicato que só existe para assinar acordo com os patrões e receber imposto sindical e outras benesses; mas que nunca vai, nunca fizeram uma greve na vida, nada! Não existem! São sindicatos cartoriais, essa que é a verdade. Agora, nós que temos uma proposta de organização da classe, nós podemos ter diferenças, mas nós sabemos o que é a CUT. Mesmo a gente estando fora da CUT, a CUT é uma organização importantíssima da classe trabalhadora brasileira, continua sendo a maior central sindical do nosso país. É uma central que está voltada para a organização da classe trabalhadora. Essa tarefa tem que estar colocada para os sindicatos da CUT, assim como para os nossos sindicatos. Então, acho que a partir disso, tem a própria questão de você fazer a relação das lutas. Eu acho que hoje, a crise do capitalismo é tão grande, que qualquer luta, por mais mínima que seja, ela acaba tendo que se enfrentar com o capital, de uma maneira... Você não resolve mais um problema com uma luta por aumento de salário, uma luta por uma reivindicação – por mínima que ela seja. Digamos assim! Porque ela esbarra diretamente com a crise de taxa de lucro, com essa crise do capitalismo em nível internacional e tudo isso, então são lutas duríssimas que a gente vai enfrentando. E a gente tem que ter essa capacidade de organizar o setor mais precarizado e também no sentido de procurar ganhar essa galera, politizar essa galera – porque é um embate também! Esse é um outro problema que nós enfrentamos. Com essa coisa das redes sociais, as mídias etc., quer dizer, você tem, assim, uma disputa imensa da consciência da classe todo dia que, muitas vezes, se deixa levar pelas *fake News* – é muito mais fácil para o cara pegar um daqueles memezinhos do que entender um texto... Mas é uma luta que nós temos que [fazer]! É uma luta que nós temos que [fazer]!

Então, por exemplo, a gente tem que ter mais delegados sindicais que é uma conquista nossa! Que tem estabilidade, que tem a representatividade e “pá-pá-pá” – que é muito importante para dar condição para esses companheiros poderem encaminhar as lutas; mas nós temos também que criar um organismo com perfil mais político; que a gente possa aglutinar não só a galera que está lá na base do sindicato, mas para aqueles trabalhadores,

por exemplo, que estão no nosso cotidiano, e organismos que respondam à realidade imediata... E, estrategicamente, até, de acordo com a alteração da correlação de forças, a questão da liberdade e autonomia sindical, dentro da Convenção 87 da OIT você até poder tentar legalizar isso, mas a questão não passa por aí nesse momento! Eu acho que é muito mais uma questão de organização da base que é a pergunta que você me fez! – “Como organizar a base?” – E aí a base já tem que ter esse viés, ela não pode organizar só os trabalhadores... “Ah, é óbvio, onde tiver só trabalhador primeirizados é por aí que vai passar! - Mas eu acho que a gente tem que fazer uma combinação do que é formal e, aquilo que a correlação de forças hoje estabelece no movimento sindical e isso, por exemplo, quando eu falo em delegado sindical, isso existe nas categorias mais organizadas, mas existe aonde? – Nos bancários, nos metalúrgicos do ABC, petroleiros – são as categorias que têm! Mas eu acho que a gente tem que fazer a discussão mais voltada para a organização mesmo da nossa classe – e aí tem que ser coisas mais políticas pela base! E que não passe necessariamente por respeitar a estrutura ou - como que é o nome? Tem um nome aí... Isso, a organização vertical! Porque nós mesmo fazíamos esse debate na CUT, que era a questão, por exemplo, da organização por ramo, por ramo de atividade: tem empresas que você tem diversos sindicatos. Então, você tem o Banco do Brasil, por exemplo, tem uma galera do telemarketing que era o sindicato de telefonistas, mas eles trabalhavam para o Banco do Brasil, então mesmo sendo dois sindicatos, se são dois sindicatos cutistas, por exemplo, como era o caso, porque tanto o Sinttel aqui é da CUT, como os bancários é da CUT, esse sindicato tinha que ter um organismo que unificasse essa base!

Nós temos que ver como organizar esses setores, porque esses setores têm um peso, inclusive, muito grande na economia, nessa pandemia então, ficou evidente isso, então, porque foi um dos setores que não só não parou, mas como fez toda uma série de coisas funcionar. Inclusive, era a garantia até da quarentena de quem pode fazer – quem pode fazer, quem pode ficar - muitas vezes apoiado nesses profissionais entregadores do Uber. Bom, dessa galera! Eu acho que hoje, em um primeiro momento, quando o Uber entrou, era até interessante esse debate porque muita gente, essa coisa da ideologia, do empreendedorismo: você começava como motorista de Uber e achava que não tinha patrão. Hoje, a grande maioria se sente um trabalhador explorado, se sente que é um trabalhador explorado por uma multinacional sem ter benefícios, sem ter direitos [e] que o lucro que eles extraem é muito grande. Então, acho que hoje existe um campo propício e

uma necessidade grande da gente fazer essa discussão de como organizar esse pessoal. Agora, você falou uma coisa aí que me despertou.

A questão do dirigente sindical

Eu queria falar [sobre] isso, quando eu comecei a falar daquele processo de burocratização acabei enveredando por uma coisa – que foi a burocratização da CUT, no sentido de dificultar a participação da base, mas tem também um outro aspecto dessa burocratização que é perverso que é a burocratização mesmo do movimento sindical: é o dirigente sindical. Eu me lembro que teve um congresso da CUT, eu não me lembro agora exatamente qual, que a gente sempre fazia pesquisas, junto aos delegados e tinha uma pergunta que era: “qual é a sua profissão”? – E o cara botava “dirigente sindical.” Quer dizer, ele se esquecia que ele era representante de uma categoria! Ele está em uma outra situação, ele é [parte de] uma burocracia, o nome é exatamente isso, é uma casta burocrática que tem privilégios, esses privilégios vão ser maiores ou menores de acordo com o peso e organização da categoria, mas é uma vida completamente descolada do que é a base que ele representa.

Eu também concordo com essa questão sobre o corte racial, grande parte dessa galera ultra precarizada formada pelos negros e negras aqui do nosso país, acho que existe um ponto de vista de uma saída mais estratégica, o partido que pode dotar essa galera de um programa, mas acho que o movimento sindical pode ter um papel muito importante na nova organização dessa galera, levando em consideração as coisas que eu já coloquei aqui.

Eu falei em algum momento essa coisa da disputa da consciência, não? E isso é disputa da consciência! É disputa da consciência de classe! É fazer do outro trabalhador, independente, que se eles forem trabalhadores de uma empresa estatal como eu, funcionário do Banco do Brasil ou se ele é um empregado de uma fábrica ou se ele é um empregado de uma lanchonete; ou de uma oficina... que nós somos tudo classe trabalhadora! Nós temos nossas desigualdades, mas nós somos classe trabalhadora. Então, se a gente consegue ter essa consciência de classe, que é a consciência de classe em si, pelo ponto de vista do Marx. “Eu sou trabalhador” – então você tem condições de fazer esse tipo de coisa. Eu acho que tem algumas categorias, por exemplo, que dá pra gente se aproximar disso, mas a gente faz pouco. Por exemplo: educação! A educação você tem toda uma relação com os pais

de alunos, que pode ter uma relação com os pais [desses] alunos. Quem está na educação pública, por exemplo? É o motorista de Uber; é o entregador da pizza; é 'não-sei-o-quê'... É uma dificuldade? - Porque muitos deles não têm nem tempo para poder ir a uma reunião de escola – e a gente sabe disso! - Mas você tem o vínculo, você tem o elo! E, independentemente, se ele está assoberbado, ele sonha [com] uma vida melhor para o filho dele, ele quer que o filho dele tenha uma perspectiva de vida. Então é um setor, por exemplo, que a gente tem que procurar ver como que organiza, a partir do local de trabalho, mas é o entorno - que é o pai, a mãe, entendeu? E você vai começando por aí a fazer essa disputa de consciência. Mas tudo isso é um trabalho, digamos assim, um tanto quanto árduo e que passa e muito pela desburocratização do movimento.

JÚLIO TURRA

Entrevista realizada em 24/08/2021

DURAÇÃO: 102 minutos

Foi um dos fundadores e fez parte da primeira direção do SINPRO-ABC.
Participou da CONCLAT. Foi membro da direção executiva nacional da
CUT entre 1997 e 2017.



Trajatória de vida e militância sindical

Meu nome é Júlio Turra Filho, nasci em 4 de julho de 1953, portanto, 68 anos completos; comecei na política no movimento secundarista aqui em São Paulo, nasci em São Paulo, capital. Movimento Secundarista aqui na Zona Norte de São Paulo, num colégio chamado CEDOM na época, o Instituto de Educação Doutor Octávio Mendes. Entrei no Grêmio, com 15 anos participei das passeatas de 68 e em 73 entrei na USP, nas Ciências Sociais. Desde então já entrei no movimento estudantil, em julho desse ano de 73, ainda calouro, fui recrutado por uma organização clandestina, na época, chamada Organização Comunista 1º de Maio, de orientação trotskista, que animava no movimento estudantil a frente estudantil socialista. Economizando as coisas, há 45 anos atrás, em agosto de 76, em nome da frente estudantil socialista unificamos com outra tendência estudantil chamada Tendência Aliança Operário-Estudantil (TAOE) ligada ao grupo, também clandestino à época, OMB (Organização Marxista Brasileira) e criamos a Liberdade e Luta, que fez muito furor à época. Fiquei no movimento estudantil até o ano de 1978 quando passei a ajudar a organizar a oposição bancária.

E novos que estavam entrando e começaram a entrar. O Washington, o Tita, Ademar, o próprio Gilmar Carneiro. - Bom, ajudei a construir a oposição bancária a partir de uma tendência que, inicialmente, se chamava TESICLA (Tendência Sindical Classista) nós ajudamos a construir a oposição bancária que depois vai ganhar o sindicato do Chico Teixeira. Dessa oposição bancária – eu não era bancário, eu ajudava. O Robertinho até tentou encontrar emprego para mim no Itaú, mas não conseguiu. Aí, eu comecei a dar aula,

comecei a militar na APEOESP e foi como delegado da APEOESP que eu participei da CONCLAT da Praia Grande, em 1981.

A agenda sindical no período

Nesse período pré-histórico em relação à fundação da CUT também participei do ENTOES (Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical). Aliás, outro dia estava limpando umas gavetas, achei o meu crachá do ENTOES, veja você! Foi uma data precisa lá, 1980. O nome já indicava o que a gente pensava muito na época. Principalmente as oposições sindicais, inclusive a oposição bancária. Não se tratava de tirar, simplesmente, o pelego do sindicato, tratava-se de mudar a estrutura sindical brasileira. Eu fui formado numa leva de jovens sindicalistas que era extremamente crítica em relação à estrutura corporativa dos sindicatos no Brasil. Era uma pirâmide, cujo topo era o Ministério do Trabalho. O sindicato tinha a certidão de nascimento e a certidão de óbito, portanto, a vida inteira, controlados pelo Ministério do Trabalho, a partir daí, uma estrutura paralela de sindicatos patronais e de empregados. Financiamento pelo Estado, através do imposto sindical, e a imposição por lei da unicidade sindical. Então, eu nasci na escola que criticava a estrutura sindical.

A CONCLAT

A memória que eu tenho da CONCLAT da Praia Grande, pessoal, é que nós ganhamos uma votação super importante, que eu fui um dos oradores do nosso bloco na defesa, me lembro até hoje da intervenção que fiz, que era: se o congresso de fundação da CUT deveria ser em 1982 ou 83. E nós ganhamos 82, no visual, inclusive. 'Que na hora de votar as duas chapas para a comissão Pró-CUT que seria composta proporcionalmente, mas com base em duas chapas, realmente, era impossível. Aí, surgiu o acordo da comissão paritária - que vai nos custar caro, mas surgiu o acordo e era a única maneira de sair com uma comissão nacional Pró-CUT. Mas antes havia tido a votação da data do congresso de fundação da CUT. Era a CONCLAT que estava colocando o CONCLAT de fundação da CUT, conferência e congresso. E me lembro que a argumentação do bloco da unidade sindical, que era composto pelos pelegos da estrutura oficial e pelo pessoal de esquerda ligado à matriz estalinista, (PCB, PCdoB e MR8) eram defensores da estrutura unicitária dos sindicatos e perderam a votação na CONCLAT, que se posicionou pela

liberdade e autonomia sindical. Mas, na votação de 82 e 83, o argumento dos caras é que não podia ser em 82 porque era ano eleitoral e ano eleitoral todo mundo tinha que votar no MDB – estavam todos eles no MDB. O PT era recém-nascido – [fevereiro de 1980] e era tratado por eles como divisionista, porque estava dividindo a oposição, a oposição tinha que estar toda unida no MDB. E o argumento que eu usei foi exatamente o contrário! - Foi dizer que exatamente por ser o ano eleitoral, a classe trabalhadora tem que ter uma trincheira de luta para defender os seus próprios interesses e para tanto era preciso fundar a CUT. - Em poucas palavras. - Acabada a CONCLAT, para nós, foi saudada com uma grande vitória. Para o bloco combativo ou do “Novo Sindicalismo” – como depois os sociólogos deram o nome. A gente não tinha nome naquela época, era simplesmente a nossa turma, não? Mas depois virou, historicamente, o Bloco Combativo, eram várias correntes que confluíam na formação do PT ou Novo Sindicalismo, exatamente pela pregação aberta que fazíamos – aberta! Era o centro da polêmica! – contra a estrutura sindical oficial.

A minha corrente política, que, na época, já se chamava OSI (Organização Socialista Internacionalista) resultado da fusão de dois grupos, chegou, inclusive, a ensaiar sindicatos livres em algumas greves que ocorrerem em Minas Gerais [e] no Rio Grande do Sul, chegando a constituir um Sindicato Livre da Construção Civil em Porto Alegre. Mas depois percebemos que não bastava proclamar a necessidade, era preciso intervir nos sindicatos oficiais buscando transformar a sua estrutura. Então, por dentro e por fora, por um tempo, digamos, não mais de um ano, nós estávamos na linha de ‘por fora’ sindicatos livres, mas em pouco tempo nós [percebemos que] a realidade se impôs, e nós falamos: “Não, tem que intervir nos sindicatos oficiais também.” - Mesmo porque nos sindicatos oficiais começavam a surgir algumas lideranças mais combativas que, empurradas [pela] situação objetiva - a inflação, o arrocho salarial, não é? As manobras que o Delfim Netto fazia à [frente] da Economia na ditadura -, ao contrário de reprimir as greves, de trabalhar com agentes do governo – como fazia Joaquinção aqui em São Paulo, acompanhavam, incentivavam e [defendiam] as greves. Se transformavam em lideranças nacionais – vocês sabem de quem eu estou falando: do Lula. O Lula e sua diretoria. Então, era por dentro e por fora. No setor público era por fora, gente! Porque a estrutura sindical proibia o sindicalismo público de sindicalizar-se, na concepção corporativa do sindicalismo imposta na era do Vargas o servidor público era agente do estado, como é que o agente do estado pode se sindicalizar? Ele não tem

patrão! O Estado não é patrão, o Estado é o árbitro, o Estado é o cérebro do corpo. Era proibido a sindicalização de funcionário público. Tanto é assim que o sindicalismo do setor público no Brasil nasceu livre, nasceu por fora da estrutura e se sustentou por muitos e muitos anos simplesmente com base no número de filiados: as mensalidades. Não tinha imposto sindical, não é? E muitos até hoje não tocaram no imposto sindical. A APOESP, a CPERS no Rio Grande do Sul, grandes organizações de professores, ou mesmo de servidores públicos que são livres. Não têm, tão pouco unicidade, gente! Tem um monte de órgão público que tem mais de um sindicato. Em uma mesma cidade um setor público pode ser filiar à 3/4 sindicatos diferentes. Então, o sindicalismo do setor público nasceu livre, contra a estrutura. E a gente tinha muita força nesse setor. Então, a polêmica “por dentro e por fora”, digamos que a história resolveu. Resolveu parcialmente porque muitos sindicatos do setor privado da CUT, da própria CUT, que sempre defenderam liberdade e autonomia sindical, no início e depois foram se adaptando à estrutura oficial a ponto de que sucessivos congressos da CUT a gente fazia pesquisa entre os dirigentes presentes e isso, 70% era a favor do imposto sindical e unicidade – que foi exatamente contra o que a CUT nasceu. Agora, o período entre 81-83 que é o foco da pergunta é um período de conflito praticamente permanente entre os dois blocos. Depois que terminou a CONCLAT, nós fizemos [os] ENCLATs que eram os encontros estaduais que preparavam o nacional.

E o Partidão era o campeão da defesa da estrutura sindical oficial. Tanto que as polêmicas, eram as seguintes – era incrível! –: “Oposição sindical não pode participar.” - “Por que?” - “Só pode participar dirigente sindical.” Então a primeira polêmica é essa. A eventual CUT que eles poderiam querer, quando na verdade, eu acho – na minha análise retrospectiva – eles tudo fizeram para impedir a fundação da CUT. Não é que eles tinham outra proposta de CUT. A proposta deles era fazer uma confederação geral e reunir os dirigentes – os dirigentes das federações. Então, era uma batalha...

A confederação das confederações. No modelo! No modelo a saber. Quem é que elege as federações? O presidente do sindicato. Quem é que elege as confederações? O presidente de confederação. E a confederação das confederações? Os presidentes das confederações. Era uma estrutura piramidal, de cúpula, onde a assembleia de base não tinha a menor importância, daí o nosso grito desde 1981 à CUT Pela Base porque a gente exigia. Depois mudaram as correntes da CUT, mas no início era o grito de todo bloco. A CUT pela base. A CUT pela Base, por quê? Tem que ter assembleia

para eleger delegado. E onde a diretoria não convocar a assembleia, a oposição tem direito de fazer a assembleia. Isso aí não engoliram, mas nem a pau! A primeira parte de assembleia eles até engoliram, fazendo algumas manobras, por exemplo: tinha uma escala para tirar delegados e tinha “o número de trabalhadores na base”, alguma coisa assim. Que tinha um teto lá que era 100 mil e que dava tanto. De 100 mil à 200 mil já dava outro tanto. E o Arnaldo Gonçalves dos metalúrgicos da Baixada Santista chegou com uma planilha que ele tinha cento e um mil representados. Então, já lhe colocava um ponto acima no número de delegados. Então, manobras desse tipo existiam várias! A nossa possibilidade de controlar isso era muito pequena. A Silvia Portela secretariou a CONCLAT de 1981 sem internet, sem sequer máquina de datilografia elétrica – que já era um progresso na época, não tinha, eram só as Remingtons. Na base do papelzinho, do fichário de cartão.

E que os sindicalistas iam pedir uma CONCLAT. Então, eu lembrava disso, mas por uma questão pessoal – eu lembrava. O fato é que era duro arrastar os metalúrgicos, mas [...] eles eram as principais referências que nós tínhamos, mas na hora de negociar com os caras do PC que eram todos bem preparados... Quem é que ia? Iam os bancários, ia o Gushiken, ia eu, ia o Edson Campos também que era bancário, iam os quadros... Ou egressos do movimento estudantil – ‘que era os que tinham mais... Tinham mais verve, não? Mais capacidade de interlocução. Os metalúrgicos sentavam do lado e ficavam olhando. O Lula, muitas vezes, saía da reunião e ia embora... E deixava a bomba na mão da molecada que estava negociando em nome dele. O Jacó participava mais do que o Lula.

Foi uma guerra civil permanente, gente! Chegou às vésperas do congresso de 82 em agosto – estava marcado, decisão da CONCLAT. O congresso vai ser em 82, em uma reunião da comissão nacional pró-CUT, sem quórum completo, onde eles tinham uma maioria circunstancial, eles desmarcaram, adiaram para o ano seguinte. E a proposta que eles perderam na plenária da Praia Grande, eles ganharam na mão grande em uma reunião da comissão nacional pró-CUT com maioria circunstancial – lá [a votação] era paritária. Um que faltasse já dava maioria para o outro. E adiaram o congresso, nós tentamos resistir ainda - eu me lembro! Teve um documento encabeçado pelo Jacó [Bitar] que colheu assinatura de muita gente propondo uma reunião para ver se a gente conseguia organizar, mas a gente ainda era muito... Tinha muita combatividade, mas não tinha estrutura na época; a estrutura mesmo, dinheirão do imposto e tudo mais estava com o outro

bloco. Então, nós não tivemos força para realizar em 82, fomos obrigados a aceitar o fato consumado de que o congresso tinha sido adiado. Ocorre que, na véspera do congresso, com as polêmicas não resolvidas ainda, por exemplo, a oposição pode ou não colocar a assembleia para participar. Isso aí era um entrave permanente. Ocorre, [então] a greve dos petroleiros de Paulínia, que fazem um apelo à solidariedade, os metalúrgicos entram em greve em solidariedade e ocorre a primeira greve geral no período da ditadura. Isso foi julho de 1983. Foi uma greve importante.

Então, essa greve foi tensa porque quem entrou na greve em solidariedade foi basicamente o nosso lado. Os outros desconversaram. Daí, de novo eles propuseram adiar o congresso. Começou a discussão de adiamento novamente. Por quê? Por causa da repercussão de que tinha ocorrido a greve dos petroleiros e não sei o que e ‘pó-ró-ró’. Aí, nós fizemos um Encontro Nacional de Sindicalistas do PT, foi muito importante porque reuniu todas as lideranças e resolvemos que politicamente se eles viessem com essa história de adiar, a gente ia bancar o congresso, com uma condição: que a gente tivesse os mesmos cinco mil delegados que estiveram na Praia Grande. Depois, no dia em que eles resolveram desmarcar de vez, teve uma reunião... – isso o Jacy Afonso que lembrou. Teve uma reunião da ANAMPOS, que atravessou a madrugada – vocês lembram o que era ANAMPOS, não?

Tinha setores da Igreja, de movimento popular e tinha sindicalistas combativos também. “Vamos bancar esse negócio.” Daí, o nosso lado da comissão pró-CUT, a nossa metade – não sem dissidências, por exemplo: Jorge Bittar⁸⁵, que era do Sindicato dos Engenheiros do Rio de Janeiro, ele era a favor da posição do outro lado, ou seja, adiar de novo o congresso. Se vocês encontrarem Jorge Bittar por aí, pergunta para ele. O Jacy Afonso me lembrou disso outro dia. Daí, resolvemos bancar o congresso e, como vocês sabem (todos sabem) teve mais de cinco mil delegados, teve quase o mesmo número de entidades, novecentos e tantas - novecentos e cinquenta e tantas -, que teve na CONCLAT, foi um sucesso no pavilhão Vera Cruz, não é? E fundou a CUT, adotou os seus princípios e fundou a CUT. Muito bem! Em agosto de 1983 teve... na verdade, não foi um CONCURT, foi um CONCLAT (Congresso da Classe Trabalhadora) que fundou a CUT. É o congresso de fundação da CUT. [E] o primeiro congresso da CUT foi em 1984. [Em] 1983 saiu uma coordenação, teve até uma polêmica, se ia ter diretoria formal ou não.

85. Jorge Ricardo Bittar. Engenheiro, ex-deputado federal pelo PT do Rio de Janeiro por quatro mandatos, de 1999 a 2015.

Teve uma discussão sobre o nome. Teve alguns que queriam pôr “Central Unitária dos Trabalhadores”, porque nós não estamos representando todos; nós defendemos Central Única e ganhamos de lavada. E outros defendiam... E aí ganharam eles, na verdade, que não se tirasse uma direção, se tirasse uma coordenação provisória, todos em pé de igualdade; queriam um coordenador geral, mas que não seria um presidente e foi isso que saiu do congresso de fundação. O Jair Meneguelli não era presidente da CUT, ele era o coordenador geral da coordenação nacional que tinha o mandato de realizar o primeiro congresso em 84.

Diretas Já, Constituinte e participação do sindicalismo

Constituinte

Eu diria que até a nossa participação na Constituinte meia-boca lá de 86-88 – eu sempre chamo de “constituinte meia-boca” porque ela não era nem soberana e nem exclusiva. Vocês se lembram que a Constituinte era o congresso nacional com poderes constituintes, então: de manhã reunia a Câmara e o Senado, à tarde ele se transformava em Constituinte. Não era plenipotenciário, não tinha todo o poder, portanto não era soberana porque o Sarney era presidente da República. E os grandes avanços que ela teve [foi] em função da nossa pressão, da nossa mobilização. Agora, perdemos alguns lobbies, onde os pelegos foram mais eficientes. Estrutura sindical, [por exemplo, foi mantida] e a unicidade e o imposto sindical também.

Diretas Já

A campanha das diretas é em 1984, e em 84 Jair [Meneguelli] era presidente – não me lembro se já tinha ocorrido o primeiro congresso da CUT porque tem essa nomenclatura que às vezes a gente... quem não participou só se atrapalha. Então nós estávamos com a CUT recém fundada em agosto de 1983, no início do ano de 1984 foi o PT que chamou o primeiro comício pelas Diretas Já. Chamou sozinho na Praça Charles Miller em frente ao estádio do Pacaembu aqui em São Paulo, eu estava nesse comício.

Houve uma certa resistência inicial da CUT em participar, mas não foi mais do que um ou dois meses. Daí, a CUT entrou com tudo na campanha das Diretas. Entrou com tudo! E mobilizava as bases sociais para ir para os grandes comícios das Diretas. E o pessoal ia com faixa dos sindicatos

presentes, professores, os metalúrgicos... Foi um engajamento muito grande da CUT, depois de um vacilo inicial, mas assim de um mês no máximo!

O PT está chamando sozinho, nós vamos! Nós já estamos identificados com o PT, nós somos o sindicato!”. Eu falei: “Não, gente, isso aqui é uma luta contra a Ditadura! Veja o que nós já decidimos no congresso, nós somos contra a Ditadura, nós somos... vamos para cima!”. E fomos! – Não causou nenhuma polêmica. E o engajamento foi muito grande. Uma presença sindical muito mais forte do que a gente vê hoje em dia. Nos anos 1980 e 1990 não houve uma ação de massa no Brasil que a CUT não estivesse presente. Inclusive os que vieram na esteira da CUT, por exemplo, o MST [criado em janeiro de 1984], o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, se beneficiou de um apoio substantivo da CUT, não havia possibilidade de ter massa na rua no Brasil de 1985 até... mesmo nos anos 90, no neoliberalismo, a CUT resistia às privatizações, mobilizou contra as privatizações. Hoje passa a privatização no congresso e não tem um dirigente sindical com um cartaz na mão “Eu sou contra!” - Não tem nada! Passa e passou – e sai pela imprensa.

Adaptação à estrutura oficial

A adaptação da CUT à estrutura oficial é um processo ao longo do tempo. O congresso de 1991, por exemplo, foi um congresso muito importante porque quase rachou a CUT. Não rachou por um triz! E em cima de uma questão de proporcionalidade da composição da direção; depois tem o congresso de 94 que já foi o congresso que tirou o manifesto dos delegados apoiando o Lula, a candidatura do Lula em 1994.

Mas até 2000, todas as forças históricas da esquerda brasileira estavam na CUT. O PCdoB já tinha abandonado a CGT, estava na CUT, até o Partidão que já tinha virado PPS já estava na CUT. É a partir da eleição do Lula que começam as cisões da CUT. Primeiro, pela esquerda, pela ultra-esquerda e depois pelo PCdoB. Aí, a CUT fica reduzida às forças petistas, basicamente - que não era a sua vocação original. Na época, o falecido João Felício costumava lembrar disso! A CUT nasceu para ser plural, para ter todas as correntes de opinião do movimento operário. Chegou a ter! Exceto os pelegos, oportunistas, os sindicalistas de resultados. Mas até o PCB – o

já PPS migrou para a CUT. Davi Zaia foi dirigente da CUT; Gatto⁸⁶ foi dirigente da CUT, e eram militantes do velho Partidão, que tinha virado PPS, já. Então, houve um momento em que a CUT passou a ser a lúdima representante de todas as correntes históricas do movimento operário brasileiro. Durou de 1991, Anhembi, até 2000 e pouco. Agora, esse processo é de uma adaptação lenta, né? Pois é! Ainda em 92-93 a CUT tinha um projeto de sistema democrático de relações do trabalho que eu defendo até hoje! Liberdade e autonomia sindical, sem presença do Ministério do Trabalho, com contribuições da assembleia, não é?

Desafios atuais à ação sindical e perspectivas

A Constituição Cidadã do Ulysses Guimarães não reconhece a liberdade e autonomia sindical. Tem a palavra “liberdade e autonomia sindical” desde que mantenha a unicidade e o financiamento pelo Estado. Agora, a reforma trabalhista do Temer, pelas mãos da direita, é que acabou com a obrigatoriedade do imposto sindical. O que jogou o sindicalismo brasileiro no seu conjunto – inclusive a CUT, porque ela foi se adaptando à estrutura oficial ao longo do tempo – numa crise brutal. O sindicalismo brasileiro vai ter que ser reconstruído e eu acho que vai ter que ser reconstruído amassando barro, viu? - Costumo dizer que... Eu fui cinco vezes ao Haiti durante a ocupação militar brasileira lá, com bandeira da ONU, eu via como é que os sindicalistas de lá faziam para construir sindicato. Amassando barro! Indo na porta da fábrica, convencendo o trabalhador. Porque aqui no Brasil, a estrutura sindical oficial é uma mamata.

Uma visão crítica da estrutura sindical era coisa de vanguarda, na vanguarda ampla e não [era] meia dúzia. E ela veio sendo forjada nos anos de chumbo depois das greves de Osasco e CONTAG, em 1968. Eu fui criado nesse meio, discutindo com Zé Ibrahim⁸⁷, discutindo com o Waldemar Rossi,

86. Alberto Marcelo Gato. Foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos e Cubatão, vereador de Santos e deputado federal pelo MDB de São Paulo cassado pelo regime militar em 1976.

87. José Ibrahim. Trabalhador da Cobrasma, em 1968 liderou a primeira greve de trabalhadores durante a ditadura militar, conhecida como a greve de Osasco. Na ocasião, Ibrahim era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco. Foi demitido e teve os direitos políticos cassados. Passou a militar na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Viveu no exílio por dez anos e no retorno colaborou com a fundação do PT e da CUT. Ajudou a fundar a Força Sindical e, posteriormente, se integrou à União Geral dos Trabalhadores (UGT).

discutindo com os veteranos da oposição, que faziam oposição à estrutura sindical. E teses acadêmicas não faltavam, debates entre a vanguarda não faltavam. Agora, o problema é que a estrutura sindical que o Vargas nos deixou como legado é extremamente atrativa para o dirigente sindical. Você não precisa ter sócio! - Se você tiver a carta sindical e o monopólio da representação naquele município, todo o trabalhador daquela base vai descontar um dia do salário por ano para você. E o que o dirigente sindical fala? “Não vou criar cobra no meu quintal. Para que eu vou fazer sindicalização em massa?” - É isso o que explica os 16 mil sindicatos que existem no Brasil, pelo menos 60% - para ser generoso - é sindicato de carimbo: não faz assembleia; não tira boletim; negocia às costas da base porque não filia ninguém; qualquer tipo de acordo com o patrão - e o efeito é conhecido, não? - O cara muda da noite para o dia. O cara que vem da produção engorda, começa a se vestir diferente, contrata uma secretária bem bonita... Instala o seu sindicato com o dinheiro do imposto e faz disso uma carreira que vai terminar sendo um juiz classista lá no Tribunal Superior do Trabalho.

Uma carreira de Estado. Então, a burocracia sindical no Brasil é parte do aparelho de estado e o estado é um estado burguês - que defende os interesses do capital. Agora, essa é uma discussão de vanguarda, sem dúvida. Agora, vamos para a base. Onde o sindicato realiza o seu trabalho sindical - faz assembleia, panfletos, explica para o trabalhador etc. o trabalhador não está preocupado se está pagando ou não imposto sindical, se tem unicidade ou não tem unicidade, ele quer que o sindicato esteja do lado dele. Agora, a grande maioria da classe trabalhadora brasileira olha para os sindicatos e fala: “Vocês são um bando de parasitas que não fazem nada por nós.” Essa é a dura realidade.

Então, tem uma dupla pressão, tem a pressão da adaptação à estrutura oficial, que dá muitas vantagens e benefícios - o que permite que o discurso do PCdoB, do PCB, de defesas da estrutura sindical tenha grande apoio entre os dirigentes sindicais e inclusive os da CUT! “Ah, mas nos outros países os sindicatos também têm formas de financiamento que não são só a mensalidade.” Mas também não é a estrutura sindical brasileira. Não sou contra o sindicato ter as formas de financiamento, tem que se apoiar na mensalidade, pode ter outras. Agora, aqui no Brasil é a ligação umbilical com o Ministério do Trabalho - que nós queríamos romper. Agora, quem poderia romper com isso? Só uma Constituinte! Infelizmente, a primeira oportunidade perdida foi a Constituinte de 1986 que deu origem a

Constituição de 1988 - que criou um modelo híbrido que junta o pior dos dois mundos! Porque, vejam vocês, no Brasil, sindicato de base tem que ser unitário. Unitário! Mas a cúpula não precisa ser. Então, qual o resultado? É que tem unicidade sindical, mas as centrais sindicais são 10 no Brasil. Então, qual o resultado disso? O resultado disso é uma guerra entre as centrais sindicais para ver quem filia sindicato. E quem filia sindicato é quem oferece mais vantagens para o sindicato. Então: “Ah, a CUT cobra 10% da receita bruta do sindicato para você ser filiado? Vem aqui para a Força porque você não vai pagar nada e nós ainda vamos te dar um subsídio.” Isso era possível com imposto sindical. Sem imposto sindical fica muito mais difícil. Porque ninguém mais tem dinheiro. E só vai sobreviver quem tiver “garrafinha” para vender, a saber: se tiver sócio! E, para ter sócio, tem que amassar o barro. Então, essa estrutura está condenada, gente! Não tem volta! Tem muita gente das outras centrais – em particular, os defensores do imposto da unicidade (leia-se CTB), que têm expectativa que com a volta do Lula ao governo vai ressuscitar o imposto sindical. Espero, do fundo do meu coração, que eles se enganem. Porque o imposto sindical é um câncer! Desvirtua, desnatura, a natureza dos sindicatos e para que serve os sindicatos.

Na gestão do Artur Henrique, o Artur defendia liberdade e autonomia sindical, apesar de estar a assinatura dele como presidente da CUT na lei que reconhece as centrais. Essa lei é muito cabulosa! Ela reconhece as centrais como se fossem ONGs. Porque o direito de negociação coletiva fica restrito aos sindicatos, federações e confederações. As centrais sindicais podem entrar com um processo e “blablabá” e são reconhecidas! São reconhecidas como Organizações das Sociedade Civil, mas não têm direito de negociação, por exemplo, que é o princípio da existência do sindicato, o direito à negociação. Em nome do tal reconhecimento que no fundo trazia a partilha do bolo do imposto sindical, 10% de imposto sindical é distribuído entre as centrais. Daqueles 20% que iria para o Ministério do Trabalho, o Ministério do Trabalho abria mão de 10% para distribuir para as centrais. A executiva da CUT que votou isso aí teve dois votos contra e uma abstenção. Votou contra: eu, um companheiro chamado Temístocles – que era da Tendência Marxista (Acho, na época) e teve uma abstenção que [foi] um professor do Ceará [que] era da Articulação Sindical.

Agora, eu entendo a psicologia do dirigente sindical tendo uma estrutura como essa, olhar, os olhos fazem ‘*plim-plim*’ e fala: “Bom, mas como eu sou combativo, eu vou usar toda essa estrutura para o bem e não para o mal. Eu não sou pelego.” Mas abandona a luta pela liberdade e autonomia sindical. -

O Brasil dentro da OIT é um dos 10 grandes! Porque a OIT, ao contrário da ONU, funciona com base na população economicamente ativa de cada país e o Brasil tem 214 milhões de habitantes, tem uma população economicamente ativa grande. Apesar do desemprego, apesar de tudo o que nós sabemos. Então, o Brasil é um dos 10 grandes na OIT, o Brasil é consultado para tudo na OIT e o Brasil não ratifica a convenção que é a mãe de todas as convenções. Começou com a Convenção 87 na OIT, que diz simplesmente – que está nos estatutos da CUT como “compromisso fundamental”. Até hoje ninguém ousou arrancar do estatuto da CUT. E todo o congresso da CUT eu ia lá e reafirmava esse princípio e fazia votar de novo. Agora, entre votar um princípio e praticá-lo vai uma distância enorme. O fato é que o Brasil não ratifica a convenção 87 da OIT, por quê? Porque não tem liberdade e autonomia sindical no Brasil, gente! O trabalhador não pode fazer o sindicato da maneira que ele quiser sem interferência de Estado e dos patrões. Ele só pode fazer sindicato onde não exista sindicato, não é? E a partir de um registro no Ministério do Trabalho. Então, essa batalha nós não ganhamos.

Eu vejo o seguinte, eu acho que há muita “falação” sobre a necessidade de renovar os sindicatos que não parte do fundamental “O que é o sindicato?” – “Sindicato é organismo elementar de frente única dos trabalhadores para se defender da exploração.” Isso é o sindicato. Não substitui partido político, não substitui movimento popular, mas é indispensável, ainda mais que nós vivemos em uma época de crise aguda do capitalismo - acelerada, desnudada pela pandemia! que aumenta as desigualdades, que todos os governos a serviço do capital exploram para passar do lado, não são só os negacionistas, não!

Apesar de toda essa defensiva que nós estamos, nunca os sindicatos foram tão importantes como hoje. Agora, o sindicato é para negociar as condições de trabalho, de pessoas que têm situações similares de trabalho. Não é para pegar o morador e botar dentro do sindicato. Essa polêmica nós já resolvemos no congresso de 1988, se a CUT era o movimento ou se era uma central sindical. Eu defendi junto com a Articulação da época, junto com a Força Socialista da época que a CUT tinha que ser uma organização sindical, e as outras correntes a CUT pela Base defendia a CUT Movimento, filiação individual. Um ponto de partida é tentar salvar o que nós temos: os sindicatos de base! - Com campanhas de sindicalização, não é? Mostrando-se úteis para o movimento dos trabalhadores e não: “Olha, pessoal, vamos resolver o problema da CUT abrindo a CUT para a associação de artistas do bairro Quixeramobim.”

Financeiramente não vai resolver nenhum problema, ao contrário, se eles entrarem na CUT vão pedir dinheiro, não vão aportar recursos, sindicalmente não resolve nada porque eles não têm empregador, não têm contraparte para negociar nada. “Ah, mas e o trabalhador precário?” filia no sindicato do lugar onde ele está precarizado!” Uber é informal, certo? Teve greve de Uber na França. A CUT Bahia filia dois sindicatos de moto-taxistas, não sou contra, sou a favor! - Com quem eles negociam? - Com as autoridades para ter as tarifas, etc. e tal. Então, nós temos que nos preocupar com a organização coletiva da classe para defender seus direitos, para lutar por eles quando não tem esses direitos. Motorista de Uber pode, sim, fazer um sindicato de motorista de Uber, entregador de pizza, por que não? Rodrigo Rodrigues, o atual presidente da CUT Brasília, me comentou outro dia que foram lá os entregadores de pizza de uma dessas ‘Rappi’ perguntar para ele: “Escuta!? Como é que nós podemos fazer um sindicato?”. E ele já deu o caminho das pedras! É ter criatividade para organizar as categorias que são mais precarizadas, mas é para lutar pela formalização de todo mundo.

A atual direção da CUT me preocupa muito porque eu não vejo nela aquela flama de tentar resolver os problemas. Eu vejo mais uma tentativa de tentar se adaptar ao Fórum das Centrais e o que é o fórum das centrais? São reuniões permanentes entre as cúpulas centrais, muitas vezes as decisões são tomadas sem que as respectivas executivas tenham sido consultadas. Para qualquer um de nós que tenha o mínimo de experiência na política, o consenso sempre beneficia as posições mais atrasadas. O que pode ser o consenso entre preservar a atual estrutura sindical – que está desmoronando a olhos vistos - ou apostar nos princípios originais da CUT? - Não tem consenso! Impossível! Então, acaba ficando girando em torno da estrutura que não dá nenhuma possibilidade, a não ser o “sonho de uma noite de verão” de que o Lula ganhando as eleições vai reestabelecer tudo de volta – que eu acho que não deve fazê-lo e acredito que não vá fazer. Então, o que vai sobrar do sindicalismo é quem tiver gana de reconstruir o sindicalismo pela base “amassando barro”; e como boa parte da direção da CUT foi criada nos anos de acomodamento à estrutura, eu não vejo muito “fogo nos olhos”. Me preocupa isso! Evidentemente que não vale para todo mundo, há exceções importantes - inclusive na corrente majoritária que dirige a CUT!, mas predomina um certo sentimento de que “quando nós não controlamos, não serve.” Então, há um medo, um pânico, por exemplo, nos dirigentes sindicais atuais de qualquer mobilização espontânea que ocorra na sociedade.



PAULO RENATO PAIM

Entrevista realizada em 28/08/2021

DURAÇÃO: 80 minutos

Ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas e Nova Santa Rita. Foi presidente da CUT-RS e secretário-geral da CUT Nacional. Foi deputado federal Constituinte e deputado federal por três mandatos. É senador da República pelo PT do Rio Grande do Sul em terceiro mandato (desde 2003).



Trajatória de vida e militância no movimento sindical

Meu Nome é Paulo Renato Paim, eu nasci em 15 de março de 1950. Então eu sou um jovem de 71 anos. E esse momento, claro, a gente vai fazer uma regressão da história. Eu comecei muito cedo... – Isso não é exemplo para ninguém, que ninguém comece assim. Eu, com 8 anos de idade - éramos 10 filhos, -pai e mãe ganhavam um salário mínimo, os dois eram operários, um na Gerdau e outro na Marco Polo. Com 8 anos, tinha um vizinho nosso que tinha uma fábrica de vaso de barro - era um artesão! -Aquelas figuras quase de história de conto de fadas! É como eu lembro dele! – Atílio Bovo já faleceu, muito querido ele. Ele disse: “Não, se tu quiseres vir pra cá...” -, “Tu vens pra cá, tu faz a bolinha de barro e eu faço a arte.” - Então eu me divertia fazendo as bolinhas de barro, mas na verdade ganhava um dinheirinho. Então de manhã eu ficava ali com ele, bem dizendo “brincando no barro” e ganhando um dinheiro que me ajudava muito com livro [da escola]. Eu aprendi desde cedo a ajudar a família! Porque não tem saída! Lugar de criança é na escola! - Isso não é exemplo pra ninguém, mas isso foi há quase 70 anos.

Fui para o SENAI fiz o curso técnico, no SENAI; então, no SENAI, me dedicava ali a esporte, oficina e aula. Entrei no SENAI, acho que foi com 12 anos que eu entrei no SENAI; depois, ali no SENAI, eu também acabei sendo presidente de sala de aula - que era comum naquela época. Mas, em seguida, eu fui para as fábricas como técnico já... Aí teve um episódio que marca um pouco, assim, o carinho que eu tenho, histórico, com negros e negras e o que eles sofrem. O professor estava dando uma aula, e ele disse: “Olha, você precisa entender que nós temos...” – em resumo, ele quis dizer

isso! – “Nós temos dois tipos de cidadãos: o negro e o branco. O negro é menos inteligente, menos capacitado, incompetente; porque a história de que vieram lá da África e ‘sei lá o que...’ – ele foi para o mapa e tal... – Eu já tinha toda aquela rebeldia natural e: “Hãhãhã! ((negativo)) - Não senhor! Nada disso!!!” - Só tinha acho que eu de negro na sala de aula! – “O que o senhor está dizendo é uma grande inverdade.”

Ó Paim, tu tens que entender que negro, nasceu pra arrancar paralelepípedo e tu não vai passar disso!” - Digo: “Veremos, a história há de contar!” – Disse: “Saia da aula!” - Digo: “Não vou sair. Eu não vou sair, meu direito é aqui! Você que está sendo intelectualmente equivocado se mostrando aqui para os alunos que você é preconceituoso e eu não vou sair.” – Aí, resumo: os alunos foram lá embaixo chamar a diretora - mas tudo do meu lado, né? - Como é que eles diziam: “Fica! Fica!” - Resultado: desceram, chamaram a diretora, contou a história e (eu me lembro da diretora): “Não. ele não vai sair não. Ele vai ficar aqui...”.

Em seguida eu vim para Porto Alegre. Com vinte e poucos anos, até casado já, vim pra Porto Alegre e é aí que entra o mundo operário, digamos, da liderança sindical. Não é “liderança”, entrei no movimento sindical. Eu nunca gosto de dizer que a gente é “uma liderança”, a gente é “um a mais” nesse movimento que conseguimos ocupar um espaço e fomos soltando. Aí vim para Porto Alegre, vim trabalhar no Vale, que já fechou, aí depois eu entrei no grupo Tramontina - até hoje minha carteira está lá no grupo Tramontina!

E eu vim para o Tramontina, eu tinha o curso técnico e ali, me lembro um dos primeiros episódios que começa pra não alongar muito, é que a CIPA, estava tendo alguns acidentes lá, e aí me chamaram: “Paim, sabemos da sua liderança, tu não quer participar da CIPA?” Aí eu digo – “Eu participo, mas não no sistema que é hoje, porque hoje quem elege o presidente é a empresa e o vice é eleito pelos trabalhadores; agora, vamos botar em votação, elege o presidente e o vice.” – Aí (já faleceu o diretor, que eu gostava muito dele) o diretor, que era um dos proprietários, ele disse: “Não, tudo bem! Vai lá e vota e vamos ver o que é que vai dar! E quem ganhar, ganhou - e assume!” - -Aí votamos, ganhei, fui eleito presidente, aí comecei a ser presidente da CIPA do grupo Tramontina Forjasul (Canoas). Em seguida o pessoal diz: “Paim, vamos lá no sindicato pra conhecer o sindicato?” Eu não conhecia e disse: “vamos!” - Aí cheguei no sindicato [em Canoas] e comecei a participar, achei interessante - está no sangue, não tem jeito!

Resultado: depois daquilo, em seguida – e aí nunca vou me esquecer do professor Adair - não sei se vocês lembram; era mais ligado a ADS -, professor Adair⁸⁸ – ele, Carlos Araújo e Dilma - PDT e PT! - foram na Forjasul e me convidaram para ser [candidato a] presidente do sindicato. Por isso que todo mundo sabe que quando eu falo de Dilma eu tenho um carinho enorme pela Dilma! Foi pelas mãos da Dilma e Carlos Araújo que cheguei à direção do sindicato.

Vamos ganhar esse sindicato?!” - “Topo!” Aí a Eunice entrou na chapa, o Clóvis, o Jorginho (que já faleceu), o Padre (que já faleceu), o Miltinho, o Freitas,- que infelizmente também faleceu; aí, enfim, criamos a oposição sindical – Seu Lauro! É que não dá pra citar todos – criamos uma oposição sindical, foi tranquilo a escolha da chapa, foi unânime. E ganhamos disparado as eleições! Em seguida é realizado aqui no Rio Grande do Sul um congresso para nós caminharmos para a fundação da central.

A CONCLAT

Na CONCLAT eu não estava. A primeira CONCLAT eu não estava. Daí caminhamos aqui para organizar isso. Daí organizamos e eu fui eleito presidente da Central Estadual de Trabalhadores do Rio Grande do Sul - mas unanimidade! Foi tranquilo! Então fui eleito dali a 3-4 anos eu já estava na central e em seguida sai o congresso da CUT [referência ao congresso de fundação, em 1983]. E nós fomos para o Congresso da CUT. Aí mais ou menos, rapidamente eu situei aí a entrada no movimento sindical - coordenador do movimento sindical gaúcho, via CET (Central Estadual dos Trabalhadores), que unificava todo mundo; e daí quando vai para aquele movimento de criar centrais, liderado naturalmente pelo Lula e pelo Meneguelli, Vicentinho, aquele povo todo, então nós fomos! Fomos para o evento da formação da CUT. Fomos lá com uma delegação muito boa, nós éramos muito bem organizados! Na nossa delegação estava o Olívio Dutra! E Olívio Dutra era o “bam-bam-bam” na história. O Olívio numa boa, todo mundo junto e tal! E aí chegamos lá na hora da composição – essa história o Meneguelli lembra e o Lula também lembra! - daí na hora dá composição de quem ia ser a cabeça da chapa: Meneguelli, unanimidade, Avelino (unanimidade). - E o secretário geral? - Aí tinham 10 candidatos, todos fortes! Aí o Lula e o Olívio – que estavam ajudando na coordenação,

88. Adair Barcelos, FASE-RS.

o João Paulo [Pires Vasconcelos] também ajudava, mas nenhum deles era candidato, estavam ali só para nos empurrar, que éramos um pouco mais... que estávamos chegando... Nem é questão de idade, mas estávamos “chegando agora” no movimento, aí eu ‘não-sei-o-quê’ que tem, mas tinha um candidato, não sei de onde saiu esse candidato (e eu não sei de onde saiu, se era de São Paulo, se era do Rio de Janeiro) que era muito forte - eu não me lembro nem o nome! - E í eles chegaram e: “Paim, assim, assim... Eu acho que vamos colocar ele.” - Eu digo: - “Ah, bom! vamos reunir a minha delegação.” - Eu era muito metido, não? “Vamos reunir a delegação. A ‘minha’ delegação!” - Como se eu fosse dono da delegação! - Aí reuni a delegação, chegamos lá e dissemos: “Não! O candidato tem que ser tu! Se não for tu... Vai dar problema.” - Aí fomos! O Olívio só acompanhando, mas o Olívio era muito... - Vocês sabem que o Olívio era muito didático, né? Ele é muito de deixar a moçada decidir. - Aí fomos pra lá. - Chegamos lá e dissemos: “Olha...” - “pá-pá-pá”... e foi lá e “a decisão foi essa.” Eu me lembro como se fosse hoje! Eu estava no grupo, eu estava com o crachá no peito, daí disseram: “Não! A decisão vai ser de boa, eu acho que é democrático. Mas eu me dou o direito e eu estou me retirando.” - Quando eu fiz “assim” ((gesticula ‘rasgar papéis’)) eu ouvi: “Para com isso negão! Não tem o que fazer!” (risos) Tô contando porque foi bonito, né? - Aí o Olívio entrou e o Lula também entrou, e o Meneguelli também e: “Não, Paim! Calma rapaz! Te acalma. Tu és gaúcho!!!” - Como é que chama? - “Faca na Bota!” - Eu digo: “Digo não, foi uma decisão de lá! A decisão foi essa.” -- Resultado: em 5 minutos nós entramos, conversamos, o outro candidato - inclusive muito generoso, não me lembro qual é o nome! - “Não, que nada, me bota aí de segundo secretário, tesoureiro - qualquer coisa!” Ele foi muito generoso, o outro candidato que tinha. Fomos para o plenário, enfim, foi tranquilo, todo mundo falou legal lá.

Eu me lembro, de o Lula fazer um discurso, como sempre, histórico! O Olívio também! - Foi muito bonito! E conseguimos unificar todos, né? todo o seguimento que estava lá e, a partir daí, vamos tocar a vida, né? - Aí, em seguida eu acho que houve aquela greve geral e eu fiquei encarregado de coordenar aqui no Rio Grande do Sul. E eu, então, vim, naturalmente, como secretário geral, fiquei aqui e eu me lembro que fizemos uma assembleia no Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas naquela noite, greve geral, e nós “a mil”. E decidimos que iríamos de Canoas a Porto Alegre a pé. E aí saímos de Canoas a Porto Alegre a pé, acho que deu umas duas horas saímos daqui, em torno, de 5 mil, e chegamos na Farrapos estávamos em torno de 20

mil pessoas já juntas, mas em frente ao palácio já estava lotado! Na época da ditadura – calcula! Era: “liberdade, liberdade, liberdade!” - E eu achei bonito que, quando nós entramos na Farrapos, o pessoal jogava confete dos edifícios - o pavão mesmo! – O povo!

Na época, independente do CONCLAT, mas depois veio a fundação da CUT e participamos muito daqueles eventos - calculo os eventos: um ENCLAT em cada estado. E nós conseguíamos unificar para fazer um debate de que estrutura sindical nós queremos. Todo mundo vai caminhar para isso! Está todo mundo querendo. Não é saudosismo dos ENCLATs, mas é um método como aquele: faz um grande evento nos 27 estados, um em cada estado, organiza os delegados a partir dali – eu estou apenas repetindo a história – para um grande evento nacional e, a partir dali, você sai com uma proposta concreta para apresentar ao presidente – que vai gostar, porque é algo que veio de baixo para cima: “O quê que nós achamos que o movimento sindical brasileiro pode contribuir para o nosso país.” – Não é para o governo! – Para o nosso País, para o nosso povo, para nossa gente e, principalmente, para os assalariados.

Diretas Já, Constituinte e participação do sindicalismo

O pessoal realizou aqui no Rio Grande do Sul um congresso de trabalhadores e trabalhadoras unificado para discutir a Constituinte e ali eles resolveram que iriam tirar dois candidatos à Constituinte - por isso que eu entrei na política! Eu não era afiliado a partido nenhum até esse momento. O meu nome e o nome de um outro amigo - amigo mesmo! – que já faleceu, que era o presidente da Federação dos Metalúrgicos do Estado do Rio Grande do Sul que era o Waldomiro Olsen e, na hora da fala dos dois, pra ver se iam os dois ou iria só um – eu, por mim poderia ir os dois! mas o Waldomiro Olsen, com uma grandeza, digamos, dos grandes líderes, ele fez o seguinte discurso: “desses dois, não vai eleger nenhum! Estamos disputando com todo mundo. Agora, se nós centrarmos fogo em um só, nós vamos eleger o nosso!” - E aí, no caso, na visão dele poderia ser ele ou eu. Daí ele disse: “Então aqui, de pronto, eu quero abrir mão. O Paim é um pouco mais novo, tem mais pique – que precisava ter! Eu me comprometo viajar com ele, ajudar dentro do possível com a estrutura que vai se construindo com o tempo.” E, resultado: ele abriu mão e eu assumi e aí, o discurso que me pediram lá de baixo que era 90% metalúrgico (embora [tenha sido] um congresso mais amplo) que eu ia lá pra defender os metalúrgicos. - Eu digo:

“Não, então não quero. Eu só vou se for pra defender as causas do nosso povo.” Aí falei aquela frase: “Vou lá pra defender negro, índio, idoso, criança, adolescente; branco, negro, quilombola, independente de categoria! Vou entrar no campo das causas dos trabalhadores e trabalhadoras de setores vulneráveis.” Fui aplaudido! Fui aplaudido tranquilamente e, então, fui indicado. Aí fui indicado para ser candidato a deputado... Por isso que eu virei deputado federal constituinte. - Não tinha dinheiro, a peãozada também não tinha... Bom, mas daí eu saí com o apoio de praticamente [todo] movimento sindical gaúcho. [Havia] três candidatos fortes no nosso campo: eu, o Olívio e o Tarso Genro. Fizemos uma campanha unificada - belíssima campanha - um defendendo teses semelhantes e em resultado: o Olívio foi o mais votado, eu fui o segundo mais votado e o Tarso veio coladinho, praticamente, em nós ali. Que é um grande quadro, né? - É inegável! Mas o Tarso com muita grandeza foi lá nos cumprimentar ficamos juntos. Foi bonito. E aí, em seguida, eu fui então para deputado federal constituinte com Olívio, com Lula, Benedita, Genoíno - então era um time muito bom! O João Paulo Pires Vasconcelos.

Só para dizer que, lá no congresso [constituinte], graças [ao apoio] da executiva da CUT eu fiquei representando o PT na Comissão do Trabalho, que era onde mais tratava com o social. Havia três indicações: o Lula, o Olívio e eu. - O Lula, de cara, abriu mão. “Não. Eu não posso.” Mas aí não quis dizer o nome, né? Mas aí eram 3 indicados, o Olívio: “Eu também não posso, eu vou ficar na coordenação mais geral”. Aí os dois me indicaram pra ser o representante da comissão que eu tanto queria.

O João Paulo Vasconcelos também [era da comissão do trabalho na Constituinte], o João Paulo é um parceiro meu de todas as horas! - Falei aquela historinha do ‘direito de greve’. O Direito de Greve, na hora de escrever na constituição, “fala com o Lula, fala com o Olívio, fala com o Covas...” E daí para nós é fundamental e ali diz: “olha, ali o Ronan Tito⁸⁹ é o relator, mas nós podemos fazer uma ponte pra vocês [irem] lá (é em Minas, se eu não me engano, Minas!) em Minas falar com ele.” - Aí ligamos pra ele e: “ah, eu tenho um teco-teco aí...” - teco-teco é um aviãozinho, né? - “Eu peço pra ele trazer aqui a gente conversa vocês voltam e veem como é que fazem.” - Eu e o João Paulo, loucos de medo os dois, porque era o teco-teco mesmo, né? que aquela coisinha ia “assim” e: João Paulo, e agora? - “Ah,

89. Ronan Tito. Ex-deputado federal pelo MDB de Minas Gerais entre 1979 e 1987, senador constituinte pelo mesmo partido de 1987 a 1995.

não vai dar nada! Vamos embora!” - Desceu aquele teco-teco lá na fazenda dele enfim e ele nos tratou muito bem, dialogamos amplamente, nós três acertamos a redação do direito de greve. Daí voltamos, chegamos lá: “Olha, missão cumprida!” - Daí eu me lembro que... Eram mais os contatos nossos, era mais o Covas, o Lula mesmo e o Olívio, que nós tínhamos relações mais diretas. Claro, tinha acesso a Ulisses Guimarães, esse povo, eles eram muito acessíveis, o Nelson Jobim também, o próprio José Fogaça, que foi um dos [relatores] da Constituinte, mas muito acessível. Enfim, fala com “os capa” lá, que eram os famosos “capas”, nós éramos do segundo time, e eles disseram: “olha, você tem que falar com o Jarbas Passarinho. Ele é quem lidera o Centrão, se ele entender que esse texto que vocês estão aqui, que nós sabemos que não é o ideal, mas é bom, está feito o jogo.” - E lá fomos eu e ele! Ligamos, eu e o João Paulo, ele concordou em receber, ele pegou o texto - eu nunca me esqueço! - um textinho mais ou menos... um textinho “assim”, não mais do que isso aqui! Pegamos “esse tamanho” de texto, algo assim: uns 4 dedos de texto. Ele pegou, olhou, leu, mas eu acho que em 3 minutos ele disse: “Bom, o texto é bom.” - Avisa lá o Lula, o pessoal de vocês lá que eu vou defender. Chegou no plenário defendeu, Mario Covas defendeu, o Lula também se posicionou - claro, porque era um cara importante para a liderança - foi aprovado por unanimidade. Esse eu me lembro do João Paulo e o turno de 6 horas! -Se existe turno de 6 horas, nesse país, tem que ser lei João Paulo Pires Vasconcelos.

Sindicalismo e luta por direitos

Eu acho que a própria história da CUT foi nesse sentido: da importância da central ampliando da melhor forma possível a forma de atuar, quer seja junto ao sindicato, federações, confederações, unificando o mais que ela conseguisse e, ao mesmo tempo ser porta voz da sociedade junto a outros setores, seja empresariado, sejam os próprios governantes. E a CUT foi se solidificando nesse aspecto e ela foi cada vez mais entendendo que muito mais que uma central de orientação sindical, ela tinha que interagir com a sociedade nos grandes temas e foi daí que a CUT foi se solidificando, ampliando e foi, inclusive, entendendo que alguns quadros tinham que sair e ser candidatos a deputado federal, estadual, senador, governador - para mim vereador, prefeito... Não tem problema, não é escala de hierarquia aqui de cargo, mas da importância da participação nos espaços de poder, e aí que a CUT cada vez mais amplia, então, o seu debate, e cada vez tem

mais força, né? E por isso que nós estávamos lá: eu, Vicentinho, Meneguelli e outros tantos, participando daqueles espaços; Lula presidente, claro! - Porque foi um grande momento da nossa história. É inegável isso! Pode falar o que quiser, mas eu diria que para nossa geração é: antes de Lula e depois de Lula, para nossa geração. - Lá atrás, teve o papel do Getúlio, que eu sempre considero também no aspecto da CLT, (e tudo aquilo que eles estão arrancando leis de lá), mas é inegável que nós avançamos. A questão do salário mínimo - nunca esqueço! - Eu, já como Deputado Federal, viajei o Brasil todo, fui aos 27 estados fazer o debate do salário mínimo e a inflação era o dobro do PIB! E essa era a proposta que nós defendíamos, e concentrar as delegações e confederações, mas sabíamos que quando você pega o dobro do PIB (como bom sindicalista, né?), é que no fim passasse a inflação mais PIB. E foi exatamente isso que as centrais concluíram e negociaram com Lula e Dilma: a inflação mais PIB e nós aprovamos no Congresso por unanimidade. Mas o papel das centrais aí foi fundamental!

Eu tenho na minha cabeça isso: alguém me pergunta, “ah, mas como que tu fez para resistir 40 anos?” - Porque vai fechar 40 anos, né? - “Entrou e nunca saiu.” - Saiu uma pesquisa, recentemente, lá da consultoria, eu me tornei o único parlamentar (e não é que seja mérito meu, mas é por causa da vida!), que entrou e nunca saiu do parlamento até os dias de hoje. Tiveram uns que entraram e saíram para ser presidente da República, governador, prefeito, para ser estadual e voltaram de novo para lá; mas o único, segundo o estudo deles... Ainda botam: ainda, por cima, negro! - É uma coisa rara um negro que consegue ser o único.

Eu sempre me preocupei em discutir as causas e não as coisas e nem a levar o foco para um lado que eu sei que a massa não iria assimilar, porque não é o dia a dia dela. O que a massa assimilava nos meus mandatos todos? - É a luta pelo salário mínimo, pela condição de jornada, até a questão do imposto de renda, por exemplo, que todo mundo sabe que a classe média é assaltada por esse imposto de renda nessa país; a questão da saúde; a questão da previdência - quem é que não quer se aposentar? - É isso! O sindicalismo que nós queremos, que vai se somar a todos os partidos que caminham junto com a gente e que queiram fazer essa transformação para melhorar a qualidade de vida. Tem que olhar assim: o que o nosso povo está sofrendo? - Você viu o custo de vida agora, que loucura isso! Porque, na vida, eu aprendi um pouco o seguinte: você não consegue estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Ou tu fazes bem uma coisa ou faz bem outra. Então, quando eu entrei para o Parlamento, eu disse: eu vou

trabalhar no parlamento. – É lei para cá, é lei para lá; é abrir portas; é usar o mandato para que realmente a qualidade de vida do nosso povo melhore de forma direta; e claro que eu saio da organização sindical. Eu me afastei da organização sindical. – E não é que não me convidaram! – Me convidaram! – Eu digo: olha, não dá! Eu não vou estar lá e o pessoal votando aqui. – E que nem me perguntaram: “quantas vezes foi as viagens para o exterior, como congressista?” – Sabe que tem viagem lá todo dia, para onde eu quiser ir! – Para Israel, para Rússia, para Cuba, para os EUA, para França – vem para os parlamentares. – Eu digo: eu não vou para lugar nenhum! – Quando eu estiver lá na França, o pessoal vai estar votando aqui; se eu estiver lá na Rússia, estão votando aqui. – Eu nunca aceitei! – Praticamente, nunca fui.

Para dizer que não fui, fui à África do Sul para uma missão – fui eu, Benedita... Nós éramos constituintes ainda. Na Constituinte tivemos como missão ir lá e exigir a libertação do Mandela. – E fomos para cima deles mesmo! Fomos a Soweto, fomos a Pretória, fomos à Johannesburgo - e fomos recebidos pela Winnie Mandela e foi muito importante. Foi uma das poucas viagens que eu fiz. Uma das poucas.

Eu tenho me pautado mais para ficar no dia a dia dos embates aqui do Congresso. Eu tenho aprovado muitas leis... Aí vem um jornalista e fala: “mas como tu aprovas tantas leis?” – Porque eu fico em cima! Eu sou chato, eu pego e não solto! Posso perder! Perco, às vezes, também. Perdi e ganhei! – E, quando eu digo “perdi e ganhei”, não sou eu, mas as causas do povo. Tivemos vitórias e derrotas. Mas como eu digo que as causas nunca morrem e que, no fundo, elas nunca perdem, porque elas ficam vivas na alma e no coração do povo, então ela continua sempre na busca da vitória. Mas me dediquei muito a ficar no Parlamento.

Desafios atuais à ação sindical e perspectivas

Eu cheguei esses dias, vejam bem, a reproduzir um vídeo do Biden, o atual presidente dos EUA, onde ele faz a defesa do movimento sindical! – Vocês devem ter visto! Ele faz uma defesa e eu reproduzi e mandei para frente, para acordar a “direitona” nesse país. Ele fala da importância do movimento sindical no conjunto da sociedade, [tanto] para o empregado [quanto] para o empregador – aquela história do “grande mediador dos conflitos”, não? Quem melhor que um sindicato para mediar? A barbárie é onde não tem sindicato que consiga fazer com que esse diálogo exista. Acho que nós todos temos que apontar e construir caminhos [para] garantir a estrutura

sindical para que se faça a política de proteção, principalmente dos mais vulneráveis, dos mais pobres. Claro que um grande sindicato, uma grande central – sei lá! – tem outros meios; mas 90% não têm. – Hoje o sindicato vende o prédio, vende o carro... tem cara vendendo até sua casa, para sobreviver, de uma forma ou de outra e inventar alguma coisa. Para mim o movimento sindical tem que enfrentar esse debate sem medo, sem receio!

Eu estou convencido que o movimento sindical, sem estrutura, não vive! Não tem como! Então temos que caminhar – claro! – defendendo as grandes causas; entender que hoje é tudo por aqui ((internet)) praticamente; nós estamos aqui conversando agora e poderíamos estar conversando lá na Rússia, até por esse computador, não? Mas é tudo rede social, é computador, é whatsapp – enfim! Hoje em dia, se você articular direitinho, pelo whatsapp tu podes fazer uma convocação de 100 mil trabalhadores dentro das fábricas. Ora, por que não fazem uma grande... Quase que uma grande “central de informação” do movimento sindical, onde cada um iria arrecadar a informação em uma ação técnica, social, rede social, em um telefone, whatsapp? A gente entregava boletim na porta de fábrica. Boletim na porta de fábrica, já era! Os ônibus hoje entram [na empresa]! Como tu falou mesmo agora, hoje pelo computador é que [se] faz tudo. Vai ter muito trabalho em casa. Você pode ter, como nós temos agora – eu estou trabalhando em casa e trabalho mais do que antes! Nunca trabalhei tanto como trabalho agora, tanto que não faço mais live! Digo: live, não faço mais! Faço reuniões de trabalho. Gravo vídeos, e aí eu vou tocando a minha vida. Com vídeo, eu pego aqui, gravo 20 vídeos em 1h, digamos! E eu gravo mesmo! Porque são vídeos curtos. E as 21h eu mando para todo o Brasil, para quem me pediu; agora, se eu for participar de live, não dá! Eu acho que as novas tecnologias, robótica, cibernética – enfim! As redes sociais, como temos aqui agora! O movimento sindical tem que entrar nisso! Tem que entrar! Não tem como!

Então eu estou com a relatoria do que eu chamo “A Nova CLT”, para discutir com o Brasil todo exatamente a pergunta que você fez: que sindicalismo nós queremos? Como vai ser o mundo do trabalho? Como vai ser a relação do sindicato com os trabalhadores, como vai ser a carga horária? Como vai ser o trabalho virtual que, amanhã ou depois... – Não tenhamos dúvida! Hoje eu diria que, 30% não voltarão mais para o sistema antigo! – Foi o que me disseram. – No mínimo, 30% de cada 100 que trabalhavam presencial vão trabalhar virtual.

Então, eu acho que nós temos que ter esse olhar amplo, coletivo – queiramos ou não! – dos novos tempos, né? Tudo muda! – Tudo muda! – E, como tudo está mudando, como é que a gente vai se comunicar com os trabalhadores no seu local de trabalho? – O seu local de trabalho pode ser a casa dele, pode ser o clube! Ele vai para a beira do clube dele e fica no computador lá, trabalhando – por exemplo. – Se comunicar diretamente pelas redes sociais. Eu acho que é muito isso que vamos ter que avançar e nós, no Congresso, temos obrigação de construir uma legislação que garanta – como garantimos! – a estrutura para os partidos, como garantimos para OAB, como garantimos para o Sistema S – e falávamos, inclusive, dos partidos. Todos eles têm estrutura via congresso! – Por que o movimento sindical não pode ter um formato equilibrado, tranquilo, que garanta a vida política sindical para melhorar a vida da nossa gente?

Quando eles fizeram esse desmonte no movimento sindical, eles sabiam onde é que eles tinham que atacar. Tiraram toda a estrutura! Hoje tu não tens carro de som, tu não tens um carro para ir na porta de fábrica, se tu quiseres; no refeitório, ir conversar com os trabalhadores, e não tem estrutura nem pelas redes sociais!

Só ter esperança e torcer e sonhar, não resolve! Tu tens que acreditar – eu sempre pautei assim a caminhada: acredita que dá para chegar. Se acredita que dá para chegar, então eu tenho que acreditar que dá para transformar. E dá para transformar de baixo para cima, desde que você se sinta amparado por espaços na sociedade, como o próprio congresso, o executivo, com propostas como essas que vão garantir uma estrutura sindical. Eu reuni, recentemente, um fórum de todas as confederações e a pergunta que eles queriam era essa: e daí, Paim, o quê que tu sugeres para nós? – Aí eu entrei nessa linha do papo que nós estamos batendo aqui...

Tem o Fórum das Confederações e o Fórum das Centrais. Ontem estava o representante do Fórum das Centrais, mas eu também puxei o Fórum das Confederações para caminharmos juntos. Não quer dizer, inclusive, que a maioria das confederações não esteja dentro das centrais. Porque ali naquele fórum diversos, maioria, está na CUT, inclusive. Mas, eu fiz questão para chamar todo mundo. Todos os setores da sociedade estavam representados. Eu acredito que dá sim, para fazer! Tem que acontecer uma grande transformação no movimento sindical brasileiro e é possível de acontecer. E olha, eu ainda acho que, como eu sou muito dessa visão (e por isso o PT foi criado), que passa pela política, nós, ganhando as eleições ano

que vem, – tomara que, o que vai ficar gravado, eu possa dizer: “viu, como eu tinha razão?!” ((risos)) Depois de muita reza, né?

Depois de tudo o que nós passamos, tivemos o velho sindicalismo, queiramos ou não, a partir de São Bernardo, veio o novo sindicalismo para o seu tempo, que já passou um tempo, agora nós temos que entrar, de fato, em um outro ciclo das nossas vidas com esse sindicalismo dessa época de tanta transformação, de tanta tecnologia, de tanto trabalho como esse que estamos aqui, construindo, não é verdade! - Vocês, em cada parte do Brasil e eu aqui do interior do Rio Grande. – Eu acho que é possível, sim, construir e vamos construir, mas passa por todos nós que somos militantes das grandes causas – eu digo “todos nós” porque eu acredito que somos! Que a gente entenda a importância do processo eleitoral do ano que vem. É mais importante entender o processo eleitoral do ano que vem do que nós acharmos que, até o final do ano, aqui, vamos resolver. Até o final do ano não vamos resolver! Podemos avançar alguns passos, mas o grande foco, o grande palco, para mim, de transformação do nosso país, não só do movimento sindical, se chama: 2022. Eu espero que 2022 entre para a história como ano da grande mudança.

ROSIVER PAVAN

Entrevista realizada em 06/09/2021

DURAÇÃO: 30 minutos

Foi dirigente da APEOESP. Foi secretária de Imprensa da CUT Nacional, que foi transformada em sua gestão em Secretaria de Comunicação. Foi também secretária de Políticas Sociais da CUT. É ex-presidente da FUNDACENTRO.



Trajetória de vida e militância sindical

Me chamo Rosiver Pavan. Conhecida como Rose Pavan no movimento sindical. Nasci em Ibitinga, uma pequena cidade do interior de São Paulo e lá fiz toda a educação até o ensino médio, depois eu fui estudar, fazer universidade na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araraquara – que ainda não era Unesp. Então eu comecei a militar, digamos, nas hostes da esquerda já na década de 1970. Me formei, vim pra São Paulo e comecei a dar aula em Osasco e, ao começar a dar aula em Osasco, ainda na ditadura militar, eu criei algumas coisas. Aí eu comecei a atuar na APEOESP: havia o Movimento de Oposição Aberta na APEOESP e o MUP (Movimento pela União dos Professores), havia esses dois grupos, o MOAP era coordenado pelo MEP e o MUP pelo Trabalho, então duas correntes que atuavam. Eu, no começo, era muito independente, mas em 1978 teve a grande greve dos professores e eu acabei virando uma liderança. A gente se organizava em regiões e elegia um comando da greve e eu fui eleita na minha região para uma assembleia regional, que era numa igreja do Jardim Miriam, que tinha um padre italiano que nos acolheu e eu fui para o comando de greve. E então toda essa greve foi muito importante na minha formação, sem dúvida.

A CONCLAT

Eu fui para a CONCLAT na Praia Grande, eleita em assembleia da APEOESP e lá eu já defendi que aquela CONCLAT organizasse a CUT. - Não aconteceu, mas de lá saiu a Pró-CUT, com o objetivo de chamar o congresso, aí não mais “conferência”, mas um congresso de formação da

CUT. Eu não participei desse congresso, porque no meio desse caminho eu tive um filho e não tinha com quem deixar, eu não fui ao congresso de fundação da CUT, mas aguardava isso, que fosse fundada a Central Unitária dos Trabalhadores. Por que eu falo central unitária? - Na época eu falava 'Central Única', mas depois de algum tempo, eu achava que era melhor a Central Unitária. Por quê? - A CUT fazia a unidade dos trabalhadores do campo e das cidades e da rede da indústria, de comércio e dos serviços públicos que eles achavam mais interessante - acho até hoje que a CUT foi a Central Unitária dos Trabalhadores.

Bom, por que eu saio então da CUT? - A APEOESP estava indicando o companheiro João Felício para vir para a executiva e eu achava que não cabiam dois diretores da APEOESP na Executiva Nacional, que era, enfim, representante dos vários setores e fazia um tempo, então embora alguns companheiros achassem que eu devia ficar, eu dizia: "não comporta, a CUT não comporta dois dirigentes da APEOESP, eu vou fazer outra coisa."

A agenda sindical no período

Eu sei que a gente defendia uma estrutura de sindicato livre, com financiamento discutido pela própria base, portanto, sem o imposto sindical, mas isso meio que se perdeu, o imposto está aí até hoje. Foi a direita que tirou. Mas com isso, não se criaram as condições em uma discussão pela base, das formas [para] o financiamento do movimento sindical. A estrutura vertical, que não foi aprovada como a gente propunha e a negociação coletiva que também não foi aprovada como a gente propunha.

A participação feminina na construção da CUT

E lá em Belo Horizonte eu fui eleita para a executiva da CUT [III CONCURTO - 1988]. Aqui eu preciso fazer uma correção: eu não fui a primeira mulher dirigente da CUT, fui a primeira mulher com cargo de secretária, ou seja, que decidia no dia a dia as questões da CUT. - Isso é importante porque muita gente fala: "A Rose foi a primeira mulher!" - Eu não fui a primeira mulher. Eu fui a primeira mulher a ocupar uma secretaria e que, portanto, participava no dia a dia da CUT e no dia a dia das duas - da executiva e da direção da Central. Bem, eu fui secretária, fui eleita como secretária de imprensa e aí, uma coisa que eu acho interessante, é que, me organizando com o pessoal das secretarias estaduais, nós conseguimos uma coisa

que eu considero muito importante, que foi: transformar a Secretaria de Imprensa em Secretaria de Comunicação. - É muito maior...

O III CONCURTO

Bem, aí eu continuei militando na APEOESP, fui da diretoria da APEOESP e fui uma das redatoras da Tese 10 - a famosa Tese 10! - que pautou toda a gente da Articulação que, naquela época, era conhecida como Articulação dos 113, mas que tinha como guia a Tese 10. Era subindo no palanque: “falo em nome da tese 10!” - para ganhar proposta, pedir voto para a Articulação Sindical.

Fui também uma das redatoras da tese que foi guia da Articulação no 4º CONCURTO. Então eu já era da executiva no 4º CONCURTO que foi aqui em São Paulo e também foi um processo difícil. Tinha muita divergência não na Articulação, mas com as outras forças. Teve uma briga que foi muito feia, me marcou muito, mas eu fui reeleita para a executiva, não mais na Secretaria de Comunicação, mas na Secretaria de Políticas Sociais, que ao meu ver, foi uma coisa muito importante. Porque essa Secretaria cuidava das questões da cidadania da classe trabalhadora, da saúde, da educação, da questão ambiental – enfim! Dos vários temas vinculados à questão da cidadania. Foi muito rico, nós construímos vários grupos de trabalho. Então, a secretaria era muito dinâmica, tinha 10 grupos de trabalho todos os dias com mil discussões, muito acúmulo, muito presente, eu acho. Foi um pouco da minha contribuição para a construção da CUT e da CUT cidadã, que cuidava não só do salário, mas que cuidava de todos os aspectos da condição de vida dos trabalhadores e das trabalhadoras.



ARMANDO SOBRAL ROLLEMBERG

Entrevista realizada em 09/09/2021

DURAÇÃO: 84 minutos

Ex-presidente da FENAJ. Fez parte da Comissão Nacional Pró-CONCLAT.
Foi um dos fundadores da CUT. Faz parte do Conselho Deliberativo da
Associação Brasileira de Imprensa – ABI (mandato 2022-2024).



Trajetória de vida e de militância no movimento sindical

O meu nome é Armando Sobral Rollemberg. Jornalista aposentado, tenho 69 anos. Sou sergipano de Aracaju, mas moro em Brasília desde 1960. O meu pai era deputado federal por Sergipe... então, com a mudança da capital, viemos do Rio para Brasília. Eu ia completar 8 anos. Portanto, sou um tanto quanto brasiliense, além de sergipano.

Entrei na política pelo movimento sindical. Eu, Hélio Doyle, Carlos Marchi, Osvaldo Morgado ... fomos os articuladores, aqui, da chapa Sindicato Livre. Resolvemos enfrentar a pelegada. E elegemos Carlos Castelo Branco para a presidência do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF. Como éramos muito jovens, puxamos o Castelinho para a cabeça da chapa, e, como vice, registramos o também veterano Rubem Azevedo Lima.

Foi assim que nós ganhamos a direção do Sindicato dos Jornalistas de Brasília, no final dos anos 1970.

Bom, aí, o que aconteceu? Essa nossa vitória no DF foi importante não apenas no plano local, mesmo porque fez parte de um processo de renovação de alguns sindicatos dos jornalistas importantes, como os de Rio Grande do Sul, São Paulo, além de outros. Foi então que começamos a nos movimentar para conquistar a FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas. E, afinal, despejamos a pelegada mais uma vez, só que desta feita no âmbito nacional.

Foi o meu primeiro mandato na FENAJ, como tesoureiro.

A agenda sindical no período

Greve geral dos jornalistas

Tenho uma história para contar, específica, da qual também me orgulho muito. Durante a greve geral aqui em Brasília nós conseguimos uma mobilização inédita em nossa categoria. Tanto que, no dia seguinte, pela primeira e única vez na história, nenhum jornal circulou no Distrito Federal.

Mais do que isso! - Como tínhamos uma gráfica atrás do sindicato, nós nos mobilizamos, e, durante a madrugada, editamos um jornal / panfleto de uma página só, cuja manchete foi: “Hoje não tem jornal.” Como tínhamos o mapa de todas as bancas do DF, varamos a noite distribuindo o nosso “furo de reportagem”, gratuitamente, pelas bancas da cidade.

Fiquei na tocaia no estacionamento da TV Globo, à espera da turma do “Bom Dia Brasil”. Quando o Monforte, o Carlos Monforte, que apresentava diariamente as manchetes do dia, chegou, eu o abordei: “Monforte, Monforte, hoje não tem jornal. Mas nós queremos que você apresente esse nosso material.” - Ele tomou aquele susto. “Mas que história é essa?” - Eu disse: “Nós estamos em greve geral... e a greve é um sucesso, tanto é que não saiu jornal. Tens aqui o nosso panfleto com o título histórico: “Hoje em BsB não tem jornal”

Também gostaria de comentar o seguinte: eu trabalhava no Correio Braziliense, quando fui eleito para ocupar a presidência da FENAJ. Fiquei semi-liberado do expediente, com o compromisso de fazer uma reportagem especial, a cada 15 dias. Bem, para quem não conhece Brasília, o Correio Braziliense fica situado quase ao lado da sede do Sindicato dos Jornalistas, quase vizinhos. No dia da greve geral, eu estava indo para o sindicato quando percebi uma certa agitação no piquete formado por grevistas, na porta do Correio Braziliense O motivo era o aparecimento de uns caras, na parte interna do jornal, mascarados, portando cabo de aço e torniquetes, prontos para a briga....: “Olha esse cara ali! Estão nos ameaçando com o cabo de aço” e tal e coisa. - E eu, simultaneamente, o presidente da FENAJ e era funcionário do Correio Braziliense. O que eu fiz?

Avistei, parado, um fusquinha da PM ... fui lá onde estavam os dois policiais e lhes disse: “Olha, eu sou o presidente da Federação Nacional dos Jornalistas. Ali, na entrada do jornal, está acontecendo um crime: tem gente com cabo de aço, com não-sei-o-que, ameaçando os que

estão ali, pacificamente reivindicando... É obrigação de vocês irem lá e darem o flagrante, - não é mesmo?” - E os caras ficaram ali meio intimidados, sem saber o que fazer, e não fizeram nada. Pelo contrário. Mostravam-se hostis, contra o piquete. Eu, então, resolvi procurar diretamente o governador José Aparecido de Oliveira, que era meu amigo. Ele me recebeu. Expliquei, descrevi a situação... Ele, então, solidário, concluiu: “A minha polícia não é guarda pretoriana de grupo nenhum” ... E, na minha frente, ligou e desmobilizou a polícia... aí o piquete cresceu ... e nós conseguimos a façanha histórica: Naquele dia, não circulou jornal em Brasília! -

Em decorrência, o Edilson Cid Varela e o Ronaldo Junqueira (respectivamente, diretor presidente e o editor-chefe do jornal) me chamaram lá, me ameaçaram.

José Aparecido de Oliveira é um mineiro, ele foi governador aqui de Brasília. Aliás, diga-se de passagem, foi um bom governador, embora nomeado. Foi na época do Sarney. Foi um momento interessante: o governador Aparecido ajudou a greve a se fortalecer, ao afirmar que a polícia não serviria como “guarda pretoriana de ninguém.”

1. A CONCLAT

E aí, o novo presidente da FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas, o Washington Melo, de Minas Gerais, na primeira reunião da diretoria, lá para as tantas, indaga se eu poderia representar a Fenaj em São Paulo, atendendo a um convite para uma reunião no sindicato dos Químicos de São Paulo, com o objetivo de se discutir a convocação do congresso das classes trabalhadoras. “Armando, você pode ir nos representando?” - Eu, prontamente, disse: “Posso!” -

E assim foi que viajei a São Paulo para participar da reunião do Sindicato dos Químicos. Dois dias de intensas conversas e deliberações que deram origem à Comissão Executiva Nacional Pró-CONCLAT, não é?

No final da reunião, quando foi apresentada a nominata da comissão nacional, o meu nome não constava; foi quando um companheiro de Goiânia se levantou e disse: “Olha, meu nome está aí na coordenação mas eu acho que aquele rapaz alí, jornalista, (com o dedo apontando para mim!) -teve uma participação muito boa no meu grupo. Por isso, abro mão do meu nome. A vaga deveria ser dele, mesmo porque ele é jornalista e é de

Brasília.” - E foi assim que eu entrei na Comissão Nacional Pró-CONCLAT, certo? - Chegando lá, como vocês sabem, participei de tudo, né? Não perdi nenhuma reunião.

Dois jornalistas integravam a Comissão Executiva Nacional Pró-CONCLAT. Eu, que era mais ligado à turma que depois viria a construir o PT, e o Lauro Hagelmann, bem mais velho, do Partidão. Então, quando era preciso redigir alguma nota, alguma declaração formal, para evitar divergências maiores, nós dois éramos escolhidos para a tarefa, com a participação também do Rogério Medeiros, do Espírito Santo ... de certa forma, viramos os redatores da comissão Enfim... E foi assim que eu atuei bastante, realmente, na Comissão Executiva Nacional Pró-CONCLAT.

Nós estivemos no congresso da fundação da CUT, eu queria comentar que eu tenho um orgulho muito específico. Porque quando houve o racha do movimento, lá, naquele Congresso, nós viramos madrugada discutindo a composição da Comissão Executiva Nacional. Eu lembro muito bem daquele momento: eu estava sentado entre o Lula e o Olívio Dutra. Aliás, diga-se de passagem, o Olívio é uma pessoa muito legal!

Bem... retomando o fio da meada.... Aí, o que aconteceu? - Aconteceu que quando nós saímos da reunião, já raiando o sol, num fusquinha bem apertado, procurando lugar para tomar café, ocorreu um diálogo inesquecível. Não me lembro quem estava dirigindo... Nós saímos, e eu disse: “Lula, eu acho que nós não fizemos uma boa composição.” - Ele disse: “Por quê?” - Eu disse: “Porque nós temos, pelo menos, metade do congresso e nós não ficamos nem com metade da direção. Vai ser uma chiadeira enorme da nossa turma.” E, de fato, quando a nominata foi lida, houve um rechaço geral das nossas bases estaduais, especialmente nas delegações que não aceitavam que os adversários tivessem maior presença do que eles. Foi quando houve o início do racha do movimento sindical, certo? Foi ali.

Aliás, eu me lembro que num dos momentos mais críticos nos reunimos no banheiro... eu fiquei encarregado de anotar a lista da nominata que iria compor a chapa que iria ser, enfim, apresentada ao plenário.

Momento inesperado, emoção forte, no momento da apresentação das chapas... e Bom, eu me senti gratificado em que foram lidas as duas chapas ... para surpresa minha, meu nome integrava as duas chapas. Aliás, o meu, e os de Luiz Pinguelli Rosa e Jorge Bittar. - E qual é a explicação para nós termos sido escolhidos para as duas chapas? - Atribuo ao nosso posicionamento, à nossa argumentação. nós temos divergências, mas essas

divergências não podem prevalecer agora, devemos escolher uma direção que represente o conjunto de forças. Nós não queremos fazer uma Central Única? Então, terá que ser feita uma composição. Nós não queremos uma central única? Então, ela deve contemplar as diversas correntes que integram o movimento. Assim como ocorre na Argentina, onde as diversas correntes, de forma construtiva, se posicionam; às vezes divergem, mas dentro de um contexto de central única.” Acabei sendo voto vencido. Mas quando houve o racha, quando as duas chapas, digamos assim, me homenagearam, ao me incluírem nas respectivas nominatas, senti-me orgulhoso.

Durante a Conclat, um dos temas que provocou muita discussão foi a aplicação do Artigo 8o do regimento. O que previa o Artigo 8o? Era a possibilidade, no caso de entidades sindicais não convocarem, formalmente, assembleias para a escolha de suas delegações ao Conclat, os associados poderiam fazê-lo, via abaixo-assinados, mesmo que à revelia das direções específicas, desde que granjeassem apoio expressivo (já não me lembro do critério adotado) Isso foi uma das discussões-chave da Comissão Nacional Pró-CUT.

Daí, o que aconteceu? - As turmas do Zé Francisco (da Contag) do Joaquinão (dos metalúrgicos de SP) e João Carlos, o Negão, reagiu. No início eles não queriam aceitar, mas acabaram aceitando a exceção à regra.

A divergência se acentuou quando chegaram as nominatas da Bahia, enviadas pela turma articulada pelo Novaes, do PCdoB. Foi aí que houve uma reação muito brusca e muito radical da turma do Partidão, da CONTAG, e do João Carlos, do MR8. Eles achavam que havia uma coisa meio marota no processo de formação da delegação liderada por Novaes, utilizando-se do Artigo 8º.

Com o racha consumado, veio a construção da CUT depois surgiu a CGT, sem falar das outras.

Mas toda vez que lembro da CONCLAT, me vem à cabeça um fato curioso: eu não presidi, em nenhum momento, a assembleia do CONCLAT. - Mas, quando Jorge Bittar estava presidindo, eu fiquei na mesa secretariando, sabe? E aí, aquele momento foi filmado e exibido nos noticiários.

Quando eu chego de volta a Brasília, quando fui trabalhar (como repórter político que eu era), o Thales Ramalho me pegou e disse: “Armandinho, eu lhe vi na TV!”; eu disse: “Onde o senhor me viu?” - Eu lhe vi lá em uma matéria da fundação do CONCLAT, no Congresso Nacional da

Classe Trabalhadora. O que você estava fazendo lá, naquela mesa?” - Eu respondi: “Sou eu mesmo. Faço parte da direção.” - Ele disse: “Você é parte da direção?” - Eu disse: “Sim, da comissão nacional”, doutor Thales.” Toda essa conversa acontecia na chapelaria, justamente quando o doutor Tancredo vinha passando. Aí o Thales diz: “Tancredo, você sabe que eu acabo de descobrir que o Armandinho participa da direção do movimento que organizou o congresso que vimos na TV?” - Aí o Tancredo se volta para mim: “Você confirma isso?” - Sim, represento o movimento sindical do DF na direção do movimento.” Ato contínuo, o Tancredo me pegou pelo braço, e disse: “Vamos aqui, no meu carro. Você vem comigo. Mando o motorista te trazer de volta.”

Entrei no carro, e o Doutor Tancredo me surpreendeu com sua abordagem sobre a reunião do CONCLAT. “Como é que vocês chegaram àquela coisa impressionante? Vocês nacionalizaram o movimento rural brasileiro, que antes era localizado, basicamente, nas Ligas Camponesas de Francisco Julião... como é que vocês conseguiram isso?” - Eu lhe respondi: “Surgiu a ideia de repente. O que fazer com a área rural, como fazê-la representada na direção? Foi quando propus que fossem escolhidos dois representantes da área urbana e um área rural representando cada cada Estado.”

“Armandinho, que ideia essa sua!!” - “Impressionante! O movimento rural deu um salto muito importante” - E continuou a desenvolver o assunto: “é da área rural que vem os alimentos, é a produção agrícola que mantém a cidade... sob o ponto de vista político, a atitude de vocês foi impressionante.” - Eu nunca vou me esquecer disso também.

(Thales de Ramalho foi um deputado federal. Influentíssimo! Foi Secretário Geral do MBD por décadas. Ele era de Pernambuco).

Igreja, sindicatos e trabalhadores

Eu estive na famosa reunião da ANAMPOS. Essa reunião foi importante porque agregou gente oriunda de diversos Estados, representantes de sindicatos, associações e entidades, para fazer a CUT. Foi um marco fundacional, momento relevante na história do movimento. Foi importante porque agregou, gerando um novo patamar. Quer dizer, deu um upgrade no processo organizativo que estávamos vivendo naquele momento.

Para mim, a ANAMPOS representou uma culminância. Havia já um processo irradiado, disseminado... e aquela reunião serviu como desembocadura ...

e dali foi surgindo uma espécie de união, que foi tomando forma, e que resultou na Comissão Executiva Nacional Pró-CONCLAT e, depois, na própria CUT. Eu acho que foi isso mesmo! Pessoalmente, concordo com esse rumo da interpretação histórica.

Desafios atuais à ação sindical e perspectivas para o futuro

A CUT continua sendo a central mais importante, sem dúvida nenhuma. É a mais combativa e a mais representativa. Mas o fato é que a falta desse amálgama, que só a unidade favorece, provocou o enfraquecimento do movimento sindical. Também acho que a própria evolução tecnológica trouxe mudanças especialmente para algumas categorias. No caso do jornalista foram mudanças muito impactantes. Até o devido diploma de curso superior de jornalismo para o exercício da profissão deixou de ser exigido. Hoje, lamentavelmente, todo influencer se considera jornalista. E não se tem qualquer controle dessa situação de picaretagem. A enxurrada de Fake News, a falta de compromisso com a veracidade, o desrespeito aos princípios da ética jornalística passaram a integrar a nossa realidade, lamentavelmente.



MARIA EUNICE DIAS WOLF

Entrevista realizada em 13/09/2021

DURAÇÃO: 100 minutos

Foi diretora do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas e Nova Santa Rita, a primeira mulher a fazer parte da direção de um sindicato de metalúrgicos no Rio Grande do Sul. Foi coordenadora da Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS) da CUT. Vereadora em segundo mandato pelo PT (desde 2016), é a primeira mulher eleita para a Câmara de Vereadores de Canoas.



Trajétoria de vida e militância sindical

Eu tenho 63 anos. Nasci aqui em Canoas e me criei em Canoas, de uma família de 6 irmãos – cinco mulheres e um homem e, no dia em que morreu meu irmão, foi o dia da eleição do sindicato dos metalúrgicos, quando nós construimos a oposição. Nós estávamos numa passeata e eu recebi a notícia da morte do meu irmão de vinte anos; e meses depois a minha mãe adotou uma menina. Então nós somos 6 mulheres na nossa casa. E a história da nossa família, é meu pai que era órfão e minha mãe que também foi abandonada, então duas pessoas que se encontraram e constituíram essa família.

Mas meu pai e a minha mãe sempre diziam que a única coisa que eles podiam deixar pra gente era a educação. Então nós recebíamos, ganhávamos roupa uma vez por ano, mas nós, todos os 6 filhos, estudamos em uma escola particular. Porque essa era a visão deles com relação à educação: consideravam que a escola pública não garantia educação. E, na ocasião, sempre, desde criança eu achava que estava errado aquilo! Porque eu convivia em uma escola da elite em uma família muito pobre e nós tínhamos mal o que comer e tínhamos que ir para aquela escola e enfrentar a discriminação que a gente vivia. Então eu me lembro que, de infância, desde lá eu sempre fui discriminada, não me conformava com aquela situação. Não me conformava! - Na época, tinha as tais de bolsas que os deputados davam e nós nunca tivemos bolsa e aqueles que tinham condições, sempre tiveram bolsa de estudo.

E então, com 14 anos, 13 anos, eu comecei a trabalhar de doméstica, 14 anos eu me formei no primeiro grau e dizia que eu queria estudar; meu pai achava que isso, que estudar não era coisa de “mulher decente”; então,

ele disse: “não, não vai estudar!” - Eu fui, juntei o dinheiro do período de quase 1 ano que fui empregada doméstica e paguei a matrícula, porque não consegui me matricular em uma escola pública; e aqui na cidade, a escola pública era privilégio daqueles que estavam no centro da cidade, porque as escolas eram no centro da cidade; e daí eles faziam aquele contorno que hegemonizava a escola pública. - Aí me matriculei pra fazer secretariado e porque eu queria ter uma profissão junto com o ensino médio, então essas foram as razões. - E assim fui levando as minhas irmãs!

E, aos 14 anos, deixei de ser empregada doméstica, na época já estava matriculada no ensino médio, e comecei a trabalhar na Prefeitura de Canoas, em 1974. E, na época era contrato, não existia regra de estágio, essas coisas assim. Então eu comecei a trabalhar aos 13 anos e depois aos 14 lá em meados de 74. E o meu sonho era trabalhar em uma indústria metalúrgica, porque era o que melhor pagava - ou na Petrobras, né? - Então eram duas empresas assim, que eu sempre dizia: “eu quero trabalhar em uma empresa grande metalúrgica - porque é o que melhor dava condições de trabalho e salário; e/ou quero trabalhar na Petrobras!” - Então trabalhei 1 ano na prefeitura, 1 ano e meio, depois saí da Prefeitura e fui trabalhar na imobiliária. Quando completei 18 anos, eu fui disputar uma vaga nas duas maiores empresas de Canoas, na ocasião era a Coemsa - onde o Rossetto trabalhou - e na Springer em 1977, e ingressei na Springer. Fiz o concurso da Petrobras, não consegui ser aprovada, mas consegui iniciar na Springer. - Lá na Springer, em 1977 eu me sindicalizei.

Quando foi em 1980, um companheiro de trabalho, o Seu Silo (que já é falecido), falou: “tu não queres participar da oposição do sindicato dos metalúrgicos?” (e eu não sabia nem o que era) - Eu disse: “mas o que é isso? O que é sindicato?” - “não, é pra lutar pelos direitos!” - E em todos os lugares que eu ia: “não, eu estou aqui pra lutar pelos direitos dos trabalhadores.” - Então foi essa trajetória bem simples de uma pessoa leiga, que lutava por seus direitos. Por isso que eu acho, que sempre os trabalhadores sempre lutam pelos seus direitos imediatos e [somos] nós que temos que combinar a luta pelos direitos, a transformação, a luta maior do que a do imediato.

A agenda sindical no período

E eu comecei a trabalhar no dia 20 de abril e em maio - 20 de abril de 1977 - em maio eu fiz a primeira mobilização, porque eles queriam tirar o café e o café da manhã e da tarde era importante para mim.

Porque eu saía da fábrica, mesmo sendo secretária, eu saía dali e ia para a Universidade, porque aí eu já estava cursando a faculdade de Licenciatura em Matemática. - E eu consegui aquele crédito educativo - naquele período era o que tinha e eu consegui acessar -, me matricular, acessei, passei no vestibular na Unisinos e iniciei Matemática em Licenciatura curta. Nesse período, os trabalhadores começavam a se manifestar. Minha chefia disse assim (diretor da empresa onde eu era secretária): “o que tu estás fazendo [em] uma mobilização com os operários da fábrica?” - Disse que eu não devia me misturar “não, é que eles estão lutando pelo café da manhã e da tarde e eu acho justo e eu estou passando os abaixo-assinados.” - Então como eu circulava dentro da fábrica, eu comecei a colher assinatura. Aí ele disse: “ah, mas tu podes ser demitida por causa disso.” - Eu disse assim, que ingenuidade, né? Eu disse: “olha, o senhor me desculpa, se eu for demitida, é porque eu sou incompetente e não porque eu estou passando o abaixo-assinado.” Eu achava que eu era competente o suficiente pra permanecer - e permaneci, né?! - Aí ele riu, passei o abaixo-assinado, mobilizei o pessoal e nós mantivemos o café.

Depois disso, um outro momento, é quando eu engravidei em 1978 e me dei conta que não tinha creche e daí eu disse: “ah, mas nós temos que ter creche.” e vamos fazer uma mobilização pelo direito a creche. - Na fábrica tinha 2.700 trabalhadores, 70% eram mulheres - e não tinha creche. - Daí fizemos uma mobilização e de novo o diretor disse: “olha, tu não podes fazer!” - “Não, não tem creche! Eu fui criada em creche! A minha irmã foi criada em creche, a minha mãe trabalhou em uma fábrica que tinha creche, por que a Springer não tem creche?” E fizemos essa mobilização: abaixo-assinado, conversar... Era tudo assim, o pessoal aderiu muito! - Tu passavas o abaixo-assinado, conversava com um, com outro e o pessoal aderiu. - Eu até não tinha uma compreensão do que eu estava fazendo, mas sabia que eu tinha que lutar por aquele meu direito, que era meu e era de todos e nós conseguimos. Isso, já naquela ocasião, eles nos auxiliaram a organizar a oposição junto com os companheiros do PT, que era representado pelo Marti, pelo Freitas, pelo Adair Barcelos, o Menezes... Que era o pessoal do PT. Eram os companheiros da ADS que organizaram o PT em Canoas. E os companheiros do PDT, que era o Alceu Collares⁹⁰, a Dilma, o Carlos

90. Alceu Collares: Advogado, foi deputado federal pelo MDB entre 1971-1983. No final da ditadura militar, filiou-se ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), partido em que se elegeu prefeito de Porto Alegre (1986-1989) e governador do Rio Grande do Sul (1991-1995). Retornou à Câmara Federal entre 1999 e 2007.

Araújo, então era esse momento privilegiado do debate e da construção das oposições sindicais. Eu digo assim, que a gente bebia dos debates mais ferrenhos da luta sindical e de concepção sindical assim, de muita efervescência e de muita... digamos assim, em que pese as nossas disputas muito fortes, nós éramos radicalmente solidários entre nós – na minha opinião – naquele período. Então tínhamos muita cumplicidade nas ações que a gente ia fazer. Então em 1980 eu comecei a participar da oposição, daí fiquei... Me afastei um pouco porque eu tinha filhas, tenho três filhas, então eu tinha uma que nasceu em 79 e a outra que nasceu em 80 e eu estava já com duas bebês, né?! Uma de 1 ano e meio e a outra recém-nascida, participando das reuniões da oposição. - Em 81 eu retomo mais tranquila e – “tranquila” porque eu fui morar na garagem da minha mãe, que eu não tinha casa, morava com a sogra – morei e minha mãe cuidava das minhas filhas e eu fui fazer, participar das reuniões, das panfletagens, e o que sabia dizer, é que o pessoal fazia assim, a escala daqueles que iam panfletar nas fábricas, nos horários e nos locais que nós não pertencíamos.

E outro detalhe que eu acho, não pouco relevante, mas como diz da postura e compreensão da gente, né? Quando diz: “ah, cheguei em casa e o Silo me convidou pra participar da oposição sindical” - eu falei para o meu marido, eu disse: “ah, eu vou conversar com meu marido, se ele não tiver problema nenhum, eu vou participar.” - Eu não estudo nas sextas-feiras, porque as reuniões eram às sextas-feiras, então eu cheguei em casa e conversando com o marido, eu disse: “querido, me convidaram pra participar de uma tal de oposição sindical” e ele a mesma forma “mas pra que que é?” - “É pra lutar pelos direitos dos trabalhadores.” - Eu disse: “não, então, as reuniões são todas as sextas-feiras, é lá na Igreja à noite” - Aí ele disse: “ah, tu não tens aula mesmo, né? Eu acho que não tem problema tu participar, eu acho que tu tens que ir, vai.” - Duas coisas: aí, foi, o meu marido dizer assim: “nunca soube que ia me comprometer tanto. Consumir tanto.” - Então por que eu faço resgate desse detalhe, gente? Porque eu ainda acredito que é dessa forma que a maioria do povo trabalhador participa, de alguém sempre estar convidando: convidar, convidar, falar. - A luta por direitos, eu acho que todos nós concordamos. Independentemente de qualquer situação, de qualquer categoria e eu acho que, se a gente não se coloca no lugar, a gente não sabe dizer o que fazer, né? - Então eu acho que esse foi um período muito forte! Nós ganhamos as eleições. Na fábrica - olha só! - de todos os sindicalizados que tinha na fábrica, só três que não votaram na gente e esses três eram da outra chapa. Era uma chapa que era uma

composição... O sindicato estava sob intervenção ainda, então não foi eleita pelos trabalhadores ainda, foi uma chapa indicada...O sindicato, a sede, era em uma casinha de madeira, azul – pintaram de azul porque eram as cores do Ministério do Trabalho. Então a metade da casa era Ministério do Trabalho e a outra metade era o sindicato.

Nós ganhamos a eleição em outubro de 1981; iniciamos... - Os empresários mandaram vários presentes - eu nunca vou me esquecer daquilo! – no Natal: ar condicionado, esses geradores, presentes para a direção do sindicato e ali foi o primeiro embate na direção do sindicato, se os dirigentes levavam para casa os presentes recebidos ou se nós colocávamos aquilo para debate com a categoria. - E nós resolvemos chamar a categoria, fazer, mostrar os brindes recebidos e demonstrar que aquele sindicato não estava conchavado, portanto, fizemos um sorteio para a categoria. - Eu acho que ali foi – pra mim, particularmente – foi um momento muito marcante. Fazer aquele [sorteio entre os associados]. E nós tínhamos na direção, companheiros que achavam que a gente tinha que aceitar, não podia fazer desfeita para os patrões; outros achavam que nós tínhamos que fazer esse sorteio. - Foi um debate árduo do que ia ser o futuro – na minha opinião – qual o futuro daquele sindicato. - E foi muito importante, porque eu acho que aqueles debates na direção, que eram à noite, aquilo nos fortaleceu: foram as visões diferenciadas de qual o sindicato que nós iríamos construir a partir dali.

Eu acho que foi... pra mim, como aprendizado, foi o melhor da minha vida. Eu tinha 21 anos, 22 anos e aquele momento das posições internas, o nosso sindicato tinha os companheiros do PT e os companheiros do PDT e outros sem partido. Então nós não tínhamos uma formação política, exceto os companheiros mais vinculados ao PDT ou os companheiros do PT, mas ainda era muito embrionário; e ali foi um divisor de águas, para mim! Para o meu posicionamento e eu acho que para os outros também.

O presidente do sindicato era o Paim. - E por quê? - A defesa contra e a favor... Discute... Levou uma semana, levou duas semanas... Não foi goela abaixo! - Foi muito difícil. Foi um processo até de convencimento. E eu acho que os companheiros que estavam, que era mais os companheiros posicionados do PT e os companheiros do PDT, eles cumpriram um papel importantíssimo nesse debate, importantíssimo! E os outros que achavam que também tinham que levar pra casa, porque foi um presente, um reconhecimento da nossa eleição – a eleição foi em outubro, né? - Eu nem sei se o Paim se lembra disso, mas o que marcou pra mim! - foi um aprendizado! Cada

detalhe era um aprendizado pra mim. Até porque eu não tive uma vivência, eu entrei no movimento sindical dessa forma que eu relatei pra vocês, não foi por formação política, não foi por atuação em outros movimentos, foi uma trabalhadora que queria lutar por direitos seus e dos outros. E esses debates que eram feitos, pontuais, isso se dava, no ano [seguinte], em 1982, eu paralisei a fábrica! - Porque a fábrica... Nós tínhamos um acordo coletivo, que tinha o reajuste da inflação - vocês se lembram daquele período lá? O reajuste da inflação era um direito! - e a empresa chamou o sindicato pra negociar, dizendo que não tinha como cumprir aquele direito. Eu fui pra reunião da direção do sindicato, daí, quem eram os companheiros que estavam na executiva? E eu era suplente na ocasião. - Vieram e [fizeram]o relato que a empresa não ia poder pagar o reajuste que estava previsto e eu e meus companheiros não aceitamos... Nesse período eu ficava dentro da fábrica, eu só fui liberada para o sindicato em 1985. Daí eu fui pra... e disse: “não, mas eu discordo! Sou contra retirar, porque a empresa tá produzindo, ela tá vendendo!” - não tinha cabimento, né? E aí o pessoal disse pra mim: “Eunice olha, debate lá!” - Aí eu cheguei no outro dia e paramos a fábrica, paramos dois dias. - E o presidente da fábrica, na época eu era secretária do presidente da fábrica, que era o Paulo Velinho, ele considerou como uma traição. E, na paralisação, eu liguei para o sindicato e disse para o Paim vir me ajudar. O Paim foi pra lá e aquela fábrica de 2.700 trabalhadores paralisada e o Paim falou e o Paulo Velinho junto - o patrão, o Paim e eu - e ele dizia o Paulo Velinho: “a Eunice conhece a nossa fábrica, ela trabalha junto comigo, ela sabe de todas as dificuldades!” Daí aquilo ali - quem me conhece, eu despejei - eu dizia: “aquilo não podia ser uma palhaçada!” - Eu disse: “Doutor Paulo Velinho, a empresa está bem; a empresa pode dar o reajuste - e mesmo que não tivesse, é um direito conquistado!” - E o pessoal se revoltou, aplaudia, uns trabalhadores diziam assim: “o Doutor Paulo sempre foi... ele sempre foi um bom patrão!”; outros diziam: “não, não mesmo! É um direito nosso!” - E ali se criou uma terrível revolta que acabou, - o Paim foi embora - ao final a empresa liberou todo mundo, porque não conseguiam trabalhar mais. Foi uma revolta da mulherada, dos homens e a maioria era mulheres! - Aí eles disseram: “nossa, ela chamou o Paulo Velinho de palhaço”, o Paulo Velinho entrou com processo, dizendo que eu tinha chamado-o de palhaço e eu dizia: “eu não chamei! Eu disse que é uma palhaçada o que estava sendo feito, aquele circo que estava ali formado.” E aquilo ali gente, me deu um afastamento e que depois que ganhei judicialmente o retorno e eles não queriam aceitar que eu retornasse à condição que eu era. - Eu era secretária e eu queria o cargo que eu estava. -

Não porque eles me botaram em tudo quanto é lugar dentro da fábrica, me botaram na exportação, me botaram no RH, na rua, todo mundo passando, com medo de conversar comigo, porque eles ameaçaram demitir quem conversasse comigo. - Então eu peregrinei um ano dessa forma, sem ter um lugar para trabalhar, até que veio um cara que a empresa estava sendo comprada e disse: “não, eu não tenho problema de trabalhar com ela!” - Era um rapaz que trabalhou comigo, que era estagiário, tornou-se diretor e disse: “não, vamos trabalhar! Vamos trabalhar que eu trabalhei com ela.” - E assim eu fiquei até ser liberada pelo sindicato.

Então, o sindicato desde que nós assumimos, nós sempre tínhamos uma luta pra fazer. Então, em 1982 foi essa luta para garantir que o reajuste acontecesse, só que emblematicamente iniciou na Springer e depois desencadeou nas outras fábricas, então nós garantimos o reajuste. Em 83 da mesma forma, nós lançamos a campanha “Saúde Já”. Então nós, todos os anos praticamente ou a cada 2 anos, nós lançávamos uma campanha. Lançamos a campanha da sindicalização, porque fortalecer - é campanha mesmo! - Que nós íamos todos juntos para a porta de fábrica, não tinha organização no local de trabalho e assim fomos indo. Eu me lembro que cada momento, a gente foi lançando campanhas para mobilizar, para coesionar, para ter unidade de ação. - E sempre fruto de muita divergência interna! Ninguém nunca abdicou das suas convicções, mas todos sempre se submeteram às decisões. Eu acho que isso foi um período, até 1992, foi um período muito forte, isso no nosso sindicato.

Era o conflito entre nós da direção, mas isso é uma coisa que o Paim tinha uma capacidade - que eu acho que tem até hoje, né? E ele sabe porque eu sempre digo isso - essa da unidade na ação. Todos nós brigávamos, discutíamos, mas depois de decidido, nós todos perfilávamos e o Paim sempre dizia assim: “se hoje estão brigando por poucas coisas... - Nossa, tá faltando luta política! - Que era outra coisa do ensinamento que eu tive lá dentro: quando começam as divergências internas a serem maiores do que os nossos objetivos ali dentro, é porque falta luta.”

Eu não participava, aí passei a participar da mesa de negociação: sistematizar os dados, buscar informação do comportamento das empresas durante os acordos coletivos - tinha algumas que cumpriam, outras não cumpriam; então sempre o papel de dar subsídio para a direção. Nós fazíamos - isso é outra coisa que eu acho importante, que talvez não faça... - nós simulávamos entre nós o que cada um ia defender na mesa de

negociação; nós compartilhávamos as defesas; nunca foi... o Paim sempre foi presidente, sempre foi o cara mais, digamos, representativo, mas cada um tinha um papel na mesa de negociação. - Um debatia sobre um tema, outro sobre outro. Os temas das mulheres até não eram debatidos por mim, era com outro companheiro, porque nós achávamos que tínhamos que nos preparar. Porque depois que viram que nós conhecíamos detalhadamente o local de trabalho, eles começaram a negociação coletiva para os diretores e os gerentes de RH. E daí, mais ainda que nós tínhamos que articular a mobilização e a preparação. E isso foi tudo junto, não foi à parte, nós fizemos os ENCLATs, participamos de todo processo da Pró-CUT, fazendo muita discussão. Às vezes eu penso assim, muitos daqueles companheiros contrários à CUT, aqueles que queriam um outro perfil, uma outra identidade para a CUT. Então foi muito forte esse período. - E exigia de todos nós muita mobilização. Por que? Nós queríamos... quem defendia suas teses queria ganhar na assembleia do sindicato, então...

A CONCLAT

No debate do ENCLAT e depois da fundação da CUT, nós aqui fizemos um encontro, houve uma participação muito boa, tinha um pessoal forte assim, uns companheiros do PT, outros companheiros da JOC, nós tínhamos o pessoal que era mais vinculado ao MDB, ao PDT, então foi também um momento muito importante para nós. No entanto, muito embora o Paim tenha sido eleito secretário geral da CUT nosso sindicato não estava filiado, porque nós vivenciamos o confronto cotidiano com os companheiros do PCdoB, os companheiros, na época, o MR8 que eram contrários. Então nós tínhamos esses trabalhadores dentro das fábricas, que vinham em todas as assembleias, nós fizemos no mínimo cinco assembleias assim, periódicas, não consecutivas, né? Então quando o Paim dizia assim: “olha, nós vamos perder, vamos recuar e vamos continuar debatendo, vamos recuar e vamos continuar debatendo, para que quando nós fossemos levar à votação, nós ganhássemos a votação.”

Depois, quando nós aprovamos [no Sindicato de Canoas] a filiação à CUT foi num processo bem extenso que os companheiros que eram contrários ficaram em minoria na categoria. Então, a gente não tinha preocupação de ter o resultado de forma [imediate] era preciso ter gente convencida que tínhamos que construir a CUT. E essa definição do Paim em ser o secretário-geral de garantir que ele estivesse presente lá, era importante.

A participação feminina na construção da CUT

E eu digo assim, eu era a única mulher na direção do sindicato! Era a única mulher, na época se vocês recuperarem aqui em Canoas, eu fui a primeira mulher da direção do Sindicato dos Metalúrgicos do Estado do Rio Grande do Sul. - Nós tínhamos os metalúrgicos de Porto Alegre, sempre tem uma atuação com as mulheres, mas elas não estavam na direção. A maioria dos nossos companheiros eram companheiros de fábrica, era só eu que era do escritório e secretária, então, em certa medida, era muito pesado para mim e naquela ocasião era pesado para os meus companheiros.

Organização de mulheres na fábrica

Não, não havia... Isso foi evoluindo depois. Mas organização local ali de trabalho, não. Eu acho, sempre achei que as mulheres quando se dão conta da exploração, da opressão, da violência que sofrem, elas reagem. - Elas reagem. - Então eu tenho muitas companheiras que trabalhavam aqui comigo agora no gabinete e diz: “olha, eu me lembro que eu entrava no ônibus da empresa para ir para casa, a Eunice estava lá falando, panfletando, ela fazia greve, eu criticava e hoje eu acho que ela tinha razão.” - 30 anos depois, não? Mas eu acho que no sindicato é assim: nós fomos aprendendo a partir dos conflitos.

Eu me lembro que aqui no estado, no debate, quem estava coordenando era o Olívio e eu era adjunta - eu nem sabia o que era ser adjunta, mas eu estava lá participando! - uma das poucas mulheres - mas participando do debate do ENCLAT (encontro estadual, encontro nacional.) - E o que era digamos assim que - meu pai que dizia depois que ele se conformou, ele dizia: “ah, minha filha, tu vais contribuir mais na questão técnica do que política.” - Eu que fazia os relatórios todos dos ENCLATs, registrava as atividades, a convocação, então era um papel secundário, mas não menos importante. Mas também eu nunca deixei de intervir nas assembleias. Teve uma primeira assembleia, que tinha eu acho que uns 3 mil trabalhadores, e quase nenhuma mulher, e aí eu me inscrevi e eu era uma jovem e todo mundo começou a assobiar, aplaudir - eu quase desisti! Mas meus companheiros disseram: “fala!”. Aí eu fui e: “olha, eu espero que vocês não façam isso com as mães de vocês, com as filhas de vocês. Eu sou uma companheira que estou aqui desde a oposição com vocês, então eu acho que... não quero mais ver isso acontecer!”. Aí foi baixando, foi baixando aquela fala. Poque a gente subia num banco e eu sempre andei de vestido

- todo mundo fala isso até hoje - e disse que o vestido voava assim, e a peãozada começou a falar. “Você sabe que nunca, depois daquele momento, nenhum trabalhador faltou com respeito ou fez alguma insinuação - não na minha frente - ou alguma piadinha.” - Mas eu acho que foi importante para mim, pra ter uma atitude diante daquele conjunto de trabalhadores. Eu até tremia! - Meus joelhos batiam um no outro, mas eu me mantive firme e opinei sobre a mobilização nossa, mas não deixei de responder com educação, que esperava que eles não fizessem com as outras mulheres da família deles. - E acho que isso foi mudando dentro da direção do sindicato também, não? Acho porque assim, em uma categoria, muitos momentos que eu consegui mobilizar as mulheres para irem, eram inúmeras mulheres que diziam: “passaram a mão na minha bunda!” - E eu disse: “então bota a boca no trombone.” - Eu chegava na direção e exigia que todo mundo falasse dentro da fábrica que não era pra fazer isso nas assembleias do sindicato e que nós não íamos aceitar.

Nós tivemos muitas coisas, mas falando assim, eu acho que dentro da CUT a gente sempre construiu uma política para as mulheres, desde o início. As mulheres que ocuparam espaço de dirigente da CUT, elas sempre foram muito, muito, muito vanguarda na luta das mulheres. - Aprendi um bocado! - Mas eu acho que [nos] metalúrgicos, nós conseguimos consolidar um programa de formação política continuada de mulheres. - Durou 10 anos e esse programa eu digo assim, eu participei do início ao fim. - A Luci era secretária e eu acho que é assim que a gente tem que se portar, a gente construir juntas. - Nós tiramos uma definição que, para mim, foi estratégica, nós teremos mulheres em todas as executivas dos sindicatos dos metalúrgicos do Brasil. Nós teremos mulheres com capacidade de disputar política pública para mulheres, mas [também] para negociar! Negociar, estar à mesa de negociação, negociar com as prefeituras, negociar com os governos e negociar com os patrões. - Acho que foi um programa exitoso! - Porque nós tiramos uma estratégia de forma continuada, a partir da formação e na ação concreta. Então isso que eu acho que foi exitoso e, na minha opinião, partiu dos metalúrgicos! - Não era de uma categoria majoritariamente de mulheres. - Foi de uma categoria de homens, majoritariamente de homens, liderados por algumas mulheres e que tinha a visão que nós tínhamos [de] ter assento em todos os sindicatos - e nós conquistamos isso! - Conquistamos estar na executiva, ser até em alguns lugares, presidenta do sindicato. - E foi por um programa de formação! Que eu acho que foi referência para a CNM (Confederação Nacional dos

Metalúrgicos), continua sendo e deveria ser para a CUT. Eu acho que na CUT eu aprendi muito, e quando fui para a secretaria de formação, é que quem está para formação, está para a formação.

Na CNM eu dizia assim: éramos poucas mulheres na direção assim, mas muito briguentas! - Às vezes, os nossos companheiros as vezes cediam, por receio das nossas brigas, mas também reconheciam que todas nós, que todas nós tínhamos uma trajetória de trabalho junto com eles. Tanto o Jair Meneguelli, quanto o Vicentinho, quanto os que foram - o Guiba⁹¹ que foi o nosso primeiro presidente -, todos eles sabiam que: lá na categoria, a Eunice tinha base, a Luci [Paulino Aguiar] tinha no ABC, a Rita tinha lá... - E, portanto, essas negociações internacionais, elas se consolidaram porque tinha isso. E a companheirada, essa iniciativa com o CAW (Canadian Auto Workers).

Desafios à ação sindical e perspectivas

O debate dos ramos, o debate das CUTs nos estados e acho assim, eu não sei se eu estou atrasada no tempo, mas nós sempre lutamos pela pluralidade sindical; e percebo que muitos – sem querer, talvez – estejam defendendo a unicidade indiretamente. Eu acho que esse é o maior dilema da CUT hoje. Porque assim, por exemplo, eu agora conversando com vários sindicalistas “ah, a Força Sindical decide criar a base no outro município que pertence ao seu sindicato.” - Aí tu vais lá e cria um sindicato antes de deixar a Força Sindical, tu não disputas mais para não permitir que a Força Sindical constitua. Eu vi aqui em Porto Alegre, temos vários – eu até não quero julgar isso – criaram sindicato em Gravataí, criaram sindicato em Cachoeirinha - e era tudo base de Porto Alegre -, e criaram combinados para não permitir que a Força Sindical criasse. - E nós, no passado, o que nós debatíamos na CUT é a organização por ramo, é a pluralidade, nós temos que ir para cima, convencer os trabalhadores de estar junto e não de fragmentar a nossa base. Eu sei, o pessoal diz: “não, é uma tática porque senão a Força Sindical ia entrar.” - Mas eu acho que nós estamos construindo na contramão daquilo que nós concebemos no debate sindical dentro da CUT. - Eu não sei... Ele diz: “não, mas é difícil eles criarem, então nós criamos.” -Gente, depois que nós temos a direção ali no sindicato, no município, no outro município, no outro município, nós não somos uma unidade de ação! - Nós temos vários sindicatos, com

91. Heiguiberto “Guiba” Della Bella Navarro. Ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC entre 1994 e 1996, ex-presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos em 1990.

várias direções, com várias estratégias e, pra mim, está desconectado do que nós defendemos. Mas eu percebo assim, uma fragilidade enorme. É mais fácil criar um sindicato para não ter oposição, do que disputar as ideias, os pensamentos dos trabalhadores, trazer os trabalhadores.

Eu fui secretária de formação da CUT do Rio Grande do Sul. A visão da CUT da formação como estratégica para a consolidação da central, está provado que é determinante, gente. Quando a CUT define ter a sua política de formação, também ela diz assim, é o que fez a CUT ser uma central que é hoje. E se a gente for ver nos dias atuais, eu acho que não sei como está a rede de formação. Pode ser que tu tenhas uma estratégia diferenciada, para um momento conjuntural diferenciado, agora: não ter? - Eu acho problema não ter.

A primeira coisa, eu acho que a CUT tinha... Vendo aqui, eu converso com os outros sindicatos, eu sempre estou conversando com os sindicatos no Estado todo. E eu vejo assim, primeiro: eu acho que a gente tem que reconhecer que mudou o perfil dos trabalhadores. Eu disse: “gente, na minha época na fábrica, ninguém tinha ensino [superior], hoje na Springer, todos - no mínimo! - tem que estar fazendo ensino superior. No sapato, imagina! Quantas pessoas tivemos que alfabetizar para ler o panfleto do sindicato? - Hoje não é contratado um sapateiro. Então isso é uma coisa, o perfil mudou. O acesso à tecnologia agilizou essas informações mais diversas, certas ou erradas, mas as pessoas buscam informação! Gente, elas buscam se informar! - Não importa! Eu não estou entrando no mérito se é certo ou errado, mas elas têm mais acesso à informação e o sindicato anda com panfletinho, ainda, com jornal, um bloqueto cheio de coisas, não? Então, vocês imaginam? - Então tem o perfil, tem os meios de comunicação, as redes sociais, o que elas disputam do ideário dos trabalhadores e nós temos um trabalho que, digamos assim, não é autônomo. É um trabalho que é desenvolvido, que tem uma capilaridade, que é um trabalho para sobrevivência. Então, em busca da sobrevivência. Eu acho que seria prematuro alguém dizer: “vai ser desse jeito ou daquele.” - O fato é que a CUT tem - e eu não me esqueço do companheiro nosso no processo de seleção da Escola Sul, disse o seguinte: “qual a importância da formação da CUT para os trabalhadores rurais?” - Ele disse: “olha, a mesma importância que a enxada. Sem a enxada... Se ele não consegue plantar sem enxada, a CUT tem que ser tão importante quanto a enxada para aquele trabalhador rural, se não for...” - Então eu acho que é muito mais nesse sentido de ver como é que articula, que

conscientiza, que mobiliza, que organiza dentro da CUT, do que nós irmos com modelos prontos. - Eu acho que a economia solidária é uma alternativa, o empreendedorismo autônomo é outra alternativa, mas nós não podemos ir com modelos prontos, porque eu acho que nós vamos errar. - Porque tem outras experiências mundiais. - Quem é que disse que os trabalhadores se vinculam por causa de uma estrutura sindical? Ele se vincula por causa de uma identidade com a central. - Em outros países é assim: “eu tenho identidade, eu escolho! Eu quero estar na DGB, eu quero estar na outra central sindical ou quero estar na CGIL, na CISL!”

Então eu acho que nós estamos num momento político que nós temos que refletir mais sobre o perfil, sobre o mundo do trabalho, quais são as características; sobre as redes sociais, a comunicação que é veloz, que não é como antes; e o nossos dirigentes, o perfil dos nossos dirigentes. Que, às vezes, mal sabe utilizar as redes sociais, ao invés de usar para incluir mais gente no debate, em ter mais gente na rede, ele utiliza para dizer o que tem que fazer. Então eu acho que nós tínhamos que nos ater, assim, ter uma visão de classe trabalhadora, ter uma visão de uma central sindical estratégica, com uma política de formação e a formação, eu acho que, nessa reflexão entre ação e formação nós vamos construindo a estratégia mais adequada. A gente pode construir um debate forte, mas eu, pelo menos, acho que a gente tem que construir junto com eles. - Eu só fico preocupada, porque aqui em Porto Alegre estão fazendo bastante sindicatos dos aplicativos, por exemplo. Eu acho que é válido iniciar, mas eu acho que é equívoco dizer qual a estrutura que tem que ser, sabe? - É válido iniciar, mas dizer como que tem que ser, eu acho um equívoco.



GILBERTO CARVALHO

Entrevista realizada em 20/09/2021

DURAÇÃO: 72 minutos

Participou da CONCLAT e da fundação da CUT. Foi ministro da Secretaria Geral da Presidência no governo Lula (2003-2010) e no governo Dilma Rousseff.



A agenda sindical no período

Nós começamos, então, a fazer uma ponte com o sindicalismo dos trabalhadores rurais. A FETAEP, no Paraná, que era a seção local da Contag. Era uma tragédia! Absolutamente à direita, conservadora, da Igreja da direita mesmo, muito ligada à Igreja da direita, nós nem tínhamos contato com eles, nós fomos direto e foi assim que, nesse processo, a gente começou então a participar dos diversos encontros nacionais, desde o ENOS (Encontro Nacional de Oposições), depois o ENTOES lá no centro de formação de Nova Iguaçu, em Moquetá, depois da CONCLAT e depois do CONCUR lá em São Bernardo. Mas teve antes, naturalmente, toda a movimentação também em torno da ANAMPOS, a gente participou muito fortemente. Eu lembro que a gente ia para Brasília, para São Bernardo, para João Monlevade, participávamos daqueles encontros que geravam aqueles famosos documentos da época, documentos de Monlevade, documento de São Bernardo, de Taboão da Serra.

Então, esses encontros que apontavam para a criação de uma central de movimentos populares, para uma central sindical, era um processo em discussão, não? Começamos a fazer encontros também já na oposição metalúrgica com metalúrgicos do Rio Grande do Sul, São Leopoldo, onde o Miguel Rossetto, o pessoal fazia um trabalho também de criação da oposição e foi assim que a gente foi se enturmando e contribuindo e participando desses processos, já também – voltando um pouco – participando muito de atividades de formação. Me impressiona muito nesse aspecto, o seguinte: as pastorais, elas de alguma forma supriam um trabalho que depois a CUT foi realizar. Então, o número de seminários, de encontros, número

de cursos de formação que a gente fazia naquela época era uma loucura! – Era uma loucura! – E eu reputo a esse tempo a formação de uma base muito consistente, de liderança muito consistente, né? E havia aquilo, que eu chamo hoje quando eu analiso, nós estamos fazendo na escola do PT um curso que chamamos de “Nova Primavera”, que é uma tentativa de uma indução para retomada para um novo trabalho de base.

A CONCLAT

Eu só queria falar do que significava o sonho da CUT para a gente. – Era um sonho extraordinário, não? Era um sonho muito mobilizador. Eu lembro que a preparação do sindicalismo para a construção da CUT não foi uma coisa “a frio”. Vocês sabem! Foi dentro daquele processo todo da grande mobilização, das greves, do novo sindicalismo contra o sindicalismo pelego. A gente enchia a boca para xingar a pelegada e o [surgimento do] sindicalismo combativo a partir da base da organização, comissão de fábrica – era um entusiasmo muito grande! A gente andava, circulava muito, no meu caso, no Paraná, fazendo reunião nos sindicatos dos trabalhadores rurais – o que também significava uma vertente muito combativa, muito ativa, com muita capacidade de transformação. Por exemplo: o PT do Paraná só parou de pé quando o sindicalismo rural entrou para valer no partido. E [foi] nesse entusiasmo todo que a gente foi perambulando pelo ENTOES – pelo ENOS, pelo CONCLAT. Aquela assembleia do CONCLAT naquele prédio, no pavilhão da Vera Cruz. Quando eu encontro o Jorge Bittar eu sempre me lembro muito dele coordenando a plenária final da CONCLAT, aquele racha que foi dando aos poucos, aquela guerra toda.

Aquela anteposição ao sindicalismo pelego e ao sindicalismo oficialista que o PCB também representava, de alguma forma, na tática deles, não? E depois teve o encontro de São Bernardo. Que foi uma coisa que... Eu lembro que eu fiz junto com o Celso Marcondes, eu coordenei a mesa e debates dos grupos e comissões que foram instaladas lá no auditório do sindicato de São Bernardo do Campo. Então, entrar naquele auditório daquele sindicato com todo o histórico que aquilo tinha – isso falando de 1983 -, coordenar uma mesa lá, para mim, moleque assim, vindo caipira do Norte do Paraná, aquilo para mim era um encantamento, era uma coisa... – Você olhava para aquilo, para aquelas lideranças, era uma coisa muito “sagrada”.

Eu estava dizendo que nem aquele frio daqueles colchonetes no chão lá do Vera Cruz conseguiu abalar as nossas convicções, pelo contrário! Aquilo

tudo era parte de um processo genial! Genial! Eu lembro que a gente saía com um gás, com uma força... –naquele período o socialismo estava ali na esquina. A gente achava que a gente ia mudar tudo com as nossas mãos, não só o Brasil, mas a América Latina! – Claro, tudo isso muito antes de 1989, portanto, um tempo em que a utopia parecia muito mais ao alcance da mão, então tinha uma mística, tinha uma coisa genial e que mobilizava muito; e a sedução desse novo tipo de sindicalismo independente de classe e tal, era muito bom! Eu tenho muita saudade desse processo.

Diretas Já, Constituinte e participação do sindicalismo

E todo movimento popular da Constituinte, de fato, a Igreja entrou pesadíssimo! Eram caravanas e caravanas a Brasília, trazendo muita gente a Brasília para fazer pressão, para fazer... Já na Constituinte, mas previamente à Constituinte (e isso é muito importante ressaltar), houve um trabalho de preparação, de conscientização do que era a Constituinte, de modo que, a campanha de 1986, para mim, foi uma campanha que eu tenho muita saudade, porque foi uma campanha altamente politizada e marcada pelos temas que se debateriam na Constituinte; depois – claro! – quando se instala a Constituinte, nem se fala! – A gente desempenhou um papel muito forte!

Foi uma grande... foi um processo altíssimo de mobilização - primeiro, na briga por uma Constituinte exclusiva. Que era a batalha nossa de não ser um Congresso Constituinte; e depois, mesmo tendo perdido a tese e a prevalência do Congresso Constituinte, mesmo assim foi uma participação... Eu diria que foi um dos picos de cidadania, de mobilização. A gente vinha da mobilização das Diretas Já, a frustração, e daí, logo em seguida, essa retomada muito forte; e como eram temas muito amplos de defesa de Direitos Humanos e tal, a igreja, na época, a CNBB, abriu muitas portas para isso – antes desse recuo que depois foi havendo.

Igreja, sindicatos e trabalhadores

É nesse clima que a gente começa, então, a tentar expandir o movimento sindical do Paraná – e eu estou falando aqui de 1980-81- onde, um estado que tinha uma característica industrial muito pequena, muito menor do que agora; a cidade industrial de Curitiba estava sendo montada naquele período, mas tinha uma base rural importante; e, com um trabalho muito anterior à gente, na chamada Pastoral Rural, mais do que da CPT, a Pastoral

Rural, e tinha os padres franceses que moravam em Curitiba – os Monges Beneditinos. E os padres franceses no sudoeste e oeste do Paraná tinham feito um trabalho muito interessante, havia uma entidade, que era um polo de mobilização de conscientização que era a ASSESOAR! – Aliás, um parêntese: o papel dessas entidades todas foi fundamental nesse período porque, quem fazia a formação, quem juntava o povo e a ASSESOAR, CEDAC no Rio, a FASE, o IBASE, eram todas essas... – Bom, vocês sabem tanto quanto eu! – E no Paraná não foi diferente. Nós tínhamos a ADITEPP, tínhamos várias entidades que nos ajudavam; depois o centro de formação Irmã Araújo, que nós criamos; eram todas entidades que, de alguma forma, na ausência de uma central sindical, faziam um trabalho importante de articulação e de formação das lideranças.

Quando eu falo daquele tempo do “vento a favor” é porque, apesar da ditadura, você tinha, primeiro, uma Igreja progressista muito atuante que formava as pessoas, que preparava, despertava o cara, do ponto de vista do sentimento ético e do engajamento político e, em consequência da fé, o cara tinha que ir para a luta, então as pastorais eram celeiros, as pastorais de juventude, as pastorais sociais em geral, mas a [pastoral] operária e da Terra, em particular, eram celeiros de gente para criar MST, para ir para CUT, para ir para tudo quanto é movimento. As comunidades de base articulavam muito a questão local, do território [e], também, para formação de associação de moradores etc.

Claro que havia os crentes, não é? Das Assembleias de Deus, Congregação Cristã, mas eram igrejas que tinham uma agressividade e uma influência, um peso, sobretudo através dos meios de comunicação, que não dá para comparar com o que é agora! Eles fecharam. Com a crise dos anos 1990, esse maldito acordo que o Vaticano fez com os EUA depois do Relatório Rockefeller que determinava uma perseguição à Teologia da Libertação sob o mandato de João Paulo II. Há uma retirada efetiva desse contingente de comunidades que trabalhavam, os religiosos morando em periferias, ativando a periferia e há uma retirada, uma perseguição; muita gente, por causa do celibato também, acaba largando a Igreja – porque os quadros mais dinâmicos não suportavam aquela loucura; e aí, você observa que, esse espaço vazio é, logo em seguida, preenchido muito fortemente pelos neopentecostais.

Mas, voltando agora ao leito da nossa questão: todo o trabalho dessas ONG’s e entidades é natural que ele recuasse quando se cria a CUT e a

gente vai ganhando sindicatos. Porque, aquele trabalho que se fazia era naturalmente um trabalho subsidiário! Era um trabalho que era feito enquanto ninguém queria um partido cristão ou um sindicato cristão. Aqui no Brasil nunca colou essa ideia de uma central sindical cristã, como tem na Bélgica e tantos outros países e muito menos um partido cristão progressista colou – aqui, nunca! Então foi natural que as pastorais fossem encolhendo de alguma forma também o seu papel mais proativo, já que os sindicatos foram assumindo esse papel, pelo menos em tese; na prática, a gente viu que depois de um florescer muito importante, também aí começamos a ter problemas, não?

Eu fiquei, naturalmente, nesse processo todo até 1985, quando eu fui Secretário Geral Nacional da Pastoral Operária, mas quando eu volto para Curitiba – porque eu fiquei um ano fora de Curitiba inclusive, morando em Nova Iguaçu para cuidar desse trabalho todo da pastoral nacional – e aí, foi bem legal porque eu tive um contato muito forte, na época, com a CNBB, eu representava a Pastoral Operária [na] CNBB e todo mês eu participava de uma reunião de cúpula da CNBB; na época era o Dom Luciano Mendes de Almeida o presidente, estava o Dom Ivo Lorscheiter, figuras que abriram um espaço incrível para a gente; depois eu volto ao Paraná e aí eu mergulho no PT de vez! Eu vou ser presidente do partido, candidato a deputado constituinte - aquela coisa toda! – e só retomo ao contato com a formação depois, quando, em 1989, Wladimir Pomar⁹², que era o diretor do Cajamar vai coordenar a campanha do Lula, eu assumo a direção de Cajamar e aí, naturalmente, em Cajamar a gente passa a ter de novo contato com a formação sindical porque a CUT não tinha ainda uma escola sindical São Paulo, funcionava em Cajamar a formação - a CUT estava se estruturando em termos de escolas e de formação. Já havia a 7 de outubro, [em Minas Gerais], e todo Cajamar, na prática, era financiado, em grande parte, pelo movimento sindical italiano. A CISL é que... Então eu tinha, obrigatoriamente, muito contato com a direção sindical. Lamentavelmente, quando Cajamar é fechada – eu saio antes, na verdade! – em 1993 eu deixo de ser diretor de Cajamar porque eu assumo a secretaria geral do partido e porque Cajamar já estava se exaurindo.

92. Wladimir Pomar, jornalista e escritor, foi militante do Partido Comunista do Brasil. Na ditadura militar viveu na clandestinidade, e foi preso em 1976, no “Massacre da Lapa”, e solto apenas em 1979. Algum tempo depois, integrou-se ao Partido dos Trabalhadores. Foi um dos coordenadores do Instituto Cajamar.

Em 1980, quando eu vou para a Pastoral Operária Nacional, eu fui o primeiro cara “liberado”, vamos dizer assim, e como eu já trazia todo um arcabouço de uma experiência de articulação - por conta já da fundação da CUT, na ANAMPOS, aquela coisa toda, - a gente transforma a Pastoral Operária, de fato, em um centro irradiador e inspirador forte para a Constituinte porque a campanha... 1986 ia ser a campanha de eleição, então 85 foi um ano de muita [atividade]. A coisa que mais faziam naquele tempo eram cursos e cartilhas. Eu me lembro de uma cartilha que nós produzimos. Então a articulação, com o IBASE, com a FASE, com a CPT, com a Pastoral da Terra, com Pastoral Operária e tal, era muito ativa!

Eu me lembro, assim, simbolicamente, quando houve o ENTOES, lá em Moquetá, estava uma confusão filha da mãe! Era um rolo! Era um rolo imenso! Aquela confusão de 30 mil correntes de esquerda tentando hegemonizar aquilo e ninguém se entendia! E aí, de repente, levanta um Alemãozão - enorme! - no meio da plateia e dá um grito, tipo assim: “vamos acabar com essa putaria aqui! Vamos nos entender!” - era o nosso Avelino Ganzer! Que ali, pela primeira vez, se manifesta. - Agora, quem que é o Avelino Ganzer? - Ele é fruto de onde? - Vocês sabem! Avelino migra do Rio Grande do Sul para o Pará, lá na Transamazônica e é um trabalho de Igreja casado com o trabalho da FASE que permite a criação do Lamparina - que era a corrente sindical classista deles - e que vira holofote! - “Holofote”, não! - Vira um farol de inspiração! - Quem cuidava daquilo lá? - Ranulfo Peloso! - Quem é Ranulfo Peloso? Um ex-frade franciscano.

E tinha o Geraldo Pastana ainda! Que também era frade e se casou com uma ex-freira, que é a Toninha - e aí vai! - Aí, você pega, no Espírito Santo, quem que está por trás do movimento? - É o pessoal de Igreja. - Aí você pega do outro lado do Pará, na região de Marabá, mas... - Como que chama lá? - Redenção? - O padre que está no Rio, depois de muito tempo, que teve um processo de perseguição, o Padre Resende.

No caso do Paraná, foram os padres franceses que começaram todo esse trabalho lá. - Se você fizer uma estatística e ver o número de ex-seminaristas na fundação do MST, você cai para trás, entendeu? O caso do Paraná, para mim, é típico! - de que, quem deu vigor, quem deu coluna vertebral para a CUT do Paraná, não foi o sindicalismo urbano, foi o sindicalismo rural!

Eu olho para esse quadro com muita preocupação porque, é o seguinte: essa fonte secou. - Isso que me preocupa. A Igreja foi destruída. Ela secou porque foi destruída, sem dúvida nenhuma. Porque, é como eu digo, eram dois

aspectos: era um aspecto de geração de quadros e até de acompanhamento, de cobrança desses quadros – sua fidelidade aos princípios e, ao mesmo tempo, era um espaço logístico importante. O PT nasceu em muitos salões paroquiais!

E eu lembro que, para nós, que estávamos na Igreja, nesse período, havia uma preocupação que era a seguinte: quem saía das pastorais e ia para CUT, ia para o movimento, largava a Igreja, quase como se fosse um foguete com estágios. Você queimou um estágio, você larga o foguete e vai para cima. Isso, de um lado, era muito bom porque evitava uma coisa importante, que era a questão de querer fazer um “igrejismo”, os igrejeiros e tal; mas tinha um complicador: rapidamente essas pessoas adquiriam os mesmos vícios do velho sindicalismo das disputas e perdia muito da mistura da luta.

A JOC era mais internacionalista do que a gente, do que a Pastoral Operária, só que a JOC, nesse período, já era decadente. A JOC já não tinha mais aquela força que ela tinha nos anos 1960, início dos anos 70. Quando eu chego no movimento, a JOC já não representava mais, ela não tinha mais a força que tinha tido; eu não consigo entender o porquê, mas a JOC foi perdendo força com o tempo. O líder maior era o Waldemar Rossi. Dom Angélico Sândalo, Dom Cláudio Hummes. O Anísio Batista⁹³ também era! O Anísio também era da Pastoral Operária, o Santo Dias era da Pastoral.

Desafios à ação sindical e perspectivas

Uma coisa, pessoal, que a gente deve observar, que é uma tentativa diferenciada, mas que há de se observar também o que o MST faz: como eles fazem isso? – O intenso processo de formação... Você vê que, enquanto o PT tem como escola uma salinha – uma salinha dentro da Fundação Perseu Abramo, é a estrutura da nossa escola, o MST, além da escola Florestan Fernandes, que é um Cajamar ampliado, vamos dizer assim, eles têm 42 unidades de formação e fazem uma coisa que parece bastante importante: o [militante], obrigatoriamente, tem que voltar para o trabalho de base, para o trabalho braçal, se for o caso, de períodos em períodos. Então, eu não sei se isso vai dar certo! Porque o lado humano é muito forte e o poder, e todo esse negócio exerce uma sedução avassaladora! Mas eu observo muito!

93. Anísio Batista. Operário, Batista foi um dos fundadores da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo. Participou da fundação da CUT e do PT, partido pelo qual se elegeu deputado estadual de São Paulo em 1982.

Agora, o que eu espero mesmo é que o nosso próximo governo, se o Lula, de fato, ganhar, que a gente faça muitas coisas que nós não fizemos e, uma delas, a mais clara para mim, vai nessa linha da educação popular, vai nessa linha da organização, nessa linha de criar um poder popular real que equilibre um pouco, que pressione a governabilidade institucional. Ser eleito e ficar na mão desses caras[...] e o próximo congresso vai ser igual ou pior ao atual, porque as regras que eles criaram, as emendas paralelas dão para eles um poder financeiro de amarrar os prefeitos...

Porque o prefeito, antes, vinha para Brasília com uma pastinha debaixo do braço e levava um monte de dinheiro nosso do parque das cidades, do parque da educação, do parque da saúde, do parque das cidades históricas, do Minha Casa Minha Vida – tinha política pública! – Isso acabou. Eles vêm agora com a pastinha atrás dos deputados pedindo emenda e cada emenda que eles levam é amarra para eleição. Então nós vamos ter um congresso difícilíssimo de lidar. A nossa bancada não vai crescer, mesmo a gente ganhando a eleição, não vamos ter um crescimento exponencial da nossa bancada. E daí, se nós ficamos na mão só, de novo, do parlamento, não tem como. Ou a gente cria um movimento de pressão popular – e isso não se cria do dia para a noite – ou nós estamos “fritos”!

JOSÉ PEDRO DA SILVA

Entrevista realizada em 04/10/2021

DURAÇÃO: 106 minutos

Fez parte da Oposição Sindical Metalúrgica de Osasco. Participou da CONCLAT. Trabalhou na secretaria de Abastecimento da Prefeitura Municipal de São Paulo na gestão Luiza Erundina; foi Ouvidor, Chefe de Gabinete e Coordenador de Orçamento Participativo na Prefeitura Municipal de Osasco durante a gestão Emídio de Souza.



Trajectoria de vida e militância sindical

Meu nome é José Pedro da Silva, eu tenho 79 anos e alguns meses, eu nasci em Conceição do Mato Dentro, Minas Gerais, em 1942. E de lá, meu pai, nossa família era bastante pobre, e aí meu pai ficou perambulando, arrumando trabalho naquelas fazendas, naquelas bibocas todas de Minas Gerais, depois nós fomos parar lá em Vargem das Palmas. Em 1948 nós pegamos o trem da migração lá de Vargem das Palmas e viemos para São Paulo. Eu cheguei aqui na estação do Brás aqui em São Paulo, trem que vinha de lá de Minas Gerais passava pelo Rio de Janeiro. Eu cheguei a ir com a minha família - eu, meu pai e uma irmã - e o meu irmãozinho tinha morrido lá na carvoaria, de inanição. Eu acho que eu não morri porque Deus não quis. E daqui da cidade de São Paulo, da capital, vieram aqueles fazendeiros do interior de São Paulo, mandavam os seus agentes contratar pessoas aqui que chegavam no trem da imigração, que chegavam do Norte, Nordeste e Minas para levar para as suas fazendas. Foi daí que o representante de um fazendeiro que tinha fazenda lá em Santa Adélia, esse fazendeiro era de uma pessoa que foi deputado (não sei se estadual ou federal) se chamava “Doutor” Joaquim - eu me lembro bem disso, era o “Doutor” Joaquim. E nós ficamos nessa fazenda durante dois anos e meio, eu já labutando como colono com o meu pai e, daqui, fomos para o Paraná. Foi meu pai mais uma família de amigos que queria ir para o Paraná porque era terra nova, queríamos arrumar serviço e ter uma vida melhor. E aí, fomos parar no Paraná, em Colorado, estava abrindo a cidade, nós fomos parar em um sítio lá, trabalhar de porcentagem; então tínhamos que derrubar o mato, morar num rancho e depois até esperar o café com quatro anos dar as primeiras frutas e você ficar com

a porcentagem daquele café. Só que aí, nesse lugar nós melhoramos bastante de vida, graças a Deus! Porque melhorar de vida naquele tempo era você poder comprar – eu estava com 11-12 anos – o primeiro sapato, a primeira botina que o meu pai pôde comprar; comprar uma flanela para fazer roupa por causa do frio (porque no Paraná fazia muito frio); comprar um brim para fazer uma calça - isso era “melhorar de vida”. Para nós, naquele momento foi um salto de qualidade, porque colhia arroz, feijão, milho; meus pais (minha mãe e meu pai) muitos trabalhadores e eu, na pegada deles (eu e a minha irmã pequenininha), enfim, daí nós fomos para Rolândia no Paraná. E dali eu virei congregado Mariano. Aquele movimento da Igreja Católica bastante conservador.

Aí, recomeçando: eu vim para São Paulo com a família Ferraz - porque eles já tinham uma filha casada aqui, com o genro deles aqui em Osasco e ele trabalhava na Cobrasma. No começo, houve uma dificuldade muito grande. [Mas], ficamos por aqui mesmo. E aí, entrei na fábrica de óleo de mamona, a Sanbra, no Jaguaré [bairro da capital paulista]. E quando eu entro na Sanbra? No dia 15 de janeiro de 1962. Aí, logo em seguida, eu e outros fomos “descobertos” por um militante do Partido Comunista Brasileiro. Ele trabalhava na fábrica, eletricitista, e ele nos levou para ficar sócio do sindicato, e eu nem sabia o que era sindicato. eu comecei a participar [do sindicato] em 62 com ele. Depois fomos para a escola do Partido Comunista também e ficamos trabalhando na fábrica e indo para a escolinha na Lapa, na Rua 12 de Outubro. A gente, uma vez por semana, ia lá fazer curso de base do Partidão. Aí, veio o golpe de 64 e fomos obrigados a queimar todos os livros e desaparecer.

Posteriormente, fui trabalhar na Cobrasma. Nessa época, já morava em Osasco e já tinha casado de novo, já tinha uma filha que sofreu tuberculose e eu não podia... eu não tinha muito tempo para fazer as coisas. Então, eu fiquei meio afastado. Só volto a fazer um trabalho mais, assim, popular, mais assim, no seio da Igreja, em 1968, na Igreja Católica de Vila Iolanda, aqui na Comunidade de Vila Iolanda onde os padres eram operários.

Depois de 1978 eu arrumo um trabalho numa empresa bem pequenininha em Carapicuíba e fico ali até 1981, quando vem a eleição sindical e nós perdemos a eleição em 81 e eu fico desempregado. Em 81 [eu saí do movimento sindical], depois eu ainda trabalhei até 1988. Eu não parava em fábrica, então eu não poderia ser... eu não construía, não conseguia construir, era sempre empresinha pequena. Eu me lembro de uma, Nortof

, no caminho de Cotia, aqui na Raposo Tavares. Eu entrei para trabalhar escondidinho lá, fui trabalhar numa fábrica pequena, um terço do salário que eu ganhava antes, mas eu estou ali trabalhando. No dia do meu aniversário em 1987, a assistente social da fábrica me chamou e disse assim: “Ô, Seu Zé Pedro, eu vim trazer uma notícia aqui muito ruim para o senhor.” - Aí, eu gelei porque já tinha acontecido coisa nesse sentido em outras fábricas. - Ela disse: “Olha, o senhor aqui é considerado um grande caldeireiro, o chefe, o encarregado do gerente, a gente gosta muito do senhor, só que a gente vai ser obrigado a mandar o senhor embora. Não é nem pela diretoria da fábrica, mas chegam coisas externas para cá que não podemos ficar com o senhor.” - E como era o dia do meu aniversário, ela olhou para mim, os olhos dela – era uma companheira loira, tinha um corte aqui no rosto, uma cicatriz – e ela chorando e disse assim: “Que presente de aniversário, hein, Seu Zé Pedro?”; aí eu falei assim: “Pois é, companheira! Ainda bem que eu estou dialogando aqui com você nesse papel que você está fazendo, uma pessoa de sensibilidade, mas é o trabalho.” E ela: “por que eles têm raiva do senhor, Seu Zé Pedro? O senhor é uma pessoa maravilhosa, e todo mundo aqui gosta; o senhor ajuda, inclusive a aconselhar os trabalhadores. Por que eles têm tanta raiva?” – Eu falei assim: você tem mais condições de dizer isso do que eu, porque você é universitária, você lê a história do mundo, do país, do mundo, você vai compreender. Eu luto contra a exploração do homem pelo homem que começa aqui lutando por um melhor salário. E aqui, eu estou quietinho para ver se eu consigo tratar da minha família para continuar essa luta e eles não me deixam.” - Depois eu fui para a Munck. Na Munck eu fui vedado por um diretor do sindicato daqui que me descobriu lá – eu não vou falar o nome – mas ele foi lá, me entregou para a diretoria, a mesma conversa que eu tive lá na Nortof, eu tive lá na Munck...

A agenda sindical no período

Eu me lembro que nós fizemos o programa da Chapa, onde nós colocamos “direito de greve, fazendo greve! Pela Central Única dos Trabalhadores”, lembra que nós falávamos isso? “Pela Central Única dos Trabalhadores” - fomos nós que começamos a falar lá atrás, não? Então, isso daí foi muito importante e a gente trabalhava interligado à oposição de Osasco depois com a ligação com os companheiros da oposição de São Paulo, o Rossi,

o Raimundinho⁹⁴, Hélio Bombardi⁹⁵, Fernando do Ó⁹⁶, Clóves Preto⁹⁷ - meu irmãozão, companheiro que, olha, quando eu lembro dele me dá uma emoção! - Aquele cara, olha, esse foi um companheiro, assim, que marcou muito uma época da minha vida, sabe? O Flores⁹⁸! - E havia muita divergência na oposição. Depois rachou, o Bira⁹⁹ para um lado, o Bigode¹⁰⁰ no outro. Então, foi aquele “vuco-vuco” todo, não? E daqui, muitas vezes, eu fui chamado para ir em Contagem para falar um pouco da oposição aqui em Osasco, onde eu conheci o Waldemiro e o sogro dele, o Ignacio.

E já em 1978, Silva Portela, você lembra que nós aqui em Osasco, no dia 1º de maio, nós fizemos o primeiro ato unificado de rua, de praça e foi naquela Igreja de Santa Gemma que nós fizemos e veio gente de São Paulo, veio gente de vários lugares do ABC. Os sindicalistas não quiseram fazer porque estava muito perigoso ainda, a ditadura ainda estava botando medo, mas nós fizemos lá em Osasco e juntou lá uns 4 mil trabalhadores e nós falamos em voz alta sobre a trajetória da nossa classe, que nós estávamos continuando na luta para poder organizar os trabalhadores e lutar por poder aquisitivo maior e por uma sociedade mais igualitária. Isso foi feito aqui no 1º de maio de 1978. Aquilo também foi muito importante para a nossa luta.

E em 81 eu sou mandado embora, quem assume a presidência do sindicato é o Antônio Tocci, e eu fui trabalhar em Piracicaba porque não tinha condições de arrumar trabalho aqui. Por um ano e pouco eu perambulei por umas 12-15 empresas e quando descobriam quem eu era, eles mandavam embora! Aí, eu fui para Piracicaba e eu fiquei lá trabalhando na Dedini

94. Raimundo Moreira de Oliveira, metalúrgico e membro da Oposição sindical de São Paulo.

95. Hélio Bombardi (1948-2018). Metalúrgico, participou do Movimento de Oposição Sindical de São Paulo. Na eleição do sindicato em 1984, encabeçou a Chapa 2 de oposição, mas foi derrotado pela Chapa 1, liderada por Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinão. Fez parte da executiva da CUT em 1988.

96. Fernando do Ó. Metalúrgico e membro da Oposição Sindical de São Paulo.

97. Clóves de Castro. Metalúrgico, membro da Oposição Sindical de São Paulo e fundador do PT.

98. Antônio Flores foi dirigente sindical metalúrgico, militante do PCB, participou do Movimento de Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo. Em 1984 se elegeu diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Foi dirigente da Força Sindical e um dos fundadores do PSDB.

99. Ubiraci Dantas (Bira). Metalúrgico, fez parte do Movimento Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, participou das discussões para a construção da CUT. Faz parte do Comitê Central e da Comissão Política Nacional do PCdoB e é vice-presidente da CTB.

100. Cândido Hilario Garcia de Araújo (Bigode). Ex-metalúrgico, fez parte do Movimento Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, foi assessor da CUT. Em 2023 é coordenador-geral de informações da Secretaria Geral da Presidência da República.

como caldeireiro e já tinha o Partidos dos Trabalhadores e lá, inclusive, eu morei na sede, que era a sede do partido, dormia na sede onde fazia comida. Ficava de segunda a sexta lá. De segunda a sexta e depois ia para São Paulo e já membro do diretório estadual, que já estava formando. Então, a gente fazia o trabalho sindical e o trabalho político partidário já no mesmo momento. Essa foi a trajetória que vamos levando aí, depois teve a eleição de 82. Primeira eleição que o PT participa, assim como partido mesmo, com cara-própria, e fui candidato à deputado federal também aqui.

A discussão sobre o sindicato livre

É porque também, assim, em 78, eu me lembro, inclusive, como se fosse hoje. Eu fui fazer um debate em Campinas, no movimento sindical, eu tinha uma ideia mais à esquerda, da oposição sindical, que era o sindicalismo livre, lembra? Que nós falávamos que queríamos fazer o sindicato livre, o sindicalismo livre, mas não o Sindicato Livre e começar outro sindicato. A ideia não era essa, mas tinha um pessoal que dizia que esse sindicato aí era uma corrente, digamos assim, “viciada”, que era manobrado pela estrutura do poder de Estado. Então, tinha que criar um sindicato de baixo para cima, um sindicato livre. E aí, nós travamos no seguinte: fazer um debate político e ter essa compreensão de que o sindicato tem que fazer coisas diferentes do que está sendo feito por uma série de pessoas aqui, como o Joaquinão, como outros aqui e do peleguismo. - Nós temos que jogar no sindicato, enfrentar as eleições, enfrentar o trabalho de base e trazê-los para poder ter uma visão de respeitar mais os interesses dos trabalhadores. Então, essa coisa do sindicato livre era uma coisa que era para formar outra coisa que não fosse sindicato aqui. Eu me lembro que, debatendo lá em Campinas, eu fui muito massacrado por pessoas, inclusive por pessoas mais intelectualizadas do que eu, para poder bater na questão maior do sindicato. - “O sindicato está aí, ele é utilizado sim pelo Estado, mas o sindicato, essa ideia sindical, nasceu antes de nós e o que nós precisamos fazer é trazer o sindicato para poder fazer um trabalho mais importante e dá para fazer - e dá para fazer! E nós tínhamos que buscar de baixo para cima e ganhar as direções sindicais.” Eu falava: “Lá no ABC, o Lula está fazendo.” lá em Osasco fizeram, só não foi mais a frente porque foram muito afoitos e arrebentou; lá em Contagem também fizeram; em João Monlevade também estão fazendo - o Brasil inteiro está fazendo! Então, criar outro sindicato e dizer que ‘vai ser livre’, vai ser

livre enquanto os trabalhadores tiverem força! Se nós tivermos forças, reunirmos forças e consciência, esse mesmo nós vamos trazê-lo para uma linha melhor de representar os trabalhadores.”

A CONCLAT

Eu fui [na CONCLAT] representando a metalúrgica de Piracicaba onde eu estava trabalhando, certo? Então, eu me lembro direitinho, e aí você fez uma postagem esses dias que foi espetacular, relatando aquele encontro da CONCLAT e dizendo o nome e quem representava por esse Brasil inteiro. Eu me arrepiei aqui todo de ver o tamanho, o número de gente importante que ficou fazendo trabalho meio que “de formiguinha” e que começou aparecer naquele momento...Eu, por exemplo, A gente era da Ação Católica Operária, ACO! O João Cândido¹⁰¹ [também era da ACO]. Eu fui também da Ação Popular, mas foi uma sequência do que foi a JOC e depois virou uma organização política partidária, AP. Fiz parte também. A discussão do sindicato livre permeou a CONCLAT a ponto de que, naquele momento, o Arnaldo, do Sindicato dos metalúrgicos de Santos que era do Partidão, a partir desse momento não quis dar força para a central única. Lembro que quando a gente faz a Central Única dos Trabalhadores, teve gente que foi até a CONCLAT – o Joaquinção estava na CONCLAT e na hora de configurar a central houve a divisão, e nós nos enveredamos pela Central Única e esse pessoal fez outro trabalho; e aí algumas das pessoas do Partidão ajudavam nesse trabalho de não vir para a CUT. E ocorreu esse choque de divisão em relação ao partido da classe operária, o partido da classe trabalhadora. E muita gente defendia a tese de que os trabalhadores já tinham o seu partido (que era o Partidão). “Por que juntar ao PT?” Nessa discussão também teve outra luta que nós fizemos. A Central Única dos Trabalhadores tem uma história – porque a nossa história... Foi assim, uma coisa das mais importantes que aconteceram na história do povo aqui no Brasil, foi uma coisa muito importante fundar a CUT da forma como ela foi fundada. Isso tem trabalho feito no período duro de ditadura militar, de pessoas que eram jogadas lá para fora, de pessoas que ficaram escondidas aqui, de pessoas que tomaram consciência debaixo dessa ditadura militar.

101. João Batista Cândido. Operário metalúrgico, trabalhador da Cobrasma em Osasco (SP), foi coordenador da Juventude Operária Católica. Em 1967, foi eleito secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco em chapa encabeçado por José Ibrahim. Foi um participante ativo da greve de 1968.

Então, é um resgate muito grande em relação ao que é importante para a classe trabalhadora. Eu não sei hoje como é a visão de vocês a respeito da CUT, mas eu acho que a CUT foi um ponto muito acertado da liderança que chegou a criar a Central Única dos Trabalhadores. Só que hoje tem outros desafios. Porque as coisas não ficam paradas, não ficam paradas do nosso lado, mas também não ficam paradas do lado dos adversários, do lado dos inimigos...

Desafios à ação sindical e perspectivas

A burguesia, principalmente a burguesia brasileira, é uma burguesia muito sagaz, muito... Eles utilizam todas as ferramentas para poder tirar a gente do jogo. - Eles tentam ganhar na falação, nas notícias. Se não der certo: até prender e matar. A gente tem que ter essa compreensão. Porque veja bem, mesmo hoje, aqui, a experiência que nós vivemos de PT, chegar ao governo, faz um governo capaz da social-democracia, está certo? - Onde foram feitas coisas que muitos de nós achávamos que ia mais além, mas não foi e a gente vai fazendo as coisas e eles, mesmo assim, ganharam muito dinheiro. Mas não aceitam que os trabalhadores dirijam o país, dirijam o Estado. Então, quer dizer, essa compreensão a gente não pode deixar para lá, por isso essa ferramenta da CUT, o PT e os partidos de esquerda, os movimentos de esquerda como o MST, MTST do trabalhador sem-teto, todos esses organismos vivos, a gente tem que tratar isso como sendo, assim, uma coisa importante porque essa que é a nossa ponta de lança e a Central Única dos Trabalhadores tem esse papel maior ao nível nacional. Para poder continuar levando a gente para o caminho que precisa fazer. Veja agora, na hora que vai para a rua, hoje quem mobiliza do lado da esquerda - a não ser o MST, o movimento do Bóulos, o MTST. Todos esses movimentos, que são movimentos vivos! Eles que trazem gente para a rua! Teve 20 partidos organizando aqui (até da direita) organizando esse encontro que teve agora na rua, sábado, e é só olhar quem é o setor que mais reuniu gente. Então, é isso aí. E nós precisamos traçar plano, panorama do que fazer mais acertadamente, ver onde foi que a gente falhou lá atrás, porque chega à presidência da República no terceiro/quarto mandato da gente, a gente é apeado do poder, da forma como foi apeado. Aí, que eu me lembro lá daquele documento lá que você fez da CONCLAT, aquilo ali era para não ter acontecido essas coisas que estão acontecendo. - Agora, o que fazer? - Vamos ter que descobrir juntos.

Então, quer dizer, esse nosso trabalho, sabe, de aguentar todas essas coisas vou fazer agora em abril do ano que vem – eu estou com 79, em abril eu vou fazer 80 anos – e eu agradeço demais de ter, nessa vida, eu que fui lá, que fui menino de carvoaria lá no meio do mato e hoje eu poder contar [essa] história que vivemos a gente como vocês e outras centenas de milhares por esse país afora, por esse mundo! Que dizer: nós estamos certos, nós estamos, com certeza do lado certo da história! Porque nós somos contra a exploração do homem pelo homem. Mas isto não agrada esse bando de fascistas que não querem só explorar, mas querem escravizar, querem perverter a cabeça das pessoas como faz aquele presidente da [Fundação] Palmares, que nega a raça dele, nega à classe dele! Então, nosso trabalho é um trabalho ardoroso, e eu sinto que agora, na idade que eu estou – eu estou, graças a Deus, eu estou muito bem! - Mas esse bem dentro de uma pessoa de 79 anos, que trabalhou na enxada, que trabalhou na marreta e que meus ossos, as minhas estruturas tiveram muitas dores...

ANA LÚCIA DA SILVA

Entrevista realizada em 18/11/2021

DURAÇÃO: 68 minutos

Participou da CONCLAT e da fundação da CUT. Criadora do Núcleo de Educação Popular José Novais e do Centro Cultural Eldorado dos Carajás.



Trajatória de vida e militância sindical

Desde os 15 anos eu sou militante, é natural que você siga essa trajetória. Enquanto professora, eu era muito ativa no enfrentamento contra a ditadura e, quando eu entrei na Universidade Federal, eu já participava. Eu era muito ativa em manifestações contra ditadura.

A CONCLAT

Dificuldades para a criação da CUT

A criação da CUT tinha muitos entraves porque havia setores, na época em que a CUT [foi criada], que ainda apostavam na unidade. Eles achavam que ainda era possível uma unidade com Joaquinção, com a reforma e tal. E eu achava que era impossível essa unidade. E tinha uma divergência [na proposta] de estatuto: para comparecer ao congresso que era o famoso artigo 8º. Pela nossa proposta, por exemplo, o congresso de criação da CUT, iria o seguinte: se fossem 5 pessoas da diretoria, tinha que ir 10 da base. A base era sempre o dobro, quando não, o triplo de direção. E a reforma [à época, PCB, PC do B e MR8, principalmente] não concorda com isso de jeito nenhum. Então era uma disputa em torno do famoso artigo 8º. Eu me lembro que em uma reunião decisiva, eu chamei o Jair e falei: Jair, não dá! Não adianta a gente ficar discutindo! Não vai chegar em um acordo porque, não é uma questão do estatuto, não é uma questão do artigo 8º; é uma questão de concepção, concepção sindical, de movimento, de luta, de estratégia, uma concepção de Brasil, não adianta! Há um eixo aí, político, ideológico, que separa. E aí, fomos conversando e o Jair disse: Olha... – Uma

hora o Jair levantou e falou: vocês querem saber uma coisa? Nós vamos criar a CUT, quem quiser, que venha! – E aí a gente se retirou dessa reunião e decidiu criar a CUT.

Principalmente, os trabalhadores rurais, através do Avelino Ganzer e também o Paim, eles lutaram para que eu entrasse na executiva. Então, eu entrei como Secretaria Nacional de Formação da CUT.

Eu fui para o CONCLAT [1983] e na véspera de eu ir, eu quebrei a perna e lá vou eu para o CONCLAT de perna quebrada! Engessada até acima do joelho, sabe? Mas fui, sabe?! – Aí eles tinham me dado para discutir ‘não-sei-o-que’ e não sei onde, eu falei: “Não, gente! Eu não tenho resistência para ficar batendo perna para lá não, eu vou ficar sentadinha aqui.” – E fiquei sentada perto de onde estavam discutindo a Constituinte, sabe? E eu era muito crítica de se jogar toda a força na Constituinte, que você tinha que continuar combinando a luta mais geral em uma perspectiva socialista e a constituinte, mas que você não poderia virar todas as suas energias para a Constituinte. Mas, como eu não pertencia ao grupo, eu não podia dar muito palpite. E era interessante, tinha muito camponês e os camponeses, o camponês, quando ele vai falar, não tem nada que ver com o jeito que nós falamos. Porque eles contam casos para expressar o que eles querem. E o povo da mesa ficava assim: “vamos lá, apresenta proposta! Vamos lá, proposta concreta!” – Então era uma guerra entre a mesa e os campônios, sabe? Aí eu pedi para intervir, eu falei: “gente, aqui são duas linguagens, vocês precisam entender que por aí vocês não [vão] a nenhuma parte, os campônios têm direito de falar aqui.” – E, anos depois, eu encontrei vários camponeses que se lembravam dessa minha intervenção, de “vamos ouvir os campônios, porque as duas visões são diferentes e a forma da analisar”. – Eu me lembro que tinha muita gente, não?

A participação feminina na construção da CUT

Teve o congresso da CUT que eles resolveram fazer uma pesquisa – a gente já havia criado a secretaria [e já havia sido realizada] a reunião das mulheres para criar a secretaria, e aí elas queriam fazer uma pesquisa sobre machismo entrevistando as mulheres. Eu falei: nada disso! – Só tem dois assuntos que são estritamente da mulher: menstruação e carregar menino 9 meses na barriga! Todos os outros problemas chamados “das mulheres” são da relação delas com os homens; então tem que entrevistar os dois. – Eu não sei, depois, o que foi feito dessa pesquisa, mas ela foi feita, sabe?

Com os homens e com as mulheres. Tanto que, por exemplo, na periferia, o trabalho que eu faço, ainda faço hoje, a gente discute machismo, os homens junto com as mulheres e tem muita menina que é tímida, que não tem coragem de falar, mas tem menina que desce o cacete mesmo! Abre a boca sobre o machismo dos pais, dos avós, dos irmãos e tal. Porque não adianta a gente ficar discutindo entre nós, isso para mim é um equívoco.

Diretas Já, Constituinte e a participação do sindicalismo

O Jair e eu representávamos a CUT no comitê das diretas já. Aí nós chamamos uma greve geral. Chegamos na reunião, Ulisses Guimarães virou e falou assim que “ia para a paralisação cívica”; eu falei: como assim? O quê que é isso “paralisação cívica”? – “Ah, todo mundo vai parar! Os operários vão parar, os patrões vão parar, todo mundo vai parar!” – sabe? – Eu olhei assim e falei para ele: Menos eu! Isso aí tem alguma coisa... Que negócio é esse? – Eu falei: eu não sei o que é, mas que tem alguma coisa aí, tem. Vinte anos depois eu fiquei sabendo que ele já tinha chamado direções, seja gente da CUT, dos partidos, e tinha informado que ia para o colégio eleitoral. Quer dizer, quando foi lá naquela votação, muita gente que estava lá já sabia que ia para o colégio eleitoral. Eu me lembro até que, todo mundo desceu para o gabinete do deputado federal Eduardo Suplicy, e aí o povo chorando. Eu falei: Ô, gente! O negócio da luta de classe é o seguinte: “fomos derrotados (derrota da Emenda Dante de Oliveira de 1984 para eleições diretas). Vamos para casa para descobrir o porquê. Então, “tchau para vocês”! Vocês ficam aí chorando, eu vou reunir o povo para saber o porquê nós fomos derrotados. Esse negócio de ficar chorando, não leva ninguém a lugar nenhum.” – Aí o povo me olhou assim e pensou: ela é um monstrinho! Deve ter pensado (risos). E até hoje eu tenho essa posição. Por exemplo: essa derrota que nós sofremos. Tem um monte de gente, de vários setores, que até agora não parou, para [se perguntar]: “por que fomos derrotados?”

Desafios à ação sindical e perspectivas

Como é que vão surgir novas lideranças? – Porque a liderança máxima do movimento sindical é Lula. Até hoje continua como referência; não se formou nenhuma grande liderança que mantivesse a expressão nacional. Eu falei: mas vai nascer para essa nova classe que está surgindo. Há esse desafio

de entender o que é essa nova classe trabalhadora. Há o desafio de que vocês têm que começar a se preocupar em passar o bastão. Vão fazer errado? Vão! Nós também fizemos! Mas eles vão fazer com mais qualidade do que a gente porque hoje eles têm um acúmulo. Tem um acúmulo de discussão do feminismo maior; do racismo, tem um acúmulo de conhecimento mais amplo do capitalismo ao nível mundial, então eu acho que está na hora do movimento sindical pensar nisso.

PAULO SKROMOV

Entrevista realizada em 01/11/2021 e 15/11/2021

DATA 1: 01/11/2021

DATA 2: 15/11/2021

DURAÇÃO: 204 minutos

Foi militante do Partido Revolucionário Operário (POR). Foi um dos fundadores do PT. Ex-presidente do Sindicato dos Coureiros do Estado de São Paulo.



Trajatória de vida e militância sindical antes de 1964

Meu nome é Paulo de Mattos Skromov, nasci em Piracicaba, interior de São Paulo e tenho 75 anos. Eu comecei na militância política antes da sindical, embora morasse na casa de um líder sindical, eu tinha sido adotado por um tio. Minha mãe, ao falecer, eu tinha 10 anos, e um pouco antes, já no leito de morte, ela escreveu para o irmão dela: “Cuida desse menino que ele é muito levado e seja duro com ele.” -. E ele levou a sério! - Ele era aquele cara antigo, né? Aquele... professor de primeiras letras, professor da rede estadual, né? E ela achou que ele era o melhor para me criar. Eu tinha outros quatro irmãos, cada um foi para um tio diferente. Por isso meus irmãos têm até classes sociais às vezes disparatadas. Esse meu tio, ele, advertido que eu “não era fácil” pela própria mãe, ele já me pôs para trabalhar. Ele acreditava na educação laboral - era muito comum na época. Então, com 10 anos já comecei a trabalhar. A minha “primeira tarefa” – eu não posso dizer “emprego” porque eu não era registrado nem nada! - foi guiar uma carroça para levar uma professora na escola rural. Imagina, que estava ao alcance dele, como professor, ajudar uma colega. Ele era vereador na cidade onde morava, em Votuporanga. Foi uma viagem épica em um caminhão Citroën antigo, da época da guerra. Estrada, 700 quilômetros de estrada de terra. – Maluquice! - Bom, mas, enfim! - Eu virei filho desse meu tio. E ele tinha um irmão ferroviário, maquinista da Cia. Paulista de Estrada de Ferro, chamado Lázaro Sampaio Mattos. Esse meu tutor era Paulo Sampaio Mattos, irmão da minha mãe, Maria Cândida Sampaio Mattos. E o Lázaro, quando eu estava – tinha acabado de completar os meus 15 anos (agosto de 1961), chegou a notícia lá em casa em Ribeirão Preto - nessa época estava já morando em Ribeirão, eu

fazia o SENAC, estava trabalhando no comércio local, uma indústria, mas na parte de depósito da indústria (separar pedido, expedição, arrumar o estoque) e aí o meu tio, que até então me tratava como criança, fez o rito de passagem com a politização e tudo de uma vez só. - Eu cheguei do serviço – a gente morava ao lado do bosque, quem conhece Ribeirão sabe, tem um bosque bem no centro, bem no meio da cidade, muito bonito! - e falou: “Vamos tomar uma cerveja lá no bosque.” - Sentamos no boteco do bosque, e ele falou: “Olha, a coisa está feia no nosso país. O seu tio Lalito, Lázaro, está preso. O Dops, como costuma fazer, invadiu a casa dele e o levou. Está na base aérea, base aeronáutica de Pirassununga.” - Esse meu tio morava em Porto Ferreira, uma cidade de um ramal da ferrovia paulista. Eram oito ferroviários, não chegava a 10 - todos comunistas.

Minha mãe, ela era PCB, só que ela era tão radical que o PCB preferia mantê-la como “simpatizante”, digamos assim. Esse meu tio também tinha sido militante daqueles bem ferrenhos; tinha feito junto com a minha mãe e meu pai a campanha para angariar dinheiro para socorrer o exército vermelho [à época da guerra].

Eu completei os 16 anos e tirei a carteira [de trabalho] no mesmo dia que completei, corri na empresa, a empresa me assinou a carteira, o registro: Tintas Ipiranga S.A., matriz. - A fábrica principal era em Rudge Ramos, em São Bernardo. Aí me mandaram para fazer um treinamento lá e eu aprendi até a pintar parede - para você ter uma ideia! - com as tintas fosco, brilhante, Suvinil. - Não é Suvinil, que é do concorrente, mas, enfim, a tinta plástica PVC. E, bom, enfim! - Eu entrei para a indústria química. Estreei. E tinha um companheiro do CGT, ele gostou de saber de mim. O colega de escritório... Eu tinha um colega de escritório que também era comunista: Rubens Francisco Lucchetti. Se tornou depois um escritor... Ele não tinha diploma universitário, mas era um escritor muito fecundo. Escrevia livros policiais, imagina. Contos policiais.

Greve pelo 13º salário em 1963

Então, houve a greve de 63, dezembro de 63, nós tivemos que fazer a greve, porque a empresa falou que não pagaria o 13º, mas pagou. Então foi só assim uma greve, mas teve firma que parou vários dias até conseguir; e a Fiesp comandava uma rebelião, o não cumprimento, abertamente, descaradamente, não? E o 13º foi que provocou - pelo menos foi o mote da Fiesp - a arregimentação [do] empresariado para o golpe para derrubar o

Jango. - E, bom, 1º de abril de 64... – Ah, e eu era delegado sindical. Eu não tinha 18 anos, e era delegado sindical, e esse Manoel Montanhani, era líder dos químicos em São Paulo, partido comunista, do CGT – acho que era secretário do CGT – ele me mandou uma carteirinha. Logo depois da greve geral, quando eu recebi o meu registro, o Rubens escreveu para ele: “Olha, eu estou indicando aqui, o menino ainda tem 16 anos.” E eles me nomearam delegado sindical. Falou: “Só não pode entrar na justiça, porque você não é maior. Então, se você for abrir um processo, usa um advogado. Não precisa você...” Então eu virei sindicalista e aprendendo as coisas essenciais: que o sindicato tem que ser a casa de todo mundo, aberto a todos; o mérito do sindicato não é ser mais vermelho, menos vermelho, é ser o maior possível, abranger o mais possível a classe trabalhadora, a base representada; mas não se iludir com esse negócio de categoria e de corporação. Enfim, mas eu adulto não conhecia São Paulo e quis morar com o meu irmão. Ele morava em uma pensão de operários no ABC. O meu irmão foi criado depois dos 10 anos, ele tinha 11, eu tinha 10, longe de mim, era o reencontro. Eu fiz questão de morar lá onde ele morava, numa pensão muito complicada.

Sindicato dos Bancários

E então eu virei bancário. O meu sindicato dos bancários de São Paulo era ali no prédio Martinelli, depois saiu, depois voltou. Mas ele tinha um andar só. Naquele prédio, tinha um outro andar que era [o sindicato] dos padeiros. Havia vários sindicatos no Martinelli. E, quando eu entrei, em 1965, tinha acabado a intervenção. O interventor da ditadura tinha cumprido – na verdade, pressionado – ele convocou eleições, e o PCB retomou o sindicato. O PCB, através do Xavier, fez uma ampla frente e as esquerdas, que estavam começando a romper com o PCB, com o PC do B e com a Igreja.

Surgimento das oposições sindicais

Mas naquela época, em 1967, a gente tinha radicalizado bastante não apenas contra o pacifismo, que era a maior crítica ao PCB feita pela dissidência do Marighella, contra a aliança de classe que o PCB insistia em fazer, do desenvolvimentismo que ele pregava e que a resistência tinha que ser até certo ponto, contra o imperialismo, não contra o capitalismo. Quer dizer, acreditavam numa burguesia nacional, aquela coisa. E a possibilidade de nós sermos um país soberano, etc., etc. O PCB propunha,

portanto, uma paz social entre patrões e empregados. E nos sindicatos, como que se refletia isso? Refletia que eles tinham secretamente uma identidade comunista que, no caso, nós sabíamos, porque nós viemos da mesma organização. Mas, eles agiam igual à burocracia sindical pelega que apoiava a ditadura, que tinha uma crítica pequena à ditadura. Enfim, os que apoiaram depois a Frente Ampla. Então nós identificamos... Começamos a identificar os militantes sindicais do PCB como pelegos também, como burocracia. E esse movimento é que dá origem às chamadas oposições sindicais. Nunca se teve um nome adequado para esse fenômeno que acontece, principalmente, [a partir de] 1967. Foi ali que nasceram as chapas verdes, não é? Os movimentos de oposição sindical mais importantes. Então, por exemplo, o Ênio Seabra liderava os metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem e lança em 67 a chapa verde e ganha. Ela é impugnada pelo Jarbas Passarinho, pelo ministro do Trabalho, mas a chapa dele toma posse. O Zé Ibrahim lança em Osasco a Chapa Verde, para tirar a burocracia do sindicato.

O Augusto [Campos] era o nosso colega no banco, mas ele era mais PCB. Ele ajudava a distribuir o nosso boletim. A gente, eu e o Paixão fazíamos um boletim interno do Banespa, chamado “Nosso Jornal.” Era uma coisinha de nada, mas regular, 3 mil exemplares na matriz e entrava clandestino, era distribuído... Não era clandestino, mas era conspirativo. Então, todos os trabalhadores, mil, dois mil, três mil trabalhadores da matriz onde a gente estava, aquele prediã, cartão postal da cidade, perto do Martinelli.

[Naquele período] havia muita greve, tinha panfletagem, tinha muita agitação, tinha piquete. Nós ficamos muito frustrados de não poder parar na greve geral dos bancários de São Paulo em 68, que nós fizemos uma assembleia grande com 3 mil [bancários] no salão das Classes Laboriosas, na [rua] Roberto Simonsen. Ali, hoje, pouca gente sabe que aquilo tudo virou Praça da Sé. E nós decretamos greve, e o Frederico Brandão, que era o presidente do sindicato, que era Partido Comunista Brasileiro, nos traiu, foi lá e fechou acordo com a Febraban, Fenaban. Mas, o fato é o seguinte, com essa frustração de não ter a greve geral, aí nós paramos o Banco de Crédito de Minas Gerais, que eram 22 agências na capital e fomos ajudar os piquetes. Eu não era do Banco de Crédito de Minas Gerais, mas aquilo foi um consolo, parar alguma coisa, que depois tinha parado metalúrgico de BH e Contagem, depois parou, em julho, Osasco.

Percepção do ano de 1968

Em 1968 era um furacão. Era um furacão. Bom, esse ano, claro, marcou todo mundo que passou por ele, não é? Então 68 tem muito a ver com a minha formação. Então, 68 foi importante. Eu fui até Curitiba ajudar os bancários, porque lá a federação estava com a esquerda. Um companheiro que estava radicalizando dentro do PCB, mas estava mais à esquerda e o sindicato de Curitiba, também. Então houve uma greve boa de bancários lá em Curitiba. Tem até um filme nacional que tem como pano de fundo a greve dos bancários de Curitiba. Mas quando chegou o AI-5, dezembro de 68, a maioria dos nossos companheiros [que] fazia parte das oposições sumiu, pediu a conta no trabalho, e foi para os aparelhos encarar o aparato policial militar da ditadura na guerra revolucionária que eles acreditavam que tinham chance. Foram para o enfrentamento com [o] aparato da ditadura. E a ditadura usou isso: o terror, aquela coisa toda; e uniu a burguesia toda que estava rachada com eles. Por isso que 1968 teve a Frente Ampla que era a bronca dos que haviam se frustrado com a não eleição presidencial prometida, segundo eles, por Castelo Branco, para 1965, uma eleição presidencial sem o Brizola. Então a Frente Ampla era isso: unia desde o Lacerda, o Adhemar, o Jango, o próprio Brizola, o Jânio. Imagina!

Em abril de 69 foi a última passeata estudantil com as oposições - o que restava nas raquíticas oposições então, sem a maioria dos seus militantes. Os trabalhadores mais esclarecidos tinham dado no pé. Nos deixaram sozinhos. Para você ter uma ideia, nós fizemos uma chapa dos bancários em 1969, de oposição, que a eleição era bienal - teve eleição em 67 - depois a ditadura transferiu para 3 anos o mandato sindical, mas pelo estatuto padrão, era bienal ainda. 1969 foi o último ano que foi bienal. E aí nós tivemos que caçar a laço para conseguir montar a chapa e registrar a chapa liderada por um companheiro da AP.

O 1º maio de 1970, prisões e o assassinato de Olavo Hansen¹⁰²

Então foram me prender lá no banco. Por quê? Porque eu ajudei a preparar o tal 1º de maio, eu rodei o boletim. A gente não tinha nada que ter feito

102. Olavo Hansen (1937-1970). Iniciou sua militância no grêmio estudantil da Escola Politécnica (USP) ocasião em que se filiou ao Partido Operário Revolucionário Trotskista (PORT). Como trabalhador da Massari S.A. Indústrias de Viatura, filiou-se ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico de São Paulo onde passou a atuar na oposição sindical. Foi preso várias vezes pelas forças repressivas da ditadura militar quando, em uma dessas prisões, em 1970, Hansen foi assassinado.

isso, porque o Brandão já tinha feito um boletim convocando, e nós da oposição não aceitamos aquele boletim, e fomos fazer um nosso. Fizemos um boletim paga... pela participação ativa, que a gente... Aí eu virei o principal militante da participação ativa, o que sobrou, junto com aqueles companheiros da AP. E só que lá no 1º de maio de Maria Zélia prenderam 19 companheiros na saída. Deixaram acontecer. Tinha uns 400 gatos pingados, os têxteis é que estavam tomando conta do local, porque eles tinham alugado, parece. E eles foram levados para o DOPS. Isso foi dia 1º de maio. No dia 9, foi quando o companheiro Olavo Hansen foi jogado morto ali, os restos mortais, no começo de onde seria construído depois a Rodovia Imigrantes, ali logo depois do museu. É um descampado e um córrego ali. Nós fomos mexer com isso. Eu fui depor no congresso da federação de bancários de São Paulo e Mato Grosso em Campinas, que eu tinha visto a prisão do Olavo na minha frente. Que a ditadura negou, dizendo que não o havia prendido, que ele teria sido vítima de algum assaltante, alguma coisa. O fato é o seguinte: é que o Fleury veio atrás. Ele prendeu alguns companheiros. E quando me identificaram, vieram dois agentes, eu estava trabalhando, eles me prenderam na sala do departamento pessoal, porque como eu estava em horário de expediente, eles me trancaram, tinha uma tranca externa na sala do gerente do departamento pessoal, 23º andar. E eu tive que escapar, e aí os meus colegas me ajudaram. Quando eles viram o que estava acontecendo, e nós tínhamos 200 e poucos membros, chamados grupo de trabalho do Banespa. Grupos de trabalho era o órgão de base do movimento de oposição sindical. Só para você ter uma ideia, esse negócio pela base começou bem antes, não foi depois com a CUT. E aí esses companheiros fizeram uma verdadeira insurreição. Foi um negócio fantástico. Eu fui libertado, eles mandaram um contínuo entrar na sala para supostamente colocar umas pastas de serviço, e o gerente não chegava, e os caras do DOPS esperando no balcão, e eu preso na sala do gerente. Eu vi um paletó do gerente, e botei o paletó, assim que eu vi o contínuo entrou com umas pastas, ele sabia quem eu era, eu também sabia, eu falei com ele: “Na hora de sair, tranca. Eu estou numa fria aqui. Esses caras aí fora são do DOPS.”

Aí virei clandestino. Tive que tirar carteira de novo. E aí voltei para a fábrica, para a Monange, que era [empresa] química, depois não durou e, para despistar da repressão – com a prisão do Paixão, falei: “vou mudar completamente, vou voltar mesmo para a fábrica.” E arrumei emprego numa fábrica de calçados e bolsas na Lapa, na Rua Marco Aurélio. A fábrica chamava-se Catra e a marca mais conhecida, Optimus. O produto tinha uma

etiqueta. Uns cento e poucos trabalhadores, e eu era encarregado do setor de calçados. E aí fui sindicalizando nos calçados, não? Na Mooca, na Rua Coronel Cintra. Eu levei... Como o setor de calçado era minoritário – só tinha 11 naquele momento – eu sindicalizei os 11. Tinha um décimo segundo, mas já era sócio. O cortador. Eu levei a minha ficha e mais 11. Quando eu entreguei para o seu Silvério, que era o pelego, filhote do interventor, o Silvério falou: “O que, 12 fichas? Não compensa nem mandar o cobrador.” Ele comentou. Foi por isso que eu virei coureiro, e não sapateiro. Como a minha fábrica tinha essa opção, porque 80% da fábrica era artigo de couro, que não calçados – calçados era outro sindicato – aí eu peguei, na frente do pelego, eu falei: “Você tem uma tesoura aí?” aí ele me deu a tesoura, e eu cortei o timbre do sindicato assim, daquele pacote das propostas do sócio da associação, cortei o timbre do sapateiro, joguei na frente dele assim, eu virei as costas, dei uma de marrudo, sai pisando duro. E fui para a Senador Queirós. Tinha uma saleta lá, estava escrito “Sindicato dos Cortumes e Artefatos de Couro.” aí eu fui lá, entrei, estava sob intervenção ainda, imagine. O interventor nunca aparecia. Quem tomava conta um funcionário, um ex-dirigente cassado, o Pedrão de dois metros de altura. Pedro Domingues de Oliveira. aí ele me recebeu muito bem, muito gentil, e eu falei: “Está sem timbre aqui”; “Não.” Já bateu o carimbo. “Você aguarda um pouco, eu vou fazer a sua carteirinha.” Já fez as carteirinhas. E tinha já carteirinha assinada pelo vice-presidente. Então eu fiquei sócio dos couros, por esse incidente. Porque o presidente dos sapateiros esnobou as nossas 12 minguadas propostas de filiação. aí eu virei coureiro. Só que dois anos depois teve eleição, e nós não queríamos o interventor, então eu conspirei para fazer uma chapa sem maiores exigências só que não tivesse o interventor, nem ninguém que ele tivesse confiança. Consegui. Ele não conseguiu formar a chapa dele. Ele tentou, mas não conseguiu. O sindicato estava reduzido a 250 sócios. 250. E aí fizemos a eleição, fomos eleitos. Dia 8 de outubro, olha a coincidência, no dia da morte do Che, [foi] o dia da posse.

A agenda sindical no período

Sindicato dos coureiros

E para poder estabelecer um marco, eu quero encerrar no dia 12 de maio de 1978, quando [se] inicia o ascenso do tsunami operário que deu origem à CUT e ao PT, quando termina a travessia, os 10 anos de 1968 a 1978. O que falta falar? Só falta o seguinte: eu finalmente consigo tomar posse no sindicato dos couros. Eu passei um ano sem poder, porque a DRT não me

dava a posse. A DRT, quer dizer: Delegacia Regional do Trabalho. Até que eu encontrei lá na Delegacia de Trabalho um ex-ídolo meu, que não era tanto meu, era mais do meu pai, que era o Leônidas da Silva¹⁰³, ex-jogador de futebol. Ele era funcionário da DRT. Eu sempre via ele ali e tudo. Eu estava cansado de ir lá reclamar para que a DRT liberasse a minha posse no sindicato. Eu parei para conversar com o Leônidas, ele falou: “Paulo, para de pedir aqui. Vai lá na diretoria. Os seus colegas são contra?”; “Não”; “Então vai lá, fala para eles. Ao invés de você pedir, o sindicato toma a iniciativa, e deixa eles com o pepino de ter que impugnar a sua posse. Cria o fato consumado.” Imagina, foi o Leônidas que falou. E a funcionária era muito rígida, sempre negava, não concedia, a responsável. Aí eu fui no sindicato, fiz uma carta, estava chegando da Argentina. Não, já tinha feito a carta. Mas eu não tinha pedido, cobrado que eles tomassem uma posição. Mas aí eu fui e falei: “Escuta, aquela carta que eu mandei já faz mais de um ano, vocês não se reuniram para saber se eu tomo posse ou não?”; “Você não falou nada”; “Então eu estou falando.” aí eles se reuniram. Inclusive o cara que tinha me substituído, que era funcionário de um curtume lá de Mogi das Cruzes: Curtume Mogiano. aí eles fizeram uma reunião, aprovaram por unanimidade que eu tomaria posse. E deram a posse. Ao término da reunião eles me convidaram para entrar na sala, pelo menos constaram isso em ata. Na verdade, eu participei da reunião, também, eles não fecharam. E na ata que eles levaram para a DRT diziam que eles haviam decidido por unanimidade me dar a posse, aí eu tomei posse. E, logo depois, o Walter Barelli me convidou para participar da eleição da diretoria do Dieese. E no outro dia é que eu conheci o Lula, soube da sua posse e estive lá, anonimamente.

1978 – Um tsunami de mobilizações: uma rua e dois sindicatos

A partir de 12 de maio de 78 eclode um tsunami de mobilizações, sobretudo operárias, industriais, basicamente. Começa com uma greve na Scania, em São Bernardo. Em frente à Scania, uma fábrica do mesmo tamanho, uma fábrica inglesa, de capital inglês, uma corporação chamada Wheaton, uma fábrica de vidros para automóveis, para veículos. Quer dizer, está ligada à indústria automobilística, é a maior empresa produtora dos vidros. Eu tinha ido embora de São Bernardo, transferido para Caieiras, mas quando

103. Leônidas da Silva. Jogador de futebol, defendeu vários times, entre os quais Flamengo e São Paulo, e também se destacou na seleção brasileira. Foi considerado um dos grandes craques do século XX e ficou conhecido como o “Diamante Negro”.

eu fui licenciado, a partir do começo de 1976, para o sindicato, eu fui licenciado para exercer o mandato do sindicato, eu visitava naquele dia 12 de maio de 78, panfletava na fábrica da Brigadeiro Faria Lima, que é bem pertinho dessas duas, onde eclodiu a greve do dia 12 de maio de 1978. E eu panfletando os meus colegas da fábrica, eles me falaram da greve. Eles mencionaram: “Olha, aqui perto tem mais de 10 mil operários parados aqui em duas fábricas, uma em frente à outra”; “Qual é?”; “Ali na Scania e na Wheaton.” aí eu fui para lá. Terminei a panfletagem do nosso boletim, e fui para a frente da Scania e da Wheaton. E chegando lá, estava uma zoeira lascada. Mas não tinha 10 mil. Tinha muito movimento, tinha repórteres, tinha imprensa. Estava chamando atenção. Era um fato novo. E aí eu fui conversar, nós [estávamos] organizando a oposição dos vidreiros, e no caso da Scania, a gente já conhecia o companheiro Gilson [Menezes] que trabalhava lá dentro, ele não era licenciado da fábrica. E eu perguntei na portaria se eu poderia falar com o Gilson, e aí os caras estavam em pé de guerra com os operários, não quiseram chamá-lo. Mas eu falei com o operário da Wheaton, em frente à Scania, e ele me contou que a empresa tinha chamado o pelego presidente do sindicato, um tal de Antônio Rodrigues Fortes. Ele [havia sido] chamado pelo patrão, imagina, para avisar que estava tendo greve na fábrica. Ele tinha acabado de chegar, e estava uma bagunça lá dentro, porque o presidente do sindicato reuniu os trabalhadores, mandou eles voltarem a trabalhar, dizendo para confiar no sindicato, que ele ia conversar com a empresa para resolver o problema do salário. Como eu disse na entrevista, anteriormente, a reivindicação vinha daqueles 34% de manipulação do índice de inflação que o Dieese havia denunciado, apontado, e começou a cobrança já desde 1977, e naquele começo de 78 estava no auge essa cobrança. Então, veja, os dois sindicatos se portaram de maneira completamente diferente. O do lado da rua, o da Wheaton, o presidente do sindicato chega, chamado pela empresa, faz assembleia e faz os trabalhadores voltarem. A contragosto, uma parte deles protestou, mas tinha acabado com a greve. E no outro lado da rua, o Gilson Menezes chamou os outros companheiros da diretoria, e fizeram a assembleia, ao invés de mandar voltar, mandaram prosseguir a greve, listaram as reivindicações, ouviram as reivindicações, fizeram um rol e encaminharam para a empresa, e elegeram outros companheiros. Tinha muita gente. Além dos trabalhadores artistas, tinha muitos amigos, gente de teatro, de cinema, tal. Alguns que eu conhecia. [Alguns dias antes] nós tínhamos tido o 1º de maio de 1978.

O movimento se espria

Mas o fato é que quando a gente viu aquela coisa extraordinária a partir do dia 12 de maio... Foi um negócio fabuloso! Que eu acho que todos que vão falar sobre esse período vão mostrar que aquilo teve um impacto enorme, imenso, que era chamado “os dias que valem por anos”. A partir do 12 de maio de 1978, a partir daquelas duas greves, não parou mais, e não precisava... E, veja, eu posso garantir, tanto que existe, se é que existe, o espontaneísmo da classe trabalhadora, não era uma articulação. É claro que o fato de os peões da Scania encontrar uma diretoria receptiva, aos seus anseios, às suas reivindicações, isso ajudava [a] que o movimento não fosse interrompido, mas a eclosão do movimento não foi provocada pelos sindicatos. Tanto que o meu sindicato além de parar as fábricas, estava na rota – porque havia um roteiro geográfico – a partir de São Bernardo ela começou a se espriar geograficamente. Tinha uma lógica territorial. Começou a vir ao encontro do parque industrial de São Paulo: zona sul, zona leste; começando pelas divisas, não? Parque São Rafael, aquelas coisas que divide com Santo André. Vila Ema, aquela parte toda da zona leste, e aquela parte – tangencia – Diadema. A zona sul, não? E foi se espriando, a greve, vindo pelos, digamos assim, roteiros industrializados. Foi um negócio fabuloso! O meu sindicato parou 96 metalúrgicas em questão de um mês. Metalúrgicas. O nosso mimeógrafo a tinta trabalhou celeremente. E bastava um mosquito, uma coisinha de nada você dizendo: “É amanhã!” A gente decidia. Mas a gente sabia que estavam esperando por aquilo.

Tinha uma lógica. Você já ia prevendo qual era, e quando você tinha um contato, aí você corria. Nossa diretoria se esparramou. Esqueceram esse negócio de categoria, essa coisa de profissão, e falou: “Vamos ajudar a espriar esse movimento. Que vai chegar aonde a gente está.” Eu estava do outro lado da cidade. A minha fábrica tinha mudado de São Bernardo para Caieiras. Ali do centro da Faria Lima em São Bernardo, que é perto do Paço Municipal, era a minha fábrica. Ela ficou lá, mas a outra parte dela, a parte que foi expandida, foi para uma fábrica nova em Caieiras. Então eu estava do outro lado da greve, esperando chegar aquela onda. E chegou. De uma forma irresistível. E tudo greve “branca”, ficava dentro da fábrica, não saía. Não é? Ficava parado, e claro, lá dentro. Quanto ao grau de organização, de liderança, que começava a despontar, ou que já existia, eventualmente algum militante, isso fazia a diferença lá dentro. Quer dizer, tinha assembleias, tinha coisas, os operários se mexiam autonomamente. Mas onde não havia, eles ficavam cada um na sua bancada conversando,

às vezes, iam jogar um dominó, uma coisa qualquer. Quer dizer, ficavam matando o tempo esperando o patrão reagir. E era chamada a tal greve branca por fábrica. Foi assim uma onda. Meses. E outra, não ficou só nas fábricas. Começou [a] parar tudo. Eu me lembro que passou ali pela região do zoológico, lá uma região próxima também ao ABC, pararam também os funcionários do zoológico, passou por um cemitério, pararam os coveiros. Era assim. Não era só fabril. Claro que a vanguarda era fabril. A comunicação, o zumzumzum, a rádio-peão, se fazia por vias diversas, mas, chegava a todo mundo. Todo mundo tomava os mesmos ônibus, parava nos mesmos pontos, não é? E era isso. E foi uma coisa fabulosa! Então esses dias são... E isso foi longe. Até 1988 não se pode dizer que tinha arrefecido. Claro que havia altos e baixos, mas dentro de uma ofensiva da classe, dentro de uma disposição grande de mobilização. E o mais importante é o que aí nós entendemos o que o mestre Lenine falava sobre o sindicato ser a escola do socialismo. Porque, até então, a rotina sindical você tinha greve, mas era a greve por atraso de pagamento, era a greve defensiva, não era greve para reivindicar, para conquistar, era uma greve para se defender de algum abuso, não é? A minha fábrica mesmo, logo lá em Caieiras, teve um caso de um chefe... A minha fábrica era essencialmente feminina. Uma fábrica de malas, a Primícia, tinha no total 1500 empregados, mas lá tinha 600. E dos 600, seguramente, 520 eram mulheres. E a maioria muito jovens. Eles pegavam aquelas meninas mesmo um pouco mais... Na adolescência. No final da adolescência, de 16 a 18 anos, 80% estavam nessa faixa de idade. Tinham uma facilidade enorme de aprender a costurar. Uma das minhas funções como supervisor – eu era supervisor lá na fábrica de São Bernardo, depois em Caieiras – lá no caso de Caieiras, eu tinha que fazer uma escolinha, ensinar as costuras. Ensinar a costura, ensinar cada uma das operações, mas a base da produção da mala era a costura, a costura industrial. Claro que tinha outras coisas, tinha que produzir a armação, um monte de coisas. Tinha colagem, tinha montagem, tinha um monte de coisas. Tinha que colocar as ferragens da mala, etc., etc., tinha que combinar. Eram 4 malas, um jogo, nós fazíamos 400 por dia. 400 jogos, 3 malas dentro da maior. A menor dentro da segunda, a terceira e a quarta lá dentro. Então, para você ter uma ideia, começamos a perceber o que realmente significava ser a escola do socialismo, por quê? Porque precisava desse ingrediente, que era a ofensiva operária, não? O operário está com auto-confiança, está sabendo que vai para a luta e que tem uma grande confiança que vai dar certo, vai melhorar, vai obter aquilo que ele quer. Havia essa sensação. A gente ignorou praticamente a ditadura, porque a ditadura ficou maluca,

ficou perdida. Ela já estava um pouco numa situação de recuo, porque até então ela assustava, quando mataram o Manoel Fiel, quando mataram [o] jornalista da Cultura [Wladimir Herzog].

Quando mataram o estudante Alexandre Vannucchi, aquilo intimidou, assustou. E quando mataram os outros, então, aqueles eram piores. Aquilo eles diziam que morreram num tiroteio com a polícia, que não era. A verdade era gente presa e torturada até à morte. Então, aquilo tudo era apavorante, inibia. Mas a partir daquelas mortes em que houve uma reação, Manoel Fiel, por exemplo, militante do PCB, o próprio Joaquinção assumiu de fazer o velório lá no sindicato [dos metalúrgicos], na rua do Carmo. Fez denúncia. O caso do jornalista, que supostamente teria se enforcado numa cela da Oban, aquilo foi denunciado na catedral, etc. E o movimento democrático foi à missa. A missa era um ato político. Então começava a haver uma reação, mas ainda no interior das fábricas estava ainda na grande defensiva. Aquele 12 de maio desatou a ofensiva. Desatou. E aí nós vivemos plenamente uma safra, uma trabalhadora danada, gostosa, de produzir consciências de lideranças novas todo santo dia. Porque a reivindicação, a exigência do... As perguntas vinham... Você antes para fazer um curso de formação no sindicato, olha ninguém fazia as perguntas que você esperava que fizessem. Quase ninguém. E, de repente, era o contrário, você não tinha um repertório todo para responder às perguntas que vinham espontaneamente daqueles que estavam vivendo a luta. A fábrica estava em luta.

1º de maio em São Bernardo, greve de 1979, fundação do PT

O Lula anunciou o prefeito, Tito Costa. E o Tito, pega, faz o discurso como prefeito, aí tudo bem, estava indo bem, no finzinho, ele pega um papel e fala: “Tem um recado do presidente do meu partido, companheiro Ulisses”, deputado Ulisses Guimarães. aí ele leu a mensagem do presidente do MDB aos trabalhadores reunidos ali no 1º de maio. aí quando ele fez isso eu estava no palanque junto deles, eu fiz um sinal para o pessoal que estava com as faixas enroladas, porque nós tínhamos, por via das dúvidas, levado as faixas, mas nós tínhamos enrolado todas as faixas. Era proibido mostrar faixa de partido, nós tínhamos feito um acordo com o Magri. A partir daquele momento que eles mandam um recado do Ulisses Guimarães aos trabalhadores ali presente, a gente fez um sinal que estava liberado, aí todos os companheiros que tinham faixa ergueram de uma vez só. (Risos). E foi uma festa. Por isso que o poeta tocantinense, o Hamilton Pedro Tierra,

[escreveu]: “Nascemos num campo de futebol. Haverá melhor berço para um partido como o nosso, etc., etc.”, né? De fato, o PT nasceu ali, porque a certidão de nascimento é a carta de princípios, né? Foi com base nela, o único documento político, primeiro e único durante meses, foi com base nele que se criaram os primeiros núcleos de base do movimento pelo PT. Porque nós lançamos, na verdade, ali o movimento pelo PT. Estava assinado, e a gente dizia: “Nós sindicalistas não somos os donos, não nos arvoramos em donos, nós apenas estamos usando a nossa autoridade momentânea nesse processo de grandes greves para cumprir esse papel que ninguém mais poderia cumprir de convocar, desatar um processo de fundação para um partido da classe trabalhadora.” Na introdução a carta de princípios, depois vocês vão confirmar isso, está lá. E com base nesse chamamento aos trabalhadores, que está no final da carta de princípios: “Organizem por toda parte os núcleos elementares desse partido.” Nós soltamos, desatamos esse processo de construção do partido. E dia 13 de outubro nós realizamos a primeira plenária nacional do movimento pelo PT, com delegados eleitos, mas, também, com convidados, como sempre. Depois da fundação, dia 10 de fevereiro de 80, eram 640 delegados de núcleos com direito a voz e voto, e mais 400 e poucos convidados com direito a voz, né? E, entre o 1º de maio e o 13 de outubro, foi a primeira plenária do movimento pelo PT, nossa, aí foi um período terrível. Abateu-se uma ofensiva e, principalmente, sobre o Lula. Chegou o Arraes, e o Lula, quando terminou a greve, com a rendição, porque foi uma rendição, ele não conseguiu melhorar a proposta, e depois de 47 dias de trégua, ele vai para a Vila Euclides fazer uma assembleia, e os trabalhadores com a expectativa de retomar a greve, e ele manda que não o façam, porque havia um acordo com o Delfim Neto que devolveria a diretoria para o sindicato se não houvesse mais greve, se assinasse um acordo com a FIESP, com o grupo 14 lá, enfim. E foi o que ele fez. Ele deu um passo atrás com a intenção de recuperar depois. Mas ele, dentro da derrota, o recuo organizado era melhor do que o recuo desarvorado. Mas nem todos entenderam assim. Para você ter uma ideia, na semana seguinte a essa assembleia final da campanha salarial, eu estava no restaurante do sindicato [de São Bernardo], estava até o Renato Tapajós, cineasta, à mesa. Eles serviam um prato de sopa. Nós estávamos tomando a sopa, que era antes do prato principal, antes de escolher o bandejão e três ou quatro trabalhadores vieram assim meio desarvorados, para a nossa mesa, tiraram a carteirinha do plástico – carteirinha do sindicato – rasgaram no prato de sopa do Lula, para você ter uma ideia. O Lula virou para nós, abaixou a cabeça e deixou acontecer, não reagiu, quando os trabalhadores saíram

de perto, ele falou: “Vocês viram, está acontecendo direto desde aquela assembleia. Todo dia tem manifestação desse tipo. E o pior, esse é o melhor pessoal que nós temos. Esse pessoal que está rompendo conosco, que está bravo conosco, etc., é a nata.” O Lula falou. Uma coisa assim. “E nós vamos ter que fazer um trabalho danado para recuperar esse apoio.” Isso ali na frente da gente, para você ter uma ideia. O Jacó, no dia da assembleia chorou. Nós acompanhávamos todas as assembleias daquela campanha ... Tudo que havia de mais importante no país, naquele momento, com aquele fundo de greve ali na Cúria, ao lado da Igreja de São Bernardo ali, na Diocese, a diretoria afastada – não era uma cassação definitiva, mas estava afastada, não tinha mais controle do sindicato.

JACY AFONSO

Entrevista realizada em 29/11/2021 e 16/05/2022

DATA 1: 29/11/2021

DATA 2: 16/05/2022

DURAÇÃO: 173 minutos

Foi um dos fundadores da CUT. Ex-presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília. Ajudou a fundar a CUT-DF. Fez parte da executiva da CUT Nacional como secretário de Organização Política e Sindical.



Trajétoria de vida e militância sindical

Eu sou Mineiro de João Pinheiro, de uma família de agricultura familiar. Então, sou da cidade aqui, que fica a 300 km de Brasília, na rodovia de Belo Horizonte para Brasília. Houve uma migração muito forte para Brasília a partir da construção e a cidade foi influenciada por isso. Eu sou de uma família de agricultores, o meu avô tem 87 netos, os meus pais tiveram 12 filhos e, logo em 1966, o meu pai sempre teve uma luta pela educação, e na minha cidade não tinha ensino normal, nada disso. Então, as minhas irmãs... depois acabou lutando lá, eu sou fruto dessa escola, uma escola particular que acabou sendo criada em 1968 com primário, ginásio e – naquela época era o científico e o normal– então, as minhas irmãs também vieram para Brasília, aqui, foram precursoras, o meu pai queria vir para Brasília. Mas o meu pai acabou morrendo antes, no ano seguinte, em 1969, 12 filhos, eu sou o 11º de 12 filhos, eu tinha 8 anos quando o meu pai morreu. Nós mudamos para Brasília em 1974, viemos aqui (a família) achando que aquela situação lá (da agricultura familiar, pequena, com a família grande) não tinha futuro. Então, viemos para Brasília. Então, coincidentemente, o Banco do Brasil tinha um programa de contratar Menor Aprendiz (Office-Boy) através de um concurso de alunos carentes [pela] escola. A escola indicava 10 alunos carentes, fazia um concurso e entrava no banco e ficava até 17 anos e 10 meses – no banco. Então, eu acabei entrando no Banco do Brasil por esse programa na minha escola, eu era de família carente e era um bom aluno e estava um ano adiantado em relação a todo mundo, eu entrei em função daquele processo, daquela construção da escola, eu entrei um ano mais cedo. Normalmente, você entrava no primeiro ano (primário) aos 7 anos. Eu entrei aos 6 anos de idade. Então, tinha um ano na frente. Então,

acabava naquele ano em que eu estava no segundo ano científico já, eu era um jovem lá, que estava. Entrei no banco em agosto de 77, no Banco do Brasil. O Banco do Brasil sempre foi um grande empregador em Brasília e por ter uma jornada de trabalho de 6h, era o grande trabalho de estudantes da Universidade de Brasília, ou seja, era a forma de compatibilizar: ter um emprego, ter o estudo e ir à faculdade. Então, eu quando entrei no banco, foi exatamente na greve da Universidade de Brasília de 1977. Então, estava no auge ali, eu convivi com muitos estudantes da UnB, da greve, então eu acabei ali processando um pouco isso, aquela influencia ali da universidade. E o meu irmão entrou na universidade nessa época, foi fazer História. O meu irmão sempre acabou me influenciando bastante.

Então, depois eu fiz o concurso interno para o banco, sai como menor, fiz um concurso e voltei como escriturário em janeiro de 1980. Eu saí em setembro e voltei em janeiro do outro ano como escriturário do banco. O ano de 80 foi um ano da eleição do sindicato dos bancários. Então, assim, eu tinha uma namorada – quer dizer, que veio a ser a minha namorada, que também estudou na UnB, convivia com os principais líderes sindicais, coincidiu do meu irmão, da minha namorada nesse triângulo de despertar político. Então, essas atividades que foram... então assim, eu não fui, mas eu me lembro direitinho da convenção da chapa de oposição. “Ah, vamos lá participar do lançamento!” aí você vê a foto do... porque como eu trabalhava num prédio grande, onde era a sede do banco, então você tinha cartazes ali. Quando foi no lançamento da chapa, o Lula veio, o Olívio Dutra veio fazer campanha em Brasília, a eleição era no início de julho de 80.

O Olívio veio fazer campanha aqui (era o líder dos bancários de Porto Alegre) e o Lula veio [também], o Lula tinha acabado de sair da prisão e ele veio aqui fazer campanha para a oposição, nesse ato, nesse debate em 1980. Lembro do dia da eleição do sindicato, mas não tinha relação, mas eu lembro do dia da eleição do sindicato. E na primeira assembleia, a posse da diretoria foi 28 de agosto de 1980, e a primeira assembleia feita pelo sindicato feita em setembro, já na data base, eu fui na primeira assembleia e me sindicalizei. Então, eu sou um daqueles que foi ao sindicato já na primeira assembleia e me associei ao sindicato em setembro de 80. Então, e com essas características minhas, eu era um jovem com muita energia, com muita disposição de descobrir as coisas, de organizar.

Havia um movimento, que era o movimento de oposição, o nome do movimento era Movimento de Bancários de Renovação Sindical. Era um

movimento extremamente democrático. Vai ter um conflito da primeira gestão do sindicato e na eleição entre esse processo de quem dirigia o movimento de oposição e que é da direção. Ou seja, o movimento se sobrepunha à direção do sindicato, quem dava as diretrizes era o movimento e não a direção do sindicato. Então, é um processo interessante, está certo? Participativo. Que o partidão depois vai lá tentar – tentar, não – cria uma hegemonia. De um comitê central da direção sindical e do partido e tal. Então, esse é um processo – só para vocês terem uma ideia, eu entrei no sindicato em setembro, quando foi em abril (por aí) do outro ano, foi a assembleia – eu acho que era até o primeiro semestre, eu não me lembro. Que era a assembleia de prestação de contas. Então, a primeira assembleia de prestação de contas da diretoria que nós ganhamos e derrotamos os pelegos, os interventores, quem dirigiu a assembleia fui eu, não foi o presidente do sindicato. Era uma coisa da direção, então a base aqui, a diretoria faz isso. Então, era um processo extremamente democrático.

Esse processo foi muito rico e combinou aqui uma geração, uma vanguarda que veio do processo de oposição e uma vanguarda que apareceu a partir da eleição do sindicato, muito forte. Então, de eleição de delegado sindical, nas agências, todo esse processo. Então, esse procedimento levou a uma ascensão de vários militantes. E com isso também à ascensão do PT, coincidentemente, o nascimento. Ou seja, a diferença entre o dia em que eu entrei no banco como escriturário e a fundação do PT são 10 dias. 10 de fevereiro de 1980, eu entrei no banco em 29 de janeiro. Em agosto, toma posse a nova diretoria. Então, ele está numa sincronia com o PT e com o processo.

A agenda sindical no período

E a gente se espelhava no processo de São Paulo, está certo? Então, assim, era um processo... os sindicatos. E nós tínhamos o núcleo de base do PT, dos bancários. Eu no ano seguinte, no congresso, eu... então assim, eu era um jovem, 18 anos, aí já com 19, que começo a ascender na ação sindical. Nesse ano teve o Congresso Nacional dos Bancários, aquele congresso anual que foi no Espírito Santo, fui com um outro companheiro de banco privado como delegado de Base e só o Augusto Carvalho¹⁰⁴ como diretoria. Então,

104. Augusto Carvalho é ex-presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília (1980), foi deputado federal constituinte pelo PCB do Distrito Federal; após a Constituinte, se elegeu deputado federal por mais quatro mandatos. Um dos fundadores do PPS, partido criado em 1992 pela dissidência do PCB. Em 2013 filiou-se ao Solidariedade.

aquela concepção da proposta da CUT lá, original, que tinha a diretoria e delegado de base – lembra lá?

Então, na assembleia que elege os delegados para a CONCLAT, é o divisor de águas. Um setor mais ideológico do Partidão percebe que eu seria caso perdido, que eu iria para o PT, então eles não votam em mim para delegado, eu fico como 9º delegado dos 8 delegados de base que o sindicato tinha, eu fiquei em 9º lugar na votação, então eu não fui.

Em setembro tem a convenção oficial do PT, o PT foi fundado em 10 de janeiro de 1980, protocolou o pedido do TSE em dezembro de 80, se legalizou e tinha que fazer as convenções nos municípios, nos estados e a convenção nacional. Lá em setembro de 81 é a convenção nacional do PT. Eu vou na convenção, como era um ato político eu me filio lá ao PT nessa data. E nesse processo, vamos dizer assim, o sindicato começa a organizar, eu tinha a área... eu distribuía jornal, eu só trabalhava seis horas, eu pegava uma área e distribuía o jornal do sindicato. Ou seja, mesmo não sendo o diretor do sindicato, por isso que eu estou falando, existia um processo democrático, todo mundo que se apresentava para a militância sindical tinha um espaço democrático e eu tinha uma área na W3 que distribuía jornal para uns, sei lá, uns 500 bancários ali.

Então, tem uma campanha de sindicalização e eu sou o cara que mais sindicalizo pessoas na campanha. Eu fui campeão de sindicalização de novos sócios do sindicato. Então, havia todo um processo nesse período aí, onde, assim, em três anos é uma intensa militância política. Eu me filio ao PT em setembro, em novembro numa reunião do núcleo eu viro tesoureiro do núcleo dos bancários e no ano seguinte eu viro tesoureiro estadual do PT, pela minha capacidade, pela minha flexibilidade no trabalho. Então o PT tinha o jornal, o Jornal dos Trabalhadores, que era um jornal semanal que o PT criou. Então, a gente organizava, vendia.

Eu fui na posse do sindicato dos Bancários de São Paulo em 1982. Em março de 82 lá no Sindicato dos Químicos, na chapa que foi reeleita – a diretoria foi eleita em 79, e aí, eu vou lá, eu vou representando os bancários do PT na posse, e não foi gente do sindicato daqui. E eu fui representando. Então, eu conheci o Gilmar Carneiro, fui na casa do Gushiken, eu fui junto com... o pessoal [que] tinha ganhado a eleição da Bahia. com o Laranjeira. Então, eu fui com o pessoal, fui na casa do Gushiken no dia seguinte com o Laranjeira. Então, eu acabo por coincidência conhecendo os principais líderes e por essa facilidade que eu tenho, acabo dialogando.

Coincidentemente o Gilmar assume a Comissão Nacional Pró-CUT e as reuniões da Comissão Nacional Pró-CUT passam a acontecer em Brasília, na sede da CONTAG. Então, eu acompanhava, virei amigo do Gilmar, ia lá, participava das reuniões da Pró-CUT, era aberta lá no auditório, eu ia lá no final de semana assistir as reuniões da pró-CUT.

O CONCLAT

No dia em que Margarida Alves é assassinada, no domingo, a Comissão Nacional Pró-CUT, adia o Congresso. Porque quando eles percebem que nós seríamos maioria, eles decidem adiar o congresso, suspender o congresso que estava marcado lá para São Bernardo do Campo. Então, é no domingo, a comissão pró-CUT, adiou esse processo e eu estava na reunião da ANAMPOS

Na reunião na sede do 13 de Maio, [em São Paulo] numa segunda-feira, quinze dias antes do congresso da CUT, então, no dia 15 de agosto a gente decide manter o congresso da CUT. Então, eu estava naquela reunião – eu e um outro companheiro de Brasília representando a ANAMPOS. Então, estava ali o Lula, Jacó Bittar, Gushiken, Gilmar Carneiro, Jacó, Olívio, o Paim, toda aquela cúpula da ANAMPOS. Então, a gente se preparou ali. Esses dias eu registrei e a Tita falou dessa importância; quem não aparece muito, mas é o papel do Gushiken na construção da CUT. Ali, 4 de julho, tinha um encontro sindical do PT, o Gushiken era o secretário sindical de São Paulo, o Paulo Azevedo era o secretário sindical nacional. Então, tem um encontro dos sindicalistas do PT ali no primeiro final de semana de julho de 1983, véspera da greve dos petroleiros. Então, o Gushiken conseguiu ali organizar, capacitar os petistas para a disputa que viria no congresso de fundação da CUT.

No congresso de fundação da CUT, que era unitário, havia uns quatro projetos de estatutos. Os bancários de São Paulo apresentaram um projeto e os metalúrgicos apresentaram outro projeto. Tinham dois projetos de estatuto no nosso campo. Tinha um projeto do Sindicato dos Bancários do Rio, que era do Partidão. E tinha um quarto projeto – que eu não sei se era do MR8 ou se era do PCB, do PCdoB. Mas existiam quatro anteprojetos de estatuto da Central Única dos Trabalhadores.

Quando rachou, a comissão pró-CUT, quem estava mais na Pró-CUT, São Bernardo e bancários de São Paulo entendiam que era possível ter

uma reconciliação na ruptura. Porque a CUT convocou o congresso para agosto, aí quando nós convocamos o congresso para agosto, o Partidão, do outro lado convocou o congresso para novembro. Então, o nosso debate foi o seguinte: “Nós fundamos a CUT ou não fundamos?” “Tem direção definitiva ou não?” então, o embate era: “Não vamos constituir uma direção porque a gente pode fazer a transição e depois reunificar no ano seguinte.” Então, essa era a essência do debate.

E havia o seguinte: como o Jacó Bittar estava no ápice da greve dos petroleiros e que-não-sei-o-que, se tivesse a presidência, se tivesse um presidente, se a CUT elegeisse uma direção (Presidente e Vice-Presidente) ele provavelmente, na visão dele, ele seria o presidente da CUT. Então, a reunião da ANAMPOS, da madrugada, da meia-noite, decide isso. Então, esses setores, que não eram sindicalistas de direção, como esse trabalho de base – como eu, eu fui aqui de Brasília. Eu era o cara aqui de base, e estava lá nessa reunião. Então, a reunião da meia-noite decide que é presidencialista. Eu lembro no Gushiken na reunião, nessa reunião questionando. E quem dirigia essas reuniões era o Valdo (Valderi Antão Ruviaro) – se não me engano.

Então, às 04:00 da manhã, a comissão nacional pró-CUT decide a turma que era da comissão nacional Pró-CUT que convoca o congresso, reúne e decide que o processo é uma coisa colegiada e não com a direção... era uma direção provisória colegiada para dialogar com os outros atores. Então, essa é a decisão da madrugada. Então, para nós – eu que era um militante, tinha 21 anos – na hora que aquele congresso, que o Jacó Bittar faz uma defesa e o Olívio Dutra faz outra e o congresso racha no meio – colegiado e presidencialista – ou seja, para quem tinha brigado com o Partidão, com MR-8, com os Tribuneiros – a gente chamava o pessoal do PCdoB de Tribuneiros – você enfrenta tudo aquilo, leva para a CUT, chega no congresso da CUT, de fundação, racha. É um negócio muito duro. E quem arruma solução – aí foram duas confusões, – Quem arruma o impasse ali, está certo? Quem resolveu isso foi o Antônio José Medeiros, lá do Piauí, professor da Universidade Federal do Piauí (não sei se ele era o presidente da associação dos docentes da Universidade). Ele arruma o colegiado com o coordenador. Então, quando eleita a direção, o Meneguelli não é eleito como presidente, ele é eleito como coordenador geral da comissão de sete. Que aí é a confusão toda. Só para lembrar: a comissão elege, comanda e apresenta uma chapa com cinco nomes, cinco homens, quatro metalúrgicos e um petroleiro. Então é: O Paim do Rio Grande do Sul, o João Paulo Pires de Vasconcelos de Minas Gerais, o Abdias [José dos

Santos] do Rio de Janeiro, e o Meneguelli e o Jacó Bittar de São Paulo. Aí, o papel que o campo teve naquela questão... e aí, vai lá, “pah!”, amassa, cobra, aí vão lá, acrescentam o Avelino Ganzer.

Então, eram só cinco, certo? E são esses que eu estou dizendo para você. Diante da pressão do plenário, incluem o Avelino. E você vê, só tinha Sul e Sudeste. Aí, pressiona. Aí, as outras forças pressionam e entra o Novaes. Essa coordenação é de 7 membros. Não estão os bancários, os bancários estão na executiva, que era 15. Aí, está o Gilmar Carneiro. Tudo indústria. Agora, havia um sentimento que era um sentimento de classe. Todo mundo de Minas Gerais se sentia representando pelo João Paulo. Professores, todo mundo. Havia um sentimento classista e não de categoria. Então, quem era o principal líder sindical de Minas Gerais? Era o João Paulo. Então, é o João Paulo. Quem é o principal líder sindical do Rio de Janeiro? É o Abdias? É! O principal líder sindical do Rio Grande do Sul é o Paim, então esse é um dado que se tem.

Diretas Já, Constituinte e participação do sindicalismo

Há um processo de ascensão da CUT, a CUT convoca nesse mesmo período na Praça Charles Miller no Pacaembu o primeiro comício das Diretas, quem convoca é a CUT, uma resolução do congresso da CUT que é colocado em prática. A campanha das Diretas, portanto, começa em novembro, na Praça Charles Miller no dia em que o Teotônio Viela morreu. Então, a CUT começa a liderar esse processo e vai obrigando aqueles setores que combateram a CUT, que nos chamavam de divisionistas... Então, a ação do movimento sindical potencializa o partido, não era uma ação partidária organizada que o partido tinha obrigação, era uma ação de massa, de classe. Que levava esses conflitos a aparecerem e apareciam esses líderes; tanto é que depois, na Constituinte, quem são os constituintes eleitos? Olívio e Paim no Rio Grande do Sul; João Paulo Pires de Vasconcelos, Paulo Delgado e Virgílio Guimarães em Minas Gerais; o Médico lá do Espírito Santo, que era da Pró-CUT, presidente do Sindicato dos Médicos [Vitor Buaz]. Em São Paulo, o Lula, o Gushiken dos Bancários, o Gumercindo da APEOESP.

O III CONCURTO

A questão da Convenção 87 era o mantra do movimento sindical. Ou seja, tudo o que acontecia o mantra era: ratificação da Convenção 87. - Tem

intervenção nos sindicatos? A ditadura interveio em milhares de sindicatos e depois não só no golpe, mas a última intervenção foi a dos Bancários de São Paulo, os metroviários de São Paulo, a última intervenção que teve, então, o mantra era a convenção de 87. O servidor público não tinha direito à sindicalização: “Convenção 87.” O controle que o Estado fazia do sindicato, o executivo, era... não só as intervenções, era a Convenção de 87. Então, eu acho que existiu dois movimentos. A rapidez da nossa ascensão em ganhar o sindicato em 1985. Entre a posse do Tancredo, do Sarney e a Tese 10 em 1988, se a gente olhar aí, a CUT ganhou vários sindicatos importantes no país. Vários, vários! – nesse período. Então, que coincide com o que eu estou falando da Convenção 87. A partir do momento em que você ganha um sindicato e que você não tem mudanças na legislação, a direção se adapta.

O processo em que a gente é derrotado na Constituinte, de não ter a ratificação da Convenção 87 é a grande movimentação, é após a eleição do Medeiros, há uma grande mudança, inclusive, o Luiz Antonio Medeiros, [sindicato dos metalúrgicos de São Paulo], essa turma toda, botava propaganda na televisão defendendo o modelo sindical confederativo no Brasil O Stênio Garcia era o garoto propaganda das confederações defendendo a estrutura sindical. A nossa derrota nesse papel de [não] ter tido uma extinção da estrutura sindical e, em parte, assegurando coisas importantes – que era a Convenção 87, que assegurou o direito de sindicalização dos servidores públicos e empresas públicas, assegurou que os sindicatos é que faziam as eleições, não tinha mais intervenção, foi uma reforma meia-sola e que atendeu aos interesses de quem, então, estava na oposição, quando da fundação da CUT e quando teve a Constituição em 1988 estava no aparelho sindical. Então, eu falo isso, inclusive: porque a ANAMPOS... Porque a ANAMPOS saiu a CUT e da ANAMPOS saiu a CMP. A ANAMPOS era a Articulação Nacional dos Movimentos Sindicais e Populares. Então, saíram as duas centrais. Por que a CMP não cresceu e a CUT cresceu? Por causa do imposto sindical, do dinheiro do imposto sindical, da máquina sindical. Então, você podia ganhar uma associação de moradores importantíssima em São Paulo e como ela não tinha controle e recurso, não sei o que, o cara já fundava outra entidade, disputava e a gente não crescia. Então, não se apostou nisso.

Então, eu acho que isso levou a uma acomodação. Então, não se preocupou com nada porque os dirigentes sindicais, as correntes políticas acertavam isso. Quando eram delegados de base, você tinha que dialogar e convencer das mudanças. Então, você não tinha tanta capacidade de manobra nesse

processo. Essa é uma coisa que eu me repositivo na Tese 10. E o outro – é que eu não sei se estaria sendo um pouco... sendo a Tese 10 mesmo, eu nunca fui verificar lá de novo isso, se isso estava, que era a questão das CUTs regionais, não? Ou seja, você tinha – e esse é o maior problema – você tinha uma oposição da CUT regional São Paulo, que era dirigida pelo MOMSP, pela CUT pela Base e se contrapunha à CUT São Paulo, se contrapunha à direção estadual e à direção nacional, um autonomismo. A CUT tirava uma estratégia e a CUT regional tirava outra! Então, isso era uma coisa equivocada do ponto de vista se você tem um congresso que aprovou uma linha política, que aprovou um plano de luta, você tem que fazer isso. Então, mas ao acabar com as regionais da CUT e que aí, eu acho que os paulistas se equivocaram na questão de criar escritórios. E nunca fez – nunca, nunca, nunca fez – nada em São Paulo, ou seja, acabou ali e nunca teve uma organização na capital industrial do país. Então, você abdicou dessa organização e eu falava isso nas manifestações de junho de 2013. “É claro, não tem nenhuma organização aqui na capital paulista, não tem nenhum movimento, nenhuma instituição, nenhum instrumento que você possa organizar o povo de forma geral aqui na cidade de São Paulo. a direita está fazendo espontaneamente e nós não temos como responder isso. Por quê? Porque a sede da CUT São Paulo e aí, está a APEOESP, a APEOESP é um sindicato estadual, você pega o SindSaúde, você pega várias outras categorias – tanto é que a CUT sempre foi minoritária na cidade de São Paulo. E a Articulação Sindical também era minoritária em São Paulo, só que quando vai mudando os químicos com os plásticos, fazendo essas mudanças nesses outros setores, toda a oposição desapareceu. A derrota do MOMSP, de uma estratégia de enfrentamento, disputa no sindicato, desmoronou toda aquela outra base operária que a CUT tinha na cidade de São Paulo, virou sindicato de cartório.

Desafios à ação sindical e perspectivas

A CUT hoje

A minha impressão é que os congressos da CUT não passam de uma tese, de uma pesquisa de mestrado ou de doutorado, não há uma efetiva participação daquelas pessoas que estão envolvidas. Esse é o sentimento que eu tenho das resoluções da CUT do último período, até daquelas a que eu ainda participava, não tinha um efeito concreto na vida real, ou seja, o que você aplicaria daquelas resoluções, ou como você aplicaria, por

onde você começaria, e assim por diante, então me parece um documento interessante, você lê, quem lê, ele agrada, faz bem aos ouvidos, mas ele tem pouca eficácia, é a minha impressão.

Desafios

Eu acho que nós deveríamos fazer uma avaliação dos 40 anos da CUT e o que nós queremos nos próximos 40 anos, o que vai ser a classe trabalhadora nos próximos 40 anos. Então, eu acho o seguinte, que nós precisávamos de uma coisa nova como um todo, não adianta fazer alguns remendinhos como nós estamos colocando. No meu pensar, no que eu acho que está colocado. Então, tem algumas perguntas que são difíceis, mas elas teriam que ser perguntadas e respondidas para se ter uma diretriz desta posição.

Então, a pergunta é a seguinte: Nós estamos dispostos a unificar o movimento sindical? Se há uma disposição nesse sentido, o que a CUT faz para atingir esse objetivo? Não será uma fusão de centrais sindicais. Eu não acredito nisso, porque não tem acordo, mas nós podemos fazer determinadas inflexões que nós podemos ir incorporando e voltar um processo que aconteceu a partir da tese 10, ou seja, de 83 a 88 havia uma disputa CUT e CGT, em 1988, com a Tese 10 houve uma inflexão nossa, política, que coincide também com a questão partidária, o quinto encontro do PT [4 a 6 de dezembro de 1987], a candidatura do Lula (1989), tudo isso faz com que aqueles partidos comunistas saiam da CGT e venham para a CUT, então há um momento ali em que a CUT atrai esse processo e quem se divide são eles. Primeiro era CGT, depois criou a CGTB do Joazeiro e do Neto, depois criou a Força Sindical do Medeiros, depois criou a SDS do Alemão. Depois criou... já tinha ali um pouco daquele processo da CAT, dos companheiros da CAT, e depois a Nova Central, que eram as confederações.

Quando a CUT completou 20 anos quem começa a se dividir é a CUT, vem o Conlutas em 2004, vem a Intersindical e depois vem a CTB, ou seja, quem começa a se fracionar é o nosso campo, então hoje essa fração tem uma diáspora das duas formas. Então nós queremos fazer uma reunificação do movimento sindical? Eu acho que essa reunificação do movimento sindical não acontece pelas centrais sindicais, ela acontece pelas categorias.

E teve um processo interessante, que eu, modéstia à parte, tive um papel importante, uma visão diferente do Vagner Freitas. O Vagner Freitas achava que a CONTRAF, por exemplo, deveria excluir todo mundo que saiu da

CUT, eu fui lá e ganhei esse debate, de que não deveria excluir ninguém da CONTRAF porque saiu da CUT. Então, a gente trouxe alguns sindicatos e não foi criada nenhuma outra confederação, entidade, dentro dos bancários. Nos metalúrgicos aplicaram a lei da “selva”. Saiu da CUT, saiu da CNM. O que o PCdoB fez? Foi lá e criou uma federação intersindical de metalúrgico vinculado a FSM, foram eles quem criaram uma outra entidade.

Então, acho que o que está colocado centralmente na questão da CUT é a visão do sindicalismo orgânico da CUT, então nós precisávamos... essa realidade do sindicalismo orgânico que nós tínhamos na década de 1990, nesse processo de hegemonia da CUT, ele não existe mais, então há uma dicotomia, portanto, nós tínhamos que... por isso que eu falo que o estatuto precisa ser trocado como um todo, não dá para fazer remendo. Então, na hora de ir dialogar é o seguinte, não tem mais estrutura orgânica da CUT, tem estrutura filiada. Na estrutura filiada nós vamos construindo a unidade, nós podemos trazer todos os bancários para a CONTRAF, nós podemos trazer todos os metalúrgicos, porque é uma coisa real no cotidiano. A Intersindical... o presidente da Intersindical é do Sindicato dos Bancários de São Paulo, entendeu? O Índio (Édson Carneiro)¹⁰⁵ é diretor do sindicato dos bancários de São Paulo.

E eu falava em 2022, que era uma política de 10 anos, que nós deveríamos ter um planejamento estratégico da CUT pelos próximos 10 anos. Qual a CUT que nós queremos no Bicentenário da independência do Brasil, que sindicalismo que nós queremos? Nós queremos ter paridade de gênero? Então, vamos elevar no próximo congresso para 35, no outro 40, no outro 45 e no outro 50. A plenária da CUT não pôde aprovar nada porque não tinha nenhuma tese, nada escrito para a plenária de 2011 da CUT, outubro de 2011 em Osasco, não tinha nenhuma corrente política, ninguém escreveu sobre gênero. Aí o PT aprovou no mês anterior a paridade de gênero e todo mundo queria discutir paridade de gênero da CUT, então o que foi feito? A gente fez um acordo político de que nós aprovaríamos, continuaríamos os 30% em 2012, mas que nós já aprovaríamos no congresso de 2012 a paridade de gênero para 2015. Por que eu estou falando isso? Eu pensava em um planejamento, então veio uma situação circunstancial favorável que permitiu o avanço. Eu acho que muitas vezes tem circunstância que piora, então como é que eu resolvo isso? Eu acho que nós deveríamos ter...

105. Edson Carneiro-Índio, bancário, sociólogo e professor, diretor da Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito de São Paulo (FETEC-CUT). É um dos fundadores e secretário-geral da Intersindical, militante da Frente Povo Sem Medo.

Eu proporia um planejamento da CUT, de objetivos, pelos próximos 10 ou 12 anos, porque os mandatos agora são de 4 anos. Então, eu aprimoraria que cada mandato, pelos próximos 3 mandatos, cada um cuidaria de um grau de hierarquia estabelecido, discutiria como unificar ao nível nacional as categorias, porque não adianta você querer unificar na base se você não unificar na cúpula, então você unificaria na cúpula. Depois, em um outro mandato, você organizaria por federações verticais e por federações estaduais, e no último mandato você chegaria no sindicato de base, então eu planejaria isso. O que eu acho que qualquer futuro nosso, do movimento sindical, tem que ter a participação da base, aí eu acho que é um erro da tese 10, porque a tese 10... nós estávamos no auge da mobilização, então não havia muita diferença entre base e direção, todo mundo... você tinha os melhores quadros, aí portanto, você suprimiu aquilo que era cláusula pétrea do início da CONCLAT, que nós estabelecemos que tinha que ter delegado de base e que foi o motivo de racha das oposições sindicais contra o CGT. Então eu colocaria como um dos critérios a volta do delegado de base, você obrigaria... hoje é muito fácil, não é um congresso de trabalhadores, é um congresso de dirigentes sindicais, então se você não levar a base para refletir, para você fazer um esforço e fazer isso... então eu voltaria à obrigatoriedade, no estatuto da CUT, de ter uma parcela da delegação de base, não pode ser [só] dirigente sindical. Outro dado: a organização horizontal, acho que foi um equívoco, não é coisa da tese 10, mas é do congresso de 91, acabar com as regionais da CUT, você lembra disso, nós tínhamos uma CUT regional São Paulo que polemizava com a CUT nacional, acabou com a CUT regional São Paulo e não criou nada, não existe sindicalismo de base em São Paulo, porque os grandes sindicatos são de base estaduais, são grandes sindicatos, a APEOESP é na sede de São Paulo e não organiza a base São Paulo, AFUSE e vários outros sindicatos, então você não tem isso, você precisa ter uma horizontalidade, e a CUT regional... portanto, [seria] um processo disso. Porque o seguinte, no meu entendimento dessa precarização, a condição é a seguinte, no governo Dilma a gente discutiu contrato coletivo nacional do setor da construção, porque tinha um programa, então você começava a discutir piso, hoje não tem nada disso.

A CUT precisava chegar no município. Como ela chega no município, como ela se organiza no município e como organiza naquela cidade? É tudo pequenininho, se você somar todo mundo, é muito pequeno; então você precisa ter uma questão de organização local. Nesse aspecto, trataria do ponto de vista dos instrumentos de organização sindical e, a partir disso,

entraria nas outras questões que vocês colocaram, mas antes vou acrescentar um outro elemento que acho que também se relaciona um pouco com a Tese 10, com o Congresso de 88, que é a questão da chamada: “Ação cidadã da CUT.” Um sindicalismo cidadão.

Então você começa a discutir meio ambiente, você começa a discutir a questão nacional, você começa a discutir a questão da juventude, das mulheres, e assim por diante, eu acho que isso fragmenta a ação sindical, não o tema, estou falando da ação sindical, aí você pulveriza a ação, você começa a fragmentar e perde o caráter de classe mais importante, da exploração do trabalho pelo capital.

A indústria metalúrgica hoje tem várias coisas... Hoje, boa parte dos equipamentos de um carro ou de outros equipamentos eletrônicos, muitas vezes é plástico, então é o sindicato dos plásticos, de químico ou é o sindicato dos metalúrgicos a empresa que produz aquilo ali? O maior componente é plástico e tem pequena parte de metal ou a maioria é metal? Então, esse código brasileiro de profissões não existe mais... Tanto na indústria quanto no comércio, são sempre pequenas unidades fabris, então nós precisamos de uma forma diferente dessa organização. Eu acho que tem coisas que vão pulverizar, portanto, a discussão do financiamento desse tipo de organização não tem futuro. Eu falo aqui com os companheiros de Brasília: – “Eu quero ir lá organizar o pessoal do Uber, determinadas categorias e tal.” Meu amigo, se os sindicatos grandes ou a própria CUT não bancar a organização, como é que esse sindicato vai existir? Se o cara é motorista de Uber, como é que ele vai ficar utilizando Uber e sendo presidente de sindicato? Como é que eu vou recolher as contribuições? Então precisa de uma coisa maior, mais robusta, musculosa, que assegura àqueles pequenos, uma organização que trata, então acho que o caminho será por aí, não é uma segmentação. Organizar, [por exemplo], um sindicato dos trabalhadores do transporte, entendeu? E eu bancaria dentro do sindicato do transporte, que tem um emprego regular, a mensalidade, um departamento que tratasse dos motoristas de Uber. No sindicato dos bancários eu trataria do cara que era da lotérica, que era correspondente bancário. Então, eu faria um subsídio financeiro cruzado de organização.

Eu estou dizendo que o sentimento da pessoa, é que quando ela perde o emprego ela perde o vínculo com o sindicato, nós precisávamos mudar isso, ele tinha que ter um sentimento de pertencimento, que ele podia estar colocado, então ele teria uma carteirinha, tá certo? Tipo uma carteirinha

da CUT, por exemplo, o cara teria uma carteirinha da CUT, claro que a organização é para o sindicato, mas a carteirinha seria do sindicato, a palavra sindicato e tal, aí depois você teria lá um código, uma coisa, que você mostraria que o cara era do sindicato dos bancários, dos metalúrgicos e assim por diante; mas haveria um sentimento... eu acho que esse sentimento de fracionamento, de fragmentação, [é] que gera um despertencimento do trabalhador ao sindicato, então, como eu crio um vínculo permanente com o sindicato? Independentemente de categoria, mesmo se ele saísse de metalúrgico e fosse para bancário, como eu faço? Como hoje é o telefone, uma 'portabilidade de sindicalização', vamos falar assim. O cara era sindicalizado e ele mudava lá, igual você muda [de uma operadora] para outra, você não muda mais seu número, antigamente você tinha que mudar de número de telefone quando você queria mudar de operadora, então eu acho que nós precisamos pensar algo desse tipo.

FRANCISCO URBANO ARAÚJO FILHO

Entrevista realizada em 27/04/2022

DURAÇÃO: 127 minutos

Foi presidente da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Rio Grande do Norte e presidente da CONTAG por dois mandatos.



Trajétoria de vida e militância sindical

Meu nome é Francisco Urbano Araújo Filho, sou natural de São Paulo do Potengi, no Rio Grande do Norte, cidade a 70km de Natal, uma região chamada de região da caatinga, entre o agreste e o sertão. Eu e meu pai trabalhávamos nas fazendas dos proprietários, de “meia”. – “Meia”, eu não sei se vocês conhecem bem, mas é: a metade era do patrão e a metade era do trabalhador, só que a despesa total era nossa, dos trabalhadores, a metade era dele, mas a despesa da produção toda era nossa, então no final você não tinha praticamente nada, porque você tinha 100% de despesa e só tinha 50% do produto. Eu sou de 1941, do final do ano, por isso que eu ainda vou fazer 81, porque eu sou do final do ano, dezembro de 41.

Quando a gente trabalhava de “meia” tinha uma coisa que me incomodava muito, sem consciência política nenhuma, era que eram 10 pessoas trabalhando na família, 6 filhos homens e 4 mulheres, mais meu pai e minha mãe - então eram 12 pessoas, na verdade! Todo mundo trabalhava na roça, chegava no final do ano ninguém tinha nada, não sobrava nada, tinha ano que não sobrava sequer para a chamada “festa do ano novo” para comprar roupa para cada um, um sapatinho, uma sandália e isso me incomodava muito, mas eu não sabia porquê. Nos anos 1960 tinha um movimento chamado JAC (Juventude Agrária Católica) no país inteiro, tinha a JOC, JUC, e a JAC... Eu era da roça e minha irmã começou a fazer parte dessa JAC em 60 e, sendo ela um dos membros, me chamou para participar também, como eu era uma pessoa que me incomodava com aquilo que a gente vivia, eu falei: “Eu vou lá para esse negócio.” Eu sou de uma origem onde todo mundo é religioso, minha família, então eu fui

participar. Logo eu comecei a ter alguns atritos lá com o pessoal porque começaram a mostrar o domínio da Igreja sobre as pessoas; por mais que trouxessem algumas informações, mas era aquele comando religioso. Tive um primeiro atrito com o padre porque eu ia para o encontro da juventude e para missa, aí combinava com um amigo meu, quando terminava a gente ia tomar uma pinguinha e jogar sinuca, disseram para o padre e ele veio reclamar. Veio dizer que tinha alguns meninos que depois iam tomar cachaça e jogar sinuca! – Aí eu perguntei se ele estava falando comigo, porque se fosse comigo eu ia dizer para ele que eu comprei com o meu dinheiro, não roubei da caixinha da igreja – tinha uns lá que faziam isso – eu não briguei com ninguém na mesa de sinuca e paguei a conta da mesa de sinuca do meu colega, então eu não tinha nada a dever a ninguém, portanto eu não tinha que dar explicação de nada. - Ele passou um bocado de tempo sem falar comigo. - Em 1961, uma tarde, se eu não me engano foi dia 11 de novembro de 1961, eu jogando bola, meu pai liberava os filhos para sábado de tarde não trabalhar, ele trabalhava, mas não deixava os filhos, eu estava jogando bola com os vizinhos lá, com os filhos deles, passou o padre, seu Expedito, com aquele jipe 51, aquele que era chamado de “cavalo do campo” - ninguém quebrava aquilo, né? - Parou e me chamou: “Chico, vem cá.” Eu fui lá. – “Você quer fazer um curso de sindicalista? Eu estou lhe convidando para isso.” – Quando isso? – “Não, eu quero que você esteja amanhã em São Paulo do Potengi para ir para Natal fazer o curso de sindicalista.” – Você está louco padre, como é que eu vou fazer agora? – “Vai lá falar com a sua mãe e com seu pai.” - Fui lá. Minha mãe logo se animou, minha mãe achava que era um negócio de previdência. Ela se animou achando que ia ter; meu pai não quis nem ouvir falar desse negócio. Nessa época a gente já tinha um radinho da escola do MEB (Movimento de Educação de Base) porque a minha irmã virou coordenadora de uma escolinha para nós mesmos, os irmãos, e outros trabalhadores vizinhos, então a gente tinha um rádio a pilha para ouvir música, ouvia as notícias, já tinha o Movimento de Natal, que era toda discussão de todos esses movimentos e já o sindicalismo.

[...] José Rodrigues, foi o primeiro presidente da federação do Rio Grande do Norte. Mais novo, um ano que eu. Ele era mais novo [do que eu]um ano, só que no documento ele é mais velho 2 [anos], porque o pai dele adiantou a idade para ele poder votar, porque naquela época tinha muito isso, os pais mudavam a data do nascimento do filho para poder votar logo porque era a pressão dos fazendeiros, dos proprietários [que] queriam voto da família, com ele aconteceu isso. - O José Rodrigues era desses sindicalistas que eram

de uma inteligência fantástica! Era de uma inteligência impressionante! - Era um jovem bastante inquieto e não podia ver um microfone que ele fazia um discurso! E logo ele virou uma liderança muito importante no Rio Grande do Norte e na região, e foi com ele que eu comecei a participar do movimento sindical. Já aí, eu participei de uma reunião em Natal, do Comando Geral dos Trabalhadores - naquela época o Comando Geral dos Trabalhadores, porque não podia ter Central, mas tinha o Comando Geral dos Trabalhadores liderado pelo Partidão. - Foi daí que eu comecei a ler outras coisas que não era só aquela que o movimento sindical me passava, que era da Igreja, então eu comecei a ter outras leituras, arranjei uns amigos que me mandavam material e eu lia outras coisas que não eram da Igreja, aí eu fui entendendo melhor o papel que eu estava, onde é que eu estava, porque eu estava ali, fui entender efetivamente o porquê a gente não tinha nada, trabalhava tanto e não tinha nada. E isso não era só eu, tinha outro colega da minha cidade, São Paulo do Potengi - que era uma figura extraordinária! Uma pena que ele não continuou no movimento sindical, porque era de uma inteligência fantástica, desses homens que parece que nascem com a cabeça cheia de boas ideias, discurso, mas infelizmente ele teve dificuldades na fazenda que ele morava e não pode continuar na vida sindical, veio embora para a cidade. - Mas, durante um bom tempo nós dois fomos atuar em várias comunidades que não tinha ainda ninguém sindicalizado, sempre distante um do outro, a gente se encontrava de vez em quando na cidade. No domingo tinha feira, então era o dia que o sindicato estava aberto para todo mundo ir lá se associar e tal, e conversar e aí eu comecei a fazer isso também. A diretoria do sindicato, o presidente, mesmo sendo uma pequena roça que ele tinha lá, mas no domingo ele precisava ir com a mulher fazer uma banquinha na feira para vender bolo e essas coisas, banana, e não sei o que lá, o tesoureiro do sindicato também tinha uma loja, então ficava o sindicato lá só com uma mocinha que ajudava, a filha do tesoureiro; aí ao chegar de volta do curso me chamaram para ir para o sindicato. - Eu gostei daquilo! Então eu passava o dia todo, o domingo todo no sindicato, virei uma referência para os companheiros, fazia reunião com eles explicando as reuniões que eu fazia no sítio. Quando era feriado, no sábado, que eu ia.

Em 1962 eu virei suplente da diretoria do sindicato, como o diretor ainda era aquele que eu falei [anteriormente], assim mesmo ele permaneceu na direção, quem assumia todo o trabalho no dia a dia do sindicato era eu; inclusive para conversar com os fazendeiros, com os patrões, os acordos quando eles dispensavam o trabalhador, só que aí como tinha fazendeiro muito rico e tudo muito violento, nós combinamos com um grupo de trabalhadores:

Todo domingo que tiver fazendeiro que foi convidado para conversar, nós precisamos que 7 horas da manhã todos vocês estejam lá. Aí juntava 30 – 40 homens, a maioria vinha com uma faca ou uma peixeira. Um certo dia nós chamamos um dos mais famosos, ele chegou, isso já era 7:30, chegou bem cedo, nós chamamos e ele chegou logo cedo, ele era um homem muito alto, tocou com a perna para virar por cima de mim. - Você imagina, hoje, a musculatura que eu tenho, imagina em 61! Eu era um “veio” moleque magrelo. - Todo mundo se levantou ao mesmo tempo. Quando todo mundo se levantou ao mesmo tempo, ele voltou e sentou na cadeira que estava lá para ele sentar, resolvemos conversar e fizemos um acordo. Ele disse: “Eu quero fazer um acordo, eu só pago no domingo, mas ele sai amanhã, segunda-feira.” – “Não, ele só sai quando o senhor voltar aqui e pagar para ele, aí sim ele vai sair e vamos dar mais 10 dias para ele poder sair, essa semana ele vai estar arrumando para onde ele vai; depois que o senhor pagar é que ele vai poder pagar um transporte para ir embora.” - Eu não sei se ele ficou com medo, porque ele era um homem muito violento, ele era lutador mesmo, ele pegava briga na rua de tapa, na perna, andava muito armado, chegou um certo dia ele deu uma surra só de pernada em uns 5 soldados lá, ainda pegou o delegado pela garganta: “O senhor me prende ou eu prendo o senhor?” - Esse era um dos políticos que tinha na cidade. Esse homem pagou o trabalhador [que] foi embora sem ele mexer mais com ele. Essa foi uma das cenas que me marcou muito, porque eu tinha certeza que ele ia virar aquele [...] em cima de mim. Eu, não dava tempo de pegar a peixeira porque eu não podia deixar a peixeira na cintura porque ela ficava me machucando, eu magrelo veio, então eu botei na gaveta, não dava tempo tirar; mas os outros se levantaram todo mundo, com certeza ele não bateria na gente porque estava todo mundo atrás dele, e eram homens também altos, fortes, que podiam entrar ali. Essa cena ficou marcada para mim.

Tinha dia que iam 25, tinha dia que iam 40 pessoas, dependendo do tempo que a gente tinha de combinar com o pessoal, mas a média era 25 mesmo, eram aqueles que 7 horas da manhã do domingo estavam lá, todo mundo lá. - “Tem reunião hoje com o fazendeiro?” – Não. Então eles iam fazer alguma coisa. – “Tem? Então vamos esperar que o cara chegue.” - Ficavam ali comigo. Era um pessoal muito legal. - Quando foi em 62, que eu poderia ser da diretoria, quando chegou na época de 64, o golpe, eu ainda era só o suplente, estava na... Eu cheguei, eu fui chegando na cidade e encontrei o prefeito com toda bancada dele da prefeitura na ruazinha que eu ia para entrar, ele disse: “Para onde você vai?” – Vou para o sindicato. – “Não vai não, seu presidente está preso.” (Era o José Rodrigues) eu não tinha visto. -

Ele está preso? – “Está sim. Ele não sabe, está vendo que ele não sabe?” Eu disse: Bom, se ele está preso, o senhor está me falando, eu não sei, mas eu vou para o sindicato agora. - Nesse grupo já tinha cinco comigo atrás, tudo combinado, a gente ia se encontrar e ia para lá, porque eu já sabia do golpe, mas não sabia disso, nós queríamos ir só para a sede do sindicato. Aí todos aqueles cinco se encostaram em mim e eu disse: “o senhor vai deixar a gente passar na boa ou a gente tem que passar aqui na marra?” Aí nós passamos entre um e outro, entre o prefeito e o secretário, e o prefeito era fazendeiro, mas não era violento, ele era um fazendeiro muito político, mas não era dos violentos de ameaçar, de matar, era um homem durão na fazenda, mas não de matar. Aí passamos, quando entramos na sede do sindicato, daqui a pouco chega o delegado de polícia dizendo: “Vocês estão proibidos de fazer essa reunião.” – Que história é essa? O senhor tem uma ordem do juiz? Se não tem uma ordem do juiz, isso aqui é particular, pode ir embora daqui. - O delegado foi embora. - Gente, não deu 5 minutos começou a passar um jipe da polícia [sirene de polícia] passando na porta, foram direto na casa do padre, se ele viesse no sindicato nós estávamos mortos, porque estava proibido reunião, e nós estávamos reunidos. Ele foi na casa do padre atrás de “comunista”, o padre mandou uma freirinha correndo, chegou lá, coitada [gesto de sem folego]: “seu Francisco, fecha o sindicato, o exército está todo na casa do padre.” - Nós fechamos a porta, cada um saiu por uma rua e falamos: Olha, não fica na cidade, nenhum dos nossos! Todos os cinco, todos que estão aqui não vão fazer feira hoje, vamos embora, se tiver algum parente se esconde em uma casa e faz sua feira depois, mas até meio dia a gente não pode ficar aqui. - Eu sai “cortando”. Como eu era o mais [visado], eu falei: “Aqui eu não vou ficar de jeito nenhum”. - Aí saí cortando ruas, entrei no matinho lá e fui para casa que era perto, fui a pé cortando caminho, aí fui na casa de um parente sem dizer nada e sumi. Bom, aí veio o golpe e em 1965 eu fui eleito presidente do sindicato.

O sindicalismo rural e a ditadura de 1964

E era tudo religioso. Até aí eu não tinha muito... eu não era uma pessoa que tinha muita informação a ponto de ser uma liderança política, coisa parecida. Era uma pessoa, e sempre fui assim, inquieta com aquilo que acontecia com a gente. E assumi esse posicionamento sem muita consciência política, não tinha nada disso! Tinha só a consciência do que a gente estava sofrendo e, com a informação que eu tinha do rádio, da discussão, de ouvir pelo

radiozinho que eu tinha lá, o movimento de Natal, um amigo meu que já era ligado ao Partidão me dava algum material, mandava para mim, então eu fui lendo essas questões. - O que aconteceu? - Por conta dessa minha postura, em 66 houve eleição na federação. E me tornei suplente em 1962, 65 assumi cargo de presidente do sindicato e em 66 eleição na federação. Naquele ano do golpe, nós tínhamos sessenta e poucos sindicatos [no] Rio Grande do Norte e a maioria desses sindicatos tinha, no mínimo. mil sindicalizados. No meu sindicato nós tínhamos mil e tantos sindicalizados, fazia reunião com mil, 900 pessoas - e tinham outros [que] eram muito maiores do que o nosso! - No nosso primeiro ano éramos um dos maiores. Em média 1000 associados.

Dois anos depois nós tínhamos 2 sindicatos funcionando, aberto mesmo, funcionando, recebendo pessoal, e a média de sindicalizados pagando não dava 50 - 60 - 70 pessoas. Isso dois anos depois, por conta do golpe. No estado foi uma violência tão grande, do ponto de vista de repressão, que muita gente... em 1982 eu encontrei trabalhador que disse: “Eu posso...” Já tinha mais de 70 - 80 anos. Disse assim: “Eu vou lhe dizer uma coisa, queria que o senhor... Eu posso fazer isso?” - O quê? - Ele cochichando no meu ouvido. - “A minha carteirinha do sindicato está enterrada até hoje lá no terreno da cozinha. Com medo da repressão no município de Canguaretama. Foi uma opressão muito grande do ponto de vista de... só foram cassados, só foram fechados, o sindicato de Pendências, onde era o José Rodrigues, Mossoró, Nova Cruz e Pedro Velho, esses que foram fechados; e os outros, muitos desses sindicatos, acontecia assim, chegava uma ordem: “Você não pode mais permanecer no sindicato.” - Eles denunciavam a presidência do sindicato. Isso, foram vários! - Na federação, eles roubaram tudo que ela tinha, inclusive uma conta financeira, tudo que a federação tinha, nós ficamos dependendo da Igreja de novo. Eu ajeitei um lugar para [a] gente trabalhar, era uma salinha de 3 metros quadrados da Igreja [que] ficou para a federação; e os funcionários eram todos ligados à Igreja, do Serviço Social Rural, que prestava serviço para a federação, porque nós não tínhamos nada. Como o José Rodrigues foi preso, o vice-presidente era de outro município, Ceará-Mirim, tinha greve naquela época, umas greves pesadas. Mas esse rapaz trabalhava na fazenda do Odilon Ribeiro Coutinho, dos Coutinho da Paraíba, mas ele era contra a ditadura, então ele chamou o presidente do sindicato e da federação e disse: “Fiquem à vontade que ninguém mexe com você, para prender você vai ter que me prender primeiro.” - Então esse cara ficou lá assumindo a federação, vinha uma vez por semana na federação

para ver como estavam as coisas, conversar com o pessoal lá, saber como estava o sindicato, se estava se falando com a federação e o pessoal mandava cartinha, aquelas cartinhas sem se identificar muito, mas perguntando: “E aí, como está?” - O pessoal nem abria aquilo, eles tinham medo de abrir na federação. Nessa situação, em 1966, veio a eleição da federação. A federação não tinha dinheiro, precisava de ter gente na federação para tentar recuperar o movimento, então a primeira escolha: tem que arranjar um presidente que tenha família, mas que não tenha família grande - não tinha o que fazer! Então pegaram um senhor, Joaquim Coutinho, de Lagoa Nova, para conversar com ele, e ele aceitou ser o presidente da federação, que era ele, a esposa e uma filha. E eu fui convidado a ser vice-presidente, porque eu era solteiro, como o vice-presidente, o secretário e o tesoureiro não podiam vir, porque todos eles foram os que toparam, aceitaram, eles não podiam vir! Tinham família grande, 3 - 4 filhos, como é que podia vir se não tinha nada? - O José Rodrigues, esse que eu te falei, que tinha sido expulso, exilado, tinha conseguido voltar clandestinamente, estava no Rio de Janeiro, clandestino, arranjou um dinheiro que dava para pagar o presidente, um salário-mínimo e meio, e um salário mínimo para mim que era solteiro; e sobrava um dinheiro para começar a fazer viagem, visitar esses sindicatos para a gente se recuperar, para ver se voltava a funcionar. Foi aí que foi uma coisa que foi ruim para mim, porque eu comecei a vida no sindicato e vim embora. Em janeiro de 1967 eu vim assumir a federação como vice-presidente. - Aí o que aconteceu? - O presidente não podia estar viajando muito porque tinha que ficar em Natal para acompanhar as coisas que aconteciam lá, então eu, que era o vice, eu e o tesoureiro, a gente viajava, combinava para visitar aqueles municípios, avisava o sindicato que a gente ia lá, a última vez a gente saiu só com a passagem de ida e o dinheiro para comprar a passagem de volta, e não tinha mais dinheiro para você comer. Quantas vezes a gente foi em uma reunião dessas, passava o dia todo e no final do dia nem almoçava porque não tinha dinheiro! E o sindicato de lá também não tinha, o dirigente morava no sítio, não dava para chamar a gente para ir almoçar na casa dele. Fomos recuperando isso, naquela época a eleição era de 2 anos só, o mandato; não foi 3, foram 2 anos; e nesses dois anos depois nós fizemos uma eleição e tinham 45 sindicatos que estavam quites com a federação, funcionando, e sessenta e poucos já abertos, já se fazia reunião com 45 sindicatos, mas na eleição mesmo tinha só quarenta e poucos, 45 sindicatos que pôde votar. Aí eu fui eleito nessa segunda eleição. O presidente não pôde assumir ...sofreu um derrame... Ele chegou entusiasmado defendendo, e a reação... todo mundo levantou

ali criticando, ele simplesmente caiu em cima da mesa e ficou o resto do mandato doente e não podia se candidatar; aí eu fui eleito em 1969 - porque eu assumi em 67, a eleição foi em 66, mas o mandato começava em 67, 2 anos de mandato; e aí foi que eu fui para a federação. - Veja como foi rápido demais. - Aí chego na federação e assumo o mandato, no segundo mandato... Eu não tirei nem um segundo mandato na federação e vim para a CONTAG, isso prejudicou demais a minha liderança no estado, eu me sentia muito pressionado porque faltava para mim uma base mais segura para eu vir para Brasília. Nós tínhamos participação no conselho da CONTAG, tinha meu jeito de brigão, às vezes brigava muito lá, já tinha participado do processo eleitoral, já tinha vindo no congresso de 1966 em São Paulo pela Contag. foi o primeiro congresso da CONTAG em 66.

[A CONTAG sofreu intervenção em 1964], mas em 65 houve a eleição, nós entramos na eleição com o interventor, com medo de que se ele ficasse sozinho, ele ia botar quem quisesse e não voltava nunca mais; então nós botamos um bocado de gente na direção da CONTAG para trabalhar... uma linguagem que depois usaram muito: “Vamos derrubar por dentro, vamos tomar por dentro.” - Então a gente entrou, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, entramos na chapa com ele. Ele concordou com todos nós achando que ia dominar, mas não ia dominar mesmo! Ele não tinha capacidade para isso, né? A gente fez todo um processo de acordo de convivência para não deixar uma nova intervenção. Porque todas as federações, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará, Alagoas, Sergipe, Rio de Janeiro, Paraná, [sofreram intervenção], todas essas federações.

Igreja, sindicatos e trabalhadores

A primeira questão, o movimento sindical dos trabalhadores rurais foi criado por duas linhas de ação, o Partidão e a Igreja, a chamada ação popular da Igreja, que era chamada “a esquerda da Igreja”.

Esse era o pessoal melhor que ajudou para que a gente não fosse [mais prejudicado] do ponto de vista do sindicalismo sem noção, né? Mas o poder da Igreja no Rio Grande do Norte, em Pernambuco, gente, vocês não têm noção! No Rio Grande do Norte, esse que eu disse que eles apoiaram, eles apoiaram para dominar! Não era do jeito que eu tive o conflito com o padre lá, [ocorreu] um conflito enorme pra mexer na federação; e se for contar eles vão dizer que é mentira, mas eu tenho os

dados. Então veja só, no Rio Grande do Norte a Igreja comandava [com mão] pesada para impedir o avanço do Partido Comunista, havia lugar que tinham 3 sindicatos no mesmo município; 3 – 2 – tinham vários! Um ligado ao partido comunista, outro da Igreja e outro dizia assim: “A esquerda independente.” Que ninguém sabia que diabo era, mas os que funcionavam mais eram o do Partidão e o ligado à Igreja, que era, em geral, comandado pela AP (Ação Popular). Em alguns casos, a AP era bem avançada, alguns eram só fantasia. No Rio Grande do Norte tinham uns que eram fantasia - não todos - tinha gente boa, compromissada e tudo! Essa foi a linha de toda essa movimentação, porque essa movimentação foi grande dos anos 1955 para frente. A partir da eleição de Juscelino foi que esse movimento cresceu mais, quando o Juscelino resolveu dizer que criava uma política para diminuir a diferença entre regiões e criou o Sudene, virou um pandemônio isso, de movimento. Criou a Sudene pensando em desenvolvimento, criou esse modelo de participação de movimento social, era uma coisa igual, mas grande parte liderado pela Igreja e outra liderada pelas Ligas Camponesas que não eram do Partidão.



MARIA APARECIA RODRIGUES DE MIRANDA

Entrevista realizada em 02/05/2022

DURAÇÃO: 70 minutos

Ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uná e vice-presidente da CUT-MG. Atuou na Secretaria de Abastecimento de Belo Horizonte na gestão Patrus Ananias. Foi formadora da Escola 7 de Outubro da CUT-MG.



Trajatória de vida e militância sindical

Eu sou Maria Aparecida Rodrigues de Miranda, conhecida hoje como Cida Miranda, mas fui – sou também – Cida de Marí. Eu nasci em uma cidade chamada Delfinópolis, de Minas, no sertão do Guimarães Rosa, numa comunidade rural chamada Mandiocal, a 75km da cidade de Delfinópolis. Eu vivi nessa comunidade desde que nasci até os meus 18 anos quando, por meio do trabalho das Comunidades Eclesiais de Base e da CPT, eu me juntei com uma série de outros companheiras e companheiros – mais companheiros do que companheiras, na época era muito pouca a participação das mulheres – para poder fundar um sindicato de trabalhadores rurais. Esse trabalho começou miudinho, de formiguinha, nas comunidades rurais, ali final dos anos 1970 e a gente foi identificando problemas comuns, lutas comuns, violências comuns nessas comunidades e descobrimos, então, por aquela estratégia da Igreja de Ver, Julgar e Agir, lemos aquela cartilha.

Uma atualização, um reposicionamento da Igreja Católica em relação aos problemas da terra; e essa cartilha era uma cartilha popular, então a gente analisava a realidade em que a gente vivia, tentava entender essa realidade e fazia propostas de como sair daquela situação. Então, eu me formei como uma liderança desde muito cedo nessa escola. Então, eu me juntei, eu tinha 13 anos e meio, quando eu fui convidada – ou convocada – para assumir a Escolinha Rural da minha comunidade porque o fazendeiro não permitia, ele ameaçava de morte as professoras que iam até aquela comunidade e nós tínhamos naquele momento umas 35 crianças e jovens para estudar. Então, nós fizemos um movimento, fundamos a escola e não tinha professor.

Então, eu fiz, em 1975, a minha 4ª série e voltei para a comunidade, fiz isso na cidade – na roça, na comunidade tinha só até a 3ª série. Eu fui para a cidade, fiz a 4ª, quando eu voltei eu fui convocada pelas lideranças adultas de que eu precisava dar esse retorno, dar essa contrapartida para a comunidade e eu assumi uma escola rural, multisseriada com crianças sendo alfabetizadas até a 3ª série, naquela escolinha ‘antiga’, né? E nessa escola, foi onde eu descobri, foi o primeiro ‘click’, vamos dizer assim, a primeira coisa que me ligou com o regime de injustiças e opressões que vivíamos naquele lugar. E a escola então, essa escolinha se tornou um local de resistência. Ali a gente fazia as reuniões, ali a gente fazia as celebrações, ali a gente fazia as festas da juventude, ali a gente se fortalecia como comunidade, foi contra a vontade de fazendeiro, essa escolinha foi construída em mutirão pela própria comunidade e eu fiquei ali. Então, eu era um misto de professora e liderança comunitária, com 4ª série primária. A gente ia até a cidade uma vez a cada seis meses para receber orientações. Então, nos virávamos (eu e tantas outras colegas nas outras comunidades ao redor) e foi então aí que eu comecei. Daí, foi um passo para a Igreja católica, as Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado e as Pastoral da Terra, me descobri e me inseri num processo de formação de lideranças das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Então, foi um segundo passo e também imediato para que eu me juntasse com outras lideranças da região Noroeste, da região Norte de Minas – especialmente Montes Claros, que a ação da CPT era muito forte já naquela época; e construímos uma força maior, regional, para criar sindicatos de luta. Nós não tínhamos sindicatos de luta no Noroeste, nós tínhamos dois sindicatos pelegos, um em Paracatu e um em João Pinheiro. E a luta pela terra pipocando, despejos, violências e ninguém fazia nada por esses trabalhadores. Então, visualizamos os sindicatos como esse instrumento de luta e fundamos o Sindicato de Unaí porque era a cidade maior, era um polo, né? Além de Paracatu era um outro polo que a gente tinha, e ali era também a sede dessas irmãs que nos dava todo o apoio. Então, fundamos em Unaí no dia 17 de maio de 1981 o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Unaí e Região. Ele tinha uma base sindical extensa, na época era Arinos, Buritis, Uruana, Formoso – isso eu estou falando em termos de municípios, mas existiam inúmeros distritos, que hoje, inclusive, grande parte deles já são municípios, era uma base extensa, mas, foi assim, o nosso primeiro passo para dizer: “Opa! Juntos nós somos fortes.” E foi isso, assim, gente. O sindicato foi fundado no dia 17 de maio [de 1981].

Não passou nem um mês, nós recebemos a primeira grande demanda de conflito de terra em Unaí, uma fazenda chamada Saco Grande, de um fazendeiro que era dono do município quase inteiro – essa era uma delas – em que o fazendeiro tinha entrado com uma ação de despejo, mas uma ação de despejo totalmente [ilegal], contra 250 famílias de posseiros e parceiros que moravam em suas terras. Foi uma decisão judicial arbitrária porque fomos comunicados pelo rádio que deveriam deixar a terra (todas aquelas pessoas) naquele dia se não iria ter um despejo violento com as famílias. Então, assim, eu estou dizendo só essa origem mesmo porque a história é muito longa, mas foi um teste de resistência desde o primeiro momento.

O batismo foi assim, o batismo foi esse, né? Começamos ali então uma grande trajetória de lutas, de resistência, de organização dos trabalhadores para conseguir... para defender o direito à terra, o direito a se sindicalizar, o direito a ter direitos, outros direitos, o direito a ser reconhecidos como cidadãos – porque não éramos – e o legal disso é que a gente não estava sozinho. Logo cedo descobrimos que nós tínhamos muitas pessoas, milhares de pessoas, dezenas de pessoas juntas conosco em todos os lugares do Brasil. Eu quero retroceder um pouquinho, como é que eu descobri a CUT.

[O sindicato se] filiou em seguida [à CONTAG], mas naquele momento, a gente não sabia... eu não conhecia ainda quase nada, eu descobri movimentos sociais urbanos pelo rádio de pilha, o radiozinho de pilha vermelhinho – que eu tenho até hoje aqui, que eu comprei com o meu primeiro salário de professora. Eu comprei um radinho de pilha e comecei a escutar as lutas do ABC, de Contagem, dos metalúrgicos e aquilo me acendeu uma luz, sabe como se o mundo tivesse [se] aberto para mim, assim. {Como se} eu tivesse descoberto que o mundo era muito maior do que aquele conflito, aquele lugar, aquela situação de opressão que a gente vivia. Então, eu descobri e fiquei acompanhando pelo rádio até eu começar a ter contato com o movimento sindical urbano de Belo Horizonte, aqui em Belo Horizonte, por meio do CONCLAT, do movimento de fundação da CUT; eu comecei a ter contato com esse pessoal. Então, eu me sinto, assim, fundadora desse processo.

Intervenção no sindicato pelo Ministério do Trabalho: queriam botar uma junta governativa, alguma coisa como era no regime militar, né? Então assim, fomos felizes, animados, voltamos animados, eu entrei na direção da CUT, o sindicato ficou conhecido e tal, mas voltamos enfrentando esse

dissabor interno, e aí nós tivemos que fazer um movimento por nós porque a conta do sindicato foi bloqueada, naquela altura nós tínhamos uns cinco mil sócios já, não tinha muito dinheiro, tinha mais trabalho do que dinheiro, mas dava para sustentar o funcionamento. Era uma portinha simples, né? Com material de filiação, com as viagens, as visitas às comunidades que a gente fazia, o recurso dava. Mas eu trabalhava voluntária, morava na sede de sindicato, né? Mas ficamos bloqueados, então nós tivemos que fazer um movimento, uma vaquinha para poder financiar uma viagem minha e de um outro companheiro até Belo Horizonte para negociar a reabertura do sindicato, a reativação do sindicato. Chegamos na federação, o presidente não estava esperando por nós, mas aí eu falei: “Olha, eu estou aqui! Eu sou secretária, eu [estou] na linha de sucessão e eu posso e quero assumir a presidência! O sindicato não precisa ficar parado.” Então ele foi comigo até o Ministério do Trabalho.

Em 1983 eu me tornei presidente do sindicato. Mas assim, essa história é muito interessante porque o que a gente fez? O que nós precisávamos fazer? Entender que nós não estávamos... entendemos que isso foi muito positivo, que não estávamos isolados, que nós tínhamos outros sindicatos com afinidade no que a gente acreditava, outros sindicatos rurais, mas que nós tínhamos também um amparo e uma articulação com os movimentos urbanos e aqui em Belo Horizonte foi o SINTTEL, o SENALBA, o sindicato dos marceneiros, especialmente esses três... Mais tarde os metalúrgicos. Os metalúrgicos de Monlevade, de Contagem, marceneiros e os professores. É! Esses três que eu citei [inicialmente] abrigaram fisicamente o nosso trabalho, dos sindicalistas rurais combativos, sabe? Além da CPT, esses sindicatos urbanos nos abrigaram mesmo, fisicamente, com salinha para fazer reunião, com algum tipo de recurso, com hospedagem solidária para nós que viemos do interior para... então assim, se não fosse essa solidariedade cidade-campo, nós não teríamos conseguido ir tão longe. E foi essa articulação cutista que nos deu fôlego para seguir nessa trajetória, para seguir nessa luta.

Trabalhadores rurais e a CUT

E aconteceu um fato muito interessante no nosso sindicato que foi o seguinte: começou a discussão do CONCLAT, estava todo mundo unido, de repente, rachou, né? A CONTAG foi para um lado e o movimento urbano para outro. Eu não conseguia compreender muitas coisas naquele

momento, eu não tinha teorias, tinha pouca informação, mas eu tive uma intuição. Quando a CONTAG determinou que todos os sindicatos ligados a ela fossem para o outro movimento, [a] CGT. Então, o que nós recebemos do sindicato? Uma ordem de que a gente não deveria participar da fundação da CUT, que o sistema CONTAG não participaria da fundação da CUT. Então, eu era secretária do sindicato – é importante dizer também, depois eu volto nessa coisa de secretária. Eu era secretária do sindicato e a diretoria era composta por um presidente, um secretário e um tesoureiro. Eu, como secretária do sindicato, virei para os meus colegas e falei assim: “Gente, nós não vamos simplesmente desistir de participar do processo de fundação da CUT. Se nós tivermos que decidir, nós vamos fazer uma assembleia, vamos chamar uma assembleia para os trabalhadores, vamos apresentar as nossas propostas e vamos decidir na assembleia o que faremos.” Os meus colegas ficaram com muito medo de fazer esse enfrentamento com a CONTAG, mas eu banquei. Eu falei: “Gente, nós estamos aqui construindo movimento de base, nós estamos começando, o sindicato está se fortalecendo, é importante que uma decisão dessa seja tomada em assembleia.” Banquei! Tinha um assessor sindical que era contratado pela FETAEMG na época, que a FETAEMG também teve momentos muito contraditórios, assim. A CONTAG e o sistema Federações, ela tinha esquizofrenias, né? Em 79, o congresso da CONTAG apontou para a reforma agrária, apontou para monte de coisas legais, mas o sistema pelego não dava trégua, assim, nós tínhamos um movimento p majoritariamente masculino, pelego, então era uma esquizofrenia. A FETAEMG tinha. naquele momento, contratado um grupo de assessores sindicais e tinha distribuído esses assessores pelas regiões onde tinha mais conflitos e eu tinha aqui comigo um assessor e ele me ajudou a fazer essa assembleia, me deu força, me ajudou, me assessorou para a gente preparar essa assembleia e fizemos essa assembleia. E a assembleia votou a favor de participar da CUT, e foi ótimo porque ali nós tomamos essa decisão, nós elegemos os delegados e nós fomos em oito pessoas para São Bernardo do Campo fundar a CUT. E isso gerou um racha interno na diretoria porque o presidente não se conformou com a decisão da assembleia, não se conformou que eu tivesse liderado isso e pediu renúncia, renunciou. Então, pelo estatuto eu deveria ser a presidente, eu era a segunda na linha de sucessão, mas a FETAEMG não gostou da ideia, mandou um representante, mandou o presidente da federação aqui na minha cidade conversar comigo e me convencer que eu não podia ser presidente porque eu era jovem – eu tinha 19 anos – porque eu era jovem, porque eu era mulher, e que os homens não iriam me respeitar. Então,

fizeram uma intervenção no sindicato. Ainda estavam os resquícios da ditadura, as contas do sindicato foram bloqueadas, o sindicato ficou acéfalo.

Alguns comentários sobre essa percepção em geral, do sindicalismo. Então, eu vivi na pele esse processo de radicalização da instituição. Assim, eu vivi na pele o momento instituinte, maravilhoso, que para mim é a melhor escola de formação política, é esse confronto com a realidade junto com o povo, né? Eu acho que o sindicalismo verdadeiramente combativo é esse que consegue ser essa força, essa expressão da luta real, concreta, por mais que ela seja difícil. Então, assim, eu vivi na pele esse momento instituinte; e eu vivi então, na sequência... toda a minha trajetória foi tudo muito rápido. É incrível, mas eu fui sindicalista de 1981 até 1989. Só! Então, considerando que nós temos uma história no sindicalismo, que o sindicalista envelhece dentro do sindicato, em alguma posição, depois na outra e depois na outra e vai! Eu tive uma carreira... – uma carreira, olha! Nem uma carreira, uma participação rápida, né? E eu vi acontecer esse processo, nós tivemos a experiência aqui, conseguimos ser uma força de 30% dos votos dentro do colegiado da federação da FETAEMG, dos sindicatos combativos com vontade de implantar outro modelo sindical. Em 1987, nós lançamos uma chapa de oposição na FETAEMG chamada “Chapa pés no chão”. E essa chapa se baseava nessa luta nacional das diversas experiências que a gente conhecia pelo Brasil – aqui em Minas também houve retomada de sindicatos pelegos, com muita luta, com muito enfrentamento – Jequitinhonha, Medina é um exemplo disso, e algumas outras; no Triângulo Mineiro, as lutas dos assalariados dos anos 1980 inspirada por Guariba em São Paulo, Canavieiros e tal, fizeram lutas e tivemos momentos de enfrentamentos e de sindicatos que a oposição ganhou, juntou com esse caldo e nós conseguimos formar uma chapa de oposição à FETAEMG em 87. Foi um momento alto, era um momento também em que a CUT estava estruturando o seu departamento rural, uma trajetória também muito difícil porque os departamentos que ganharam expressão eram aquelas categorias fortes financeiramente, então o departamento rural da CUT sempre precisou de solidariedade financeira de outros ramos de categoria para poder existir porque não bastava a boa vontade e a decisão burocrática de fazer, né? Então, nós lutamos muito para que esse departamento fosse forte e fosse essa nossa direção da CUT, mas chegou um momento em que isso perdeu força e eu vou pegar Minas Gerais como exemplo. Perdeu força num momento em que o próprio sistema sindical ‘Contagueano’ percebeu que estava

perdendo campo e que esse movimento combativo poderia questionar esse modelo 'contagueano', mas teria que questionar muito profundamente. Então, o que eles fizeram? (No Brasil inteiro, mas aqui em Minas foi uma vivência muito forte). Eles fizeram um movimento de aproximação da CUT. E a CUT também fez um movimento de aproximação com a federação. Aqui em Minas, um dos movimentos chamado CUT pela Base, que este movimento CUT pela Base que tinha expressões conhecidas, esse movimento se aproximou da FETAEMG para filiar a FETAEMG e com isso destruir o nosso trabalho de oposição.

A CONTAG começou a perceber (CONTAG, Federações...) que estavam no campo. Eles começaram, inclusive, a fazer um movimento de ocupação das regiões que tinham lutas e, de novo, eu vou trazer o Noroeste como um exemplo porque nós começamos a luta pela terra lá em 1981, só em 1985 a FETAEMG colocou um polo sindical lá, com sindicalista liberado, com advogado porque não tinha mais como negar que existia um conflito aberto, uma ferida aberta, gente sendo assassinada, luta pela terra acontecer, desapropriações acontecendo, ela foi para lá neste contexto. O que ela conta na história institucional dela? Que a luta pela terra no Noroeste começou em 1985. Ela não reconhece a luta de base, a luta instituinte antes. Então, esse movimento de ocupar o espaço da CUT... então aconteceu na CUT um debate interno em que: "Vamos aproximar, vamos negociar, vamos ganhar por dentro, vamos transformar a estrutura sindical por dentro." E esta orientação que eu não conhecia, não conseguia acompanhar tudo, mas nós fomos vivendo na pele isso, essa ocupação do movimento sindical 'contagueano' por dentro acabou interferindo neste processo de crescimento desse movimento sindical combativo, porque chegou um momento em que a nossa bandeira ficou esvaziada, a nossa bandeira ficou esvaziada! A nossa bandeira de um novo sindicalismo começou a virar uma coisa só e com isso, na eleição seguinte da FETAEMG, em 97... em 90 teria outra eleição, a própria CUT, alguns deputados do PT orientados por essa diretriz de "Vamos transformar por dentro" fecharam acordo... na verdade, esse acordo foi fechado até na Chapa Pés no Chão, tiveram pessoas desses movimentos aí (CUT, PT) que fecharam com a direção da FETAEMG contra a Chapa Pés no Chão e colocaram um dirigente sindical que era histórico nosso, Joaquim de Poté, que era uma pessoa linda, linda! Joaquim de Poté resistiu à ditadura lá na região do Rio Doce, ele era um dos poucos sindicatos (Poté) era um dos poucos sindicatos de trabalhadores rurais que já existia, foi cassado, ele foi perseguido e ele era uma liderança

linda da Igreja católica vinda dos movimentos dos jovens católicos, mas ele não teve discernimento de que estava ali em disputa dois projetos sindicais, e ele entrou na outra chapa. Então, a discussão era: “Tem petista aqui?” dos dois lados, tem cutista dos dois lados. Então... e foi fazendo essa integração burocrática sem debater um programa, um projeto, uma plataforma comum de avanço do movimento sindical. Então, eu vejo que sim, nós fomos perdendo campo mesmo, esse sindicalismo novo, combativo foi perdendo campo pela própria dinâmica de negociações, de reformulações do mundo do trabalho, né? Isso começou [nos] anos 1990 acho que foi muito forte isso.

Aí, foi criando uma elite sindical que foi dificultando cada vez mais essa participação legítima das bases, né? As negociações sendo feitas por cima. Olha, eu tenho uma questão, que até hoje eu penso nela. Quando eu chegava no congresso da CUT – em 1983 eu participei do primeiro congresso (os congressos da CUT) – que eu via que todo aquele enfrentamento de vida e morte que a gente tinha no campo, chegava na CUT, o máximo que a gente conseguia formular era: “Reforma agrária sob o controle dos trabalhadores.” Mas isso dizia tudo e não dizia nada. Não se debatia, não se tinha um entendimento do papel dos camponeses nesta transformação, nós éramos muito, - não vou falar marginalizados – era uma participação marginal nas grandes questões, nas grandes estratégias. E isso foi se aprofundando ao longo do tempo. Então, quando eu olho para hoje, para a estrutura sindical, eu acho que toda estrutura sindical que ganhou, foi essa tradicional, empresarial, burocrática que acabou sendo permeada por todas essas insurgências populares, ela foi permeada, mas permaneceu essa estrutura dura. Hoje a FETAEMG (a FETAEMG!) é uma empresa. E os sindicatos tradicionais permanecem do mesmo jeito. Eu cheguei, nessa campanha que nós fizemos em 87, eu vi uma cena... eu fui fazendo campanha, pedindo voto – aqui perto de Belo Horizonte, na região metropolitana, eu vi uma cena que era a seguinte: o sindicato tinha... era uma casa normal e tinha um vidro e um burquinho, assim. E o sindicato conversava com os trabalhadores por detrás desse vidro. Era um guichê. Isso me impactou tanto! Eu falei: “Gente do céu!. Mas não é esse o sindicato que eu acredito.”, né? E isso foi sendo aprofundado de forma muito forte. O trabalhador chegava lá de cabecinha baixa, com o chapeuzinho debaixo do braço, assim.

Eu acho que foi essa estrutura sindical, mas eu acho que a gente também não pode só ficar nesse diagnóstico negativo. Eu acho que toda essa insurgência

criou muitos outros movimentos, muitos outros movimentos sociais, o surgimento das identidades, uma reflexão sobre o papel da mulher, das mulheres nesse movimento.

Os camponeses estavam num plano mais geral e estratégico na marginal – não estou afirmando marginalizados, mas na marginal. Porque a luta camponesa no Brasil, na minha opinião foi sempre muito atrasada do ponto de vista de ocupar o centro da pauta, né? Isso não é à toa, isso não é a CUT que definiu, isso não é à esquerda que definiu, isso é a história de opressão no Brasil. Quer dizer, calar as vozes de quem luta no campo, faz parte do projeto de opressão da escravidão. Então, quer dizer, essa invisibilidade, essa dificuldade de ter um papel mais relevante tem a ver com isso, com essa estrutura da sociedade brasileira. Mas, assim, eu tenho certeza que mesmo com todas as dificuldades, a CUT deve muito aos movimentos camponeses de todo o Brasil. Eu me lembro que nós tínhamos figuras emblemáticas, como o Avelino Ganzer no Pará.

Mudança do campo para a cidade e novas trajetórias

Então, eu vim para Belo Horizonte, eu fui trazida para Belo Horizonte no final de 1989 e fiquei durante algum tempo meio exilada aqui e ali, fiquei no Rio Grande do Sul por dois meses, escondida porque cheguei aqui em Belo Horizonte e comecei a receber ameaças pelo telefone. Então, eu fui rastreada até aqui. E não tinha onde me proteger porque eram amigos, sindicalistas. Eu ficava na casa dessas pessoas, então me enviaram para o Rio Grande do Sul, eu fiquei uns dois/três meses lá e quando voltei me enviaram em uma delegação de camponeses e sindicalistas que estavam indo para Cuba fazer um curso na escola de formação camponesa em Cuba, lá em Cuba. Fiquei lá por 6 meses, de início de 1990 até junho, quando retornei para o Brasil, eu não pude voltar para lá porque a situação era muito grave ainda, naquele momento, as ameaças contra os sindicalistas de luta, especialmente de luta pela terra. Eu fazia parte daquela lista dos marcados para morrer, que a Anistia Internacional fez um trabalho de denúncia internacional cobrando do governo brasileiro posição sobre essas questões, eu fiz parte dessa lista e felizmente sou uma das que sobreviveu, muitos dos nossos companheiros não sobreviveram – daquela lista. Então, eu vim parar em Belo Horizonte nessas condições, não foi escolha, eu acho que era muito cedo, eu ainda tinha muito trabalho a fazer naquela região, a luta pela terra apenas tomava uma dimensão maior, a gente tinha conseguido, naquela

altura, nós tínhamos conseguido desapropriar três fazendas para a reforma agrária e isso enfureceu os fazendeiros e a oligarquia, os fazendeiros, políticos tradicionais da região – enfureceu mesmo! E que a colheita disso foi o assassinato do Eloy Ferreira da Silva, em São Francisco em 1984 e o assassinato do meu pai em outubro de 1985, com a tentativa de assassinato da minha mãe e na sequência uma série de ameaças contra a minha pessoa. O meu pai não era sindicalista, o meu pai era posseiro, resistente da luta, sindicalizado, eu que era a dirigente, eu era a presidente do sindicato nessa época. Então, o assassinato dele foi uma represália à organização dos trabalhadores e queria atingir diretamente a força do sindicato que crescia, que se organizava, que se articulava nacionalmente, passamos a ser uma força política nacional com atuação na CUT, no departamento rural da CUT e essas lutas se articularam no Brasil inteiro, né? Então, foi isso o que aconteceu e nesse contexto eu saí de lá para cá e fiquei aqui. Aí, é o seguinte, gente: a gente acaba tendo que fazer, que sentar os pés no chão. Eu cheguei em Belo Horizonte, em termos de formação acadêmica, eu tinha a 4ª série primária, eu não tinha preparação para viver aqui no meio urbano, não tinha profissão, não tinha preparação e eu considero que eu saí muito cedo de lá, e então eu me engajei aqui, por aqui, eu permaneci na direção do sindicato enquanto foi possível, mas logo no mandato seguinte eu já achei que eu não deveria fazer parte da direção do sindicato porque eu não estava lá, então não me achava legítima ser sindicalista de um sindicato de base e que eu estava fora. Então, eu permaneci ligada aos movimentos sindicais pela CUT, eu fui vice-presidente da CUT Estadual, mas assim, até um certo limite porque no ano de 1991, foi a última vez que eu participei de um congresso da CUT. Mas eu precisava me estabelecer pessoalmente e encontrar uma outra “pátria” que eu pudesse viver e encontrar outros sentidos para a vida. Então, aqui fiquei, fui fazer a minha trajetória acadêmica, refazer, fazer curso de ensino básico, ensino médio por correspondência, acertando o passo, era EJA já, né? Não tinha como. Já na vida adulta, sendo sindicalista, viajando o tempo inteiro. Então, eu fui fazer isso e em 2006 eu consegui ingressar na universidade, fiz geografia pela PUC e fui então tentando me reconectar com toda a minha história de sindicalista, de movimento social por meio da educação popular –morando aqui em Belo Horizonte, por meio da educação popular. Bom, eu já fale demais, fiz uma entrada [abrupta] sem nem esperar as perguntas.

Fui trabalhar com escola sindical, fui trabalhar na assembleia, na assessoria de deputados, deputados de esquerda, fui trabalhar, fui secretária agrária

do Partido dos Trabalhadores durante dois mandatos, me juntava com os processos de formação (tanto do PT, quanto da CUT) como voluntária nas capacitações – porque a gente fazia muito, né? No Estado inteiro, nos movimentos, né? – e ao mesmo tempo fui [cursar a] universidade à noite, eu queria fazer direito, mas eu não tinha dinheiro para pagar e eu não tinha... eu não podia... nessas alturas eu era profissionalizada pela CUT ou pelo partido E nesses engajamentos eu era profissionalizada porque eu precisava viver aqui. Então, como vice-presidente da CUT eu tinha um salário – como vice-presidente da CUT, né? – eu morava de favor, isso não me dava condição de viver autonomamente aqui, eu morava de favor com uma colega, com outra colega, ajudava a pagar a despesa do apartamento, né? Até eu engravidar. Engravidei em 1991, início de 91, e aí eu tive que botar o pé no chão mesmo, porque eu tinha uma filha para criar. Sozinha! Fui mãe solo. Então, isso redirecionou a minha vida, eu tive que procurar me profissionalizar melhor e eu não pude continuar... quer dizer, eu não pude, também não achava mais legítimo continuar disputando dentro das correntes sindicais e partidárias um lugar de representação que eu não me achava mais legítima porque eu não estava mais naquela liderança de base, no campo. Eu tinha essa trajetória, né? Chegou um momento em que eu disse assim: ‘o trabalho de sindicalista para mim tem que estar colado com o trabalho de base’. Então, eu fui fazer capacitações e me tornar assessora, mais tarde me tornei gestora de política pública, comecei essa trajetória com o Patrus [Ananias] na Secretaria de Abastecimento de Belo Horizonte, em que eu fui chefe de gabinete da Regina Nabuco; já foi um momento de maior profissionalização na minha atuação. E, depois disso, eu fui fazendo essa trajetória. Assessora de deputados, fiz cursos de formação da escola sindical que [foi] aquele processo de formação da CUT nacional.

Eu ajudei a fundar a Escola Sindical 7 de outubro, depois virei aluna da 7 de outubro para me capacitar com os temas de formação sindical e depois eu virei formadora na 7 de outubro. Eu participei como coordenadora pedagógica de um projeto chamado Semear, que foi maravilhoso, lindo, estratégico, de formação do campo ali entre 2000-2003 até o Fernando Henrique acabar com tudo, porque estava criando um movimento muito “revolucionário” – esse processo de formação da CUT.

No governo Lula eu entrei como educadora popular, educadora do Instituto Paulo Freire durante dois anos – me parece. E de lá eu fui convidada para gerir a primeira experiência de segurança alimentar de Contagem com a Marília Campos, 2005-2012. Então, foi o primeiro momento, a primeira

vez que me confrontei com a atribuição de uma gestora pública, de uma política jovem, desconhecida que era a política de segurança alimentar nutricional. Mas eu tive muita sorte porque era um momento muito favorável na conjuntura nacional com o Lula criando sistema de segurança alimentar, fortalecendo a sociedade civil, lançando o programa Fome Zero, quer dizer, foi um momento de muito aprendizado e muito crescimento dessa política e eu cresci, fui crescendo junto com esse tema e me tornei... fiz uma pós-graduação em administração pública em 2010 e me tornei então... hoje eu me sinto... uma das minhas formações, me sinto uma gestora pública de segurança alimentar nutricional. Porque hoje sou subsecretária de segurança alimentar nutricional e agroecologia de Contagem. Eu voltei junto com a Marília agora, a partir do ano passado.

Desafios à ação sindical e perspectivas

Quando eu falo de permear esses movimentos de base e permear as estruturas duras, eu estou falando, por exemplo, do movimento das Margaridas. Porque o movimento das Margaridas nasceu dessa insurgência popular, dessa consciência do papel das mulheres na transformação social e ele está dentro do movimento “contagueano”. E é um movimento muito além das estruturas. A estrutura tenta o tempo todo trazer para dentro dela, mas é muito maior do que essa estrutura dura. O reconhecimento das comunidades tradicionais, das identidades dos povos tradicionais por todo o Brasil, o aparecimento das ONG’S, especialmente as ONGs que, do meu ponto de vista, construíram a trajetória da agroecologia até se transformar em uma ciência, lá no início dos anos 1980 eram uns ‘bicho-grilo’, né? Era alternativa. Nós chamávamos de agricultura alternativa. Então assim, nós conquistamos muitas coisas e hoje a agroecologia é uma política pública, é uma ciência, é um movimento e é uma prática reconhecida dentro das universidades, no mundo inteiro e virando um veio de política pública fortíssimo.

Eu reconheço que uma das grandes inovações de tecnologia social e luta política popular é o MST porque é um movimento que nasceu lá atrás nos anos 1980 também. Esse jovem não conhece o que foi essa luta instituinte no início dos anos 80. Eu fiquei apavorada quando eu tomei essa consciência. Então assim, essa coisa do resgate da memória e o que vocês estão fazendo aqui é um pouco esse projeto de resgatar essa memória, isso é fundamental! Fundamental! Então, o futuro do movimento sindical

(um deles) é isso, é a gente resgatar a memória, a gente contar isso para todos os lados, a gente botar isso nas escolas, a gente... sei lá. Temos que fazer isso porque “*A memória é luta*”. Se a gente perde a memória, como é que vai ser o nosso futuro?

Então, isso é uma coisa. A outra coisa é reconhecer que o movimento sindical tem um papel na articulação com outros [setores], outras manifestações populares, outras formas de luta. Que está por aí (tanto no campo, quanto na cidade). Por exemplo: a agroecologia. Virou uma frente de luta. O movimento feminista da agroecologia, o movimento dos jovens da agroecologia assim, é uma profusão, eu consegui ir observando ao longo do tempo como esse modelinho nosso foi sendo superado, mas esse próprio modelo nosso cumpriu um papel para abrir outras frentes de luta e seguir. Seguir! Essa resiliência, essa história, essa memória está aí e nós precisamos [fazê-la] circular.

[Fim da seleção].



DELÚBIO SOARES

Entrevista realizada em 10/04/2023

DURAÇÃO: 110 minutos

Iniciou militância sindical no Centro de Professores de Goiás. Participou da CONCLAT. Foi presidente da CUT Goiás e da executiva nacional da CUT.



Trajetória de vida e militância sindical

Eu sou uma pessoa do interior que veio estudar em Goiânia, vim de uma família muito humilde e, lá em Goiânia, com o decorrer do tempo, eu comecei a encontrar um pessoal do MDA - naquela época chamava MDA, Movimento de Defesa da Amazônia e, depois, esse pessoal também estava ligado à luta pela anistia, então eu comecei a participar de alguma coisa da anistia, mas muito na base, o nosso coordenador da anistia lá era o professor Pedro Wilson¹⁰⁶. Esse movimento da anistia ganhou um peso maior depois do assassinato do Herzog, a gente passou a ter mais atividade, mas a atividade era muito difícil, porque a gente reunia 4-5 e na outra semana não tinha mais aqueles 4-5 - quem viveu a ditadura aí..., lembra muito bem como que era essa repressão - e a gente, jovem, era muito corajoso, mas tinha medo de polícia, a gente tinha medo do exército, de ser preso, torturado, mas fui aprendendo convivendo com várias famílias de presos políticos; depois teve aquele grande incentivo: a visita do Teotônio Vilela aos presídios, foi muito importante aquilo, naquela época foi um ato muito corajoso do senador - conservador, mas foi um ato muito importante para nós.

A agenda sindical no período

E, com as greves de 1978 no ABC, eu era professor da rede pública e, nesse momento, nós tentamos fazer uma greve lá, mas em 78 não deu certo.

106. Pedro Wilson Guimarães. Advogado e professor universitário, foi um dos fundadores do PT de Goiás, vereador da cidade de Goiânia (1993-1995), deputado federal pelo PT de Goiás (1995-2000 e 2007-2011) e prefeito de Goiânia (2001-2004). Exerceu cargo de reitor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Nossa greve lá, ouvimos falar em greve, mas era muito pouco divulgado, mas o que a gente viu [foi] que as condições estavam criadas, as condições para que a gente pudesse fazer um movimento em Goiás. Em 78 não deu certo, mas em 79 deu certo. Eu era professor da rede pública estadual e era professor de cursinho também e, em 79, eu fiz a primeira greve, obviamente eu fui demitido dos cursinhos. Lá eles tinham uma lista, quem estava nessa lista não dava aula em escola privada de jeito nenhum, mas eu não dava aula regular em escola privada, dava [aula] em cursinho, cursinho de preparação para vestibular.

A nossa intenção era parar três dias, paramos 17 dias e conseguimos um aumento espetacular naquela época, 15% acima do salário, e criamos as condições de a gente organizar o movimento. O nosso organismo sindical não tinha, aí nos “apropriamos” do CPG, Centro de Professores de Goiás, que era o equivalente à APEOESP aqui, e ficamos com aquele negócio lá, fomos trabalhando daqui e trabalhando dali; aí começa a amplitude de criar um partido, “partido de macacão”, partido de operário, tinha que ter também outros trabalhadores; aí veio a ANAMPOS - eu participei de algumas atividades da ANAMPOS, muita gente lá em Goiás estava ligada à ANAMPOS e a gente se reunia - em Goiás tinha um movimento muito forte liderado pelos trabalhadores rurais, que era o movimento organizado pela CPT, a CPT teve uma influência muito grande em Goiás em determinado período. A CPT (Comissão Pastoral da Terra) tinha dois bispos com muita influência lá, Dom Tomás Balduino¹⁰⁷ e Dom Pedro Casaldáliga¹⁰⁸, no Norte do Estado, na divisa de Goiás com o Pará, naquela época era tudo Goiás, hoje é Tocantins.

A CONCLAT

Veio a preparação da CONCLAT, lá de Goiás vieram duas pessoas, eu e o Osmar, e veio uma pessoa da CPT, do Sindicato Rural, o Nelson Telles, nós viemos aqui no Sindicato dos Químicos na convocação da CONCLAT, foi onde eu conheci a Silvia. O Edson Campos era o coordenador da nossa

107. D. Tomás Balduino. Foi Bispo Emérito de Goiás. Em 1972 participou da criação e presidiu de 1980 a 1984 o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e, em 1975, colaborou com a criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) que presidiu de 1999 a 2005.

108. D. Pedro Casaldáliga. Foi Bispo Emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia. Em 1971 lançou a “Carta Pastoral por Uma Igreja da Amazônia”. Foi um dos fundadores do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Foi adepto da Teologia da Libertação.

ala jovem, era do sindicato dos bancários, então muita gente que vinha era recepcionada lá no sindicato dos bancários, e o presidente era o Augusto, eu acho; e o Edson era o nosso contato, era o 'capa preta', que o povo chamava, o 'capa preta' dos bancários era o Edson. A gente ficou lá nos bancários, depois fomos para os químicos, participamos lá um dia e meio, dois dias - não me lembro mais quanto! -, e aí a CONCLAT. Na CONCLAT veio muita gente de Goiás, vieram umas 300 pessoas, 300 trabalhadores (urbano e rural), foi agregando gente, agregando... E aí, naquela primeira CONCLAT criou-se uma direção, uma coordenação muito ampla e que não levava a lugar nenhum! - Tudo que fazia marcava, desmarcava, marcava, desmarcava... Tanto que, os partidos comunistas da época, mais organizados, o PCB e o PCdoB, não concordavam de a gente criar a CUT e se fizesse um congresso para a criação nos moldes que a CONCLAT tinha orientado, a gente ia ter maioria, então eles queriam ser paritários, queriam discutir, a gente defendia muito, naquela época, que todos os trabalhadores que quisessem participar deveriam participar. Se os pelegos não quisessem participar [da CONCLAT] podia fazer assembleia na base e tirar delegado para vir.

A construção da CUT foi uma coisa muito difícil para nós, porque a gente chegava e saía aqui dos encontros nacionais, das reuniões, chegava nos estados, a gente tinha muito entusiasmo. O pessoal queria uma central sindical, mas a gente não tinha estrutura, a estrutura era pequena; e aqui em São Paulo também não tinha porque, de repente, eles fizeram intervenção nos Metalúrgicos, nos Rodoviários, nos Metrô - que é o diretor mais expressivo na época, do Metrô, era o Azevedo, que era o primeiro secretário da CUT, ele que organizava as reuniões da [comissão] pró-CUT; e, nos 'petroleiros', no sindicato do Jacó [Bittar], nos bancários de São Paulo, do Rio Grande do Sul - que eram os sindicatos que tinham mais estrutura, eram os sindicatos combativos: era Bancários de São Paulo, Metalúrgicos do ABC, Metroviário de São Paulo e os Bancários do Rio Grande do Sul, os demais sindicatos tinham muito pouca força. -Hoje a maior força estrutural da CUT é o setor público, é o setor de professores e outros servidores [de empresas estatais] mas, naquela época, a gente era pequenininho. Aqui em São Paulo era o Gumercindo, a Rose Pavan, o Professor Luizinho, a gente não tinha estrutura nenhuma; depois apareceu várias lideranças novas, o João Felício, o Roberto [Felício], a Bebel - que está até hoje no sindicato -, foram aparecendo novas lideranças, mas o setor público não tinha força nenhuma. Tanto é que eu brinco com a atual direção da CUT que, naquela primeira direção da CUT, o setor operário tinha uma força muito grande.

A primeira direção constituída da CUT no congresso - teve o congresso de fundação da CUT e depois teve o primeiro congresso de organização da CUT; o congresso de fundação foi em 1983 e o congresso de estruturação da CUT foi em 1984. O de 84, para você ter uma ideia, formou a direção definitiva, tinha uma direção que era uma coordenação, não tinham cargos definidos. Aí, no congresso que definiu os cargos, o Meneguelli era metalúrgico e presidente da CUT; o vice-presidente era o Avelino, um camponês; o secretário-geral, o Paim.

Diretas Já, Constituinte e participação do sindicalismo

Esse movimento que nós vivemos, as Diretas, a CUT teve um papel fundamental na campanha das Diretas Já, depois nós... a Silvia era uma das organizadoras comigo, eu era secretário sindical e ela caiu na minha secretaria, nós fizemos uma parceria com o pessoal da Igreja e alguém deu uma ideia das emendas populares, né? E a gente colhia assinatura, fazia um barulho, e o Meneguelli era um deputado sem ser eleito, ele ia bater no congresso, entrava em tudo quanto é lugar, falava com todo mundo que tinha que falar, e a gente... foi um momento muito importante na preparação da campanha das Diretas; depois, nas eleições de 86 o PT teve uma votação extraordinária, dobrou a bancada - tinha 8 e elegeu 16 deputados. A CUT foi fundamental para a consolidação dessa Constituição que nós temos hoje; acho que foi o papel institucional mais importante da CUT.

Mas, naquele momento das emendas populares, qual foi o grande ganho das emendas populares? - Juntar o movimento de saúde e o movimento de bairro. - As pessoas assinavam! - Se eu tinha uma emenda, se eu ia para o sindicato, para uma pauta operária pedir assinatura para 40 horas, tinha lá um da saúde pedindo a emenda do SUS, a gente encampava! - Pedia outra emenda - não sei quantas emendas! Eu não lembro mais quantas emendas populares que nós atingimos - e elas foram para a pauta. Ninguém acreditava que... Quando saiu a Constituinte a gente achava que a Constituinte não estava tão boa.

Em vários lugares - agora você vai lembrando, vai voltando! Nós fizemos, eu participei em João Pessoa, participei na Bahia, Salvador, participei no interior de Goiás, em Goiânia, nós chamávamos de "Assembleia Nacional Constituinte Popular", pegava o texto com algumas propostas e ali você: "vai eleger o senador. Se o senador for eleito...". A gente fez um movimento para a convocação da Assembleia Nacional Constituinte. Nós

queríamos uma assembleia exclusiva e ela veio junto com o congresso, a gente chamava: — Vamos fazer assembleia aqui, quem são os deputados, o que você vai apresentar? Vamos fazer isso. Por isso que quando começam as emendas populares já tinha um trabalho feito, não muito organizado. Hoje você bota no computador, naquela época ninguém... quem tinha uma máquina de escrever ...

Qual era a ideia do movimento? - Era fazer assembleias constituintes municipais para 300-400 pessoas, que se dividiam em grupo para elaborar uma proposta para a saúde, para o trabalho, para a educação, para segurança, etc. e etc. - e eu lembro que eu participei em Vitória, acompanhei depois em Lages - 4 delas foram feitas. Então a ideia era ter as Assembleias Constituintes Municipais, você ia crescendo para as estaduais e desembocar em uma grande Assembleia Constituinte Nacional, então tinha uma participação direta das pessoas que era uma coisa simplesmente fora do normal.

Nós estávamos saindo de uma ditadura e não era o que a gente queria, a gente queria eleições Diretas Já. Perdemos a emenda do Dante Oliveira e isso criou um fôlego e aí veio o Colégio Eleitoral - e nós fomos contra o Colégio Eleitoral naquele momento! Achávamos que era uma articulação por cima, como a gente falava da Constituinte, do Colégio Eleitoral, que era um “arranjo por cima”, e a Constituinte, quando sai a convocação conjunta, Congresso e Constituinte, e a diferença nossa é que nós queríamos uma assembleia exclusiva e que devia começar pelos municípios, ia chegar até nível nacional, aí teve o Congresso Constituinte, teve a Assembleia Nacional e depois teve as Assembleias Estaduais e as Câmaras Municipais para fazer uma constituição nos moldes da Constituinte - que foi aprovada em 1988. Então foi tudo o inverso do que nós pensávamos, mas eu acho que a efervescência que teve nesse período foi um trabalho muito importante, um trabalho muito correto.

O III CONCURTO

Eu sei que o setor operário - como era chamado na época -, nós e o setor de serviços (como era chamado os bancários) setor financeiro, setor de serviços, educação, saúde, a gente era os “patinhos feios” porque se a gente fizesse greve não atrapalhava... Aí os bancários fizeram uma greve em 1986. Os bancários cresceram naquela grande greve que fizeram, depois o Gushiken virou deputado federal e deu uma personalidade

maior aos bancários. E o setor da educação foi indo, foi indo, até ter uma personalidade muito forte dentro da CUT, como tem hoje, nós chegamos até a ter um presidente da CUT e é um setor muito organizado na CUT, sindicatos muito bem estruturados. Devido à crise, normalmente os sindicatos maiores da CUT nos estados são da área de Educação. - Aqui em São Paulo é o maior sindicato, Goiás é o maior sindicato, Brasília é o maior sindicato, na Bahia - independentemente que seja da nossa galera ou não, eles são os maiores sindicatos! - No Paraná... - Porque são bases muito grandes, nossos sindicatos têm um índice de filiação muito grande, e não é afetado pelas demissões que acontecem nas crises, como nas fábricas. Naquela época a Volkswagen era Autolatina, tinha 43 mil funcionários - era um negócio monstruoso! - A indústria tinha muita força, a indústria do petróleo, a siderurgia. Fizemos uma festa muito grande quando ganhamos a eleição em Volta Redonda. Foi um grande acontecimento quando nós ganhamos com o Juarez [Antunes em 1983], derrubamos os pelegos lá, então era uma... A indústria tinha muita força porque era um momento econômico que era... Mudou muito de lá para cá. - Eu ousou brincar, aquela sociedade em que nós criamos a CUT, aquele modelo, não existe mais! - A predominância do setor industrial, hoje a predominância é do setor de serviço, educação, saúde, têm uma força... em função dos acontecimentos e da automação, naquela época começava a se discutir automação, a gente fazia os debates sobre automação, inclusive tinha uma comissão na CUT que era liderada pelo Feijó e outros, que se chamava Comissão de Ciências e Automação - coisa parecida com isso! - o Feijó fazia parte.

Tinha um time muito poderoso que ajudava a CUT - Olívio, Jacó e Paim. - Aí o Paim virou deputado, o Olívio virou deputado e a coisa caminhou, o PT foi crescendo e a CUT também cresceu. - Na minha opinião, o período que a CUT mais cresceu foi no período do [governo] Sarney. Dos anos 85 a 90 foi quando a CUT cresceu, a CUT se consolidou, foi um período muito rico para a CUT porque, naquele momento, você não tinha adversário, o Joaquim [dos Santos Andrade] não queria construir... a CGT existia só no papel, evoluiu para alguma coisa, mas não era influente, e nós fomos atraindo, todo mundo que queria “fazer” luta ia para a CUT. - Em 89 nós atraímos o PCdoB para a CUT, o pessoal do PSB, PDT - esse pessoal todo militava na CUT! Depois, com o advento da criação da Força Sindical a partir dos anos 90, mudou um pouco, [foram] criadas outras centrais que começaram a se organizar. O momento que eu considero, posso estar errado mas, o crescimento e a consolidação da CUT foi no período de 1984

a 1990. De 84 a 90 a CUT criou uma base política para ser uma Central Sindical e não um movimento, como muita gente gostaria, que a CUT fosse um eterno movimento.

E para nós, que éramos de origem sindical, da luta dos trabalhadores, foi muito importante que a CUT tivesse orientado os seus sindicatos a apresentar a sua pauta de negociação, negociar e fazer greve em cima de propostas concretas, como foi... a maior greve que nós fizemos no Brasil: a greve [contra] o Plano Verão [durante o governo] Sarney em 14-15 de março de 1989, então, a CUT teve um papel muito importante naquele período e foi se consolidando.

Os anos 1980 foram muito importantes para a luta social e para chegar aonde chegamos. Nós podemos ter errado aqui e ali, mas para a gente reconquistar esse movimento, os anos - na minha opinião! - os anos 1980 foram anos muito importantes para a gente chegar onde chegou hoje, assim como foi a resistência à ditadura no final dos anos 1970, que foi de enfrentamento à ditadura, cada um ao seu modo.

Primeiro, quando a gente funda a CUT, a gente tinha algumas questões que para nós eram centrais: fim do imposto sindical, da unicidade sindical e que a CUT fosse uma central que representasse todos os trabalhadores. - Obviamente a gente não conseguiu representar todos, porque muita gente que era sindicalizada não veio para CUT, com o tempo foram para outras centrais - e nós já debatemos isso aqui - e nós tínhamos algumas bandeiras que eram fundamentais naquele momento, a CUT nasceu com 40 horas, desde o começo nós defendemos as 40 horas semanais, que os sindicatos tinham que ter democracia, tinham que ter eleição sindical - porque a gente quando tinha um dirigente sindical por 3 ou 4 mandados na direção a gente já chamava de “pelego”. A direção para nós era para ficar... a gente até falava: “Olha, dirigente sindical não é emprego, emprego é o que você tem na fábrica, que você tem no seu contrato de trabalho. Sindicato não é emprego para ninguém! Você está lá para fazer a luta dos trabalhadores.” - Então a gente tinha muito isso com clareza. A questão mais importante, inclusive a Silvia Portela junto comigo e com outros, que nós batalhamos muito, foi pelo contrato coletivo de trabalho, em 1986, 87 e 88, e que nós não conseguimos implantar no Brasil em função da... o único contrato coletivo nacional que nós temos é do setor bancário. Porque o Brasil acabou com os bancos regionais, criou três bancos privados fortes e dois bancos públicos fortes e todos fizeram quase um “acordo nacional”,

que é um grande contrato do setor bancário - mas a gente sonhava naquela época com um contrato coletivo para todo mundo.

Uma das coisas que a CUT fez muito bem no III Congresso de 1988 foi separar a CUT movimento e a CUT sindical, transformou a central sindical ali e tivemos crítica à esquerda nossa. - Não estou entrando aqui no mérito, mas tivemos crítica por ter essa posição, aí nós passamos a ter uma relação muito grande com o movimento sem-terra, com o movimento de moradores, com os demais movimentos. Mas a CUT negocia salário, a CUT organiza o seu sindicato para negociar essa pauta sindical, faz greve por essa pauta e não pode fazer greve por outros motivos. - Apoiava as ocupações necessárias que eram feitas pelo MST, pelos camponeses da CONTAG, pelos camponeses de outros movimentos; apoiava o movimento pela democratização da moradia - tudo isso a CUT fazia! - Mas, em determinado momento, era confundido se uma ocupação era da CUT, se não era, aí depois nós começamos a trabalhar bem isso, porque cada um tinha o seu espaço - e sofremos muita crítica, mas acho que foi de uma grande importância para que os sindicatos vissem e tivessem clareza. - O papel do sindicato é: negociar a sua pauta de negociação; organizar os seus trabalhadores nos locais de trabalho; criar as comissões de fábrica. - Depois nós criamos um nome bonito, chamava-se OLT: Organização do Local de Trabalho - que nada mais é do que a comissão de fábrica, comissão de escola, comissão de hospital, mas se chamava OLT e, até hoje o ABC não tem organização do local de trabalho, tem as comissões de fábrica, nas escolas tem a comissão de professores que organiza ali, 3 - 4 professores organizam um conjunto de 100 - 80 professores, 80 servidores, e no banco a mesma coisa. A gente criou muita coisa naquele período e, algumas coisas que nós criamos, até hoje não foram implementadas. - Mas não somos nós não! - Se você pegar a história do movimento sindical que tem no Brasil, é desde 1905 que está se tentando organizar as coisas e, se for mais atrás, lá na França, na Inglaterra, [séculos XVIII - XIX] - coisas que eles propunham lá, até hoje não conseguiram conquistar. E isso é muito importante para a história dos trabalhadores. Nós criamos muita coisa aqui, nós adaptamos muita coisa e o Brasil gerou muita coisa também, mas muita coisa... Quantos seminários nós fizemos aqui no Brasil antes de fundar a CUT? - Porque a gente acha que o Brasil existe de 1970 para cá, mas, não! - Ele existe antes. - Em 1917 existiam categorias muito importantes que hoje, praticamente, inexistem. Eu vejo na história os grandes sindicatos que existiam naquela época, dos chapeleiros,

trabalhadores do vestuário, sapateiros! - Hoje não tem mais, né? Imagina hoje você falar assim: — Os Chapeleiros vão fazer greve. Os “fazedores” de chapéus. [Hoje], quantos chapeleiros têm? Quantos alfaiates têm?

Os alfaiates tinham uma importância muito grande, gráficos nos anos 1940 era uma categoria das mais importantes do mundo. Na fundação da CUT os gráficos tiveram importância, nós tivemos vários gráficos, inclusive um que virou senador, que é o senador Paulo Rocha, que agora deixou de ser candidato, mas ele foi eleito como gráfico da CUT em 1990.

Eu quero lembrar: 40 anos que nós estamos [comemorando] da CUT e 40 e tantos do PT. [E, nesse período], nós demos um salto tão grande da CUT e do movimento social! Daquilo que nós começamos, na campanha das Diretas. Começamos na campanha das Diretas, entramos no processo de defesa da Constituinte, depois entramos na ideia das emendas populares, aí teve as eleições de 1988 que deu um sinal verde para a gente... clareou o movimento. - Ninguém imaginava que a Luiza Erundina pudesse se eleger prefeita aqui e o Jacó prefeito de Campinas ... Jacó era da executiva da CUT, ele era secretário sindical da CUT. Então o que acontece? Com o resultado da Constituinte nós demos um salto muito grande. A CUT foi fundamental para garantir a sustentabilidade da primeira campanha de Luiz Inácio Lula da Silva em 89. - Por quê? - Naquele momento nós tínhamos 16 deputados, nenhum por estado, né? - Nós não tínhamos nenhum deputado do Norte; Nordeste tinha um ou dois, acho que era só o da Bahia, o Alcides, acho que era só o Alcides, do Nordeste inteiro, da Bahia - e o Alcides era do sertão da Bahia, não era da capital! -, e tinha era aqui do Sul, de Minas, do Rio Grande do Sul - tinha 17 deputados! Nós não tínhamos representação! Quem tinha representação naquela época era o movimento social, o movimento sindical, os trabalhadores rurais, os professores, onde tinha empresas metalúrgicas, mesmo se o pessoal não fosse da CUT, quando surge o nome do Lula [...]. Mas, naquele momento eu lembro direitinho! Eu sempre coordenei campanha do Lula, a de 1989 era engraçada: o Lula vai a Manaus e reúne uma multidão; aí sai uma pesquisa e o Lula tinha 2%, aí no outro mês ele vai a Santarém e tem uma multidão; vai no Nordeste e uma multidão; aí, reúne as pesquisas e dá 2%; um dia nós conversando no comitê o Lula diz assim: “Eu estou devendo...” - Naquela época a pesquisa só tinha o Ibope, o Datafolha era pequenininho, Ibope era que saía na Globo, se a televisão hoje tem força, naquela época tinha três vezes mais do que tem hoje! - Aí não saía a pesquisa do Lula, quando foi aproximando da eleição passou para 4, passou para 6, passou para 7 - e empacou ali. Aí quando abriram as

urnas nós ficamos em 2º lugar. - Mas eu lembro que foi o movimento social, eu fazia muita campanha, ia no sindicato, naquela época se tinha passagem de avião a gente ia, se tinha de ônibus a gente ia, se não tinha a gente pegava carona com alguém que ia, era uma disposição total - não era só eu não, era todo mundo que estava naquele movimento! Inclusive os assessores não tinham esse “bem-bom” de viajar de avião, ficar em hotel. A gente chegava na casa dos outros... até hoje eu ainda fico brincando sobre quantas vezes eu desalojei menino de cama mijada para dormir na cama - porque é o que tinha! - “Vamos dormir lá em casa, vamos lá. Quem tem uma casa para dormir um companheiro.” - Escalava lá: “Você vai para casa do fulano, casa do beltrano.” - A gente chegava lá, as vezes tinham boas camas, as vezes não era uma boa acomodação, mas é o que tinha! É o que a pessoa podia oferecer e oferecia de coração. “De coração” do ponto de vista político. - A gente ia na casa das pessoas que a gente não conhecia, mas parecia que a gente conhecia as pessoas há anos e anos. Eu vi isso em Campo Grande, eu vi isso em Cuiabá, em Manaus, Belém, Rondônia, Roraima.

Igreja, sindicatos e trabalhadores

Eu lembro, lá em Goiânia, quando nós fizemos a primeira greve, todos os comitês de greve eram no centro comunitário, que era no fundo de uma Igreja e ao lado de uma Igreja. - Era tudo assim! Eram os centros comunitários e, na primeira greve, era Goiás e Tocantins, a gente ia de uma cidade a outra e fazia lá com os professores, fazia greve e coisa e tal, quando faltava dinheiro o padre local chamava a gente para a missa, - a gente ia para a missa! -, e ele fazia aquela arrecadação, ele avisava: “Olha, quem quiser, a arrecadação de hoje é para ajudar o pessoal da greve para ir para outra cidade.” - Isso era muito importante. - O que acontece? - 80% das pessoas que militavam nos movimentos, ou da construção civil, ou oposição, rural, ou da situação mesmo, era tudo gente que tinha vínculo com a Teologia da Libertação, eram vinculados à Igreja, tinha muita força naquele momento. A Igreja tinha uma força incrível em todos os seus organismos, e a gente sabia conviver, a gente era desse meio, eu nunca fui uma pessoa vinculada à Igreja Católica e nenhuma outra Igreja, mas convivia perfeitamente. - Tinha eleição lá - e eu lembro direitinho! - tinha eleição lá em Goiânia, de associação de bairro, a eleição botava 2 mil pessoas no centro comunitário! E era disputa ferrenha! - Não era “direita contra esquerda”! - Era “esquerda e de esquerda”, mas a gente não sabia quem era quem! - “Esse aqui é da turma

do seu Manoel, esse aqui é da Dona Maria.” - A Dona Maria liderava um pouco e o seu Manoel... - Mas era tudo gente do povo, gente progressista. Esse “caldo de cultura” que permitiu criar a CUT, criar o PT, criar a Central dos Movimentos Populares (CMP), o MST (Movimento do Sem-Terra) foi criado de outra maneira, mas também muito importante.

Desafios à ação sindical e perspectivas

Quando eu falo que “a sociedade que criou a CUT não existe mais”, não é que “a sociedade não existe mais”! - Aquele conjunto para construir 100 mil carros – não! O ABC tinha 100 mil operários! Hoje, é outro tipo de sociedade! Naquela época não tinha telemarketing; naquela época não tinha aplicativo; naquela época não tinha entrega de alimento que nós temos hoje - então é outro modelo. É outro modelo de organização. Hoje nós temos... A minha preocupação é a seguinte: como os sindicatos, a CUT e as demais centrais sindicais - porque hoje quando nós falamos da CUT, nós temos que lembrar que tem outras centrais sindicais que são parceiras nossas em lutas importantes. Nesse processo de redemocratização, de enfrentamento do fascismo, que foi o governo anterior, nós tivemos uma unidade muito importante, cada um fazendo aquilo que podia fazer. Então nós temos um desafio muito grande: como reorganizar, como organizar esse novo trabalhador que está no mercado e acha que não está no mercado, que acha que é pequeno produtor, que é empreendedor. - Biscateiro virou empreendedor agora! O cara que tem um carrinho de banana virou empreendedor. - É um equívoco muito grande daquilo que a gente aprendeu lá atrás: da luta de classe, como é que se constituía, “patrão/empregado”; então tem gente que acha que é patrão de si mesmo, né? - Como é que nós vamos trabalhar isso hoje com essa mídia, com esse fenômeno da internet, como é que nós vamos fazer para que tenha uma sociedade? - Nós somos um país com mais de 200 milhões de pessoas, com uma população imensa no mercado de trabalho, homens e mulheres. O Lula, acho que deu um passo muito importante agora [2023], legal, que homens e mulheres têm que ter o mesmo salário, função igual, salário igual - isso já tinha lá atrás, mas parecia que não existia e agora vai ter um processo mais rigoroso mesmo. Então o que nós temos que fazer hoje? Adaptar, aprender o que nós fizemos lá atrás que deu certo e adaptar hoje; aquele que não deu tão certo, como é que a gente corrige, como a gente faz - e pensar!

Eu acho que nós estamos em um caminho bom, eu acho que a CUT tem reciclado ultimamente, pode melhorar muito agora nas decisões do congresso [referência ao congresso da CUT realizado em outubro de 2023] pode dar uma reestruturação - eu acredito nisso! E é o que nós temos! A CUT e as demais centrais sindicais têm desempenhado um papel importante; eu acho que no futuro nós não temos espaço para mais do que três centrais sindicais: uma de centro esquerda, uma de direita e, quiçá, uma de extrema direita, mas não vejo muito espaço para mais de 3 centrais sindicais no Brasil. Uma central de esquerda e uma de centro direita - vamos chamar assim. - Isso é o ideal. Mas também não há espaço para essa quantidade de sindicato que existe hoje, mas é difícil você chegar para um sindicato e falar: 'Você vai deixar de existir, você vai ser...' - Por exemplo, os bancários, eu brincava muito com o pessoal do Paraná, lá no Paraná tem muitos sindicatos dos bancários; como eu estava na CUT e o presidente da CUT [à época] era bancário, eu perguntava: "Seu sindicato tem quantos..." - "Tem 600 trabalhadores. Mas tem o clube, tem isso, tem aquilo outro..." - Eu falei: "O que vocês negociam lá? Vocês negociam salário?" - "Não, é negociado com o comando nacional." - "Vale refeição vocês negociam?" - "Não, vem pronto." - "Vale alimentação, vale transporte, vem tudo da nacional! Então qual é a função do sindicato?" - É o que nós estamos falando: o sindicato é para negociar, não é um clube social! O sindicato quando tem... o grande acordo nacional deveria ser uma representação sindical, mas aí vai convencer um sindicato de bancários com 600, que tem uma sede, que tem 10 funcionários, tem uma direção, tem 10 liberados? - Não vai convencer nunca! - A mesma coisa são as representações de outras categorias. Nós falamos do bancário, mas a mesma coisa o metalúrgico. Metalúrgico nós temos que ir fazendo sindicatos menores, mais organizados, com maior [participação] da base. Porque a força do sindicato está no que ele representa, e quando for necessário parar a produção, parar a força de trabalho, tem gente. - Eu sonho de a gente ter um grande Sindicato de Telemarketing. Só na cidade de São Paulo - eu não sei o número agora, mas teve um período que tinha 600 mil trabalhadores, ninguém sabe onde estão esses trabalhadores! - 600 mil trabalhadores de telefone, esses que ficam ligando, ligando 0800 ou, "não sei o que", ligando para a gente e cobrando - telemarketing! - Onde estão esses trabalhadores? - Eles estão em algum lugar. Os trabalhadores dos aplicativos, todos os aplicativos e todos os trabalhadores que estão na área informal.

JOÃO PAULO LIMA E SILVA

Entrevista realizada em 26/03/2023

DURAÇÃO: 80 minutos

Foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Pernambuco. Foi o primeiro presidente da CUT Pernambuco, vereador e prefeito de Recife. Ex-deputado federal pelo PT de Pernambuco. É deputado estadual pelo PT de Pernambuco desde 2019.



Trajatória de vida e militância sindical

Meu nome é João Paulo Lima e Silva, vou fazer 71 anos este ano. Venho de uma família muito humilde, meu pai não tinha profissão, então enfrentou problema de desemprego, era uma situação muito difícil, porque quando ele se desempregava, você sabe que uma família, a sobrevivência fica ameaçada, sem casa própria, ia para a casa de uma avó, de um tio, tinha que entregar a casa alugada. Às vezes, vendia o liquidificador pra poder fazer uma feira, etc. E havia um princípio no meu pai, que era a perspectiva de estudar muito, para não ter o mesmo destino que ele teve, então ele incentivava – ele e minha mãe – incentivam muito para que nós estudássemos.

Aí eu conheci a JOC no início dos anos 1960, comecei a militar na JOC, então é o que eu chamo da minha primeira revolução. Na época ainda não [trabalhava], estava procurando emprego. Aí eu comecei a ter a compreensão política, porque meu pai e outros pais viviam aquela situação. Então, a partir daí eu mudei meu comportamento, fui mudando meu comportamento, lá em casa eu não fazia nada, porque a mamãe dizia que as atividades de casa era dela, era de mulher, não era de homem, aí eu comecei a lavar prato, varrer casa, arrumar cama, e ela, muitas vezes assim, ignorando e só depois que ela veio compreender um pouco, aquelas minhas atitudes. E aí eu comecei a organizar os jovens na comunidade, fazer reuniões e discutir os problemas do jovem, que era o problema do desemprego, álcool, a gravidez involuntária, era a dificuldade na relação com o pai a partir do desemprego. E essa militância levou já naquela época no período da ditadura, um acompanhamento da Polícia Federal na minha comunidade lá do Ibura, né? Depois de muitos anos, eu conheci um

policial federal ..., que já faleceu, e ele disse que a Polícia Federal mandou equipamento para fazer monitoramento das nossas ações da juventude, no bairro do Ibura (Recife).

Como era uma comunidade que estava inaugurando um conjunto habitacional, a Igreja ainda era de madeira, o padre que era muito conservador, proibiu que nós fizéssemos as reuniões lá, que era reunião subversiva e tal, a gente arrombou a igreja pra fazer a reunião. E aí começou a organizar a luta nas comunidades... Então, eu estava ainda fazendo o curso técnico, eu queria fazer arquitetura, mas eu tinha o ginásio industrial de mecânica, artes gráficas, e como eu estudei na escola técnica, então lá nós tínhamos um curso que nós estudávamos, eu estudei música, decoração, fundição, marcenaria, serralharia, – estudava essas matérias – para depois escolher o que se identificava mais, era assim o curso técnico. E eu chegava de manhã lá e saía de tarde, com uma boa alimentação e a manhã toda era um questionário de cultura geral e à tarde, eram três tardes de oficina e duas tardes de educação física lá. Mas aí quando eu entrei na JOC, eu me apaixonei muito pelo mundo operário. Eu tinha feito um teste para trabalhar de técnico na Telpe, passei, mas o mundo operário... e como eu tinha passado no ginásio industrial de mecânica, então eu fiz um teste na empresa e comecei a trabalhar como metalúrgico. E aí comecei a dar uma dedicação maior do tempo, ao movimento sindical, então com 30 dias, eu organizei a primeira greve lá. Era setenta e pouco já, 1972 ou 1973.

Quando eu entrei na fábrica, comecei logo a olhar o comportamento dos trabalhadores. Eles se agrediam muito, chamavam os apelidos lá “ferrugem, papa veia, vitória” etc... E aí eu...quando eles iam bater o cartão do ponto, eu olhava o nome deles e comecei a chamar pelo nome. Aí comecei a fazer as primeiras reuniões na hora do almoço, fizemos uma caixinha de ajuda mútua pra ajudar na compra de um gás, de um remédio e o trabalhador que pedia um empréstimo, depois ele pagava de forma parcelada, era uma caixinha que a gente tinha, que na época era 10 cruzeiros que a gente dava por semana para a caixinha, foi eleito um tesoureiro e tal. E aí começamos o trabalho, o movimento de oposição sindical e com articulação na oposição sindical metalúrgica [de São Paulo], aí já tínhamos uma articulação, já tínhamos apoiado a greve enquanto oposição metalúrgica em algumas eleições sindicais, ganhamos alguns sindicatos, ganhamos sindicatos dos metalúrgicos... Ah, antes disso, quando estava na fábrica ainda, recebi o convite para estudar naquele estágio que era na França, Itália, Espanha, e Portugal, eu viajei e tive esses contatos. Havia um padre lá... o padre mais

de esquerda, que achava que pelo fato de eu ir para a Europa eu [deveria] estudar aqui na Aliança Francesa, me preparando pra ir, financiou o curso da Aliança Francesa e aqui na época, eu era da JOC, mas também, eu já estava em uma organização clandestina revolucionária, eu era militante do PCR (Partido Comunista Revolucionário).

E foi um choque cultural muito grande a ida para a Europa. Nós não tínhamos as informações que nós temos hoje e lá, além de todas as aulas teóricas que nós tínhamos de economia, de geopolítica, de história, etc., nós tivemos contato também, com as centrais sindicais, com a CFDT. Não tivemos na França com a CGT que é central comunista, porque eles só aceitavam se fosse uma representação oficial. Depois de lá, desses estudos teóricos, a gente tinha a semana toda de estudos e ficava livre no final de semana, tivemos contato com centrais sindicais, com esse estudo mais teórico, depois fomos para a Itália, passamos mais um mês lá na Itália. Foram quatro brasileiros, e o resto do Chile, da Colômbia, da Venezuela. Foi um momento muito rico para ter uma compreensão da história. Estudamos os continentes, a geopolítica, economia, e também um pouco das experiências do movimento sindical. Na França, por exemplo, com a CFDT, nós fomos em fábricas que os trabalhadores tinham se apropriado da fábrica e depois os problemas que tiveram de gestão, porque na época, estava muito em pauta a sociedade autogestionária. Havia um questionamento...

Depois do processo de construção do PT, nós fundamos aqui a CUT, fui o primeiro presidente da CUT, primeiro e segundo mandato, construímos o PT, é... bom, então essa foi a caminhada. Na época, eu não acompanhava a CUT de perto – eu estava muito mais na questão partidária e no mandato – mas na época em que a CUT foi fundada em cima de 3 colunas de sustentação, que eu falo até hoje nas minhas reuniões, lembrando aos companheiros cutistas. Um sindicato organizado pela base, a importância da organização no local de trabalho; depois o sindicato de massa, que pudesse juntar campo e cidade. E um sindicato de classe que defende o fim do capitalismo, esse foi o Norte para a minha vida política. Então, aí eu fui presidente do sindicato metalúrgico, presidente da CUT, aí veio o desafio de disputar o mandato pelo partido. Então já em 1986, eu fui candidato a deputado estadual, fui o mais votado do PT na época com 9 mil e poucos votos, mas o PT não atingiu o coeficiente. Então em 88 eu me candidatei a vereador, e assumi o mandato do primeiro vereador do PT do Recife e, dois anos depois, me elegi como deputado estadual. Tive 4 anos de mandato, na luta, etc., depois tive mais 2 mandatos de deputado estadual, sendo os

dois mandatos mais votados do estado, os dois mandatos. E em 2000 eu me elegi prefeito de Recife. Só que quando eu estava no terceiro mandato de deputado estadual, eu não queria mais continuar o mandato de deputado estadual, porque eu achava que eu tinha que voltar para a base, voltar para trabalhar na fábrica, etc., só que eu não conseguia mais trabalhar em lugar nenhum, porque eu era conhecido demais, com prisão, Polícia Federal, etc. Aqui no confronto com a polícia, quando eu era deputado, além de prisões na Polícia Federal e no DOPS no período da ditadura – não pela organização comunista, mas pelo movimento sindical – porque nós tínhamos uma estratégia de segurança muito grande no PCR.

Então, como eu não tinha mais espaço na fábrica, eu disse: “eu vou voltar a estudar”, aí fiz o vestibular. Quando eu estava no primeiro ano de ciências econômicas, aí eu me elegi prefeito e fiquei conciliando o mandato de prefeito e o curso de economia, então eu saía da prefeitura, tirava o paletó, gravata, dobrava a camisa e ia para a sala de aula.

Então, eu acredito que havia já uma percepção no mínimo para nós que fazíamos o movimento sindical, da necessidade, da importância da participação na política e na construção de um partido político e na disputa [pela] democracia e uma Constituinte, era importante com todas as críticas que nós fazíamos à Constituição, que, na verdade, nós tivemos divergências em relação à Constituição aprovada. Apesar de muitos considerarem um avanço, o próprio processo de luta do movimento sindical contra a ditadura... eu me lembro quantas vezes a gente foi fazer campanha nas fábricas, na época do Figueiredo, com carro de som, então eu acho que havia uma participação mais efetiva. Então, nas reuniões... porque esses temas, nós fazíamos reuniões no sindicato – na sede do sindicato – e nós fazíamos [reuniões] nas subseções, nós tínhamos três subseções do sindicato, que quando eu estive na [direção] do sindicato, eu insisti muito que nós tivéssemos a subseção em áreas estratégicas. Então nós tínhamos na cidade do Cabo, que é um polo industrial importante, no Curado que é um polo industrial importante e na cidade de Paulista, que é onde o Lula fez agora a sua última visita [em 2023], que era um distrito industrial importante e lá nós levávamos trabalhadores da base, normalmente [preparávamos] os trabalhadores que saíam de uma luta, nós fazíamos um mapeamento dos melhores quadros, dos melhores que se destacavam, para aprofundar a capacitação, a formação desses quadros. E é com muito orgulho que hoje eu ainda tenho um companheiro que trabalhou comigo na primeira fábrica metalúrgica que eu trabalhei, que continua militante até hoje. Então,

eu acho que havia uma preocupação também, é lógico, com a atuação e participação dos trabalhadores na política. E nós sempre levávamos os temas e levando em consideração também o que são essas lideranças que o Miguel Arraes¹⁰⁹, que tinha sido governador, tinha sido preso, etc., tinha uma influência e uma determinada parcela da sociedade dos trabalhadores, não é? Principalmente com os trabalhadores da palha da cana, onde o movimento sindical campesino, os trabalhadores rurais aqui em Pernambuco, cumpriram um papel importante na [derrocada] da ditadura com as greves que fizeram aqui em Pernambuco. As greves que fizeram aqui na campanha salarial dos trabalhadores na cana de açúcar. E nós tínhamos essa visão e, por exemplo, enfrentamos muitas vezes, piquete nas plantações, nas usinas com capangas armados de 12, companheiros que levaram tiro aqui na luta, alguns foram assassinados. Então, era um momento de muito entusiasmo, muita esperança, uma utopia de transformar o mundo.

A agenda sindical no período

Veja bem, eu acho que essa questão começa a aparecer depois, porque no processo de construção da CUT, isso não era uma coisa que... o que a gente tinha era o ideal, o sonho, a consciência de classe para mudar, tanto prova, que nós aqui fizemos campanha financeira para apoiar os trabalhadores do ABC na greve, é lógico que era uma quantia pequena, mas do ponto de vista da simbologia, de ir para a porta da fábrica, pedir dinheiro à peãozada pra mandar pra São Paulo, tinha um gesto muito grande. Eu sai muitas vezes daqui, para fazer piquete em São Bernardo do Campo e Santo André, lá com o Vicentinho, na Brosol. Fui muitas vezes de madrugada lá fazer piquete com o pessoal em São Paulo. Então, muitas vezes até depois, a gente foi pedir apoio financeiro ao sindicato, quando estava em uma dificuldade muito grande, pedia dinheiro emprestado. Eu acho que [naquele] momento, havia aquela visão que é essencial à visão de classe. E aí essas questões regionais, elas perdem força, não têm peso, entendendo a importância política econômica de São Paulo, o peso da indústria em São Paulo, mas eu acho que eu não sentia isso com muita força não, isso veio, eu acho, que ao meu ver, a se acentuar depois. A gente defendia a participação,

109. Miguel Arraes. Advogado e economista, Arraes foi governador de Pernambuco por três vezes (1963-1964, 1987-1990 e de 1991 a 1995). Em seu primeiro mandato, foi deposto e preso em virtude do golpe militar. Em 1965, Arraes partiu para o exílio na Argélia e retornou ao Brasil em 1979. Chegando ao Brasil, filiou-se ao MDB e depois integrou-se ao Partido Socialista Brasileiro em 1990.

tinha disputa interna para compor, mas não era no nível que a gente vê hoje não, o nível de hoje é de muita disputa, de muita briga.

Na verdade, era um esforço no sentido de juntar as oposições sindicais, com os sindicalistas que já tinham assumido a direção do sindicato, que trabalhavam a perspectiva da unidade de classe, porque [o que] dava essa unidade era a luta e sua organização e não a estrutura sindical.

Sindicalismo e luta por direitos

Mas veja bem, o que eu acho é o seguinte: foi muito importante a participação das lideranças do movimento sindical na política, e acho que é importante ainda, é muito importante, [o sindicalismo] é uma verdadeira escola de formação, querendo ou não querendo. Eu mesmo vindo do movimento de igrejas, aprendi muito no movimento sindical. Desde organizar, criar comissões clandestinas de fábrica, comissão de fábrica, eleição sindical, CIPA e é importante você eleger representante dos trabalhadores para o Parlamento, é fundamental ter a voz do trabalhador lá. Agora eu acho que a gente tem que também, separar um pouco, você pode ter quadros do movimento sindical, que vão assumir quadro de liderança operária... pronto, foi o sindicalismo em tese e depois eu fui vereador, fui deputado estadual por 3 mandatos, os dois mais votados do estado, fui prefeito e havia todo preconceito por conta de não ter uma graduação como eu falei anteriormente, como eu falei anteriormente, eu era o filho do cobrador de ônibus, operário. Mas 15 anos depois que eu saí da Prefeitura, eu ainda sou considerado o melhor Prefeito da história da cidade. A meu ver, o movimento sindical [deveria] também manter o seu papel específico, não perder o que é essa caracterização, entendeu? Até porque, as relações de trabalho têm mudado muito. Uma coisa é quando eu estava na fábrica. Estava usinando engrenagem, cremalheira, engrenagem helicoidal, essas coisas. E hoje a relação do trabalhador com o seu trabalho é totalmente diferente, havia uma dependência maior da empresa em relação ao nosso trabalho, vinha uma engrenagem e muitas vezes eu fazia os cálculos de dente, de profundidade, velocidade de corte, tipo de ferramenta para cortar, tudo, hoje em dia, não mais, hoje em dia é tudo já vem calculado, etc., por inteligência artificial, etc., etc., a máquina já planeja tudo, etc... Então, mas eu acho que essa perspectiva de organizar hoje as mais diversas categorias, às vezes, você sente que tem os sindicatos – alguns sindicatos – muito corporativos.

Desafios à ação sindical e perspectivas

Primeiro eu acho que tem algumas características que eu sinto frágeis hoje. Primeiro, eu acho que se perdeu, nós tínhamos uma utopia muito grande no sentido de mudar a sociedade, mudar o mundo. Eu acho que é uma primeira característica. A outra característica que eu sinto na época, é que tinha clareza ideológica muito maior no sentido da perspectiva da luta de classe, que eu não vejo hoje, do antagonismo de classe, da forma de mudar. Terceiro: eu acho que houve nesse processo de mudança, uma diferença em relação à estrutura sindical que parece que, no mínimo, o que nós sonhávamos e pensávamos na CUT, a estrutura social, a estrutura sindical, na verdade, ela manteve muitos vícios da estrutura sindical que nós questionávamos muito. Então, hoje, os sindicatos são muito dependentes ainda da contribuição sindical, da contribuição do sócio e as super estruturas sindicais, amarraram muito, muitos dirigentes se mantêm nos cargos e não estimulam justamente a renovação de novos quadros e a formação de novos quadros. Então eu acho que perdeu essa nitidez, esse aspecto da utopia de mudar a sociedade, eu acho que perdeu aquela perspectiva de classe – eu estou falando isso, de quem está mais de longe, eu não estou acompanhando – e um nível de disputa interna pelo aparelho, que ao meu ver é muito preocupante. Então hoje, os tipos de acordo aqui para se manter na estrutura sindical, na estrutura da CUT, na estrutura dos sindicatos, é uma coisa que eu acho que se abandonou muito a essência. [Naquela época], a gente dizia que se trocava o essencial pelo acessório, então, muitas vezes, as disputas internas por espaço de direção, composição, ela deixa de lado o aspecto da luta de classe.

Olhe, o que eu tenho acompanhado aqui, sinceramente eu fico muito receoso com esse processo e muito preocupado também, isso vai desde as eleições do sindicato, vai com essa quantidade de centrais sindicais, que é um absurdo – eu acho – a quantidade de centrais sindicais que nós temos. E acho que esse nível de... e mais, eu acho que diferente de antes, você tem muitas categorias que eu acho que a CUT não tem tido a ascensão que a categoria de trabalhadores... vamos supor, o pessoal que trabalha em Uber, né? O pessoal que trabalha em Uber moto, por exemplo, então não há uma atenção, eu acho que eu sinto falta de se discutir o processo de revolução tecnológica acelerada que nós estamos vivendo, o impacto dela no mundo do trabalho. Olha, aqui para vocês terem uma ideia, a quantidade de postos de trabalho que tem desaparecido aqui de Pernambuco e do Nordeste, com o uso da inteligência artificial, é impressionante. Por exemplo, a

introdução de empresas multinacionais comprando aqui todos os serviços de hemodiálise, gerando uma dependência para nós, todos os exames de imagens e tal, agora os hospitais comprados, eles mandam as imagens para São Paulo, para que os técnicos analisem lá e mandem o diagnóstico para cá, para ser aplicado aqui. Até no legislativo, por exemplo, o Senado tem um software que elabora projetos de lei, entende? E eu acho que o movimento sindical está muito voltado para essas disputas internas de eleição de CUT, de quem vai ser o presidente, de que vai ter o controle da máquina. Essa relação da central, com as eleições dos deputados, que é importante para o Parlamento, mas eu acho que é pela perspectiva mesmo de atender, vamos supor, qual o papel que nós estamos tendo [junto aos] trabalhadores comerciários, por exemplo, aqui? Que não tem nenhuma organização, não tem um pleito, não conhece valor, então está me dando dó, e por isso que eu estou me voltando para esse trabalho, porque está me dando dó, é o abandono desses trabalhadores. Então, naquela época eu acho, que essa coisa era... a gente via como companheiro solidário, a importância da CUT para ajudar na luta de classe para transformar essa realidade. Então eu não vejo muito mais isso, eu sinto que nós precisamos voltar àquela preocupação que nós começamos a ter nos anos 1980.

Então, eu acho que essa transformação... eu acho que essas disputas internas, têm levado para uma diminuição do movimento e enfraquecimento do movimento, e a minha preocupação agora, é como nós vamos responder esse desafio tão grande que está nas nossas costas, são os impactos dessa tecnologia no mundo... Então, a perspectiva é de milhões e milhões de trabalhadores desempregados no mundo, não é? E nós não vemos as centrais sindicais, na verdade, com objetivo... eu estou falando da minha informação limitada, também do momento hoje, mas uma perspectiva de trabalhar isso de forma nacional e internacional, para enfrentar esse momento.

PERY FALCON

Entrevista realizada em 26/06/2023

DURAÇÃO: 129 minutos

Foi militante estudantil e assumiu a vice-presidência da UNE em 1969. Foi dirigente do Sindicato dos Engenheiros da Bahia e presidente da CUT-BA.



Eu sou Pery Falcon, sou neto de europeus - portugueses e galegos. Meus familiares eram como imigrantes galegos, eles sempre estavam no comércio; meu pai chegou a ser, relativamente rico e, com a crise, em determinado momento, ele perdeu tudo. Então nós passamos a ser proletários. Eu ia para faculdade a pé – dia almoçava, dia não almoçava; tinha subsídio da universidade; mas nós éramos 10 irmãos, todos universitários, não sei como meu pai conseguiu, mas todo mundo estudou. A gente teve uma infância ligada a pessoas que militavam, que eram dirigentes do Partido Comunista Brasileiro. Então, desde cedo nós tínhamos... apesar de meus pais não serem comunistas, serem espiritas, mas nós todos convivemos com ambiente comunista. Apesar de termos uma visão crítica do PCB, nenhum de nós chegou a militar no PCB, mas todos nós bebemos da vida política do PCB. Essas pessoas nos emprestavam livros, a gente lia e trocava, não só o marxismo, mas literatura em geral. Eu iniciei minha militância política aos 13 anos de idade, já me assumindo como comunista, né? Quer dizer, já tinha lido alguns livros marxistas e me identificava com o comunismo e passei a militar no movimento secundarista.

Nós queríamos estudar e queríamos ir para a universidade e nossa turma iniciou uma greve na escola, a escola nunca tinha tido movimento político, fizemos uma greve, paralisamos a escola toda, reivindicando melhorias e fomos expulsos! - A turma toda foi expulsa da escola! E com luta na sociedade nós conseguimos reverter, nós fomos reintegrados e a diretoria foi exonerada. - Essa foi a primeira experiência de luta concreta que nós [tivemos].

Então, passei na Escola Politécnica em Engenharia Química e, já como comunista, não tinha filiação partidária nenhuma e tinha a visão muito ampla, né? Eu não conseguia absorver aquele sectarismo de disputas que existiam em diversos partidos, então, apesar de pobre, sem dinheiro, o pouco que eu tinha, toda semana eu passava na banca e comprava os diversos jornais, comprava Classe Operária, Política Operária, o Voz Operária e levava para o diretório e colocava na mesa do diretório, o pessoal lia e fazia a discussão, conversava...E nesse período, que foi o primeiro ano que eu entrei na universidade – que é antes do golpe, em 1963, nós tínhamos o período do almoço, todos os militantes de esquerda, se reuniam em assembleia para fazer debate político da conjuntura. E aí ia formando as pessoas, discutindo e coisa parecida. Mas em uma política muito ampla. Quer dizer, aí teve o golpe militar, com o golpe militar, eu me filiei a Política Operária (POLOP). Passei a ser militante da Política Operária. Reorganizamos o diretório acadêmico - que estava fechado; eu fui eleito para o diretório, para a diretoria; em seguida, fui eleito para vice-presidente da União Nacional dos Estudantes.

Eu fui me formando, desenvolvendo e no ano seguinte, eu fui eleito vice-presidente da UNE..., quer dizer, não cheguei a participar do [Congresso da UNE em Ibiúna em 1968] porque, no meio do mandato, eu fui eleito para dirigente da POLOP, aí por determinação da organização, eu tinha que me afastar das frentes de massa, para ir para a clandestinidade... Em julho de 1969 fui preso.

Após mais de três anos de prisão na época da ditadura, eu pulava de um emprego para outro, até que consegui emprego lá no Polo Petroquímico. E, nesse período, a gente trabalhava, podia me expor mais, mas trabalhava o processo, o fortalecimento da ASPETRO (Associação dos Petroquímicos).

[Posteriormente, fui trabalhar] na Carafba Metais, que era uma metalúrgica estatal e aí, um companheiro que tinha sido meu gerente em uma dessas empresas que eu passava 3 meses, ele era gerente em uma planta, aí ele me chamou e falou: “olha Pery, eu vou contratar você; e aí me contratou. Fiquei na empresa, e por incrível que pareça - para você vê que as coisas têm facetas diferentes, o diretor da empresa que era um carlista – que era um carlista [apoiador de Antônio Carlos Magalhães] – recebeu um comunicado para me demitir, a mim e mais umas 300 pessoas. Todo mundo tinha relação com a esquerda; aí o cara disse: “isso aqui não, por questão ideológica eu não demito nenhum funcionário.” - Aí segurou a barra, tinha uma

pressão pesada que recebeu e segurou a barra. Aí nessa empresa – olha que interessante! - eu era chefe do setor de produção.

A agenda sindical no período

Mas o que interessa é que nessa comissão de negociação que a empresa autorizou e, como chefe, fui para a assembleia [dos trabalhadores]. Achava meio estranho ir para a assembleia, não? Eu como chefe de produção, um trabalhador, mas o pessoal me conhecia porque eu fazia o trabalho por “debaixo”, não? E nessa assembleia eu fui eleito para a Comissão de Negociação dos trabalhadores - e aí criou um outro problema: como eu, chefe de produção, em cargo de confiança, fui eleito para comissão, pelos trabalhadores, para a comissão de negociação, como faz?

Aí foi complicado, porque criou um “rebu” na empresa, né? Primeiro, quebrou a questão de hierarquia da empresa; quer dizer, desmoralizou o “cargo de confiança” e a consequência disso, foi que, quase todos os engenheiros se filiaram ao Sindicato dos metalúrgicos posteriormente. - É isso! - Então eu entreguei o cargo à empresa e fizemos o processo de negociação, ganhamos a Comissão de Fábrica - que era uma das reivindicações nossas. Ganhamos a Comissão de Fábrica e na eleição da Comissão de Fábrica, eu tive 98% dos votos!

A primeira greve nossa, nós não fizemos a assembleia em nenhum sindicato porque não dava, nós fizemos na rua! - 2.500 trabalhadores na assembleia! O Vicentinho estava presente! A greve de 1983 nós ganhamos o sindicato, né? Aí a comissão, na primeira greve que teve, foi pesada! A gente parou a fábrica, impôs as condições e foi crescendo e também ganhou através da comissão da Caraíba Metais, nós começamos a influir no sindicato. Porque o sindicato que não tinha nenhum associado na empresa, passou a ter quase todo mundo associado ao sindicato.

Em agosto de 1983 –, então, nessa primeira gestão da CUT eu estava, ainda, na Caraíba Metais, não estava envolvido no trabalho aberto sindical, mas já ajudava a CUT. Porque tinha o companheiro Benjamin Ferreira, que era o secretário da política sindical [da CUT estadual] – que era metalúrgico do Sindicato dos Metalúrgicos – e ele andava muito em outras atividades além do sindical e ficava um vazio muito grande; então como a gente tinha uma força muito grande lá dentro e eu conhecia o Benjamin [desde] antes do golpe militar, então ele pediu para eu ajudar. Na verdade, eu comecei a

trabalhar na secretaria de política sindical, sem cargo, sem coisa nenhuma - conhecendo, vendo, fazendo reunião com o pessoal, tocando o barco - e aí nós fomos! Depois da Comissão de Fábrica, eu fui para a diretoria do sindicato, eu fui ser vice-presidente do sindicato; depois fui reeleito presidente; depois, diretor - quando eu fui pra CUT; fui secretário político sindical e depois presidente da CUT [Bahia].

Nesse período que eu cheguei na CUT, a CUT tinha dois sindicatos que realmente se diziam filiados à CUT: que era o Sindicato dos Eletricitários e o Sindiquímica - só dois! Quer dizer, quando começou a minha gestão que foi 2 anos - naquela época era 2 anos - quando terminou a gestão a CUT tinha 200 sindicatos filiados! Quer dizer, não foi eu quem construiu a CUT! Foi a prática desenvolvida! Ou seja: você ir aos trabalhadores e discutir com os trabalhadores do sindicato e cobrar responsabilidades. E esse processo construtivo foi tão importante, que nos congressos estaduais - porque a CUT era só uma bandeira, né? Não tinha direção nenhuma, não mandava em coisa nenhuma! Cada um fazia o que queria, as vezes saía 3 chapas da CUT...

A CUT era só mais uma bandeira, não mandava nada, então com esse trabalho, visitas aos sindicatos, com o trabalho de discussão, nós conseguimos “impor” a CUT como direção do movimento sindical. - Então no congresso seguinte, nós aprovamos resoluções de que nenhuma eleição sindical dos sindicatos filiados à CUT, poderia ser feita sem a coordenação da CUT; ou seja, todas as eleições tinham que ter a coordenação da CUT. - Se a eleição tivesse chapas que não fossem da CUT, nós tínhamos que fazer uma convenção das correntes da CUT, fazer uma chapa da CUT, para fazer a disputa com quem não era da CUT; e se o sindicato fosse filiado à CUT e tivesse mais de uma chapa, nenhuma das duas chapas poderia usar o nome da CUT se não fizesse uma convenção com a chapa única. E a gente foi [trabalhando] e, dessa forma, a gente foi conseguindo ganhar os outros sindicatos dos pelegos.

Todos os sindicatos da CUT sempre tiveram engenheiros na diretoria. - Todos! - Todos! - E, tinha mais! - Não havia negociação coletiva da categoria sem a presença dos sindicatos dos engenheiros. Assinavam a convenção. - Porque era a maneira da gente fazer a ligação e [esse processo desempenhou] um peso enorme na categoria aqui. Porque boa parte desses engenheiros, saíram da esquerda e [da] resistência à ditadura [e] nós não víamos o Sindicato dos Engenheiros como o “fim”.

Por exemplo, a Comissão de Fábrica da Caraíba Metais, nós tínhamos 3 pessoas do nosso campo. A comissão tinha 10 pessoas e nós tínhamos três pessoas do nosso campo, tínhamos duas do MDB; tínhamos duas do PCdoB e tinha uma do MR-8. E nós conseguimos hegemonizar a comissão e fazer o trabalho da gente sem nenhum sectarismo, simplesmente tratando as questões ao nível de massa. Qualquer divergência que nós tínhamos, nós não resolvíamos na votação na Comissão de Fábrica, nós chamávamos a assembleia e ia discutir com os trabalhadores.

Então, um período longo que esse processo ocorre e vai demandar muito tempo. Por exemplo, quando nós entramos pra CUT, entramos para o PT para ajudar a construir, não é que nós acreditássemos na concepção, na prática que estavam expostas, mas achávamos que era um espaço de disputa, espaço de construção, certo? Mas sabíamos das dificuldades que teríamos - como realmente aconteceu posteriormente. Por quê? - Muita gente costuma dizer: “ah, porque fulana é isso, fulana é aquilo, foi a direção, foi a Articulação... - Essas não são as causas dos processos! Não é nas pessoas, nas correntes políticas que nós devemos buscar as causas do processo, nós temos que buscar as causas do processo, na própria base econômica. - Já naquele tempo, no final da década de 1980, nós não nos demos conta das mudanças que estavam acontecendo no capitalismo brasileiro - e mundial! - Nós ficamos patinando, batendo cabeça, procurando “fórmulas mágicas”, ao invés de ir buscar no âmbito da fábrica. Quer dizer, eu sempre fiz essa crítica dentro da CUT e, às vezes, publicamente: “A CUT é uma gigante com pés de barro. A CUT não tem organização de chão de fábrica e não conhece a realidade das relações de trabalho de chão de fábrica, essa é a fraqueza da CUT, do movimento sindical e que a gente vai pagar um preço caro.” - E pagou! - Certo? - Porque ela passou a ser controlada por fora e quem está fora do sindicato - eu digo isso por experiência própria! - quem está fora do sindicato, não conhece o que acontece dentro da fábrica. Então essa percepção que eu estava chamando atenção, procurando enfatizar, não é porque entrou em crise. A gente enfoca, por exemplo, o ABC, as lutas de 1978, 1979, dentro do aspecto macro e não nos aprofundamos em analisar, os microfenômenos que aconteceram nesse processo. A gente vai entender que, o chamado “novo sindicalismo”, na verdade, ele não chegou a se constituir. Nós tivemos uma tentativa de emergência de um novo sindicalismo, mas ele foi abafado. Então, se a gente quer entender a situação da classe operária, tem que pegar lá no microcosmo, na realidade do dia a dia. Isso aí que é fundamental.

O nosso sindicato, na nossa época: éramos avisados pelos trabalhadores que eles tinham parado em greve. Eles ligavam: “olha, nós estamos em greve, vem aqui pra ver o que faz!” - Ou seja, é uma prática inversa, a iniciativa da ação, não está nas mãos da diretoria do sindicato, está nas mãos das organizações dos trabalhadores de base, só que para acontecer isso, você precisa ter o quê? - Organização no local de trabalho, não? Todas as fábricas metalúrgicas naquela época, tinham grupos de trabalho, quem não tinha comissão de fábrica, tinha algum grupo de trabalho, quer dizer, era responsável por fazer o trabalho dentro da fábrica, então nós tínhamos uma militância muito grande e além disso, nós tínhamos um trabalho também, comunitário. Greves grandes, o pessoal do bairro de onde o [trabalhador] morava ajudava, participava do processo de greve. E isso tudo nós temos documentado!

Comissão de Fábrica representa todos os trabalhadores da fábrica, não representa o sindicalizado. - Representa todos os trabalhadores da fábrica e aí é onde se dá a unidade da classe! Se você não mantém isso, você tem a classe dividida! Mantém a diferença de quem é sindicalizado e quem não é sindicalizado. O entendimento do papel do sindicato é muito importante de se discutir. - Qual o papel do sindicato? - Quer dizer, isso tem que se aprofundar! - É monopólio de representação? - Por que se defende a unicidade sindical? - Por que a CUT até hoje nunca levou a sério a liberdade e autonomia sindical? - Porque não interessa! - Isso nós discutimos várias vezes!

Desafios à ação sindical e perspectivas

Eu vou dizer a vocês: eu fui assessor do Ministério do Trabalho no período em que Jacques Wagner era ministro e Bargas era secretário de relações sindicais, em que ele estava pretendendo fazer um Fórum - vocês lembram do Fórum Nacional do Trabalho para discutir a tripartite? Nós éramos responsáveis pelo Nordeste, nós participamos de todos os Fóruns tripartites do Nordeste, por incrível que pareça...

Nesses Fóruns, por incrível que pareça, nenhum representante da CUT defendeu as posições da CUT, nenhum! As posições da CUT ou eram defendidas pelo patronato ou pela força sindical. - Algumas posições. - Aí eu falei com o Bargas: “Bargas, se for fazer esse Fórum, a gente tá lenhado! Porque nós mesmos somos contra as nossas posições!” - Como que pode? Percebeu? - Não era bom! - Por quê? - Porque essa massa de dirigentes sindicais, eles não estão mais preocupados em representar o

trabalhador, não estão mais preocupados com mudança na sociedade, eles estão preocupados com a sua preservação de vida. Porque tem gente, 40 anos no sindicato. Nós falávamos dos pelegos e hoje o pessoal nosso, está pior! - 40 anos no sindicato, não é brincadeira! - Quer dizer, o ABC tem uma coisa excelente que foi feita: ninguém passa mais do que 3 mandatos no sindicato.

Então, [na década de 1990] eu fui estudar! Estudei, com 1 ano nós sabíamos mais de qualidade, do que a direção da empresa e de que a própria assessoria de qualidade. Fazíamos debate, mostrava ao pessoal, aos próprios autores da qualidade, fundamentando que era errado a prática deles... uma prática grande e tem até uma tese feita pela Faculdade de Filosofia, sobre essa experiência muito interessante, mas eu já desconfiava. Eu estive no Japão e visitei lá a fábrica mais moderna - naquela época de 94, por aí - a fábrica mais moderna da Nissan, aí fomos lá visitar. Aí entrei e perguntei ao chefe da fábrica: “cadê os operários? Onde estão os operários?” - Ele deu risada e disse: “não temos operários!” - Digo: “como não tem operário? Você vai fabricar para não ganhar nada?” - Pegou essa mais valia? - Ele mostrou “está vendo ali no primeiro andar?” aí tinha umas 8 a 10 pessoas lá em cima - toda automatizada! Colocação de vidro, pneu, toda automatizada! - Aí depois ele me mostrou um CCQ, um (Círculo de Controle da Qualidade) como funcionava. Aí o cara estava com um “puta” problema de produção para resolver, não? E os caras tinham se saído muito bem com a resolução do problema, e aí eu: “por curiosidade “qual o nível de escolaridade do pessoal aí?” - Ele: “aqui, diploma não vale nada! Aqui os trabalhadores são formados na empresa, no círculo de controle da qualidade, se ele enfrenta um problema e não tem capacidade para resolver aquele problema, a empresa contrata um especialista que vem, treinam e eles aprendem.”

Aí o que acontece? Os caras se formam assim e eu tinha percebido e discuti aqui com o pessoal e inclusive com o pessoal da CUT, a gente fez um seminário na CNM (Confederação Nacional dos Metalúrgicos) sobre isso. Ele disse: “olha moço, o processo de qualidade, é claro que aplicado por empresa capitalista, ele tem a intenção de tirar mais-valia - o mais que puder!”

Mas a essência do sistema de gerenciamento, não é a intensificação do trabalho. A essência do programa de administração, é a robotização! - Porque, no processo de procedimento de descrição do processo de trabalho, a empresa absorvia o conhecimento do trabalhador, ou seja, o trabalho

mental do trabalhador. Absorvia e transformava isso em algoritmo para a máquina. Então dentro de algum tempo, todo o conhecimento que nós temos, que nós fomos necessários para poder produzir, vai ser transferido para a máquina, não? Esse é o objetivo da qualidade.

Eu disse para o pessoal: “companheiros, a empresa quando implantou o fordismo, qual era o papel do sindicato? O sindicato no início tentou quebrar as máquinas, aí terminou e, o que nós fazemos hoje no sindicato, se não negociar dentro do fordismo? - O capitalismo tem um novo método de administração, de produção e cabe ao sindicato, conhecer esse método e negociar os direitos dos trabalhadores, dentro desse método, se nós não fizermos isso, o que vai acontecer? A empresa vai se beneficiar de tudo que o método permite, o trabalhador vai ficar a ver navios...”

O que acontece é que o capitalismo como um todo, ele está em um profundo processo de transformação. Profundo processo de transformação e a gente vai ver muito mais nos próximos 5, 10 anos com a inteligência artificial...

Mas eu gosto de falar de uma maneira bastante franca, não tenho porquê esconder, eu acho que é responsabilidade nossa, ser sincero com os companheiros: a CUT e o PT perderam a credibilidade. Não tem mais credibilidade. Eu digo isso de quem entra na porta de fábrica, eu tenho 14 anos que eu me afastei da CUT, do PT, mas ando na porta de fábrica, não só aqui, como em outros lugares e me relaciono com diversas correntes políticas, conheço mais ou menos o Brasil, ou seja, a credibilidade da CUT, do PT, acabou, entendeu? Isso é ter partido e não no sentido de quem vai criticar, não, é no sentido de ver os fatos como são, esse é o fato. Óbvio que vamos ter ótimos companheiros, eu conheço milhares de companheiros da CUT, milhares de companheiros dentro do PT, nas outras organizações, me [relacionei] com todos os partidos políticos, não tenho problema nenhum. Mas fatos são fatos e se a gente quer a verdade, tem que buscar nos fatos.

A gente tem que primeiro ter humildade para reconhecer, que a gente pouco sabe da realidade atual, tem que partir daí, você tem que voltar a estudar. E estudar, não é pegar livro, fazer curso, é estudar a realidade [...]. O grande problema hoje é que a maioria das lideranças políticas, ninguém quer suar, gente, ninguém quer dar no couro, o pessoal quer privilégios, quer facilidades.

O Brasil é algo muito mais complexo do que a gente imagina e a gente costuma transformar a palavra “Brasil”, como uma palavra mágica que uniformiza toda território e não é assim. Eu conheço o Brasil, do Amazonas

ao Rio Grande do Sul, Mato Grosso a Bahia, eu conheço tudo! Eu conheço a maneira de trabalhar, a forma de trabalho e cada realidade, é uma realidade diferente, cada maneira de fazer a organização dos trabalhadores, exige especificidade, quer dizer, tem uma complexidade que não pode [ser transformada] em uma coisa só. Quando você constrói uma CUT, você mete tudo dentro de um saco, percebeu o que acontece? Tudo dentro de um saco e como o problema não é mais de organizar e mobilizar a classe, mas é de controlar a máquina, né? Quer dizer, então, o que acontece, a CUT não quer saber o que se passa no Amazonas, ele quer que os caras lá, deem o respaldo a eles e aí vai todas as práticas possíveis. Todas as práticas possíveis e negativas. Então hoje o movimento sindical como um todo, não é só a CUT, são todas as centrais [sindicais].

O Brasil hoje, se você pegar a fisionomia do Brasil, é um Brasil do agronegócio e Lula que diga que não, que ele cai, certo? Eles mandam, os bancos e o agronegócio que mandam no Brasil. Então é uma realidade, aí você vai para o agronegócio – eu conheço o agronegócio – uma máquina daquelas, custa 5 milhões de reais, que o cara pra mexer naquilo, precisa ter pelo menos o curso técnico superior, é uma máquina muito complexa, ela trabalha com satélite, GPS, trabalha com computação, é um processo... eu digo pra você, eu como engenheiro, não tive condições de operar uma máquina daquelas! É muito complexa e todas são assim

E São Paulo, está caminhando pra isso também, ou seja, o processo de desigualdade, é próprio do capitalismo e dessa fase principalmente, vai avançar, ou seja, depois, serenando um pouco, nós vamos ter aqui o Brasil, um país agrário, um país exportador de matéria prima e recursos minerais, todo projeto está caminhando nesse sentido.

As infraestruturas que estão sendo construídas, as licenças que estão se dando, os benefícios que se dão para o investimento, é todo nessa área, quer dizer, energia eólica, energia solar, mineração e agronegócio. Eu estava vendo uma live outro dia e o cara estava mostrando uma estatística do agronegócio: em 20 anos ele saiu de 40 milhões de toneladas de grãos, para 350 milhões de toneladas de grãos, em 20 anos, percebeu? E a indústria caindo. Então, a realidade que nós vamos enfrentar, é muito mais dura, não? Eu tenho um medo tremendo, o fracasso do governo Lula com a subida da extrema direita, aí vai ser uma desgraceira. Quer dizer, os caras aí não têm compromisso com nada. Lula ainda tenta amenizar um pouquinho as coisas, mas os caras não vão ter pena de ninguém não, entendeu? Vocês viram os

que eles fizeram lá na Amazônia, viram o que eles fizeram na... os caras matam mesmo, não tem conversa, né? Eu digo o seguinte: nós enfrentamos três grandes crises atuais, que vão pesar na balança. A primeira crise é o conflito entre as forças produtivas e as relações de produção, o capitalismo não tem como absorver o desenvolvimento da tecnologia, então isso gera irracionalidade, gera uma série de ações meio doidas por aí e não tem como a gente fazer... Não dá para ele segurar, porque tem concorrente, ele tem que concorrer. A segunda crise, é a crise econômica, é uma crise que não tem saída, o capitalismo vai patinar aí por uns 20, 30 anos, não vai ter crescimento. E a terceira grande crise, é a crise climática. O capitalismo explorou o planeta de um jeito, que chegou no limite, não tem pra onde... o que vai acontecer. Então essas três crises conjugadas, imagina que inferno a gente vive... A saída para o capitalismo, historicamente a gente sabe qual é, é a guerra, não tem pra onde a gente correr. Aí [só] se conseguir achar um planeta pra gente mudar...

DOM ANGÉLICO SÂNDALO BERNARDINO

Entrevista realizada em 25/07/2023

DURAÇÃO: 20 minutos

Bispo Emérito de Blumenau. Foi Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo.
Foi designado por D. Paulo Evaristo Arns para ser responsável pela Região
Episcopal (atual Diocese) de S. Miguel Paulista e pela Pastoral Operária.



Eu nasci no interior, na roça. O meu pai era um trabalhador de roça sem nunca ser proprietário da terra. Então, quando jovem, eu fui ser jornalista em Ribeirão Preto, trabalhei muito na imprensa em Ribeirão Preto e, a partir de 1975, eu vim para São Paulo, porque o Papa me nomeou Bispo Auxiliar de São Paulo. E, chegando em São Paulo, eu entrei na equipe dos bispos liderada, coordenada, por Dom Paulo Evaristo Arns e, logo que eu cheguei Dom Paulo falou: “você fica, então, responsável lá pela região de São Miguel e, ao mesmo tempo, assuma a Pastoral Operária.” – E foi nesse ambiente que eu realmente trabalhei, em contacto com os operários, com greves, com manifestações reivindicatórias de moradia, de saúde, de creche – olhe! – de trabalho, de salário justo para os trabalhadores. Então, foi esse o ambiente que me ocupou. E eu, desde jovem, também pertenci ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, então eu me identifiquei muito com essa caminhada dos operários, da Pastoral Operária e quando, há 40 anos atrás, apareceu a CUT foi uma alegria enorme! Porque toda a Arquidiocese de São Paulo estava inteiramente envolvida nas pastorais sociais. Olha, é bom que fique bem claro que a Igreja nunca optou por partido político! Mas ela realmente sempre procurou ser discípula missionária de Jesus e Jesus ensinou que “Deus é nosso Pai” e que, portando, na imensa diversidade, todos somos irmãos e deu-nos o mandamento: “Amai-vos uns aos outros” e “que o Pão-Nosso seja realmente de todos”. Foi iluminado por esse ensinamento, que nós aqui na Arquidiocese de São Paulo, organizamos as pastorais sociais: Pastoral da Moradia, Pastoral de Fé e Política, Pastoral Operária, do Mundo do Trabalho, Pastoral da Saúde. – Comunidades eclesiais de base! – E nós formamos! Formamos lideranças para atuação nos sindicatos. Foi aí, então, a nossa imensa colaboração para

os diversos sindicatos, a luta dos trabalhadores. – Quantas vezes a gente se reuniu na praça, Praça da Sé, para reivindicar aquelas coisas básicas para todo trabalhador e que era sonegado? – E “trabalhadores”, eu cito dois casos: trabalhadores da Pastoral Operária entraram vivamente nos sindicatos e a CUT, então, fez um trabalho de animação de toda a vida sindical. – Uma bênção de Deus para São Paulo e para o Brasil. – O Waldemar Rossi foi um militante da Pastoral Operária e entrou – pra valer! – na vida sindical apoiando toda a organização dos trabalhadores; e, o Santos Dias, na frente de uma greve de uma fábrica, ele foi alvejado pela polícia. Então eu estava em uma reunião da Pastoral Operária, lá na Cúria de São Paulo, e o Dom Paulo veio a mim e falou: “olhe, eu fiquei sabendo que o corpo do Santo está lá no Instituto Médico Legal, vamos até lá? – Falei: é para já! – E fomos. Dom Paulo foi abrindo caminho e nós entramos naquele salão onde estavam diversos corpos, entre os quais, o do Santo. – E, assim como Jesus foi alvejado pela lança do soldado, o Santo Dias, pela bala assassina da repressão. E depois nós levamos o corpo dele para a Igreja da Consolação e, numa manifestação extraordinária, o levamos até a catedral para uma missa. De tal forma, nós estivemos, como Igreja, realmente empenhados na formação de lideranças que entraram nos diversos sindicatos e o apoio ao nascimento da CUT foi integral – e continua sendo! – Um apoio para que, realmente, a Central Única dos Trabalhadores continue a realizar o seu belo trabalho.

A Igreja fez, então, o seu propósito e, nas assembleias, se decidiu uma Igreja em saída para as periferias. E aí, então, organizamos em consonância com a Igreja na América Latina, de maneira especial, em comunidades lideradas por leigos e leigas nas favelas, na periferia, e eles se reuniam com o evangelho na mão e com os pés na realidade e formaram, então, lideranças nessas pequenas comunidades em um compromisso de libertação, também auxiliados pela Teologia da Libertação de tal forma que essas comunidades formaram militantes que entraram nos diversos sindicatos. E as comunidades se organizavam... por exemplo: Movimento Contra a Carestia. – E nós, de São Miguel, lá na praça de São Miguel Paulista, nós íamos - 2 mil, 3 mil pessoas! - em passeata até o centro da cidade reivindicando moradia, salário justo, trabalho, saúde – todos aqueles bens que Deus destinou para todos e que são apossados por poucos - na luta! - E, quantas vezes as nossas passeatas encontravam os soldados da ditadura? Olhe! E entrávamos realmente na luta! – Na luta! – Então, lá em São Miguel, por exemplo, nós tínhamos um jornal, “Grita Povo”, e

esse jornal ia nas comunidades eclesiais de base relatando as reuniões, as lutas e incentivando a participação nas organizações dos trabalhadores, dos sindicatos de maneira particularmente especial.

Nós éramos, nas comunidades eclesiais de base, em nossas pastorais, nós éramos educados para esse método (“Ver, Julgar e Agir”) – que, aliás, é um método abraçado com entusiasmo pela Pastoral Operária, pela Pastoral do Mundo do Trabalho, que era: ver a realidade. – Ver a realidade. Então a gente procurava realmente ver a realidade, estudar. E a grande pergunta sempre foi a seguinte: mas é isso que Deus tá querendo, que haja tanta miséria ao lado de riquezas que se acumulam nas mãos de poucos? – Então, “julgar”. – Ver e julgar. O “julgamento” era justamente sobre a palavra de Deus. Que Deus, Jesus ensinou: “vocês todos são irmãos. Na imensa diversidade de raças, religiões, condições sociais – são irmãos e, portanto, devem ser amar.” – E que, “o pão de cada dia”, isso é, os bens que esse Pai destinou para todos, deve, realmente, estar nas mãos de todos. – Então, ver a realidade, julgar a realidade, iluminados pela Palavra de Deus, pelo ensinamento de Jesus – que teve compaixão da multidão que tinha fome e estava sem comida e disse para os Apóstolos: “deem, vocês mesmos, de comer.” – “Ver, julgar a realidade e agir.” Se organizar cada vez mais unidos à comunidade. E a gente, nas passeatas, nas reivindicações, sempre íamos dizendo (e até cantando!): “O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO! O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO!” – E, olhe, falar isso agora, é fácil! Mas, naquele tempo da ditadura militar, tendo a cavalaria ao lado, tendo “isso” e mais “aquilo”, não era tão simples, não! E nós fomos, realmente, com esse método libertador nas mãos, dando a nossa colaboração para o robustecimento dos sindicatos, das organizações dos trabalhadores porque a nossa militância, formada nas pastorais sociais, nas comunidades eclesiais de base entraram também nos diversos sindicatos para uma luta organizada. – Foi por aí.

A questão da Constituinte: o que eu me lembro realmente, a Igreja, oficialmente aprovou. A Igreja, realmente estava vivamente interessada nisso. Alguns militantes da igreja, formados no espírito do evangelho também faziam parte da votação da nova constituição, de tal forma que a nossa participação naqueles bem aventurados anos de redemocratização, foram anos realmente muito importantes. Eu era diretor e trabalhava no jornal da arquidiocese, “O São Paulo”. O jornal O São Paulo, foi criticado, foi censurado. Teve até uma edição que foi falsificada em que, o título principal era: “Mea-culpa”, em que o Dom Paulo Evaristo fazia uma “confissão de arrependimento” pelo trabalho dele, dos bispos, das pastorais

sociais endereçado à libertação do nosso povo, à democratização e à nova constituição também. – Foi: “unidos, nós caminhamos”.

Eu posso dizer que, durante a ditadura militar, eu estive aqui em São Paulo durante 25 anos à frente da Pastoral do Mundo do Trabalho – sempre trabalhando em equipe! – A primeira equipe dos bispos liderada por Dom Paulo Evaristo e sempre também sendo bispo da periferia, na zona leste e, depois, aqui na Brasilândia, de tal forma que, eu posso dizer o seguinte: a nossa contribuição, foi uma contribuição realmente muito grande. – Muito grande! – Quantas vezes a gente fazia caminhadas, que eram significativas. Na praça lá de São Miguel a gente reunia 10 mil – era uma multidão de pessoas! – E vínhamos - já disse e repito! - a gente vinha, muitas vezes, em mil pessoas, duas mil, três mil (e até mais!) para reivindicar com as outras regiões e pastorais sociais na Praça da Sé, e aí, a gente sempre reivindicando. – Reivindicando o que? – À aquilo que o povo tinha direito: saúde, creche, escola, remuneração justa. Em uma palavra: aqueles bens que Deus destinou para todos. – Quantas vezes nos taxaram de subversivos, de comunistas? Inúmeras vezes me chamaram para prestar depoimento – ai, meu Deus do céu! – a respeito de artigos que publicava no jornal, de tal forma que – bendito seja Deus! – tendo à frente Dom Paulo Evaristo, a Igreja em São Paulo desempenhou um trabalho importante na redemocratização desse país. – Repito: nunca optando politicamente por um partido, mas fazendo sempre aquela política de promoção do bem comum ditada pela doutrina social da igreja. Atualmente o Papa Francisco tem gritado: “Vamos, unidos, organizados trabalhar por uma economia solidaria.” – É o que nós queríamos, então. Não optávamos nem por comunismo, nem pela exploração, sobretudo dos pobres e trabalhadores, mas para uma sociedade em que, os bens destinados por Deus, que é Pai, a todos, realmente fossem usufruídos por toda a família humana.

Eu acho que estamos caminhando no meio de muita, muita luta... de muita carência. Temos muito ainda, um longo caminho a percorrer. – Mas, olhe, Dom Paulo sempre dizia assim: “quantas vezes, com a Igreja perseguida, as pastorais sociais perseguidas...” - Ele sempre dizia: “Coragem! Vamos avante de esperança em esperança, em esperança sempre!” – É o que nos animou e nos anima também no presente. Nós estamos em uma nova época de comunicações, de tal forma que, o grande apelo é para que os trabalhadores continuem unidos, se deem as mãos, porque a força do trabalhador está na sua união nos sindicatos, nas organizações e a Igreja precisa, a cada dia, ir renovando-se –

a Igreja também precisa se renovar e abraçar para valer as pastorais sociais. Porque temos caminhado, caminhado muito, mas, olhe, no meio de contradições, de retrocessos, nós vamos avançando. E, digo e repito: nesses 40 anos de existência, a Central Única dos Trabalhadores, desempenhou um trabalho muito benemérito! – Parabéns! Vamos continuar unidos porque realmente a condição para termos uma economia verdadeiramente solidária, no Brasil e no mundo, reside na união de todos nós.



SEBASTIÃO LOPES DE OLIVEIRA NETO

Entrevista realizada em 28/07/2023

DURAÇÃO: 5 minutos

Participou da chapa da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo de 1981 e de 1984. Membro da corrente CUT pela Base. Participou da direção nacional da CUT e foi secretário geral da CUT Regional Grande São Paulo. Fez parte da executiva da CUT Nacional de 1988 a 2000. Foi integrante da coordenação da ANAMPOS Nacional. Atualmente coordena o Instituto Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas (IIEP).



A Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo

A oposição metalúrgica de São Paulo, foi um movimento muito importante durante quase 30 anos, nunca ganhou o sindicato mas, se tornou uma marca de referência de forma de organização nos locais de trabalho, interfábricas e intercategorias! A oposição era uma frente de trabalhadores. - Ela nunca foi uma frente de tendências. Para organizar 3 mil empresas – claro que muitas, milhares, pequenas, mas muitas grandes – 400 mil trabalhadores no território que de ponta a ponta, dá mais de 70 quilômetros, era necessária uma frente de trabalhadores onde as decisões eram tomadas nas regiões e levadas para uma coordenação eleita – e sempre foi assim. - A oposição teve muita importância principalmente a partir da Greve das Comissões de Fábrica de 1978 - que ninguém esperava que nós conseguiríamos fazer uma greve na categoria contra a diretoria do sindicato - e em 79, a primeira greve geral depois de 1968. Depois de 64, teve a greve de Osasco e Contagem e depois a nossa greve, em 79, Greve Geral, na cidade de São Paulo. - A CUT é constituída, basicamente, por 3 grandes vertentes: a vertente das chamadas “oposições sindicais” – que nós influenciávamos muito, tínhamos muitas relações pelo Brasil inteiro, inclusive rurais; pelos chamados “sindicalistas autênticos”, que eram poucos referenciais na época - o João Paulo Pires Vasconcelos, de Minas, o Vagner Benevides, o Lula, o Jacó Bittar em São Paulo, Olivio Dutra no Rio Grande do Sul - não era muito mais que isso, que esses. – E é claro, tinham outros menores, “menos notados”, vamos dizer assim; e o sindicalismo rural, ele era basicamente um sindicalismo do trabalho da Igreja. Bom, seja na oposição metalúrgica nos anos anteriores, seja no processo de construção da CUT, há uma participação renovada de uma esquerda que foi quebrada em 64 com a política do Partido Comunista

e se multiplicou em muitas ações, muitas organizações, ações armadas e tal. Todo esse pessoal que vai saindo da cadeia - não é isso? – que vai retomar a vida política, tendem a ir para os movimentos e muitos vieram, seja para o movimento sindical, seja para a própria população metalúrgica dos bairros, principalmente. Foi um “fermento” muito importante. - A oposição propõe organizar o Encontro Nacional das Oposições Sindicais (ENOS), vieram pessoas muito significativas na época, como o pessoal de Santarém, de Conceição do Araguaia - que o companheiro gringo é assassinado na volta; o pessoal lá de Goiás da oposição rural; o Gushiken, - daquela renovada direção dos bancários -, e em seguida, nós ampliando um pouco, mas não só para a nossa organização, o Encontro Nacional dos Trabalhadores de Oposição à Estrutura Sindical (ENTOES). - Esses encontros, tiveram uma linha muito clara de oposição à estrutura sindical. Então, a CUT é fundada sob o signo, sob a marca, sob a possibilidade de destruição da estrutura sindical. É fora do Art. 5º da CLT qualquer ingerência do Estado na organização sindical. - Essa é a marca que é interessante porque a CUT, na verdade, ela é mais que a soma do todo. É incrível a qualidade do estatuto da CUT, os seus princípios, inclusive da questão por uma nova sociedade – que é um eufemismo para socialista - e ser um momento fundante da CUT da qual, particularmente essas três grandes vertentes, os “sindicalistas autênticos” (como chamados na época), as oposições sindicais e o sindicalismo rural, muito enraizado na base, foram fundamentais.

ANTÔNIO CARLOS PORTELA DE CASTRO

Oposição Sindical dos bancários

Entrevista realizada em 02/08/2023

DURAÇÃO: 5 minutos

Foi integrante da oposição sindical bancária (1975-1979) de São Paulo. Atuou no sindicato (Banco do Brasil). Em 1984 se mudou para Atibaia onde fundou o Sindicato dos Bancários e foi o seu primeiro presidente. Posteriormente, saiu do Banco do Brasil e se tornou jornalista.



Reunião da Oposição Sindical no exílio

Em 1979 o grupo de Apoio Sindical no Exterior convocou o Encontro Internacional da Oposição Sindical, que se realizou em 30 e 31 de março e 1º de Abril daquele ano em Bruxelas, na Bélgica. Eu fui indicado pelo companheiro Zé Pedro, da oposição sindical metalúrgica de Osasco para participar do Encontro. O Grupo de Apoio era formado por sindicalistas brasileiros exilados na Europa. Eles tinham um trabalho importante de solidariedade ao movimento brasileiro que, desde as greves de maio de 78, avança em todo país e repercutia em todo mundo, especialmente na Europa, onde eles atuavam. Esses sindicalistas exilados tiveram atuação importante contra a ditadura. O Zé Ibrahim liderou a greve em Osasco em 1968, que iniciou o movimento das comissões de fábrica. O Rolando Frati era um líder importante da resistência popular contra a ditadura. Tanto ele quanto o Zé Ibrahim foram para o exílio saídos da cadeia em troca do embaixador americano que havia sido sequestrado. Outros destacados sindicalistas que participaram do grupo, era o Ferreirinha [José Domingos Cardoso] – que era um líder sindical metalúrgico do Rio de Janeiro; o Mario Barbosa, ex-dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC; Manuel da Conceição – que era líder camponês do Maranhão. O Manuel, preso, teve a perna amputada pelas torturas que sofreu. O Luizão, que também era de Osasco e outros. Outros brasileiros exilados também participavam, como o Orlando (?) na Espanha. Nós éramos quatro, os brasileiros que viajamos para Bruxelas. Na época, eu era funcionário do Banco do Brasil e atuava na oposição sindical bancária desde 1975. Os bancários tinham retomado o seu sindicato no final do ano de 1978 e eu, que não fazia parte da diretoria eleita, antecipei as férias para participar do Encontro. Os outros

3 companheiros eram metalúrgicos que desempenharam um importante papel nas greves de 1978: o Zé Pedro, de Osasco; o Hélio Bombardi do MOMSP, da oposição sindical metalúrgica de São Paulo e o Ademir, o mineiro do sindicalismo siderúrgico de Belo Horizonte. O Encontro teve grande repercussão entre as centrais sindicais europeias, que mandaram seus representantes para participar. Muitos líderes políticos brasileiros exilados participaram também. O ex-Governador Miguel Arraes, o Diógenes Arruda, o Arrudão do Pcdob, eles saíram de Paris, onde eles moravam, para participar – e assim também muitos outros brasileiros exilados e interessados. Depois do Encontro nós fomos às diversas capitais europeias para nos encontrar com as centrais sindicais de esquerda, com um grupo de exilados brasileiros, latino-americanos, e com a imprensa de esquerda desses países. Nós fomos para França, para Espanha, para Itália, para Holanda, para Suécia e para Iugoslávia. Na França nós fizemos uma palestra pública com muitos brasileiros presentes. Na véspera, nós tínhamos no reunido com os dirigentes das organizações sindicais, organizações políticas brasileiras – exilados. O comitê central do Partidão, que ficava em Moscou veio, posteriormente, com alguns dirigentes, para discutir com Hélio Bombardi as eleições do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo que viria a se realizar. Então, o encontro teve uma grande repercussão política, tanto entre os exilados quanto entre as centrais sindicais europeias. E isso, de uma certa forma, dificultou que a repressão criasse problemas no nosso retorno para o Brasil. Eu acho que a grande lição que, todos nós que participamos no Brasil, todos nós tivemos – e para mim, pelo menos, foi perceber a importância que o Brasil já tinha no plano internacional. O grande interesse que a viagem nossa despertava, nos mostrou a grandeza do Brasil e a importância que tinha a luta operária brasileira. Essa foi uma lição que, para mim, pelo menos, tem perdurado a minha vida inteira.

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

ACO – Ação Católica Operária

ADITEP – Associação Difusora de Treinamentos e Projetos Pedagógicos

ADS – Agência de Desenvolvimento Solidário

ANAMPOS – Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais

ANFAVEA – Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores

AP – Ação Popular

APEOESP – Sindicato dos Professores de Ensino Oficial do Estado de São Paulo

ARTSIND – Articulação Sindical

ASSESOAR – Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural

BANERJ – Banco do Estado do Rio de Janeiro

BCN – Banco de Crédito Nacional

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CACO – Centro Acadêmico Candido de Oliveira

CAT – Central Autônoma dos Trabalhadores

CAW – Canadian Automotive Workers

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base

CEDAC – Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

CEMIG – Companhia Energética do Rio de Janeiro
CGIL – Confederazione Generale Italiana del Lavoro
CGT – Central Geral dos Trabalhadores
CGT – Comando Geral dos Trabalhadores
CGTB – Central Geral dos Trabalhadores do Brasil
CGTP – Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses
CFDT – Confederation Francaise Democratique De Travail
CIOSL – Confederação Internacional das Organizações dos Sindicatos Livres
CIPA – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes
CISL – Confederazione *Italiana* Sindacati Lavoratori
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
CNI – Confederação Nacional da Indústria
CNM – Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT
CMT – Confederação Mundial do Trabalho
CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
COBRASMA – Companhia Brasileira de Material Ferroviário
CONCLAP – Conferência Nacional das Classes Produtoras
CONCLAT – Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras
CONTRAF – Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro da CUT
CPG – Centro de Professores de Goiás
CPT – Comissão Pastoral da Terra
CSP CONLUTAS – Central Sindical e Popular Conlutas
CTA – Central de Trabajadores y Trabajadoras de la Argentina
CTB – Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil
CTG – Centro de Tradições Gaúchas

CUT – Central Única dos Trabalhadores
DGB –Deutscher Gewerkschaftsbund
DIAP – Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
DOPS – Departamento de Ordem Política e Social
DRT – Delegacia Regional do Trabalho
EDN – Estireno do Nordeste
ENCLAT – Encontro Estadual da Classe Trabalhadora
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
ENOS – Encontro Nacional das Oposições Sindicais
ENTOES – Encontro Nacional dos Trabalhadores em *Oposição* à Estrutura Sindical
FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador
FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos
FENABAN – Federação Nacional dos Bancos
FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas
FETAEMG – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais
FETAG – Federação dos Trabalhadores da Agricultura
FETEC – Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito de São Paulo
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FUNRURAL – Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural
FITIM – Federação Internacional dos Trabalhadores Metalúrgicos
FRACAB – Federação Rio-grandense de Associações de Amigos de Bairro
FSM – Federação Sindical Mundial
GM – General Motors

IBASE – *Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas*
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
JAC – Juventude Agrária Católica
JOC – Juventude Operária Católica
LIBELU – Liberdade e Luta
MOCOCA – Movimento Contra Carestia
MOMSP – Movimento de Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo
MR-8 – Movimento Revolucionário 8 de Outubro
MUMG – Movimento Unitário da Mulher Gaúcha
MFA – Movimento Feminino pela Anistia
MDA – Movimento de Defesa da Amazônia
MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra
OBAN – Operação Bandeirantes
OIT – Organização Internacional do Trabalho
OMB – Organização Marxista Brasileira
OLT – Organização no Local de Trabalho
ONU – Organização das Nações Unidas
ORIT – Organização Regional Interamericana de Trabalhadores
OSI – Organização Socialista Internacionalista
PASEP – Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PCC – Primeiro Comando da Capital
PDT – Partido Democrático Trabalhista
PIS – Programa de Integração Social
PCdoB – Partido Comunista do Brasil
PCR – Partido Comunista Revolucionário

PFL – Partido da Frente Liberal
POR – Partido Operário Revolucionário
PPS – Partido Popular Socialista
PRC – Partido Revolucionário Comunista
PT – Partido dos Trabalhadores
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
RECID – Rede de Educação Cidadã
SDS – Social-Democracia Sindical
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESI – Serviço Social da Indústria
TAOE – Tendência Aliança Operário-Estudantil
TESICLA – Tendência Sindical Classista
TRAUD – Teatro de Resistência dos Alunos de Direito (UFRJ)
UDR – União Democrática Ruralista
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UGT – Unión General de Trabajadoras y Trabajadores
UIL – Unione Italiana del Lavore

